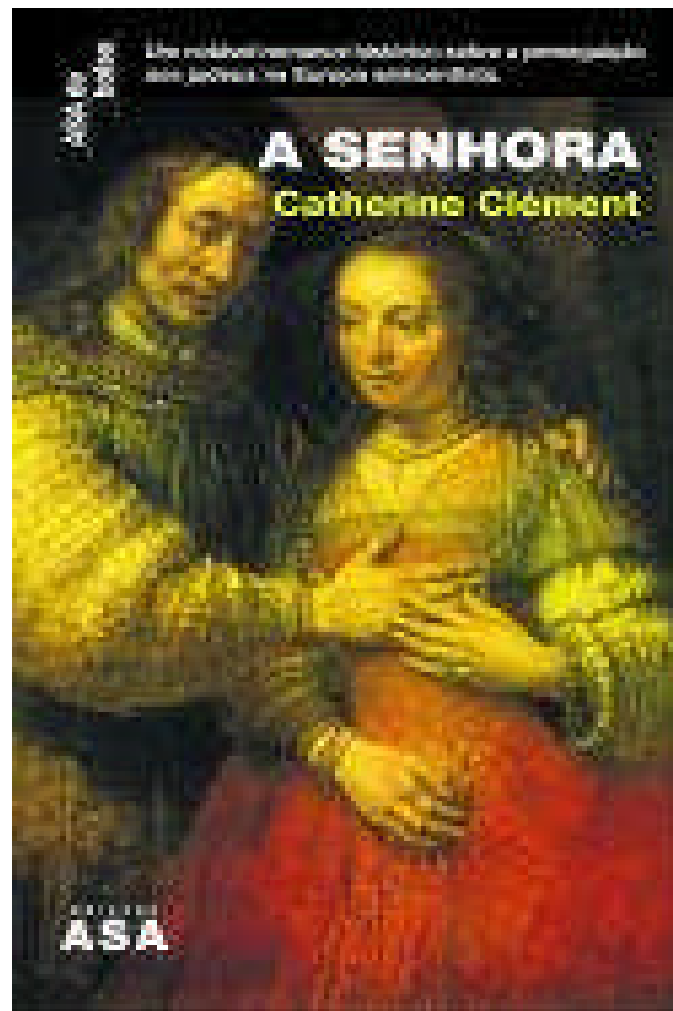






Catherine Clément
A SENHORA
Gracia Nasi e a Saga dos Judeus no século XVI

Tradução de: Maria do Rosário Mendes
Editora: 34 Ltda.

JÁ É NOITE	5
I. A MENINA DA MAÇÃ VERMELHA	7
Infância de Beatriz de Luna e João Miguez, seu sobrinho; o regresso dos Conquistadores ao porto de Lisboa; o dia da carraca; casamento de Beatriz e Francisco Mendes; os progressos da Inquisição em Portugal; primeiras perseguições aos judeus conversos; morte de Francisco; a família Mendes foge para Londres.	
II. Maria da Hungria, regente de Gand	32
A escala dos Mendes em Londres; a chegada a Antuérpia; o casamento de Diogo Mendes; a tutela da regente; a morte e a herança de Diogo; a donzela Mendes ameaçada de matrimônio; a fuga para Veneza.	
III. As prisões da Sereníssima	59
A travessia da Europa; Juan Miguez e Reyna Mendes instalam-se em Veneza; Faustina; a chegada das senhoras Mendes; as intrigas de Brianda; Juan Miguez parte para Istambul.	
IV. A Bíblia de Ferrara	82
A instalação em Ferrara; o duque Hércules e a duquesa Renata; Pomona, Fioretta e Benvenida educam Dona Gracia Nasi, viúva Mendes; os impressores hebraicos e a Bíblia da Senhora; a peste em Ferrara e suas conseqüências; preparativos da partida para Istambul.	
V. A saída do Egito	106
A travessia dos Alpes; parada em Ragusa; Salônica aclama a Senhora; entrada triunfal na capital do Império Otomano; o casamento de Reyna.	
VI. O EMBARGO DA SENHORA	129
A Senhora na Palestina; os bons conselhos de Roustem Paxá; o príncipe Selim; história de Roxelane; o bloqueio de Ancona e as discórdias nas comunidades judaicas; a traição de Soncino; o assassinio de Bajazet.	
VII. AS AMOREIRAS DA PALESTINA	154
Josef, príncipe europeu do Império; a proibição do vinho; "Reconstruiremos Tiberíades, Josef"; o jovem rabi Louría; o grão-vizir Sokolli; o cerco de Szeged e a morte do Magnífico; Selim sultão.	
VIII. EYUP, OU A LITURGIA DO ADEUS	178
O regresso de Selim II e do seu favorito à capital do Império; a cobrança das dívidas francesas; nas ilhas, a coroação de Josef Nasi, duque de Naxos e das Cidades; o incêndio de Istambul; a última festa da Senhora.	
IX. "Morreu a flor esplêndida do exílio de Israel"	202
A mensagem do rabi Jeremias; a morte da Senhora; Josef Nasi reencontra Faustina; Selim II toma Chipre; a Santa Liga constitui-se; a batalha de Lepanto.	
X. O último Shabbath	223
A vingança de Occhiali; um jovem e brilhante judeu da Polônia; a traição de Josef Nasi; uma representação de Ester no palácio do Belvedere; morte de Selim, o Bêbado; o último encontro com Mehemet Sokolli; as palavras da duquesa muda.	
"Por linhas tortas"	242
Cronologia	244
Elementos bibliográficos	248
Agradecimentos	249
Glossário	250

Agradecimentos

À memória de Alain Oulman que, em um dia de 1981, pediu-me para escrever a história verídica dessa mulher nascida em seu país - Portugal.

E para Rebecca, minha mãe.

Lus Ojus

Kontami La kunseja
ki si kamina in tus ojus
kuando lus avris
Ia manyana
kuando il sol
entra su aguda di luz
in tus suenyus"

Clarisse Nícoisdki

Excerto de Lus Ojus, Ias Manus, Ia Boca, poemas escritos em judeo-espanhol. A tradução desse fragmento foi feita a partir da versão francesa de autoria de Haim Vidal Septhai Os Olhos: "Conta-me o conto/ que caminha em teus olhos/ quando os abres/ pela manhã/ quando o sol/ enfia a sua agulha de luz/ nos teus sonhos".

Já é Noite

1579 - Domingo, ao pôr-do-sol

- Já é noite, murmurou o ancião na varanda de mármore. — O sol vai mergulhar por detrás da Suleimania; a hora em que os janízaros sobem até às tabernas para fumarem e embebedarem-se ruidosamente. Como todos os dias o meu jasmineiro roubar-me-á uma vez mais a última luz, a mais fulva. Avisto apenas, na ponta do Topkapi, os telhados brancos do harém e, sob as árvores obscurecidas, os clarões das primeiras tochas. Mal se distinguem, ao longe, no Bósforo, as lanternas daquela embarcação tardia que se faz ao mar.

Eterno navio, semelhante a todos os que nos trouxeram, a Senhora e a mim, de uma madrugada de Lisboa, há mais de quarenta anos, até este horizonte onde ela desapareceu.

Nunca acreditei que ela pudesse fugir sozinha numa nau, sem mim. Eu, duque de Naxos, príncipe judeu do Império Otomano, eu, seu sobrinho, seu principal apoio... ela abandonou-me. Durante toda a nossa vida combatemos os imperadores e os reis do Ocidente; atravessamos juntos a Europa inteira e nada nem ninguém pôde separar-nos, nem os príncipes, nem os papas, nem os rabis! Mas a Senhora era como o Mediterrâneo, incerta, violenta, agitada por imprevisíveis aragens. E quando o vento de agosto se levantava no seu coração nada podia parar a tempestade. Desde o dia em que ela me deixou, espreito todas as noites aquela vela como se fosse ainda a mesma... E contudo sei que ela morreu, o Esplendor do exílio e a Flor luminosa dos marranos, a Estrela da manhã, aquela que, qual Ester ou Judite, foi um homem pela coragem e a mãe de todos os judeus que quiseram seguir a via do Senhor... Foi isso que nos cantaram os piedosos rabinos de Istambul, quando nos chegou a notícia da sua morte.

Que tenho eu a ver com este palácio do Belvedere por onde arrasto a minha memória, a minha esposa muda e a dor que me atormenta os rins? Vai ser preciso render-me à evidência e deixar aqui este magro despojo que já nem consigo aquecer. Será em breve; as imagens precipitam-se como pássaros desorientados.

Não voltar a ver essas naus. Dir-se-ia que traçaram sulcos nas palmas das minhas mãos. Na linha do coração, profundamente, um pequeno caíque balançando sobre as águas do Corno de Ouro... Ah! Não quero ver! Quero cerrar os punhos e mantê-los assim, como sempre estiveram. Devo ter passado metade da minha vida no mar, de punhos cerrados.

Todos hão de se regozijar quando eu morrer. Agora que já não sou nada, ouço-os daqui, esses embaixadores do Ocidente junto da Sublime Porta, ouço-os a escarnecer, é fácil agora. O judeu Josef Nasi sou eu. O sobrinho da Senhora, o conselheiro secreto das horas más da Europa, o verdugo e ladrão dos reis, esse Judas sou eu, este velho fraco e com frio. Sim, ela e eu combatemo-los. Todos. Mas nunca ergui a espada contra nenhum homem. É claro que se tivesse sido preciso tê-lo-ia feito sem hesitar; uma ordem de Beatriz teria bastado, uma só palavra, um só gesto e eu teria obedecido logo. Sempre me submeti aos seus desejos. Ninguém podia resistir-lhe; nunca ninguém o conseguiu, à exceção de um rabino obstinado que lhe fez frente tremendo dos pés à cabeça. Ela inspirava a todos, e mesmo a ele, respeito e veneração. A não ser assim, como teria ela merecido o nome que lhe dão ainda hoje os judeus do Mediterrâneo, Senhora?

A Rainha. A minha, e ninguém sabe. Vou morrer e ninguém sabe nada de nós dois! Ela permanecerá para a eternidade a Senhora de um povo inteiro no exílio, e ninguém saberá que ela foi, acima de tudo, o meu céu e os meus infernos!

Dona Mendes, também chamada Gracia Nasi ou, ainda, a Senhora. Quando a conheci chamava-se Beatriz.

Capítulo I

1510-1536 A menina da maçã vermelha

(Infância de Beatriz de Luna e João Miguez, seu sobrinho; o regresso dos Conquistadores ao porto de Lisboa; o dia da carraca; casamento de Beatriz e Francisco Mendes; os progressos da Inquisição em Portugal; primeiras perseguições aos judeus conversos; morte de Francisco; a família Mendes foge para Londres.)

Nós, os marranos vindos da Península Ibérica, nunca tivemos o direito de usar os nossos nomes judeus. Tínhamos de escolher entre partir ou mudar de identidade. Quantos nomes usamos nós, quantas vezes os mudamos... Perpétuos mascarados, eis o que somos. Em Portugal, era João Miguez, na Inglaterra, em Veneza, em Ferrara, John Miguez, Juan Miguez ou, ainda, Juan Micas, como queiram; aqui, Yusuf Nasi... E ela, como lhe chamarão os vindouros? Gracia, Hannah ou Beatriz?

A Senhora nasceu em Portugal, em 1510, sob o nome cristianíssimo de Beatriz de Luna. Eu vim ao mundo cinco anos mais tarde; era filho de seu irmão mais velho, que tinha, por seu lado, tomado o nome de Miguez. O nosso verdadeiro nome era Nasi, que quer dizer príncipe. Pobres de nós! Nessa época já não éramos príncipes, mas proscritos disfarçados.

Quando os reis espanhóis decidiram expulsar o nosso povo, a Senhora não era nascida. Mas a história dessa calamidade marcou, desde o nascimento, os filhos dos primeiros exilados.

Ah! A Queda do Templo pode ser a nossa chaga sempre aberta, mas não creio que o primeiro Êxodo tenha sido pior que o de 1492. Os que deixaram o solo da Palestina, nossa pátria perdida, puderam acreditar, durante toda a vida, que voltariam a ver Jerusalém e que reconstruiriam o templo destruído; mas, em 1492, quando a religião judaica foi proibida, quando os nossos antepassados tiveram de abandonar a Espanha e depois Portugal, o exílio era absoluto, e o povo judeu estava condenado a fugir.

Durante quinze longos séculos os nossos antepassados tinham vivido em paz sob o domínio dos mouros; tinham aconselhado príncipes, e até reis cristãos eles tinham medicado; o meu próprio pai usava ainda o título de médico do rei. Foi um dos nossos, o pouco clarividente Abraão Sênior, Grande Rabino de Castela, quem favoreceu o sinistro casamento de Fernando e Isabel, os Reis Mui Católicos, a quem devemos toda a nossa desgraça. Fizeram da Inquisição um tribunal real que começou a perseguir-nos. Depois, dez anos mais tarde, quando caiu o pequeno e fraco rei Boabdil, último soberano de Granada, assinaram um édito de expulsão dos judeus da Espanha.

O dia 31 de março de 1492 foi um dia de luto para o povo judeu e assistiu ao começo de novo êxodo. Deram quatro meses aos nossos antepassados para deixar tudo; eles partiram em plena canícula, no mês de agosto, pelas estradas calcinadas, e levaram apenas as Toras. Diz-se que, para os encorajar naquela marcha esgotante, se cantava e que as crianças tocavam tambores; houve mortes, houve nascimentos; uns foram até o mar, ao sul, e alguns embarcaram; outros foram para Portugal. Foi o caso da nossa família, que se instalou na capital.

Se os judeus eram pobres, pagavam cada um oito cruzados à chegada e obtinham oito meses de tranquilidade; se eram ricos, à razão de cem cruzados por pessoa, podiam estabelecer-se em Portugal. Os Nasi tinham dinheiro; permaneceram, mudaram de nome e acreditaram estar salvos. Era não contar com o obstinado fervor de Isabel, a Católica, que deu

sua filha Isabel a Manuel de Portugal; quatro anos depois do édito espanhol, era a vez do rei Manuel obter do Papado o direito a expulsar os seus judeus como os soberanos da Espanha. Foi o que em breve aconteceu.

Interditados, os judeus de Portugal puderam apenas escolher entre a fuga e a conversão. Alguns decidiram partir; outros, com o coração cheio de raiva, aceitaram o batismo; outros ainda foram arrastados à força para as igrejas. Por fim, vinte mil dos nossos irmãos foram reunidos no cais do porto de Lisboa; por ordem do rei, não lhes foi dado de comer nem de beber para os obrigar a converterem-se. Os que resistissem teriam, se mantivessem a sua posição, o direito de partir.

Mas o soberano não devia ter as idéias claras; a história tomou outro rumo. Esse orgulhoso rei usava um título tão longo como os do Padixá que rema no Império Otomano. Fazia-se chamar "Senhor da Conquista, da Navegação e do Comércio da Etiópia, da Arábia, da Pérsia e da Índia". Era a época em que os portugueses iam conquistar tesouros longínquos; o desejo do ouro e das especiarias ardia nos reis, e as naus partiam à procura das Índias. Era lá que se encontrava a verdadeira maravilha, o verdadeiro objeto de sua cobiça. Manuel I imaginava-se conquistando o mundo. Não deixava de ter razão: os navegadores portugueses mostravam-se os melhores do seu tempo, como testemunhava o lendário cognome do antepassado real, Henrique, o Navegador. O Senhor das Conquistas hesitou: com os judeus partiria o dinheiro. Entretanto deixou que alguns excessos fossem cometidos no cais. Depois teve uma súbita inspiração.

Quando chegou o momento da partida dos exilados, o rei Manuel mandou batizar à força, com grandes baldes de água benta, os que iam embarcar. Eu nada disso vi, porque corria o ano de 1496, mas contaram-me a cena tantas vezes que a imagino perfeitamente. No cais ventoso de Lisboa, os nossos judeus cheios de fome, com os braços pejados de filhos, foram subitamente aspergidos de água suja e santa enquanto um padre de vestimenta dourada traçava sobre eles, mas de longe, o sinal da cruz...

Devidamente molhados, ficavam obrigatoriamente fazendo parte do povo dos convertidos, a quem os inquisidores, esses arrivistas da Igreja, tinham chamado "cristãos-novos". O rei Manuel, convencido pelos seus navegadores a não deixar escapar o dinheiro dos bancos judeus, de que eles tinham tanta precisão, proclamou cristãos todos os judeus de Portugal. E estes resignaram-se, ajuizadamente, a mudar os seus próprios nomes para nomes bem católicos.

Era apenas o começo das perseguições; os nossos antepassados não percebiam ainda a sorte que lhes estava reservada e continuavam a ter esperança na clemência dos Reis Católicos. Estavam enganados; o terrível ano de 1506 viu os nossos primeiros mártires.

Minha velha ama tivera tanto medo que era incapaz de contar o que vira; mas ao cair da noite, se a claridade de um simples incêndio iluminava a cidade, fechava as portas e escondia-se num canto escuro, apertando-me nos braços. Às vezes, sem querer, articulava palavras soltas. Mais tarde eu soube.

Portugal vira chegar primeiro as hordas miseráveis de judeus da Espanha com os filhos. Em seguida houvera uma seca horrível; depois declarara-se a peste. As pessoas morriam nas ruas, como aqui, quando estão empestadas, com a boca encarquilhada e o corpo negro; os portugueses começaram a murmurar contra aqueles imigrantes que lhes traziam desgraças. Mas a peste, a seca e o fogo, os mortos nas ruas, não era ainda o pior. Minha ama gritava de pavor quando em sonhos lhe vinha a lembrança do massacre de Lisboa, alguns meses depois da epidemia.

Num fim de tarde a igreja dos dominicanos foi iluminada por um clarão vermelho. A imagem da Virgem, a afável Madona de olhos erguidos para o céu, aureolada de chamas imateriais, exigia o sangue dos judeus: era o que proclamavam os frades. Toda a noite a Virgem flamejou. O dia mal começava a nascer quando três padres ascéticos, os rostos cobertos de cinzas, saíram da Igreja e se puseram a correr pelas ruas, em altos brados, brandindo o crucifixo. Ainda me lembro do que gritavam: "Piedade, piedade, acorrei em auxílio de Cristo e da religião cristã! Vinde conosco os que quiserem combater os judeus e dar-lhes a morte!".

De manhãzinha, o marido de minha ama havia sido degolado por um dos três dominicanos. Estava aberta a caça aos porcos.

São mesmo essas as palavras que a velha ama dizia em sonhos. "Porco sujo!"

Para os portugueses da conquista havíamos nos tornado porcos. Os seus porcos. Eles sabiam muito bem que a carne desse animal nos era proibida pelas leis sagradas da nossa religião. Foi por essa razão que nos chamaram "marranos", por escárnio, porque essa é a palavra que designa o porco. Um porco, o que merece é que lhe ponham as tripas ao léu. Viram-se então mulheres grávidas espetadas em lanças, crianças cortadas ao meio, pelo gume das espadas, em memória do rei Salomão, e cadáveres rebentados às centenas. Viu-se tudo isto. Pensando bem, constato poucas diferenças entre tal matança e as que são cometidas pelos janízaros do Império; nada se parece mais com uma criança morta do que outra criança morta. Mas éramos nós essas crianças, nós éramos o rebanho ameaçado. E os terrores de minha ama refletiam os de um povo inteiro que esperava, na agonia de conhecer a sua sina.

Os cristãos-novos tornaram-se mais prudentes; o seu cristianismo forçado fez-se mais demonstrativo. Era bem necessário; e depois, no fundo, que importância tinha isso?

Na verdade mudáramos de nome. Mas não de alma nem de coração. E assim, minha jovem tia, cujo nome hebreu era Hannah e a quem chamávamos Gracia, foi batizada, ao nascer, com o nome de Beatriz. A mim, quando nasci, cinco anos mais tarde, deram-me em segredo o nome de Josef, mas em público chamavam-me João.

* * *

Quando ela era apenas uma mocinha, tínhamos então uma diferença de idades bastante para que eu a respeitasse, mas insuficiente para impedir-nos de brincarmos juntos. Alguma vez, enquanto criança, pensei que ela era minha tia? Nunca. Já então a considerava a minha Beatriz.

Minha tia, aquela menina magra, de cabelos ruços, encaracolados como lã de cordeiro, de olhos negros, brilhantes como contas de vidro? Aquela companheira de jogos, a única amiga da minha infância? E como teria eu sequer podido pensar em tal parentesco?

Meus avós e pais moravam todos juntos numa vasta casa escura, atrás do porto. A família Nasi vivia com simplicidade; o exílio arruinara-nos quase por completo. Recordo janelas estreitas que raramente se abriam para a rua, por prudência; em certas salas o chão era ainda de terra batida; tínhamos apenas um criado, Pedro, e duas criadas, sem contar a minha ama. Defronte da porta de entrada, numa parede branca, fora ostensivamente pendurado um grande crucifixo de madeira pintada, e o candelabro de sete braços estava escondido sob uma pilha de panos. De minha mãe guardei a lembrança de uma jovem mulher de preto, de cabelo prematuramente encanecido e um rosto inquieto; mas o seu sorriso bondoso protegeu-me a infância contra as misérias da época, e eu não era infeliz.

Meu pai, muito mais velho que a esposa e de caráter mais fatalista, trouxera a muito custo de Córdoba, onde nascera, todos os seus livros, tesouro mais precioso que o ouro, dizia ele; quando não exercia a sua atividade de médico, fechava-se na biblioteca, cuja entrada me

estava vedada; muitas vezes ali passava a noite embrulhado num grande gabão à antiga cujas abas tantas vezes roçaram pelo chão que já não tinham cor. Ocupava-se pouco do filho; por vezes fazia-me uma festa e prometia ensinar-me as línguas que me permitiriam ter acesso aos livros dele. Arranjou tempo para me ensinar latim, que eu decifrava ao ritmo de uma página por dia num dos seus volumes preferidos, *De onginibus rerum*, onde se encontravam belas respostas a todas as perguntas do mundo: quem era o inventor da roda e dos sinos, de quando datava o celibato voluntário, e outras maravilhas.

Meu avô Luna, também médico, era um velho; perdera muito cedo a primeira mulher, mãe de meu pai, e esperara muito tempo antes de voltar a casar. Na verdade, tomara tal decisão ao chegar a Portugal, como muitos dos nossos, para engendrar novos judeus e reforçar o nosso povo. Sua jovem esposa, mãe de Beatriz, não se parecia nada com a minha; a pele muito branca e os longos cabelos ruivos causavam espanto, mas a beleza regular dos seus traços seduzia os corações; arrebatada, autoritária, enchia a casa com as suas gargalhadas ou com as suas cóleras; vestia-se de cores garridas, nunca parava quieta. Alguns anos depois do nascimento de Beatriz, deu à luz uma segunda filha, Brianda.

Em criança eu era inquieto como mercúrio; minha ama já não dava conta do recado e o velho Pedro, que a idade impedia de correr, queixava-se das minhas fugas incessantes. As criadas ocupavam-se da casa e de Brianda, a minha tia pequenina, e minha mãe andava cansada. Eu passava todo o dia fora de casa e procuravam-me ansiosamente por todo lado; as ruas do porto não eram seguras, os marinheiros rondavam por ali, os dominicanos também, e eu poderia fazer disparates, falar do candelabro, deixar escapar inadvertidamente uma palavra de hebraico ouvida por acaso...

Para libertar minha mãe de um filho demasiado turbulento, confiaram-me à jovem irmã de meu pai. Beatriz era uma criança triste; pensavam que ela tomaria conta de mim e que eu a alegraria. Fi-lo, de fato, sem sequer pensar; eu era estouvado, irrequieto, às vezes imprudente, e não obedecia a nada. A pobre Beatriz habituou-se a seguir-me para todo lado, sem conseguir controlar-me. Assim que púnhamos o pé fora de casa era eu o chefe.

Durante muito tempo, Beatriz fora uma menina calada, criada na sombra da casa, e que nunca chorava. A primeira vez que prestei atenção à minha jovem tia foi por ocasião de uma daquelas festas familiares que organizávamos tantas vezes, apesar da falta de dinheiro e dos perigos. Os pais ocupavam-se de assuntos muito importantes; sentados à mesa, diante de um cozido de couves e de aves, falavam certamente dos dominicanos e Inquisição, a única coisa que os preocupava; as crianças aborreciam-se mortalmente. Eu devia ter cinco ou seis anos. Atrás da ampla saia de seda carmesim de minha tia-avó Luna estavam duas meninas. Uma não passava de um bebê barulhento, uma criança minúscula de cabelos ruivos encaracolados, corada de raiva e que berrava. Era minha tia Brianda, irmã mais nova de Beatriz. Meu avô avisou-me que a outra tia, Beatriz, ficava, daí em diante, encarregada de tomar conta de mim, mas Brianda gritava tanto que eu mal ouvi.

Os pais chamaram a ama que levou a criança. Vi então a minha guardiã luminosa e perdida. Beatriz, de camisa de gola branca, bordada, e corpete verde, Beatriz de cabelos encaracolados, pálidos como a penugem dos dentes-de-leão que sopramos para fazer voar. Fitava-me muito séria, com um olhar de esquilo, ao mesmo tempo fixo e um pouco trêmulo, intenso e amedrontado. Mas, na realidade, não me via; através de mim era o vazio que ela olhava.

Senti logo o desejo de animar aquela delicada boneca demasiado ajuizada. Mas ela não queria jogar pião; ela recusava-se a correr em casa, e olhava-me sempre um pouco espantada,

sem se mexer, mesmo quando eu lhe puxava os cabelos. Então eu entreabria a porta devagarinho e fugia para o porto, lugar de delícias.

Pequenino, agarrado à mão de minha ama, já ia ver os barcos levantar ferro. Meu pai falava-me muitas vezes dos navegadores que partiam à conquista, para os reis de Portugal, de uma ilha desconhecida, ou que procuravam descobrir um cabo, uma terra. Eles continuavam a perseguir essas índias obsidianas que se encontravam dos dois lados do oceano, como se a Terra fosse redonda. Meu pai não apreciava muito essas expedições que custavam caro ao remo; dizia não compreender o porquê da substituição dos navios mercantes, que asseguravam há muito o comércio das especiarias, pelas naus de guerra dos soldados... As palavras "Novo Mundo" faziam-no encolher os ombros; resmungava contra essa paixão dispendiosa e entregava-se a um interminável elogio das velhas terras do Mediterrâneo, mais familiares e mais hospitaleiras. Ele não gostava do oceano; uma vez, uma só, subiu a bordo de um navio que partia para Londres. Desceu antes do barco zarpar. Não tinha alma de marinheiro.

Eu sim, e adorava o mar. Sabia tudo sobre as histórias lendárias do nosso país de adoção: como os conquistadores portugueses tinham descoberto Ascensão, Santa Helena, Trindade, cerca de vinte anos antes. Perdido de admiração pelo Rei Navegador e pelo seu casto isolamento nas terras desérticas de Ceuta, não cessava, apesar das irritações paternas, de fazer perguntas sobre aquele de nós que, sob o nome cristão de Cristóvão Colombo, partira em busca de novas terras, com o dinheiro judeu e a bênção da rainha Isabel, no dia seguinte àquele, maldito, em que fomos expulsos da Espanha. Por que não embarcara meu pai com ele? Estaríamos então no paraíso em vez de morrer de frio ao vento do porto; ele inventara para nós um novo reino e eis que dele estávamos privados!

Era ainda um menino quando assisti ao regresso de Sebastião de El-cano, um basco. Foi em 1522. A nau de alto bordo avistava-se de longe, com os costados redondos cheios de aberturas para os canhões. Enorme, avançava para o porto como um ganso majestoso, balançando aos últimos sopros do vento. .

À medida que se aproximava, eu distinguia as velas esburacadas, os cabos partidos, a madeira bolorenta. Alguns marinheiros esfarrapados mal se tinham de pé no barco fantasma; espetáculo de miséria... O capitão desceu da nau no maior silêncio. Era Dom Sebastião de Elcano; mas não era ele quem esperávamos.

Dom Sebastião de Elcano fora o imediato do grande Magalhães, que descobrira um novo mar, tão calmo e tranquilo que lhe dera o nome de Pacífico. Magalhães fora assassinado nas Filipinas, a sua brilhante expedição regressava com um oceano novinho em folha, um novo capitão e um herói morto. No entanto, tudo aquilo me exaltou o ânimo; cada uma das chagas do barco me parecia uma gloriosa cicatriz. É a primeira nau de que me lembro; cheia de remendos, de costuras, lamentável e fúnebre.

Na época falava-se com entusiasmo do almirante Dom Vasco; em pleno coração de Lisboa erguia-se a enorme Casa das índias, que tratava de todos os assuntos relativos à terra de Vera Cruz e organizava esses mundos: a África, de onde vinha a malagueta, Nicobar, Sumatra e a Etiópia. Fora preciso cerca de um século para o encontrar, mas afinal havia-se conseguido: acabavam de descobrir naquela terra africana o Preste João, o imperador lendário de barba branca encaracolada, de pele negra, mas cristão. Eu sabia o nome de todos os navegadores — Rodrigo de Lima, Baltazar de Castro, Manuel Pacheco, Cabral —, gostava de todos eles, e tinha certeza de que, mais tarde, eu próprio iria pelos mares conquistar novas terras...

E quando me confiaram à guarda de minha jovem tia, todos os dias, sem ela sequer se aperceber, a conduzia para o universo mágico e infinito do porto, onde ninguém nos poderia encontrar... Decidi que um dia ela partiria num barco comigo.

Em casa chamávamos-lhe Beatriz. Minha mãe, para ter a certeza de que eu não usaria o nome secreto de Hannah, não o revelara para mim. Mas os ouvidos das crianças andam atrás das conversas dos adultos e eu não tardaria a surpreender o outro nome clandestino, Gracia, tão doce, e que às vezes murmuravam entre eles.

Um dia, brincávamos no cais escondendo-nos dos guardas entre as sacas de moedas de prata e os pacotes de coral, quando chegou uma nau que vinha da Guiné. Paramos para ver o desembarque; de repente, Beatriz mostrou-me, em cima de uma saca de malagueta, a pimenta africana cujo cheiro forte provocava dores de cabeça, um pobre negro, tintando de frio; falava na sua língua com um papagaio cinzento, de penas quase brancas, uma linda ave de bico cor-de-rosa, que repetia as palavras numa voz estridente. Então chegaram os ciganos.

Eu adorava-os e puxei Beatriz. Os ciganos traziam preso à coleira um urso amordaçado e um macaco comicamente vestido com um saiote escarlate bordado a ouro. Beatriz recuou um pouco, senti-lhe a mãozinha tremer; ela tinha medo de tudo. O macaco andou à volta dela, compassada-mente, ao ritmo de um pandeiro. Os ciganos sorriram para Beatriz; tinham dentes de um branco resplandecente, pareciam fortes e alegres. Beatriz riu nervosamente e apertou-me a mão. O urso começou a bambolear-se, pesadamente, ora numa pata ora noutra, e o macaco saltou cadenciadamente por cima de um pau comprido. Então Beatriz riu mesmo; eu estava radiante. De repente, vindos não sei de onde, os arqueiros do rei correram para os ciganos e começaram a bater.

Ignorávamos que o rei de Portugal decretara havia pouco a expulsão desses estrangeiros de pele tisonada que, segundo se dizia, tinham vindo das índias. Desde 1521, o rei já não era Manuel I, mas João, o terceiro do nome. A Inquisição não estava ainda oficialmente instalada em Portugal, mas fizera grandes progressos desde o triunfo dos Reis Católicos na Europa inteira. Os ciganos não eram judeus, claro; mas o fato de serem estranhos bastava para serem expulsos.

Corri contando que Beatriz, por sua própria iniciativa, fazia o mesmo. Ela era maior que eu; pelo menos, aos dezesseis anos, mais razoável... Mas não! Parecia paralisada. Sempre a conheci assim, pasmada diante da violência dos homens. Eu já estava longe, atrás dos edifícios do porto e ela permanecia imóvel, no meio dos ciganos, à mercê das pancada*s que choviam e que iam atingi-la...

"Gracia!"

Esquecera a regra. Gritara o nome proibido. Surpreendida, voltou a cabeça, viu-me, e pôs-se finalmente a correr para mim. Precipitou-se nos meus braços gritando o meu nome.

"Josef." Eu ainda não sabia que era esse o meu nome. Meus pais sempre me tinham chamado João.

Nunca mais, desde o dia dos ciganos, ela me chamou de outro modo. Não voltamos a vê-los. E durante muito tempo não voltei a chamá-la pelo nome judeu.

O porto tornou-se o nosso único universo. Foi aí que lhe ensinei a gostar das viagens; foi aí que ela me ensinou a ver. Ela reparara no negro do papagaio cinzento muito antes de mim.

Eu estava certo; a Senhora e eu fomos conquistadores. Mas a nossa história não tomou exatamente o rumo do meu sonho. Imaginava longas viagens onde descobriria com ela novas especiarias e coroas de pedras preciosas que lhe pousaria sobre a fronte grave para lhe arrancar um sorriso. O aroma das especiarias era inseparável do ouro e do triunfo, e esse perfume misto de canela, de noz moscada e de cardamomo permaneceu para mim o mais penetrante de toda a minha infância. Talvez ele representasse também a sede de coisas novas, já que nas nossas famílias, e segundo o costume, não se usavam especiarias.

Beatriz detestava-as. Um dia quis obrigá-la a cheirar gengibre através das aberturas grosseiras dos fardos entrepostos no cais. Rasguei um pedaço de tela para tirar uma raiz muito seca e torcida, onde permanecia a delicada cor prateada da casca. Pus debaixo de suas narinas; agonizou-se e fugiu correndo. Para a fazer voltar, esburaquei um saco que transitara pela França e que continha um belo trigo de Dantzic que nos escorria entre os dedos; ficou extasiada, acariciou os grãos com as longas mãos de dedos finos enquanto eu mascava a minha raiz. Agarrar o trigo às mãos cheias era mesmo dela; e chupar o gengibre vindo das índias era mesmo meu.

As especiarias não entravam no universo dos Nasi. Mas fundavam o império dos Mendes, os mais famosos conversos de Lisboa, que reinavam simultaneamente sobre as pimentas vindas do fim do mundo e sobre as dívidas dos príncipes. Antes do regresso de Dom Sebastião de Elcano, a expedição de Magalhães conseguira escoltar até Lisboa trinta mil quintais de especiarias da Ásia, quase todas para os Mendes. Eu também assistira a esse primeiro desembarque.

Que bela chegada! Os marinheiros cantavam já não sei que canção portuguesa onde o mouro deixara, de passagem, estranhas sementes musicais; no porto, os mercadores, no número dos quais se contavam os empregados da casa Mendes, esfregavam as mãos. Sim, fora verdadeiramente uma bela chegada, um soberbo espetáculo, com os tradicionais tiros de canhão. Quando desceram, os marinheiros contaram de que modo, para conquistar as especiarias, tinham enforcado nas vergas dos barcos umas quarenta tripulações. O Samoudir, rajá de Calicute, quisera resistir: fora preciso castigá-lo. Em seguida, vangloriaram-se de terem pilhado e incendiado um barco de peregrinos que regressava de Meca; e os mercadores extasiavam-se.

Eu também. Ficara alegre com a alegria deles como se tivesse comandado o ataque a Calicute e, infatigável, recomencei mil vezes a narrativa daquele dia memorável. Mais tarde, contei, exultante, a Beatriz como os nossos portugueses tinham por três vezes bombardeado Calicute antes de a conquistarem. A cada uma das vezes ela me largava a mão, com lágrimas nos olhos; uma estranha vergonha tomava conta de mim. Mas a culpa não era minha se tinham enforcado hindus em Calicute! E que importava um barco de infiéis queimados? Outros tantos pagãos que não mais insultariam o reino de Portugal! Ah, eu era mesmo João, um portuguesinho no porto de Lisboa...

Beatriz já era Gracia.

Pouco importa. Foi comigo que ela descobriu o mar e os navios. Comigo ela foi, todos os dias, ver crescer a carraca gigante que levou mais de dez anos para ser construída e que devia chamar-se São João. Era o meu nome, seria a minha carraca. Escondidos atrás de um monte de toras de madeira recém-cortadas, vigiávamos o estaleiro como se fôssemos nós os secretos senhores dessa empreitada. De longe, falando baixo, ajudávamos os operários; às vezes, saindo do esconderijo, íamos levar-lhes água, fruta; eles conheciam-nos bem. Quando iam embora, trepávamos pelo imenso casco do qual se viam ainda apenas os costados;

acariciávamos os troncos aparados e lisos, a marca dos nós da madeira, macia ao tato como a pele acabada de barbear. Era a minha carraca, mas Beatriz falava como se fosse sua.

— Um dia, Josef, hei de levar-te na minha carraca.

A primeira vez que ela disse isso, fiquei estupefato com a mudança. O tom autoritário não me deixava margem para dúvidas; Beatriz comandava. A minha Beatriz não era mais uma criatura medrosa que era necessário proteger, não. Era... como dizê-lo de outro modo? Era uma espécie de jovem varão. Para me tranquilizar, punha-me a imaginar que ela falava da sua carraca como da nossa, e que ela me oferecia um presente para as nossas núpcias. Ai de mim! Já então esquecia que ela era minha tia.

Creio bem que o ano dos ciganos e do regresso das naus de Calicute foi também aquele em que Carlos V assinou o decreto autorizando os judeus a instalarem-se em Antuérpia. Não prestávamos atenção; pensávamos nós, crianças, em tais coisas? As nossas famílias tinham o cuidado de não nos informar. Eu, excetuando o porto de Lisboa, não sabia nada da Terra, a não ser que era plana, e conhecia melhor a rota das especiarias que os caminhos do Império. Os capitães que voltavam do outro mundo como gloriosos fantasmas, mortos ou vivos, pareciam maiores que os reis coroados. Eu queria ser um deles, um rei dos mares.

Beatriz queria simplesmente partir. Percebi isso verdadeiramente apenas no momento da última partida, quando o seu lenço, qual gaivota, esvoaçou através do Bósforo.

No tempo em que brincávamos no cais, ela era doida por aquelas maçãs pequenas, vermelhas e douradas, a que se dá brilho com um pedaço de lã, e que se tornam lustrosas como madeira encerada. Eu roubava-as para Beatriz; esfregava-as no meu calção e ela as mordida ainda com casca. Descansávamos sobre os montes de madeira úmida que cheirava a Trópicos e maresia; o vento vivo de Lisboa coloria-nos as faces; as nuvens ao passar lançavam sobre nós sombras caprichosas, e depois, fugindo, libertavam o azul do céu; e o sol, saindo bruscamente da cinzenta prisão, era como um grande martelo batendo-nos com força na testa. Os dentes de Beatriz cravados na polpa da maçã produziam um ruído seco e doce, e um pouco de sumo branco escorria-lhe para o queixo. Olhava-me por cima do fruto com um tal brilho de alegria nos olhos cor de avelã...

A Maçã Vermelha. É o nome de um oráculo otomano que, de um século para cá, alastrou-se por toda a Europa e com o qual se mete medo às crianças: "O nosso imperador virá. Apoderar-se-á do reino de um príncipe infiel, tomará também uma maçã*vermelha e chamar-lhe-á sua. Construirá casas, plantará vinhas, porá sebes nos jardins, engendrará filhos; ao fim do décimo segundo ano de submissão da Maçã Vermelha, a espada do Cristianismo aparecerá e porá o Turco em fuga".

A Maçã é a capital do Império, que, no tempo do "príncipe infiel", se chamava ainda Bizâncio. As primeiras casas foram construídas, nos bairros de Stambul, de Pera e Gaiata, que vieram a constituir a cidade de Istambul. Os jardins tiveram sebes e os sultões, filhos. Falta a espada, a fuga, o desastre.

E aconteceu. Por culpa minha, a profecia cumpriu-se.

E eis-me aqui, neste bairro grego a que chamam Gaiata, na varanda do meu palácio de onde o olhar abrange a Maçã Vermelha com as suas mesquitas, sinagogas, igrejas e, defronte, o Serralho de Topkapı, cujas tochas brilham suavemente no escuro. Arruínei a Maçã Vermelha, que oferecia à minha Beatriz quando ela tinha quinze anos sob a forma de um fruto de outono, polido pela fazenda do meu calção. Poderia eu adivinhar o que lhe oferecia o futuro?

Uma manhã — seria manhã ou tarde? Já não me lembro... Ia buscá-la para um passeio pelo cais, e tinha justamente na mão uma bela maçã. Bati à porta do quarto das meninas, e, sem refletir, entrei como costumava.

Beatriz, vestida de cetim branco bordado a ouro, estava rodeada pelos pais e importantes personagens de preto. Mantinha-se muito direita, um pouco pálida, e fitou-me sem dizer nada. Olharam-me como a um intruso, com algum espanto. A mãe de Beatriz, minha tia-avó Luna, empurrou-me para o lado e indicou-me a porta; tinha de sair.

Levantei, como um tolo, a maçã na palma da minha mão e Beatriz pegou-a com um sorrisinho triste. Depois, em vez de a morder pousou-a na mesa e afastou-se.

Foi assim que compreendi que iam casá-la. Eu tinha apenas treze anos, ela dezessete. A barba ainda não me nascera completamente, e tinha, às vezes, notas femininas na voz. Outro roubava-me Beatriz, e eu não mais a veria.

Quem se preocupava com o sofrimento de um rapaz de treze anos? O futuro de Beatriz era um Mendes, um homem de bem, poderoso e afortunado, convertido, respeitador em segredo da religião de nossos antepassados... Havia quem dissesse na comunidade marrana que antes da sua conversão fora um jovem rabino erudito; de todos nós, ele era o mais rico, o mais sábio e o mais intocável. O casamento de minha tia Beatriz com Francisco Mendes constituía uma boa nova para os adultos e uma excelente aliança para a família Nasi. E, com as entranhas trituradas por aguçadas garras, eu imaginava me noivo: um homem sombrio, grande como uma ave de rapina, com um olhar agudo e mau.

À noite, quando fiquei com meus pais, meu pai disse-me simplesmente, com um olhar fugidio: "Vais ter de esquecer os passeios com a tia Beatriz".

Fugi para o cais onde andaria sozinho a partir de então. O vento estava fraco, as ondas amigáveis, o céu transparente; a Torre de Belém, finalmente terminada, tinha nesse dia o brilho e a nitidez do açúcar branco. Fiz questão de não chorar. Roubei uma maçã e, com toda a força, lancei-a no oceano. Acabavam-se as maçãs vermelhas. Acabava Beatriz que me traía. Acabados os seus risos e tristezas, acabada aquela menina má de cabelos claros, não queria voltar a saber dela...

Casaram-na um ano mais tarde, quando fez dezoito anos. Não foi um casamento faustoso; os marranos não ousavam ostentar as riquezas, que eram já para muitos motivo suficiente de reprovação. Vestiram-me de cinza, com berloques de prata; parecia o macaco dos ciganos; e puseram-me no pescoço, pela primeira vez, uma verdadeira gola de cambraia plissada presa por um cordão de ouro. Detestei aquele casamento. A saia inteiriça que minha mãe vestia oscilava diante dela como os élitros de um grande inseto, meu pai mascava, às escondidas, cardamomos, que não me dava, as minhas roupas apertavam-me, e Beatriz escapava-me, irreconhecível.

Seria realmente Beatriz aquela cuja touca de veludo negro, aureolada de pérolas brancas como as Virgens Santas das igrejas, eu avistava? Não queria vê-la. Mas empurraram-me, de saia em saia, e de repente estava à sua frente. Também ela parecia uma libélula, com o corpete negro e ouro, tão frágil que me apetecia quebrá-la. Não lhe reconheci o rosto empoadado de branco, o colo, que jamais vira, descoberto e ornado de um colar senhoril, nem as orelhas de onde pendiam duas pérolas negras. Ela mal me olhou. Um estranho clarão orgulhoso animava-lhe as pupilas, perdidas no vácuo. Baixei o rosto e vi-lhe a pequena mão escondida na mão do marido.

Fui obrigado a saudar aquele Francisco Mendes. Parecia um velho príncipe benévolo, com um formoso rosto pleno de uma austera bondade. Nada nele se assemelhava ao pesadelo que eu imaginava para Beatriz. Sorriam um ao outro.

O pior foi aquele sorriso. O pior foi a cor das faces dela, como que afogueadas de felicidade.

Ela reparou finalmente em mim e disse ao marido que eu era João, seu sobrinho preferido, uma espécie de irmão. Foi certamente a única ocasião em que ela me deu o nome português. Renegava-me. Corei de raiva.

Então, mas nem sequer reparei bem nisso, ela tirou bruscamente a mão da do novo esposo e corou por sua vez. Não entendi nada. Aliás não entendi nada da nossa infância. Creio bem que desde essa noite nunca mais chorei.

— Mentos, Josef! — murmurou na sombra uma voz estridente.

— Quem ousa? — bradou o ancião voltando-se de repente.

— Quem ousaria, Senhor, senão o pobre Caraffa? — guinchou a voz.

— És tu, bufão! E quem mais, de fato, se atreveria a perturbar-me a noite?

— De fato, e afirmo que mentos! Muitas vezes te ouvi chorar!

— Como sabes tu que eu pensava nas minhas lágrimas, macaco horroroso? Admito que troces das minhas palavras quando as ouves, mas como poderias tu escutar-me os pensamentos?

— Oh — disse a voz —, é simples. Há um bom pedaço que falas alto, meu amo. Basta prestar atenção.

O velho duque deixou o terraço e procurou a silhueta invisível na obscuridade.

- Não! Deixa-me no escuro, está bem? — suplicou a voz. — Tenho os meus pudores. Se me descobres, nada mais poderei dizer-te, para além das frivolidades habituais que, há muito, não te fazem rir. Deixa-me na sombra, é melhor assim. Primeiro, disseram-me que choraste lágrimas amargas no dia da partida da Senhora. Segundo, também choraste no dia em que chegou a notícia da sua morte. Pensas que não sei?

— É verdade o que dizes — suspirou o velho duque. — Tinha esquecido. Repara — acrescentou, estendendo os dedos —, as minhas mãos estão todas cobertas de flores de cemitério. Vejo-as mesmo à luz da lua; vou morrer em breve, Caraffa. Não te agites como um diabo no teu esconderijo, fica quieto. Chegou o momento da minha vida ser iluminada pela sua verdadeira luz. Basta de mentiras. O sofrimento que sentia era verdadeiro. A Senhora levava, de verdade, um vestido preto e dourado, uma touca de veludo combinando e pérolas nas orelhas, estás ouvindo? O resto já não sei...

— Mas choraste no dia do casamento, hem? Há aí qualquer coisa que não está bem...

— Tu não sabes absolutamente nada, imbecil. Eu era apenas o bobo da Senhora, como tu és o meu. Deixei de te ouvir. Ainda estás aí? Caraffa! Responde!... Está bem, cala-te se quiseres. Continuarei a falar em voz alta. Já que decidiste espiar-me, pelo menos alguém saberá a verdade.

Alguém saberá a verdade, se eu conseguir inteirar-me dela.

É estranho, nunca antes pensara nisso, no mesmo ano em que Beatriz se casou, Carlos de Habsburgo, que não era ainda Carlos V, desposou a prima. Espalhou-se a notícia da magnificência dos arcos de triunfo que se ergueram em Sevilha, e da transparente beleza de Isabel, princesa de Portugal, sua esposa. Só mais tarde eu soube que ele nunca amara antes de a conhecer e que dela se enamorara ao primeiro olhar,

Havia quem dissesse que até o dia da cerimônia ele sofreria de epilepsia; tinham-no visto numa igreja, num dia de calor, cair duro no chão, babando. A inefável Isabel soube curar aquela doença imperial. Não imagino o Habsburgo espumando; não o homem que conheci. Carlos V era um glutão, doido por especiarias e virtualhas. O filho de Joana, a Louca, não podia senão enlouquecer de desejo. Com aquela paixão na alma reencontrava a demência da família e as inspirações divinas que herdara com a raça. Para esse mal de amor não podia ele achar a cura.

Pouco depois desejou dinheiro sem saber qual seria o preço. Mas para tal não soube ele achar a cura.

Eu sou como ele. Num dia de torneio mandou gravar no escudo, com letras de ouro, a divisa que me inspirou ao longo da vida: "Nondum". Ainda não.

Eu também sei esperar quando quero.

Depois das núpcias de Beatriz, porém, eu não esperava mais nada. Regressei ao cais à procura de um barco que não encontrei. Mil vezes estive para embarcar, mas o medo de trair o nosso povo reteve-me. Trair...

Depois veio-me uma barba espessa, uma voz grave, e com isso, as mulheres. Os portos tornam a vida fácil aos doidivas que por lá andam; quem foi a primeira? Uma criada, uma puta? Não me lembro. Não há nada mais macio que um corpo de mulher; mas nunca perdia muito tempo e nunca me apaixonei. Queria peles frescas e regaços acolhedores, mais nada; e se uma ou outra se enternecia demais, desaparecia sem esperança de regresso. As únicas coisas que me interessavam eram o ventre que se abre e a rápida vertigem do prazer; mas o coração e as doces palavras, não! Não queria. Eu era um rapaz suficientemente bonito para não ter de pagar; mas nenhuma era judia, e nenhuma conseguiu prender-me.

Beatriz praticamente desaparecera da minha vida. Vivia em sua casa com seu mando. Vi-a apenas por ocasião das reuniões familiares, e o olhar dela quase me não aflorava sequer. Entreteinha-me a perseguir-lhe os olhos, e mal os prendia desviava os meus para a ferir. Ela ainda corava. Mas fugia rapidamente para junto de Francisco Mendes, e só me restava partir.

Eu não tinha amigos. Por causa da mulher a quem chamavam a Senhora, eu permaneci um ser de solidão. Tinha tão-somente companheiros de bebida, a quem ouvia contar coisas das mulheres das índias, de seios nus e jasmins entrelaçados nos cabelos oleados e luzidios, das árvores de fruta-pão de Vera Cruz, dos prisioneiros cristãos que eram assados e devorados, das sereias de peito peludo do no Amazonas, uma longa série de monstros e de ardentes prazeres. Havia também vagabundos que chegavam da Itália. No dia seguinte ao casamento de Beatriz conheci um alemão vindo de Roma, um capitão de lansquenetes, de chapéu roído pela traça e hábito remendado. Esqueci-lhe o nome, Von Puterbach, Purtenbach, já não sei; embebedava-se todas as noites. Uma noite, já tarde, numa taberna onde abancáramos, tirou do alforje uma velha corda enrolada, curiosamente entretecida de fios de ouro.

"Toma, filho, gosto de ti, com essa cara de anjo e esses olhos de brasa. Talvez não passes de um porco sujo, um desses que assassinaram Jesus Nosso Senhor, mas pelos cornos do Diabo, quero lá saber. E tenho uma coisa para te vender."

Era a corda que ele vendia. Uma miserável corda usada! Eu não percebia. Com voz pastosa, o meu lansquenete acabou por me contar a sua história. Fizera parte dos batalhões alemães que tinham pilhado Roma e que haviam dado um rude golpe nos tesouros do Papa Clemente. Não ficava bem dizer em alto e bom som que se havia participado no saque de Roma: Carlos V, que facilitara a empresa, arrependeu-se do crime e reconciliou-se com o

Papado. O pobre lansquenete queria a todo o custo ver-se livre da corda, roubada em Roma, do tesouro de uma igreja cujo nome ele nem sequer sabia.

"A corda de Judas, filho, é a corda de Judas que tens nas mãos. Se és judeu deves gostar desta corda, nicht wahr! É para ti, mein Kerl. Dá-me dinheiro, tens com certeza algum, não?"

A corda com que Judas se enforcou depois de ter denunciado Jesus... Tive pena dele e a corda atraía-me. Para ele ir dormir, comprei a corda de Judas.

O ancião ergueu-se a custo e abriu um cofre. Tirou de lá a corda envolta em veludo.

— Toma, Caraffa, apanha! Aqui está a santa relíquia que o Papa não voltará a ter! Mostrei a corda ao meu sultão; ele ria, ria! Não me fica bem, a corda de Escariote, a mim, a quem tantas vezes chamaram Judas? Olha, arranco os fios de ouro. Vá, toma, Caraffa, e esfarela os restos onde quiseses. Não convém que a corda de Judas seja encontrada entre as riquezas do duque de Naxos.

A corda desenrolou-se, poeirenta; uma mão, saída da sombra, agarrou-a.

— Achas isso cômico, meu amo? — perguntou a voz. — Eu mesmo vou guardar este resto. As tuas zombarias divertem-me pouco. Não foi esta a corda que a vida te pôs ao pescoço.

— Cala-te! — repreendeu o ancião. — A outra corda sinto que me puxa para o mar de Mármara, além. Acabará por me apertar o pescoço, por me asfixiar. Por que pensas que falo alto, senão para a afrouxar?

Como estava pálida a Senhora, no dia em que lhe batizaram a filha... Beatriz tinha a pele tão fina que se lhe liam as veias nas têmporas, como as páginas de um livro. Mas naquele dia a sua fronte tinha a cor da cera, e Beatriz parecia indecifrável. Batizaram mui cristãmente minha prima Reyna, aquele bocadinho de carne cujos olhos mal se viam. Pediram-me para pegar na pequenina enquanto a madrinha se preparava para a cerimônia. Aquele bebê de cheiro quente repugnava-me e era a filha de Beatriz... Detestava aquele calor intestino. Que gargalhadas teria dado naquele momento se me tivessem dito que desposaria aquilo!

Mais tarde, nesse mesmo dia, quando toda a família se reuniu na vasta casa dos Mendes, houve nova azáfama. Solenemente, um rabino despiu a pequena Reyna e mergulhou-a numa bacia sobre a qual rezara as nossas orações. Era preciso purificar a criança do batismo, porque os Mendes, como os Nasi, praticavam clandestinamente a religião judaica. Pela primeira vez compreendi o significado do verbo "judaizar" e a gravidade da acusação que pesava sobre os conversos: precisarem ser cristãos, exclusivamente cristãos, e renunciar ao judaísmo. Praticar secretamente o judaísmo, era "judaizar". Era arriscar a vida.

A Inquisição ainda não se instalara em Portugal, mas era uma ameaça freqüentemente evocada. Desde que tinham sido lançados sobre os judeus de Lisboa baldes de água batismal, não passava uma semana sem que se ouvissem insultos na rua, sem que uma pedra fosse arremessada contra as nossas janelas, sem que uma ronda de polícia se eternizasse à volta das nossas casas. Todos sabíamos que João III pressionava o Papado para introduzir na nossa terra, nas condições devidas, a Inquisição. A nossa terra... Escapou-me. As palavras vêm da infância. Onde era a nossa terra? E hoje, onde é?

Em 1527, os mercenários do Habsburgo, alemães e suíços mal pagos, tinham, pois, pilhado Roma e posto em perigo o Papa Clemente; por causa do meu pobre lansquenete e da corda de Judas, essa foi a minha primeira recordação política genuína. Em 1529, astuciosamente aliciado pelo rei Francisco I, o Turco cercou Viena, de onde o rei Fernando da Áustria, irmão do futuro imperador Carlos V, o repeliu com alguma dificuldade. A Cristandade, assediada por todos os lados, mostrava as garras; no ano seguinte, em 1530, o Habsburgo comprou os eleitores imperiais e foi solenemente coroado em Bolonha pelo Papa que ele roubara... Usava finalmente a coroa da Lombardia, cujo aro era feito com um dos pregos da Santa Cruz. Agora, que era imperador, preparava-se para nos fazer mal.

Carlos V era filho de Joana, a Louca, e de Filipe, o Belo, cuja beleza era tal que desequilibrou justamente a frágil razão de sua esposa. Filipe vinha de Flandres; e embora seu filho imperador tivesse súditos em toda a Europa, embora tivesse sido obrigado a aprender algumas palavras de espanhol, de alemão, de italiano e de holandês, sem esquecer o francês dos reis que falava com perfeição, Carlos V permanecera de uma obstinação inteiramente flamenga. E foi de Antuérpia, sua cidade bem-amada, que chegou o primeiro alerta.

Ali vivia, há uns bons dez anos, o irmão mais novo de Francisco, Diogo Mendes. O pai, Henrique Nunes de seu nome marrano, descendia da ilustre família Benveniste, que contava nas suas glórias o rabino da coroa de Aragão. Henrique Nunes ocupara-se primeiro apenas do comércio de pedras preciosas; só mais tarde vieram as especiarias. Quando morreu, os dois irmãos partilharam entre si o império: para Francisco as pedras, para Diogo o encaminhamento das especiarias dos portos até às feiras. A isso se juntava o banco de depósito, as letras de crédito, as passagens de dinheiro através das fronteiras. Com as letras de crédito, Diogo Mendes tinha os príncipes na mão e, sobretudo, o Habsburgo.

Todos os poderosos se assemelham; querem mais terras e dinheiro para guerras. O rei da França, Francisco I, queria tudo o que tinha o Habsburgo e batia-se contra Carlos V; o Habsburgo queria alargar o império e invadia a França; o Papa queria reduzir o poder dos príncipes e o rei da Inglaterra queria repudiar a mulher. Tudo isso custava muito dinheiro; o banco Mendes tinha, pois, os príncipes na mão.

Não a ponto de evitar a perseguição.

Diogo chegou bruscamente de Antuérpia, sem avisar. O comissário local da Inquisição, por ordem do imperador, começara o cerco aos cristãos-novos. Prendia-os a qualquer pretexto. Um sábado sem luz na casa, uma vela acesa numa sexta-feira à noite, uma compra de farinha no fim da semana, tudo o que se podia relacionar com o Shabbath era pretexto para acusar os marranos de serem "judaizantes". Tinham prendido a velha ama de Diogo por levar debaixo do casaco um pacote de velas. Na prisão, ela confessou tudo o que quiseram, tanto mais que não via onde estava o mal e que, aterrorizada, perdeu os sentidos. No dia seguinte prenderam Diogo para o libertarem quase imediatamente: havia cinco anos Carlos V assinara um decreto autorizando os cristãos-novos a fazer comércio na cidade livre de Antuérpia. Já então o Habsburgo precisava de nós.

Mas o aviso era sério. Os irmãos Mendes, reunidos em Lisboa, decidiram abrir uma dependência em Londres e instalar ali homens de confiança, que ajudariam os nossos judeus a sobreviver e a fugir. Foram os primeiros elementos daquilo a que o nosso povo chama hoje os canais da Senhora. Tomaram também algumas medidas de segurança. Nunca mais compraríamos farinha à sexta-feira, teríamos o cuidado de manter todos os sábados um lume infernal, iríamos à missa com regularidade e ostentação. Se- \ ria porém necessário renunciar ao Shabbath}

Foi Beatriz quem decidiu. Não a víamos; discreta, estava ajuizadamente sentada atrás dos largos ombros dos homens entre os quais me tinham colocado. Mal ouvíamos a respiração

um pouco pesada das mulheres e o roçar dos saíotes. De repente, uma vizinha calma aproveitou um momento de silêncio e disse: "Continuaremos a celebrar o Shabbath".

Como ela dizia aquilo! Era a mesma voz com que me disse um dia, quando éramos crianças, "Josef, hei de levar-te na minha carraca"... Era a sua voz de Senhora. Seu marido voltou-se e acariciou-lhe a face; Diogo calou-se. E continuamos a celebrar o Shabbath.

Diogo ficou algum tempo em Lisboa. Uma das decisões tomadas pelos dois irmãos dizia-me diretamente respeito: daí em diante, eu deveria aprender a gestão do império dos Mendes. Meu pai concordou, porque eu tinha pouco gosto pelos livros, mas muita atração pelos barcos. Tive de ir todas as manhãs à casa dos Mendes receber lições de Francisco e de Diogo. Beatriz estava lá sempre, na retaguarda, como uma sombra movediça, passando e voltando a passar em silêncio.

Diogo, a quem chamavam o príncipe das especiarias da Europa, traçou uma carta das rotas das pimentas, do cardamomo, do gengibre, explicou-me como era preciso armar os navios mercantes contra os piratas, mostrou-me como as especiarias circulavam nas estradas, assim como o ouro que corria de país para país como um grão de pimenta ao vento. Já não existiam as feiras em Champagne; os velhos eram os únicos que delas falavam, com alguma nostalgia, como quem evoca a juventude perdida. Bruges, durante muito tempo rainha dos negócios, fora destronada por Antuérpia, doravante centro de novas riquezas. De vez em quando, Beatriz cessava as suas idas e vindas e imobilizava-se na claridade.

Todos os dias, ao penetrar na grande casa dos Mendes, eu sentia a opulência da banca.

Em nossa casa, os ladrilhos mal ajustados deixavam aparecer o chão de terra; a nossa baixela era constituída de rústica louça de barro com flores amarelas e de copos de madeira cingidos de cobre; os nossos leitos eram simples catres com uma colcha; apesar das recriminações de minha tia-avó Luna, minha mãe, encarregada da intendência da casa, economizava em tudo, e só comíamos peixe e sopa, excelente para a saúde, dizia meu pai, que atribuía pouca importância a tais contingências. Minha mãe possuía apenas seis camisas e quatro saias, mais o vestido de cerimônia que usava três ou quatro vezes por ano. Mas a cobrir o chão da casa dos Mendes, todo ele de ladrilhos vermelhos envernizados, eu via magníficos tapetes da Pérsia, baixela e candelabros de bom estanho; os leitos tinham todos baldaquinos de onde pendiam musselinas, e à mesa deles eu devorava iguarias, que, embora sendo bastante simples, me pareciam então o cúmulo do requinte: doces de frutas, compotas, ou carneiro com molho de canela e gengibre, chamado carneiro-doce, com muito açúcar. Açúcar! Em nossa casa guardavam-no para as festas; em casa dos Mendes usavam-no todos os dias. E apesar do dono da casa se vestir apenas de preto, mudava freqüentemente de gibão; quanto a Beatriz, ainda que jovem desposada, mostrava-se já galante e passava de um saíote para outro, mudando todos os dias de cor, como sua mãe. Via-lhe no colo rubis das índias Orientais, ou topázios, e dizia de mim para mim que os Nasi eram realmente gente pobre.

A despeito do que eu acreditava ser um esplendor digno de faraós, ouvia com freqüência Diogo zangar-se com o irmão.

— Quando te decidirás a viver de acordo com a tua posição, Francisco? — resmungava ele. — Candelabros de estanho quando podiam ser de prata? Paneladas de cozido, carneiro, em vez de caça? A tua avareza desola-me. Ou então tens demasiado medo. Em todo o caso estragas-nos a vida!

Invariavelmente, Francisco respondia ao irmão mais novo que o príncipe das especiarias não era ele, que era apenas um simples comerciante e que para inspirar confiança, os banqueiros mercadores devem mostrar decência e simplicidade.

— Ah! Deixa-me rir! — replicava Diogo. — Se tu visses, em Augsburg, o palácio dos Fugger, que não são menos banqueiros do que nós! Arcadas, galerias, afrescos à italiana, vitrais vermelhos e verdes como numa basílica, homens de armas alinhados pela escadaria acima, e as obras dos melhores pintores em cavaletes, nada falta; e sabes o que fez Anton Fugger no dia em que Carlos V foi à sua casa? Oh! Não usava roupas de cerimônia; com o seu eterno barretinho de brocado amarelo e o casaco preto com bandas de pele de lebre, tinha mesmo o ar de um banqueiro, como tu. Mas pegou numa nota de dívida do novo rei e ateou-lhe fogo para acender a lareira com lenha de canela. É o que se chama mostrar a um príncipe o poder de um mercador, e é assim que deveríamos comportar-nos!

Diogo estava melhor informado que o irmão. Apreciava a riqueza do reino da França, onde os pobres, dizia ele, eram menos pobres que nos outros lugares; conhecia em pormenor as rivalidades de ducados, reinos, Estados, principados e repúblicas além-Alpes, onde dominava Veneza, invicta e dominadora, senhora do Mediterrâneo. O jovem e firme rei da Inglaterra, Henrique VIII, era cliente de Diogo, que detinha as suas letras de crédito.

Nada disso perturbava o comércio. Nada, exceto o que se passava na Alemanha. Diogo falava interminavelmente do estilhaçar dos principados alemães, agitados, havia uma dezena de anos, por um monge revolucionário chamado Martinho Lutero. Esse agitador inspirado, que entrara na vida monástica depois de ter visto um amigo morrer numa tempestade, estava sujeito a visões terríficas; o Diabo vinha visitá-lo sob a forma de um enorme cão negro de olhar de fogo, e para afastar de si uma tal imagem, frei Martinho entregava-se às mais ferozes penitências corporais; em vão. Revoltado, mudara de inimigo, trocara o Diabo pelo Papa e batalhava então contra a Igreja que vendia indulgências aos fiéis para arranjar dinheiro; Martinho Lutero pregava que só a fé pode salvar o cristão e não a autoridade de um Papa. Não autorizara, Sua Santidade, as esposas a retirar do pecúlio familiar, sem permissão dos maridos, as oferendas cristãs? Intolerável depravação! Em 1520, frei Martinho fora excomungado; queimou solenemente o documento que o condenava, e começou um movimento de reforma da Cristandade. Em 1521, fora convocado a comparecer diante da Assembléia Imperial, em Augsburg. Fora precisamente no palácio de Fugger que o monge herético se encontrara com o cardeal Cajetan, grão-mestre da ordem dos dominicanos, que escutara os seus gritos com a fria distinção dos prelados, deixando depois a cidade, discretamente, de noite, antes que fosse oficialmente decretado o desterro do doutor Lutero, como começava a ser chamado. Certos príncipes alemães cedo aderiram ao movimento e também multidões inteiras que, uma vez libertas da pesada pressão do clero, se entregaram a inumeráveis excessos. Em Lyon, grande mercado comercial francês para a seda, tecidos, metais e especiarias, e cidade onde tínhamos uma agência, o nosso feitor informara Diogo que os impressores, cerca de uma centena, alemães na sua maior parte, começavam a divulgar as idéias de Lutero; a "Reforma" avançava rapidamente.

Depois, um dia, alguns aldeãos puseram fogo à própria aldeia; como um rastilho de pólvora, estalaram motins por toda a Alemanha; Lutero, casado havia pouco com uma freira apóstata, apelara aos príncipes para que reprimissem ferozmente os revoltosos, e a partir de então os massacres não cessavam. Nada disso convinha a Carlos V, tanto mais que os piratas na época já infestavam as costas do Adriático, ao sul do império.

Foi então que Diogo me falou de Barba-Roxa. Em Lisboa metiam medo às crianças com a história desse terrível pirata que viria buscá-las se não se portassem bem. Diogo contou-me calmamente que Barba-Roxa era rei de Argel e que ele e o irmão, nascidos em Mítilene, eram gregos convertidos ao Islã; disse-me o seu nome muçulmano, Kheyr-el-Dm, como ele servia de intermediário entre o rei da França e o senhor do Império Otomano e de que maneira ele armara uma cilada ao Papa... E repetia sem cessar: "Vais ver, João, ele ainda vai dar o que falar. O seu verdadeiro senhor é o imperador otomano, Solimão. Ambos querem abater Veneza; um dia, eles hão de querer abater Antuérpia, porque é a cidade do Habsburgo. Veneza e Antuérpia, o poder dos mercadores, o nosso poder, João. Sabes, entre as cidades e os príncipes, é apertado o nosso caminho. Quem sabe onde acabaremos as nossas vidas?"

Foi a primeira vez que ouvi falar do Padixá Solimão de modo diferente que do Diabo. Diogo desenhava o retrato de um mundo onde um pirata era tão importante como um Papa, onde uma cidade era mais rica que um Estado, um mundo onde os príncipes pareciam títeres. E Beatriz escutava sempre.

Depois, Diogo Mendes, o príncipe das especiarias, voltou para Antuérpia. Gostava daquele homem, da alegria dele, gostava de Diogo, que me servia vinho assim que o irmão mais velho virava as costas; ele amava a vida e animava a casa do irmão, que prezava, acima de tudo, uma seca austeridade. Francisco continuou a minha educação. Levei um certo tempo a habituar-me; ele governava o império dos Mendes de Lisboa com frieza, e as suas iras eram temidas. Eu era incapaz de gostar dele; tinha medo. Obrigou-me a aprender tudo o que meu pai, mergulhado nos livros, negligenciara na minha educação, e que havia de fazer de mim um perfeito cavaleiro. Aprendi, pois, a montar.

O cavalo, pelo menos, levava-me longe dos Mendes. Adorava galopar ao longo das praias, na estrada dos bosques de Sintra, onde crescem flores de um amarelo pálido, batidas pelo vento. O cheiro da maresia misturava-se aos perfumes, e o animal parecia correr à velocidade das nuvens que desapareciam ao longe, no horizonte, rumo ao qual eu partiria um dia, mais tarde, quando fosse um verdadeiro homem.

Aprendi também a desembainhar a espada; depois ensinaram-me as línguas do comércio: alemão, flamengo, italiano, árabe, cujas sonoridades me eram familiares desde a infância no cais do porto. Diogo determinara que eu também deveria aprender francês, língua dos eruditos e dos príncipes, indispensável para negociar com os grandes deste mundo. Eram línguas que eu já ouvira; aos meus ouvidos soavam como uma cacofonia tão confusa que tive alguma dificuldade em aprendê-las corretamente; e, na verdade, falo-as todas sem dominar nenhuma. Tal é a sina dos viajantes e mercadores. Serei um cavaleiro mercador, um membro da tribo dos Mendes, de gola de peles no casaco, cambraia plissada em torno do pescoço e luvas de pelica bordadas a ouro. Pelo menos me lançarei ao mar, pensava eu.

Por razões obscuras, um dos mercadores nossos rivais, marrano como nós, mas homem de pouca fé, foi acusá-lo de judaísmo ao próprio confessor do Habsburgo. Uma marrana de Portugal escapara-se de casa de seu marido e fugira para Salônica com a cumplicidade de Diogo: eis a história que utilizara o mercador para atirar o concorrente na prisão.

Nessa época, Carlos, ainda enamorado de sua esposa Isabel, dera livre curso a uma devoção insana, até aí dissimulada; a agitação na Alemanha a isso o levava. Lutero atormentara já o Habsburgo de múltiplas maneiras, levava-o a admitir uma primeira reforma e, de

assembléia em assembléia, de Worms a Ratisbona, obrigara-o, em suma, a recuar. Entre as armadilhas do Papa e a violência descontrolada daquele Lutero louco, o Habsburgo tinha o espírito inquieto. A denúncia do marrano tocou-lhe uma fibra secreta; aos heréticos luteranos não se poderiam juntar os heréticos judaizantes; era demais. Foi o próprio Carlos V quem acusou Diogo de crime de lesa-majestade.

Um amigo e associado seu, Gabriel de Negro, conseguiu fugir e veio ter conosco; Francisco Mendes fez então saber ao representante de Portugal em Antuérpia que, se Diogo permanecesse na prisão, seria muito difícil ao soberano, Dom João III, pagar o tributo que devia ao Habsburgo, cerca de duzentos mil ducados...

Os burgueses da cidade livre de Antuérpia, devidamente prevenidos, assumiram as suas responsabilidades. Protestaram vigorosamente contra o ataque aos seus privilégios: o imperador, ao prender Diogo Mendes, ia contra a carta dita da "entrada privilegiada", que proibia fosse quem fosse de inquietar qualquer dos seus membros. Gabriel de Negro achou o último aliado que faltava: o próprio rei da Inglaterra encontrava-se entre os devedores de Diogo. Compramos-lhe a liberdade por mil ducados e Henrique da Inglaterra responsabilizou-se pelo cristianismo do banqueiro. Acabávamos de travar conhecimento com o Habsburgo, e ele com os Mendes.

Daí a pouco tempo, em menos de um ano, todos os meus parentes mais chegados se foram. Meu avô foi atingido por uma apoplexia e sobreviveu apenas dois dias. Muito afetado, sem dúvida, por esse desaparecimento, meu pai morreu nesse mesmo ano, em poucas semanas, de um tumor que começou no ombro e se alastrou pelo pescoço, avolumando-se a ponto de sufocar. Durante a sua breve doença, exigiu que me afastasse dele e tive de me refugiar em casa dos Mendes. Só o voltei a ver já amortalhado, de nariz franzido e boca tumefacta, horripilantemente aberta, na qual minha mãe não conseguia que se mantivesse a ritual moeda de ouro dos marranos. Na antecâmara, as criadas declamavam em altos gritos melopéias que, tenho a certeza, meu pai não teria apreciado. Daí em diante, os livros esperariam em vão, à sua cabeceira, a mão que os abria.

Meu pai foi um desses grandes médicos judeus de antes dos Reis Mui Católicos, um desses cujo espírito vive ainda aqui, em Istambul. E verdade que não era nem soldado nem mercador, e que só amava os livros; mas ensinou-me primeiro hebraico, depois e principalmente latim, que, segundo ele, eram inseparáveis da nossa língua: nós falávamos, como todos os exilados vindos da Espanha, uma mistura de hebraico e de espanhol que era propriedade exclusiva dos marranos. Por vezes, ele dizia brincando que o gosto pelos livros era uma doença da família Nasí, e que Beatriz, sua jovem meia-irmã e minha tia, não escapara a ela. Mas, sob outros aspectos, meu pai era muito severo com a irmã mais nova, que ele achava excessiva, rebelde e reservada; ela não lera ainda o bastante para saber manter-se razoável; por causa das precauções impostas pela Inquisição, não recebera a educação judaica que lhe teria permitido servir-se inteligentemente dos livros que devorava, mas que, segundo ele dizia com freqüência, não podia compreender. Faltou-lhe tempo para formar o espírito de Beatriz como ele teria desejado; quanto a mim, os Mendes encarregaram-se suficientemente da minha formação para lhe deixar, no último instante, a alma em repouso.

Minha mãe não lhe sobreviveu; alguns dias depois da morte do marido, apanhou frio, deixou-se definhando e morreu. Com eles desapareceu da minha vida a ternura humana.

— E ela, Naxos, a Senhora, no meio de tudo isso? — sussurrou a voz invisível.

— Ainda aí estás, bufão — suspirou o ancião sentando-se. — Não, não esqueço Beatriz. Falo de um tempo que não conhecestes e de uma mulher que não era ainda a Senhora. Falo de Beatriz de Luna, esposa feliz de Francisco Mendes: uma moça que não era nem terna nem dura. Era um discreto fantasma cujas saias deslizavam nos pavimentos, um corpo descarnado e sem alma. Quando meus pais morreram, senti-me só no mundo, e estava só, acredita.

— Ah! Que diria o teu inimigo, o grão-vizir Sokolli, se te ouvisse! Tu, só no mundo? Tu, Naxos, sem uma saia de mulher para te agasalhar? E tu queres que acredite, nem que seja durante um segundo, que a Senhora não te protegia?

— Não creio que naquele tempo ela tivesse tido esse direito — respondeu o ancião depois de um silêncio. — Nem que eu tal pudesse conceber. Ela me abandonara, isso eu não perdoava. Mas meu tio cumpriu rigorosamente o seu dever familiar; em companhia de minha avó Luna, recolhida por sua filha juntamente com Brianda, deixei sem alegria a casa paterna, doravante vazia, levei as criadas e o velho Pedro e fui ocupar um quarto da rica casa dos Mendes.

— Ora aí está, Micas Judas! — cantarolou a voz. — Eis o lobo no redil...

— Zomba à vontade, pobre Caraffa! Vivia de fato debaixo do mesmo teto que minha amiga Beatriz. Mas era pior. Entrevia todos os dias um pano do seu vestido claro, não podia ignorar a serenidade do seu rosto, via crescer Reyna, menina de cabelos negros e pele escura. Beatriz evitava-me, e Francisco tratava-me como um filho. Que restava dos nossos passeios? Nada. Nem uma sombra de ternura.

Não! Uma vez, contudo, pareceu-me... Sim, peguei uma maçã que estava na mesa e brinquei com ela atirando-a ao ar, para reviver as minhas dores. Beatriz levantou-se, e apanhou o fruto no ar. Como pode voltar-me hoje uma tal lembrança? Ela mordeu a maçã olhando-me como antes... Mas é verdade que o marido não estava; minúsculo adultério que eu esquecera.

— Esqueceste tão pouco que falas sozinho, Naxos — disse a voz. — Não gosto nada que encontres maçãs escondidas nos recantos da tua vida. Mau sinal. Vale a pena a verdade? Não deverias antes voltar ao teu vinho de Chipre, às tuas iguarias e aos teus jasmins? Carpe diem, já não sabes latim, meu amo; aproveita o que te resta...

— O que é que resta, bufão? Parto, deixo este mundo; dele restam apenas coisas velhas sem gosto.

Já não podíamos entregar-nos ao jogo de morder a maçã vermelha; os tempos de Lisboa estavam contados. No momento em que nos chegaram notícias, segundo as quais João III ganhara enfim o combate e a Inquisição se instalava em Portugal, Francisco levantou-se da cadeira e caiu para trás.

O grito de Beatriz, Caraffa, o grito dela... Nem os animais uivam assim.

Abateu-se sobre ele, possuída de uma fúria como eu nunca mais lhe vi. Beatriz, a minha Beatriz, sacudia aquele homem morto, batia-lhe com os punhos e berrava o nome dele com voz rouca... Era animalesco, sobre-humano, divino, uma louca! Foi preciso agarrá-la pela cintura e afastá-la à força; prendia-se a ele como a hera à pedra e eu não saberia dizer qual dos dois era a pedra. Esbofetei-a para que o largasse; mordeu-me a mão.

— Portanto, ela o amava — constatou a voz.

— Portanto, ela talvez o tenha amado, bufão — respondeu friamente o ancião. — E é bom que eu repita isso a mim mesmo até o meu último suspiro, para melhor o levar comigo:

Beatriz terá, sem dúvida, amado o velho Francisco Mendes, seu esposo. Eu tinha razão para ter ciúmes. Contudo, esse amor conjugai trouxe-me pouco sofrimento em comparação com o resto, Caraffa.

Foi preciso içar o pesado Francisco para o móvel que, durante algumas horas, seria o seu leito de gala. Foi também preciso socorrer Beatriz, prostrada num langor inquietante e que não voltava à vida.

Brianda, a irmã, gritava que partia o coração; as criadas agitavam-se em pranto, e a grande casa dos Mendes ficou com aquele ar de festa lúgubre que um morto debaixo de teto sempre acarreta. Sob a autoridade de minha avó Luna, as criadas deitaram fora a água dos recipientes de toda a casa, para que a alma do defunto não tentasse afogar-se; serviram, segundo a tradição, azeitonas e ovos, em mesinhas baixas, atrás da porta da câmara mortuária; e começaram a cantar as ladainhas fúnebres que eu já ouvira quando da morte de meus pais: Beatriz queria, certamente, que fossem respeitadas à letra as práticas dos judeus da Espanha e não esperamos as suas ordens. Começou-se a falar baixo, desdobraram-se lençóis limpos, mandaram-se vir carpinteiros, deslizava-se pelos soalhos com saias escuras... E começou-se a preparar o morto; era preciso água quente para o lavar, uma lâmina para a barba e as axilas, uma mortalha, uma camisa, um calção e uma capa. E como me tornara o único homem da família Mendes em Lisboa, decidi, por meu lado, enviar uma mensagem a Diogo.

Quando recuperou os sentidos, Beatriz afastou a mãe, as criadas e os lenços ensopados em vinagre. Em passos hirtos dirigiu-se a um armário, pegou uma pilha de véus e cobriu de negro todos os espelhos da casa.

Foi desde essa viagem ao interior da casa enlutada que ela adotou a maneira de andar um pouco pomposa que todos conheciam, Caraffa: o ar que ela sempre teve de caminhar sobre as águas, sabes? Certamente já te disseram. Beatriz tinha vinte anos; era viúva e perdera-se num mundo de onde nunca mais voltou verdadeiramente.

Assustado por vê-la assim, barrei-lhe o caminho, pus-me entre ela e o espelho seguinte... Beatriz caminhava para mim sem me ver. Estendi os braços, quase me tocava... mas não, eu não conseguia resistir, uma força irreprimível empurrava-me para o lado. Ela não fez sequer um gesto para me afastar. Nesse dia nasceu a sua força, bufão.

Ela mesma lavou o corpo maciço, barbeou-o, vestiu-lhe as roupas funerárias, e voltou-lhe a cabeça para a parede já que ele não tivera tempo de se colocar na santa postura de agonia dos marranos. Depois preparou uma pérola para ser colocada na boca do defunto antes de ser amortalhado e a almofada de terra virgem sobre a qual repousaria a cabeça.

Não era ainda tudo. As exéquias, muito cristãs e públicas, deveriam ter lugar na igreja onde, trinta anos antes, à luz das chamas, a virgem apelara ao massacre dos judeus. Na véspera da cerimônia, Beatriz mandou me chamar. Encontrei-a no quarto, de pé, usando o vestido preto e dourado do casamento. E ainda agora não ousou acreditar no que ouvi, Caraffa...

"Josef", disse-me ela com uma voz muito doce, "como teu pai era médico, só tu me podes ajudar. Preciso de ti. Mas antes jura-me que aceitarás".

Não jurei. Receava o pior. Que ela tivesse decidido morrer. Que ela quisesse uma cerimônia abertamente judaica que nos condenaria a todos. Oh, não, não jurei. A partir desse dia, aliás, nunca mais fiz nenhum juramento.

"Bom, farei de outra maneira", disse simplesmente quando viu que eu recusava obedecer. "Mas, pelo menos, ficarás sabendo. Conservarei comigo o coração de Francisco e irei enterrá-lo na Palestina, no Vale de Josafat. Ele pediu-me, na noite do casamento, e nada me poderá impedir de fazer."

Ela precisou, pois, Caraffa, descobrir alguém, não sei quem, muito bem pago, para vir durante a noite abrir o peito do morto e tirar-lhe o coração. Porque ela fez o que havia dito, bufão, ela fez!

Uma mulher como ela sentia-se na obrigação de permanecer junto do leito; tenho certeza de que Beatriz não saiu do quarto e não perdeu nada da horrível operação. Eu, uma vez que havia recusado ajudá-la, fechara a minha porta à chave; não podia sair; e, de vez em quando, ouvia ruídos abafados. O cobre das bacias a serem empurradas sobre os ladrilhos, choques. Tenho certeza de que ela segurava ainda a mão do cadáver e que nunca o abandonou.

No dia seguinte, o corpo de Francisco, dissimulado no sudário, parecia intacto; nunca o vira sem barba e o queixo azulado pareceu-me pequeno. Beatriz colocou, calmamente, a pérola entre os lábios do marido. Mas o chão estava manchado de sangue escuro, e as criadas atiravam fora baldes cheios de panos sujos.

Houve missa. A igreja estava cheia de esbirros que rodavam em torno dos nossos irmãos marranos e tomavam nota dos respectivos nomes, comodamente, um por um. Sabíamos que o decreto da Inquisição ia entrar em vigor. Alguns dias mais tarde, com efeito, erguia-se em Lisboa a primeira fogueira de judeus, com as cabeças cobertas pelos gorros infamantes. A Inquisição atacou depressa e bem. Eu não soube o que fazer.

Nenhuma notícia de Diogo, era demasiado cedo. Beatriz retirara-se para o quarto; não comia e não queria receber ninguém, nem sua mãe, nem eu, nem mesmo sua filha Reyna, que vagava, desamparada, ao redor das criadas. Quanto a Brianda, ah, Brianda...

Partira o tornozelo, havia tempo, correndo no cais atrás de nós. A perna machucada ficou um pouco mais curta que a outra. Brianda coxeava. Na época da morte de Francisco era uma menina ruiva, de olhos azuis e estúpidos, com uma pele leitosa inteiramente salpicada de manchas diabólicas. E enquanto eu desesperava de ver Beatriz, Brianda passava o tempo a atirar-se em meus braços chorando ruidosamente. Entre beijos e lágrimas eu não podia escapar-lhe; nos seus cabelos frisados eu imaginava sentir ainda um odor infantil de leite azedo. Ela insistia mais ainda quando eu manifestava desejo de ir ao quarto da irmã.

— Ninguém gostava da pobre Brianda — murmurou a voz. — Parece-me que eu não a teria detestado; tínhamos ambos uma alma pérfida, segundo as criadas.

— Brianda, a pérfida, com efeito, bufão... É como dizes. Tu não és mau; és corcunda, é outra coisa.

Uma semana passou. A morte de Francisco, o silêncio de Diogo, o retraimento da viúva Mendes em face do que a rodeava, em suma, o deixar andar dos negócios, tudo isso punha a família inteira em perigo. Devíamos deixar Lisboa a todo o custo; e Beatriz devia assumir os deveres do seu cargo. Ela herdara metade do império dos Mendes; decidi entrar à força em seu quarto.

Beatriz, sentada na poltrona de Francisco, olhava sem ver um cofre que tinha sobre os joelhos. Ocultava-lhe o rosto um véu negro, como aos espelhos da casa.

Corri para ela, falei-lhe com doçura, como a uma criança. Chamei-a pelo nome, Beatriz, mas não me respondeu. Tomei-lhe as mãos, mas ela tinha-as crispadas sobre o cofre. Esforcei-me por explicar-lhe que a Inquisição nos ameaçava, que íamos todos morrer queimados, que era preciso ir para Antuérpia e que Diogo era o nosso único recurso. O rosto

velado contentava-se em balançar para os lados, como para dizer não, obstinadamente não. Era de chorar de desespero, e eu tinha dezessete anos.

Pus-me a gritar como ela fizera quando ele morreu.

Bradava: "És louca, louca como a rainha de Castela! Não és melhor do que ela, também guardas um pedaço embalsamado do teu marido morto, não comes, não te lavas, Beatriz, a Louca, é isso que queres, queres que pegue em ti à força e te ponha num barco, queres, responde...".

Mas quando erguia os olhos para o rosto invisível, via apenas o suave movimento da cabeça que oscilava da direita para a esquerda. Quanto tempo fiquei a seus pés? Já não sei. Penso que o cansaço me sufocou e que, sem palavras, me calei. Não lhe largara as mãos, que não se abriam, e eu sentia as arestas de cobre do maldito cofre. Finalmente ela deu um pequeno suspiro e a tenaz dos seus dedos afrouxou ligeiramente.

Dei um salto e arranquei-lhe o cofre que atirei para longe. Soltou um guincho e baixou a cabeça. De pé, diante dela, eu tinha o ar de um verdugo; cerrei os punhos, quase lhe bati. Era preciso também tirar-lhe o véu. Pousei-lhe as mãos sobre a cabeça e dei-lhe o nome mais secreto, Gracia...

Então, como antigamente no cais com os ciganos, ela pareceu acordar de um longo sonho. Uma voz rouca e fraca saiu por baixo do véu negro.

"Conheces, Josef, o conteúdo do cofre que acabas de atirar ao chão? Tenho certeza de que conheces."

Estava viva! Acariciei-lhe os cabelos sob a renda, fui buscar o cofre que voltei a colocar-lhe suavemente no colo. Uma mão quente agarrou a minha.

"Lembras-te, Josef", disse ela hesitando um pouco. "Tinha te dito que te levaria na minha carraca. Não me esqueci; é preciso partir, é claro, está na hora. Sabes, estava à tua espera. Não conseguia tomar a decisão de me mover; estava sossegada, conversava com este coração fechado nas minhas mãos. Agora que vieste, estou pronta. Mas acima de tudo não me deixes; apressa-te, leva-me, vamos ao porto buscar a minha carraca."

Depois, tão calmamente como se partisse em passeio, pousou o cofre numa mesa, levantou-se e tomou-me o braço. Sua mãe, inquieta, seguiu-a com os olhos, mas não ousou ir atrás dela. Beatriz cambaleava, mas não parou. Partimos a pé em direção ao cais.

Estávamos de novo no nosso mundo. Os barcos descarregavam riquezas como de costume. Nada havia mudado, os marinheiros continuavam as suas canções e os fardos ainda cheiravam a pimenta. A brisa fazia o véu aderir ao rosto dela, desenhando-lhe o nariz afilado e um esboço de sorriso nos lábios, mas talvez fosse um artifício das nuvens... A minha Beatriz, tímida e silenciosa, voltara para mim. De súbito, uma lufada de vento levantou o véu; ela não fez nenhum gesto para o segurar e vi que de fato sorria. Não mudara nada.

Vagamos por muito tempo; a nossa carraca, a São João, ainda não estava acabada. Esgotada pelo longo jejum que a si própria impusera, ela quase caiu; fi-la sentar-se sobre uma barca virada, encostada a um muro. A sua mão não largou a minha. De repente começou a falar.

— Não vamos partir na carraca, Josef. A carraca ficará aqui, com as nossas recordações, e é a última vez que vimos contemplar-lhe a carcaça. Vês, não está acabada. Reserva a nossa melhor nau para nos conduzir a Antuérpia; carregaremos os nossos haveres. Eu ocupo-me das gemas; vamos metê-las num grande baú genovês. Tu levas os papéis de Francisco depois de os teres posto em ordem, e dar-me-ás as letras de crédito, que levarei comigo. Rumaremos primeiro a Londres, onde tenho decisões a tomar. Temos de partir dentro

de um mês. O mais difícil, Josef, será saber quem há de vir conosco e quem havemos de deixar aqui para tomar conta da casa.

Que nova Beatriz era esta que eu via nascer? A menina magra não desaparecera, mas animava-a já aquela força que fez dela, mais tarde, a Senhora de todo um povo. Como eu não dizia nada, ela levantou a cabeça e sorriu-me. "Pensei em tudo, Josef."

Não era para Londres que eu gostaria de ir, mas mais longe ainda, para um lugar onde a Inquisição não lançara as suas redes. Ouvira dizer que nas índias Orientais os portugueses construíam já igrejas, mas que um pouco mais abaixo, na costa de Malabar, um nizam acabava de autorizar uma sinagoga; as árvores tinham ali longas palmas e, em mansos canais, os juncos vinham da China... Mas eu era apenas o sobrinho, e era Beatriz quem me levava com ela e não o contrário. Paciência... Nondum; ainda não, dizia para mim.

— O que vejo, sobretudo, é que as tuas idéias não eram más, filho! — disse a voz. — Em vez de nos fecharmos no fedor desta cidade otomana, consigo perfeitamente imaginar-nos num junco, deslizando ao correr dos palmai es, longe dos sultões e dos janízaros...

— Tal não sucedeu, Caraffa — atalhou Naxos com voz áspera. — Porque não tínhamos alternativa; as nossas agências eram em Londres e em Antuérpia e tínhamos de prestar contas dos nossos bens aos nossos irmãos.

Não pude senão obedecer. Retive uma das nossas galeças, um dos nossos barcos mais comuns, que não despertou a atenção dos guardas.

A casa foi tomada de extravagante azáfama noturna. De dia, a prudência impunha-se; vivíamos sem mudar os nossos hábitos, como se não tivéssemos de partir. Mas de noite, os baús enchiam-se febrilmente. Revejo as criadas, excitadas pela obscuridade, agitadas entre as anáguas e os panos, em cochichos dos quais saía, por vezes, um riso rapidamente abafado.

A mãe de Beatriz, minha tia-avó Luna, já demasiado idosa para enfrentar as dificuldades da viagem, ficaria em Lisboa com algumas das criadas e o velho Pedro, que parecia resistir melhor às arremetidas do tempo que todos os seus sucessivos amos. Brianda partia conosco e só se ocupava do que lhe pertencia. Beatriz deixou que as criadas lhe empacotassem as roupas sem se interessar; pediu simplesmente que o vestido de casamento não fosse esquecido. Calma, como que desligada das coisas deste mundo, sossegava as apreensões das criadas e fazia estancar as torrentes de lágrimas da mãe, que via as filhas partirem sem grande esperança de regresso. Beatriz tinha outros cuidados em mente: o rabino que havia lavado Reyna da mácula do batismo vinha visitá-la todos os dias.

Tratava-se do famoso David Rubeni, que mais tarde viria a agitar o nosso povo anunciando a chegada iminente do Messias do nosso tempo, que era ele próprio, naturalmente. E esse maldito David Rubem lançava no coração de Beatriz sementes ruins que aí germinaram lentamente como em terra fértil no inverno. Tempos depois tive também conhecimento de que confiara a Beatriz manuscritos que vinham de uma sinagoga longínqua que ele pensava que seria destruída pela Inquisição. Mas, desses segredos, Beatriz não me disse nada.

Também eu tive de escolher o que levaria. Foi assim que fiquei a conhecer a biblioteca de meu pai, uma caverna onde se amontoavam, numa grande confusão, manuscritos em todas as línguas; havia mesmo placas de cobre vindas das índias Orientais, gravadas com signos desconhecidos, que eu quis levar, impelido por uma veneração misteriosa. Reconheci nos pergaminhos o latim, o grego e o hebraico, mas não tive tempo de escolher os volumes que peguei ao acaso. Mal distinguia o nome de Aristóteles ou o de Moisés ben Mairnon, que

meu pai evocava mastigando a sua filosofia. Lembro-me apenas de um desses livros, escrito em árabe. Decifrava, com dificuldade, palavras que dir-se-iam murmuradas ao meu ouvido por uma voz familiar. O autor sofria de solidão e não apreciava a rigidez das leis de Israel. De dia, escrevia ele, sinto-me isolado, mas de noite "quando os casais se abandonam ao enlace conjugai, eu transformo-me no Amante de Deus".

O Amante de Deus! Como era estranho e belo! O nome desse homem era quase ilegível, de tal modo o manuscrito era velho. Consegui decifrar "Bahya Ibn Paqudâ"; mais tarde soube que era um dos nossos mais célebres e antigos mestres; mas o livro perdeu-se entre Antuérpia e Veneza, talvez na França, provavelmente em Lyon, quando o relia.

Em pouco tempo nos aprontamos; o mês passara. O embarque fez-se à luz de furta-fogos. Deixamos a grande casa de frescos ladrilhos numa noite tão quente como a de hoje; vinte criados e outras tantas criadas faziam parte da expedição, sem contar um dos feitores de Francisco e as jovens damas. Estava ainda escuro quando o barco levantou ferro.

Os nossos amigos haviam se reunido no cais, mantos fantasmas que não voltaríamos a ver. Minha tia-avó Luna, abismada no seu desgosto, agitava a mão e soluçava nervosamente. As mulheres da casa Mendes, doravante a minha única família, tinham se agrupado na popa do navio e olhavam Lisboa uma última vez. Da cidade viam-se apenas massas indistintas, vagamente iluminadas pelos primeiros alvares do dia. A Torre de Belém foi de súbito lambida pelo sol, exatamente como os telhados arrogantes do harém que vejo iluminarem-se já.

Como esse instante permanece vivo, Caraffa! E que doce brisa soprava sobre essa primeira partida! Eu partia com Beatriz, como ela me prometera, e ela estava viúva!

Foi a única que não se voltou para Lisboa. De pé, à proa, olhava o mar.

Fui ter com ela. Envolta numa capa negra, segurava o cofre contra o peito. Peguei-lhe na mão, escaldava de febre. Disse-lhe algumas palavras sem importância, e não me ouviu. Tomei-lhe o braço, mas retesou-se. Inclinei-me um pouco para ver-lhe os olhos e reparei que fixavam o céu. Beatriz estava mergulhada no mesmo langor em que tombara após a morte do esposo.

O barco deixou o porto; as velas estremeciam e as roldanas rangiam; na outra ponta da coberta, os nossos companheiros exalaram uma espécie de clamor suspirado; mas Beatriz não saiu do seu devaneio.

Fiquei à espera. Nondum... Por fim restava apenas o horizonte, ela estremeceu fortemente e murmurou uma palavra que eu não conhecia: "Tsimtsum".

Tive medo e não compreendi. Não partilhava aquele devaneio extático.

Pouco a pouco o sol sobre o mar tornou-se abrasador. Beatriz fixava ainda o azul do céu e não cessara de tremer. Eu estava junto dela, de guarda, para que ninguém viesse perturbá-la. Depois, devagarinho, ela saiu do êxtase e pude atraí-la a mim sem esforço. Só então a mão dela me agarrou o pescoço; as faces retomaram alguma cor e disse-me palavras sem nexos. "Josef... Portugal... Partimos? Onde está Lisboa? O Amante Divino..." Abracei-a com mais força; não me servia de nada responder. Nós tínhamos lhe obedecido; partíamos para Londres e a viagem seria longa.

O ancião calou-se. Subiam do porto os rumores dos caíques e os gritos dos carregadores; a cidade despertava. O sol nascia na Ásia e os telhados do harém pareciam mamilos leitosos.

— Não vais poder esconder-te por muito tempo, Caraffa, e no momento em que me voltar hei de ver-vos, a ti e à tua corcova. — disse ele sem se mover.

Houve alguns ruídos furtivos. Um criado assomou à porta com os braços carregados de gamelas. Atrás dele estava uma mulher de calças bufantes e colete curto bordado a ouro, que olhava o duque de Naxos com apreensão.

— Não quero ser incomodado — murmurou o ancião, imóvel. — Deixem aí essa comida e vão-se embora.

Quando se fez de novo silêncio, ele se voltou. Mas também o bufão desaparecera.

Capítulo II

1536-1545 Maria da Hungria, regente de Gand

(A escala dos Mendes em Londres; a chegada a Antuérpia; o casamento de Diogo Mendes; a tutela da regente; a morte e a herança de Diogo; a donzela Mendes ameaçada de matrimônio; a fuga para Veneza.)

Segunda-feira, meio-dia

— Ele não tocou no queijo — resmungou o corcunda espreitando a varanda deserta. — No cesto de frutas falta um cacho de uvas... e duas maçãs. Bem, é melhor que ontem. Havia três dias que não comia nada e se contentava com o seu vinho de Naxos, seu orgulho. Está realmente melhor. A minha duquesa há de ficar contente. Agora que ele começou a falar, talvez vá se alimentar convenientemente. Tanto me faz, se não fosse por minha senhora, eu não me armaria em sombra inocente numa varanda do palácio, mas já que é preciso protegê-lo de si próprio... A duquesa disse-me nestes termos: "Caraffa, quando a hora dos remorsos chegar, fica perto dele e salva-o". Não sei bem o que ela quer dizer, mas aqui estou, como prometi, e de serviço noturno. Ele foi deitar-se de madrugada sem desfalecer. Agora dorme; não voltarei a vê-lo antes do declinar do dia. Ah! Josef, meu filho, quantos trabalhos me dás...

A fimbria de um manto de veludo negro aflorou-lhe os dedos. O corcunda endireitou-se logo.

— Como, Naxos? Já? Mas nem cinco horas dormiste! Sono de pardal atraíçoa o homem, duque, deverias voltar para o quarto. Para a cama!

O ancião já sentara-se, sem lhe dar ouvidos. A cidade sussurrava baixinho, abafada sob o imenso sol do meio-dia; apenas o Serralho permanecia perfeitamente silencioso. O ancião abriu o manto e ofereceu o peito nu à luz; o calor atingiu-o tão fortemente que empalideceu de súbito.

— És tu, Beatriz, vens buscar-me já? Verei eu, enfim, a face que apenas mostravas ao teu Deus? Tenho o coração cheio de ervas daninhas, Senhora minha, afasto-as para encontrar a rosa... Quem cortará estes espinhos, quem desbravará o meu passado? Olha este velho judeu que sofre sem ti, minha irmã, minha única, não o abandones.

Em pleno Atlântico, em julho, reinava o mesmo calor opressivo que hoje, apesar da aragem do oceano... Mas eu era jovem então; isso pouco me importava. Durante a nossa viagem de Lisboa a Londres, as vagas e o sol depressa venceram a resistência das mulheres que, estendidas na coberta, gemiam. Apenas a pequena Reyna corria em todas as direções escondendo-se atrás dos baús para brincar. Mesmo Beatriz, a mais corajosa, que andava de criada em criada dando-lhes de beber, acabou por se abater sobre um monte de cordas e não mais se moveu. Ao fim de alguns dias, os nossos tinham o aspecto de uma horda de mendigos; só mais tarde eu soube que era sempre assim. E o vestido preto de Beatriz, irreconhecível, manchou-se pouco a pouco de brancas auréolas de sal.

Disse-te, Caraffa, que a nau se chamava São Tobias} O capitão, judaizante como nós, escolhera para a sua nau o nome do patrono dos marranos. Tobias era o herói do Antigo Testamento ao qual havíamos apostado o título cristão de santo. Pura mentira; Tobias não era um santo da Cristandade. Sob esse disfarce de ocasião, Tobias protegia-nos como fora protegido por Jeová; e na Bíblia ele viaja.

Eu nada sabia da história de Tobias. O capitão ganhou-me amizade e, surpreendido com a minha ignorância, instruiu-me contando-me o livro de Tobias. Na noite de núpcias com sua irmã Sara, a quem o demônio Asmodeu matara já, por magia, sete maridos, e enquanto o

sogra, Raguel, cavava a sepultura para o genro, pois que também ele não conseguiria sobreviver, Tobias dirige a Jeová uma fervorosa oração. Fiquei petrificado quando o capitão da São Tobias começou a recitar a segunda estrofe.

Foste Tu que criaste Adão
Foste Tu que criaste Eva, sua mulher.
Para ser seu socorro e seu apoio...
E agora não é o prazer
Que procuro ao tomar minha irmã
Mas faço-o de coração sincero.
Tem piedade dela e de mim
E juntos conduz-nos à velhice.

As vagas, lembro-me, aproximavam-se de nós com clarões esbranquiçados, reflexos da lua nas cristas; a noite estava tão clara que se distinguia o mínimo detalhe das velas, o menor nó dos cordames; retomei as palavras de Tobias e repeti-as para mim mesmo. Quantas vezes desde então as recitei para mim, orando de coração ingênuo a um Deus no qual não cria, para que nos conduzisse juntos, Beatriz e eu, ao porto da velhice... Ela jamais o soube.

O capitão marrano navegara muito. Ensinou-me a conhecer os poderosos dos mares, Istambul e Veneza. O urso e a vespa, dizia ele.

"O Otomano, como o urso, quase não se move, e parecendo dormitar refreia a sua imensa força marítima. Veneza, pelo contrário, agita-se e pica arrojadamente tudo o que passa ao seu alcance. Mas Veneza poderia bem ficar exausta e adormecer, e o Otomano um dia atacar o Ocidente nos mares, e então..."

Depois prosseguia com as histórias que os marinheiros contam entre eles, entretenimento de suas angústias. Barba-Roxa, batido no ano anterior, em 1535, pela galera bastarda de Andréa Doria, fora restabelecer-se para os lados de Chipre, onde conseguira consertar trinta galeras. O capitão ria às gargalhadas, admirando o corajoso pirata que jamais se dava por vencido; ele pendia para o lado do Turco; a sua escolha parecia feita.

Uma vez, Beatriz ouviu que falávamos de Istambul, e soergueu-se apoiada num cotovelo:

— Era para lá que deveríamos ir, Josef... — disse ela. — Meu esposo Francisco dizia-me sempre: se tivéssemos de deixar Lisboa, Istambul seria o nosso refúgio. Ele sabia que o sultão Solimão, diferentemente dos reis da França e da Espanha, não contende com os seus judeus, pelo contrário. Ele repetia-me sem cessar que era preciso procurar a proteção otomana. Francisco não confiava no Habsburgo.

— Então por que estabelecemo-nos em Antuérpia, se o mesmo perigo nos ameaça? — perguntei, estupefato.

— Simplesmente para reunir as nossas forças e proteger os marranos, Josef. Seria fácil fugir hoje para Istambul; os Mendes estariam sãos e salvos. Mas trata-se de não abandonar os nossos, eis tudo. É por isso que vamos primeiro a Londres. Nada sabes de tudo isto, Josef; és ainda demasiado jovem.

Demasiado jovem! Ela tinha vinte anos, e decidia tudo! E quando iríamos nós para Istambul?

"Assim que tivermos cumprido a nossa obrigação, Josef. Quando os nossos irmãos estiverem todos em segurança. Seremos os últimos a partir, e mais tarde, bem mais tarde, restauraremos a Palestina."

Encolhi os ombros. Minha tia Beatriz estava louca. Era o mar. Ou o barco. O Habsburgo assinara a deliberação que protegia os cristãos-novos; não era de todo necessário exilar-se longe da Europa, onde floresciam os nossos negócios. Por que perseguia o imperador Carlos os seus banqueiros de quem tinha tão grande precisão? Quanto à Palestina, esse sonho messiânico...

— Foi David Rubeni, sem dúvida, quem terá metido essas idéias na tua cabeça? — disse eu ironicamente a Beatriz.

Uma vermelhidão violenta subiu-lhe às faces.

— Por que me falas tu de David Rubeni quando evoco o meu esposo querido? — retorquiu ela irada.

— Foi ele, de verdade, quem te conduziu a esse louco que se tem na conta de um deus?

— Não — suspirou ela. — Não... Fui eu só, Josef. E Rubeni, o Messias, está aqui, sinto-o na minha alma, ele guia-me para Jerusalém.

Minha pobre Beatriz, tão frágil e obstinada... Não resistia à encarnação do primeiro Messias que lhe aparecia. Tornei a rir; o capitão limitou-se a sorrir.

Com ele entregava-me completamente à alegria de navegar. O barco fascinava-me; o pesado casco estalava com frequência e eu imaginava aquela obra dos homens como um enorme animal, com densos ossos de baleia, e uma alma sutil de que o capitão se assenhorara. Por ordem de Beatriz escolhera uma embarcação armada, porque os piratas aventuravam-se muitas vezes nos mares oceanos, e eu ia frequentemente espreitar a boca dos canhões.

O capitão mostrou-me as flotilhas de pequenas naveis ágeis, as zabras pontiagudas de Biscaia, muito mais ligeiras que a nossa pesada equipagem. Passado o golfo de Gasconha, apontou de longe os barcos franceses de Nantes, igualmente rápidos, verdadeiras formigas sobre o mar. Tive dificuldade em compreender. Lisboa punha o seu orgulho na construção de naus cada vez maiores, catedrais flutuantes capazes de suportar exércitos... E falava-se também de uma carraca francesa, tão imensa e dispendiosa que o rei da França hesitava em prosseguir os trabalhos! Olhando os veleiros nanteses, tive de súbito o sentimento de pertencer a um mundo já morto. A pesada embarcação na qual vogávamos já não fazia sentido; o futuro pertenceria à velocidade.

Chegamos enfim a Londres. Após aquelas difíceis semanas, as mulheres estavam exaustas, e mesmo Brianda me inspirava piedade de tal modo emagrecera. O calor citadino, sem a brisa marinha, pareceu-nos menos suportável ainda. A cidade, tumultuosa e atribulada, refletia a desordem da realeza. Em comparação com os muros brancos de Portugal, as casas pareceram-nos escuras e os londrinos, sujos. Mas tínhamos demasiado que fazer para nos preocuparmos com isso.

Christopher Fernandez, o feitor de Francisco Mendes na Inglaterra, hospedou-nos menos mal. Com ele, Beatriz devia aperfeiçoar o sistema que permitiria aos nossos irmãos ameaçados pela Inquisição partir em segurança conservando os respectivos bens. Não assisti a essas reuniões; sei que tomaram decisões sobre senhas, e sobre a forma dos chefes de quartelão prevenirem as casas vizinhas em caso de perigo grave. Bastariam dois dias para

assegurar os bens e arranjar um lugar num barco; os marranos embarcavam já às centenas para Istambul.

Christopher deu-nos igualmente novas de reis e de príncipes. Henrique da Inglaterra repudiara a sua esposa legítima, Catarina, a Espanhola, e desposara secretamente uma donzela, Ana Bolena. Fora punido por essa traição; em lugar do herdeiro prometido pelos astrólogos, uma filha lhe nascera, em 1533. Esses acontecimentos, que não eram recentes, não haviam ainda chegado a Lisboa; descobrimo-los com espanto; o mundo mudava depressa. Corriam agora pérfidos rumores em torno do corpulento rei, cuja revolta contra o Papa crescia.

O rei Francisco I da França recomeçara a batalhar contra Carlos V, que procurava roubar-lhe as terras; e o poderoso Montmorency, "Grão-Mestre da França", devastara e queimara aldeias inteiras da sua própria região, na Provença, para que as tropas imperiais, ao chegarem, nada aí encontrassem. Dizia-se na Inglaterra que o rei da França concluía até uma aliança secreta com o sultão Sohmão, o Magnífico, que eles se correspondiam, e que tudo parecia bom ao Francês para contrariar os desígnios do Habsburgo, mesmo um pacto com o Islã. Percebi confusamente que os príncipes europeus se malquistavam o suficiente para abrir de par em par a porta ao Otomano; comecei a aperceber-me do poderio daquele império oriental, e aprovei a clarividência de Beatriz que queria colocar-nos sob a sua tutela, como outrora os judeus sob a dos mouros na Espanha. Francisco I teria a coragem de levar a sua idéia até o fim? O pobre rei não tinha sorte: o delfim acabava de morrer, envenenado por um copo de água gelada que lhe fora servido por um aio italiano. Dizia-se que o Habsburgo, que nega fortemente tal feito, encomendara o envenenamento. Eu não gostava dos reis cristãos; e ri-me, sim, ri-me ao saber da morte do pequeno delfim da França!

Beatriz guardava sempre consigo um pequeno tinteiro e um delgado volume, onde traçava signos complicados com uma pena de que se não apartava. Quando ela escutava alguém eu a via marcar cruzeiras, pontos, luas e estrelas, das quais nada compreendia. Ela ouvia-me rir, e zangava-se.

— Fazes muito mal, Josef, em zombar da desgraça, mesmo sendo a desgraça de um rei cristão. E depois não é bom que o rei da França esteja enfraquecido. Se o Habsburgo se torna demasiado poderoso, deixaremos de poder salvar os nossos, e seremos expulsos de Antuérpia antes mesmo de ter terminado o salvamento do nosso povo. Não esqueças, Josef. Devemos atirar os príncipes contra os reis e o sultão contra os reis. Para isso precisamos de um bom rei da França, bem estabelecido, e bem sólido. Eu lamento esse Francisco.

E acrescentou uma estrela sob um nome.

Eu era ainda demasiado jovem para representar os Mendes de Lisboa na Merchant Advertisement Company, que agrupava os mercadores estabelecidos em Londres; mas um de nós devia absolutamente ir lá.

O comércio era aí devidamente regulamentado; a poderosa Câmara do Comércio, chamada Stülyard, promulgara as regras de conduta para os mercadores. Estes não tinham o direito de se encolerizarem; deviam praticar o bem à sua volta e assegurarem-se de que eram respeitados. Nenhuma palavra violenta deveria escapar de suas bocas: o comércio era também uma regra de vida. Era preciso, sem tardar, convencê-los do bom comportamento dos Mendes; a grande casa portuguesa não poderia ser moralmente apanhada em falta. A apresentação de um representante de Francisco Mendes à Stülyard era obrigatória.

Christopher Fernandez hesitou; deveria ele acompanhar-me ou tomaria o partido de conduzir Beatriz? Bem depressa se tornou claro que ela pretendia dirigir-se para lá pessoalmente; eu podia acompanhá-la como simples testemunha. Isso não me agradou — mas

a viúva de Francisco Mendes tinha, por certo, o direito de representar o falecido esposo. Aquiesci; não tinha alternativa, e jamais tive, aliás.

Os mercadores de Londres trataram-na como a um homem, única mulher daquela assembléia, de luto pesado no meio de homens de preto, foi rodeada de respeito. Revejo o seu pequeno rosto orgulhoso, ligeiramente desdenhoso para quem não reparasse no queixo trêmulo sob o véu de musselina escura; ouço-lhe ainda a voz suave dar testemunho da honestidade do comportamento do marido; de resto ninguém pensou em contestar os méritos do defunto. Beatriz, em nome das regras de solidariedade entre mercadores, fez um apelo aos membros da Stillyard para apoiarem os cristãos-novos em caso de ameaça, e agradeceu-lhes sem titubear. Em suma, foi naturalmente perfeita.

Eu estava como um escudeiro junto a um cavaleiro de armadura, assistindo-a sem uma palavra, e na verdade não teria sabido como agir. Aquilo irritou-me quase tanto quanto Francisco no dia do casamento; não acabara com os ciúmes, e precisava ainda de mais paciência do que imaginara.

Quando saímos, ela apoiou-se no meu braço e curvou-se ligeiramente. Oh, quase nada, um descair de ombros, uma fadiga passageira, sinal ténue de uma timidez bem dissimulada; e, como se tivesse sentido a minha satisfação em face da sua fraqueza, recomendou-me que aplicasse bem as regras que acabava de ouvir, "no espírito dos nossos antepassados", acrescentou ela.

— Mesmo aos nossos inimigos? — perguntei.

— Como és infantil, Josef! Devemos proceder de modo a não ter nenhum inimigo. Devemos ser perfeitos porque somos perseguidos; é a vontade do Senhor.

Ela exasperava-me. Sentia-a frágil, mas ela nada deixava transparecer; e a sólida armadura que revestira parecia sem falha. Onde estava a Beatriz que se assustara diante do urso dos ciganos? Onde estava a menina que eu protegia? Dava-me lições, tratava-me como um adolescente mal-educado, ela, a sonhadora que acreditava na chegada do Messias na pessoa de David Ruben!

— Está bem, de fato, senhora viúva Mendes... — disse eu inclinando-me exageradamente.

Surpreendida, largou-me o braço com um ar de censura, e não me falou mais nesse dia.

Descarregada e reparada a nau, e conquistada a Stillyard, não ficamos em Londres mais tempo. As criadas pareciam repousadas, e Brianda estava suficientemente refeita para ter encontrado um ou dois galantes entre os mais jovens mercadores. Assim que Beatriz viu a irmã mais nova andar em festas e mascaradas, decidiu que era tempo de partir.

A travessia de Londres a Antuérpia, curta e sem história, passou-se tranqüilamente; o mar já não era para nós um desconhecido. Diogo esperava-nos no porto, onde chegamos ao mesmo tempo que um barco francês, ligeiro como uma andorinha, La Fleur de Lys, que tendo partido de Londres muito depois de nós, depressa nos apanhara. O outono principiava.

Do mesmo modo que Londres se nos afigurara uma desordem inimaginável, Antuérpia pareceu-nos em todos os aspectos digna da sua reputação de capital do comércio. Até o porto era majestoso, flanqueado por altas casas modernas; aqui e ali erguiam-se grandes estátuas à antiga de mármore italiano; construía-se por todo lado. Na Porta do Escalda, estavam ainda as torres e o grande mercado coberto, assim como as muralhas do século passado; mas até naquela parte antiga do porto, o cais era largo e cômodo. As ruas estavam quase limpas, e as pessoas, vestidas de boa lã. Árvores amareladas bordejavam, aqui e ali, os

canais que sulcavam a cidade assim como os campos; o ar era puro, a região respirava uma serena riqueza, e a água, que tantas vezes aqui falta, corria em abundância.

Depois da sua visita a Lisboa, Diogo Mendes engordara e parecia um pouco envelhecido. Beijou Beatriz e apertou-a longamente contra si; ela agarrou-se a ele sem dizer palavra, e observei, sobre os ombros de Diogo, os seus dedos crisparem-se até ficarem brancos.

De repente veio-me uma idéia terrível. Segundo as regras da nossa religião e a instituição do levirato, ao menos pelo que eu sabia, Diogo devia desposar Beatriz. Não estava escrito num dos nossos livros sagrados que o cunhado deve desposar a viúva de seu irmão para lhe dar assistência? Era a tal ponto ignorante do direito judaico que esquecera a existência de uma filha; a regra do levirato aplica-se apenas às viúvas sem filhos, a quem assegura assim uma projitura, e eu não sabia. Os marranos respeitavam piedosamente o Shabbath e os costumes da nossa religião, mas acontecia muitas vezes que a educação judaica sofria da confusão com o verniz da religião católica; e eu não era o único entre os nossos irmãos a desconhecer os Livros Santos.

Como se lesse os meus pensamentos, Beatriz apartou-se devagar do cunhado e impeliu para diante a irmã. Diogo beijou Brianda sem a olhar.

A casa de Diogo Mendes era mesmo a casa de um príncipe. Na fachada de cantaria destacavam-se vastas janelas emolduradas de folhagens esculpidas; o frontão que coroava o pórtico, simples e austero, tinha um grande M pintado a ouro, e colunas novas separavam os diferentes pisos, ornados ao meio de medalhões figurando duas cabeças de barbas majestosas, que representavam o Escalda e o Reno. Não se tratava de uma dessas casas antigas e baixas com o travejamento aparente e esculturas de madeira, mas de um palácio moderno, à italiana, e que não tinha igual em toda a Flandres. Os pavimentos da entrada não eram de tijolo vermelho, mas de mármore preto e branco; as vidraças das janelas, cor-de-rosa e verdes, espalhavam uma luz matizada. Diogo mandara mesmo fazer uma sala de festas, inteiramente revestida de afrescos mitológicos, onde se via uma rainha chorosa lavando-se, assistida por suas aias, enquanto na outra parede o esposo de turbante, sentado no trono, franzia o cenho: era fácil reconhecer Ester e Assuero. Diogo dava grande valor às pinturas de Albrecht Dürer, um artista alemão de grande renome, amigo dos marranos, que estivera em sua casa em 1520; o pintor deixara o retrato de um velho feitor marrano, Rodrigo de Almada, de longos cabelos grisalhos e aneladas barbas, um admirável desenho do porto de Antuérpia e algumas estampas de gramíneas. Diogo mostrou-me ainda um soberbo cofre de ébano guarnecido de pérolas. Uma multidão de criadas atarefava-se em todos os pisos; as nossas, de coifa preta, olharam com inveja para elas, de toucas impecavelmente brancas, de golas de cambraia bem assentes à volta do pescoço descoberto, e de tez resplandecente.

Beatriz encontrou num quarto de traves azuis um pequeno contador de Florença, com inúmeras gavetas marchetadas e decorado de cenas amorosas; assim que reparou nos sátiros provocando as ninfas, amuou. Ficou alguns minutos confusa diante de um retrato da Virgem trazido das Novas índias e composto com penas de colibri de todas as cores. Depois, sem sequer pensar, pousou sobre o galante móvel o cofre que continha o coração de Francisco Mendes.

Desde o primeiro dia, deixei-me levar pelo encanto da vida flamenga. Em Lisboa, não conhecera o luxo. Meu pai não era rico; de resto, ele não gostava senão dos livros e da família.

Francisco Mendes, por seu lado, mantivera-se, como verdadeiro português, um homem austero.

Mas seu irmão Diogo era verdadeiramente o príncipe das especiarias da Europa. Foi à mesa que compreendi o poder que tinha. Em Lisboa, tínhamos direito, quando muito, ao picante apimentado da malagueta africana, desajeitada assistente do paladar, e que o assassina. Em Antuérpia, em compensação, Diogo mandava servir pratos com a verdadeira pimenta das índias, cujos sabores explodem às lufadas. Em Lisboa, em casa dos Nasi, o açúcar quase não existia; em Antuérpia ele reinava à mesa, sob a forma de pedras translúcidas de uma bela cor de topázio, e atadas por um fio; Beatriz adorava. E poder-se-ia comparar o vinho forte de Portugal com o vinho de Chipre, fulvo e doce, que os criados serviam em copos de pé torneado? E o rossoli, meu Deus, o rossoli com o sabor cantante da Itália...

Sim, Caraffa, é a Diogo que devo o gosto do luxo que desde essa época não mais me abandonaria. Que dizer das ostras verdes que deixavam Brianda agoniada e Beatriz indiferente? Eu idolatrava-as. Beatriz não tardou em declarar-me guerra. "Bebes demasiado vinho, Josef; não foi assim que meu irmão te criou. Nem meu pobre marido, que não havia de apreciar tal esbanjamento."

Mulherzinha infernal, que comia pouco, não gostava nem de ostras, nem de vinho, nem de cervejas, as minhas delícias...

Na Flandres há tantas cervejas quantas as semanas do ano, Caraffa! Cervejas de louro, de mel, de papoula, sem contar as pálidas cervejas de framboesa, entre todas as minhas preferidas. As cervejas eram como as mulheres; de papoula, eram aciduladas, magras, com os cotovelos ligeiramente angulosos e o olhar vivo; de louro, eram um pouco amargas e pesadas; de mel, tomavam o gosto de uma carne demasiado tenra, um pouco mole. Mas decididamente nenhuma possuía o atrativo da transparente cerveja onde se injetava, com uma grossa seringa, o suco escuro e sangrento da framboesa; o gosto desvanecia-se então, inacessível, misturado, indefinível. A essa cerveja correspondia apenas uma mulher no mundo.

E quando eu me cansava das cervejas, tornava ao vinho com Diogo. Aconteceu com freqüência fechar-me com ele na sala das festas, e aí, sob o olhar da triste Ester que nos contemplava do alto da tapeçaria, cada um a uma extremidade da imensa mesa, devorávamos em silêncio uma barrica de ostras regadas com os melhores vinhos que ele recebia do porto de Bor-déus. Esse rito singular pertencia-nos; Diogo, levantando de longe o copo, dirigia-me um sorriso amigável e grave, como se devêssemos morrer no dia seguinte...

Beatriz jamais participava dos nossos ágapes. E certo que não era o lugar de uma mulher, mas ela teria podido, pelo menos, partilhar de tempos em tempos um copo conosco, por afeto, para nos dar prazer... Mas não. A Senhora era sóbria. E casta, e pura e tudo o que se quisesse. E contudo, que sabíamos nós dos furores escondidos sob aquela fronte lisa e aquele olhar impiedoso? Pois não terá ela aberto a porta a alguns momentos de felicidade...

Jamais cedeu às tentações, salvo ao açúcar. E, sem dúvida, por isso eu nunca acreditei no seu Deus, demasiado esquivo para o meu gosto. Ela foi tão ajuizada que eu me tornei um pouco doido; culpa dela. Serve-me vinho, Caraffa, aqui, na jarra de Veneza...

Mais ou menos por volta dessa época, Beatriz começou a interessar-se por uns horríveis manuais de magia que lhe levavam em segredo, saídos não sei de onde, e que muitas vezes cheiravam a mofo. Aprendeu flamengo, e todo o tempo que não consagrava aos negócios do banco, passava em leituras. Por vezes, cuidadosamente coberta de véus, subia para uma carroça de aldeão e dirigia-se a umas casas fechadas onde moravam ainda as beguinhas

vestidas de branco, que viviam da caridade pregando a sua doutrina. Era mal conhecido o teor de tal doutrina: aparentemente essas dignas cristãs haviam feito voto de castidade, e viviam quase reclusas em simples casas rodeadas de um jardim, a dois passos de uma capela. Mas murmurava-se que elas criam num deus Fênix, que, como o Cristo, morria e ressuscitava segundo um ciclo misterioso; além disso, como conheciam a arte das plantas medicinais e eram encontradas muitas vezes em pleno êxtase, felizes num céu desconhecido, dizia-se também que eram um pouco feiticeiras.

Beatriz demonstrava apreciar muito a companhia delas; as visitas às beguinarias da região constituíam, aliás, as suas únicas saídas. Diogo inquietou-se; uma beguino, em Paris, fora queimada por bruxaria.

Enquanto Beatriz persistia naquela estudiosa austeridade, sua irmã Brianda desabrochava. Aprendeu a vestir-se; as golinhas bordadas com ponto de Bruges apareceram a circundar-lhe sabiamente o colo leitoso; as madeixas ruivas transformaram-se em lustrosos anéis. Brianda cedo ficou tão encorpada quanto Beatriz era delgada e fina. Aquela carne branca não desagradava a Diogo, que começou a levar a jovem cunhada a passear.

Depois vimos, em suas orelhas de manca, pérolas negras, presente do cunhado, e Diogo não tardou a pedir a Beatriz a mão de sua irmã Brianda. O acontecimento não merece outros comentários de tal modo era esperado. Beatriz aceitou na condição de o casamento só ter lugar um ano mais tarde. Vendo o estranho modo como ela olhava a irmã mais nova, com um misto de inveja e suspeição, poderia imaginar-se que queria pôr à prova a seriedade da jovem. Não sem razão; mas Brianda ficou ressentida.

Por seu lado, Reyna crescia. Tornava-se uma menina magra e esguia, bastante desengonçada, com o olhar negro da mãe; mas tudo levava a crer que Reyna não passaria nunca de uma portuguesa de pele escura. Lembro-me que dava grandes passos, de cotovelos colados ao corpo; e apesar de uma enternecedora timidez, não tinha nenhum encanto. Como sua mãe Beatriz, Reyna judaizava com fervor.

No capítulo da religião dos nossos antepassados, mostrávamos em Antuérpia tanta prudência como em Lisboa; simulávamos o catolicismo. E no entanto, numerosos conversos praticavam, sem se esconderem muito, um judaísmo livre e sincero; fora instalada uma sinagoga, pequena, discreta, onde os nossos irmãos se reuniam à sexta-feira para o Shabbath. Nem Diogo nem Beatriz partilhavam tais comportamentos; em nossa casa cuidava-se ainda de comprar a carne na hora certa, de acender e conservar o fogo no sábado, e íamos solenemente à missa de domingo, por causa das aparências.

Mas Beatriz decidira que respeitáramos em segredo todas as nossas festas, a começar pelo Shabbath. Era para proteger esse ritual que ela levava uma vida retirada, e se declarava votada ao luto recente. De modo que o sábado, dia durante o qual ela não saía mais do que o costume, parecia a todos um dia como os outros.

Quanto a mim, se assistia ao Grande Perdão e ao Shabbath, era, como em Lisboa, atraído por todos os prazeres. No começo da nossa vida em Flandres, conservei os meus hábitos portugueses e ia vadiar no porto; bem depressa descobri que o sobrinho de Diogo Mendes podia ter encontros diferentes, mais burgueses e menos vulgares: jovens mulheres de mercadores, cujos maridos haviam partido de barco para longe, aventuras deliciosas e secretas, caprichos de um dia ou ligações de alguns meses, era rico de amores ligeiros, e muitas vezes regressava de madrugada à grande casa dos Mendes, com o manto atravessado e a boca inchada de beijos, os longos cabelos em desordem. Beatriz esperava-me no alto da escadaria de

mármore e deitava-me olhares severos sem ousar dizer palavra; Diogo, naturalmente, encorajava-me. Trocara os altos colarinhos à espanhola por outros que descobriam o pescoço, que tinha bem-feito, e deixei as cores castanhas pelos gibões de cetim verde-escuro, a minha cor preferida. Apreendi a usar luvas, que apreciava bordadas e orladas de pele; e na minha coleção de chapéus de aba larga, adorava as plumas em moda. Diogo decidiu que eu devia mudar de nome; não era mais João, mas Juan. Juan Micas, ou ainda Miquez, segundo o interlocutor fosse espanhol ou italiano.

Diogo ensinou-me ainda as regras do comércio em Antuérpia. "O comércio, Juan", dizia-me ele, "não é apenas para a nossa família um meio de viver bem, nem sequer o único instrumento graças ao qual podemos salvar os nossos irmãos; o comércio, filho, é uma seta apontada ao coração dos reis. Não te esqueças".

É verdade que os mercadores de Antuérpia, como todos os das grandes cidades da Europa, se mostram burguesamente apegados à liberdade. Bastava os príncipes violarem os acordos para eles se revoltarem imediatamente. Os mercadores terão sido os nossos melhores e mais fiéis aliados.

Acabava, na época, de ser inventado um novo modo de fazer a escrituração comercial, equilibrando receitas e despesas. Quando penso nisso, pergunto-me como havíamos podido fazer cálculos, antes, sem essa simples balança que evita a confusão; e contudo os velhos mercadores, cujos hábitos deviam mudar, não se resolviam a abandonar a forma trapalhona de fazer as contas e experimentavam as maiores dificuldades em se acostumarem àquela modernidade. De fato, Antuérpia, ao esmagar Bruges, mudara a natureza do comércio; contavam-se também como especiarias a Artemisia, o sândalo, o âmbar-gris, a cânfora e até o marfim; as expedições dos conquistadores haviam alterado o mundo em proporções tais que as trocas européias se ressentiam; os espíritos evoluíam com rapidez, desde que se tivesse juventude suficiente para o entender. Os almotacés governavam a Bolsa, fundada alguns anos antes a fim de regular o tráfico das diferentes mercadorias; de Antuérpia partiam os tecidos e as quinquilharias, enquanto da Espanha chegavam a lã e o sal, assim como o pau-brasil e a canela. A pimenta? Pertencia já ao passado. Ademais, os negócios dos Mendes voltavam-se resolutamente para o banco.

Os prazos das feiras de Antuérpia, quatro ao todo, pareceram-me complicados. Quatro feiras anuais, quatro encruzilhadas de troca: a da Páscoa, que se passava em Bergen-op-Zoom, em fevereiro; a de Pentecostes; a feira da primavera, na estação das flores; e a de Saint-Bavon, em novembro. Diogo levava-me sempre; mostrava-me como revender uma consignação, cuidar dos créditos e dos débitos, facilitar a circulação do dinheiro. Tudo aquilo me enfadava de morte.

Só de uma coisa eu gostava nas feiras, os mui maliciosos enganos de que usavam os mercadores de vinho para ludibriar os clientes. Exatamente antes de dar o vinho a provar, por exemplo, ofereciam, com amáveis gestos, um pouco de queijo bem seco e nozes... O freguês, ingênuo, engolia um pouco de queijo, mordida um miolo de noz e bebia uma abominável zurrapa que achava deliciosa, porque o gosto estava disfarçado pela aspreza da noz e pelo picante do queijo. Adorava ser eu a enganá-los: engolia os engodos, saboreava o vinho e fazia má cara cuspidno no chão. O mercador ficava sem saber o que fazer e eu radiante.

Um velho criado de Diogo ensinara-me como se deve provar o vinho em Flandres: antes do fim da digestão, ao vento norte exclusivamente, e mergulhando no copo uma pêra brava. Se a pêra vai ao fundo, o vinho é mau e não merece ser provado. Por Deus! Perdi muitas coisas, mas não essa ciência que me vem das feiras de Antuérpia.

Estava longe de imaginar que um dia ela faria de mim príncipe.

Uma vez, coisa extraordinária, consegui convencer Beatriz a acompanhar-nos à feira de fevereiro. Assim ela aprenderia a conhecer a atividade mercantil de outro modo que através dos livros de contas; e depois era mais que tempo de acabar com aquele luto interminável. Partimos com um frio de rachar. Beatriz, coberta de peles, tinha o nariz roxo e as mãos apertadas num regalo forrado com pele de carneiro. Assim que se apeou da carruagem, fez menção de recuar diante da multidão confusa e alvoroçada que vociferava.

O mercado fora abandonado, os balcões esvaziados e os basbagues concentravam-se em volta de uma espécie de mastro no meio da praça. Diogo e eu procurávamos, com os olhos, pessoas conhecidas e não achávamos nenhuma. Aproximamo-nos para esclarecer a razão de tal ajuntamento. Na base do poste, erguia-se uma pira de lenha, com belas toras regularmente amontoadas e cavacos bem secos em cima. Beatriz pegou-me pela mão e apertou-a com toda a força; iriam queimar um dos nossos irmãos ali, naquele momento?

Ficamos em silêncio. De vez em quando, a multidão agitava-se em clamores incompreensíveis; depois, calou-se. Beatriz, de súbito, tocou-me no braço suspirando: ao longe vinha uma carroça em cima da qual a condenada gritava.

Era uma jovem feiticeira a quem haviam já atado as mãos e que mal se sustentava; na parte dianteira da carroça, um padre segurava-lhe um crucifixo à altura dos olhos e sacudia os braços como se quisesse bater-lhe com ele. A moça não ouvia nada e dava gritos medonhos fitando a pira. Logo os homens de armas lhe pegaram pela cintura, e o carrasco segurou-a para a atar solidamente ao poste.

Ficamos, Caraffa; não podíamos sair dali. Beatriz pusera a mão diante da boca, para abafar um surdo gemido que não mais a deixou. Assistimos ao suplício todo. O carrasco pôs-se atrás da jovem, que não cessara de gritar, e verificando a solidez dos nós, inclinou-se para ela como para lhe segredar qualquer coisa ao ouvido; ela baixou a cabeça de repente, prontamente estrangulada, sem dúvida, por caridade. Por fim, as chamas acabaram o trabalho; os loiros cabelos foram os primeiros a arder, depois a camisa e, enfim, o corpo encarquilhado. O fumo azulado libertava um passageiro odor de carne assada, e lançava, através da bruma, lampejos de carne enegrecida.

Quando tudo acabou, Diogo perguntou aos passantes por que fora presa aquela moça; contaram-lhe que tinha mau-olhado; um dos olhos era verde, o outro castanho. Havia sido apanhada com um pombo morto na mão, prova indiscutível da feitiçaria de que se tornara culpada; haviam lhe dado tratos para lhe descobrirem na pele os sítios insensíveis, autênticos sinais do Diabo, e para que justiça fosse feita haviam obtido uma verdadeira confissão. Enquanto dispersava, aquela boa gente felicitava-se: a condenação era limpa e sem mácula.

Houve até um basbaque que declarou rindo que aquele fogo o aquecera durante algum tempo.

— São assim os cristãos — murmurou Diogo. — Em breve regozijar-se-ão vendo um de nós, por sua vez, arder numa fogueira como esta. Não se pode esperar piedade dessas bestas feras; um saco de farinha, uma vela, com fogo ou sem fogo, tudo lhes servirá, e assaremos todos se não pudermos partir a tempo.

Beatriz retirou lentamente a mão da boca, e disse-me em voz baixa: "Josef, era uma criança, apenas uma criança, de cabelos tão finos... Foi para este espetáculo que me fizeste sair? Quiseste mostrar-me a minha futura sorte, achas que os meus cabelos arderão assim também? Odeio-te, Josef!".

Tinha os lábios brancos e gaguejava de cólera; ia talvez soluçar, gritar, perder os sentidos, e trair-nos aos três... Diogo fê-la subir para a carruagem com toda pressa.

A partir desse dia Beatriz ficou obcecada com a idéia da partida. Falava sem cessar de Istambul, de que fazia uma idéia falsa; o sultão parecia-lhe um salvador, e descrevia fogosamente as teorias de marranos caminhando como fileiras de formigas em direção à capital otomana. Diogo acalmava esses ardores viageiros: os canais de fuga não haviam ainda sido postos à prova, nem os nossos irmãos estavam livres da "fornalha de ferro", longe disso. Era preciso esperar.

Com o tempo, ela acalmou um pouco. Sobre a Palestina já nada dizia; às vezes, sorria. Um dia, consentiu finalmente em dar alguns passeios ao longo dos canais. Eu retomei naturalmente o meu lugar a seu lado, visto que caminhávamos num porto e que era o seu sobrinho preferido; mas já não podíamos esconder-nos atrás dos fardos no cais, nem podíamos correr a toda pressa. Junto a mim tinha uma dama de elegância austera, cuja comprida saia de seda preta varria as calçadas e os talos de couve; já não lhe pegava na mão nua, tinha, pousada no meu punho, uma fina luva; não usava os cabelos frisados soltos pelos ombros, mas presos numa touca bordada. Mas eu estava feliz; provando doces, contemplávamos como antes as nuvens que passavam num céu brilhante, e o espetáculo da chegada dos barcos. Não falávamos, era inútil; cora uma ternura cúmplice, seguíamos os mergulhos dos patos junto às margens e os reflexos das casas na água mansa.

No decurso do ano de 1537, celebramos os esponsais de Diogo e Brianda. A noiva, mais raiva que nunca, exigira um vestido de brocado de ouro com gola de raposa combinando com os cabelos. Esse fausto, essas cores fulvas, esmagavam-lhe a beleza. Diogo, o esposo, olhava o seu ídolo com adoração. Mas quando Beatriz apareceu no alto da grande escadaria, houve um momento de silêncio. Qual infanta, de ampla saia de cetim branco apertada sob os seios por um cinto bordado, e um simples corpete carmesim sem peles, usava uma jóia única sobre a testa, suspensa nos enfeites de uma leve touca transparente por enfiadas de pérolas. Uma pedra azul. Beatriz era de uma beleza cristalina, com algo de sobrenatural. Descia lentamente os degraus e, num gesto espontâneo, pousou a pequena mão no meu braço.

— Seja meu par hoje, Josef—disse-me sorrindo um pouco tristemente; como antes no cais de Lisboa.

Beatriz passava da austeridade ao mais sensual encanto, num abrir e fechar de olhos. Apanhou as saias acetinadas inclinando-se ligeiramente, e entrelaçou afetuosamente os seus dedos nos meus. Fiquei deslumbrado. Esqueci até que se tratava do casamento de outra, e fi-la entrar na igreja inebriado de uma felicidade ilusória, como se fossem as nossas próprias núpcias... As nossas mãos não se apartaram.

Naquele dia, percebi apenas que a sua cabeleira havia escurecido. Dos cabelos ruços de menina, restavam somente, aqui e ali, pálidos reflexos nas trancas, de onde se escapavam alguns caracóis. Mas nesse dia também, pela primeira vez, ela renunciara à touca preta que, desde que enviuvara, não a havia abandonado. Para quê ou para quem tal presente? Só ela o poderia ter dito.

Lembro-me que a pequena Reyna usava um gorro de veludo preto enfeitado com uma pluma escarlate, e que a mãe mal a olhava. Lembro-me que Beatriz só tinha olhos para mim.

A noite, Diogo Mendes deu um baile. Beatriz retirou-se para o quarto, e eu achei-me de súbito privado de ânimo. Brianda dançou como uma doida apesar de ser coxa, e flertou

com os seus pares. Receei por Diogo, de quem gostava; precisaria, sem dúvida, vigiar de perto a jovem esposa e os galantes de que ela se rodeava.

Pouco depois das bodas de Diogo, vimo-nos na obrigação de ir apresentar os nossos respeitos à regente de Gand; segundo se murmurava, já não era sem tempo. A regente Maria convocou-nos. Maria da Hungria, irmã de Carlos V, regia a cidade de Gand e a família inteira. Seu esposo, Luís Jagellon, rei da Hungria, havia perdido a vida, em 1526, na sangrenta batalha de Mohacs, ganha pelo Otomano; viúva, Mana confiara a Hungria ao seu segundo irmão, Ferdinando da Áustria. Irmã de dois príncipes — Ferdinando, o Austríaco, e Carlos, o Alemão, Maria da Hungria arbitrava firmemente as rivalidades que os opunham. Carlos, o Habsburgo, o mais poderoso dos dois, havia-a encarregado de manter uma proteção vigilante aos banqueiros marranos. Mais ainda aos Mendes, a quem ela prestava uma particular atenção.

A primeira vez que a vi em audiência oficial, estava vestida de preto, simplesmente, como Beatriz. E, como Beatriz, era magra. A isso se resumia a semelhança. Eu não conhecia ainda o Habsburgo, de quem ela, dizia-se, tinha o queixo pesado, o nariz bem-feito, implantado como um estandarte, e a boca grossa. A regente era muito feia, mas fiquei impressionado com a intensidade muito espanhola do seu olhar sombrio, e não pude deixar de lhe sorrir. Eu não era muito diferente dos brilhantes cavaleiros de Flandres. Ela devolveu-me, pois, o meu sorriso cora um movimento de cabeça, na verdade bastante gracioso.

As senhoras Mendes mantinham-se respeitosamente a distância: Beatriz, hirta e muda, Brianda, obsequiosamente inclinada, e Reyna paralisada pela timidez. Diogo, um pouco curvado, qual príncipe vencido, não tirava os olhos delas. Só eu lhe sustentei o olhar. A regente pediu-me então que me aproximasse. A seu lado estava um jovem indolente, seu sobrinho Maximiliano. Maria da Hungria aceitou o meu cumprimento e convidou-me para o concerto que dava, naquela mesma noite, no palácio.

Fiquei sabendo que a regente de Gand era também uma mulher. Apreciava as músicas novas, e muitas havia que corriam na época. Nesse dia, os músicos da corte tocavam árias vindas de Nápoles, onde duas vozes de homens se juntavam a uma voz de mulher. Chamavam-se villanelle, porque esses cantos nasciam nas vielas, ou ainda frottole, porque falavam de amor. Eram vivos e ligeiros bastante para chocar os flamengos, porque não se brincava com a música em Gand; todo o verdadeiro músico devia escrever primeiro missas graves, depois motetes sérios; o resto cheirava a enxofre.

A regente percebeu o mal-estar da corte, e franziu o cenho. Eu estava perto dela; vi-me, fez-me sinal e estendeu-me o rolo das canções com um ar despeitado.

— Eles não compreendem — murmurou com aquela voz rouca que têm as mulheres da Espanha e de Portugal. — Esta gente de Flandres não sabe o que é uma canção. Mas vós, Dom Micas, que tendes a figura de um fidalgo, vós vindes de um país onde se canta. Na Espanha onde nasci também se conhecem esses prazeres. Dai-me, senhor, a alegria de cantardes só para mim uma daquelas músicas simples e tristes.

É claro que eu conhecia, vindas da minha infância, canções do nosso povo, aquelas a que chamávamos "romanças"; mas eram em judeo-espanhol, a língua de todos os marranos... Não podia cantá-las sem me pôr a descoberto. Tentei tergiversar. "Vossa Alteza deve compreender que as nossas canções são antigas, e nada têm de muito sábio", arrisquei eu. Com um gesto autoritário afastou a minha prudência e intimou-me a cantar. Entoei, de boca fechada, uma romança que Beatriz e eu havíamos muitas vezes cantado juntos, Al resplendor de la luna. Cortesmente, a regente escutava.

— Caro Micas, esqueceis as palavras, não é verdade? — disse ela quando terminei.

Provocava-me. Cantei as palavras. Sorriu.

— E em português, verdade — ironizou ela.

Menti-lhe e jurei que a canção, nascida nos bairros de pescadores de Lisboa, era em dialeto. A regente deu uma gargalhada e repetiu os últimos versos da minha romança, com uma bela afinação, devo dizer.

— Dom Micas, vós enganais a vossa gente, mas não nos enganais a nós. Sois cristão, de seguro; mas para quem é novo no seio da Cristandade não vos falta nem audácia nem manha. Sede prudente, Micas. Não desejamos que vos aconteça uma desgraça, amigo.

O tom mudara. "E não canteis essa canção a nenhuma outra mulher, nunca", acrescentou levantando-se bruscamente, como uma donzela que deixou escapar uma inconfidência.

Fiquei pasmado: a mensagem era ambígua. Corri para contar tudo a Beatriz e a Diogo, evitando Brianda, em quem, já então, não confiava. Diogo inquietou-se e recomendou-me que não me prestasse a esses perigosos jogos de corte. Beatriz, com a cabeça obstinadamente inclinada para o caderno, desenhava planetas e luas. De súbito, levantou devagar uma mão que tremia um pouco.

— Juan é forte o bastante para enfrentar a regente, mesmo no combate do amor — disse ela.

E, empurrando bruscamente a cadeira para trás, veio beijar-me no pescoço e segredar-me ao ouvido:

— Es um galante cavaleiro para Maria da Hungria, não és, Juanito?

— Aquela feiosa!

— E conveniente esquecer esse aspecto, Juan.

Chamara-me Juan e não Josef. Beatriz queria enviar-me ao lugar de onde podia vir-lhe toda a espécie de sofrimento: a corte, a regente — uma mulher de quem dependia a nossa sorte. Tudo nela se podia entender às avessas; por causa do tremor da mão, por causa do beijo na nuca, julguei-a com ciúmes. Não percebi nada do seu cálculo político.

A partir de então eu fazia parte dos cortesãos da regente, em serviço encomendado pela casa Mendes. Entre as cavalgadas e os bailes travei mais amplo conhecimento com o indolente Maximiliano, filho de Ferdinando da Áustria. Ele seria um bonito homem sem as pesadas queixadas dos Habsburgo nem os beijos da família. Os faustos da corte enfadavam-no, mas, saídas as portas do palácio, abandonava o ar desdenhoso. Maximiliano amava tanto a vida quanto seu primo Filipe, o filho do Habsburgo, era, e permanece ainda hoje, sorumbático e recluso. Nem beato nem sectário, lera Erasmo, e também Lutero, que não o deixava indiferente.

— Não conhecestes Erasmo, Juanito — disse-me ele um dia. — Morreu algumas semanas antes da tua chegada. Leider! Era já um homem velho, doente, que andava de cidade em cidade cuidando de não se constipar. Passava a maior parte do tempo a combater a religião reformada e os princípios teológicos de Lutero, e deambulava tratando de convencer o mundo da verdade da religião católica; mas nem sempre ganhava, tanto mais que ele próprio não estava completamente convencido da justeza da causa que o haviam obrigado a defender. Trazia-o abatido o lamentável resultado da sua longa querela com Lutero, e, se consentira em tomar o partido do Papa, fora forçando a sua natureza. O outro, esse diabo do Lutero, apagara-o como se fosse uma vela, com aquele fole de ferreiro que é a sua voz grossa — Diese Stimmel O que, Juanito, não impediu Erasmo de ter trazido ao nosso perturbado mundo uma

justa medida, e o respeito das coisas antigas. Lutero é outra coisa, mas as suas indignações são legítimas. Ganz sicher!

Maximiliano da Áustria não teve dificuldade em convencer-me de que as religiões, reformadas ou não, engendram poderosas desordens. Tínhamos em comum uma grande desconfiança em relação ao Papado; ele, porque os papas orgulhosos queriam avassalar o Império, eu porque um Papa havia autorizado a Inquisição em Portugal.

Mas eu estava bem enganado! Sobre as verdadeiras intenções dos papas a respeito do nosso povo, Beatriz tinha pressentimentos mais seguros que eu.

Maximiliano revelou-se um bom companheiro de mocidade, que pedia, por vezes, negligentemente, ao banco Mendes para lhe emprestar dinheiro. Pertencíamos ao mesmo mundo que resolvêramos que seria moderno, novo e liberal. Ele zombava da devoção de seu tio Carlos V, do desassossego sombrio de seu primo Filipe, herdeiro da Espanha; e, como eu, gostava de beber.

— Tem cuidado com a regente minha tia, Juanito, ela precisa de dinheiro. É princesa de Castela e, não te esqueças, a nossa família tem o sangue doido — dizia ele muitas vezes.

Foi ainda Maximiliano quem me informou, ao correr dos dias, das desgraças do Habsburgo. Sua esposa, a transparente Isabel, morreu no parto; Carlos V refugiou-se num isolamento furioso e desesperado. Maximiliano contou-me que a imperatriz havia pedido, antes de expirar, para não ser tocada nem embalsamada. Respeitaram-lhe o desejo. Um longo préstito fúnebre conduziu os restos mortais de Toledo, onde falecera, para Granada, onde se encontrava então o túmulo dos Reis Mui Católicos, esses malditos. O jovem infante, Filipe, acompanhava-a. Estava-se no mês de maio de 1539.

Segundo o uso, Filipe devia reconhecer o corpo antes de ser sepultado. Maximiliano afirmou que, quando abriram o caixão depois de dez longos dias de viagem sob um calor tórrido, seu primo caiu desfalecido. É essa a razão da tristeza que não o larga. O rei Filipe II da Espanha, de negro vestido, apesar das esposas sucessivas e do imenso Escorial, nunca se recompôs do cheiro da mãe morta.

— E foi a esse homem, Naxos, que, recentemente, escreveste a pedir asilo? Tu, um príncipe do Império Otomano? Não tens vergonha? — ralhava o corcunda do seu canto.

— Terei feito, Caraffa? Há quem o diga e repita. Terei pois, por fim, traído os sultões, meus benfeitores... É por isso que me chamam Judas, precisamente. Não podes compreender; Nondum, ainda não; esse ato — se realmente o pratiquei, Caraffa! — permanecerá o mais obscuro de todos os da minha vida. Que espírito pode resistir no tumulto das perseguições?

Bem o compreendi quando um ano mais tarde a nossa situação mudou brutalmente.

Todos nos regozijamos ao saber que Brianda estava grávida; Diogo exultava e não se apartava mais da mulher, que deu à luz uma menina a quem o rabino chamou Dinah; enquanto a mãe, de acordo com a tradição, lhe deu o nome da irmã, Beatriz, e a família começou logo a tratá-la por "Chica", "a Pequena", para evitar a confusão com a tia. Batismo cristão, purificação judaica, festividades públicas e cerimônias secretas, tudo se passara tão bem que não pensávamos mais nos perigos que nos ameaçavam.

Foi então que vimos chegar a Flandres uma multidão de irmãos nossos, portugueses; a Inquisição havia acelerado o ritmo. Estes novos marranos não nos eram desconhecidos; a rede de canais organizada por Beatriz e Diogo fora preparada havia muito tempo para ajudá-los a fugir. As estradas mais seguras, os albergues cúmplices, eram conhecidos com antecedência. Eles eram pobres; uma importante soma de dinheiro esperava-os em Lisboa, pois eles não teriam podido pagar a passagem.

Disse-te que os víamos chegar? Não é verdade, Caraffa. Não tivemos sequer tempo de os identificar. O recebedor da Zelândia, Zandelin, prendeu-os assim que chegaram; maldito seja o seu nome de cristão! E em breve o burgomestre de Antuérpia promulgava um édito contra os conversos.

Olha, Caraffa, creio que ainda o sei: "Todos aqueles que conhecem pessoas vivendo como judeus, mantendo as cerimônias ou observâncias como os judeus, serão obrigados a denunciá-los e a dar-nos parte a nós, bailio de Antuérpia, ou burgomestre da cidade, sob pena de serem considerados como culpados e receptadores de judeus, sendo punidos e corrigidos".

Os nossos irmãos foram todos parar na prisão. Diogo sabia como libertá-los: pagou. Mas a cidade agitou-se e tornou-se ameaçadora. Circulavam rumores infames: reconheciam-se os judeus pelas dores que têm nas costas, por causa de uma pequena cauda que têm pendurada em penitência pela morte de Cristo. Os judeus não têm saliva, dizia-se. Lembro-me de uma estranha tarde de primavera; à porta da casa Mendes esperavam-me algumas crianças. Lançaram-se a mim e eu deixei, rindo, pensando que era uma brincadeira. Abriram-me as mãos à força e examinaram-nas com cuidado. "Não é!", gritou um deles. Agarrei-o por uma orelha e perguntei-lhe o sentido daquele costume bizarro.

— Senhor — respondeu ele sem corar —, é que os judeus têm nas mãos chagas que sangram todos os anos a 25 de março, e estamos justamente no dia 25 do mês de março... Mas vós não sangrais; não sois portanto um judeu.

Se tivesse uma simples arranhadela, teria sido imediatamente denunciado a Zandelin. O insânia de um século que consumiu tantas tochas vivas... & Mas o incidente significava que os rumores não nos poupavam, apesar das nossas mui cristãs precauções e das enfadonhas missas dominicais. Diogo decidiu convocar vários dos seus amigos, entre os quais Antônio de Ia Ronha, marrano de Lisboa, já estabelecido em Ferrara, onde os nossos irmãos viviam, há meio século, em tão boa harmonia com a família ducal que nem sequer haviam sido obrigados a converterem-se.

Quando Diogo declarou aberta a sessão, os rostos estavam tensos. O nosso feitor londrino, o bom Christopher, havia feito a travessia com esse fim. Os marranos reunidos naquele dia elaboraram planos a longo prazo que deveriam permitir à maior parte deles fugir um a um. Estavam presentes três dos mais poderosos negociantes: Manuel Lope, Manuel Serrano e Lope de Província, sem contar Antônio de Ia Ronna e Gonçalves Gomez, o nosso agente de Milão. Os nossos amigos contavam com este último para sacar dois mil ducados do nosso banco milanês, e desviar a atenção da comissão de vigilância, que acabava de ser constituída naquela cidade sob a autoridade de um homem temível, Jean de Foix, encarregado de impedir a fuga contínua dos marranos, de Estado em Estado, de cidade em cidade, através das fronteiras. Por toda a Europa as polícias esboçavam sérias nomenclaturas; o cerco apertava-se por todo lado.

Em Lisboa tivera lugar o primeiro auto-de-fé, bem diferente, na sua solenidade, das fogueiras sumárias ateadas pela Inquisição. Na Espanha, os processos sobre a pureza do sangue, graças aos quais se podia ser declarado não-judeu, tornavam-se mais restritivos. Era preciso, depois de um longo inquérito, jurar de joelhos, com a mão direita sobre um crucifixo pousado num missal, que não se descendia nem de judeus nem de mouros, declinar o nome

dos pais, dizer onde haviam nascido. Nenhum marrano escapava mais às malhas da rede. O futuro parecia sem saída. Proíbiam-nos de ficar, proibiam-nos de partir, queriam proibir-nos de viver.

A atenção concentrou-se em breve na sorte da família Mendes. Deveríamos obedecer ao dever de fraternidade e ficar, correndo o risco de ver os nossos bens confiscados, talvez as nossas vidas ameaçadas, ou deveríamos, como tanto havia desejado a contraditória Beatriz, partir rapidamente para Istambul? Antônio de Ia Ronha defendeu fortemente uma partida tão precipitada quanto possível. Diogo, hesitante, calava-se. Uma vez mais Beatriz interveio.

— Meus irmãos, todos aqui sabem que espero um dia viver em paz no refúgio otomano — disse ela em voz firme. Mas o Habsburgo é ainda nosso devedor, não é verdade? Então é preciso ficar; nem tudo está concluído com ele. Se nos entregar à Inquisição, há de querer confiscar-nos os bens. Ficar, na melhor das hipóteses, apenas com uma parte, já que temos agências que escapam ao seu império na Itália, na Inglaterra, em Lyon, e que é fácil para nós transferir as letras de crédito para onde quisermos. Estamos nas mãos dele, mas ele também está nas nossas. Se quiser crédito precisará nos proteger. Estamos retidos pelas dívidas que o Habsburgo contraiu junto a nós; é a nossa sorte e, talvez, a salvação de todos.

Pus-me a gritar: "Portanto, estamos prisioneiros!".

Voltou a linda cabeça e enfrentou-me.

— Estamos, Josef, estamos prisioneiros. Apenas por algum tempo mais. Mas havemos de ir para Istambul. Juro. Lembra-te da promessa que te fiz quando éramos pequenos... Cumpri a primeira; cumprirei a segunda.

Beatriz falava-me como a uma criança! Furioso, levantei-me para ir-me embora.

— Não te vás, Josef, peço-te — disse a vizinha imperiosa. — Precisamos de ti. Diogo acaba de receber um recado da regente: nenhum mal nos será feito na condição de nenhum dos nossos membros deixar a cidade de Antuérpia. Particularmente o senhor Juan Micas, teve ela o cuidado de acrescentar.

Corei. A regente...

— Sim, Josef — acrescentou Beatriz —, a regente tem um fraco pelo cavaleiro Micas. Ouve, Josef, é preciso que ela te deixe partir, só a ti. Irás a Istambul e prepararás a nossa chegada. Mas é preciso também que ela de nada saiba. São as nossas instruções, Josef.

Escrevi uma pequena carta a Maria da Hungria, onde retomava uma outra canção sefardita, La rosa enflorace, que me permitia um pequeno cumprimento, e confiei a carta a Maximiliano fingindo confessar-lhe que o meu mais querido desejo era fazer a guerra com o Habsburgo, como um fiel súdito do seu império, e que era esse o assunto da minha carta.

Maximiliano olhou-me de lado e riu-se.

— Tu, Juan, capitão? Aí está um papel que te cai mal! Es mercador, Juanito, mais nada... Mas darei estas linhas a minha tia. Ela adora-te, todos sabemos!

Pouco convencido, Maximiliano transmitiu lealmente a minha carta e o resultado não se fez esperar: a regente convocou-me.

— Caro Micas, nosso sobrinho disse-me que quereis deixar-nos? — disse-me ela com ar zangado.

— Vossa Alteza sabe que não é ela quem desejo deixar — disse eu com um daqueles sorrisos que aprendera a compor no meu rosto de jovem cavaleiro.

— Ah, Juan, amigo, não me mintas! — gritou ela, fora de si. — Queres partir para a guerra, já sei, queres ser capitão...

Era preciso passar ao ataque. Cai de joelhos.

— E que ganharei, Senhora, em permanecer aos pés de Vossa Alteza, já que ela é princesa e eu mercador?

Os dados estavam lançados; havia me declarado. Ela teria podido mandar prender-me por uma tal audácia; mas ocultou o rosto nas mãos.

— És cruel, Juan. Sim, vai-te ou já não respondo por mim. Ah, Juan querido, se alguma vez traíres o nosso segredo, mandar-vos-ei matar, a ti e à tua demasiado formosa tia Mendes...

Pobre Maria de cabelos grisalhos, tristes mãos enrugadas sobre umas feições ingratas... Teria gostado de a tomar nos meus braços, de a embalar, como uma mãe desditosa. Contentei-me em pousar os lábios na palma de uma das suas mãos que afastei, devagar, para a beijar. Ela deixou.

— Que fique entendido que a tua família permanece em Antuérpia — disse ela com uma voz alterada. — Só tu serás livre. Temos grandes projetos para os Mendes. Es verdad. Grandes projetos, Juan...

Depois, sem hesitar, redigiu ela mesma o salvo-conduto que me devia permitir juntar-me ao exército. A Maria da Hungria não faltava majestade. Despedi-me dela o mais lentamente possível. Estava no limiar da porta quando, de súbito, ouvi um grito:

— Juan! Jura-me que serás prudente! Volta!

Ah, Caraffa, então já não era a regente, mas uma simples mulher privada de carinho... Não me voltei e ainda hoje o lamento. Que me teria custado um beijo nuns lábios envelhecidos?

Beatriz leu o salvo-conduto assinado pela regente e não me fez perguntas. Ficou assente que tomaria o pretexto da guerra que o Habsburgo conduzia contra o renegado sardo Hassan Aga, rei de Argel. Era na direção de Istambul. Preparava-me, pois, para fazer parte do exército comandado pelo velho Andréa Doria, dez anos mais novo que o seu eterno adversário Barba-Roxa, que, aos oitenta anos, parecia ainda e sempre vigilante. E quando me aproximei do limiar da casa Mendes, ouvi o mesmo grito.

— Josef, jura-me que serás prudente! Volta!

Dessa vez voltei-me, Caraffa. Corri a lançar-me nos braços da minha Beatriz que chorava. Beije-lhe os cabelos loiros, os lábios jovens, a testa arqueada... Era então preciso apartar-me dela para que ela se deixasse, enfim, proteger?

Ia empreender, com os exércitos imperiais, a travessia da Europa, ao longo do Reno e do Ródano. Maximiliano fez questão de ajudar-me a reunir um excelente equipamento; juntos escolhemos as melhores espadas, a armadura mais leve e mais elegante, e hesitamos longamente na escolha da montaria, porque partilhávamos a paixão pelos belos cavalos. Prestei-me a esse amigável jogo com tanto mais empenho quanto era preciso fingir; a minha missão obrigava-me, com efeito, a desertar daquele exército de fachada na primeira oportunidade para chegar a Istambul por mar. Ninguém devia conceber a mínima suspeita, nem mesmo o meu caro Maximiliano. Gastei, pois, com constância e largueza. Depois os exércitos puseram-se em marcha, e cavaleguei, sem muita dificuldade, cuidando em não me misturar demasiado à multidão dos mercenários.

Não apreciei nem as grosserias dos soldados nem o desconforto dos acampamentos. Nem os veteranos alemães, de arcabuz ao ombro e espada à cinta, com vestes de muitas cores e fitas atadas aos calções, e aquele ar de quem quer devorar o mundo. Nem as casas pilhadas, nem as mulheres que fugiam mal nos avistavam, nem as que não fugiam, resignadas às violências... Os camponeses estavam esgotados por todos aqueles exércitos que não paravam de roubar-lhes os bens em nome do mesmo Deus. Não, não gostava dos caminhos que

conduziam à guerra, e conservo, daquela aventura temerária do ano de 1541, a vaga recordação de uma grande desordem em marcha, onde o vozear agitado se misturava à lama das estradas, sem um canto de céu livre para acalmar o espírito. Pelo menos, pensava, seria fácil fugir. Vi o Habsburgo de longe, torcido em cima do cavalo; o comilão tinha gota. Em Livorno, de onde o exército devia alcançar a Córsega, escapei; um dos nossos irmãos marranos havia preparado uma galera. Foi a minha sorte. A expedição de Argel foi um desastre para o imperador Carlos V; o seu exército foi dizimado pelo mau tempo; os temporais e o granizo engoliram-lhe os barcos, e o grande Fernando Cortez, seu almirante, antigo Conquistador, quedou-se impotente.

Depois, descobri o nosso mar, que não conhecia. O nosso Mediterrâneo, que meu pai Nasi dizia ser o nosso único universo. Quando embarquei não pude deixar de pensar que ia na direção de Jerusalém, nosso berço, do outro lado daquelas águas enfurecidas. Porque conheci primeiro o pior Mediterrâneo, violento, brusco, com rajadas de vento e alterosas vagas imprevisas. Depois o vento caiu; o azul do mar mudou para um violeta-agreste. Atrás da popa da galera, onde o barco deixa um sulco de espuma, dançavam grupos de alegres golfinhos que brincavam conosco, e erguiam, num poderoso salto, o focinho amigável acima das ondas. Não te preocupes, Josef, pareciam dizer-me, chegarás a bom porto... E, por vezes, como tantos viajantes o atestam, tinha certeza de que eles riam para mim.

Desembarquei, enfim, em Istambul, a maravilha, com as suas cúpulas, os seus minaretes como agulhas e os seus ciprestes sonhadores... Havia chegado à cidade dos sonhos de Beatriz, e compreendi então que Beatriz se parecia com Istambul: uma cidade branca e loira sob o sol, enigmática, uma cidade viva e protegida, bela aos olhos de todos e contudo fechada sobre os seus segredos.

Era a época em que Sinan, o arquiteto, construía para o sultão a ilustre mesquita que se eleva hoje sob os nossos olhos, a Suleimania, cuja altura e beleza deviam suplantar a antiga basílica de Bizâncio, Santa Sofia, inexcusável modelo de arquitetura, e obsessão dos mestres otomanos. Contra todas as regras usuais na família imperial, Solimão desposara havia pouco, com grande pompa, a primeira das suas cadinas, a quem os príncipes da Europa chamavam Roxelane e o Serralho, Hürrem, o que significa a Risonha. Era a época triunfante de um grande soberano conquistador e construtor que, merecidamente, era chamado de "o Magnífico", de tal modo é verdade que os inumeráveis estaleiros de Sinan davam à capital do Império Otomano um ar de ordem, de pujança e de atividade. E apesar de as ruas serem já tão lamacentas, tão atravancadas como são hoje, apesar de as casas serem de madeira escura, as varandas trabalhadas, os plátanos, as amoreiras e as fontes emprestavam àquela imponência um encanto incomparável.

E todas as noites, hoje ainda, quando o crepúsculo atinge Suleimania, reencontro um pouco daquele deslumbramento que se apoderou de mim no momento em que avistei pela primeira vez, à entrada do Corno de Ouro, a cidade onde vou acabar os meus dias.

Não tive tempo de sucumbir ao encantamento. Segundo as instruções de Beatriz, devia travar conhecimento com um dos nossos irmãos bem colocados e conceber com ele um plano para a instalação dos Mendes. A comunidade judaica não era ainda tão grande como é hoje; compunha-se de alguns fugitivos da Reconquista, chegados em 1492, e dos primeiros marranos desembarcados por volta de 1530. O Grande Senhor acolhia bem os judeus, a quem mais não pedia do que uma lealdade sem falhas e o uso de uma vestimenta de cor violeta.

E foi pelo traje violeta e pela pele que o enfeitava que reconheci um judeu influente, passeando simplesmente pelas ruas. Usava na cabeça um estranho barrete pontiagudo, cor de papoula. Tive sorte: havia encontrado Mosche Hamon, homem ainda jovem, médico do sultão. Já seu pai havia sido médico pessoal de Selim I, o sultão anterior. Não tinha ainda muita

influência, dizia ele, mas viria a tê-la sem dúvida. Escutou-me fraternalmente e prometeu-me ajuda.

Mosche Hamon precisava de tempo para chegar até o sultão, para poder, dizia ele, falar pessoalmente com o Padixá sobre o poderio dos Mendes. As leis do Serralho não lhe tornavam a empresa fácil: era preciso usar de astúcia com os janízaros postados à entrada do palácio, e, sobretudo, com os perigosos icoglãs, que soube serem pajens ferozmente ligados à pessoa do sultão, a quem protegiam melhor que os próprios soldados... Para convencê-lo a apressar-se, lembrei a Mosche Hamon as desgraças dos marranos, o batismo forçado dos judeus de Portugal, os primeiros autos-de-fé, o avanço da Inquisição, as prisões, as fogueiras... Não me pareceu muito comovido.

Explicou-me, coçando a barba, que não se podia levianamente avançar com uma tão grande idéia; o sultão, é claro, podia ter interesse na chegada dos poderosos banqueiros Mendes, mas Hamon deveria também convencer os judeus de Istambul, que, não se tendo convertido, não viam com bons olhos a chegada dos marranos, que consideravam como traidores da religião judaica, cristãos, em suma, pouco diferentes dos outros. Resumindo, Mosche Hamon mostrou-se estranhamente reticente.

Eu soubera que, contrariamente ao que afirmava, Mosche gozava de uma influência já considerável, e podia tudo no Serralho. Havia escondido o seu poder, sem dúvida por modéstia... Distribuí algumas liberalidades pela comunidade judaica, e fizemos negócio.

Em contrapartida, o médico pediu-me apenas uma coisa: mais tarde, quando estivéssemos em segurança em Istambul, ele queria ser admitido "na intimidade da família". Não prestei qualquer atenção, aceitei: depois regressei, sem desconfianças, sem cuidados, com a missão cumprida.

Ao cabo de algumas semanas, estava de regresso a Antuérpia: o tempo de atravessar o Mediterrâneo de Istambul a Ancona, depois, forçando a marcha e mudando de cavalo de cinco em cinco horas, subir do Adriático a Flandres passando por Gênova, Avignon, Lyon e Aix-la-Chapelle. Morto de cansaço, adormeci assim que cheguei e perdi a consciência das horas.

Ao acordar, perguntei por Beatriz. Diogo não me respondeu; achei-o estranhamente inquieto. Os suspiros de Reyna alarmaram-me ainda mais; soube finalmente que Beatriz recaíra na tristeza mortal em que eu a vira após a morte de Francisco. Ninguém conseguia vê-la; vivia retirada no quarto havia três semanas e, mais uma vez, não tomava nenhuma refeição. Algumas nozes, fruta, leite, era tudo. Nem sequer açúcar.

Espiando o momento em que uma velha criada ia levar-lhe uma jarra de água, consegui surpreendê-la e entrei à força. Pálida e desolada, enfraquecida, de olhos brilhantes, não se sobressaltou, não me sorriu, indiferente. Tomei-a nos braços e falei-lhe com uma doçura extrema, como se faz com os agonizantes. "Então o que tem a minha Beatriz que a deixa assim abatida?"

Voltou a cabeça, mas manteve-se aconchegada a mim.

— David Rubem morreu na fogueira em Portugal, em Évora — disse ela simplesmente. Depois começou a soluçar junto do meu pescoço, tão alto como se tivesse perdido um marido.

— Mas não choraste tanto por aqueles que foram queimados em Lisboa...

Bateu-me debilmente nos ombros com os punhos cerrados.

— Nunca percebes nada, Josef... Sem ele, perdi a força.

Tive a visão súbita de negrumes insuspeitados. Fora ela enfeitiçada? Afastei-a de mim, furioso.

— Estás doida, Beatriz... É essa a religião dos nossos antepassados? Queres seguir os caminhos dos falsos messias? Não chega a perseguição que nos movem?

Quantas vezes lhe terei eu dito estas palavras: "Estás doida, Beatriz?". A nossa vida inteira. Lembro-me que a abanei com tal força que as fitas da touca se lhe desataram e que o toucado se desfez. Não opôs resistência, feito uma boneca.

— Um dia, Josef — murmurou de olhos fechados —, compreenderás o sentido da nossa vida. Esse dia há de vir; já terei morrido. Não escaparás à Sarça Ardente, Josef... Ela está em mim e tu a herdarás para que te arda no peito, eternamente...

Mais sóbrio, larguei-a. Baixou-se, apanhou os fios de pérolas caídos do toucado, e atou os cabelos. Como era formosa, Caraffa, com os braços erguidos, a testa franzida, como qualquer mulher...

Depois voltou a ser Beatriz Mendes e nada mais, a não ser uma pequena madeixa rebelde e frisada, por cima da orelha, estava fora do lugar. Mas não fez qualquer pergunta sobre a minha expedição a Istambul; persistiu na sua desolação e pediu-me que a deixasse. Lembro-me de ter encolhido os ombros ao descer a escada.

Fui contar as coisas sérias a Diogo, que me escutou sem dizer palavra.

— Está bem, Josef. Agora podemos partir. Quanto tempo calculas que seja necessário a Mosche Hamon até que possa conversar com o sultão?

Hesitei. Hamon não havia sido claro.

— Um ano, talvez dois, não mais... O tempo das nossas meninas crescerem — acrescentei rindo.

Mas Diogo entristeceu.

— Teria preferido partir amanhã, Juan. Brianda... Ah, Brianda é demasiado jovem! Enfim, verás por ti próprio, Juan. Quanto à tua tia Beatriz, passa o tempo em jejuns e adivinhações. Esperava-te com impaciência, sobrinho, um único homem em casa não é bastante.

Falou-me das novas loucuras de Beatriz. Tínhamos um círculo de amigos, muitas vezes portugueses, por vezes espanhóis, e os nomes deles te são familiares, Caraffa. Havia Luis Perez de Saragoça, Martin Lopez de Villa-nevo, cuja irmã desposara em Bordéus um tal Eyquem, e um jovem, cujo nome de nascença era João Rodrigues de Castel Branco e que se tornou o grande, o querido Amato Lusitano, nosso médico, que por sua bondade e paciência bem terá merecido o ápodo de "Angelicus".

Uma noite chegara com eles Abraão van Almaengien, que, como o nome bem indica, era flamengo. Seu pai Jacob havia se convertido ruidosamente na Catedral de São João, em Hertogenbosch, no norte do Brabante: Filipe, rei de Castela e pai do Habsburgo, fora o padrinho. Jacob van Almaengien passou a ser Philipps van Sint Jan.

Sob o nome de cristão-novo, inventou uma religião conciliadora na qual judeus e cristãos admitiriam juntos a existência de um tsaddiq, um Justo, Novo Moisés que reformaria o mundo; seu filho, Abraão, continuava a obra do pai, embora ela tivesse sido condenada pela Igreja como herética. Até aí, Caraffa, não vi nada de mal na nebulosa empresa do nosso amigo flamengo. Mas Diogo fez-me sinal para esperar.

— Porque, vês, a esse Novo Justo, Philipps van Sint Jan chamava o Novo Adão. Assim, recomendava aos seus fiéis a nudez de Adão; por isso lhes deram o nome de Adamitas, por causa das cerimônias clandestinas onde tiravam a roupa para se parecerem com o pai da raça humana.

Dei uma gargalhada.

— E então? O filho Van Almaengien não terá talvez herdado todas as extravagâncias do pai Jacob, e pronto!

— E pronto, de fato — disse Diogo. — Mas esse Abraão fecha-se com Beatriz por muito tempo. E só o Diabo sabe o que eles fazem juntos.

Àquilo não achei graça. Beatriz nua no quarto com aquele flamengo doido? Cruzei-me com ele nessa noite; tinha um sorriso iluminado e uma pequena barba preta. Entrou no quarto de Beatriz; segui-o resolutamente.

Uma tina cheia de água estava pousada nos ladrilhos. Beatriz, de comprida camisa, lançou-me um olhar furioso. Segurava nas mãos um pombo degolado com a cabeça pendente a sangrar.

Saltei sobre o pássaro e atirei-o ao chão.

— A bruxa, Beatriz, lembra-te da pequena bruxa... Havia sido apanhada com um pombo morto, e queimaram-na, Beatriz!

Escutava-me, muito branca, semicerrando os olhos, como se procurasse em vão compreender. Já não tinha ar de quem pertence ao mundo dos homens. De súbito, não resisti e bati-lhe em pleno rosto. Tombou. Depois expulsei aquele maldito Abraão, que nunca mais voltamos a ver.

Beatriz amouu durante muito tempo. Não tinha sequer vinte e nove anos; ainda era apenas a jovem viúva Mendes e com as suas loucuras punha em perigo as nossas vidas... Amato Lusitano encarregou-se de lhe administrar algumas poções tradicionais, acompanhadas de conselhos apaziguadores; não havia melhor remédio para todos os males do que uma certa compota de rosas que ele preparava. Reparei que Diogo não tivera força para intervir; havia envelhecido.

Preparei-me para ir à presença da minha querida regente, a quem fiz um relato falso: uns piratas haviam-me raptado e fora feito cativo. Não fez qualquer comentário nem expressou qualquer emoção; visivelmente não dava nenhum crédito às minhas desajeitadas fábulas.

— Regozijamo-nos por vos saber de regresso, Dom Micas. Durante a vossa ausência travamos conhecimento com a jovem Brianda, que é da vossa família. Ela passeia com alguns senhores no pomar. Quereis acompanhar-nos até lá?

O pulso da regente foi pousar-se-me no braço e li-lhe no olhar uma espécie de desafio. O pomar estava cheio de frutos de outono, e gordas pêras com manchas cor-de-rosa caíam a cada passo. Foi pelo riso que reconheci Brianda. Um brilho de cetim vermelho entre duas árvores, uma pequena mão branca num tronco retorcido de uma pereira e, muito perto, uma grande mão de homem... Compreendi num instante a dor de Diogo. A regente havia jogado bem.

— Olhai, Dom Juan — disse ela descuidadamente —, é para nós importante que a vossa família esteja representada na nossa corte. Vós partistes. Vossa austera tia não sai nunca de casa. Sua jovem irmã, em compensação, é primorosa. Enfim, estamos muito satisfeitas por estardes de volta. Não haveis mentido, regressastes, está bem. Mas não nos faleis mais dos vossos piratas, querido mio...

Tinha o olhar duro. Ela sabia e vingara-se na fácil Brianda. Para tal servira o primeiro galante que apareceu. :

Diogo morreu por causa disso. Descobriram-no uma manhã, fulminado, atravessado no leito, a mão crispada sobre uma das roupas de sua mulher: Brianda, a infiel, havia encurtado a vida do esposo sob o olhar satisfeito da regente. Encontramos um testamento que Diogo

havia escrito pelo seu punho e encerrado num contador onde metia os mapas das cidades de onde os nossos irmãos fugiam, bem como os nomes e as datas da fuga. Diogo Mendes legava aos pobres mil e seiscentas libras; de cem libras, seria outorgado por ano um terço aos presos, outro terço aos mendigos e o último aos órfãos; se possível, em Portugal, e se não, em Flandres. Beatriz tornava-se legatária de metade da fortuna dos Mendes. Mas Diogo havia desapossado a mulher e a filha de todas as suas riquezas, em proveito da cunhada. Beatriz de Luna, Mendes de casada, ficava a gerir a totalidade da casa, a administrar os bens; tutelaria Brianda e a pequena Beatriz, sua sobrinha, a Chica; a viúva de Diogo receberia apenas o dinheiro do seu dote.

Diogo vingara-se por sua vez, tendo a prudência de preservar a integridade da fortuna Mendes das fantasias de sua leviana esposa. Quando tomou conhecimento do testamento do marido, Brianda ficou lívida e, imitando a irmã mais velha, fugiu para o quarto, de onde não saiu durante uma semana.

A regente escolheu esse momento para colocar os nossos bens sob seqüestro.

Seu irmão, o Habsburgo, tinha pressa de impor a ordem entre católicos e adeptos da religião reformada; para tanto queria convocar uma assembléia. Esses enormes ajuntamentos de dignitários eclesiásticos e nobres custavam muito dinheiro. Além disso, Carlos V queria expedir para as Novas índias quatro mil negros de África que Las Casas lhe havia pedido, a fim de aliviar a miséria dos indígenas: os colonos maltratavam-nos demasiado, eram necessárias novas forças e um pouco de caridade cristã. O imperador, decididamente, precisava da nossa fortuna.

A regente convocou-me e disse-me, numa voz muito suave, que, para liberar os bens de Diogo Mendes, exigia quatro mil ducados de ouro e ainda um empréstimo de dois mil florins.

Saudei-a sem uma palavra, sabendo que ela não cederia.

— Não dizes nada, Juan — disse ela subitamente quando eu já perguntava a mim mesmo se poderíamos fugir para Istambul.

Não respondi, e quando franqueava o limiar julguei ouvir: "Perdão!".

Mas não juraria.

Não tínhamos meios para resistir. O ano que Mosche Hamon pedira para entrar na intimidade do sultão não havia ainda decorrido. Pagamos o resgate. Os bens de Diogo foram liberados.

E Beatriz mandou gravar por cima do frontão, na grande casa onde, doravante, eu era o único homem, um título que não entendi: "Os herdeiros de Francisco e Diogo Mendes".

Ora, não havia verdadeira herdeira a não ser Beatriz. Olhava a pedra escura onde brilhavam as letras de ouro quando Beatriz me tomou o braço.

— Eis-nos sós agora, Josef, como antes. Tornamo-nos, nós, os Nasi, os herdeiros dos Mendes; é assim.

E assim, com efeito, me tornei, ao lado de Beatriz Mendes, seu cúmplice, seu parceiro e seu duplo.

Adeus cavalos, conquistas, esgrima e aventuras passageiras... Trabalhava com ela nos livros de contas, na armação das embarcações, suas cargas, seus percursos; lado a lado, dia após dia, hora a hora, não mais nos afastávamos. As nossas cabeças próximas tocavam-se às vezes, sentia o calor dela, podia quase enlaçá-la sem me sentir culpado. A noite, acompanhava-a até o quarto. Era feliz.

Havia sugerido que Brianda desempenhasse, junto da regente, o papel cortesão que recentemente eu tivera. Brianda herdou, pois, os meus cavalos inúteis e partiu em passeio com

os seus galantes. Beatriz aprovara a idéia; ocupada, sua irmã mais nova seria menos perigosa do que confinada numa ociosidade rancorosa. Durante algum tempo, os fatos deram-nos razão.

Seis meses mais tarde, Brianda voltou de uma das suas festas com um ar satisfeito. O cavaleiro que a acompanhava, dizia ela, desejava ser introduzido em nossa casa por ordem da regente. Dom Francisco de Aragão era primo dos Habsburgo; não tínhamos o direito de fechar-lhe a porta. Mas a ordem da regente não prometia nada de bom.

Dom Francisco apresentou-se no dia seguinte. Era um fidalgo barrigudo, cheio de denguiques afetadas, mas com um olhar bisbilhoteiro. Beatriz recebeu-o de pé, com cortesia; eu fiquei atrás dela. Esperávamos um pedido de empréstimo.

Nada disso. O fidalgo, depois de algumas gentilezas, espantou-se por não ver a jovem Reyna junto de sua mãe. Beatriz dominou a custo um movimento de surpresa. Respondi em vez dela que a menina estava doente. Dom Francisco, tossindo graciosamente, fez-nos saber que a regente o havia encarregado de levar Reyna, nessa mesma noite, à sua presença. Ele voltaria para buscá-la às sete horas.

Penso nunca ter visto Beatriz numa fúria tal. Andava de um lado para outro e derrubava tudo por onde passava, as cadeiras, a baixela, os vasos e as flores...

— A regente quer dar a minha filha a esse velhaco — gritava —, ela quer roubar-me a filha! Não há de ser assim, Josef, preferia vê-la morta!

A cada móvel que tombava ela repetia numa voz surda: "Morta!"

Aproximava-se a hora. Decidi que acompanharia minha prima até junto da regente; a minha presença haveria de inibir Maria da Hungria. Deixei Beatriz aos seus excessos e subi para preparar a pequena Reyna, que vesti com as minhas próprias mãos.

Ficou finalmente pronta, apertada num austero vestido escarlate enfeitado por um pequeno colarinho pregueado de quinze dedos de cambraia engomada; eu velara para que a sua pele ficasse inteiramente escondida, à exceção do rosto e das mãos. Reyna, com a carinha redonda e séria cingida numa touca vermelha bem de acordo, parecia uma infanta judia.

Dom Francisco irrompeu rodopiando em volta dela como um zangão. Preparava-se para lhe pegar na mão quando eu me antecipei.

— As nossas donzelas pertencem-nos, Excelência — disse-lhe eu com um grande sorriso. — E sou o primo de nossa Dona Reyna. Eu a acompanho.

A regente mostrou-se nervosa ao avistar-me. Dom Francisco não conseguiu dissimular um gesto de impotência. Enquanto os músicos afinavam os instrumentos, Maria da Hungria fez-me sinal. "Vinde, Dom Micas. E deixai vossa formosa prima: Dom Francisco cuidará dela."

Sua Excelência tomou a mão que eu havia tão bem protegido, beijou-a e falou ao ouvido da menina; a pequena, intimidada, recuava. Tive vontade de furar aquela senhorial pança com a ponta da espada.

— Estais um muito mau companheiro, Micas — disse a regente, que não tirava os olhos de mim. — Estareis vós enamorado de vossa prima?

— E se assim fosse, Vossa Alteza, onde estaria o mal? — respondi, sem refletir.

— Temos outros projetos, Micas — disse Maria da Hungria. — Queremos concluir uma sólida aliança, exemplar aos olhos de todos os cristãos-novos, e convencê-los a permanecerem no nosso país.

Beatriz acertara. Quando voltamos para casa, apertei Reyna contra mim.

— Jura-me, Reynita, que não casarás com aquele imbecil, jura! E ela, sufocada, de cabelos despenteados, ria com vontade.

— Mas, Josef, claro, não me apertes assim... A ele não amo — acrescentou ela.

No momento não prestei muita atenção àquela pequena frase, na qual, mais tarde, tive muitas vezes ocasião de pensar. A ele, ela não amava.

— Até que enfim, Naxos — resmungou o bufão. — Perguntava a mim mesmo quando falavas tu da tua futura esposa, que viste crescer, que quase criaste, e de quem não me dizes quase nada. Não crês que ela passa um inferno, a nossa duquesa Reyna, sabendo-te sob o mesmo teto, sem poder aproximar-se de ti, sem ter sequer o direito de te ver? Pois não vais renunciar nunca à tua cólera? Uma tão fraca criatura...

— Proibo-te de me falares de minha mulher, corcunda! E se quiseses que eu fale à tua duquesa antes de morrer, será melhor não me pedires. Que sabes tu dela? Nada ainda.

Minha prima Reyna chamava-me Josef como sua mãe; era tão frágil que eu tê-la-ia quebrado, como à mãe dela quando tinha a mesma idade. Teria perfeitamente podido amá-la desde esse instante, mas tinha outros cuidados em mente. Maria da Hungria havia encontrado em Reyna o único refém que a nossa família não podia tolerar. Era preciso fugir. Mas devíamos usar de astúcia; as nossas três damas, com a pequena Beatriz, filha de Brianda, iriam fazer um tratamento de águas em Aix-la-Chapelle. Eu encarregar-me-ia, uma vez mais, de pedir permissão à regente.

— E não voltaremos — concluiu Beatriz.

— Voltareis, desta vez — disse eu. — Porque sereis demasiado vigiadas e Mosche Hamon ainda não nos enviou o sinal da partida. Voltareis, sim. Resistiremos de qualquer maneira. No próximo ano recomeçareis; com a segurança da vossa promessa tão bem cumprida, a regente há de dar uma segunda permissão, e partireis para Aix-la-Chapelle com o mesmo pretexto. De lá ireis a Veneza, de onde embarcaremos para Istambul. O espaço de um ano permitir-me-á verificar o andamento das negociações com o sultão.

Pela primeira vez, Beatriz dobrou-se à minha vontade. Quando era a filha que estava em jogo ela perdia a cabeça; não contestou o meu plano. Mas, com toda a certeza, era demasiado astucioso.

Obtive a autorização da regente e as senhoras partiram para as termas. Mal haviam chegado a Aix-la-Chapelle, quando Dom Francisco se lhes juntou. Beatriz esteve de guarda à filha. Regressaram. Havíamos ganho dois curtos meses. Uma semana mais tarde, Dom Francisco fez o seu pedido oficial a Beatriz, que o rejeitou delicadamente, sob pretexto de que Reyna era ainda demasiado jovem para o casamento. O fidalgo pançudo retirou-se sorrindo. Na mesma tarde a viúva Mendes era chamada à presença da regente. Acompanhei-a.

— Senhora, dareis a mão de vossa filha Reyna a nosso primo Aragão — disse ela sem mandar sentar Beatriz. — Não queremos voltar a pedir-vos; para vós trata-se de uma aliança inesperada. Sabemos quem sois e de onde vindes — acrescentou com dureza. — Consultamos nosso irmão imperador, que não se opõe a essa união. Não nos obrigueis a prosseguir, Senhora; este casamento ficará concluído em três dias.

Não tive tempo de arquitetar qualquer jogada. Beatriz, qual arcanjo Rafael, brilhou de súbito como uma espada.

— Preferia vê-la morta! — atirou ela. — Vossa Alteza ouviu bem: a minha própria filha, preferia vê-la baixar à sepultura...

E sem mais, abandonou a sala, deixando a regente estupefata. Quis correr atrás dela, mas Maria da Hungria segurou-me pela capa.

— Se ela não obedecer, Juan, sereis todos queimados em praça pública, fica sabendo! Todos! Mesmo tu, Juan, mesmo tu...

Violenta, ciumenta, feia... pobre regente! Dei-lhe nos dedos uma pancada seca e libertei-me dela para sempre.

Nessa mesma noite, Beatriz exigiu que eu partisse em segredo com minha prima Reyna. Ela ficaria em Antuérpia, lamentar-se-ia publicamente e choraria a sorte de sua filha que um parente indigno raptara nas vésperas de um casamento decidido pela regente. Por fim, poria em ordem os assuntos financeiros antes de se juntar a nós.

— Mas a honra de tua filha, Beatriz? Poderá ela um dia fazer um casamento digno dela se espalha, mesmo sendo de propósito, que fugiu com o primo sem o consentimento da mãe?

Ela mandou sair Reyna, depois fitou-me longamente.

— Escuta, Josef. Quero que desposes minha filha. Hoje não nutres por ela outro sentimento que não seja afeição, eu sei; mas não podes recusar-te a salvar a minha única filha, a filha de Francisco.

A cólera apoderou-se de mim. A regente, Beatriz, Brianda, e agora aquela criança que eu não amava! As mulheres, todas aquelas mulheres... Gritei disparates: que se tivesse sabido teria feito a guerra para sempre junto do Habsburgo; que teria violado camponesas como um soldado; que ao fim de tantos anos era o bobo dela, um criado, nada mais; que tinha o direito de dar o meu coração a quem bem quisesse; que ela me roubava a vida; que jamais amaria outra mulher a não ser...

Interrompeu-me.

— ... a filha de Francisco, meu esposo, Josef — disse numa voz que não tremia.

Calei-me. Conhecia-a o bastante para acatar-lhe as ordens. Pousou-me uma mão na testa.

— Meu Josef — disse ela com brandura —, faz-te mal enervares-te assim, no momento em que é preciso reunir os pertences de tua noiva e deixar este lugar.

Passamos a noite a preparar a fuga. Era outubro, época das primeiras geadas. Contra o frio levamos braseiros e mantas, bem como aguardente. Encarreguei-me de reunir os sacos de moedas de ouro às quais juntei algumas gemas; Beatriz redigiu a toda pressa duas ou três cartas dirigidas a correspondentes que tínhamos no território da República de Veneza e nos Estados do Papa; traçou uma carta pouco clara das etapas do trajeto que deveríamos seguir. Passaríamos por terras germânicas, depois, na França, por Lyon, por fim atravessaríamos os Alpes antes de alcançar Veneza. Aí esperaríamos o tempo necessário para que Beatriz e Brianda pudessem juntar-se a nós, e seria em Veneza que Reyna e eu celebraríamos as núpcias; depois cruzaríamos o Mediterrâneo até Ragusa, onde tínhamos já alguns apoios; de lá partiríamos, por terra, para a capital otomana.

Ao alvorecer, Reyna, mal acordada, cambaleava de sono. O bafo dos pesados cavalos era vapor na madrugada gelada. Os primeiros clarões da aurora, o brilho sinistro das tochas seguras pelos nossos mais velhos criados — que sempre haviam estado conosco desde Portugal e que tremiam —, a grande massa escura da casa Mendes, que íamos abandonar para sempre, o silêncio das criadas, os primeiros corvos no céu da cidade, tudo aquilo partia o coração. Beatriz apertou a filha contra si com uma violência que me assustou; durante aquele

longo abraço deixei de ver Reyna, cuja cabeleira negra se confundia com a sombra de Beatriz. Dir-se-ia que mãe e filha formavam uma única e mesma pessoa, minha esposa e minha irmã.

Quando nos despedimos, Beatriz chorou, convulsivamente.

— Beatriz, Beatriz, vem conosco... Podemos fugir juntos, poderíamos... — murmurei-lhe junto à boca.

Mas ela, soluçando ainda mais, afastou-me:

— Vai, Josef. É o teu destino e é o meu. Tsimtsum... Vai e, sobretudo, trata-a com doçura.

Como da primeira vez, não compreendi a palavra hebraica que empregava Beatriz. Esporearam os cavalos. A pesada carruagem pôs-se em movimento e fez gemer a calçada. E de Beatriz não restou em breve mais do que uma silhueta em contra-luz. Deixava-a e levava em seu lugar, a meu lado, a filha.

— Aí está então como foste obrigado a desposar a minha duquesa, meu senhor — disse o corcunda. — Não vejo que seja razão para a tratares como fazes. Não te ama, ela?

— Escuta — disse o ancião sem responder. — Lá embaixo alguém toca Saltério, além, na outra margem do Corno de Ouro, na Ásia. O ar está tépido e o vento amoroso. Escuta a terna tristeza desta melodia; vem de Us-kudar, sem dúvida... Eu desejava música, ei-la. Apesar de otomana, ela assemelha-se às nossas canções sefarditas; herdamos-as dos zadjals compostos pelos mouros da Andaluzia, e habita-as a mesma nostalgia. Quando eu tiver desaparecido, Caraffa, lembrar-te-ás deste momento perfeito em que um alaúde longínquo se harmonizou com as nossas almas. E dirás a minha esposa que neste instante eu pensava nela. Nem uma palavra mais; ela está talvez escondida tão perto de nós que me ouve. Estou cansado. Afasta do meu caminho esses pratos inúteis, que me trazem na tentativa de me fazerem viver ainda um pouco. E deixa-me passar.

Quis levantar-se e não conseguiu. Dissimulada na sombra da varanda, a duquesa Reyna chorava.

Capítulo III

1545-1550 As prisões da Sereníssima

(A travessia da Europa; Juan Miquez e Reyna Mendes instalam-se em Veneza; Faustina; a chegada das senhoras Mendes; as intrigas de Brianda; Juan Miquez parte para Istambul.)

Segunda-feira, ao cair da noite

- Já não há ninguém, enfim - murmurou o ancião. - Sozinho com a cidade e o mar. Não te conto no número dos vivos, Caraffa: tu és a minha sombra. Escutas-me e basta. A tua duquesa, que acaba de sair e a quem sei que repetes tudo, tinha catorze anos quando, por ordem da mãe, a raptei.

Apertada contra mim na carruagem que nos levava, assustada por aquela fuga imprevista, a minha pobre Reyna adormeceu a chorar. E eu pensava sem descanso no que me havia dito sua mãe: "Quero que a desposes, Josef...". A maldita frase seguia o ritmo dos cascos e dos relinchos dos cavalos. Não! Não me casaria com aquela criança que não amava, não havia de fazer a infelicidade dela. Nem a de nenhuma mulher. Por que ligar a minha vida à de uma outra? Esperarei Beatriz. Esconderei a pequena, velarei por ela e serei seu tutor, seu primo, seu pai, mas não a desposarei.

Quando clareou, as lágrimas da noite haviam deixado marcas nas faces infantis; depois ela espreguiçou-se como fazem as meninas, e olhou-me com espanto. Não estava habituada a ver um rosto de homem mal acordava.

Atravessamos as terras alemãs, onde as sobranceiras catedrais lançam ao céu os seus pináculos. Aos estalajadeiros dizia que Reyna era minha irmã; ela não estava acostumada aos lençóis ásperos nem às cervejas fortes que nos serviram durante várias semanas, e passava o tempo a esconder-se atrás de mim para evitar os olhares demasiado curiosos. Estava-se a meio do outono, o céu baixo pesava como uma tampa, chovia cora freqüência e lufadas úmidas penetravam até sob as peles que levávamos. Muitas vezes, ao longo das estradas, os campos estavam em abandono; quando não haviam ardido, as sebes cresciam para todos os lados, invadidas por espinheiros e cardos; o gado errava, sem guarda. Aconteceu cruzarmos com estranhos camponeses, armados de grandes facas e forquilhas, que caminhavam para um destino desconhecido; o cocheiro perguntava-lhes aonde iam, mas, como resposta, brandiam o punho, ameaçavam, ou então mendigavam pão com raiva. Tinham fome. Muitas vezes, ao longe, um fumo negro subia de uma quinta. Vimos também vacas mortas e inchadas, de patas endurecidas; uma manhã mal tive tempo de agarrar a cabeça de Reyna para a impedir de ver uma mulher desventrada à beira do caminho. Soldados veteranos, barbudos, cujo uniforme não reconhecia - suíço, saxão, flamengo, sei lá -, passavam a galope, de lança ao ombro, sem motivo aparente. E ninguém sabia verdadeiramente as razões de tais desmandos.

Inesperadamente, chegávamos a pomares tranquilos onde se acabava de apanhar as últimas maçãs; recolhiam-se as nozes, assavam-se castanhas à volta de fogueiras, e não tínhamos nenhuma dificuldade em encontrar, a troco de algumas moedas, leite fresco, ovos e queijo. Passava-se, sem explicação e sem transição, de um mundo devastado por uma guerra desconhecida a uma paz igualmente misteriosa. Tudo dependia das querelas entre católicos e partidários da religião reformada; mas era evidente que bandos de salteadores aproveitavam a ocasião para saquear os campos que não eram guardados. Na França, a situação não era muito melhor; e, ao chegar à cidade de Lyon, senti um grande alívio por encontrar em casa o nosso feitor, a quem expliquei rapidamente as razões da nossa viagem.

Não me escutou até o fim, pensou que a viúva Mendes havia igualmente fugido, precipitou-se, procurou Beatriz no fundo da carruagem e ergueu o sobrolho ao avistar Reyna. Disse-lhe a verdade, mas abanou a cabeça. O bom homem não acreditava; eu seria para sempre considerado o sedutor da herdeira dos Mendes. Se não casasse com a prima que Beatriz queria forçar-me a tomar por mulher, desonrá-la-ia. Tal pensamento desesperou-me.

Reyna comportava-se como um animal doméstico; dócil, afável, muitas vezes adormecida, distraidamente curiosa do espetáculo que a viagem nos oferecia. Já então me seguia para todo lado, como hoje, em silêncio. Não me perturbava os devaneios.

Quando os cumes mais altos dos Alpes apareceram, paramos à beira de um regato de montanha para dar repouso aos animais. Um pouco de neve fresca brilhava ao longe sob um sol vivo. Reyna não pôde conter-se e bateu palmas alegremente.

- Como é lindo, Josef. Nunca vi nada tão branco na vida. Nem sequer- acrescentou - o vestido branco de minha mãe no dia do casamento da tia Brianda, lembraste, Josef?

Era um golpe certo que a pequena me dava no coração. Olhei-a atentamente: despenteada, de faces coradas, levantava a saia poeirenta e saltitava de pedra em pedra para colher brotos de hortelã de folhas já enegrecidas. Não era verdadeiramente feia. Mostrou-me o ramalhete rindo.

- Toma, Josef, é para ti. Um dia, quando casares comigo, dás-me outro...

Como ela dizia aquilo! Ingenuamente, com uma alegria sem idade... De súbito, deixou de rir e estendeu-me o buquê perfumado com aquele ar inquieto que jamais a abandona. "Não queres o meu ramo, Josef?", e a voz tremia-lhe.

Peguei nele; foi o meu primeiro gesto de esposo.

Descemos para o outro lado das montanhas, andando no meio de longas planícies cortadas por vastos campos arados; as vinhas enrolavam-se aos troncos dos olmos, e as brumas matinais davam-lhes o aspecto de estranhas divindades. O ar tornou-se transparente, a paisagem calma. Reyna ficava maravilhada com as falas musicais das criadas nas estalagens; reencontrávamos um pouco das sonoridades da nossa própria língua, as províncias italianas pareciam-nos familiares. De tempos em tempos, ouvíamos cantar as camponesas e Reyna debruçava-se na portinhola para melhor as escutar. A cerveja dava lugar a vinhos ásperos e alegres; o frio recuava, as guerras também. Os medos e as angústias afastavam-se como se escapássemos, por fim, a quem nos perseguia, e Reyna descontraíu-se completamente; eu não ousava perturbá-la. Um pouco mais tarde, avistei os pântanos salgados que brilhavam no crepúsculo, reflexos de ouro cor-de-rosa, ao longe, na neblina... Veneza.

A Sereníssima República de Veneza não era mais a cidade dominadora cuja fortuna havia sido feita por seus mercadores. Estava ainda, é certo, à cabeça de um império, já que ambas as margens do mar Adriático lhe pertenciam. O Friul, a ístria, a Dalmácia, Corfu, Galípoli, o estreito dos Dardanelos, as portas do mar de Mármara, Chipre, enfim, a rainha das ilhas... O Mediterrâneo, que lhe pertencera quase por inteiro, permanecia em seu poder. Para além da laguna, na terra firme, a Sereníssima havia alargado o seu domínio: Verona, Vicenza, Pádua, Bérgamo, Feltre, Treviso, Ravena, Cadore e Ceneda, todas essas cidades estavam sob o controle de Veneza.

Mas sabia-se que o Turco começava a pôr as garras de fora. Veneza havia já perdido duas cidades da Moréia, assim como os acessos ao Egito e à Síria; perto de meio século havia decorrido desde que a frota veneziana debandara diante da armada otomana, com uma tal

covardia que o rei da França, Luís XII, exclamara: "Os venezianos são ricos e prudentes, mas temem a morte!". E os reis esperavam as conseqüências daquela insigne pusilanúndade mercante.

Sim, Veneza havia perdido a bravura; Veneza, a indolente, faltava ao encontro dos Novos Mundos. E enquanto os reis da Espanha e de Portugal se empenhavam na conquista de outros universos, a República teria podido, pelo menos, servir de modelo às cidades, preservar as suas regras de cidadania e o rigor das origens que ela já não possuía no tempo em que lá vivi... Nem isso. A inação dos triunfos a havia corrompido profundamente.

Eu sabia disso. Entre os Mendes, Veneza não gozava de boa reputação; aquela grande prostituta do comércio europeu voltava-se para o luxo e para a facilidade. Descreviam-se os seus faustosos edifícios, enumeravam-se os novos palácios, que não paravam de ser construídos, condenavam-se-lhe as festas e a impertinência dos filhos de nobres famílias, esses valdevinos...

Ainda em Antuérpia, ao ouvir os mercadores boçais falar com desprezo da Sereníssima, eu havia feito de Veneza o meu quinhão de fantasia. A casa de Diogo inspirava-se no estilo dos seus palácios; as tapeçarias, as pinturas e os afrescos, as baixelas, quase tudo vinha de Veneza. Desde que pus o pé naquelas compridas barcas negras de proa encurvada a que chamam gôndolas, soube que amaria Veneza até à morte. Ao primeiro olhar lançado à sombra das vielas e dos canais, havia compreendido que Veneza, a insolente, Veneza, a debochada, seria a minha verdadeira medida. Soube também que, pelas mesmas razões, Beatriz jamais poderia viver feliz ali.

Lembro-me, foi ao amanhecer. As criadas, com grandes gritos graves, atiravam pelas janelas as águas sujas; os pestrineri apregoavam o leite, os barqueiros de olhos lentos esperavam os clientes, enquanto um sino de som imenso, o Marangona, parecia ralar com toda aquela gentinha como uma mãe rala com os filhos. Ao correr dos canais acostavam as barcas carregadas de fruta outonal e de legumes desconhecidos; em breve, cresceu um surdo rumor onde se misturavam todos os falares da Europa. Reconhecia os rugosos idiomas dos mercadores germânicos, as inflexões torneadas dos franceses, o rouco cantante dos sicilianos, as cristas rochosas dos gregos, e a encantadora língua de Veneza. Mas aqueles sons misturados não feriam o ouvido; o que, em qualquer outra parte, teria podido chamar-se algazarra ou tumulto dava, pelo contrário, à alvorada veneziana o encanto de uma música nunca ouvida. Escutei trinados semelhantes aos dos pássaros e gargalhadas; ergui os olhos e vi, por cima das tapeçarias resplandecentes que pendiam da ponte do Rialto, a leve multidão das mulheres que passavam.

Reyna mantinha-se calada, carrancuda. Parecia ciumenta e creio que tinha razão; eu sentia por Veneza um arrebatamento quase físico.

Atravessamos os canais até à ilha dos judeus, onde o nosso feitor de Lyon me havia indicado uma estalagem discreta onde a virtude de Reyna seria protegida. Pousei o meu baú, instalei minha prima, pedi-lhe que desfizesse as nossas bagagens e apressei-me a sair. Deixei-a sozinha sem sombra de remorso; quando Beatriz não estava, que homem ruim eu era, Caraffa...

Já conhecia Istambul, onde a luz cintila sutilmente como em Veneza e uma brisa idêntica respira docemente; as brancas cúpulas da Basílica de São Marcos parecem-se com os mamilos das mesquitas que vemos daqui; os mesmos gritos de barqueiros ritmam o despontar do dia, e em ambos os portos ecoam os ruídos de uma atividade comum, febril e animada. Nacaradas como pérolas de água negra, Veneza e Istambul, igualmente inapreensíveis, exigem

que a gente esqueça o próprio passado e que a elas nos entreguemos, de alma e coração, simultaneamente inexperientes e conhecedores, como se já houvéssomos vivido ali em uma vida anterior. Percorrendo a Piazzetta, entrava, pois, na posse de um dos meus antigos reinos.

Como em Istambul, abundavam as marcas do Império Bizantino. Os quatro cavalos de ouro que dominavam a basílica haviam sido arrancados do Hipódromo de Bizâncio; vinham da nossa grande praça, ali, atrás da Santa Sofia, de que vês o grande zimbório bochechudo, além do Serralho. Respirava-se em Veneza o mesmo ar de pujança e de conquista que apenas é dado pelos séculos passados, que escurecem as paredes das casas e fazem com que as pessoas caminhem ousadamente, com arrogância e sem cuidados.

Mas em Veneza havia as mulheres: fortes camponesas que vinham vender legumes gritando alegremente, belas patrícias um pouco hirtas nos seus vestidos de brocado e putas de cabelos ruivos... Chegara aos meus domínios.

Confesso, Caraffa, não cuidava de Reyna. Havia decidido prudentemente que, para seu próprio bem, ela não devia sair; quanto a mim, cabia-me preparar a chegada das senhoras Mendes, e encontrar uma morada digna da nossa condição.

Desde 1516, os judeus tinham se refugiado num bairro separado ao qual se dava o nome de Gueto. A maior parte deles havia vindo de cidades italianas, Treviso, Verona, Bassano, trazidos pelo medo dos massacres; a partir de 1527, pregadores fanáticos haviam aproveitado a ameaça dos lansquenets de Carlos V para excitar as populações contra os judeus e pedir a sua expulsão. Existia, de fato, em Veneza, um velho decreto de expulsão, promulgado em 1497, e que a Sereníssima havia evitado aplicar. Como todos os governos da Europa, Veneza tinha grande necessidade do nosso dinheiro; havia, pois, escolhido conservar no seu seio o nosso povo, mas reunindo todos os seus membros num mesmo lugar e aumentando-lhes as tarifas das contribuições financeiras. A comunidade judaica vivia confinada no Gueto, onde os judeus usavam obrigatoriamente, como noutros lugares, o chapéu amarelo e o distintivo no traje.

Pouco a pouco, ávida organizara-se; os venezianos de origem haviam deixado o bairro reservado, e os judeus haviam construído, em 1528, uma sinagoga muito grande e formosa; tinha o nome de Scola Grande Tedesca, e nela se usava a linguagem asquenaze, porque os primeiros judeus que aceitaram entrar para o Gueto eram quase todos alemães; uma outra, a Scola Canton, com a mesma língua, acabara de ser construída havia pouco, em 1531. Mas nem uma nem outra praticavam os ritos sefarditas; os nossos costumes não eram reconhecidos, e nós, os marranos, permanecíamos isolados. Também não tínhamos afinidades com os judeus levantinos, que usavam turbante, balandrau e barba como os de Istambul; tinham, aliás, fundado a sua própria sinagoga, a Scola Levantina. Existia já um número suficiente de marranos, chegados havia pouco, para se pensar em empreender um dia a construção de uma quarta sinagoga, onde o rito seria concedido à língua judeo-espanhola. Mas isso seria reconhecer um judaísmo que contradizia a aparência de conversão cristã e ainda não chegara esse momento. Naqueles tempos ninguém queria confundir os marranos com os judeus: nem os primeiros, por receio, nem principalmente os segundos, chocados pelas conversões. Disseram-me recentemente que as obras haviam começado; é bom sinal. Há quatro anos, em 1575, creio eu, edificou-se em Veneza uma Scola Italiana nova que reúne os judeus "italianos"; meglio ancor.

Quando cheguei a Veneza, esse problema era ainda sensível o bastante para que os interesses dos marranos tivessem sido confiados a um "procurador do povo dos cristãos-novos", que devia defendê-los ou acusá-los em caso de judaísmo demasiado evidente. Pura

hipótese, poder-se-ia pensar; em Veneza, a liberdade não era uma palavra vã, e os marranos não pareciam excessivamente ameaçados. Pelo menos foi o que eu quis ingenuamente crer; ninguém teria podido convencer-me da vilania da República. Acreditava que ela estava suficientemente segura de si para não fazer o jogo da Inquisição.

Mais tarde, descobri a obsessiva presença de espiões do Conselho dos Dez, que acabava justamente de agregar a si o apoio de três inquisidores; trabalhavam a partir das denúncias dos chefes de bairro e dos "confidentes", que, por vezes, se contentavam em introduzir as acusações na boca de um leão de pedra, o leão da morte, embutido numa parede do palácio dos Doges. Interrogatórios, sentenças, execuções, tudo permanecia secreto, e as pessoas podiam desaparecer em Veneza, assim, sem mais nem menos.

As regras, para certos mercadores, eram muito severas: os súditos de Carlos V deviam aboletar-se num vasto edifício, residência admirável, suntuosamente pintada de afrescos recentes, que lhes estava expressamente reservada no Grande Canal. Mas aí os mercadores deviam declarar tudo o que possuíam e só podiam ir-se embora depois de terem gasto ali mesmo o produto das suas vendas. Isso não se aplicava a nós; dedicava-me a procurar um palácio para alugar longe do Gueto e dos edifícios alemães. Beatriz, que sabia das dificuldades dos marranos para se integrarem nas comunidades asquenazes vindas do norte, havia me recomendado que nos afastássemos dessa comunidade e, sobretudo, que não nos misturássemos com os simples mercadores; a fim de melhor nos proteger, ela queria uma casa patricícia, que nos elevasse ao nível da nobreza. Para o breve tempo que devíamos passar em Veneza, não era necessário correr o menor risco; e se nos aproximássemos demasiado dos nossos irmãos, poderíamos ficar moralmente prisioneiros do Gueto.

Usei tal obrigação como pretexto para vagabundear sozinho e não demorei muito tempo a ligar-me às mais elegantes prostitutas venezianas, que me recebiam à luz das velas, de seios cobertos de pérolas, com risos estrepitosos. Soberbamente pintadas, afetavam uma maldade que estava muito em moda, maltratavam os escravos negros, os morettos, e zombavam do meu nome. Dom Juan Miquez, simplesmente? E de onde vem este grande senhor? Príncipe de Parte Nenhuma? De Portugal ou de Antuérpia? Cristão? Ora, ora! Judeu, sem dúvida? Banqueiro? Antes assim, Excelência...

As minhas formosas amigas cedo adivinharam em mim o libertino debutante e foi com prazer que me iniciaram nos seus jogos coletivos; eu, que jamais havia prolongado uma carícia, aprendi a servir os amores femininos, no decurso de enlances variados onde não distinguia mais o corpo de Giulia do de Viola, nem sequer dos outros, rapazes ou moças, Eggidio ou Anetta, Gennaro, Bianca, e mal reconhecia, ao cabo da noite, o meu próprio. Corrigiram-me as maneiras de soldado velho, e devo-lhes ardentes prazeres; além do mais, ensinaram-me uma espécie de discreto e duradouro recuo diante daquilo a que os homens chamam, ingenuamente, amor. Tudo nelas me agradava, até o modo pelo qual obtinham cabelos de um tão belo tom arruivado: tratavam-nos com urina masculina, estendendo-os sob as grades dos lugares utilizados para esse efeito, de onde eram copiosamente regados pelos homens.

Um dia, na antecâmara de uma delas, vislumbrei verdadeiros cabelos loiros, claros como os de Beatriz. Aquela cabeleira não havia sido submetida ao tratamento veneziano; olhei a pequena mais de perto. O carmim estava mal aplicado; tinha os olhos muito afastados um do outro e uma boquinha severa que não sorria. Eu estava num lugar de prazeres; peguei-lhe no queixo, mas libertou-se bruscamente. Fiz com ela o que um dia atiraria à cara de Beatriz: possuí-a com rudeza, como se a violasse, como se me vingasse. E ela sempre calada., o que me intrigou.

Tudo o que dela sabia é que era filha ou amante de um mercador de Munster, que a tinha instalado para uma breve estada, e que nunca mais a viera buscar, mercadoria abandonada no cais. Haviam-lhe dado o nome de Faustina; devia ter apenas quinze anos e falava uma língua esquisita, feita de veneziano e alemão.

De cada vez que a forçava, ficava à espera de um sinal, de uma palavra, de um suspiro, mas nada; estendia-se e não oferecia resistência, o olhar apagado, sem um sorriso. Faustina animava-se apenas quando afagava o seu cão, um bichinho branco de pêlo comprido, com um focinho achatado, ao pescoço do qual ela havia atado uma fita segundo a moda do tempo. Acabados os nossos folguedos, o animal subia para a cama latindo, e a minha amante dispensava-lhe mil ternuras que me davam que pensar. Ia-me embora insatisfeito, mas não podia passar sem ela. Em breve a instalei numa casa onde a visitava todas as noites.

O meu arroubo pela indiferente tornou-se tão notório que uma noite, quando saía de manto ao ombro, Reyna atravessou-me o caminho.

- Primo Josef, não vás lá mais, peço-te... Fazes mal a ti mesmo, é uma pessoa que não te ama, e...

- Reyna! Como é que sabes?

- Sei, pronto! - gritou ela batendo o pé como a mãe, e lançou-me as unhas à cara. Agarrei-lhe as mãos e bati-lhe - como a sua mãe.

- Então, gralhazinha, não sejas tola. São coisas de que não entendes nada; feriste-me, olha, estou sangrando. Deixa-me passar!

Consegui afastá-la sem a machucar e fui-me embora correndo. De longe, ouvi-lhe a voz entrecortada pelos soluços: "Quando casarás comigo, Josef, Josef, quando?".

- Já então a fazias sofrer, filho! - disse mansamente o corcunda.

- Ordenei-te que não me falasses da duquesa, bufão. Tenho culpa da mãe dela me ter imposto que me enamorasse de minha prima? Detestava-as ambas, Reyna e Faustina; mas a puta cobrava dinheiro; era mais claro.

Depois recebi de Antuérpia um recado de Beatriz. As senhoras Mendes haviam, como previsto, obtido da regente uma nova autorização para ir às termas em Aix-la-Chapelle; por esse sinal soube que iam fugir e que chegariam em breve. O recado dava-me um prazo que eu deveria ter esperado impacientemente, mas os dias passaram demasiado depressa; sentia, sem que o pudesse explicar, que o tempo dos meus amores com Faustina estava contado.

Havia encontrado, não longe do cais de Zecca, um palácio de mármore e tijolo, construído no século anterior, com grandes escadarias ornadas de estátuas que me lembravam Faustina, e janelas flanqueadas por colunetas em espiral. Quis para Beatriz uma residência digna dos Mendes; penduraram-se tapeçarias nas quais deuses barbudos dirigiam galanteios a mulheres indefesas; um touro divino deitava o olho à branca Europa, e Tritões de mãos escorregadias esfregavam as escamas na pele frágil das Nereidas.

Estenderam-se tapetes por todo lado, não se pôs palha. Enfim, cedi à moda e comprei quadros.

Foi assim que conheci Ticiano de quem viste, Caraffa, o nu deitado em veludo púrpura... Faustina aceitou posar para Ticiano como aceitava qualquer coisa, com indiferença; contentou-se em exigir a presença do seu cão favorito. A única recordação que me resta de Veneza é o quadro que retrata uma puta muda, de cabelos de um loiro transparente e que me pertencia. Grande coisa... Faustina estava despida até o fundo da sua alma vazia. Mas aquele corpo silencioso tinha apagado, pelo menos durante um tempo, a memória de Beatriz.

Ela chegou numa linda manhã de verão, com um daqueles calores insuportáveis de que Veneza tem o segredo; a brisa fugira, os canais fétidos estavam atulhados dos lixos habituais, e o Marangona parecia dobrar a finados por uma morte invisível. Fui ao encontro de minhas tias no campo veneziano, para os lados de Brenta. Brianda, corada e suada, desmanchando os cabelos ruivos, queixava-se em voz azeda do desconforto do coche, da sujeira das ruas de Lyon, e torceu o pé na primeira pedra que apareceu.

Beatriz atirou-se ao meu pescoço e pousou a fronte no meu ombro com um pequeno suspiro animal. O eterno vestido preto estava coberto de pó; tinha má aparência, a tez acinzentada, mas, quando levantou a cabeça, ali estavam outra vez o beicinho de menina e o olhar imperioso. Alguma coisa se quebrou em mim e disse adeus a Faustina. Beatriz estava de volta à minha vida; eu já não era livre.

Instalei-as no palácio de Zecca. Brianda maravilhava-se com tudo, mas vi Beatriz entristecer. "Que fizeste, Josef", murmurava olhando os candelabros e os brocados. "Que fizeste, isto não está a meu gosto..." Passou rapidamente diante dos deuses e dos Tritões, parou diante do retrato de Faustina, e varreu o espaço com a mão como para o apagar, com um gritinho.

Havia oferecido a Beatriz um palácio maravilhoso que ela não queria. No seu quarto não reparou em nada e procurou com os olhos o móvel onde pudesse pousar o cofre que havia conservado nos joelhos ao longo de toda a viagem.

Depois de arrumar o cofre, fez-me sinal para que me sentasse. O mundo de Beatriz só se animava com o coração de Francisco pousado num móvel. Sorriu, por fim, satisfeita.

- Francisco já chegou, Josef. Temos que falar.

Reyna não se havia ainda juntado a nós. Beatriz fez-me mil perguntas sobre a filha: se tinha dormido, o que tinha comido e bebido, como havia suportado a viagem e a ausência da mãe; em seguida, após um silêncio, não agüentou mais: "Quando é que te casas com ela, Josef?".

Atirei-me para o colo dela. Não podia responder. Podia eu lembrar Lisboa? Podia revelar Faustina? Conservei-me em silêncio. Afagou-me a cabeça e suspirou. "Não faz mal, irmãozinho. Hás de casar com ela um dia. O que tens no coração, meu Josef, vai ser preciso que eu arranque com as minhas próprias mãos..." Depois afastou-me bruscamente e sua voz tornou-se dura.

- Bom. Falemos seriamente, Josef. Iremos buscar Reyna daqui a pouco, e agirás de forma a sermos discretos. Quando passamos em Lyon o nosso feitor preveniu-me que a Inquisição assediava Veneza; as autoridades da República podem tratar-nos como a regente de Gand. Vamos abandonar o patronímico dos Mendes, demasiado ilustre e perigoso; suscitaria cobiças em excesso; vou retomar o meu nome marrano, Josef, e esta casa será o palácio Luna. Ah, Josef, como tenho pressa de partir para Istambul! Lá poderei chamar-me Gracia, o meu único nome verdadeiro. Tens notícias de Mosche Hamon?

Não tinha nenhuma.

- E um desastre a mais - murmurou Beatriz.

E contou-me o que se passava em Antuérpia. A regente não dera ainda a última palavra. Ao saber da fuga das senhoras Mendes, fora tomada de violenta cólera e havia, uma vez mais, mandado pôr as nossas letras de crédito sob seqüestro. Não estávamos desprovidos de apoios: Maximiliano, de um lado, e a corporação dos mercadores, do outro, podiam ajudar-nos a reaver os nossos bens. Mas essa partida, era a mim que competia jogá-la. Ia deixar Veneza, retomar as estradas da Europa, afastar-me de tudo o que amava no mundo, a alma de Beatriz, o corpo de Faustina...

Ao cair da noite, fomos buscar a pequena Reyna, que beijou a mãe com exaltação; tive vergonha. E a fim de as deixar entregues àqueles enternecimentos, fui ter com Faustina para um frio enlace que se assemelhava a um adeus. Regressei finalmente ao palácio para o jantar do reencontro. Brianda perorava sobre as canções que havia arranjado em Lyon, sobre a moda feminina na França, sobre as jóias que ela havia já tido tempo de avistar nas mulheres de Veneza; Beatriz pousara a mão na de Reyna, radiante. Eu contemplava a mãe e a filha; a primeira, desesperante de beleza, a outra, com os cabelos de asa de corvo e a tez escura...

Logo no dia seguinte, voltei a Antuérpia forçando a marcha; numa curta semana, com a ajuda de um céu limpo e primaveril, cheguei sem novidade. Encontrei a casa Mendes fechada, as portas guardadas por soldados; os nossos criados haviam encontrado refúgio aqui e ali, por todo lado, em casa de nossos irmãos marranos. Corri a esconder-me em casa do amigo Amato Lusitano, o médico, que evocou a saúde de Beatriz com preocupação. Os langores haviam recomeçado, ela suportara mal o exílio forçado da filha, e cruéis dores nas entranhas haviam-na afetado constantemente. Eu tinha outras urgências; repassei com ele a situação dos marranos, e pus de pé os meus planos. Foi preciso encontrar-me com os amigos mercadores, um a um, que me prometeram apoiar a nossa causa junto do burgomestre da cidade.

Esse homem esperava-me numa grande sala abobadada, com as mãos espalmadas nos joelhos roliços, teimoso como um boi. Tinha defronte de mim uma parede de músculos e estupidez. O apoio dos mercadores importava-lhe menos do que as ordens recebidas.

- Vedes vós, senhor Miquez - disse-me ele com lentidão -, sabemos perfeitamente que a vossa família retomou a religião dos inimigos de Cristo. Temos acusações precisas que dizem respeito a fatos dignos de fé. E isso não é tolerável, entendeis, não é... tolerável.

O gordo procurava com dificuldade as palavras, e voltava sempre ao "tolerável". Era-se cristão-novo apenas se vivia na sombra, participando discretamente na edificação da fortuna flamenga. Mas deixava-se de o ser quando se era demasiado rico, quando se vivia também para si mesmo e quando se dava demasiado nas vistas; então, não se era mais do que um judeu, clandestino e intolerável. O burgomestre empenhava-se em provar à Inquisição que éramos judaizantes. Tive de apresentar testemunhas que haviam assistido ao mui cristão casamento de Diogo e Brianda.

Tive de relembrar a nossa presença dominical nas missas, de atestar os nossos copiosos repastos de sábado, as nossas chaminés fumegantes, e mesmo de recordar a contabilidade - que havíamos prudentemente estabelecido - das farinhas que, segundo uma acusação malévola, teríamos comprado à sexta-feira.

- Mas vedes vós, senhor Miquez - repetia o burgomestre -, não é suficiente. Temos ordens, ordens, entendeis! Podeis certificar-nos que vosso pai não era judeu? Podeis afirmar-nos que jamais celebrastes o Shabbath atrás dos postigos fechados? Na nossa terra nós tememos o Diabo, senhor Miquez...

O homenzinho suave em bica. Por fim, invocou, hesitando, o nome da regente, e aconselhou-me com insistência que fosse lançar-me a seus pés. Cheirou-me a armadilha. A rebente reter-me-va. como temem na corte, e ficaríamos todos prisioneiros dos seus caprichos.

Mandei levar um recado a Maximiliano, em quem continuava a ter confiança, e recomendei-lhe a maior prudência. Respondeu-me marcando um encontro em campo aberto, perto de um pôlder em construção. Achei-o na mesma, sempre trocista e frívolo, mas também

sempre fiel; beijou-me com afeição sincera, achou-me magro e crestado, com, disse ele, uma dureza nova no olhar. Com ele podia falar livremente. Escutou-me com atenção.

- O teu caso está feio, amigo Juan, mein Freund. Minha augusta tia está com a corda no pescoço; as suas manhas autoritárias cansaram os burgueses de Flandres, e há sinais de revolta nos mercadores. Poder-se-ia imaginá-la mais prudente, menos rígida; mas é o contrário. Gott verdammt. Ela não está com disposição para negociar, e não te perdoará. Niemals. Pois vê: tu fugiste com a herdeira a quem ela arranjava casamento à sua maneira, e que não é nada mal apessoada, ao que consta!

Maximiliano deu uma gargalhada.

- Estou vendo minha tia, a regente, com aquele falso ar de monja e aqueles cálculos sutis, enraivecida por ver o seu formoso mancebo fugir com outra! Ela não gosta que ninguém lhe escape, weisst Du?

Refletiu.

- Mas obedece cegamente às ordens de seu irmão imperador. Não é, pois, apenas por espírito de vingança que ela retém as vossas letras de crédito; não o teria ousado sem instruções precisas. Meu tio Carlos de Habsburgo acaba de sair de Bruxelas, onde estava se tratando da maldita gota, para ir a Ratisbona, onde se apresta a reunir uma daquelas assembléias de que tanto gosta. Desta feita quer um grande sínodo universal para reconciliar a sua religião e a outra, a nova, da qual os príncipes alemães se tornaram defensores. Sabes, Juan, que não desgosto da religião reformada, e acho que Lutero tem razão ao querer purificá-la um pouco; mas o imperador também não deixa de ter razão; é preciso acabar com essas perpétuas guerras. Frieden, nur noch Frieden. E preciso negociar uma paz entre as religiões. Partamos juntos para Ratisbona, vamos ter com ele; arranjarei uma maneira de ele te receber. Terás em face de ti um verdadeiro interlocutor, e não uma mulher que supostamente o representa... Não vejo que se possa fazer outra coisa, Juanito. Nichts anderes.

A aventura era perigosa. Se não conseguisse convencer o imperador, a nossa ruína seria certa e a nossa fuga impossível. Podíamos perder tudo de uma só vez. Mas Maximiliano dizia a verdade; não havia outra saída.

- E não te atrevas a desertar pelo caminho como já fizeste, traidor! - disse ele dando-me um encontrão. - Não te avisei que não eras um soldado? É como banqueiro que precisas falar ao imperador meu tio. Bastará que negocies o vosso resgate...

Aquele príncipe amável falava muito, mas acertava.

Partimos sem grande pompa para uma viagem amigável e aprazível. O herdeiro da coroa da Áustria tinha direito a forte proteção, e mesmo para uma viagem tão particular como a nossa, uma pequena escolta de homens de armas acompanhava-o para todo lado. Nada de hospedarias ao acaso, nem de cervejas demasiado fortes; parávamos nos palácios dos bispos, ou nos paços dos conselhos, onde as damas alemãs nos acolhiam com os seus chapéus sem graça e os seus colares de pedrarias apertados no pescoço; algumas, apesar dos ares reservados, mostravam atrevidamente o início dos seios e deitavam-nos tais olhares de virgens loucas que eram de condenar um dominicano às penas eternas. As camas eram feitas com lençóis macios e nada faltava para a nossa satisfação. Mas os campos alemães continuavam a sofrer; o centeio que mal tinha saído da terra havia sido devastado, e eram já sem conta as casas incendiadas. Pelo caminho, Maximiliano falou-me das suas próprias preocupações; receava que o seu poderoso parente o casasse contra sua vontade, como acontece a todos os príncipes, e como aconteceria em breve a seu Primo Filipe, que se viu casado com a rainha Maria Tudor da

Inglaterra. Em compensação, a Assembléia de Ratisbona interessava-o vivamente; o moço tinha já o estofo de um verdadeiro rei.

- Não se mantém um império unido sob a ação de violências religiosas, ou então corre-se o risco de vê-lo desintegrar-se. Meu tio vai ter que ceder. Por muito beato que seja, conhece a arte do compromisso - e está aí a tua oportunidade, Juanito. E verás, Ratisbona é uma cidade dissoluta, onde as mulheres vão aos banhos ao mesmo tempo que os homens... Ach, diese Weiber! Ah, fica longe a Espanha Mui Católica! Em Ratisbona, pelo menos, vive-se abertamente. Pergunto a mim mesmo que pensa disso meu tio, agarrado à viuvez e às suas devoções...

Não íamos tardar a saber. O Habsburgo, tolhido pela gota e animado por humores sombrios, havia levado uma vida austera e confinada até o dia em que, negligentemente, um príncipe alemão fez entrar no quarto imperial uma moça jovem e bem provida de carnes. Contra todas as expectativas, o viúvo inconsolável sucumbira imediatamente; Ratisbona realizara um milagre. A donzela dizia chamar-se Bárbara de Blomberg; mas dizia-se à boca pequena que era filha de um simples artesão, e que era de má vida.

- Sehr gut! Até já gosto dessa linda menina - disse Maximiliano ao saber da notícia. - Meu tio há de estar mais brando, como carne mergulhada no molho, o que só pode ser bom para o teu caso.

Por fim, após uma longa semana, o meu amigo mandou me dizer que o imperador me receberia sem testemunhas, ao levantar, depois das orações da manhã.

Vesti-me sem elegância, do modo mais singelo deste mundo, evitando as rendas e as plumas, e esforcei-me por adotar o comportamento submisso que convém simultaneamente a um requerente e a um credor. Esperei numa daquelas antecâmaras onde os conselheiros dos príncipes falam em voz baixa. Depois, mandaram-me entrar sem ruído, como no quarto de um morto.

O Habsburgo usava um simples gabão preto, como este com que hoje me vês, Caraffa. Mantinha-se muito ereto, encostado ao braço de uma poltrona; não era alto, e contudo pareceu-me enorme. A lenda não mentia: uma bocarra glutona ocupava-lhe metade do rosto, apesar de uma barba ainda loira que não conseguia dissimular a terrível e possante mandíbula, agitada por um movimento incessante. O olhar, frio e distante, fulminava; dobrei o joelho sem pensar.

- Temos aqui, senhor, cartas de nossa irmã, a regente de Gand - disse ele, destacando as palavras. - Ela diz-nos que a vossa família desobedeceu a ordens suas, que são também as nossas. Não deveríeis ter deixado Antuérpia.

Falava lentamente, e parecia mastigar o ar. Defendi a nossa causa. Éramos honestos cristãos ligados à nossa religião. Havíamos nos convertido, é certo; mas ninguém jamais encontrara a mínima prova contra nós; não éramos judaizantes. E havíamos resolvido fugir por causa das perseguições de que nos sentíamos ameaçados.

Maximiliano repetira-me várias vezes que seu tio temia os excessos da Inquisição e que só muito a custo cedia às obrigações dos autos-de-fé. O imperador crispou-se e sentou-se pesadamente. Depois, encaracolando a curta barba, suspirou: "A fuga é uma confissão, senhor".

Rebaixei-me perante aquele homem que nos tinha na palma da mão e, numa voz pouco segura, falei da injustiça que nos privava das nossas letras de crédito. O Habsburgo bateu no braço da poltrona com uma mão imperiosa. "Sim, sim, também sabemos disso."

Aproximávamos-nos do âmago da discussão. Já não sei como cheguei a avançar um número, cinco mil escudos de ouro.

Não houve resposta. A mão imperial continuava a bater na madeira da poltrona. Prometi renunciar a um terço do que ele nos devia, mas não era o bastante e a mão continuava a bater. O jogo prosseguiu assim; propunha números e ele calava-se, batendo sempre. Aos trinta mil escudos de ouro - soma incrível - a mão parou finalmente.

Então olhou para mim e sorriu. Jamais vi coisa tão feia como aquele sorriso hediondo; mas também jamais encontrei semelhante majestade antes de me achar em face do Magnífico, o nosso sultão. O Habsburgo irradiava poder e astúcia; que peso tinha um sobrinho dos Mendes diante daquele imperador? A força estava do lado dele; ele podia, de fato, sorrir.

Ficamos um instante sem trocar palavra; reencontrei o meu orgulho. Ele quis coagir-me a baixar a cabeça; e os maxilares tragavam o vácuo com frenesi. Não cedi, e fitei-o. O meu olhar, pelo menos, pertencia-me. Penosamente, o imperador levantou-se sem deixar de me olhar.

- Bueno - disse ele. - Precisamos de todos os nossos súditos, e apreciamos a vossa fidelidade. Mas queremos fazer mais e lavar-vos das suspeitas que pesam sobre a vossa família. Não vos falta coragem; sereis cavaleiro esta noite ainda, senhor; depositareis aquilo de que falastes nas mãos do nosso camareiro, e abandonareis Ratisbona logo após.

O Habsburgo não havia pronunciado uma única palavra que tivesse a ver de forma explícita com dinheiro; mas não se tratara senão disso. Tinha me vendido a nossa liberdade e um título de nobreza por trinta mil escudos de ouro.

Um braço roliço apareceu junto da prega de uma cortina; o olhar do imperador brilhou subitamente, e apagou-se logo. Deu-me a mão a beijar; a entrevista havia terminado... a Blomberg, certamente.

A ela, soube-o depois, devíamos a nossa salvação. Maximiliano havia-a convencido a defender a nossa causa; ela aconselhara o perdão das ofensas e o interesse geral. O meu amigo, para melhor se fazer entender, não se esquecera de a presentear com algumas pérolas.

- E para coroar tudo, eis-te nobre, Micas! - disse Maximiliano encantado. - Não é engraçado? Agora é que nunca mais largas o Império. Meu tio reencontrou os seus banqueiros preferidos. Só te resta mandar vir a tua fornada de damas de Veneza para Antuérpia; e se quiseres evitar outros aborrecimentos, deixa o Aragão casar com a priminha... Das ware das Beste!

Nunca mais deixaria o Império, dizia Maximiliano da Áustria. Não quis desenganá-lo, mas a minha convicção estava formada: pelo contrário, devíamos abandonar o Império acontecesse o que acontecesse. Não nos compravam com um título de nobreza. Para agradecer ao príncipe, ofereci-lhe um daqueles grandes ginetes da Espanha de que ele gostava, e despedi-me de um amigo que receava nunca mais tornar a ver.

Quando parti de Ratisbona, corria o rumor que a Blomberg estava grávida. Ria-se muito a propósito desse filho, enumeravam-se-lhe os pais, mas ninguém esperava o que aconteceu: o Habsburgo reconheceu o bastardo, e deu-lhe o nome de Juan da Áustria.

O corcunda endireitou-se bruscamente.

- O de Lepanto? O valente moço que destroçou a armada otomana?

- Esse mesmo. Tive a honra de conhecer o Habsburgo no momento preciso em que ele engendrava o vencedor de Lepanto, a causa da minha ruína. Não é um sinal do destino?

- Aí há bruxaria, Naxos! Foi por tua causa que o Turco atacou Chipre, por tua culpa que o Otomano foi derrotado em Lepanto, e que o oráculo da Maçã Vermelha se cumpriu, e o pai de Juan da Áustria faz-te nobre no dia em que concebe aquele que te há de vencer!

- E da puta sua mãe, apenas vi uma mãozinha branca ao correr de um pano de veludo, Caraffa...

Quando o cavaleiro Juan Micas retomou o caminho de Veneza, julgava que não fora atingido por ambições de nobreza. Mas enganava-se. Sim, eu pensava ser resoluto o bastante para não sucumbir a essa vaidade. Mas pelas estradas, comecei a pensar, sem querer, nos nossos irmãos 4iabjilitadqs na Espanha durante os séculos precedentes, e que acabavam de perder os títulos por causa das querelas sobre a pureza do sangue. Eu, pelo contrário, havia comprado um título. Todos os reis dependiam da invulnerável família Mendes. Quem me impediria, pois, de ter pretensões a um trono?

Nunca soube lutar contra a minha ambição; reconheço-lhe a mesquinhez, percebo-a nos outros, condeno-a, mas não consigo impedir-me de sucumbir a ela. Beatriz detestava este traço do meu caráter. Contudo, Deus sabe que paguei caro o preço dessas honras irrisórias; ainda hoje, que já perdi os meus títulos e as minhas possessões, que me sei doente, condenado, sem dúvida, continuo à espera de não sei que milagre que me concedesse uma derradeira glória, e me assegurasse uma última vez a embriaguez estúpida que torna as pernas leves, para nada...

Mas quando cheguei a Veneza, todo inchado com meu ridículo título de cavaleiro, no palácio Luna reinava a discórdia. Na minha ausência, Beatriz e Brianda haviam discutido violentamente. Até então, Beatriz exercera sobre a irmã mais nova uma autoridade natural; evitava manifestar uma desconfiança de que eu me havia percebido através de alguns pequenos estremecimentos. Ela mantinha sobre a irmã uma discreta vigilância. Mas Veneza prendera Brianda nas malhas dos seus galantes, e havia trazido à luz do dia a corrupção latente daquela alma pequenina e perversa.

Brianda Mendes mergulhara sem hesitar na vertigem das festas venezianas, que lhe preenchiavam os gostos do fausto e da facilidade. Eu compreendia-a perfeitamente; ela nada mais havia feito do que render-se aos encantos de que eu próprio estava prisioneiro. Como resistir aos bailes, às festas mascaradas onde não se sabe mais quem é homem, quem é mulher, onde se deseja, sob um disfarce de cartolina branca, um olhar desconhecido, um pedido? Como esquecer os alaúdes nas gôndolas, e as ruas desertas onde se podia cantar de noite, a despeito dos que dormiam... Até a chuva em Veneza era suave; e quando as águas mortas atingiam a Piazzetta, que ataques de riso tivera eu, correndo, atolado até os tornozelos, naquele mar interior que desaparecia de repente como por magia... Dir-se-ia que a lama das almas se exibía no chão da cidade. Na Praça de São Marcos podia-se, sem risco, colher das parreiras as uvas maduras; podia-se penetrar numa casa anônima, simplesmente porque uma mão de mulher havia fechado a portada de uma janela, acendido uma luz, feito um sinal... Sim, aquela galanteria fácil seduzia. Eu sabia, uma parte de mim mesmo assemelhava-se a Brianda; não obstante, eu podia dissimular sem dificuldade os meus excessos de moço, e Beatriz não procurava conhecê-los.

Brianda, pelo contrário, pecava a céu aberto e provocava a irmã. Um dia, sem motivo, Beatriz fora tomada por uma daquelas suas famosas fúrias; havia arrancado com um puxão os colares que cobriam os seios nus da irmãzinha, e lançou-lhe à cabeça o conteúdo de um jarro

de água, a pretexto de a lavar das imundices. Brianda, dessa vez, reagiu; as duas mulheres deitaram as mãos aos cabelos uma da outra. Fora preciso separá-las.

Mas o amigo Lusitano, que durante a minha aventureira ida a Ratisbona havia trocado Antuérpia pelo palácio dos Mendes, avisou-me antecipadamente. Brianda não se contentara em abandonar-se aos prazeres de Veneza; havia justificado o seu comportamento com sólidos argumentos, muito inquietantes.

Se a irmã mais velha se ocupava dos negócios, porque o testamento de Diogo lhe havia confiado tal tarefa, dizia, cabia a ela, Brianda Mendes, assegurar o prestígio da família, e ostentar o luxo que convinha a tão grandes banqueiros. Não tinha ela uma filha a quem podia vir a pertencer metade da fortuna dos Mendes? "A tua função é ganhar dinheiro, está bem", havia dito à irmã, rindo maldosamente, "a minha é gastá-lo!".

Ferida por tal comportamento, Beatriz recaía nos seus langores.

- Não há nada a fazer, Juan - confidenciou-me Lusitano. - A nossa Beatriz é consumida lentamente por uma febre que nada tem de humano. Os costumes da irmã não são a causa principal; é de um espírito atormentado que vem a labareda que a queima. Por vezes desfalece, e o seu corpo permanece hirto; fica muitas vezes paralisada; tem suores frios e violentas dores de cabeça, e sufoca. Os meus remédios e as minhas essências de rosa podem atenuar esses males, mas nada posso contra o sangue demasiado forte que lhe corre nas veias. É um sangue de rainha, Juan, um sangue de profetisa... Beatriz há de ser a nossa Judite. Eu não sei a que Holofernes decidirá ela cortar a cabeça!

Ao ouvir a descrição de Lusitano, reconheci o estado em que achara Beatriz na coberta do São Tobias à partida de Lisboa.

- Teria ela conhecido um novo mago que a enfeitiçasse? - perguntei.

- Não creio. Ela não gosta de Veneza e passeia pouco. Vive quase tão reclusa como em Antuérpia, e leva uma vida austera. Demasiado austera, Juanito; Beatriz é mulher, e solitária. Quando tivermos passado o cabo das tormentas, vai ser preciso casá-la.

Casar Beatriz? Uma fúria glacial percorreu-me a espinha. Isso não. A imagem de Faustina atravessou-me o espírito bruscamente. Casar Beatriz?

Não era tudo. Brianda havia se enamorado por um nobre veneziano, herdeiro dissoluto de uma grande família patricia; descomposto, mal lavado, entrava no palácio Luna cora desenvoltura, bebia o meu vinho sem escrúpulos, pegava negligentemente numa taça de alabastro, examinava-a em contra-luz como para avaliar-lhe o preço, comportava-se como se estivesse em casa. O jovem Cibo era sobrinho daquele grande cardeal que, dizia-se, dançava tão bem a galharda; pressenti o malandro que procurava fortuna, como noutro tempo Dom Francisco de Aragão.

Brianda já não dirigia a palavra à irmã, nem ia vê-la no quarto, assediava a pequena Reyna com reparos sobre a fealdade dos seus vestidos, decotava-se cada vez mais e já não se ocupava de sua filha Beatriz, a Chica. Acontecia-lhe também proferir confusas ameaças a propósito da herança dos Mendes...

Achei Beatriz torturada. Já não se encolerizava, não era violenta; ela, que havia sabido organizar a nossa fuga de Lisboa e criar as estruturas que permitiram salvar o nosso povo, ela tão decidida, vi-a torcer as mãos e chorar. Confrontada com Brianda, mais nova, Beatriz mostrava-se sem defesa.

A devolução das nossas letras de crédito mal a aliviou, e não prestou nenhuma atenção ao meu título de cavaleiro.

- Josef, que vai acontecer? Não posso partilhar com ela a nossa herança; conheces Brianda, ela não é má, mas dilapidá-la-ia em futilidades. Eu sei bem por que é que Diogo, seu marido, a desapossou da herança... Ah! Josef - gritou ela de súbito -, já não é com Istambul que eu sonho... É para Jerusalém que precisamos ir. A terra de onde partiram os nossos antepassados pertence-nos. David Rubeni me jurou; ele a viu, Josef, ele me avistou numa visão celeste, e serei rainha da Palestina...

Delirava. Coloquei-a na cama e contemplei, impotente, a minha Beatriz, que violentas convulsões tornavam irreconhecível. Na força dos movimentos irregulares que lhe sacudiam os membros, irradiava uma estranha luz; abriu a boca, rugiu como uma fera e seus olhos esbugalharam-se como se visse Deus, ou o Diabo. Um inquisidor tê-la-ia logo declarado feiticeira, um monge tê-la-ia reverenciado como santa... Animava-a uma força sobre-humana e grandiosa; tive vontade de me prostrar diante daquela majestade em fúria.

Depois caí em mim e bati-lhe friamente, várias vezes, até lhe aparecerem marcas vermelhas nas faces descoradas. Todo o corpo se empinou, descaiu, e pôs-se a gemer. Apertei-a contra mim e limpei as lágrimas que lhe inundavam a face. Nada podíamos contra aqueles transe recorrentes. Nem ela, nem eu.

"Se quiseses, serás rainha, minha pomba", murmurei junto ao seu rosto. Um cabelo branco punha aí uma linha luminosa, como um sulco de mel.

Nessa mesma noite estava em casa de Faustina. A bela esperava-me, estendida na nossa cama, já despida, provando doces com ar distraído. Virei-a para não ver seu rosto. Desejei-lhe os cabelos claros e a brancura da pele; e apesar da obsessiva presença do cão, passei a noite inteira a devastar o corpo pálido da inacessível Faustina.

Ao alvorecer, quando retornei ao palácio Luna, era demasiado tarde. A casa estava de luto; as criadas de olhos vermelhos fecharam apressadamente a porta atrás de mim e Lusitano acorreu. Os oficiais da República, em nome do Conselho dos Dez, haviam prendido Beatriz em plena noite. Reyna também fora levada.

E Brianda?

Brianda dormia tranqüilamente, estava livre. Suspeitei o pior, e precipitei-me para o quarto de minha tia mais nova. Dormia, com efeito, escondida sob os longos cabelos ruivos. Despertei-a rudemente.

- Por amor de Deus, Brianda, dize-me o que sabes! Por que é que a prenderam? Por que ela e não tu? E como podes tu dormir quando eles levaram a tua sobrinha Reyna?

Bocejou.

- Oh, na verdade, Juanito, não vão fazer mal nenhum à nossa menina... Prometeram-me que a levavam para um convento, onde há de ser mais bem educada do que em nossa casa. Ela ficará bem, certo.

E sorriu-me gentilmente. Esbofetei-a com todas as minhas forças. Começou a chorar.

- Não fiz de propósito, Juanito... Primeiro não fui eu, mas Cibo quem maquinou tudo! Eu disse a verdade quando me perguntaram, e pronto! E não é verdade, afinal, que Beatriz é judaizante? Eu bem sei, ora, observei-a o suficiente. Os Shabbath de sexta-feira, sabes? A grande repugnância dela pelas missas? E aquela mania que ela tem de se lavar interminavelmente ao voltar das igrejas... E depois, ela não ia acabar por se pôr sob a proteção do

inimigo otomano? Oh, eu sei tudo dos vossos projetos! Por fim, tive medo do perigo, e verol!

Portanto, fora mesmo ela. Por intermédio do jovem Cibo, Brianda havia denunciado a própria irmã ao Conselho dos Dez. Tive vontade de matar aquela desmiolada.

- Sabes o que fizeste, cabra? A vida de Beatriz corre riscos!

-Mas, Juanito, disseram-me que não a iam matar. Vão só metê-la um pouco na prisão, para a assustar!

Fazendo beicinho, torcia uma ponta do lençol, sem parar. Murmurou:

- Sabes, Juanito, o que eu quero é a minha parte da fortuna, aquela de que me privaram, tu e a tua preciosa Beatriz. O testamento de Diogo não tem qualquer valor, disse-me o meu querido Cibo. A minha filha tem direito a metade do capital dos Mendes; e eu hei de tê-lo. Em seguida - acrescentou ela mostrando uma pontinha de língua cor-de-rosa por entre os belos dentes - Cibo casará comigo e fará de mim uma patricícia de Veneza, e pronto, Juanito. Pronto...

Bati-lhe desalmadamente e tive o cuidado de não lhe poupar a cara. "Tu eras apenas coxa, agora olha para ti, monstro!" E forcei-a a contemplar num espelho as marcas das minhas pancadas. Pôs-se aos berros.

- Tu nunca gostaste de mim, Josef! Até Diogo preferia Beatriz, e tu também, é Beatriz, sempre Beatriz! Denunciei-a, sim; denunciei-a e espero que ela saia da prisão cheia de rugas! Aquele dinheiro pertence-me, quero-o, e detesto-vos, os inseparáveis, a tia e o sobrinho, vós, os judeus, os porcos! E tu, Josef Nasi, maledetto, hás de pagar-me o que acabas de fazer!

A conselho do amante, Brianda havia ainda feito outra coisa: os bens que tínhamos na França haviam sido postos sob seqüestro, com a cumplicidade do nosso feitor de Lyon. O rei Henrique II apressara-se a satisfazer o pedido de Brianda Mendes, que lhe evitava o reembolso de pesadas dívidas - os franceses são maus pagadores. Nada mais tínhamos em Veneza nem em Lyon.

Assim se confirmavam os receios de minha Beatriz, e a repulsa que sempre me inspirou aquela filha do Diabo.

Quando fui consultá-lo, como me obrigavam as leis da Sereníssima, o procurador do povo dos cristãos-novos, encarregado de os proteger, mostrou-se enfadado. Comia pistaches e, com a boca cheia, falava cuspidando as cascas.

Em que prisão se encontrava Beatriz? Ora essa! A senhora de Luna não estava verdadeiramente presa; estava simplesmente com residência fixa numa casa onde as janelas tinham sólidas grades.

Seria bem tratada? O procurador ergueu os braços ao céu. Que seria conveniente fazer? Esperar a decisão dos Dez, com certeza. Mas quando a tornariam eles a tomariam? Não sabia.

O procurador levantou-se, sacudindo a roupa. A entrevista acabara.

Mas quando cheguei à porta, deixou escapar, em voz arrastada, que, evidentemente, Beatriz seria libertada com mais certeza depois de ter pago pesada multa, se houvesse a garantia de que não trocava Veneza por Istambul.

Eu havia podido seduzir Maria da Hungria, e negociar com o Habsburgo; mas não via como manobrar dez pessoas ao mesmo tempo. Os Dez guardavam-nos como reféns para impedir o banco Mendes de ir servir os interesses da Sublime Porta; Brianda, ao acusar Beatriz, havia apenas fornecido um pretexto. O reconhecimento dos nossos projetos otomanos, mais irremediável aos olhos dos Dez, havia decidido tudo.

A República, pusilânime e venal, não era melhor que o Império, Caraffa. Tornei ao palácio, sem mulheres e sem alma; Brianda fora encontrar-se com o seu galante algures em Veneza e, sozinho com Lusitano, passei em revista os apoios possíveis.

Lusitano tinha amigos em Milão que podiam, talvez, dar-nos uma ajuda. Parti de madrugada.

- Vai depressa, Juan - disse Lusitano abraçando-me. - A víbora ainda não cuspiu o veneno todo, e tu ainda estás livre. Brianda conhece o teu espírito empreendedor; não correrá esse risco durante muito tempo; e se, porventura, ela própria não pensa nisso, Cibo fará com que te metam na prisão.

Bastou-me uma semana para obter os auxílios necessários. Mas uma semana havia igualmente bastado a Brianda. Quando tornei a Veneza, um criado esperava-me, na sombra, às portas do palácio, no lugar onde os barcos acostam.

Eu acabava de ser condenado à morte.

O criado puxou um saco contendo um disfarce de simples mercador. Havias de me ter visto, Caraffa, com um largo cinto de couro sem fivela, calções verdes e uma carapuça de tecido grosseiro... O criado apanhou lama e passou-me no rosto. Fugi através das ruelas.

Nas paredes do Rialto, à luz de uma lanterna furta-fogo, pude ler com os meus próprios olhos a proclamação do Conselho dos Dez. Seria realmente eu, aquele "João Miquez", cuja cabeça era posta a prêmio? Olha, abre essa arca atrás de nós, Caraffa. Hás de encontrar um rolo de papel manchado. Desenrola-o e lê.

O bufão vasculhou durante muito tempo resmungando.

- Onde é que o meteste, Naxos? Deve ser com certeza este velho rolo...

- Descolei-o eu mesmo nessa noite. Lê, andal!

- Que João Miquez seja banido perpetuamente de Veneza, de todas as terras e cidades da República, dos seus navios armados e dos seus navios desarmados; que quando for que o apanhem e o entreguem em nossas mãos...

- ... ele seja pendurado pelo pescoço entre as duas colunas da Praça de São Marcos até que a morte sobrevenha - retomou o ancião. - Vês, Caraffa, esse passo sei de cor. Enforcado entre as colunas, naquela praça que eu tanto amava! Continua, Caraffa...

- Àqueles que o apanharem, mesmo numa terra estrangeira, e puderem provar que o mataram, serão dados mil e quinhentos ducados como está dito acima. Tanto a uns como aos outros é prometida uma pensão vitalícia de duzentos cruzados paga pela caixa do Conselho dos Dez. Em caso algum poderá ser concedido perdão ou indulto da presente condenação, nem por via de salvo-conduto nem de outro modo se a proposta não for votada pelos seis conselheiros, pelos três chefes do Conselho, com a presença de pelo menos trinta membros. Apresente condenação será afixada nos degraus do Rialto.

- Eis por que não voltarei jamais a ver Veneza, Caraffa.

- Mas sabes ao menos quanto vales: mil e quinhentos ducados se te apanharem e duzentos ducados de pensão por ano. Bom preço, para um duque; jamais te teria avaliado por esse preço, eu!

- Faz de conta que escarneces, é o teu papel. Mas não digas que ficas indiferente; eu não acreditaria.

Nessa noite, concebi por Veneza um ódio tão forte quanto o meu amor. Nem um nem outro estão ainda satisfeitos.

Encostei-me à balaustrada do Rialto e esperei, numa espécie de sonho, os ruídos familiares da cidade que me havia traído. Com a aurora, nasceram o ulular dos gondoleiros e os

gritos dos hortelões; em breve o meu querido Marangona se pôs a dobrar a finados pela minha liberdade. Estava, de fato, como morto, enforcado entre as duas colunas de mármore branco da praça que se abria para o mar... Uma nau! Que venha uma nau, uma qualquer, subirei à coberta e estarei no único dos meus reinos que ainda nunca me traiu...

Correndo o risco de me perder, fui à casa de Faustina, que mal me reconheceu. Contei-lhe tudo; para surpresa minha, a indiferente saiu da sua reserva e pôs a mão na boca para não gritar.

"Che volete, Excelência?", disse ela simplesmente quando acabei a minha história. Pedi-lhe primeiro que fosse buscar Lusitano. Estou a vê-la, lânguida, cobrindo a cabeça com um véu preto e saindo com a indolência habitual... Não sei por que, confiava nela; Faustina não me venderia.

Com efeito, Lusitano não tardou a aparecer. Deu-me conta das informações que tinha. Brianda havia me denunciado como judaizante; mas tal não bastava para explicar a minha condenação. Ela havia acrescentado dois outros motivos. O primeiro era tão irrisório que dei uma gargalhada. Ter-lhe-ia subornado a filha, minha priminha Beatriz, a Chica, tê-la-ia conduzido a Ravena, onde me teria casado com ela sem o consentimento da mãe. A pequena Beatriz tinha nove anos. Naquela fantasia reconheci os ciúmes de Brianda, que odiava minha prima Reyna e se servira da lenda do rapto em Antuérpia. Por isso, sem dúvida, havia escondido a Chica em qualquer retiro no campo para dar mais consistência às mentiras.

O segundo motivo era sério. Eu teria, assegurava ela, conspirado com o Turco.

- Bom - disse eu friamente. - O Conselho indica a via que é preciso seguir. Farei com que a acusação se torne verdadeira. Parto para Istambul e, por Deus!, conspirarei deveras.

Resolvi apelar para o sultão Solimão. Entre a República e o Império as hostilidades militares haviam cessado temporariamente, e a paz, precária, exigia de tempos em tempos algumas concessões diplomáticas. A vespa temia o urso; e o urso precisava de um pequeno descanso a fim de se preparar para os ataques. Era o intervalo da guerra; muitas vezes, nesses períodos de indefinição, negociava-se em segredo.

A sorte de Beatriz podia depender de uma carta do sultão; em troca, ele libertaria um dos prisioneiros venezianos, ou deixaria de atacar uma das possessões da República. Tais processos eram perfeitamente comuns. Podíamos pedir ao sultão para comprar a nossa liberdade; em troca faríamos o juramento de ir para o Império e de aí instalarmos o banco Mendes.

Lusitano aprovou a idéia da minha partida; ele guardaria o palácio, manteria com o procurador dos cristãos-novos contatos cotidianos, informar-se-ia da saúde de Beatriz e de Reyna, e não deixaria que fossem esquecidas.

Mas eu não queria partir sem punir Brianda. Faustina, a minha pálida boneca inanimada, escutava-nos com uma paixão contida. Voltei-me para ela.

- Queres ajudar-nos, minha linda? Baixou os olhos. '

- Seduz Cibo.

Faustina levantou-se tranqüilamente, desapareceu um instante e voltou de seios descobertos, a boca vermelha, a cabeça velada de azul e estrelas.

- Sei onde encontrá-lo; tu ficas aqui, Excelência, e meghe. Dá-me dois dias - disse ela afagando-me a face.

Esperamos.

Lusitano predizia que fora do Império Otomano não haveria em breve outro lugar de refúgio para os marranos. O que é que restava na Europa? Talvez Ferrara. O duque de Este

mantinha uma tolerância pacífica, protegia corajosamente os seus judeus e fazia abertamente profissão de humanismo. Ferrara?...

- E se passa pela cabeça da Inquisição ordenar ao duque de Este que expulse os judeus?

- Seria preciso que o Papa aceitasse intrometer-se. E o Papa atual é prudente, Juanito...

Ferrara ou Istambul? E por que não Jerusalém? Por fim, Faustina voltou.

- Tutto a posto, Excelência. Cibo virá ter comigo aqui esta noite mesmo, às onze horas. Estás contente?

Por volta das dez horas, quando tudo ficou escuro, fui cautelosamente até o palácio Luna de onde escapavam alegres músicas e risos. Avistei, a uma janela, Brianda, de cabeça inclinada para trás, engolindo o vinho que um moço lhe deitava pela garganta. Depois, Cibo saiu furtivamente. A festa extinguiu-se e o palácio afundou-se na noite. Entrei.

Que teria pensado Beatriz! As mesas haviam sido derrubadas, os jarros quebrados; havia ossos pelo chão no meio do vômito e dos molhos...

Subi até o quarto de Brianda. Não lhe dei tempo de gritar e amordacei-a com força.

- Escuta. Denunciaste tua irmã, e fizeste-me condenar à morte, a mim, teu sobrinho. Seja. Mas que dirias tu se te mostrasse a traição do teu Cibo?

Olhava-me aterrada. As marcas das minhas pancadas não haviam ainda desaparecido completamente, e tinha a pele do rosto manchada de amarelo, como a de um animal.

- Vai ser o teu castigo. Virás comigo, Brianda, e verás com os teus próprios olhos. Depois negarás as tuas acusações diante do Conselho dos Dez. Se porventura gritares pelo caminho, esgano-te.

Teve tanto medo que foi comigo; fi-la correr e não me importei com seu coxear, tropeçou muitas vezes. Por fim, chegamos à casa de minha amante; abri de par em par a porta do quarto onde Cibo e Faustina se debatiam amorosamente e atirei Brianda para cima da cama. Em seguida, desapareci.

Estávamos vingados. Brianda não teve tempo de se retratar diante dos Dez; Cibo denunciou-a no dia seguinte como judaizante; foi, por sua vez, encarcerada e juntou-se a Beatriz na prisão.

Agora podia deixar Veneza; mas, com a morte na alma, não me resignava a tal. Lusitano devia procurar em meu lugar um barco de saída; por sorte ele não conhecia bem os portos, e não conseguia. Tornei à casa de Faustina. De dia, escondia-me; de noite, errava pela cidade. Durante várias semanas, esperei assim o sinal de Lusitano. Sentia um extraordinário prazer nos meus passeios noturnos.

Na praça da basílica, grandes obras começavam; arrancavam-se os últimos pés de vinha que trepavam ainda pelas paredes das casas. O Paço de Zecca estava bem avançado; o arquiteto Sansovino havia feito um bom trabalho. Por vezes, enquanto ecoavam pelas ruelas as vozes dos jovens arruaceiros, uma janela iluminava-se, e um amante saía da obscuridade para se enfiar por uma porta entreaberta. Todas as noites cruzava com monges que iam levar os últimos sacramentos a um moribundo, e que se apressavam, fazendo tilintar a sineta. Escutava o barulho dos meus passos nas calçadas, atirava pedras à água dos canais, repescava as flores caídas das gôndolas. Uma vez, escutei longamente uma viola solitária. Voltava para casa de madrugada, e ébrio de vinho doce e de reflexos, mais enamorado de Veneza do que nunca.

Uma noite, enfim, Lusitano avisou-me que um barco me havia, a muito custo, aceitado como passageiro para Istambul. Ele pagara a tripulação e guardaria segredo. Lusitano trazia com ele um saco bastante pesado.

- Juanito, o Pessach é hoje. Oh! Sei que não tens nenhum interesse pela religião dos nossos pais, és um moderno. Mas sabes, desde Antuérpia, todos os anos, tua tia Beatriz e eu adquirimos o hábito de celebrar o Seder. Sei bem que assistias passivamente, e que te enfadavas. Mas já que partes e que Beatriz não achará esta noite, na prisão, nenhum reconforto, vamos ambos celebrar o Seder pensando no infortúnio dela e rezando pela sua libertação. Tenho aqui o que é preciso.

O bom Lusitano tirou do saco os pães ázimos, o osso cora carne enegrecida, três folhas de alface, as ervas amargas e o ovo cozido na cinza. Triturou com as mãos, num pequeno almofariz, as tâmaras, as amêndoas, as maçãs e as nozes que havia trazido num saquinho. Por fim, deitou numa tigela de água algumas gotas de vinagre.

Depois, pôs-me as mãos nos ombros com gravidade:

- Beatriz dizia-me: "Josef é diferente, depois da minha morte há de compreender". Ela nunca procurou convencer-te. Nos últimos tempos levava a sobrinha para tomar parte nas nossas cerimônias. Sei que és ignorante em matéria religiosa. Toma este livro e repete comigo.

Com ele enchi a primeira taça de vinho, disse as primeiras palavras: "Eis as festas do Senhor, épocas sagradas que proclamareis a seu tempo"; descobri o gosto do pão da miséria que os nossos antepassados comeram em terras do Egito... Na véspera do meu exílio, como outrora os nossos avós, conhecia em segredo as ervas da amargura.

Quando chegou o momento da quarta taça, não pude conter as lágrimas, e foi com uma espécie de júbilo que cantei com Lusitano as palavras de esperança daqueles que vêem o fim da escravatura a que estiveram sujeitos: "Deus puro que resides nas moradas celestes, ressuscita Jacob cujas cinzas ninguém poderá enumerar, guia e protege aqueles que a tua mão direita plantou... E na alegria reconduz a Sião aqueles que serão libertados".

Sim, Caraffa, nessa noite rezei, judeu reencontrado, vertendo lágrimas de alegria na casa de uma rameira. Habitua-te a esta idéia; este gênero de surpresas ainda não acabou.

Receava o fim da cerimônia. Mas os aipos, as alfaces, o harosset, tudo foi consumido. Lusitano ficou silencioso, depois apertou-me nos braços, quase até me sufocar.

- Boa sorte meu filho – disse. – vai depressa... e volta triunfante. Guardarei o palácio vazio e tomarei conta das mulheres. Parte já; seria capaz de te deixar ir.

No instante em que abri a porta, Faustina apareceu, em traje de viagem, com uma trouxa e o cãozinho debaixo do braço. Olhamo-la espantados.

- A moça tem razão - suspirou Lusitano. - Se ficar em Veneza, Cibo mandará apunhalá-la. Leva-a; ela merece.

E saí de Veneza com Faustina.

O barco aparelhou de noite. Mal podia ver as colunas de mármore branco entre as quais deveria ser enforcado. Faustina dormia com o cão. Estava de novo no mar com uma mulher ao lado.

Mas a minha Beatriz estava na prisão, e a minha noiva no convento...

Fizemos escala em Chipre. A ilha pertencia a Veneza desde que a Sereníssima a havia usurpado à rainha cipriota, de origem veneziana, Catarina Cornaro. O comércio do sal era ali considerável; em Famagusta, a praça forte, uma sólida guarnição veneziana montava a guarda. Tive apenas tempo para avistar os cedros, os ciprestes e as vinhas; foi, porém, o bastante para me fazer sonhar.

Foi nesse escala que abandonei. Paustina. Não podia levá-la para Istambul sem a fazer correr o risco de ser vendida como escrava, e não tinha coragem para a fazer passar por minha mulher. Trazia comigo ducados suficientes para lhe encontrar uma casa, uma criada, e assegurar-lhe condições decentes durante algum tempo; prometi enviar-lhe regularmente o dinheiro necessário. Ela, aliás, não protestou, e disse-me adeus, com a simplicidade com que fazia tudo, na soleira da casa branca e fresca onde ia refazer a sua vida. Tinha, como sempre, o cão branco nos braços e não parecia comovida; um pequeno músculo, apenas, lhe estremecia num canto da boca enigmática. Beije-a; deixou-se beijar e tocou-me de leve com a mão na testa. O animalzinho ladrou furiosamente.

- Não te esquecerei, Faustina - segredei-lhe ao ouvido. - Virei buscar-te um dia.

- Un giorno, vielleicht... - murmurou ela como um eco olhando-me com os grandes olhos vazios.

Foi com imensa alegria que voltei a ver Istambul, e Mosche Hamon abriu-me os braços. Cerca de dez mil dos nossos irmãos, que salváramos de uma morte certa, haviam chegado. Vinham da Itália, da Grécia, da Polônia, da França, e principalmente da Espanha e de Portugal. As boinas de pele misturavam-se alegremente com os gorros da moda; muitos deles haviam já adotado o balandrau recoberto de seda, e usavam turbante de um violeta novinho em folha.

Muitas vezes, passando diante de uma casa, Hamon parava, batia nas janelas, dizia o meu nome e acrescentava: "É o sobrinho da viúva Mendes".

Imediatamente as portas se abriam, ofereciam o pão e o sal e contemplavam-me com enlevo. Por todo lado ouvia as mesmas palavras: "O sobrinho da Senhora que nos livrou do forno do inferno... É o sobrinho da nossa Senhora!".

Beatriz era a Senhora deles. Tornara-se a Senhora.

Mas não aos olhos do judeu Hamon cuja família, que escapara de Granada às primeiras horas da Reconquista, nada devia à organização que havíamos montado. Os seus muitos anos de Istambul conferiam-lhe autoridade sobre a nossa comunidade.

Ele havia finalmente conseguido tornar-se primeiro médico do sultão.

Os tempos, assegurou-me, estavam maduros para que o Padixá pudesse acolher favoravelmente a vinda dos poderosos Mendes. Eu queria mais, uma intervenção rápida, uma carta para libertar Beatriz, Reyna - e até Brianda...

- Será mais difícil, senhor Juan - disse-me ele coçando a barba. - Seria mais seguro ligar as nossas famílias por uma sólida aliança, com um bom casamento; não teria então nenhuma dificuldade em obter o apoio do Padixá para conseguir a libertação de parentes do seu médico oficial. Por que não dar-me, por exemplo, a mão de vossa prima... Sem isso nada posso garantir...

Começava a conhecer bem a sensação de formigamento na palma das mãos pela qual reconhecia sempre a iminência de uma ameaça. Mosche Hamon queria Reyna. Tal era o preço a pagar pela libertação de Beatriz.

Hamon havia engordado e envelhecido; era obeso, a escorrer suor, e cauteloso... Os nossos irmãos, junto dos quais expressei a minha indignação, fizeram-me ver que o Padixá escutaria apenas o seu médico favorito. Um deles, que não era marrano, e que, muito ortodoxo, os censurava severamente pela conversão simulada, foi mais longe e disse-me em particular:

- Deveis ter em consideração, senhor Micas, que aos nossos olhos não passais de simples cristão. Quando fazeis alarde da piedade de vossa tia, que Jeová a guarde em seu

poder, nós acreditamos, é certo. Mas enfim, em Veneza ela usa o nome marrano, e chama-se Luna; ela até renunciou ao glorioso patrimônio do esposo... A aliança que vos propõe nosso irmão Mosche Hamon terá para nós o valor de uma profissão de judaísmo. Faríeis bem em aceitar.

Um duque católico havia querido Reyna a pretexto de nos batizar cristãos; um médico judeu queria Reyna para nos consagrar judeus! Não éramos reconhecidos nem pelos católicos nem, ai de nós!, pelos judeus, nossos irmãos. De resto, nem uns nem outros se preocupavam com a ortodoxia: na pessoa da pequena Reyna só a herança contava. Enfureci-me.

- Olhai! - gritei. - Eu mesmo fugi de Antuérpia com a nossa donzela para lhe evitar um casamento vergonhoso. Dona Beatriz recusou a mão de um Grande da Espanha, fez frente à regente de Gand; por Reyna, ela arriscou as nossas vidas. Não lhe farei a afronta de vender a filha a um homem gordo, velho e ávido!

Devem ter repetido os meus dizeres a Mosche Hamon, porque ele veio ver-me no dia seguinte com um sorriso insinuante. Enxugava a testa, suspirava; era evidente que queria falar, mas não conseguia decidir-se.

- Então, senhor médico? Tendes avançados os nossos assuntos? - disse eu para lhe facilitar a tarefa.

- Pensei muito... Já não sou muito novo e pergunto a mim mesmo... Sou sem dúvida um pouco idoso para Dona Reyna, senhor - disse ele tossindo. - Mas que diríeis vós se vo-la pedisse para meu filho Daoud, que tem só vinte anos e é belo como o sol?

Pensei, imprudentemente, que o porvir era vasto e Beatriz imprevisível. O tempo urgia; cedi. Hamon esfregou as mãos, e tirou do bolso, naquele instante, uma promessa de casamento que assinei.

A célebre promessa de casamento que fez correr tanta tinta e provocou tanto rebuliço... foram estas as verdadeiras condições nas quais a assinei, Caraffa. Há quem diga ainda hoje que vendi minha prima, mas eu já sabia que ela seria minha mulher. Murmura-se que Reyna já não era virgem, pois que há muito eu a havia deflorado... Tais são as mentiras que a família Hamon fez correr na cidade, sem dúvida, para dissimular o despeito, quando despossei a tua duquesa. Que poderia ter eu feito, Caraffa, e que terias tu feito no meu lugar? Toda a vida desempenhei o papel de traidor a fim de preservar a pureza de Beatriz...

O médico do sultão cumpriu a promessa. Um chaus deixou Istambul dois dias mais tarde, portador de uma carta do sultão Solimão à Sereníssima República de Veneza. O Padixá pedia a libertação da mui poderosa e mui sábia Dona Beatriz de Luna, de sua filha Reyna e de sua irmã Bnanda, a quem seria entregue a filha, Chica. Em troca prometia não mais assediar com os seus piratas a cidade de Cândia.

Pelo barco seguinte enviei uma carta a Lusitano, onde explicava como havia sido obrigado a ceder à chantagem do judeu Hamon.

Duas semanas mais tarde, recebi um recado de Mosche Hamon. O chaus estava de volta.

Hamon, vermelho de cólera, enxugava a testa, como de costume, e mal podia falar.

- Sim, senhor Micas, o enviado do sultão... Chegou. Mas não compreendo o que ele diz...

- O quê? Ainda não foram libertadas?

- Foram! As senhoras saíram da prisão. Mas... em vez de virem ter conosco, senhor, partiram para Ferrara. Ferrara! Senhor, por que Ferrara, e por que tal desvio?

Eu exultava. A minha carta havia chegado a bom porto, e Beatriz, em vez de ceder a filha, escolhera Ferrara.

- Outra coisa me espanta - acrescentou Hamon. - Dona Beatriz partiu sob um nome falso. Não se chama mais Luna, nem Mendes. Escolheu chamar-se Dona Gracia Nasi.

Gracia! Assim, Beatriz havia retomado seu nome por inteiro. O nome próprio de outrora e o nosso sobrenome Nasi... Por pouco não abracei aquele gordo.

- Queríeis - disse-lhe - uma prova dos sentimentos de Dona Beatriz para com a nossa religião? Pois aí a tendes, senhor! Pois Dona Gracia voltou a ser judia à face do mundo, e tal é o seu verdadeiro nome!

- Pois muito bem - rosnou ele despeitado. - Mas Ferrara?

Invoquei os interesses que tínhamos naquela cidade, fabriquei algumas mentiras e prometi ao médico que as senhoras não tardariam a chegar a Istambul. Aliás, para maior segurança, iria eu mesmo buscá-las. E deixei-o com as suas perplexidades.

Estava como louco; era preciso a todo custo partir depressa; dessa vez ia ter com Dona Gracia Nasi, livre, a grande dama judia da rede das vias de fuga, que não era mais a viúva Mendes. Havíamos acabado com a clandestinidade, as manhas hipócritas e as simulações. Ferrara, Istambul, pouco me importava, desde que voltasse a ver a minha Gracia reencontrada!

Embarquei. Mais um barco, uma galeaça sem histórias, pensava eu... Voltei a encontrar com prazer o capitão do São Tobias, que havia mudado de embarcação. A cada uma das minhas viagens teria podido calhar com ele, sulcando os mares por conta dos Mendes; a sorte quis que fosse ele ainda o meu guia na travessia da liberdade. Conte-lhe em detalhe a nossa vida em Antuérpia, e os múltiplos episódios da nossa libertação. Regozijou-se quase tanto como eu por navegarmos em direção a Beatriz, e repetia com espanto o nome de Gracia Nasi, que descobria.

- Ela é digna do nosso povo, a vossa Senhora - dizia ele. - Oh, havia reparado nela durante a vossa primeira viagem, com aquele ar sério e valente. Na prisão, uma mulher como ela, não é possível! Uma mulher como ela...

Ao chegar a Ancona, de onde devia partir para Ferrara, perguntava a mim mesmo que mulher era ela verdadeiramente.

Um suspiro interrompeu o ancião.

- Caraffa, estás ouvindo? Ora essa, entre Istambul e Ancona, adormeceu... Pobre homem, vela por mim cada vez que caio no sono; não tem repouso. Pensará ele que eu não sei a missão de que minha esposa o encarregou? E quando ele souber toda a verdade, quando for repeti-la à duquesa, que pensará ela? Então é que ela há de sofrer deveras... Ah! Beatriz! És mais cruel ainda depois de morta que enquanto viveste!

O duque de Naxos tirou o gabão para com ele cobrir o bobo, tendo o cuidado de lhe ajeitar a gola junto ao pescoço.

- As noites podem ser frias, às vezes - disse ele debruçando-se na escuridão.

Capítulo IV

1550-1553 A Bíblia de Ferrara

(A instalação em Ferrara; o duque Hércules e a duquesa Renata; Pomona, Fioretta e Benvenida educam Dona Grada Nasi, viúva Mendes; os impressores hebraicos e a Bíblia da Senhora: a peste em Ferrara e suas consequências; preparativos da partida para Istambul.)

Terça-feira, antes do amanhecer

- O dia não tarda, retomou o velho duque.

As estrelas desaparecem uma após outra. Ouço já o rebuliço que fazem os janízaros às portas de Topkapi; o primeiro clarão virá do lado das colinas, ao mesmo tempo que a chamada dos muezins. Pelo menos isso não muda.

No barco, perguntava sem cessar a mim mesmo que mulher era agora Dona Gracia Nasi. Ela ia fazer quarenta anos, e eu também já estava lá perto. Mas não tinha filhos e não havia ainda desposado Reyna. Quantas viagens empreendera eu para salvar a família Mendes? De Flandres a Istambul, de Istambul a Ancona, várias vezes, de Veneza a Antuérpia, forçando a marcha, de dia e de noite...

Aquele refrão obcecava-me; como estaria Beatriz depois de três meses de prisão em Veneza? Teria cabelos brancos, ela que praticamente os não tinha, estaria toda cheia de rugas como havia desejado a irmã? E como é que a pequena Reyna, fechada no convento e separada da mãe, havia suportado a prova?

Apesar da presença do capitão do São Tobias, a viagem pareceu-me longa; às vezes, ficava melancólico, cansado daquela fuga interminável em que se havia tornado a nossa vida, e chegou-me a acontecer não achar encanto àquele mar já tantas vezes percorrido; tive vontade de me lançar à água para acabar com o absurdo do tempo. Os golfinhos já não me divertiam; tornava, uma vez mais, de Istambul e ia ter com Beatriz, que me voltaria a pedir que casasse com a filha. Tudo, na nossa história, seguia o seu curso estranho, fora os anos que desfilavam e as cidades cujos nomes mudavam. Não conhecia Ferrara, mas sabia que lá não havia Marangona, nem canais, e que a brisa do mar não vinha refrescar as casas a arder sob o sol do verão.

Estávamos em março do ano de 1550, na estação das tempestades. O vento encapelou o mar e acabou por me perturbar o espírito. Não vendo qualquer razão que permitisse acreditar que em Ferrara seríamos menos perseguidos que noutro lado, pus-me a desejar um naufrágio.

Ao aportar em Ancona, encontrei alguns dos nossos irmãos muito ansiosos. Em Veneza, o Conselho dos Dez acabava de promulgar um novo édito de expulsão dos judeus, reforçando que, dessa vez, estava decidido a aplicá-lo; os Dez haviam proibido todo o comércio com os cristãos-novos, sob pena de prisão. Em Antuérpia, o burgomestre acabava de tomar medidas idênticas. A comunidade de Ancona só devia a sua segurança ao Papado. "Mas no dia em que este Papa morrer, Dom Micas, quem sabe como será o próximo?", dizia um. "Se, porventura, ele vier da Inquisição, estamos mortos. Suponhamos, por exemplo, que o terrível cardeal Giovanni Pietro Caraffa, atual inquisidor-mor, sobe ao trono papal; acabou-se, manda-nos para a fogueira sem remorsos!", acrescentou o seguinte.

- Estou a ouvir, meu amo! - resmungou o corcunda, erguendo a cabeça. - Já esperava que mais cedo ou mais tarde pronunciasses o nome maldito que me valeu a minha alcunha de

bufão... Não podiam, na verdade, ter-me dado outro patronímico que não fosse o de um Papa assassino?

- Já acordaste! Caraffa... Pelo contrário deverias regozijar-te que se ridicularize através de um bufão aquele que nos fez tanto mal...

- A idéia foi tua, meu amo. Que poder têm os que servem? A ti devo esta pequena alegria. Caraffa fiquei. Mas sou tão Josef como tu, já que tenho o mesmo nome que o meu duque. Tanto faz. No lugar dos nossos irmãos de Ancona, eu ter-me-ia acautelado, teria fugido...

- Foi precisamente o que eles se recusaram a fazer. "Partir? Deixar tudo para nos juntarmos ao Otomano? É demasiado difícil, Dom Juan. Não estamos preparados; e aliás ainda não é tempo; veremos se Caraffa for Papa", concluíam os nossos irmãos de Ancona.

Quantos de nós desapareceram, simplesmente porque não estavam preparados para fugir? Renunciei a convencê-los e prometi a mim próprio enviar emissários a Ancona que aí permaneceriam para encorajá-los a partir. Também fiz a mim mesmo a promessa de persuadir Beatriz a ir para Istambul o mais depressa possível, pois o sultão Solimão não suportaria muito tempo a traição à palavra dada, e podíamos confiar na perfídia de Mosche Hamon para lhe trazer à memória essa má recordação.

Sozinho, como de costume, cheguei a Ferrara, que me pareceu austera. E certo que achei ali as mesmas cores que em Veneza; mas o tijolo havia derrotado o mármore, do qual nada mais restava senão o brilho de algumas manchas de brancura, como ornamento. As paredes, mais vermelhas que cor-de-rosa, produziam um efeito severo. O palácio ducal, rodeado de fossos negros e profundos, não alegrava a cidade, cujas ruas, desertas pelo grande calor de verão, pareciam mortas.

Não tive qualquer dificuldade em encontrar o palácio de pedra amarela onde se havia refugiado Beatriz, ou antes, Dona Gracia Nasi. A primeira mulherzinha a quem perguntei o caminho indicou-o com grandes gestos e em voz clara. Dona Nasi vivia à luz do dia. Confesso que não gostava muito de chamá-la por aquele nome. Quando todos lhe chamavam Beatriz, era-me doce lembrar o nome, secreto ainda, de Gracia. A partir do dia em que tal nome se tornou público, ela permaneceu no meu coração mais Beatriz que nunca.

Dona Gracia Nasi havia escolhido, como em Veneza, evitar o bairro dos judeus, a famosa Via Sabbioni, onde a comunidade de Ferrara vivia tranqüilamente há várias dezenas de anos. Mas já não era para se esconder, já que agora ela era judia aos olhos de todos. Acontecia que a Via Sabbioni era estreita e escura sob pequenas arcadas do século passado, e Beatriz gostava de espaço.

O pequeno palácio onde se haviam estabelecido as senhoras era, como os outros, feito de tijolos, com um frontão de mármore branco que se destacava sobre grandes pedras de grés ocre. Ao descer do cavalo, ouvi, por uma janela aberta, uma voz de mulher que cantava Al resplendor de la luna, a romança que eu cantara para Maria da Hungria. Não era a voz grave de Beatriz. Aquela voz elevava-se, ligeira, pousava de súbito como uma asa que se fecha, depois levantava vôo de novo, qual cotovia por sobre os campos... Não era a de Beatriz, mas a quem poderia pertencer?

Entrei e perguntei por Dona Nasi a um criado desconhecido, que me olhou com desconfiança e desapareceu sem dizer palavra. Ouvi-o subir a escada, abrir uma porta. O canto calou-se bruscamente; a porta bateu, e Reyna, toda vestida de preto, desceu lentamente os degraus. De súbito, viu-me e tropeçou.

- Josef... És tu? - disse num sopro.

Trazia apertados contra o peito os rolos das canções; dei um passo, ela recuou e pôs a mão diante dos olhos.

- Dize-me que não é um sonho, Josef. Haviam nos dito que morreras enforcado... É possível?

Correu para o fundo do vestíbulo como para se proteger de um fantasma.

Não era de espantar que pensassem que eu estava morto. As monjas do convento onde o Conselho dos Dez havia encarcerado Reyna teriam podido fazê-la crer que eu fora condenado e executado. Mesmo Lusitano, que me sabia em Istambul, a única notícia que tivera sobre as minhas aventuras, obtida por intermédio do chaus otomano, era a libertação das senhoras Mendes. E, para circular tranquilamente nas províncias italianas, eu havia deixado crescer a barba.

Corri para Reyna e apertei-a contra mim.

- Reconhecerás tu os braços onde dormias tão tranquilamente no caminho que nos conduzia a Veneza? E lembras-te, querida, do teu ramo de hortelã?

Voltou-se, ainda crispada, e mal sorriu. Beijei-lhe as pálpebras e o sorriso transformou-se em riso. Como era jovem! Beijei tudo o que encontrei de pele fresca. E ela ria, ria...

Foi assim que Beatriz nos encontrou. Eu estava todo entregue aos meus beijos de rapaz quando ouvi atrás de nós uma respiração abafada.

- Josef... - disse uma voz cansada.

Beatriz... Tinha os cabelos brancos. Completamente brancos, como a saia e a camisa.

A prisão havia lhe acentuado o rigor dos traços, e os tornado ainda mais puros; dir-se-ia uma Virgem das igrejas deles ao pé do filho na cruz. Mas reparei-lhe no queixo, que parecia menos firme; ela estava alquebrada, e o olhar, sempre tão luminoso, o seu lindo olhar sofria ainda. Larguei Reyna como se houvesse sido apanhado em falta, e levantei a mãe nos braços. "Beatriz, és tu, minha Beatriz, finalmente!"

Era tão leve que rodopiava como um boneco de carnaval que eu poderia atirar ao ar. Ela, sem opor resistência, de mãos nos meus ombros, ao mesmo tempo que dava voltas, lançava-me, ofegando, palavras breves: "Não me chames... mais... Beatriz, Josef... Mas... Gracia". Larguei-a e pus o joelho em terra:

- Dona Gracia Nasi, um vosso criado. Que Vossa Graça ordene, e irei até o fim do mundo como já tantas vezes fiz. Para onde terá Vossa Graça decidido fugir da próxima vez?

- Pára com isso, Josef - ralhara Beatriz a quem arranquei a sombra de um sorriso. - Então, já não somos crianças! Estou velha! Não vês os meus cabelos?

Levantei-me, peguei-lhe pelos cotovelos e disse-lhe em voz baixa:

- Olha bem para mim, Beatriz, e fica sabendo que jamais te voltarei a chamar Gracia. Olha para mim, caríssima. És a mais formosa das mulheres e nós seremos até à morte iguais àquelas duas crianças portuguesas que brincavam no cais do porto de Lisboa, espiando a construção de uma carraca que se chamava, como eu, São João. Atreves-te a dizer-me que não escolheste o teu nome judeu em lembrança do passado?

Ela iluminou-se como se batida pelo sol.

- Tu percebeste, Josef... - murmurou. - Sofri tanto! Pensava que te tinha perdido.

Reyna, espontaneamente, havia se afastado e mantinha-se calada. Cruzei o seu olhar inquieto e tomei as duas mulheres pelo braço.

- Mostrem-me a nova residência e contem-me tudo. Quanto a ti, donzela cotovia, vais tirar esse vestido de luto, pois já estou de volta - acrescentei eu para a minha pequena Reyna.

De súbito, parei. Brianda? Não a via.

- Não procures minha irmã, Josef - disse Beatriz adivinhando-me os pensamentos. - Ficou em Veneza com sua filha Chica. Concedi-lhe a parte dela na herança; converteu-se o mais sinceramente deste mundo ao cristianismo, e autorizaram-na a habitar no palácio Luna, onde vive quase reclusa de tanta vergonha. Não protestes, Josef... Foi cruelmente punida. Brianda praticamente perdeu a razão.

Não se devia voltar a falar de Brianda Mendes.

Reyna não opôs resistência a descrever o convento onde os Dez a haviam encarcerado. O legado do Papa não havia escolhido um daqueles conventos que se revelam ser lugares de perversão; as monjas haviam se contentado em dar à herdeira dos Mendes uma educação cristã. Reyna sabia tudo sobre a vida dos santos, e conhecia de cor as orações da missa. Havia conhecido o encanto dos claustros e dos sussurros entre meninas, as doçuras dos segredinhos sem importância. Ninguém a havia maltratado.

"Mas principalmente, Josef, aprendi a dissimular os pensamentos", concluiu. Arrepiei-me. A pequena havia também envelhecido. Beatriz não dissera uma palavra. Voltei-me e esperei. De cabeça teimosamente baixa, alisava aplicadamente o eterno vestido preto.

- Minha mãe não gosta de falar disto, Josef - disse Reyna baixinho. - Ela teve fome e frio; as paredes do quarto de onde não podia sair eram muito úmidas e ela não via o céu. Não insistas...

- ... No dia do Seder, serviram-me carne de porco com água suja - acrescentou a minha Beatriz numa voz quase inaudível, esfregando as mãos num gesto bizarro, como se as lavasse.

Lusitano havia lhe contado o nosso último Seder em Veneza? Contara sim, ela sabia.

- Não me preocupe com você, Josef. O nosso Deus traçou o teu caminho com uma mão segura, e por linhas tortuosas conduz-te a Ele. É assim.

Ali estava a minha inspirada Beatriz!

Contei-lhe as intrigas matrimoniais do médico Hamon. Ela as havia adivinhado graças ao meu recado, apesar de ser pouco claro; tal fora, com efeito, a causa da fuga para Ferrara.

- Mas, Josef - disse-me firmemente -, no dia em que chegarmos a Istambul, será preciso indenizar esse desonesto homem. Ouvi dizer que era poderoso e não quero que a nossa vida futura seja perturbada. Não desisti... Haveremos de partir em breve. Quis vir para Ferrara a fim de dar tempo para que a nossa fortuna se recomponha na Sicília, em Nápoles e também em Roma; mandaremos para lá agentes. É preciso consertar a nossa organização; deixamos de poder utilizá-la depois da traição do nosso homem de Lyon, que tomou o partido de Brianda. E foi nesta cidade livre de Ferrara que escolhi pôr os nossos negócios em ordem. Antes de fazer reviver Jerusalém...

Ora! Decididamente ela não havia mudado. Percebi mais tarde que não pronunciara uma palavra sobre o meu casamento com a filha.

Tínhamos necessidade de uma parada; Ferrara ofereceu-nos mais ainda, uma trégua.

No começo senti amargamente a falta de Veneza; o único canal reduzia-se à água estagnada dos fossos que rodeavam o castelo ducal. Tivera razão ao recear a insalubridade; nenhuma brisa vinha limpar os ares da cidade, nem a poeira das ruas, que bruscas e desagradáveis rajadas de vento erguiam num instante. Mas as espessas paredes das vastas construções patrícias tornavam frescos os interiores das casas, e os jardins pareciam outros tantos paraísos secretos cheios de poesia.

Na verdade, em Ferrara, a poesia era rainha. Enquanto viveu, a duquesa Lucrecia Bórgia, sobre quem se ouvia toda a espécie de calúnias, havia se rodeado de uma corte de amor, onde poetas e músicos celebravam a beleza da existência e os encantos da sua principesca musa. Dona Lucrecia havia deixado a lembrança de uma grande erudita a quem Ferrara devia a presença dos artistas. Essa pacífica febre poética havia conquistado a comunidade judaica.

O atual duque, Hércules de Este, mantivera a tradição humanista de Dona Lucrecia e o nosso povo devia-lhe o viver em paz, reunido. Desde 1538, quando o Habsburgo começou a espoliar os judeus de Flandres, o duque de Este ofereceu asilo aos perseguidos. Em 1540, a sua família fez mais ainda, e enviou a Milão Salomão de Ripa para ajudar os nossos irmãos a refugiarem-se em Ferrara. Asilo não era uma palavra vã e não houve nada que o duque não fizesse para atrair à cidade tudo o que Portugal, Espanha e Flandres haviam escorraçado sob o impulso do Habsburgo.

O duque de Este havia desposado uma princesa da França, que fora, na infância, uma das noivinhas do Habsburgo antes de ele ser imperador; o futuro Carlos V aceitara várias, tendo-as repudiado todas em seguida para se refugiar no seio da sua sombria família e escolher sua prima Isabel. Renata da França havia desposado em 1528 o duque Hércules; os súditos, que a haviam chamado "a Rosa do jardim da França", ou mais simplesmente "a nossa Renata", adoravam-na. Não era bela, mas possuía a graça do espírito e os encantos da bondade.

Nos mercados populares, evocava-se ainda, quase vinte e cinco anos depois, o casamento faustoso do duque Hércules com a Rosa francesa; e, nas tabernas, eram servidas iguarias que reproduziam a ementa desse dia memorável: *polpe di capponi involte in bianco, cervellati in padella, lattici-ni di vitello fritti, trutta in brodetto, lamprede arroste con suo sapore...* E outras; mas ainda me lembro das lampreias pomposamente servidas pelos estalajadeiros de Ferrara, que nunca deixavam de sublinhar: "Come al palazzo, signor".

A duquesinha havia conquistado os corações. Como era natural, trouxe com ela um poeta francês, um daqueles escritores que os reis gostam de ter à sua volta. Clément Marot, um alegre folgazão cheio de vida, grande leitor de Virgílio e de Ovídio, que fora acarinhado por Diana de Poitiers, a amante do rei Henrique, depois pela rainha Margarida - aquela a quem chamavam Margot, esposa do rei de Navarra. Havia, em seguida, ligado-se a Renata da França, que muito lhe queria. Marot escreveu para o casamento da sua princesa um daqueles poemas galhofeiros, que os franceses muito apreciam, e que fazia rir à socapa as damas de Ferrara.

Filha de rei, tua virgindade não tem amanhã
Mas que tal não te cause dor
Pois macieira que dá boa maçã
Vale mais do que aquela que apenas dá flor}

E como a macieira francesa ficara apenas em flor, o casal não havia tido filhos. De regresso a França, Clément Marot havia se convertido à religião reformada; em breve foi condenado à morte e banido, e voltou a refugiar-se em Ferrara, onde a duquesa o empregou como seu secretário. Aos poucos, converteu também a duquesa Renata. O duque, muito boa pessoa, não se inquietou.

Os poetas nem sempre são distraídos. Em face dos progressos da Inquisição, Clément Marot assustou-se, fugiu para Lyon e renegou a Reforma. Para se justificar, escreveu dois versos:

Mais vale desculpar-se de ausência
Do que ser queimado na sua presença.

Assim são os poetas da corte, coração inflamado e medo nas tripas. A duquesa Renata, apesar de ter perdido o poeta, permaneceu fiel à religião a que ele a convertera. Em 1536, o grande Calvino encontrou asilo em Ferrara; o duque não se preocupou. Quanto aos súditos, zombavam sem maldade da duquesa, mas respeitavam-na. Esperavam que ficasse grávida, e não se importavam com o resto.

Quando chegamos a Ferrara, já nem sequer se esperava o filho - mas a duquesa continuava a ser amada.

Não passou muito tempo antes de sermos convidados para a corte. O duque, jogador furioso, ainda que pouco hábil, mostrava-se lento a pagar as dívidas de jogo; a sua bondade não impedia que tivesse necessidade de amigos banqueiros. O meu título de cavaleiro autorizou-me a sentar à sua mesa; quando a sorte lhe era contrária, aquele bom gigante levantava-se, vermelho, e dardejava olhares fulminantes. Depois de ter dado três voltas à sala, sentava-se de novo e perdia logo.

- Sois um mago, cavaleiro! - dizia-me ele franzindo as espessas sobrancelhas. - Tomai cuidado, os padres queimar-vos-ão, certo, e seria ajuizado deixar-me ganhar uma ou duas vezes...

Vindo de outro que não ele, seria uma ameaça a levar a sério; mas o duque Hércules era bom. Nada ignorava da nossa história e, contudo, tratava-nos como amigos. Para o contentar, tive de trapacear; ganhou, fazendo valer a fraude. Ficou tão contente que me ofertou uma pérola para me recompensar. Ah, o gracioso soberano! O meu querido Selim tinha a mesma alegria, a mesma candura ingênua...

A duquesa Renata não jogava nunca. Escutava os madrigais vindos de Veneza, com suas damas. Dentre elas, cedo notei uma certa Bianca, mulher alta e forte, de olhos de águia, a quem nada escapava. Essa era perigosa.

Deve-se dizer que em Ferrara eram as damas que comandavam.

Na comunidade dos nossos irmãos, elas eram rainhas. E certo que o rabino Soncino era respeitado; é certo que se venerava Dom Pedro de Toledo, que havia sido vice-rei do reino de Nápoles antes de ser escoraçado pelo Habsburgo por ser judeu. Mas falava-se ainda mais das três mulheres que ditavam a lei.

A primeira chamava-se Pomona Modena. Cheia de vida, alegre, foi logo para Beatriz uma companhia cotidiana, e levava-a quando ia fazer as suas caridades aos pobres. A segunda era a mui sábia Bathseva, a quem todos chamávamos Fioretta, de tal modo ela parecia estar na flor da idade, apesar das suas cinquenta primaveras. Quanto à terceira... Dona Benvenida Abrabanel, viúva de Dom Samuel, era também a nora de Isaac, que ficou conhecido sob o nome de Trismegisto, porque era considerado mestre na arte da Magna Scientia. Dona Benvenida fora, como Beatriz, uma fiel seguidora daquele sinistro David Rubeni que havia, outrora, virado a cabeça de minha tia. Dona Benvenida guardara até a mais preciosa das recordações desse messias de meia-tigela: uma faixa de seda, bordada pelas suas próprias mãos, onde se podiam ler os Dez Mandamentos, e que David Rubeni encontrara maneira de lhe devolver antes de ser queimado em Évora.

Assim que chegava a primavera, Fioretta, Pomona e Dona Benvenida, cada uma por sua vez, reuniam os amigos nos jardins quarta-feira à noite. Uma grande mesa de madeira sem enfeites, laticínios, frutas e vinho eram todo o ornamento dessas festas: os melhores músicos tangiam os seus instrumentos e gozávamos com toda a simplicidade. Nada mais requintado do que as chamas discretas dos archotes colocados entre os ramos baixos dos ciprestes ou nas madressilvas, e que se acendiam ao cair da noite com uma certa solenidade. A moda exigia que se dispusesse entre os arbustos estátuas vindas da Antigüidade romana; os seios das deusas coravam à luz das tochas, e aquela nudez dava à cerimônia um não sei quê de sacrílego e pagão que me encantava. Era a hora em que certas árvores, entre as mais frondosas, albergavam na obscuridade centenas de pardais e de melharucos, reunidos para um conclave cotidiano e, contudo, barulhento sob as folhas.

- Esperemos um pouco ainda, que os ninhos se calem - dizia Pomona. - Não se deve estragar o encontro vespertino dos pássaros; eles contam uns aos outros, antes de dormir, o que fizeram durante o dia.

Quando a folhagem se tornava silenciosa, Fioretta batia palmas, e as violas começavam a tocar. Então, uma ou outra das três senhoras punha-se a cantar uma romança na nossa língua; se era a bela voz grave de Fioretta, Pomona retomava com o seu timbre agudo e Benvenida se lhes juntava. Foi no decurso de um desses serões que Reyna experimentou a voz por desfastio; daí em diante, a maior parte das vezes, pediam-lhe que fosse a primeira a cantar. Servíamo-nos de bebidas sem ruído, tirávamos da mesa uma nectarina, cerejas, polenta recém-preparada, e quando cessavam os cantos começava a poesia, que os moços declamavam com sucesso desigual. Mas que importava o talento de quem dizia? Quando havia calor, o aroma das rosas e dos ciprestes aumentava o encanto da noite. Éramos felizes.

Cada uma daquelas grandes damas judias de Ferrara tomou Beatriz sob a sua proteção; todas lhe deram lições. De Pomona, Beatriz aprendeu o contato com os deserdados da sorte; Fioretta ensinou-a a ler o Livro dos Esplendores, que não conhecíamos.

E que não se imagina, Caraffa, o quanto nós éramos pobres de espírito. Em Lisboa, a nossa religião permanecia proibida e reduzida, por isso, às suas cerimônias mais simples; fora do ritual do Shabbath, do Grande Perdão e de certas ocasiões importantes - como os casamentos e os nascimentos - nada sabíamos. Não podíamos abrir os livros sagrados sem risco: eles permaneciam, pois, escondidos nos armários e só raramente saíam.

E certo que os nossos de Antuérpia se revelaram muito eruditos, e Amato Lusitano é disso o melhor exemplo. Francisco Mendes, acerca de quem se murmurara que era um rabino convertido, teria igualmente podido encarregar-se da nossa educação, se tivesse tido tempo... Mas tínhamos o espírito demasiado ocupado com as tarefas do banco e com a nossa organização para termos a liberdade de aprender. Beatriz e eu estávamos desarmados, ignorávamos mil e uma coisas; fingir o catolicismo obrigava-nos, apesar de tudo, a dominar-lhe os rudimentos, e os nossos espíritos erravam numa inevitável confusão. Vejo nisso a causa das perturbações que tantas vezes agitaram Beatriz e a mergulharam nas suas aberrações. Aquela alma era vulnerável e não podia resistir. Após a morte de Francisco e de Diogo Mendes, quem podia guiá-la? Com certeza que não um descrente como eu, Caraffa...

Mas em Ferrara não eram os mestres que faltavam. A comunidade tinha brilho e poder suficientes para oferecer a Beatriz o quadro perfeito de uma educação judaica. Rabi Soncino pegou-lhe pela mão e guiou-a no estudo da Bíblia. E Dona Benvenida Abrabanel encarregou-se dos aperfeiçoamentos da exegese, arte complexa que ela dominava melhor do que todos os rabis de Ferrara.

A pequena Dona Benvenida invocava um de nossos irmãos, cujo nome é certamente desconhecido aqui, porque os rabis gostam pouco dele. Tu conheces Abraão Abulafia? Não? Bem vêes que tenho razão...

Esse sábio viajante pregava a liberdade da alma. Conhecedor do Oriente, foi, sem dúvida, com os sufis que ele aprendeu como reunir a alma ao seu Deus. É provável que tenha estado aqui, em Istambul, onde conheceu aqueles loucos de Deus, que como sabes, Caraffa, giram em torno de si mesmos até o êxtase. Abraão Abulafia respeitava em todos os aspectos os textos aos nossos antepassados; mas havia fabricado, com todos os nomes do Deus de Israel, uma ciência mágica, de tal modo que, dizendo esses nomes de uma certa maneira, podia desatar-se, dizia ele, o laço que unia o corpo e a alma, para a libertar da carne e a transportar para fora do mundo terrestre, sem todavia morrer. Dessa maneira, ia-se e vinha-se de um universo ao outro, saía-se de si e aí se tornava, com toda a tranquilidade.

E Dona Benvenida conhecia "essa" maneira.

Não tardei a perceber que Beatriz não era bem a mesma. Levávamos, contudo, uma vida que jamais foi tão doce. Beatriz já não hesitava em sair; íamos às festas do palácio, onde não nos regateavam amizade; reuníamos-nos nos nossos jardins, e Reyna cantava as suas canções com uma doçura encantadora. Eu não era mais torturado pela idéia do casamento, que Beatriz parecia ter abandonado; e experimentava sem receio, pela primeira vez na vida, a ilusão de uma harmonia familiar protegida do mundo exterior.

Depois, sob a influência de Dona Benvenida, Beatriz começou a jejuar. Não te falo dos nossos jejuns rituais, não! Nessa época da nossa vida em Ferrara, Beatriz jejuava fora de propósito, a todo o instante; por vezes, - durante uma semana, retirava-se para o quarto à hora das refeições. Fiquei tão intrigado que subi para vê-la.

De mãos nos joelhos, Beatriz estava sentada, o olhar absolutamente vazio. Mas tão vazio e tão cheio de uma misteriosa ausência, que compreendi logo que não devia despertá-la daquele sono. De olhos abertos para um mundo ao qual eu não tinha acesso, Beatriz evadira-se.

Pousei, muito de mansinho, a minha mão no seu peito: a respiração parará. Tomei-lhe o pulso: já não batia.

E, no entanto, Caraffa, aquilo não se assemelhava aos transes por que havia passado no São Tobias. Também não era a crise de Veneza. No mar estava sonâmbula; em Veneza parecia possuída. Mas na casa de Ferrara ela parecia dona do seu corpo. Sentei-me ao pé dela e esperei muito tempo. Depois os dedos começaram a mexer lentamente, a pele coloriu-se, a respiração voltou e ela baixou os olhos.

- Estavas aí, Josef - disse numa voz calma. - Não te inquietes, irmãozinho. E a devekhouth que Benvenida me ensinou.

Permaneceu sentada movendo levemente todos os dedos das mãos. Em seguida pegou um pedaço de açúcar cristalizado que comeu devagar. Não lhe perguntei nada.

Uma outra vez, achei-a prostrada, com a cabeça escondida entre os joelhos, sem respirar. Era ainda um achado de Dona Abranel. Quis tirar aquilo a limpo e fui ter com a Dama.

- Já há muito tempo minha tia Gracia me inquieta-me, Dona Benvenida - disse-lhe eu como preâmbulo. - Deveis certamente saber que quando era jovem minha tia foi sujeita a

estranhas crises que nos assustavam a todos. Ora, outras crises a retomam desde há pouco, ou antes, desde que vem regularmente consultar-vos... Que lhe fazeis vós?

Dona Benvenida mergulhou longamente os olhos cinzentos no fundo dos meus. Depois endireitou a pequena estatura e suspirou, como se achasse em face de uma criança pouco dócil. Afavelmente dispôs-se a explicar-me que não era preciso ter medo; Dona Gracia sentia a necessidade de se reconciliar com o Deus de nossos pais, que ela havia servido no passado com toda a sua alma, é certo, mas sem o indispensável conhecimento. Os exercícios que ela lhe ensinava eram simples orações. Zanguei-me.

- Em Antuérpia, houve um certo Van Almaengien que, a pretexto de orações, queria pô-la nua e fornicar com ela, Dona Benvenida!

- Eu sei, Josef - atalhou ela muito comovida. - Mas o que hoje lhe ensino é uma ciência verdadeira à qual as pessoas vis não têm acesso. Tua tia Gracia faz parte das mulheres de Israel a quem foi dado o poder de ascender a Deus e de contemplar a luz sobrenatural que conduziu os nossos irmãos no deserto...

- Então ensina-me! - disse eu furioso. - Porque jamais acreditarei em tais coisas se as não verificar por mim mesmo. Ensina-me, rogo-vos!

- Tu, Josef? Tu, o cavaleiro Micas, ou ainda Miquez, adepto de Erasmo e súdito do Habsburgo? Tu, cujos laços de amizade cora Maximiliano da Áustria são conhecidos? Como poderia eu ensinar-te, pobrezinho!

Não podia suportar mais a idéia de ver a minha Beatriz aceder a um universo onde eu não tinha lugar. Ergui o punho, supliquei, lancei-me aos pés dela, que beijei...

- Bom! Paz, Josef, calma! - disse ela rindo. - Vejamos se consegues aprender. Levantate e toma assento. Não, sem cruzares as pernas. As mãos bem espalmadas nos joelhos. Primeiro é preciso que sossegues. Respira devagar, muito devagar. Tenta reter a respiração durante o máximo de tempo possível. Dirás o primeiro nome de Deus quando expirares.

Ao cabo de alguns segundos eu sufocava.

"Recomeça o exercício", disse ela. A muito custo, cheguei ao que ela pedia. "Agora, antes de soltar o ar, fecha os olhos lentamente e esforça-te por contemplar a luz no fundo da vista." Fechei as pálpebras e vi apenas pontos muito brilhantes que giravam em círculos de fogo. Consegui conservar os olhos, fechados enquanto, numa voz monocórdia, dona benvenida recitava a litania dos nomes de Deus. Mas eu apenas enxerguei improváveis estrelas.

Exasperado, a beira da asfixia, abri bruscamente os olhos. Dona Benvenida observava-me com um sorriso enigmático.

- Viste a luz, Josef? Não, pois não tem o contentamento inscrito no rosto. Para aprenderes, como dizes, falta-te uma virtude que sempre te há de faltar: paciência. Deixa, portanto, as mulheres fazerem o que sabem, Josef. Nós não praticamos o mal; desde que ele não se esqueça de comer açúcar depois de das devekhouth, Dona Garcia não corre qualquer perigo. Ela sabe ver a luz...

E deu-me umas palmadinhas gentis na cabeça.

Eu, impaciente, quando havia feito minha a divisa do Habsburgo, Nondum? Eu, impaciente, quando havia conseguido retardar as minhas núpcias com Reyna para esperar... esperar o que, realmente?

Benvenida tinha razão. É verdade que jamais havia dado provas de muita paciência. E mesmo neste dia em que espero a hora da minha morte, anseio por conhecê-la. Contudo, que terei feito eu toda a minha vida senão esperar uma mulher? Viajar sem ela, reencontrá-la, separar-me dela, a ordens suas, esperar o regresso, e perdê-la de novo...

Despedi-me de Dona Benvenida a resmungar. Tinha medo daqueles exercícios que separavam o corpo da alma e o deixavam em abandono, como um invólucro vazio. Sempre amei o meu próprio corpo; Beatriz pelo contrário, jamais amou o dela.

Alguns dias mais tarde, percebi que os pratos que nos eram servidos perdiam o sabor. Acabara-se a pimenta, a canela e o gengibre e até mesmo o cravo da índia. Nas cozinhas soube que Beatriz havia ordenado que as especiarias fossem suprimidas. O açúcar não claro.

Mas suprimir as especiarias! Era demais, Garrafa. Beatriz disse-me serenamente que as especiarias aquecem as carnes inutilmente.

- inutilmente! – gritei – Queres realmente tirar o sabor à vida e privar-te

De todo e qualquer prazer? É mais uma vez essa boa Benvenida do alto da sua ciência? Terás guardado uma recordação tal da prisão que desejas fechar-te para encontrares uma paz semelhante?

Estava furioso. Beatriz também. Seus lábios se tornaram lívidos, o nariz afilou-se e, apanhando um jarro de estanho de cima de uma mesa, atirou-o com toda a força. Esquivei-me, por pouco, e precipitei-me para ela, mas ela desfaleceu.

Quando a tive nos braços, tão branca e tão frágil, pensei que estava morta de fato, e gritei por ela como uma criança. Não conseguia aquecê-la; levei-a para a cama, desatei-lhe a touca, soltei-lhe os cabelos, larguei-a e beijei-lhe as mãos, os braços, as faces, para lhe dar a minha vida. Nada feito.

Chorava, escondido nos seus cabelos brancos, quando sua mão pousou-me no pescoço.

- Deixa-me, irmãozinho... Deixa-me - gemeu.

Endireitei-me, desvairado. Beatriz estava meio despida. Um nada flácida apenas. Na raiz dos seios, os primeiros sulcos de velhice haviam cavado algumas rugas; mas a maciez da pele sob os meus dedos, e o calor... Ela fechava os olhos e, sem se dar conta, estendia-me os braços.

- Nada receies, Dona Gracia - disse eu afastando-me. - Acharei outras especiarias algures. Nada receies, Beatriz... Mas toma cuidado; vais tão longe que me esgotas...

Saí correndo como se o Diabo me perseguisse; nem sequer sei se ela me ouviu.

Era preciso ocupar Beatriz, sempre inocente como uma ovelhinha. Os serões poéticos, as obras de caridade das senhoras, a aprendizagem da nossa religião, nada disso lhe bastava. Fui ver o rabi Soncino, que evocou outros estudos ainda, mas não era isso que eu procurava; muito oportunamente, Amato Lusitano teve a boa idéia de se juntar a nós nessa época, no momento preciso em que eu desejava a sua presença. Como de costume, pedi-lhe conselho.

- Oh! Conheço esses enervamentos - disse ele -, e esses desmaios. Ela precisa de ação, e de política. Qual é o estado da organização? Não será, por acaso, necessário revê-la? Que sabemos nós das novas estalagens à beira das estradas, por exemplo? Sei que em Nápoles a situação se deteriorou, e que os nossos chefes de bairro têm partido em número suficiente para que seja preciso renovar essas responsabilidades. Ao trabalho, Josef!

Retomei a obra; trabalhamos pacificamente em companhia do rabi Soncino, que queria conhecer exatamente o estado global das comunidades judias sefarditas. Beatriz restabeleceu-se; atou de novo os cabelos sob uma touca singela; voltou a ser a Senhora, e o seu gosto pelo açúcar não mais conheceu limites.

Foi por volta dessa época que ela tomou uma grande decisão. Todas as Bíblias que existiam eram em hebraico, segundo a lei da nossa religião; mas Beatriz conhecia melhor que ninguém a situação de desvantagem dos cristãos-novos: ninguém lhes ensinava a língua de Israel. Numerosos eram os marranos que não sabiam hebraico e se encontravam diante da Bíblia como diante de um objeto desejável, mas proibido; os que não se haviam convertido, os verdadeiros judeus, como eles próprios diziam, censuravam-nos cruelmente, por vezes em voz baixa, muitas vezes abertamente, e era entre as comunidades um não mais acabar de conflitos.

Beatriz queixava-se disso com frequência ao rabi Soncino, que invocava o rigor dos tempos e a impossibilidade de imprimir uma Bíblia transcrita do hebraico para o judeo-espanhol. Não existia objeção de princípio, não era sacrilégio, mas o trabalho, dizia ele, seria demasiado longo e demasiado custoso.

Beatriz amava o impossível. Decidiu pois investir o dinheiro necessário para que se imprimisse em Ferrara uma Bíblia traduzida do hebraico para o judeo-espanhol. Assim, dizia ela, todos os nossos irmãos, mesmo os mais desfavorecidos, poderiam ter acesso aos nossos textos sagrados.

A idéia provocou escândalo. Os mais idosos viram naquilo uma afronta; aos olhos deles, o hebraico, mesmo incompreensível, constituía a única garantia de fidelidade às tradições judaicas; modernizar era trair. Os mais jovens julgavam a coisa de modo totalmente diferente e manifestaram um entusiasmo fervoroso. Pomona, Fioretta e Dona Benvenida apoiaram firmemente o projeto de Beatriz. Só o rabi Soncino hesitava em dar o seu aval, dividido entre a evidente utilidade da nova Bíblia e o respeito pela tradição, de que era, por definição, o garante; já então ele não sabia o que pensar, e apesar da sua elevação de espírito, mostrava uma indecisão que viria a provocar muitos desastres.

O grupo das mulheres saiu largamente vencedor; Beatriz, voluntariosa, punha nas suas resoluções tanto arrebatamento como nas suas cóleras, está tudo dito. Quanto a mim, não tinha opinião; estava, no entanto, feliz por vê-la tornar ao mundo exterior, longe das devehouth de Dona Benvenida.

Os dois impressores judeus que ela havia designado, Abraão Usque e Yom-Thom Athias, vinham todos os dias consultar Beatriz. A transcrição foi longa e difícil e o rabi Soncino ofereceu-se para verificar o conteúdo. Por fim, após dois anos e meio de trabalho, nasceu a célebre Bíblia de Ferrara, que todos nós conhecemos.

Lembro-me do momento preciso em que, enfim, a vimos. À força de invocá-la, acabava-se por já não acreditar, e aliás na comunidade quase já não se falava nela. Os impressores haviam se resguardado num silêncio prudente, e Beatriz desesperava de ler um dia a sua Bíblia. Ela não esperava que o irmão de Abraão, o jovem Samuel, organizasse, sem lhe dizer, uma cerimônia de um gênero inesperado.

Um belo dia, Abraão saiu da sua reserva, pediu cerimomosamente uma entrevista a Dona Gracia Nasi, e avisou-a de que o irmão mais novo queria entregar-lhe um presente.

Parece que ainda vejo Samuel Usque, moço imberbe, com a glote saltitante de emoção; segurava nos braços dois grossos livros acabados de sair das prensas, e a pluma do seu pequeno gorro tremia. O primeiro não era outro senão a Bíblia de Ferrara; o segundo tinha por título as Consolações das Atribulações de Israel, e o autor era o próprio Samuel Usque. Sentada numa imensa poltrona ereta, Beatriz, em traje de cerimônia, esperava-o ao fundo da nossa grande sala, com a safira posta à maneira de diadema junto à raiz dos seus cabelos prateados.

Imagina tu, Caraffa, que o infeliz Samuel ficou tão perturbado que tropeçou; os livros teriam caído se eu não o houvesse agarrado. Pousou a Bíblia no colo de Beatriz; e, para

terminar, com muitas reverências, abriu a sua própria obra e leu, numa voz pouco segura, a famosa dedicatória que celebra a Senhora: "E vós não haveis esquecido a ajuda que recebestes durante a longa caminhada pelas estradas desde Portugal, até o momento em que chegastes, sãos e salvos. Quem, como vós, viu a Divina Compaixão revelada através dos disfarces do homem? Quem viu reviver a piedade essencial de Maria oferecendo a vida para salvar as irmãs? A grande prudência de Débora que governava o seu povo? E aquela virtude infinita, a grande santidade de Ester que ajudou os perseguidos? E a força ilustre da casta e magnânima viúva Judite, ao libertar aqueles que não resistiam ao trabalho? Da mesma maneira o Senhor enviou hoje e escolheu, de entre as fileiras supremas dos seus exércitos, para encarnar o Poder da sua alma, a mais feminina e a mais justa dos ricos judeus Nasi...".

A mais justa dos ricos judeus Nasi, Caraffa! E não era tudo... Judite, Maria, Ester, não era ainda bastante: "É ela que vos mostra o caminho nas rudes montanhas dos Alpes alemães e dos outros países, e quando vós estais numa miséria extrema, no meio dos numerosos horrores e desventuras da longa viagem, é ela que se esforça e vos ajuda. Sim, é ela que vos socorre com maternal ternura e celestial liberalidade...".

A cabeça de Beatriz endireitara-se, mais altiva que nunca; o seu semblante irradiava uma serenidade que eu não conhecia. Até aquele dia ela havia firmado o seu destino unicamente sobre a sua certeza, mal apoiada pelas minhas dúvidas e pela minha paixão. Que lhe dava a minha ternura incrédula? Aquelas linhas fervorosas asseguravam-lhe a glória; eram os seus irmãos na religião que a consagravam. O povo judeu do nosso tempo havia encontrado sua heroína.

Prudentemente, a Bíblia de Beatriz foi dedicada ao duque de Ferrara; continha também uma outra menção menos apreciável: "Vista e examinada pelo Ofício da Inquisição". Abraão Usque e Yom-Thom Athias haviam igualmente imprimido uma versão para uso dos cristãos, onde apareciam os seus nomes marranos: Duarte Pinei e Jerônimo de Vargas. Mas a Bíblia destinada aos nossos, onde figuravam os dois nomes judeus, continha uma dedicatória particular: "À Mui Magnífica Dama Dona Gracia Nasi".

Data desse preciso momento a história oficial da Senhora. Foi no coração daquela cidade austera e fervorosa, no meio dos seus amigos, rodeada de jardins e das canções de sua filha, que Beatriz abordou uma vida nova. Havia merecido aqueles elogios. A comunidade de Ferrara, sem dúvida bastante protegida, não teria sonhado mandar imprimir a Bíblia sem o impulso daquela que havia experimentado na carne a rudeza das viagens e a humilhação das fugas. E era verdade que, à frente da sua própria felicidade, ela havia sempre colocado a segurança de todos os outros, os desconhecidos, os pobres judeus lançados através das estradas da Europa...

Samuel Usque fechou o livro, e disse o título em voz comovida "... as Consolações das Atribulações de Israel, a Senhora de todos nós"; depois dobrou o joelho e beijou-lhe a mão.

Era a minha Beatriz, aquela rainha a quem prestavam homenagem? Imitei o pequeno Samuel e pus-me de joelhos. Rainha da Palestina, Beatriz? O visionário David Rubeni teria acertado?

- Partirás amanhã para Nápoles e Palermo, Josef, para examinar o estado da nossa organização - ciciou enquanto eu me inclinava diante dela. Não protestei.

Foi uma longa aventura temerária. Nos Estados pontifícios, podia circular sem dificuldade; mas assim que pus o pé nos territórios do Habsburgo, senti apertar-se a vigilância policial de um império que dava poucas liberdades aos súditos. A minha tarefa tornava-se mais difícil por causa dos progressos constantes da Inquisição; Beatriz tinha razão, o tempo urgia. Procurei com afinho os agentes honestos de que precisávamos para constituir novos grupos organizados e para ajudar os nossos irmãos do sul a irem ter conosco depois de nos instalarmos em Istambul. Trabalhei nisso seis meses.

Aproveitei para reatar a galanteria, muito pouco praticada em Ferrara; conheci em Nápoles mulheres formosas de cabelos cor de carvão, mal-educadas à vista das belas venezianas, e cujas axilas cheiravam a suor. Mas dei graças por elas se encontrarem no meu caminho, e percebi que o encanto de Veneza jamais seria substituído. Tive de me contentar.

Entre Nápoles e Palermo, aonde fui por terra, compreendi o ideal antigo do velho Erasmo. Eu jamais vira um templo antigo; diante da pujança desolada do de Paestum, senti-me mais grego que judeu. Seria do céu aberto através das colunas? Ou da ausência dos deuses, privados de altares e acessórios? O desabamento dos telhados, a destruição das paredes, o esboroamento dos blocos de mármore de uma brancura gasta, os restos de ocre e de vermelho, e a natureza que invadia o conjunto retomando os seus direitos, tudo me parecia restituir às divindades desaparecidas uma força que eu não encontrava nas poucas sinagogas em que havia entrado. Achei preferível o vento a soprar pelos matagais e o azul por cima da minha cabeça. A beleza daquele templo participava da liberdade e do mar; e não era por acaso que as autoridades católicas desconfiavam das idéias humanistas. Como é que os cristãos foram capazes de se encarniçar contra tantas maravilhas? Retornei a Ferrara muito satisfeito; havia freqüentado as donne, travado conhecimento com os deuses gregos, e a obra da Senhora no sul da Itália estava concluída.

A primavera chegava ao fim; a sombra tornava-se rara, e o meu cavalo seguia devagar, esgotado, como o dono. Nas estradas que me aproximavam de Ferrara, vi, como outrora durante as guerras da Alemanha, o fumo subir das casas; tantos incêndios ao mesmo tempo? Cruzei com três esquifes, pelo menos, com o respectivo cortejo de carpideiras, e sem padre. Esporeei o cavalo.

O palácio estava trancado. Foi a própria Beatriz quem abriu, de rosto tenso. "Entra depressa, Josef, não demores. Ouvem-se estranhos rumores de alguns dias para cá. As mulheres morrem de parto, multiplicam-se os abortos espontâneos. Os camponeses dizem ouvir lamentações nos cemitérios, e avistar nas nuvens exércitos de esqueletos. Um padre jurou que havia visto no céu um cometa... Sabes o que significa isso, Josef?"

Sabia, sim! Sabia. Receava-se a peste. E a peste era sempre imputada aos judeus.

Surgiu bem equipada, terrífica. Havia gente que morria, dormindo, ao cabo de três dias; outros, tomados de loucura, dançavam até rebentarem; outros, enfim, ficavam todos vermelhos e ardiam por dentro. A cidade entrou em fúria.

Fizeram-se fumigações de ervas, tão intensas que as jovens andorinhas sufocavam nos ninhos; os médicos esconderam o nariz nos compridos cartuchos de papel branco que supunham protegê-los, e todo o acompanhamento de magias que as pestes atraem pôs-se em movimento em Ferrara. Preparavam-se as caixas de perfume com Artemísia, arruda, valeriana, genebra, samambaia vermelha... sei lá que mais. A maçã-de-âmbar e o tabaco pareciam panacéias supremas e raras. Bobagens!

Os cristãos não comiam mais nem aves de capoeira, nem leitão, nem animais ribeirinhos; o azeite cozido era considerado mortal. No momento de agonia dos doentes,

colocava-se em seus lábios um pedaço de pão para atrair o veneno com o último suspiro. Recomendou-se a todos que bebessem a própria urina, misturada com jacobéia e sal, e vertida no pão da manhã com óleo doce. Vi doidos esfregarem-se com urtigas para provocarem bolhas, depois alimentavam as chagas impregnando-as de sal grosso. Abundavam os talismãs; os amuletos passavam dos mortos aos vivos. E nada daquilo impedia os doentes de morrerem.

Os cadáveres eram queimados no meio das ruas; as casas eram marcadas de cruz, uma cruz de um vermelho berrante, com uma inscrição: "Senhor, tende piedade de nós...". O clero dirigia grandes procissões com o Santo Sacramento, e os padres, nos sermões, anunciavam o fim de um mundo corrompido pela religião reformada. Nenhum deles ousou, contudo, evocar a conversão da duquesa Renata à heresia maldita.

Corajosamente, o casal ducal permanecera em Ferrara, e não havia exigido, como tantos reis fizeram, o privilégio de serem os únicos a fugir para evitar o contágio. Por mais excitados que estivessem os padres católicos, sabiam que o duque era um bom soberano. Mas a presença ducal não alterava em nada o horror da doença; o medo estava por todo lado, e os corpos atulhavam a cidade. Em suma, era, sem qualquer dúvida, a peste em todo o seu esplendor.

Só Lusitano, como bom médico judeu, jurava que não era ela. As águas apodrecidas do verão, afirmava, haviam fabricado uma doença das entranhas; todo o resto não passava da mais pura fantasia. Não eram precisos, dizia, sacramentos imbecis, procissões ou fumigações, bastava não beber água.

- Quem diz peste diz língua enegrecida ou antrazes, com vômitos de sangue. O tumor deve ter o tamanho de um ovo de gansa... Por vezes, o doente sangra pelo nariz e morre. Examinei bem os cadáveres e não vi nada disso'. São fluxos ao ventre, febres malignas, simples borbulhantes purulentas. Ergo, não é peste. Nem por isso se morre menos!

Mas ninguém podia fazer nada contra a loucura de Ferrara. O velho adágio dos tempos passados ressurgiu: In Peste Vênus pestem provocai, durante a peste, Vênus provoca a peste.

Em vez de ficarem quietas, as pessoas amaram-se furiosamente. Eram encontradas, de noite, nos cemitérios, ocupadas a fornicar diante das campas recentes. As moças passeavam, de cabelos despenteados, com risos bizarros; as prostitutas fizeram fortuna. Depois, ao amanhecer, ouvia-se de longe o apelo dos coveiros: "Tragam os vossos mortos", e desapareciam até à noite.

No meio dessa confusão, Lusitano resmungava cada vez mais e recomendava que não bebessem a água dos poços. "E ela a causa de tudo e é ela que vos mata!", proclamava erguendo um dedo sentencioso.

Falou demais. Olharam-no de lado. Depois, um padre apareceu debaixo das nossas janelas brandindo um crucifixo; gritou que havíamos envenenado a água dos poços. Começaram a chover pedras sobre os vidros do palácio.

Lusitano, na soleira da porta, quis acalmar o tumulto que ameaçava explodir defronte da casa Nasí, explicando os tratamentos: trabalho escusado. Uma pedra cortante acertou-lhe na testa. Enquanto Beatriz lhe tratava da ferida, Lusitano, numa voz que não admitia discussão, disse:

- Meus filhos, é tarde demais. Não é a peste que vos há de matar, mas morreremos com certeza se não deixarmos este lugar. É tempo de aplicar o eletuário do médio Razi da Arábia, que formulou o mais sábio e mais terapêutico dos remédios contra a peste: "Depressa, longe e por muito tempo, partir depressa, para longe e sempre em frente". Vamos, sem demora. Ponhamo-nos a caminho amanhã mesmo.

- Deixa-me ao menos ir pedir a proteção do duque de Este! – disse eu. – Ele não há de tolerar que nos ataquem, e esta noite teremos bons guardas que nos defenderam desse furiosos.

O Duque recebeu-me com gravidade. Com manifesto mal-estar, explicou-me que era justamente, obrigado a expulsar de Ferrara todos os Cristãos-novos chegados a menos de cinco anos.

- Não creias, cavaleiro que concedo o mínimo crédito a essas crenças: como teríeis vós podido envenenar os poços? Sabeis o quanto abominamos as superstições de outras eras. Mas em compensação, asseguram-me que os Cristãos-novos trouxeram a peste da Alemanha...

Falei-lhe das Teoria de Lusitano. O duque teve um gesto desolado.

- talvez esteja com a razão, cavaleiro; sei que os médicos judeus são muito sábios. mas não tenho outra alternativa se quiser manter a calma no meu ducado. Ademais, o Papado tem insistido para que dê satisfação aos cristãos. Não vos peço um exílio definitivo, não. Deixai Ferrara por alguns meses, o tempo da peste ir embora; e tornai em seguida. Vereis as boas partidas de cartas que havemos então de jogar...

Assim, até o virtuoso duque de Este nos rejeitava! Tive a impressão de perder um amigo. Beatriz foi ver a duquesa Renata. Foi pior. A duquesa fez-lhe estranhas confidências: a dama Bianca, que me havia parecido tão perigosa, usara da peste para exigir a nossa partida. E era mesmo a perdição dos Narsi que ela havia decidido; pois os Abrabanel, os Toledo, os Modena, todos instalados há mais de cinco anos, ficaram. O prazo não dizia respeito senão aos Nasi e aos que lhe eram próximos, Lusitanos, justamente.

Uma coisa era certa: dessa vez não era a nossa fortuna que pretendiam. Contentavam-se em nos escorraçar; incomodávamos. Beatriz suplicou que deixassem sair os marranos sem problema, e que não fossem massacrados pelo caminho. A boa duquesa Renata, comovida até as lágrimas, prometeu guardas.

Mas ir para aonde? As Terras de Veneza eram perigosas. Os Estados do Papa não eram menos, já que os Judeus eram considerados culpados da peste. Ir para onde senão para parte nenhuma?

Amontoamos, em pesados carros, o necessário para estabelecer um acampamento provisório nas redondezas. E como teríamos que nos haver com homens, que são piores que os lobos, levamos armas. Como a gente da casa era numerosa, com criados e criadas, em breve tínhamos vinte carros e trinta cavalos.

De Lisboa a Antuérpia, de Antuérpia a Veneza, de Veneza a Ferrara, e agora com que destino?

A saída de Ferrara foi terrível. Esperavam-nos grupos de camponeses armados, prestes a atacarem-nos sem piedade; e os guardas prometidos pela duquesa Renata abandonaram-nos ao cair da noite.

A cidade afastava-se; os campos abandonados ficavam escuros, iluminados apenas, aqui e ali, por algumas fogueiras ao longe. Lenhadores, com certeza, ou ladrões. Bruscamente fui assaltado por um cheiro desconhecido, de mel e flores várias. Qual seria a magia que andava no ar?

Os carros avançavam pesadamente na penumbra - só se ouviam as surdas exclamações dos cocheiros e o bater das patas dos cavalos. Beatriz murmurava versículos, e reconheci o nosso Hagaddab, o poema da libertação do povo de Israel. "O Senhor fez-nos sair do Egito, com uma mão poderosa e um braço estendido, com uma aparição terrífica, com sinais e prodígios...", rezava ela.

Reconheci por fim o cheiro: era o do verão. Acostumado às pestilências enfermças da cidade, havia esquecido o perfume das acácias e o aroma dos trigais. A família Mendes fugia de novo, é certo, pelas estradas; mas não éramos nós o verdadeiro símbolo do povo judeu em marcha? "Mas quão grandes e multiformes são as atenções de Deus onipresente para conosco", continuava Beatriz, sentada no carro.

Tínhamos sobrevivido, com efeito. Aos olhos de Beatriz era um milagre; eu, por mim, conhecia bem demais o peso da nossa fortuna, que nos salvara de uma morte certa. Os Mendes podiam ser resgatados, e voltariam a sê-lo sem dúvida; pelo menos haviam de sobreviver.

"Ele apartou para nós as águas do mar, e atravessamo-lo a pé; Ele fez desaparecer os nossos inimigos, acudiu às nossas necessidades no deserto durante quarenta anos..."

Havíamos acudido nós próprios às nossas necessidades, pensei. Mas a fortuna, devíamo-la a quem, e qual era a nossa verdadeira herança? A Senhora, no escuro, continuava a oração, e a imagem de Beatriz fundiu-se com o aroma das flores. Pensei, de súbito, que era apenas um instrumento a seu lado, destinado a servir uma mais alta glória. Beatriz não era uma mulher como as outras; e eu, a quem calhara em sorte a pesada tarefa de contemplar, impotente, o seu corpo torturado, eu era para sempre o seu guardião.

"Ele introduziu-nos na terra de Israel, edificou para nós o Templo que escolheu e onde podíamos obter o perdão dos nossos pecados..."

Se existia, esse Deus que ela podia encarar, então ela havia de poder obter para mim o perdão dos meus pecados. Para ela a oração, para mim a vida!

Esporeei o cavalo e galopei para longe, adiante do cortejo, animado de uma alegria furiosa.

De manhã, achamo-nos à beira de um rio. Havia homens e mulheres instalados debaixo de tendas feitas de panos e mantos. Sebes de altos choupos bordejavam o rio e formavam uma espécie de clareira; não longe dali, um pequeno bosque permitia encontrar refúgio em caso de ataque imprevisto. Aquelas pessoas chamaram-nos de longe amigavelmente. Tirei as minhas pistolas, mas Beatriz apeou-se e decidiu por todos. Pararíamos ali, num lugar que não tinha nome.

Começamos a edificar um acampamento, servindo-nos dos carros para prender os toldos. O pequeno grupo já instalado deu-nos bom acolhimento; em breve os homens se punham à obra e ajudaram os nossos criados. Ao crepúsculo, mal ou bem, tínhamos um teto.

A noite, em volta das fogueiras, travamos conhecimento com os novos vizinhos, fugitivos como nós, dentre os quais se contavam alguns dos nossos. Muitos não haviam esperado que os acusassem para fugir; conheciam já os procedimentos de expulsão dos judeus em caso de peste. Com eles estava um homem de idade madura, ainda vigoroso e um pouco distante, em todo o caso de abordagem pouco cômoda. Foi-nos preciso algum tempo para compreendermos que se tratava de um sábio solitário, de nome Marsílio; exercia também a profissão de astrólogo e procurava, como Dona Benvenida, a Magna Scientia.

Havia deixado Ferrara por simples precaução; confirmou os dizeres de Lusitano e concedeu de boa vontade que o melhor remédio contra uma pretensa peste, seja ela verdadeira ou suposta, continuava a ser a fuga: "O meu ilustre homônimo, o grande filósofo Marsílio Ficín, já dizia que em caso de peste é preciso visitar belos jardins, particularmente quando as plantas são cheirosas. Evitemos, é muito melhor, pensar na morte; e cultivemos os pensamentos agradáveis. Também é preciso, e importante, reconfortar o coração contemplando pedras preciosas". Dizendo isto, tirou de um saquinho de couro algumas gemas

luminosas que fez girar à luz da lua: safiras, esmeraldas, ametistas, um rubi, que, reunidos na palma da mão, lançavam faíscas com as cores do arco-íris. "Ah! Já me esquecia", disse, saindo do devaneio. "É indispensável ouvir sons melodiosos. Na verdade, é a única coisa que falta para a nossa felicidade."

Voltei-me para a pequena Reyna.

- Queres cantar, querida? Sou eu, teu primo, quem te pede...

Reyna hesitou, depois foi buscar sua viola no fundo do carro. Em breve a sua voz admirável fez calar os que conversavam reunidos em volta da fogueira; graças aos reflexos das chamas dir-se-ia uma espécie de divindade paga, de que eu apenas via as mãos e o rosto, rodeados de um estranho clarão avermelhado. Contemplava-a com tal intensidade que mal senti a respiração de Beatriz, que se sentara na relva ao meu lado.

"Ela não é formosa de fato, a nossa Reyna?", disse baixinho. Sobressaltei-me. Beatriz tinha razão. Pela primeira vez via em Reyna a minha noiva.

O céu estava tão ameno que o sono não vinha. A noite, prenhe de estrelas, piscava as suas luzes com maternal afeição; o nosso astrólogo detalhava as constelações e rabiscava um pequeno caderno; não fiquei surpreso ao ver que Beatriz havia tirado o dela. Quis olhar por cima do ombro, mas não se via nada, e tudo o que pude distinguir foi que ela traçava linhas e desenhos geométricos dos quais eu nada entendia e que ela sempre recusou explicar-me. Mas pouco importava. Os jasmims de Ferrara haviam desaparecido; os perfumes do verão continuavam a rodear-nos; estávamos mais livres que nunca; foi um momento abençoado.

Para aqueles novos amigos a nossa chegada era uma graça inesperada. Tínhamos víveres para muito tempo, armas e dinheiro; em troca eles nos haviam oferecido o mais precioso dos bens, hospitalidade.

Uma vida estranha e tranqüila começou. Já não tínhamos que gerir o banco Mendes, nem a organização; os nossos agentes faziam-no por nós, sem dúvida, e o Senhor providenciava nesse sentido. De qualquer maneira, já não podíamos fazer nada. Passávamos o tempo a organizar o dia-a-dia do acampamento. Eu ia, com os criados, caçar à beira da água; alguns pescavam no rio; as criadas lavavam a roupa, que secava entre os chouros; Reyna velava pelo bom desenrolar das coisas, e Beatriz conversava interminavelmente com o astrólogo Marsílio.

Conosco, este último mantinha-se taciturno e só pronunciava as palavras indispensáveis para se alimentar, se deitar, se precaver contra o resfriamento das noites. Mas com ela! Desde a manhã, tomava-lhe o braço e afastavam-se ambos. Em breve tinham um gabinete de leitura ao pé de um olmo de raízes torcidas; Marsílio falava, Beatriz escutava rabiscando sem descanso no pequeno caderno.

"Tinhas de encontrar outro dos teus iluminados!", disse-lhe com irritação ao cabo de alguns dias. Olhou-me seriamente e virou as costas.

A natureza havia-a rejuvenescido; seu rosto se tornara mais liso, os olhos brilhavam como quando era nova. Nunca entendi que ela pudesse afeiçoar-se à ciência daquela maneira. E eu, o que tinha para me distrair enquanto ela, sapientemente, trocava palavrinhas doces com o astrólogo? Reyna e as canções?

Tinha o vinho, Caraffa! Também eu dispunha de uma ciência de remédios contra a peste. Viajando de Antuérpia para Ratisbona com o amigo Maximiliano, havia aprendido numa estalagem uma canção de Hans Folz, um Meistersinger dos séculos passados. De garrafa na mão, cantava-a para mim com toda a força, desafiando Beatriz e Marsílio.

Arranjai um vinho forte, claro e velho
E lavai bem com ele pela manhã
Mãos, boca, nariz, orelhas e rosto ,
Tomai uma gota de quebra
Para o coração arrimar e o sangue purificar.
Assim foi que muitos escaparam da peste...

A Senhora, em todo caso, jamais bebeu uma única gota do meu vinho. E quando a provocava fazendo de conta que estava ébrio, ela acorria a toda pressa, apesar dos seus quarenta anos, e esbofeteava-me como a um menino. Ah, o bom tempo que passamos durante a peste de Ferrara...

Ai de nós! Um dia Beatriz chamou-me à parte para me confiar um grande desígnio. "Sei que existe uma pedra tão poderosa que permite também fazer ouro, Josef... Essa pedra santa e preciosa, verde como a água de onde viemos, sei como encontrá-la."

Que novo delírio era aquele? Marsílio, era Marsílio com certeza. Tinha ouvido falar daquela pedra que os alquimistas procuram para a Grande Obra. Onde estava o astrólogo? Desaparecera.

- Não procures o nosso amigo - disse ela. - Partiu para onde o destino o chamava. Mas antes de me deixar entregou-me um segredo: em Veneza encontra-se neste momento o vice-rei das índias, que procura vendê-la. Ninguém tem dinheiro bastante para a comprar. Quero-a. Vai a Veneza e traz-me a gema, Josef!

A minha cabeça estava posta a prêmio e ela queria mandar-me para Veneza! Encolhi os ombros sem me dar ao trabalho de responder. "Bom. Vou eu mesma", disse ela com aquela voz determinada da qual eu deveria ter desconfiado. Não pensei que ela fosse suficientemente louca para se ir meter na boca do lobo. Por causa de uma fantasia de astrólogo!

Mas, no dia seguinte, Beatriz havia desaparecido, e faltava um dos nossos cavalos.

Rogando todas as pragas que as viagens me haviam ensinado, selei outro cavalo e parti à procura dela. Em vão. Na fronteira das terras venezianas tive de parar e desviar o caminho. Beatriz em Veneza estava perdida; e eu, se fosse mais longe, estava morto. Ao voltar para o acampamento descobri que faltavam também algumas roupas minhas. Disfarçara-se de cavaleiro. Consternados, Lusitano e eu procuramos fazer qualquer coisa. Em breve nos aparecia a solução, inevitável. Eu não podia ir buscá-la em Veneza sem correr o risco de ser apanhado; Lusitano, porém, arriscava muito menos que eu. O bom homem encheu-se de coragem e foi à procura da Senhora desaparecida.

Reyna e eu nada podíamos fazer senão esperar. Minha prima velava por que não nos faltassem nem alimentos nem mantas, pois as noites estavam já um pouco frias. Comandava os criados e criadas com uma autoridade silenciosa, e nunca elevava a voz. Reyna já nem sequer queria cantar para nós...

Por mais que continuasse a caçar, como todos os dias, já não era com vontade que o fazia. Não que estivesse realmente ansioso: Beatriz sairia da armadilha para onde se lançara, eu tinha certeza. Mas alimentava um rancor tenaz; quando tínhamos um momento de paz miraculosa, ela o quebrara. Por uma pedra preciosa. Por nada. Por superstição. Uma mulher tão forte, como podia ela perder o juízo... E como havia podido eu deixá-la escapar! A Senhora, que diziam tão ponderada...

Sim, por momentos, sentia em Beatriz uma indefectível presença que me ultrapassava, me invadia; então venerava-a como faz hoje o nosso povo. Mas conhecia-lhe demasiado as fraquezas; sei coisas demais, ainda hoje isso me sufoca. A Senhora transfigurada pelas

Consolações das Atribuições de Israel, ou a Beatriz que partira à procura de uma pedra, como uma cabrinha caprichosa?

Quase duas semanas passaram antes do regresso de Lusitano. Encontrara Beatriz com a irmã no palácio Luna, que nos descreveu como um deserto sinistro, onde alguns criados silenciosos rodeavam o desamparo da ama e lhe cuidavam da filha, a Chica, que suportava as provações com uma alegria surpreendente. Brianda, irreconhecível, havia se transformado numa espécie de monja; de cabeça rapada, um véu branco da cabeça aos pés, os lábios contraídos, mergulhara num mutismo, de que saía apenas para soltar longos gemidos sobre os pecados que cometera e ir lançar-se aos pés de um grande crucifixo colocado ao fundo do quarto. Louca de fato.

Beatriz instalara-se tranqüilamente junto da irmã que a havia traído. Explicou, sem pestanejar, ao amigo Lusitano, que sentira necessidade de a rever, que tudo estava esquecido, que ela lhe queria agora mais do que nunca. Lusitano de boa vontade concordou que o estado de Brianda era suficientemente inquietante para justificar a presença da irmã mais velha, mas o que era feito da gema? Do mesmo modo calmo, Beatriz disse a Lusitano que tinha um encontro no dia seguinte com o vice-rei, na Ca d'Oro, no meio de uma festa à qual ela iria mascarada.

Foi, embrulhada num manto preto, o rosto dissimulado por uma máscara vermelha. Lusitano seguia-a de longe e em breve a viu sair; tinha a pedra.

- Então, Lusitano, viste a pedra miraculosa? - disse eu impaciente.

- Vi, Josef - respondeu -, vi-a. É uma grande esmeralda, bastante bela apesar de alguns inevitáveis defeitos. Mas é apenas uma esmeralda...

Beatriz estava prestes a sair de Veneza quando foi presa; o vice-rei fora logo à polícia contar que uma mulher mascarada lhe havia comprado a pedra pagando sem discutir uma soma considerável. A polícia dos Dez, muito bem organizada, encontrou Beatriz sem dificuldade.

"E depois, Lusitano, depois? Não vieste embora sem a salvar?", disse eu com a garganta apertada. Pois bem! A pobre Brianda havia feito o essencial. Seguindo escrupulosamente as instruções de Lusitano, arrastara-se até à casa do procurador dos cristãos-novos, gastara metade da fortuna para o subornar, e havia por fim obtido que pusessem Beatriz em liberdade. A nossa Senhora retornou ao palácio Luna; mas tinha de aí ficar sem tentar fugir, porque haveria investigação, interrogatórios e, se necessário, processo.

O chaus do sultão achava-se em Veneza para conduzir uma das perpétuas negociações entre o Império Otomano e a Sereníssima, não sei lá que diabo seria. Brianda, guiada dessa vez pela irmã mais velha, encontrou um meio de levar Lusitano até ele; o nosso amigo advogou a causa da Senhora. O chaus aceitou de má vontade intervir junto da Sereníssima, e Beatriz ficou finalmente livre para deixar Veneza quando quisesse.

Mas Lusitano tivera de prestar o mais solene dos juramentos em nome de Dona Gracia Nasi: ela iria imediatamente para Istambul. O chaus havia, aliás, ameaçado que iria pessoalmente vigiar a partida da Senhora. Não haveria uma terceira intervenção do sultão Solimão.

- Mas então ela está livre! Por que não está ela contigo? - perguntei inquieto.

- Porque ela quis trazer também Brianda, que não está em condições de andar a cavalo - suspirou Lusitano. - Hão de estar aqui amanhã, com certeza, ou depois de amanhã, o mais tardar. A nossa Gracia está decidida a ir a Ferrara e aí permanecer o tempo necessário à preparação da partida; preocupa-se tanto com a peste como com a nossa opinião, Josef...

Dois dias depois, um longo cortejo de carroças, parecidas com as nossas, fazia a sua aparição no meio da poeira. Beatriz, apeando-se, saltou-me ao pescoço como de costume, com um movimento juvenil.

- Vês, Josef, consegui, sozinha! Tenho a gema... e tenho Brianda, assim como a pequena. E tu pensavas que, sem ti, não era capaz de fazer nada?

E mostrou-me a esmeralda que trazia no dedo.

- Josef - acrescentou falando mais baixo -, acima de tudo não se pode tratar mal a minha pobre irmã...

Quando vi Brianda apear-se por sua vez, não tive vontade de a torturar; era uma infeliz criatura de olhar perdido, e cujo fraco espírito partira para longe. Como havia ela podido socorrer Beatriz? Lusitano, com certeza, realizara o milagre. Brianda obedecia a todas as ordens que ele lhe dava e nada fazia sem incitamento. Ao sair do carro ali se quedou, sem se mover, piscando os olhos como uma coruja exposta à luz, apertando a mão da filha, que não conseguia fazê-la avançar; Beatriz teve de pegar-lhe no braço e obrigá-la a andar, passo a passo, até um tronco de árvore onde se assentou devagar.

- Estás vendo que resta de Brianda Mendes - murmurou Lusitano a meu lado. - Para fazer libertar Beatriz, não larguei Brianda; obedeceu-me como se fosse uma marionete. Não podia fazer outra coisa, Josef...

Foi contra vontade que deixamos as margens do rio e tornamos a Ferrara. Três meses haviam decorrido; Lusitano assegurava que a epidemia devia ter terminado com o fim dos calores; ele estava tranqüilo. A pretensa peste desaparecera, com efeito, e Ferrara renascia para uma vida normal.

O palácio dos Nasi cheirava a mofo, mas não havia sido pilhado. As janelas, tanto tempo fechadas, foram abertas de par em par; as estátuas antigas cobriam-se de musgo, o jardim estava cheio de ervas daninhas e as flores silvestres haviam crescido por todas as partes, abandonando ao vento os caules secos e as pétalas murchas; restavam ainda algumas rosas outonais que a Chica apanhou num abrir e fechar de olhos para oferecer à sua pobre mãe. Mas não era hora para arranjar árvores nem roseiras; tínhamos de preparar a partida.

Beatriz e eu nos pusemos em uma grande mesa e começamos a estabelecer a lista das pessoas e dos bens que iríamos levar para Istambul; a rota deveria passar pelo norte, evitar Veneza, descer até Friul, ir a Ragusa, Salônica e alcançar finalmente a capital otomana.

Contamos uma centena de criadas, às quais se somavam camareiras e numerosas "damas de companhia" a quem Beatriz dava tal título cora o único fim de as salvar conosco. Juntamos-lhes "maridos", verdadeiros ou falsos; o que dava mais duzentos. Quantos homens de armas seriam precisos para escoltar toda aquela gente, e as carroças que haviam de conter os móveis, os baús da roupa e dos quadros, os objetos de uso pessoal, os documentos? Calculei que eram precisos cinquenta guardas armados.

A via marítima era uma possibilidade; teria até sido mais seguro que um longo caminho através das planícies à volta de Veneza e dos acessos ao Império Otomano. Discutimos o assunto até mais não poder. Beatriz queria a todo custo dirigir-se a Istambul por terra.

- Assim - dizia -, poderei proteger os nossos irmãos que se juntarem a nós, Josef... Vai ser preciso deixar algumas carroças vazias, e pronto.

Carroças! Já precisávamos de trinta; Beatriz obrigou-me a procurar mais vinte. E ainda não bastava para a grandiosa travessia com que sonhava; acrescentou quatro grandes coches, um para Reyna e a Chica, o segundo para si e Brianda, o terceiro para Lusitano, "e o último para ti, Josef, onde podes colocar quem quiseses".

Era ainda necessário obter os salvos-condutos até a entrada do Império. Alguns meses decorreram antes de os termos todos. Para conseguir todas as autorizações tive de apelar para os bons serviços do duque de Este, que, satisfeito por poder reparar a injustiça em que havia consentido, ajudou-nos o melhor que pôde.

Passamos o tempo que nos restava com os amigos queridos da comunidade; todos tínhamos consciência de que o tempo fugia; era inverno e os jardins desolados já não permitiam os mesmos serões. Reuníamos-nos nas casas, diante de lareiras mais melancólicas do que as tochas nos ciprestes; Brianda deixava-se cair num canto, dando de tempos em tempos gritinhos incompreensíveis que interrompiam as canções. Mas à medida que a perspectiva da partida se aproximava, a amizade tornava-se ainda mais viva. Beatriz tentou por diversas vezes persuadir os nossos irmãos judeus a virem conosco.

Para surpresa geral, conseguiu convencer o próprio rabi Sencino, provocando na comunidade um acontecimento considerável; a fama do rabi estendia-se por toda a península. Fora essa celebridade que Beatriz havia utilizado como argumento principal para o convencer: se consentisse em acompanhar-nos, rabi Sencino seria o melhor garante do judaísmo autêntico da ilustre família Nasi; além disso, acalmaria as tensões latentes entre as diferentes comunidades de Istambul, a quem faltava um mestre em ortodoxia. Rabi Sencino era tão sensato quanto sábio, a sua afabilidade lendária havia de conseguir maravilhas. Pouco faltou para que a partida dele arrastasse a dos membros mais influentes dos judeus da cidade; mas, afinal, eles resistiram e os nossos amigos de Ferrara não vieram conosco; continuavam a ter confiança nos duques e sentiam-se seguros. Contudo, a perspectiva da nossa longa e perigosa cavalgada enchia-os de emoção.

O momento das despedidas chegou; foi uma festa singular.

Pomona, Fioretta, Samuel, Abraão, Benvenida, Toledo... todos estavam reunidos no jardim do palácio, onde, com a ajuda da Chica, Reyna havia pendurado lanternas em todas as árvores; um grilo tardio cantava com toda a força de sua pequenina alma; um vago aroma de cipreste, misturado ao das velas, invadia o sossego do ar. Reyna pusera uma grande mesa com uma toalha branca sobre a qual colocara pão ázimo, sal e água. Toda a gente estava de pé, emocionada, e ninguém ousava falar.

- É a partida para a Terra Prometida que empreendeis - começou Pomona numa voz que queria alegre. - Esperamos que nada vos detenha, como a Moisés, diante da vossa nova pátria! Quanto a nós, se algum acidente nos acontecer, apelaremos para vós, querida Gracia... Não organizastes tudo para preparar a nossa salvaguarda?

- Quando saberemos que chegastes a bom porto? Voltaremos a ver-nos um dia, Dona Gracia? Poderei eu algum dia agradecer-vos o bastante pela Bíblia que me permitistes realizar} - suspirou Abraão Usque.

- Talvez possamos ir ter com eles a Istambul, meu irmão - ciciou timidamente Samuel.

- Entretanto - acrescentou Fioretta com o seu formoso riso -, vamos ter saudades, e vamos sentir a vossa falta, Gracia, nas nossas conversas eruditas! Tornastes-vos a mais sábia de nós todos...

- Entretanto - repetiu gravemente Beatriz -, rezemos juntos pela última vez.

Fez-se silêncio, a ponto de se ouvir uma coruja que despertava ao longe. Toda a gente se voltou para o rabi Soncino, que tossiu e, sem ter em conta as regras da nossa religião, se pôs a recitar alguns fragmentos do Seder. Pessach já ia longe. Beatriz interrompeu-o.

- Mas para isso, rabi, e mesmo se não é esta a data, é, pelo menos, preciso vinho com água, já que não temos as ervas nem o ovo... Josef, vai buscar o nosso melhor vinho, porque vinho é contigo, como sabemos. E tu, Reyna, vai buscar taças!

Obedecemos sem discutir. Em breve todos tínhamos na mão uma taça cheia de vinho de Veneza. Rabi Soncino começou: "Poderoso pela realeza, justamente honrado, as suas cortes dizem-lhe, é bom dançar para ti de dia...".

Será "dançar" ou "cantar"? Já não me lembro. Nunca fui famoso em matéria de orações. Devo dizer que ao trazer à memória a lembrança daquele último serão em Ferrara, reencontro a emoção que então nos invadia. Todos continham as lágrimas, para preservar a gravidade do momento; mas Brianda não conseguiu, e desatou em soluços ruidosos. O pobre Soncino não terminou a oração e alagou-se em pranto.

- Rabi, não está certo - disse Beatriz em tom de censura. E continuou a recitação cantando com aquela bela voz grave: "Realizaste numerosos milagres de noite. Na primeira vigília desta noite, deste a vitória a Abraão de noite".

Toda a gente repetiu em coro, seriamente: "Era no meio da noite".

Estávamos, de fato, no meio da noite, e íamos partir. Juntei-me a eles e entoei Had Gadeya, o derradeiro canto de adeus a Ferrara. "Um cabritinho, um cabritinho que meu pai comprou por dois tostões. Um cabritinho, um cabritinho..." (Canta-se no final da cerimônia do Seder, lembrando aos homens que não há pecado que não seja punido.)

Rabi Soncino teve dessa vez força para acabar a oração, sustentado pelas vozes dos nossos amigos, e bebemos de um só gesto a taça única, que não era, naquele fim de outono, a quarta taça do Seder, mas a taça da nossa fuga para Istambul, e o vinho da nossa liberdade.

Foi preciso um dia inteiro para alinhar o cortejo e pô-lo em ordem de marcha. As criadas, as damas de companhia e todas as outras subiram nos carros. Rabi Soncino tomou lugar no coche de Beatriz, onde havíamos instalado uma Brianda que gemia, que não entendia a razão da partida. Quanto a nós, os homens, a cavalo, estávamos prontos.

Os nossos amigos, de lágrimas nos olhos, acenavam cantando as velhas canções sefarditas. Cabia-me a mim dar o sinal de partida; pus o cavalo de lado e baixei o braço. Num tumulto indescritível, os cinquenta carros, os quatro coches e a escolta de cinquenta homens de armas puseram-se a caminho.

Levamos várias horas para atingir a saída da cidade, e a travessia de Ferrara assemelhou-se a um triunfo. Os burgueses saíam das casas, os artesãos paravam de trabalhar e faziam-nos grandes sinais, mandavam as crianças oferecer-nos pães, grandes cabaças de vinho doce, e até ramos cheios de ameixas colhidas nos pomares. As crianças fizeram-nos uma tal festa que muitas vezes foi preciso parar com medo de esmagá-las. O bom povo de Ferrara, o mesmo que havia pedido ao duque de Ferrara para nos escorraçar durante a peste...

O duque e a duquesa não tinham dado sinal de vida. Tivemos a surpresa de os encontrar mais longe, no campo, num coche em que esperavam discretamente a nossa passagem. "Lembra-vos de vossa amiga, caríssima", disse a duquesa Renata a Beatriz, beijando-a, e passou-lhe para a mão um rolo de poemas. O duque Hércules fez-nos grandes protestos de amizade, e prometeu velar pela comunidade.

Apesar de pusilânime recordo-o como um homem honesto, à vista de outros que conheci na Europa. O nosso último príncipe europeu mostrou-se sinceramente abalado com a nossa partida.

- É verdade que quase me fazes chorar, Naxos - disse Caraffa espreguiçando-se. - Enfim, eis-vos há muito tempo pelas estradas. O sol, esse, já se levantou; e a barba pica-me. Não disseste no outro dia que o teu escravo mouro estava disposto a barbear-me, meu amo?

- Disse. Basta chamá-lo - disse o ancião batendo as palmas. Um jovem negro de túnica verde apareceu logo, com uma bacia, uma navalha, sabão e começou a trabalhar em silêncio.

- Sabes, Naxos, apesar da espuma que me come a boca, ainda sou capaz de pensar... - disse o corcunda com a cabeça inclinada para trás. - Crês realmente que vais morrer em breve? Eu por mim acho-te bem vigoroso!

- Hei de viver tanto tempo como o meu velho inimigo grão-vizir Mehemet Sokolli. O dia em que ele morrer será o dia da minha morte, Caraffa.

- Foi o teu astrólogo quem te disse, hã? - riu o corcunda.

- Oh! Não foi só isso. Várias pessoas me fizeram a mesma profecia.

- E ousas escarnecer da Senhora, Naxos?

O ancião não respondeu e entrou na sombra do palácio.

Capitulo V

1553-1554 A saída do Egito

(A travessia dos Alpes; a parada em Ragusa; Salônica aclama a Senhora; entrada triunfal na capital do Império Otomano; o casamento de Reyna.)

Quarta-feira, ao nascer do sol

- Não! Não, minha senhora, ele não disse isso. O duque de Naxos sonha, medita, refaz a própria vida e o mundo, é tudo. Que vosso esposo fala da Senhora, é verdade, sim - aquiesceu o bobo -, mas também de vós, cada vez com mais frequência, juro-vos...

Estendida na pedra da varanda, a duquesa Reyna sacudiu a cabeça em silêncio.

- Vós mesma haveis ouvido. Ainda ontem, o duque esperava que recomeçasseis a cantar - insistiu Caraffa.

A duquesa abriu um pouco o véu branco, ergueu para o bobo um olhar fatigado, e pousou um dedo nos lábios.

- Sim, eu sei, não quereis sair do vosso silêncio, mas ouvis tudo - resmungou Caraffa.

- Depois de morrer, foi o que ele disse. Mas uma vez que tiver percorrido a memória, vosso esposo já não quererá morrer, e voltará para vós.

Ela virou a cabeça e chorou.

- Também, com esse mutismo e essas lágrimas... Por que vestir esses pesados veludos otomanos que vos escondem a cintura, por que esse véu inútil, por que a recusa de vos arrumardes um pouco? Sabeis o quanto aprecia a elegância; ele só gosta das modas de Veneza e, que eu saiba, vossa mãe, a Senhora...

Com uma agilidade surpreendente, a duquesa pôs-se de pé e atingiu o corcunda, de unhas em riste.

- Alto lá! - disse Caraffa recuando. - Sois mesmo filha dela! Admitamos que eu não disse nada. Mas então não me demandeis coisas impossíveis. Escutai, ele retirou-se para o quarto. Se não está ocupado com os livros, dorme; mas vai voltar e é preferível que não vos encontre... Comigo é diferente. Eu não passo de uma sombra corcunda a seus pés; eu não conto - disse ele. - Mas vós, é outra coisa!

A duquesa Reyna lançou ao bobo um olhar doloroso e, levantando as calças bufantes, abandonou a varanda num roçar de sedas. Mal ela saíra, ouviram-se uns passos pesados.

- Foi mesmo a tempo - murmurou o corcunda aproximando-se da poltrona. - Ei-lo.

- Eu nem quero saber com quem falavas há pouco, mas sei que não te responderam - disse o ancião.

A nossa viagem duraria quase um ano; de 1553 a 1554. Não éramos os primeiros a levar a cabo aquela longa aventura temerária, louco vagar de um mundo a outro. Todos os marranos que a Senhora ajudara a fugir haviam atravessado os mares ou percorrido as mesmas terras que nós. Hoje, já instalados na cidade de Istambul, pensarão às vezes no caminho percorrido? Teriam ainda a coragem de recomeçar? Voltarão de novo a ter necessidade de se preparar para partir, fazer as malas, escolher o essencial, abandonar uma casa, um lar, sossegar a angústia dos filhos e partir, para ferirem os pés nas pedras dos caminhos e pararem de noite, no meio do frio que racha os lábios? Sabe-se lá; nós, os judeus, podemos perder tudo num só dia. Fui duque, quase rei, e vês, tudo passou, tiraram-me tudo, não tenho nada a não ser um título oco, um palácio e ouro. Ah, quanto a isso, ouro eu tenho.

Felizmente, na época, já havia o ouro, que comprou as nossas vidas, de Lisboa a Istambul, e dos príncipes aos sultões. O ouro, a fortuna e o poder, ao qual Beatriz sacrificou a minha felicidade em nome do seu Deus e do povo que Ele elegeu...

Não dou grande coisa pela reputação que hei de ter depois da morte; o que é que não dirão de Josef Nasi, duque de Naxos! Banqueiro corruptor, traidor como todos os judeus, Judas! Ninguém, vais ver, falará da epopéia que foi a nossa viagem; mas nenhuma das coisas que os príncipes nos obrigaram a fazer para nos defendermos será esquecida, e tecerão para eles coroas de louros por nos terem perseguido. Beatriz, pelo menos, terá a memória salva; a Bíblia, as construções, as obras e a lenda da Senhora permanecerão. Mas eu, o capanga! Eu sou o mau, o obscuro, o espião da Senhora. Seu genro e sua sombra. Nada mais.

Abandonávamos o nosso mundo a partíamos para leste, na direção de Jerusalém. Não o dizíamos, mas era o sonho de todos: não era ainda "o ano que vem em Jerusalém"; o próximo ano passaríamos em Istambul, mas aproximávamo-nos do inacessível. Bem se podia sofrer para alcançar Jerusalém, e aquela viagem era a nossa Shekhina, a via e o caminho, a encarnação de Israel na terra. A nossa longa marcha rumo à terra reencontrada.

Devíamos passar ao lado de Mântua, contornar os domínios perigosos sob tutela da Sereníssima, alcançar o lago de Garda e aí ficar durante o inverno, subir na primavera até os cumes do Trentino, descer para Fiume; depois dirigirmo-nos a Ragusa através da Bósnia.

Aí, faríamos uma longa escala antes de descermos. Primeiro pela beira-mar, depois, atravessando as montanhas, até Salônica. O resto do caminho para Istambul comportava menos dificuldades.

Começamos por procurar as margens dos rios, quando tal era possível; cada parada nos fazia lembrar o acampamento sob os choupos durante a peste de Ferrara. Os dias estavam mais curtos; partíamos aos primeiros clarões da alvorada e não parávamos até que a noite caía. Em alguns dias chegamos a Mântua; não havia dificuldades; as senhoras achavam a viagem fácil, a estrada era plana, as estalagens numerosas, e nada nos faltava. A disposição geral parecia a de um passeio: Lusitano andava de coche em coche, as mulheres riam, as crianças galopavam de carro para carro e o rabi não deixava a Senhora.

E foi assim até o lago, onde encontramos bastante espaço para acomodar as senhoras; os homens acamparam e tiveram um pouco de frio. Violentas trovoadas abateram-se então sobre a região; mas aquilo ainda não era nada; em breve as prolongadas chuvas de inverno transiram-nos até os ossos. Nada mais triste do que aqueles aguaceiros cinzentos e as casas, avistadas através da água, de onde saía fumaça das lareiras que não eram para nós. Ali passamos algumas semanas úmidas e monótonas, não longe de Brescia, perto de uma grande vila opulenta que enriqueceu graças a nós e onde nos trataram bem. Reyna, silenciosa e vigilante, encarregada da intendência, era a primeira a levantar-se e só se deitava depois de se ter assegurado que todas as mulheres dormiam; eu devia contar os meus homens todas as noites, velar pela conservação das armas e pelo bom estado dos carros. Lusitano, protegido por um capuz de lã, passeava, fizesse o tempo que fizesse, no campo, à procura de ervas medicinais, e apanhava braçadas de plantas inofensivas com as quais fazia tisanas; quanto a Beatriz, discutia teologia com o rabi Soncino, sem largar a mão da coitada da Brianda, que permanecia a seu lado, de olhos vazios, e dava de tempos em tempos um pequeno grito sem motivo.

As crianças rapidamente se aborreceram, e eu as compreendia. Para me distrair, cavalgava muito e durante muito tempo; por vezes, levava na garupa minha prima Chica, que o passeio e o cavalo conseguiam alegrar; mas aquelas margens, graciosas ao sol e fúnebres à chuva, acabaram por me cansar. Tinha pressa de ver o fim do inverno, e de me afastar daquela terra demasiado calma e daquela névoa demasiado penetrante.

O mês de fevereiro de 1553 foi bastante ameno. Não esperamos mais para continuar a viagem, e começamos a longa e difícil escalada até os cumes. Não podíamos evitar a neve na qual os cavalos escorregavam sem cessar; às vezes, um carro tombava na vala e detinha-nos o tempo necessário para o tirar de lá. As mulheres tinham então de caminhar com os pés na lama.

Nas paragens, refugiavam-se nos carros vazios, embrulhando-se nas peles e mantas que havíamos trazido em quantidade; já não tínhamos grande coisa para as refeições, a não ser queijo seco e picante, sêmola e polenta. Debaixo de grandes panos estendidos à pressa entre as árvores, Reyna mandava acender grandes fogueiras, aquecia vinho com canela; Lusitano acrescentava açúcar, e também um pó da sua confecção, uma certa mistura de especiarias com cardamomo pilado, cuja receita vinha das índias Orientais; por fim, ateava-lhe fogo antes de nos servir aquela beberagem na qual dançavam clarões azulados de curta duração. O azul daqueles incêndios era a nossa única alegria cotidiana; o álcool fazia o resto, e o sono levava com ele as dores do dia.

Tivemos a sorte de achar todas as noites um abrigo; a maior parte das vezes era apenas uma hospedaria e palheiros, mas não pedíamos mais.

Lembro-me que um dia encontramos apenas palheiros. A Senhora adormeceu entre dois montes de feno; a seu lado, a filha passou um bom tempo a retirar, uma a uma, as palhinhas que se haviam grudado aos seus longos cabelos. Contemplei longamente Reyna fazendo deslizar os entorpecidos dedos pelas madeixas emaranhadas... Beatriz, tranqüila, dormia sorrindo, de mãos juntas sob o queixo, enquanto o rosto de Reyna era toda preocupação. Por fim, consentiu em deitar-se e enroscou-se bem junto da mãe.

Na manhã seguinte, Reyna não foi a primeira a despertar; a presença dela era necessária, fui buscá-la no palheiro. Brianda, desgrehada e em camisa, brincava maquinalmente com um pedaço de madeira, que atirava ao ar e que às vezes caía no chão sem que ela o apanhasse; então dava um daqueles gritos bestiais. A Chica havia já vestido o saiote e enfiava a saia às pressas. Beatriz acabava de sair do sono e trançava os cabelos. Sorri-me apontando a filha.

"Dorme como uma criança, Josef... Quando chegarmos vai ser preciso tratar desse assunto", disse-me ela com a cabeça inclinada sobre a trança, sem sequer olhar para mim.

Eu estava resignado. As peles haviam deslizado deixando a descoberto as pernas de minha prima e as meias de lã listradas; os tornozelos eram grossos e os músculos sem elegância. Olhei seu rosto; mesmo durante o sono, ela franzia o sobrolho e a boca agitava-se em pequenos sobressaltos nervosos. Assim era pois a minha noiva... Com uma só mão, lembrava-me, eu podia rodear o tornozelo de Beatriz. Ela seguiu-me o olhar.

"Esquece, Josef, esquece. Estarei sonhando?", disse ela fazendo o pente deslizar brutalmente até às pontas dos cabelos emaranhados. "Vês? Quando ao acordar acho um nó na ponta da minha trança, tiro-o, assim!", e puxou o pente com violência, arrancando um minúsculo tufo de fios brancos.

Em resposta, sentei-me perto dela e peguei o seu tornozelo com uma mão; a minha memória não me havia enganado. Corou, tirou-me a mão devagar e cobriu de novo as pernas da filha, que abriu os olhos. Pobre Reyna.

Brianda havia desatado num riso estridente, como se ainda compreendesse - mas não era por mal.

Passamos os desfiladeiros nevados e vimos desaparecer as casas com telhados de pedra escura. A paisagem clareava, a pedra passava do castanho ao branco com veios arruivados, os pinheiros tornavam-se mais espaçados. As montanhas fizeram-se colinas, os campos cultivados mais freqüentes, e as pastagens recuaram. No entanto, foi o momento mais difícil. O fim do inverno e o degelo afrouxaram o esforço a que nos havíamos todos submetido, e as mulheres, principalmente as damas de companhia enroladas no fundo dos carros, sofreram de febres e de tosse durante semanas.

A saúde delicada de Beatriz resistiu menos tempo que a dos outros; ela não se limitava a tossir, sufocava; e com uma voz que assobiava a cada respiração, queixava-se de violentas dores que lhe dilaceravam os ossos. Lusitano, que normalmente tratava com divertido desdém os males da Senhora, deixou de se mostrar ríspido e de trocar dela; nunca mais a abandonou; apalpava-lhe a testa e as mãos dez vezes numa hora, e olhava com atenção a cor das faces, que pareciam esquentadas pelo vinho.

"Hei de viver", gemia ela penosamente. "Não me deixarei definhar mais, Josef. Não hei de morrer assim. Só quando eu quiser, não antes!" E caía numa espécie de embrutecimento febril, os cabelos colados à testa. Durante uma interminável semana ficou profundamente inconsciente. Reyna estava desesperada e o rabi soluçava à sua cabeceira. Quando eu estava, Beatriz saía daquele estranho sono e falava-me numa voz infantil:

- Josef, vamos ao cais amanhã! Os ursos devem estar lá, sabes, defronte da nossa carraca?

Por muito tempo delirou. Depois, uma manhã, julgamo-la morta; estava pálida e fria. Na realidade, dormia. A febre baixara.

Viveu, como havia dito, para grande espanto de Lusitano, que a julgava perdida; outros, mais fracos, sucumbiram. Uma velha criada, que quebrara uma perna, morreu; e também uma criança que se perdera e que encontramos de madrugada numa moita com os lábios roxos.

Lembro-me que uma manhã os cavalos deram com um cadáver atravessado no caminho. O cortejo parou; atrás do talude jaziam outros três corpos que os bichos haviam quase inteiramente devorado; quando nos aproximamos, as gralhas e os corvos, até aí invisíveis, levantaram vôo num fragor sedoso. Um pouco mais longe, um carro esperava os passageiros perto de uma fogueira há muito apagada. Revistei as bagagens para saber mais coisas e encontrei uma Tora: aqueles mortos eram dos nossos. Perto de uma das carcaças, ao lado do que fora uma cabeça, brilhava uma estrela; os lobos não querem saber do ouro. Transtornada, Beatriz prendeu no colo a jóia, que não mais a abandonou - e a estrela do marrano desconhecido tornou-se o símbolo dos seus raros fracassos.

A neve lamacenta havia mordido o couro das nossas botas e causado profundas incisões; as roupas já não eram lavadas, tínhamos as mãos escalavradas pelo frio; a nossa expedição começava a parecer-se com uma peregrinação de miseráveis. Sim, finalmente assemelhávamo-nos aos nossos irmãos que, graças a nós, haviam já atravessado o mundo. Jamais soubéramos realmente o que eles haviam passado; podíamos facilitar-lhes a fuga e assegurar-nos de que haviam chegado a bom porto; mas pouco nos preocupáramos com o que sofriam ao atravessar as montanhas. Doravante sabíamos.

Depois, a chegada da primavera realizou o milagre. Em todo o inverno não se ouviram as criadas cantar; ao primeiro clarear, as paragens retomaram a alegria de antes, e os

cantos reapareceram assim que as mulheres viram o broto de um açafão despontar nas encostas. A própria Reyna, no decurso de uma das paragens, recomeçou também a cantar.

Estava ocupado observando a pata ferida de um cavalo quando, subitamente, ouvi uma voz de rola que me apertou o coração. Era a mesma voz alegre que ouvira no primeiro andar do palácio de Ferrara, quando regressava de Istambul. Corri para o meio dos zimbros para a ver cantar; os olhos irradiavam um brilho extasiado. Pareceu-me, finalmente, bela.

Mas assim que me notou, Reyna parou, abruptamente, e seu rosto se fechou. Dir-se-ia que punha no seu cantar um contentamento maravilhoso que não podia exprimir de outro modo. Aquela moça manifestava uma incrível tristeza, exceto nas canções.

Como ela cantava, Caraffa, se tu soubesses! As constelações, os movimentos da alma, o animal e o espírito, os sentimentos e os insetos, e sempre aquela rosa eterna que floria em todas as nossas canções, como um coração... Todas as noites, no acampamento, a voz dela sobrepunha-se às outras, sua garganta inflava ligeiramente como a de uma rã surpreendida em plena noite, depois palpitava enquanto os seus olhos, muito abertos, escapavam contemplando o céu, e eu fazia o mesmo, Caraffa, eu olhava a estrela que primeiro se acende na noite e faz esquecer as outras, que jamais terão o mesmo trêmulo brilho. Como ela cantava... Então, à sua volta, calava-se uma primeira voz, depois outra, e todas as mulheres por fim, e restava apenas o canto de Reyna. Ainda me lembro das palavras de um estribilho no qual uma barca de canela vogava num mar de leite. Essa canção, que Reyna poderia ter dedicado à mãe, se esta cantasse, chamava-se La Serena:

Si la mar era de leche
los barquitos de canela
Yo me mancheria antera
Por salvar la mi bandiera
Si la mar era de leche
Yo me haria pexcador
Pexcaria las mis Dolores
Com palavricas d'amor

Eu também estava cansado; eu também sentia afrouxar em mim a rudeza de um coração amordaçado durante o longo inverno. As canções de Reyna despertavam imagens confusas e enleadas: a catedral de Belém em construção, em Lisboa, os pôlderes que secavam no norte do Brabante, para cima de Antuérpia, os moinhos nos diques, as vinhas que eram arrancadas de noite na Praça de São Marcos, em Veneza, e o nosso paraíso fortuito, à beira do rio, durante a peste de Ferrara. Todas as minhas naus refluíam num mar muito manso, as do Atlântico e as do Mediterrâneo, os sóis flamejantes e as luas silenciosas por sobre os canais de Flandres, os crepúsculos de onde surgiam os piratas e a alvorada das chegadas ao Corno de Ouro. Não sentia as lágrimas que subiam e me obscureciam de súbito a vista. Parecia-me que Reyna cantava a alma da mãe, que me dizia secretas palavras, que jamais me poderia confiar de outro modo.

Será possível amar uma voz sem amar o corpo? Assim que o meu olhar descia até o seu rosto, reencontrava uns traços ingratos e umas sólidas mãos de camponesa.

Em cada parada, fazíamos roda em torno dela, no meio dos rumores dos campos e dos relinchos dos cavalos. Reyna jamais se cansava; sabia nossas canções portuguesas, cânticos cristãos que lhe haviam ensinado no convento, cantos sacros vindos de Ferrara, cantilenas populares, e os últimos madrigais que aprendera em Veneza, "Amor mija morir"...

Mas para ouvir seu coração era preciso não a olhar. A medida que avançávamos imaginava o nosso casamento com enfado. Casada, com certeza, se calaria.

Havíamos passado a parte mais difícil; descendo em direção ao mar, em breve encontramos as primeiras sálvias. As crianças corriam de novo ao longo dos campos; apareceram azinheiras e oliveiras, e o grito das cigarras povoou outra vez os meios-dias. Depois, uma brisa chegou-nos do mar, que já não era muito longe. O pior estava para trás.

A saída de uma aldeia, avistamos, numa nuvem de poeira branca, um grupo de cavaleiros armados que nos esperavam alinhados. Sobriamente envolvidos em balandraus escuros, usavam gorros altos de feltro branco e compridas plumas, pelos quais reconheci os janízaros do Império. Um deles destacou-se do grupo e avançou para a cabeça do nosso cortejo. Era o chaus em pessoa, que vinha assegurar-se da presença da Senhora entre nós.

Deixávamos para sempre as marcas da Europa e entrávamos no Império. Na aldeia seguinte, avistei os minaretes de uma pequena mesquita, não longe da igreja, e o primeiro estabelecimento de banhos. O chaus indicou que, a partir de Ragusa, o Padixá havia mandado dispor guardas de sipaios, que deviam revezar-se ao longo do caminho para assegurar a nossa proteção. Eu era o único a conhecer o mundo otomano e aquilo levou-me a reconhecer o poder, perfeitamente ordenado, do sultão Sohmão.

Mas também fui o único a apreciar-lhe a importância. As mulheres olhavam os janízaros com assombro, e os meus homens levavam com demasiada freqüência as mãos às pistolas. Foi preciso ir de carro em carro, e acalmar os temores; na parada seguinte, Beatriz admoestou as criadas e tranqüilizou as damas, fazendo-as ver que os seus próprios receios podiam suscitar suspeitas. Entrávamos na nossa nova terra, que havíamos livremente escolhido; cumpria não manifestar a mínima repugnância, o mínimo movimento de desrespeito. A lição foi entendida e todos se mantiveram calados.

A entrada que fizemos em Ragusa não teve nada da triunfal partida de Ferrara. As nossas roupas estavam sujas, nossas botas rasgadas e desbotadas, as rendas manchadas, os mantos cheios de pó; os cavalos não estavam melhor, e as armaduras há muito não eram limpas. Estávamos todos tão cansados que não fizemos o esforço de polir os metais nem de arrumar as roupas; devíamos ter o ar de fantasmas bárbaros. Às portas da cidade esperava-nos uma delegação da comunidade judaica. Nossos irmãos mal nos reconheceram... Um deles aproximou-se do meu cavalo e perguntou hesitando se eu tinha ouvido falar da longa viagem de uma grande dama chamada Dona Gracia Nasi.

- Sou o sobrinho dela, Juan Micas, senhor, e este é o seu séqüito! - disse eu com um gesto cheio de ênfase designando os coches e os carros.

Vi o olhar daquele burguês de Ragusa flutuar sobre o nosso comboio com um ar de incredulidade.

- O quê, senhor Micas, dizeis-me que estas são as gentes de Dona Gracia? Ela com certeza não está com estes pobres diabos e irá ter convosco mais tarde... :

- De modo nenhum, encontra-la-eis no primeiro coche, logo atrás do meu cavalo.

O nosso irmão hesitou, depois foi até à carruagem indicada. Vi-o abrir a porta, ouvi confusamente que fazia duas ou três perguntas; por fim, deu um grito e ajudou Beatriz a descer estendendo-lhe a mão.

Os membros da delegação aproximaram-se com curiosidade. Beatriz saiu do coche no meio do maior silêncio. Tinha poeira no rosto, uns horríveis sapatos enlameados, à volta do pescoço um colarinho pregueado que devia ter sido branco, e escapavam da touca madeixas frisadas que o vento agitava; mas mantinha-se ereta, com a postura de uma rainha, e uma tal dignidade que os judeus que representavam a comunidade de Ragusa inclinaram-se diante dela.

A nossa parada havia de durar muito tempo. Os nossos feitores, Abner Alfarin e Isaac Ergas, haviam obtido uma autorização de permanência de seis meses. Segundo Beatriz, era o tempo necessário para meter metade dos nossos baús em barcos que partiriam de Ragusa para Istambul; não teríamos podido fazê-los partir nem de Veneza, nem sequer de Ancona, onde a comissão de vigilância nos teria impedido de carregar. Contando com aquela hospitalidade consentida, a Senhora havia previsto, para a república de Ragusa, a soma de quinhentos ducados.

E, com efeito, os nossos irmãos conduziram-nos a estalagens onde pudemos, enfim, lavar-nos. As mulheres tiraram dos baús saias ainda úmidas, saíotes amarrotados, e puseram-nos para secar nos terreiros; os homens descalçaram as botas e enfiaram sapatos de feltro por cima de meias compridas e quentes, segundo o uso da região. Beatriz chamou a Chica, e dispôs-se a mudar Brianda dos pés à cabeça e vesti-la com roupas limpas; era preciso ajudá-la como a uma criança, passar-lhe as saias pela cabeça, atar-lhe a crinolina à cintura, enfiar-lhe as mangas da camisa e penteá-la; sozinha, já não era capaz.

Quanto a mim, reencontrava com deleite os prazeres dos banhos de vapor que conhecia desde a minha estada em Istambul. Só Lusitano aceitou tentar comigo a experiência, e reclamou muito por ter de ficar nu na umidade sufocante na qual não achou nenhum benefício.

"É demasiada pele exposta, Josef; a gente deixa de estar protegido. E dizes tu que se sai regenerado? Eu sinto-me com a energia de um pano acabado de ser molhado, bom apenas para ser estendido numa corda", resmungava ele vestindo-se com grande dificuldade.

Quando finalmente ficaram prontas, as senhoras Mendes, as três vestidas de preto, receberam os membros do governo da República, que vieram visitá-las com grande aparato, de altos gorros vermelhos e amarelos, de cintos enrolados sobre túnicas otomanas. Dona Gracia e a família podiam permanecer na cidade todo o tempo que desejassem; era para Ragusa uma honra acolher a "princesa judia" protegida pelo Magnífico.

Eu tinha, conforme combinado, ficado com a responsabilidade do encaminhamento dos nossos bens por barco. Beatriz concedeu-me uma semana de descanso; o bastante para dar dez vezes a volta à pequena cidade, ao porto e aos palácios.

É certo que não desgostava das ruas pavimentadas com um mármore tão branco que brilhava ao luar, das telhas de um belo laranja vivo, das casas de azulejos turquesa, das varandas de ferro delicadamente forjado, nem das flores que cresciam em volta de todas as janelas. É certo... Mas Ragusa não se igualava a Veneza; era uma pequenina Veneza sem a água adormecida dos canais, sem o cor-de-rosa dos telhados, sem as leves brumas. Em Ragusa jogava-se, traficava-se; o ouro passava de mão em mão; e, como em Veneza, bandos de rapazes rondavam sob as arcadas, de noite. Mas sem loucura, sem graça; nenhuma mulher circulava livremente; já então a clausura era a regra. Chegávamos às paragens onde a espécie feminina vivia fechada, à terra dos haréns.

Era o que, debaixo das arcadas, eu não cessava de dizer ao bom Lusitano, que, por sua vez, suspirava.

- Quero lá saber de Veneza, Josef; mas Ragusa também não é Ferrara. E Ferrara sem as ruas quentes e desertas, sem os ciprestes nos jardins, sem os nossos amigos, sobretudo, e sem aquelas mulheres que me eram tão queridas...

Quanto às senhoras Mendes, disseram estar encantadas com Ragusa. Encontravam uma Veneza em miniatura rodeada de montanhas, sem a podridão dos lixos, sem vadios nas ruas e sem os espíões do Conselho dos Dez. E sem as cortesãs, acrescentava Beatriz para mim.

É verdade que todos os dias terminavam com uma festa em honra delas, que as músicas zumbiam ao seu redor e que a República de Ragusa havia empenhado um cuidado

extremo em celebrar dignamente a passagem da Senhora. As damas travaram conhecimento com os instrumentos usados no Império Otomano: o minúsculo rebab, com o seu arco rudimentar, o oud, mais elaborado, e as suas melopéias plangentes e, é claro, os tambores, mais rápidos que no Ocidente. Reyna, encantada, serenou. Eu estava muito menos sereno que ela: impossível beber a mínima gota de vinho, sobre o qual pesava um severo interdito. A idéia de reencontrar as minhas garrafas costumeiras tornou-me a partida mais fácil.

Antes de deixar o porto, achei que Beatriz tinha um ar ligeiramente febril e alegre, um aspecto rejuvenescido que me espantou. Atribuí o fenômeno à nossa libertação da Europa, e não me inquietei.

Dois meses mais tarde, regressei de Istambul depois de me ter incumbido da minha tarefa. Numerosos dos nossos irmãos e irmãs, falsos maridos e falsas damas de companhia, haviam se habituado tão bem aos encantos de Ragusa que tinham decidido ficar. Alguns haviam até resolvido passar do falso ao verdadeiro e casar-se mesmo. Quanto à minha Beatriz, um fogo novo animava-lhe o olhar, e tratava-me com uma distração distante que eu desconhecia.

Já nem sequer respondia às minhas provocações! As nossas discussões passadas haviam sido suficientemente notórias para que se possa imaginar o meu espanto diante daquela indiferença. Tentava interessá-la. Durante a travessia tinha cruzado com navios de piratas, comandados pelo novo rei do mar, Dragut; Barba-Roxa morrera e Dragut continuava a sua obra. Os piratas, aliados do Império, entravam no nosso jogo; eu encontrara-me com Dragut perto de Malta, e contei o caso a Beatriz.

Mal me escutou; enfadava-a com os meus piratas. Zombei ainda mais dela; mas em vez de saltar com as garras todas de fora, respondia sins e não com demora como se só me ouvisse com dificuldade. As nossas reservas de cólera haviam derretido ao quente sol de Ragusa.

Teria ela encontrado um outro mago que a enfeitiçasse? Estava eu a censurá-la em vão quando, de súbito, seus olhos brilharam alegremente. Ouvi uma voz que a fez retesar-se bruscamente e corar; e um homem entrou na sala. Olhei-o espantado; reconheci, igualmente rejuvenescido, o rabi Soncino.

- Pelos cornos do Diabo, Naxos, isso é demais! A Senhora e o rabi Soncino! Mas se todos sabem em Istambul que ele se transformou no pior inimigo de Dona Gracia! Deliras, meu amo; tens febre, para assim sujares duplamente a memória da nossa Senhora, e até a desse maldito rabino...

- Ora! Se eles me ouvem lá onde estão ambos agora, Caraffa, riem-se os dois, podes ter a certeza. Aliás, terei eu dito que cometeram o pecado da carne? Não tiveram qualquer culpa. Nem sequer souberam o que sentiam um pelo outro, bufão...

- Se o que dizes é verdade, filho, compreendo melhor por que é que depois o rabi Soncino foi a causa do desastre dos Mendes. Ele quis certamente fazê-la ceder em memória de Ragusa...

- Certamente, Caraffa, certamente. A paixão que juntos viveram em Ragusa era de tal modo notável que bastava vê-los para compreender sua inocência... O rabi Soncino tinha quase cinquenta anos; Beatriz acabava de fazer quarenta e três. Quase não mudara; eu era o único que sabia onde estavam as rugas, para todos invisíveis, o único a avaliar o ligeiro abatimento do queixo; a alvura encrespada dos cabelos dava-lhe um ar de fada. O rabi não era bonito; baixo e magro, usava três pêlos de barba que o faziam parecer um macaco; mas os olhos cinzentos,

constantemente afogados de emoção, não eram isentos de encanto, e os lábios, carnudos, testemunhavam um ardor que desmentia a severidade da sua postura.

Estavam ainda suficientemente vivos para sentir os frêmitos de uma sedução recíproca. Mas não eram novos e não se teriam atrevido a pensar que estavam enamorados um do outro. De resto, o rabi não podia pretender publicamente o amor de Dona Gracia; por seu lado, Beatriz não podia perder a honra por um simples rabino de Ferrara, mesmo que fosse o mais erudito do mundo.

Uma divindade razoável protegeu-os; com certeza nunca disseram nada um ao outro, e não tiveram quaisquer suspeitas, nem sobre os próprios sentimentos nem sobre os do outro. Viam-se todos os dias, juntos faziam as suas leituras, continuavam com as eternas conversas sobre teologia enquanto passeavam pelo porto, e recebiam os burgueses de Ragusa como se fossem marido e mulher, só que de todo não o eram. E verdade que casamos muitos dos nossos companheiros de viagem, e que o ar de Ragusa era muito conjugai...

Terei sofrido? Não guardo disso lembrança. Recordo-me de ter zombado daquele casal já sem muito frescor que nunca se separava; creio, no entanto, que tive inveja da ilusória e efêmera felicidade do rabi Soncino. Mas então? Não havia eu tido, aqui ou ali, a minha parte na vida da Senhora? Terei sofrido? Pensando melhor, acho que sim, sem dúvida.

Uma tarde, vi os dois caminhando sob as arcadas; a conversa era animada o bastante para que o rabi Soncino, num movimento natural, se apoderasse da mão de Beatriz. Lusitano e eu estávamos sentados debaixo de um dos grandes plátanos de folhas amarelas; já não sei que gesto esbocei então, mas aquilo de que conservo a lembrança nítida é que Lusitano me segurou pela capa e me obrigou a sentar de novo. "A Senhora é livre, estás ouvindo, livre! E tu não tens nenhum direito sobre ela."

Ele, tão jovial, parecia de repente grave, e quase me esmagou a mão de tal modo a apertou. "Proibo-te de a incomodares. Deixa-a viver, ela precisa de ar..."

Tornei a sentar. Sim! Lembro-me, repus a adaga na bainha. Portanto sofri, Caraffa. Queixar-me teria sido ridículo; eles amavam-se sem o dizerem, tive pois ciúmes sem o admitir.

Em todo caso, foi em Ragusa que me aproximei de minha prima, a pretexto de nos prepararmos para um casamento que se tornava inevitável. Fiz como o rabi Soncino com a Senhora; passei longamente com a pequena Reyna. Taciturna, tímida, ela pouco falava, e eu mal lhe apanhava, de tempos em tempos, um olhar, bruscamente abandonado e rapidamente recolhido. O pobre ramo de hortelã que ela me ofereceu num cume dos Alpes, e que eu me esforçava por recordar, gastou num instante o encanto da lembrança. Não tínhamos nada a dizer um ao outro.

Então, pedia-lhe que cantasse; íamos devagar buscar a pequena viola e ela começava; mas sua voz morria ao cabo de três notas.

"Não sou capaz, Josef. Assim não, sozinha diante de ti. Não me peças...", dizia ela pousando o instrumento sobre o joelho. A sombra da mãe pesava entre nós com todas as forças, e nós o sabíamos. Assim que ficava sozinha comigo, Reyna entrava numa desolação de que nada a conseguia tirar. Eu teimava, tanto para me convencer a mim mesmo como para a habituar à minha presença. Não opôs resistência, e habituei-me a ela como a gente se adapta a um manto novo. Foi em Ragusa que começou a usar os coletes otomanos por cima do saiote português, e os véus que a transformavam numa estranha criatura, simultaneamente familiar e distante. Eu estava sempre fazendo troça dela; achava aquele preparo ridículo.

Tive amantes que eram criadas, mas não tinham importância.

Por fim, chegou o momento de deixar Ragusa. Antes da partida, o rabi Soncino chamou-me à parte.

- Bem vi, Josef - disse-me ele com um ar embaraçado -, que as minhas longas conversas com tua tia te agastavam. Sabes, a Senhora tinha grande necessidade de saber mais sobre a nossa Bíblia; já não era sem tempo, e foi com grande alegria que velei pela formação daquela bela alma.

- Uma bem doce alegria, rabi... - ironizei. | | • | | :

- Sim, Josef, é verdade - respondeu gravemente. - Encontramos, um como outro, uma grande doçura nesses encontros. A Senhora de todos nós é muito exaltada; às vezes inquieta-me. Não podes censurar-me por querer refrear-lhe os ímpetos; afinal ela não passa de uma mulher, e, como tal, tem o coração pronto a inflamar-se. Bem sabes que sem um guia ela se deixa levar por excessos... de que já nem mesmo quero falar.

O bom homem tinha lágrimas nos olhos.

Tivemos de nos despedir dos nossos companheiros que haviam casado para se instalarem na pequena república; tínhamos menos carros e menos gente, menos cavalos, porém mais burros e mulas. O fim da aventura seria doravante fácil.

Ao deixar Ragusa, encontramos no caminho marcas ainda visíveis da antiga estrada romana chamada Via Egnatia. Lusitano e eu éramos os únicos a reconhecer naquelas lajes regulares os vestígios da Roma imperial. Beatriz irritava-se com a nossa admiração; para ela, o Império Romano era a causa da Queda do Templo, e havia arruinado o futuro do povo judeu; e se as damas da comunidade de Ferrara se tinham afeiçoado às exegeses místicas dos novos rabinos da época, nenhuma queria ouvir falar do humanismo nem da Antigüidade. No entanto, aquelas simples pedras gastas formavam as estradas que ligavam Roma à Grécia, para onde íamos; mas tais palavras evocavam apenas, para as mulheres, imagens de filisteus e orgias censuráveis. Além disso estavam muito ocupadas descobrindo as marcas do Império Otomano, que as surpreendia a cada passo: as mesquitas, os marcos, os uniformes dos janízaros, a presença dos cádis a organização das regiões, tudo era novo para elas e ocupava-lhes o espírito.

Os sipaios revezavam-se como o chaus havia anunciado; seus cavalos, nervosos e finos, fizeram-nos empalidecer de inveja, e reduziram a zero a beleza das nossas montarias, os barbos e os ginetes da Espanha de que estávamos tão orgulhosos, e que bem nos haviam servido. Os meus homens também tomaram contato com o Otomano; constataram com espanto que os guerreiros do sultão olhavam desdenhosamente as nossas soberbas escopetas; os janízaros tinham horror às armas de fogo, que achavam sujas.

Era preciso colocar a pólvora numa bolsa, manchar os dedos, era horrível, diziam, e a minha gente não compreendia.

Cavalgava eu ao lado do coche onde se encontrava Beatriz, quando o rabi passou a cabeça através da portinhola e me chamou: "Podes dizer-me, Josef, o que fazem esses soldados?".

Os sipaios tinham se inclinado sobre a crina dos cavalos e esfregavam as mãos, os braços e o rosto com aplicação. O sol declinava, e haviam detido os cavalos, todos na mesma direção. Rezavam.

Havia já, em Istambul, visto os muçulmanos fazerem as suas orações às horas regulares ritmadas pelo correr do dia; mas ficavam sempre perto de um chafariz ou de um tanque, ou achavam uma fonte; em suma, lavavam-se com água fresca. Nessa estrada seca e branca que atravessava lugares perto da Grécia, tinham o direito de fazer as abluções rituais

com uma água imaginária. Mais tarde, os vimos tomar nas mãos fervorosas areia, água em pó cujos grãos escorriam por entre seus dedos apertados.

Rabi Soncmo tornou a meter a cabeça para dentro, resmungando. Por meu lado, eu pasmava diante daquela fé capaz de transformar em água a poeira dos caminhos, e admirava aquele Deus sem rosto e aquele profeta ausente que indicava a direção de Meca.

Era tal a ordem do Império que nada nos podia acontecer; estávamos longe dos campos queimados e dos camponeses que marchavam em direção às cidades para as incendiarem. Aquele que na Europa era conhecido como o Magnífico e a quem, no Império Otomano, chamavam já Kanouni, o Legislador, acabara de promulgar as leis que seu pai havia esboçado; apoiara o seu rigor no sistema do devchirme: retirando de todas as famílias cristãs, eslavas ou romanas, uma criança do sexo masculino, para fazer dela um janízaro muçulmano, unificava os territórios.

Horrrível prática, que arranca a criança dos pais; conheci janízaros que nutriam o ódio nos corações, não pelos raptos, mas pelas próprias famílias que os haviam entregado sem luta, e jamais vi muçulmanos mais fanaticamente dedicados à fé do que aqueles antigos cristãozinhos que haviam sido brutalmente forçados a uma camaradagem viril, casta, orgulhosa e rica. De espírito temperado a fogo, eram capazes de morrer pelo sultão ou de o derrubar fomentando a revolta; a força do Império estava neles. Neles residia também a sua fraqueza.

Naquele tempo, falo-te do ano de 1553, o Império já não era todo-poderoso como o imaginavam os príncipes do Ocidente. No ano anterior, a Horda de Ouro, jóia do exército tártaro, havia sido derrotada e Kazan, a capital, fora tomada de assalto pelos cristãos. Para não caírem nas mãos do czar Ivan, dito o Terrível, os tártaros mataram-se todos. É verdade que eles não eram realmente turcos; mas para o Otomano eram sólidos aliados, e eis que a Horda de Ouro desaparecera.

As conseqüências de tal derrota não se faziam ainda sentir, só apareceram nas marcas persas, para leste, de onde, tenho agora a certeza, há de vir o fim deste império. Com a Horda de Ouro riscada do mundo, restavam janízaros que podiam fazer e desfazer sultões como os soldados romanos faziam com os imperadores. Podiam também aterrorizar os camponeses das paragens que atravessávamos. Os popes, principalmente, fugiam diante deles e, às vezes, apresentavam por vontade própria as crianças que deveriam levar. Acontecia oferecerem-lhes mocinhas de faces sujas e corpos púberes que iriam vender como escravas no mercado. O nosso cortejo, com a sua ala de janízaros, suscitava o terror ao entrar nas aldeias.

Uma vez, ao cair da noite, acampamos na beira enlameada de um charco, onde brilhavam já fogueiras que nos haviam atraído. Vimos homens de aspecto bravio e livre, que não manifestaram nenhum medo à vista dos sipaios; já eram suficientemente raros para suscitar o espanto. As mulheres agarraram-se aos coches com olhos atrevidos e forçaram, rindo, as portinholas. Eram ciganos que ali acampavam havia pouco e que nos ajudaram a instalar as tendas. No território imperial eram chamados Roms.

Já noite cerrada, um deles chegou perto das fogueiras, acompanhado de uma silhueta espessa e curvada que se bamboleava de modo bizarro ao som de um pandeiro. Beatriz compreendeu logo. "Josef!", gritou ela, "Um urso, é um urso, como em Lisboa!". O animal dançou pesadamente, depois sentou-se e abriu o focinho torcendo os grossos beíços cor-de-rosa e desdentados, nos quais o homem deitou vinho; a nossa gente pôs-se a rir, era um alegre companheiro aquele animal preso por uma trela, que parecia inofensivo. Baixava a cabeça como um enorme cão e erguia-a de novo com um ar queixoso. Quando se levantou, de patas estendidas, mostrando as garras poderosas, foi outra história; recuaram diante dele. O homem

controlou-o mal, sem dúvida; então o urso avançou para nós, fez um movimento rápido e, de súbito, Beatriz estava entre as suas patas.

Ela não recuara. Como não o havia feito em 1526, no cais de Lisboa.

Petrificada, deixara que o animal a arrebatasse... Num instante eu estava em cima do urso com a adaga na mão; ia espetá-la, quando uma pequena mão me deteve com rudeza. Ouvi uma voz de mulher pronunciar três palavras numa língua que não era o turco, e a fera afrouxou o abraço, rosnando. Beatriz tinha apenas uma arranhadela no braço direito.

A mulher agarrou o urso pelo pescoço e o fez voltar para o escuro, aonde ele a seguiu andando nas quatro patas. Tudo isso durou apenas alguns segundos; mas durante esse breve momento, eu vi uma espécie de homem peludo e maciço apertar Beatriz, ameaçar-lhe a vida, e ela não se defendera...

Reyna, que ainda tremia, rasgou a manga do vestido; a ferida sangrava e estava suja, mas era pouco profunda. Lusitano, num abrir e fechar de olhos, em breve lhe fazia um curativo. A mulher voltou para junto da fogueira, e apanhou a touca de Beatriz, que o urso havia arrancado.

- Ele não te matava - disse-lhe ela em mau turco. - Ele gostava de ti, a dama, o urso, muito. Isto, eu guardo - disse ela mostrando o gorro de veludo bordado. - É um presente dele.

Eu tremia mais que Beatriz, que fitava curiosamente a cigana que a havia salvado. Ela tinha a arrogância ameaçadora do animal. Os cabelos cobriam-na quase toda e luziam como uma pelagem negra; negros eram igualmente a longa túnica e a mantilha sobre os ombros; pelos braços acima subiam-lhe pulseiras de marfim empilhadas umas sobre as outras; enfiados nas orelhas tinha grossos aros de ouro maciço; numa das aletas do nariz brilhava um pequeno diamante; mascava uma erva com insolência. Examinou a ferida de Beatriz com a maior atenção, traçou uns sinais sem a tocar, depois soprou sobre a pele e ergueu a cabeça.

"Tu não és como os outros, tu. Tu não tens medo do meu urso...", e tomou-lhe a mão que voltou. "O teu marido está contigo num pequeno cofre, há muito tempo. Estrelas aqui, e aqui também... Muito dinheiro nas arcas atrás, e... és rainha? Desconfia da serpente, há de matar-te. Amor não vejo. Nada. Espera, espera, aqui..."

Beatriz fechou a mão. A cigana deu uma gargalhada e aconchegou-se a ela. "Ha vai dormir ao pé da rainha", murmurou. "Amanhã a rainha dá-me uma pérola das orelhas dela. Babur vai ter ciúmes...", e ficou ali numa espécie de ronronar satisfeito. Ilia era o seu nome e Babur, o do urso.

No dia seguinte desaparecera. Beatriz se deu conta de que lhe faltava uma pérola dos brincos, habilmente desengastada da jóia. Ao subir para o coche, descobriu lia, enroscada nas almofadas de couro, e que brincava com a pérola.

Os ciganos não tentaram retê-la. Eles próprios não sabiam de onde viera lia, caída do céu um belo dia em companhia de Babur. Era, disseram, o seu destino. Mas, com lia, herdamos o urso, que foi preciso meter num dos carros. A jovem mulher não sabia que idade tinha; não tinha ainda trinta anos certamente; o homem que havia deixado escapar o urso era o marido, mas ela arranjará outro e pronto. Babur pertencia a lia, e de fato seguia-a por todo lado, como um cão segue o dono. Foi pois ladeada de lia e do urso que a Senhora entrou em Salônica.

Recordo-me daquele incrível triunfo. Nas últimas semanas, de aldeia em aldeia, a Senhora havia distribuído dinheiro em profusão para construir escolas; o rumor correra mais depressa do que as nossas carruagens. A comunidade de Salônica esperava, pois, a Senhora com grinaldas e palmas; à entrada da cidade os nossos irmãos haviam edificado um pequeno arco de tecido branco, no qual espetaram braçadas de loureiros encarnados. Quando o coche

apareceu, soltaram clamores vibrantes, nos quais reconheci um grito, um único: "Ester, Ester!", e um outro, que não entendi.

"Ha-Geveret" - gritavam os nossos irmãos em hebraico.

A Dama. Foi em Salônica que pela primeira vez a chamaram assim.

Vi Beatriz esconder a cabeça nas mãos, depois saiu do coche, a chorar de emoção. Em breve foi tragada por aqueles que queriam tocar-lhe, beijar-lhe o vestido, e desapareceu. Chamei-lia para me ajudar e Babur fez recuar a multidão que a havia engolido.

Beatriz demorou-se algum tempo em Salônica. Distribuiu tesouros e especialmente os fundos para construir a grande sinagoga, que tem hoje o seu nome, Ha-Geveret. Mandou começar as obras de uma nova yeshiva; não há maior prova do poderio dos Nasi do que essas sementes que ela lançava ao passar, e que, germinando como espigas, fizeram uma parte da sua glória.

Tive, uma vez mais, de voltar para Ancona, de onde devia encaminhar para Istambul a totalidade das nossas riquezas coletadas nas nossas agências européias. Nenhum dos bens do banco Mendes devia permanecer na Europa, nem as pedras preciosas, nem as caixas de ouro, nem as pilhas de documentação; apenas algumas agências asseguravam a cobrança das letras de crédito reais, e, particularmente, as dos reis da França, que ainda não haviam sido reembolsadas, e cujo pagamento se arrastava desde a colocação sob seqüestro pedida outrora por Brianda Mendes. Aquele assunto não estava ainda arrumado, e impedia-nos de fecharmos todas as nossas agências ao mesmo tempo. Mas, de um modo geral, o banco Mendes, de acordo com os compromissos assumidos, instalar-se-ia no Império Otomano. Bruscamente, Lusitano decidiu voltar atrás e embarcar comigo. Tinha muitíssimas saudades de Ferrara, não conseguia resistir.

- Não é meu desejo abandonar-vos no momento em que apareceis em toda a vossa glória, minha amiga - dizia ele a Beatriz segurando-lhe as mãos. - Mas, senhora, em Ferrara, os nossos amigos necessitam mais dos meus serviços do que vós, que encontrareis em Istambul toda uma casta de excelentes médicos. A viagem era tão perigosa que quis acompanhar-vos; mas bem vejo que me tornei inútil, e esperam-me em Ferrara, aonde prometi tornar. Deixai-me ir, e digamos adeus...

Por mais que Beatriz lhe demonstrasse que a fraqueza de caráter de Hércules de Este punha em perigo a comunidade do ducado, que o Papa podia a todo o instante censurar-lhe a religião da duquesa Renata, de nada valeu; Lusitano resistiu. No barco confessou-me que fora a Fioretta que prometera voltar.

Separamo-nos em Ancona, de onde alcançaria a cidade do seu coração, e não mais nos voltamos a ver. Conseguiu fugir quando todos os judeus foram escorraçados da cidade; foi para Ancona, onde escapou à fogueira retomando o nome marrano, Juan Rodriguez, e tornou a Salônica; tenho às vezes notícias dele; talvez ainda viva em Salônica, em Chipre, no Cairo, não sei. Recebi dele um dia sete volumes de um Ensaio de Medicina; dedicara-o à minha memória. Dessa vez a homenagem me era destinada.

Não vi a chegada de Beatriz a Istambul já que estava ocupado em fretar as galeas e constituir tripulações. Mas o acontecimento é tão lendário que podes contar em meu lugar, Caraffa... Eu corrijo-te; assim descanso.

O bobo levantou-se, avançou delicadamente um pé arqueado, pousou uma mão no peito e estendeu pomposamente a outra para o mar.

- Foi numa manhã de verão que a Senhora entrou em Istambul, Excelência. O seu coche de ouro era o primeiro de uma imensa fila de quarenta coches de prata e de prata dourada, e os nossos irmãos esperavam-na ao longo das estradas, muito antes da entrada da cidade. O sultão, que Alá o proteja, desceu do Serralho para a acolher, e saudou-a do alto do seu cavalo, testemunhando-lhe muita amizade; depois estendeu-lhe a mão e recebeu-a como a uma rainha. A Senhora lançou moedas de prata por onde passou, e foi tomar pousada num palácio em Gaiata, oferta do sultão, que se incorporou no cortejo com os seus janízaros, acompanhado de todas as mulheres do seu harém!

- Muito bem, Caraffa, muito bem! Sabes a lição de cor.

- E então? Não foi assim que ouvi contar essa famosa entrada pelas mães e pelas filhas nas casas da nossa comunidade?

- Com o Padixá em pessoa e as favoritas saídas do harém, de fato. Conheço a fábula. Acreditas nela?

- Pouco importa, filho. Vais estragar tudo com a tua verdade. Em menos de um segundo, vais dizer-me que o coche não era de ouro, que o Padixá não estava presente e que as favoritas não saíram do harém para receber a Senhora. Deixa-me os meus sonhos, Naxos...- Pelo menos é verdade que ela lançou moedas por onde passou. E o único ponto sobre o qual a lenda não mente. Teria sido bonito, no entanto, e digno de um tão grande sultão, deslocar-se em honra de Beatriz... Mas o Magnífico não o fazia pelos embaixadores de Veneza nem da França, que deixava à espera durante horas em frente do Divã; as cadinas saíam uma vez por ano, em carruagem fechada; o palácio não era este, mas uma triste casa escura, e o ouro gravado nos cabedais do coche da Senhora havia sofrido muito.

É, contudo, verdade que a memória otomana não guardava a lembrança de alguma vez haver visto chegar, com tal aparato, homens do Ocidente. Muito menos conduzidos por uma mulher, ela própria rodeada de outras mulheres! Pelo que sei, e que Beatriz me contou, as nossas criadas, com o pescoço ao léu e a pele a descoberto, fizeram mais pela glória do cortejo do que o Grão-Senhor teria feito.

As criadas, Caraffa... Hoje estão velhas ou morreram. Mas Rosalinda, por exemplo, agora tão áspera, tinha a pele dos seios transparente e o cabelo loiro das flamengas; a velha Lúcia tinha nos olhos a chama impudente do olhar italiano, e os quadris harmoniosos; e tu não conhecestes a Júlia, que já morreu, e que superava a todas elas, com suas coxas finas e o sinal que tinha no canto da boca. Vinham de todo lado aquelas corajosas criaturas; as mais velhas tinham deixado Lisboa conosco, as adolescentes haviam se juntado ao cortejo em Ragusa; exiladas de Portugal, do Brabante, da Venécia, da Bósnia, as nossas criadas contavam por si só a nossa longa história.

Os otomanos arregalavam os olhos; jamais haviam visto tanta pele branca e tanta carne a descoberto. Até mesmo os nossos irmãos instalados em Istambul ficaram surpreendidos, pois haviam adquirido o hábito de vestir as mulheres à otomana, cobertas até o pescoço, a cabeça envolta por um véu branco. Parece que os murmúrios rodearam imediatamente os carros onde se amontoavam aquelas que nos seguiam; à alegria misturou-se o espanto, e o espanto transformou-se em confusa reprovação. Era dinheiro demais, mulheres demais, Europa demais...

Foi com dificuldade que a Senhora conseguiu chegar à imensa casa de madeira escura que lhe havia reservado o sultão, por intermédio do médico Hamon, que, de ventre empinado e sorriso nos lábios, esperava o cortejo no umbral. Beatriz contou-me mais tarde que ele havia medido Reyna com um olhar mercantil, "como se avaliasse uma ovelha". Fez as honras do "palácio" como se fosse o dono, e não pôde evitar fazer uma alusão à "distinta aliança" com a

qual o "distinguia a distinta Senhora". Beatriz fulminou-o com os olhos e o alentado homem retirou-se a praguejar.

As fadigas da jornada e a lassidão que acompanha a chegada a bom porto haviam cegado a Senhora. Ao tratar sem consideração o médico do sultão, acabava de cometer uma imprudência.

Alguns dias mais tarde, contou-me ela, surgiram entre os nossos irmãos os primeiros sinais de hostilidade. As criadas, que tinham de aprender tudo naquela vida nova, não tiveram qualquer ajuda; nas ruas que não conheciam, os nossos irmãos desviavam os olhos e não lhes dirigiam a palavra. Depois, algumas crianças começaram a atirar-lhes pedras.

Um dia, Rosahnda agarrou pela túnica uma judia da comunidade e, depois de lhe ter arrancado o gorro, obrigou-a a explicar-se, descompondo-a no meio dos fardos no porto. A pobre mulher acabou por falar.

- Toda essa gente rica que vem de longe, não são talvez judeus verdadeiros - disse ela hesitando. - Dizem que são conversos, mas que ainda não tornaram à verdadeira religião. Nem carne nem peixe, gente esquisita... Por que é que nas vossas paragens lhes chamam porcos? Não será, por acaso, por eles comerem carne de porco? Aquela a quem chamam a Senhora também tem outro nome, senhora da Luna, ou não sei de quê, e o sobrinho, aquele senhor alto e tão elegante, esse Juan Micas tão conhecido, é completamente cristão, com certeza... Há quem diga que as criadas são mulheres de má vida, com os peitos... Oh, foi uma grande desilusão!

Quem é que havia espalhado tais disparates? Quem havia sugerido que não era preciso, afinal, ajudar aqueles ricos que se faziam passar por judeus? A mulherzinha confessou. Era o médico do sultão. Ninguém reparava no comportamento absurdo de um homem que havia feito tudo para atrair a Senhora a Istambul, com o apoio do sultão, seu amo. Pelo contrário, daí tiravam argumentos: quem, melhor que ele, podia saber a verdade? Aliás, o Serralho já havia realmente dado o seu apoio?

As primeiras semanas da vida em Istambul desenrolaram-se nessa incerteza caótica, no meio dos baús que era preciso esvaziar, num mundo desconhecido e mal-intencionado. Havia falta de tudo; de lenha para nos aquecermos, de leite para as crianças, de legumes, de fruta, de açúcar para a Senhora. Beatriz recusava-se a dar ouvidos aos rumores; Reyna não se atrevia a sair e às criadas custava-lhes dirigirem-se ao mercado com medo de apanhar com pedras. A Chica, mais ousada, arriscou-se a sair com duas das mulheres: cuspiram quando elas passaram. Os homens enervavam-se, não faziam nada. Depois, um dia, chegou um recado do grão-vizir. Dona Gracia Nasi devia pagar vinte mil ducados de ouro, preço do seu acolhimento.

Foi nesse momento que a minha frota chegou a Istambul. Tinha comigo, em três sólidas naus, todo o dinheiro que havia recolhido dos nossos feitores.

Uma vez mais corri a uma nova casa para aí encontrar a minha Beatriz no exílio. Casas, tinha conhecido várias; todas belas e acolhedoras. Nenhuma possuía a tristeza da de Istambul; nem sequer a de Lisboa depois da morte de Francisco Mendes.

As salas pareciam vazias; alguns tapetes estendidos no chão não bastavam para substituir os móveis, que não se usavam na cidade otomana. As janelas, estreitas, deixavam passar pouca luz; as rótulas, apesar de finamente trabalhadas, não deixavam por isso de ser grades. Não havia candelabros e as pequenas braseiras otomanas cintilavam na obscuridade, enquanto as criadas mais velhas, enroladas nas mantas da viagem, aqueciam as mãos

suspirando. As mulheres passavam em silêncio, e Beatriz, junto da sua própria braseira, conservava o rosto fechado.

A seus pés, à beira do cofre onde mirrava dia após dia o coração de seu pai Francisco, Reyna, sentada, entretinha-se com enfeites de papel. Só os gritos medonhos de Brianda povoavam aquela desolação. Fiquei estupefato; Beatriz não se levantou.

- És tu, Josef - disse ela numa voz monótona. - Vês, é aqui a nossa Terra Prometida... Aqui estamos bem infelizes, sabes, Josef? Estava enganada, estava enganada...

E virou a cabeça. A minha Beatriz, a Senhora, a valente que havia suportado as crueldades daquela longa viagem, a minha rola, a minha amiga... Ajoelhei-me a seus pés e dei por mim no seu colo. O melhor da minha vida passou-se naquele colo, nos momentos fugitivos em que podíamos ambos esquecer a nossa identidade e fingir que éramos esposos que descansam juntos das fadigas da vida. Ela pousou as mãos sobre a minha cabeça e eu cingi-lhe as pernas. Aquilo, pelo menos, não nos podia ser tirado.

- Dize-me, Josef - disse ela numa voz queixosa -, vais tirar-nos desta jaula onde estamos prisioneiras? Vais achar maneira de nos proteger? É o teu amigo, esse Mosche Hamon, que nos persegue. É preciso dizer-te por quê?

Aquela voz rouca que me causava arrepios... Não era preciso explicar. Era de fato o culpado; havia assinado a promessa de casamento do filho de Hamon com minha prima Reyna. Beatriz mostrou-me a intimação do grão-vizir.

- Vamos pagar, minha querida. Tenho ali mais ouro do que o necessário. Conhecemos uma regente, temos agora um médico. Irei vê-lo; é um covarde, temos homens de armas, ele há de ceder...

- Está bem, Josef - atalhou Beatriz. - Mas havia te pedido que desposasses a minha filha. Se tivesses cumprido a promessa em Veneza, esse médico desleal não teria poder sobre nós. Amanhã ele virá reclamar o que lhe é devido. Todos eles precisam do nosso sangue, percebes? O nosso sangue é o acesso à nossa fortuna, por isso te destinava a minha filha...

A partir do dia seguinte procurei aliados para me aproximar do grão-vizir em pessoa. Roustem Paxá não era um dignitário com quem se pudesse ter facilmente um encontro. Havia desposado uma das filhas de Solimão e da ruiva e terrível sultana a quem o Ocidente chamava Roxelane, antes de suceder na preferência do Magnífico ao famoso grão-vizir Ibrahim Paxá, amigo do sultão, e seu amante também, a quem o amado havia mandado estrangular pelos mudos no tempo da amorosa mocidade. Agora que o Magnífico estava velho, Roustem Paxá, seu genro e grão-vizir, era imensamente poderoso.

Encontrei o intermediário, uma judia muito rica cuja profissão consistia em introduzir no harém as rendas, as jóias e as sedas para as cadinas, favoritas reclusas e enfadadas. Ester Kyra gozava do mesmo poder que o médico; se Mosche Hamon passava pelo Diva, Ester Kyra passava pelo harém. Redonda, ofegante, com olhos vivos de pardal, ela sabia tudo, estava sempre rindo, fazendo fortuna tranqüilamente. Mandeí-lhe vestidos venezianos, algumas baixelas e um espelho ornado de flores de vidro soprado. Dirigi-me depois à casa dela com a minha escolta, e saudei-a como a uma rainha, tirando o chapéu e ajoelhando-me: deu uma gargalhada. Ester Kyra conhecia a lenda da Senhora e nada ignorava dos rumores que havia feito correr o médico Hamon. Generosa, aceitou o espelho, recusou o resto e prometeu ajudar-nos o melhor que pudesse. "Esse médico não é boa coisa", dizia ela piscando o olho com ar manhoso. "Vou torcer-lhe o pescoço e desacreditá-lo junto ao sultão, haveis de ver..." Ester foi rápida. Três dias mais tarde eu era admitido junto do grão-vizir. Para lá me dirigi a pé, sem escolta, trajado de preto, como convém a um exilado do Ocidente.

A entrada da porta monumental, os janízaros acampavam sob o plátano de seus conciliábulos, em torno de grandes caldeirões onde coziavam o arroz cotidiano. As armas espalhadas sobre a relva, as fogueiras que crepitavam, o cheiro insosso da água do arroz, os gritos, os olhares curiosos e vagamente hostis, nada permitia esquecer a força do Império e sua soldadesca a toda prova.

Fui enquadrado por uma escolta; ao lado daqueles gibões carmesins e daqueles botões de ouro, eu parecia uma gralha espanhola. A grande porta abriu-se, e fiquei deslumbrado. Por um instante pensei ver de novo Veneza. Como na Praça de São Marcos, resplandeciam as cúpulas brancas, o mesmo mármore... Os pavilhões cobertos de ouro tinham a mesma majestade. Foi breve o instante; em Veneza não há daqueles jardins. E o Serralho era um vasto jardim. Veneza fervilhava de gritos e chilreios que zumbiam pelo ar no meio dos pombos que levantavam vôo. No Serralho, até os pássaros se calavam; um enorme silêncio esmagava tudo; aninhava-se nas grandes árvores, elevava-se do mar invisível, deslizava ao longo das colunas pintadas; adivinhava-se um povo de mudos e de almas enclausuradas, atravessado por digmtános com ar importante, que falavam em voz baixa.

No entanto, havia mercadores que trotavam, atarefados; no entanto, governava-se, tratava-se ali do destino do mundo. Uma formidável pujança emanava daquele imenso espaço fechado onde nada traía a presença do senhor do lugar. Ao fundo dos jardins, à esquerda, reparei nas pequenas cúpulas bojudas cobertas de zinco azulado, de onde subia uma fumaça clara: o harém, inteiramente novo, guardado pelos Negros.

Roustem Paxá esperava-me num dos pavilhões. Levava para ele uma taça, de alabastro, e um cofre cheio de ouro que continha a soma devida. O grão-vizir olhou-me em silêncio; era um homem muito feio, de rosto marcado pelas bexigas; o turbante, ornado com uma jóia com pérolas engastadas, enterrado até às espessas sobranceiras, dava ao olhar um aspecto bastante desdenhoso. Mas reparei em suas mãos, largas e curtas, mãos serenas e tranqüilizadoras. Era preciso defender a causa.

- Excelência - comecei eu humildemente -, a minha família e eu próprio pertencemos doravante ao Padixá, Sombra de Alá na terra, que nos salvou da morte. Os príncipes do Ocidente espoliaram-nos. Não vos espanteis por nos verdes com vida: se fomos poupados à fogueira é porque queriam o nosso ouro e as nossas filhas. O imperador Carlos V foi o primeiro dos nossos verdugos; o Papa mandou-nos escorraçar de Ferrara, e não m,e ficaria bem esquecer o Conselho dos Dez, que atirou minhas tias na prisão, pôs minhas primas no convento e condenou-me à pena capital.

No olhar impassível do grão-vizir, perpassou um relâmpago negro à evocação da Sereníssima.

- O Padixá, que Alá o guarde em Seu poder, teve a amabilidade de intervir junto à República de Veneza para nos arrancar daquelas garras. Pensávamos encontrar aqui a tolerante segurança de um grande império respeitador das suas minorias, e eis que hoje somos vítimas de uma nova maquinação, Excelência... Não falo dos ducados que nos pediram; ei-los, neste cofre. Pensava no médico do sultão, que quer minha prima Reyna por esposa quando ela é minha noiva desde a infância.

Ao ouvir mencionar o médico, Roustem Paxá estremeceu ligeiramente.

- Peço-vos o vosso apoio - continuei. - Autorizai-me a desposar minha prima segundo os nossos ritos, denegai publicamente as injustas pretensões do médico e eu serei o mais feliz dos homens...

- Segundo os vossos ritos, senhor Miquez? - disse Roustem Paxá. - Dizem que sois cristão, senhor; isso, aliás, é-nos indiferente, temos em Istambul tantos cristãos como judeus. Mas não vejo por que razão hei de intervir num assunto entre comunidades. Cristão, vós, realmente?

- Vedes em mim um verdadeiro judeu, Excelência! Chamam-me Juan Miquez; chamaram-me igualmente João Miguez, que sei eu ainda... Nós, os marranos, fomos obrigados a renunciar às nossas identidades, certamente o sabeis. Mas o meu nome de nascença, aquele que hoje reivindico, é Josef Nasí, Excelência. Nasí quer dizer príncipe; antes da Reconquista, a minha família era uma das mais poderosas da comunidade judaica espanhola.

Era a primeira vez que dizia o meu próprio nome; isso inebriou-me e enfureceu-me ao mesmo tempo. O grão-vizir teve um gesto de irritação.

- Pouco nos importa o vosso nome, senhor Nasí. Temos necessidade de súditos fiéis, capazes de servir o Padixá; queremos um homem que possa informar-nos sobre os desígnios dos príncipes do Ocidente, e sabemos que vós os conheceis bem. Esses ducados são, é certo, o primeiro preço que tereis de pagar pela vossa segurança; contraístes certas dívidas de honra para com o Império, senhor Nasí, e não duvido que compreendeis o sentido dessa taxa de chegada. Mas os vossos ducados contam menos do que os serviços que podeis prestar-nos; casai depressa e servi-nos bem.

Apresentei a taça de alabastro, que o grão-vizir admirou sob todas as facetas, longamente.

- Tendes o gosto da beleza; havemos de nos entender bem, senhor Nasí. Dai antes este objeto magnífico a esse médico barrigudo, que ficará lisonjeado, apesar de não ser capaz de lhe avaliar o esplendor - disse ele sorrindo enfim. - Tomareis a vir ver-me; teremos em breve assuntos a confiar-vos, e depois hei de falar-vos um pouco do Império, cujos segredos não conheceis. Quanto a vossa tia, o Padixá a quer feliz. Está bem instalada? A casa lhe convém? Pela cara que fazeis vejo que não. Vamos alterar isso. Creio saber que acusam as vossas criadas de andarem demasiado despidas, não é? Havemos de tratar disso também; fazei, no entanto, com que elas não sejam demasiado provocantes. Quanto ao resto, bastará que Dona Gracia faça como em Salômca, senhor Nasí, e em breve retomará o nome que o vosso povo lhe dá, podeis ter a certeza. Também para ela temos grandes projetos; mas primeiro é preciso que ela reine sobre os seus, e isso diz-vos respeito a ambos. Até à vista, senhor Josef Nasí - disse ele ironicamente levando a mão à testa.

Havia ganho um palácio e perdido a liberdade. Mas reencontrara um nome próprio. Inclinei-me e parti, ébrio de uma alegria que mal compreendia. Os janízaros pareceram-me amigáveis, imaginei que me lançavam olhares cúmplices, parecia doido. Sem sequer me dar conta, pus-me a correr alegremente pelas ruas e fui de encontro a uns carregadores, de carga atada à cabeça; uma banca de melões e uvas desabou e os frutos rolaram atrás de mim. Os vendedores gritaram, voltei-me desastradamente e caí estirado numa poça d'água, de onde saí enlameado dos pés à cabeça. Paguei os melões com uma bolsa de moedas de ouro, que suscitou mais gritos, rodearam-me, esforçaram-se em vão por me escovar o gibão emporcalhado... Mas libertei-me rindo e corri ainda mais depressa. Numa loja ao ar livre, comprei um prato de tripas que devorei na própria tigela. De súbito, ao aproximar-me do local onde estavam os barqueiros, avistei um passarinho que exaltava com eloquência o talento de seus rouxinóis. Comprei um para Reyna, minha prima com voz de pássaro. E quando, de gaiola na mão, tornei à triste casa de madeira escura, Beatriz mal me reconheceu.

- Olha o estado em que te puseste, Josef! A roupa rasgada, coberta de lama, os sapatos respingados, e essas peyides de melão... Que pobre avezinha cinzenta é essa que trazes aí? Roubaste-a e molestaram-te? Lutaste no Serralho? Atacaram-te nas ruas?

Eu ria-me. Não era nada disso; eu havia simplesmente recuperado o meu nome. Era Josef Nasi.

Aplicamos estritamente as instruções do grão-vizir, que nos deu este grande e claro palácio do Belvedere que pudemos mobilar à européia; para o aquecimento, em compensação, dispúnhamos apenas das braseiras otomanas que conheces, Caraffa, e de que bastante te queixas, pois não aquecem muito; mas, pouco a pouco, consegui pôr tapetes por todo lado e mandei vir de Florença móveis decorados com marchetaria, leitos com dossel, poltronas e cadeiras; apoderei-me de novo de algumas tapeçarias que não são nada más, até encontrei outra Ester Vestindo-se, tão boa como a de Diogo Mendes, e coloquei os quadros que trouxéramos conosco; o retrato de Faustina ficou bem em frente do meu leito. Rapidamente, candelabros de prata ornaram todas as salas, tal como lustres daqueles de que Beatriz gostava, à moda de Antuérpia, com bolas de cobre onde se refletem as luzes. Reyna pendurou a gaiola do pássaro na janela do quarto que partilhava com a Chica, mas instalei sem demora um viveiro de admiráveis rouxinóis cujas cantigas rivalizavam com as dela. A vida tornou-se agradável.

Beatriz foi visitar uma a uma as famílias da comunidade judaica, e a todas levava presentes cuidadosamente preparados segundo as necessidades. Aos pobres, alimentos e dinheiro; aos burgueses, tecidos e jóias; aos eruditos, a Bíblia de Ferrara e as Consolações das Atribulações de Israel. A todos dava a grandeza da sua presença e o sorriso - aquele sorriso de caridade, cheio de inocência e de graça, que jamais concedeu a mim e que reservava para os outros...

Com a força das doações a todas as sinagogas, a todas as yeshivas, desarmou os mais hostis; ao fim de algumas semanas era venerada como em Ragusa e Salônica, e voltou a ser Ha-Geveret, a despeito de Mosche Hamon.

Para "arrumar", como ele dizia, o assunto dos trajes das nossas mulheres, o grão-vizir levou a generosidade a ponto de publicar um decreto, assinado pessoalmente pelo sultão, que autorizava "a mui poderosa Senhora Gracia Nasi e suas criadas a usarem o traje de Veneza". As criadas deram pulos de contentamento, e mesmo Beatriz, por orgulho, dignou-se usar vestidos justos ao corpo, e que deixavam ver a raiz dos seios sob uma camisa transparente. As modas de Veneza e de Flandres conquistaram algumas matronas judias; é verdade que com aquelas túnicas, de veludo muitas vezes manchado, e os gorros altos cobertos de placas de ouro, elas ficavam parecidas com feios ídolos; os turcos consideravam-nas muito porcas. Ester Kyra fez-se ardorosa propagandista dos colarinhos de renda, das saias armadas, dos corpetes e das redes de fitas para os cabelos; viram-se desaparecer algumas túnicas e aparecer, aqui e acolá, alguns cabelos. Restava o médico do sultão. Sem me apressar, fui visitá-lo com a taça que Roustem Paxá havia recusado. Hamon recebeu-me muito mal, mostrou a promessa de casamento, ameaçou-me, mas, tanto um como outro, sabíamos que ele havia perdido a partida. Resmungando, aceitou a taça; para terminar, comprei a minha promessa de casamento e a liberdade de Reyna.

O meu casamento teve lugar, enfim, no mês de agosto, em pleno calor úmido. Beatriz quis que ele fosse digno dos Nasi e dos Mendes: o palácio abriu de par em par todas as portas para três dias de festas.

Era o primeiro dos nossos casamentos que podíamos celebrar à luz do dia numa sinagoga. A cerimônia religiosa foi oficiada pelo rabi Soncino no meio de uma comunidade reconciliada; Mosche Hamon e o filho mantinham-se um pouco afastados, mas estavam lá, e a Senhora tratou-os bem.

Reyna havia querido usar o traje preto bordado a ouro que sua mãe usara no casamento dela, e que a Senhora guardava piedosamente; com o corpete apertado sobre as ancas, o vestido, demasiado quente, havia passado de moda e dava à minha noiva um ar português de tempos idos. Para os cabelos, Ester Kyra havia tecido redes com fitas douradas e espetado, aqui e ali, duas ou três flores de pedras preciosas; Reyna não estava feia assim, mas não sorria. Beatriz, de saia de brocado branco com uma pequena cauda, usava um corpete inteiramente bordado de pérolas entrecruzadas, com grandes mangas; havia engordado um pouco e resplandecia de juventude. Na cabeça, havia colocado uma simples trança feita igualmente de pérolas nacaradas, da mesma cor dos cabelos; no dedo brilhava a esmeralda do vice-rei das índias. Cintilava, inalterável, apesar do calor. Dir-se-ia a irmã de sua filha... .

Reyna mantinha-se a meu lado, de cabeça baixa e boca franzida. Mal me olhava, às vezes, às escondidas, com um modo assustado, apesar de estarmos de mãos dadas e apesar do entusiasmo da pequena multidão.

No segundo dia, trajando um pesado vestido azul-escuro e, dessa vez, de cabelos entrançados de jasmins, quase não parecia ver os acrobatas em cima das mesas no fim do banquete. Beatriz havia mandado vir para aquela festa os melhores divertimentos: dançarinos de corda, manipuladores de marionetes e daquelas sombras recortadas, o karagheuz, como dizem os turcos; sabes isso de cor, Caraffa. Os mais hábeis mágicos vinham das índias Orientais; podiam enfiar pérolas num fio com a língua e fazer desaparecer um rapazinho num cesto de vime. Havia até uma mulher dessas terras que realizava uma coisa extraordinária: deixava-se cair sobre uma lança fixada no chão, mas com a ponta no ar. A ponta tocava o olho da mulher, dávamos gritos de susto... Mas não, ela erguia-se, e a pupila estava intacta. Estendi-me no chão ao lado da lança para descobrir a artimanha; não havia. Ela também era capaz de encurvar uma comprida e grossa barra de ferro, apoiando contra ela o peito e fazendo força. Pelo diamante que usava na narina, a nossa cigana, lia, reconheceu nela uma compatriota, e andaram todo o dia juntas. lia trouxe o urso, que se bamboleava e que pregou mil peças para grande alegria dos convivas, mas nenhum sorriso apareceu na face de minha nova esposa.

E, contudo, o embaixador da França, Michel de Codignac, viera. E, contudo, Roustem Paxá havia feito questão de assistir pessoalmente às festividades. E, contudo, Beatriz parecia estar no cúmulo da felicidade.

A Senhora, de vestido preto sem ornamentos, havia colocado sobre os cabelos entrançados um gorro da mesma cor ornado de plumas verdes, combinando com a esmeralda; no pescoço, um colar de grandes pérolas finas fazia-lhe a pele mais branca que nunca; os cabelos jamais haviam tido tanto brilho. Atraía todos os olhares. Rabi Soncino contemplava-a com adoração, e o grão-vizir voltava-se sempre para ela, com um espanto não dissimulado. Havia injustiça demais naqueles olhares e eu suportava mal a admiração de que Beatriz era alvo; minha esposa melancólica, que baixava os olhos, era quem eu tomara por mulher e para ela eu queria tanto esplendor como para sua mãe. A timidez ciumenta de Reyna inspirou-me uma ternura e uma piedade a que jamais renunciaria, Caraffa, apesar das aparências, se, mais tarde... Mas deixemos isso.

Naquele instante, pelo menos, estava decidido a velar por ela como pela carne da minha carne. E ela era-o, realmente, filha da minha Beatriz, quase minha filha, minha pobre e triste criança...

O terceiro dia estava reservado àqueles que nos haviam seguido desde Lisboa, de Antuérpia, de Ferrara, os companheiros, os nossos. Estávamos entre nós, em família, e gozávamos o prazer simples de nos acharmos sãos e salvos, com a doce memória das provações enfim terminadas. Já não tínhamos de vigiar os nossos atos. Teríamos menos receio. E, nesse dia, podíamos beber o vinho que não havíamos servido na presença dos nossos convidados muçulmanos.

A infeliz Brianda, autorizada a sair do quarto, sorria beatificamente comendo de maneira muito pouco apropriada. A Chica estreava o seu primeiro vestido de donzela e usava um penteado antigo que lhe ficava muito bem, uma redezinha de fitas de seda colorida chamada cofião. lia havia sido vestida para a circunstância com um traje pomposo, da cor da flor-de-centeio, que tapava decorosamente o pescoço, mas que lhe ficava muito mal, e sapatos que a faziam gritar a cada passo. De súbito, os sapatos voaram até à outra ponta da sala, a saia caiu no chão, seguida do colarinho de renda; lia, vestindo apenas um saiote vermelho e um corpete verde, apanhou, da cabeça de uma das damas, um véu com que escondeu o rosto, saltou para cima de uma mesa e dançou, perdidamente, sem outra música a não ser uma canção rouca vinda do seu país desconhecido e o som alegre dos argolas que tinha nos pés.

Os nossos companheiros fizeram o acompanhamento batendo com os pés e com as mãos. Rabi Soncino pegou na mão da Senhora e apertou-a longamente, com paixão. Eu peguei na da noiva, que permaneceu mole e inerte; murmurei um segredo no ouvido de minha mulher, mas Reyna não me respondeu. Beatriz inclinou-se para mim.

- Depois de tantos anos, Josef...

Sim, muitos anos haviam passado desde o ramo de hortelã. A minha pequena Reyna não tinha ainda a idade da noiva do Cântico, e eis que se tornava minha mulher.

- Sim, minha Senhora, depois de tantos anos - respondi com uma voz quebrada. - Ganhaste, Beatriz. Mas a nossa princesinha não sorri.

O rosto dela descompôs-se e olhou a filha com uns olhos onde julguei ver uma espécie de ódio.

- É tua esposa, Josef, e é quanto basta! De que é que precisas? Ela te ama!

E, raivosamente, voltou-se para o seu velho namorado. Num último turbilhão, lia parou bruscamente diante da noiva, e tirou devagar o véu.

- Canta! Canta para Babur! - disse-lhe ela com um daqueles irresistíveis sorrisos de fera.

Toda a gente da casa se juntou à cigana para reclamar de Reyna as suas canções; uma criada correu para buscar a viola e Reyna ergueu-se documente para fazer o que lhe era pedido. Fez-se silêncio; a voz, pelo menos, permanecia fresca e as romanças sefarditas ajustavam-se à sua tristeza. Os convivas enlanguesciam, as mulheres apoiavam-se no ombro dos vizinhos, e reencontrávamos, sob o céu de Istambul, a suavidade das noites de Ferrara; as candeias luziam na noite, o aroma dos ciprestes, reencontrado, entrava pelas janelas do palácio. Em todos os olhos brilhavam lágrimas de emoção; rabi Soncino enxugou os olhos, e depôs ternamente um beijo no pulso da Senhora, que se levantou da mesa bruscamente e se retirou.

Então, após a mãe ter saído, Reyna animou-se, as faces ficaram rosadas, os olhos puseram-se a brilhar e lançou-me um olhar quase alegre. Pousei devagarinho a mão nas cordas da viola e, puxando-a para mim, beijei-a.

Foi, creio, o nosso único momento de felicidade.

Ao alvorecer, deixei Reyna embrulhada nos lençóis conjugais e fui deambular pela cidade que despertava. Tomei uma taça daquela nova bebida negra e amarga que começava a fazer furor em Istambul, e que o sultão, cedendo ao desejo dos seus súditos, acabava, enfim, de autorizar. Dizia-se do café que tirava o apetite, e que era um negro inimigo do sono e da

cópula: exatamente aquilo de que precisava! Mas o café não foi suficiente para acalmar-me a angústia e tornei ao palácio do Belvedere para beber do meu vinho. Embrutecei-me.

- E ela, Naxos ? - disse o corcunda. - Será que pensaste no despertar dela? O leito vazio, sem o esposo, ninguém para lhe dar carinho?

- Ela? Ela tinha vestido para a nossa noite de núpcias umas ceroulas de pano crespo azul-celeste, fora de moda, ridículas... O pior, Caraffa, é que ela continuava a adorar-me. E eu sou lá homem para suportar a adoração de uma mulher? Nessa manhã, quando voltei, encontrei-a já vestida, severa e doce; ia me servindo vinho sem dizer palavra. E quando fiquei bem ébrio, quando pude finalmente esquecer, ela começou a massagear-me os pés. Penso ter ouvido, durante o sono, o eco de uma canção; mas não tenho a certeza.

- E a Senhora?

- Não a vimos durante uma semana; fechara-se no quarto. Chama alguém, que me venham massagear um pouco, e que, pelo menos, reviva o melhor da madrugada do meu casamento.

O corcunda bateu palmas, ouviu-se um leve tilintar e apareceu uma velha, toda enrugada, envolta num véu preto.

- És tu, negrinha, minha pobre lia! - suspirou Naxos. - Anda, aqui tens as minhas pernas que bem conheces. É verdade que desde que o teu urso morreu já não danças, massageias. Pelo menos conservaste as jóias ciganas, fizeste bem.

A velha quis sorrir, pôs a mão na boca para esconder as gengivas desdentadas, e acercou-se da poltrona.

Capítulo VI

554-1558 O embargo da Senhora

(A Senhora na Palestina; os bons conselhos de Roustem Paxá; o príncipe Selim; história de Roxelane; o bloqueio de Ancona e as discórdias nas comunidades judaicas; a traição de Soncino; o assassinio de Bajazet.)

Quinta-feira, ao cair da noite

- Não se consegue respirar nesta varanda! - exclamou o ancião. - Este mês de setembro é tão quente como aquele que veio a seguir ao meu casamento; só passeava de noite, para grande pesar de minha esposa. Tristes dias...

Reyna tentava cantar, mas a viola caía-lhe das mãos e eu ia encontrá-la estendida nas almofadas, lânguida como uma dançarina de harém com olhares servis. Por vezes, ela vinha ao leito com braçadas de peônias, que adorava; como é de imaginar, detesto o aroma entontecedor dessas flores, no qual sinto um cheiro de decomposição mal desabrocham. Enraivecia-me; aquele papel de sedutora não era para ela. Por mais que eu fizesse, ela cismou em usar o traje das mulheres dos Bálcãs, que pensava ser mais gracioso, mais confortável também, por causa do calor, dizia ela. Quando um simples saiote da nossa terra e um corpete de fitas cruzadas lhe ficam tão bem!

Beatriz superou o seu acesso de solidão, saiu uma bela manhã do quarto e anunciou-nos resolutamente que partia para a Palestina para sepultar em terra santa os restos mortais de Francisco Mendes, seu esposo, de acordo com a promessa que ela lhe houvera feito. Escutei-a friamente. Ninguém a reteve e não a acompanhei. Não tinha coragem para tal, e desde o meu casamento alimentava contra ela um ressentimento demasiado vivo. Contentei-me, ao deixá-la, em cantarolar à minha sogra estes versos que embalaram a nossa infância e tomavam, enfim, um sentido novo: "Mi suegra, La negra, con mí se daquileya..." - que me valeram um olhar furibundo.

A Senhora embarcou sem escolta, em companhia de três criadas e da cigana; a filha e eu a vimos subir a bordo de um dos nossos barcos e dirigir-se para a parte dianteira, onde em breve se erguia, melancólica figura de proa que velava, imóvel, um coração embalsamado.

O grão-vizir havia solicitado a minha presença uma primeira vez, e depois renovara a ordem no primeiro dia do meu casamento. Servi-me desse pretexto para fugir do palácio Nasi e fui todos os dias visitar Roustem Paxá, que me instruiu sobre os assuntos do Império. O grão-vizir voltava do Oriente, aonde fora preparar uma negociação de importância; depois, sob ordens de Sohmano, havia entrado na capital de onde partira seu amo.

O sultão, ausente do Serralho, fora reconciliar-se com seu filho Mustafá, o Generoso, que queria desposar a filha do rei da Pérsia e estabelecer uma aliança oriental. O príncipe herdeiro havia já reunido tropas nas fronteiras do leste para afrontar o pai, que desaprovava tais projetos. Roustem Paxá preparara a reconciliação e obtivera de Bajazet as mais sérias garantias; mostrava-se sereno e confiante, pois havia trabalhado bem; o encontro solene entre um pai e um filho que tudo havia oposto ia pôr fim a um perigoso conflito familiar e restaurar a paz no seio da descendência dilacerada. O Magnífico envelhecia; estava ficando irascível; o prudente e fogoso Mustafá tinha, pelo contrário, ânimo corajoso e parecia um excelente sucessor, armado de todas as virtudes. Era preciso; pois na Europa os acontecimentos precipitavam-se.

O filho de Carlos V, o jovem Filipe, acabava de casar com Maria Tudor, ruiva como Roxelane, mas já na meia-idade e muito feia, e que se enamorara loucamente do jovem marido antes mesmo de o conhecer, à vista de um simples retrato. A rainha Mana, ferozmente católica,

era capaz de correr o risco de querer vingar-se de seu pai, Henrique VIII, por haver traído a fé; por hora, entregava-se ao seu contentamento amoroso e parecia cheia de sagacidade política. Contudo, o grão-vizir não augurava nada de bom daquele sinistro casal; um futuro imperador jovem e melancólico, uma rainha um pouco madura demais e autoritária... Por si só podiam provocar grandes perturbações. O Papa e o imperador, como o sultão, envelheciam e já não tinham a energia necessária para conter a Europa; a Sereníssima poderia muito bem aproveitar-se disso para retomar as terras que lhe haviam sido tiradas; ademais, Dragut inspirava menos confiança que Barba-Roxa. Eis por que Roustem Paxá depositava tantas expectativas na reconciliação dos Osmanli. Estava eu na companhia do grão-vizir quando um mensageiro esbafando trouxe uma notícia que mergulhou o Serralho no terror. Roustem Paxá empalideceu; não imaginara nada daquilo.

Estava previsto que o príncipe Mustafá se encontraria com o pai em Eregli, numa tenda em volta da qual se reuniriam os dois exércitos que já confraternizavam. Na planície batida pelos ventos, o herdeiro do império entrou na tenda onde estava o pai para o beijar. Solimão, o Magnífico, esperava de fato o filho. Mas os mudos do Serralho também o esperavam.

O Padixá havia mandado erguer a tenda de panos para que não se suspeitasse da presença deles. O moço, agarrado pelos mudos assim que penetrou na tenda, ainda conseguiu, pela sua coragem, abalar a resolução dos assassinos. Mas o pai, erguendo a cabeça acima dos panos, galvanizou os homens com um olhar fulminante.

Mustafá morreu estrangulado à vista do sultão. Ao saber da notícia, Roustem Paxá sentou-se, atônito.

- Ah, senhor Nasi - disse-me em voz baixa -, não somos da mesma espécie que esses Osmanli! Nós, aqueles que nascemos em terras cristãs, temos ainda por vezes o coração demasiado brando... O sultão mandou estrangular o filho, como fizera no passado a Ibrahim Paxá, que ele amava, e assistiu ao assassinio! A que horrível desígnio obedeceu ele? O príncipe Mustafá se foi; haverá quem veja nesse crime a mão da Risonha, que detesta a antiga favorita do sultão, mãe de Mustafá; hão de dizer que ela quer o Império para os seus próprios filhos e, como sou aliado da sultana, serei posto no banco dos réus... Não me hão de poupar!

O grão-vizir tinha razão. Os rumores públicos acusaram logo Roxelane e o seu fiel Roustem Paxá; os embaixadores estrangeiros, bem satisfeitos por poderem isentar de culpas o "Grão-Senhor", propagaram a notícia; Solimão foi confrontado com a cólera dos seus próprios soldados, que veneravam o príncipe Mustafá; não podia repudiar a mulher, mas podia desacreditar o vizir inocente. Roustem Paxá perdeu as suas funções; o sultão retirou-lhe a chancela de grão-vizir, que ele demorou dois anos para recuperar.

Enquanto estive em desgraça, vi-o muitas vezes.

Roustem Paxá, nascido na Romélia, havia encontrado em mim um confidente e um companheiro de exílio. Não éramos guerreiros; filho de vaqueiro, apanhado numa razia quando era criança, o antigo grão-vizir tornara-se, por acaso, um janízaro, e convertera-se ao Islã porque não havia tido outra opção; aos onze anos foi enviado ao palácio; havia subido os degraus da hierarquia do Império e conquistado os favores de Roxelane, que lhe dera sua filha Mihnmah em casamento. Éramos ambos filhos da desventura e da astúcia. Roustem Paxá recebia-me na sua magnífica residência com azulejos novos, de que ele se orgulhava extremamente; encorajara os artesãos a pôr de lado os sempiternos tons de turquesa, e estava doido pelo belo vermelho-tomate que os artistas acabavam de inventar para ele... Hoje em dia seria comum; mas naquela época era uma novidade. Sua esposa Mihnmah só tinha uma paixão

neste mundo: encomendar mesquitas ao ilustre arquiteto de seu pai, Sman; uma havia sido construída em honra do marido, outra para ela.

Roustem Paxá participava com fervor no desenvolvimento da capital imperial. Por vezes, contemplava de longe as cercas do Serralho, onde já não era admitido. "Fazeis vós o que fizerdes, Nasi, não entreis jamais ali sem prudência. Aqueles homens enormes de alto toucado branco, os Eunucos Negros, tão bem castrados, e que estão encarregados de velar pelas mulheres... Pois bem! Não há ninguém mais cruel. É preciso vê-los fechar uma fugitiva num saco de couro, com um gato vivo, e lançá-los ao Bósforo... Os Eunucos Brancos do sultão, esses hipócritas, que têm tanto de magros como os outros de gordos, não são melhores. Atenciosos em demasia, fazem-nos salamaleques e mandam-nos um daqueles formosos moços, um pajem icoglã, que nos apresenta um sorvete mortífero com um sorriso delicado... O Império é pérfido, Nasi! Escutai a gente que cochicha e suspira naquela concha vazia. O amo ausentou-se, foi matar, e todos os que vivem apenas em função dele, Eunucos Brancos ou Negros, icoglãs, janízaros, cadinas e dançarinas, escravos e cozinheiros, cavaleiros, criados, esses não sabem mais nada da vida, a vida simplesmente... Não esqueçais o mundo onde nascestes, senhor. O Império tolera, mas assassina; é liberal, mas cego.

Roustem Paxá evocava também os outros filhos do Magnífico. "Mehemet morreu afogado, em 1543, na época dos calores; de qualquer modo ele teria sido demasiado brando para ser sultão; Bajazet parece-se demais com o pai, desconfiado, revoltado, susceptível... e quase excessivamente perfeito; não vai sobreviver. Do infeliz Djihangir nem vale a pena falar, é um pobre enfermo, apesar de ter uma alma inspirada. Resta Selim, que ninguém leva a sério; dizem que é um jogador, e é sem dúvida um sensual. Mas sob aqueles ares de bronco, mostra-se astucioso, inteligente; sou como sua mãe, acredito na estrela dele e vós deveríeis ir visitá-lo. Governa na Ásia a província de Saruhan, para onde o pai o enviou com o fim de o afastar da capital, por precaução. Anteriormente, senhor Nasi", acrescentou tomando-me o braço, "teria desejado confiar-vos um caso. Se já não sou grão-vizir, tenho ainda alguns poderes, de que o sultão se serve, aliás, quando lhe convém".

Como todos os grão-vizires, Roustem Paxá vigiava sem descanso o Mediterrâneo. Havia estourado uma rebelião na Córsega, que os genoveses ocupavam em detrimento das populações de origem; os franceses procuravam escorraçar os genoveses e, para ajudá-los militarmente, o rei da França pedia o apoio financeiro do sultão. :

- E que tendes vós a ver com essa ilhazinha tão longínqua? - perguntei-lhe espantado.

- Sois ainda demasiado novo para compreender a poderosa lentidão do Império - respondeu. - Quando o Padixá leva para longe um grande exército, devemos a todo custo manifestar a nossa força noutro lado, para que ninguém seja assaltado pelo desejo de nos atacar quando estamos a descoberto. Os exércitos enviados para leste mal começam a regressar, lentamente; temos necessidade de dar nas vistas no Mediterrâneo, para desencorajar as tentações européias. As nossas tropas não estarão aqui senão dentro de vários meses. E olhai que a Córsega é um lugar de passagem obrigatória entre Espanha e Gênova, sem contar as naus que se dirigem para Nápoles e aquelas que tentam evitar os piratas barbarescos, nossos aliados... Ela merece pois um esforço. Os partidários da revolta já efetuaram um primeiro desembarque; já não falta muito para se conseguir escorraçar os genoveses. Dir-vos-ei mais, amigo: na Espanha, o imperador começa a perseguir os mouros, como vos perseguiram a vós. São muçulmanos batizados, como vós fostes, e que se escondem também; vão à missa, mas cobrem suas mulheres e não comem carne de porco; aposto que vão em breve ser acossados. E no dia em que quisermos ir em auxílio deles, a Córsega será cômoda...

De fato, a expedição a Argel, da qual eu havia fingido tomar parte, tinha, por comodidade, feito escala na Córsega para se juntar à armada comandada pelo almirante Andréa

Doria. Roustem Paxá via bem as coisas. Já não tinha poder militar, mas continuava a ser um político perspicaz. Pediu-me que me encontrasse com o chefe da rebelião, Sampiero Corso, que acabava de chegar à capital com uma carta do rei da França.

Baixo, entroncado, taciturno quando falava da pátria, mas risonho assim que bebia vinho, o rebelde agradou-me. Prometi emprestar-lhe, a fundo perdido, o necessário para equipar a tropa dos exilados que Roustem Paxá queria transformar em verdadeiro exército, e que seriam enviados para a ilha enquanto os franceses conduziriam o assalto. Tal promessa satisfez o grão-vizir.

Essa foi a minha primeira ingerência nos negócios do Império. Ao fazê-lo, tive tanto mais prazer quanto, seguindo as instruções do meu novo amigo, escapava à lei impiedosa de Beatriz. Continuava a obedecer, mas havia mudado de amo. Pela primeira vez na vida, agira e decidira sem consultar Beatriz, que navegava em direção à terra dos nossos antepassados. No momento em que ela corria atrás das suas quimeras da Palestina, eu sentia-me, pelo meu lado, prestes a implicar-me num porvir otomano. Os nossos destinos separavam-se enfim.

Roustem Paxá, considerando que me saíra bem na tarefa, aconselhou-me em seguida a ir ter com o príncipe Selim na Magnésia. Eu tinha grande vontade de deixar a sufocante capital, e aceitei sem hesitar. Recomendou-me, no maior sigilo, que levasse do nosso vinho italiano, pois o príncipe, que muito se aborrecia, gostava de beber. Como o Corão proibía o vinho, era preciso, pois, dar provas de prudência e delicadeza. Devia acautelar-me para não comprometer um príncipe otomano, e Roustem Paxá fez-me jurar que velaria para que Selim não se embriagasse. Acima de tudo, o sultão detestava a embriaguez.

Parti para Magnésia, capital da província governada pelo príncipe Selim, com vários tonéis de vinho de Bordéus que eu mandava vir a custo de longas travessias; esse era um dos venturosos benefícios da nossa frota mercantil, que continuava o comércio das especiarias com a Europa e fazia escala nos lugares abençoados por Baco. Aproveitei a minha expedição para pedir a um armênio que organizasse uma caravana, para eu conhecer o equipamento. O mercador arranjou-me sollicitamente uma carapuça forrada para a noite, um turbante de linho para o campo, para que eu tivesse o ar de um muçulmano, um outro turbante azul e branco para me parecer, nas cidades, com um cristão, mais um chapéu de feltro vermelho contra a chuva; tive de experimentar tudo, apesar dos meus protestos. A seguir trouxe tapetes, mantas, almofadas, depois um couro redondo servindo de mesa, um odre para o vinho, outro para a água, caixas de madeira forradas de pele para o queijo, a carne e a fruta; e que mais?, um saquinho para o café, um machado para cortar lenha... E nunca mais acabava... Uma panela para o arroz, uma xícara para beber e outras para os viajantes que haviam de vir visitar-nos à noite. Sem contar os cavalos nem as mulas, é claro.

- Dir-se-ia que vamos viajar durante meses! - dizia-lhe eu.

- Vossa Senhoria quer uma caravana, e uma caravana não se concebe sem todos esses acessórios - respondia ele toda vez que eu queria refrear seu entusiasmo.

O caminho atravessava o estreito de Bósforo, partia de Uskudar, primeira cidade da Ásia, passava por Bursa, bordejava a costa antes de adentrar o país; mudei avisadamente de chapéu de acordo com as instruções do armênio, não tendo sido inquietado, e cheguei a Magnésia. Situada no sopé de uma alta montanha, a cidade havia sido teatro de múltiplos combates, como testemunhavam inumeráveis ruínas antigas, gregas, romanas, bizantinas, e mesmo mais recentes, pois os turcomanos, sob o comando de Tamerlão, haviam reconquistado Magnésia antes de um dervixe rebelde ter vindo de novo devastá-la. E, apesar

dos pomares e dos jardins, Magnésia nada tinha da vitalidade de Istambul, nem do seu esplendor. Não era de espantar que um moço pudesse aborrecer-se até a morte ali, apesar do harém e das cadinas. Tinha cartas de Roustem Paxá a transmitir ao governador da província; não tive, portanto, nenhuma dificuldade em obter de Selim uma audiência.

Alto e forte, o príncipe tinha a aparência de um tolo, mas a imponente estatura do pai quando se punha ereto. Como Sohmão, tinha a tez pálida e o olhar sempre alerta; tinha, porém, os cabelos de um loiro intenso, quase ruivo. Escutou-me sem sorrir, fitando-me com uns olhos desconfiados e duros; reparei em suas mãos enormes, de uma força pouco comum. O homem pareceu-me pouco amável; não compreendia a afeição que Roustem Paxá lhe dedicava. Depressa esgotei o que tinha a dizer, e falei-lhe prudentemente do vinho e dos meus tonéis.

O seu olhar iluminou-se como o de uma criança; ergueu-se vivamente e toda aquela moleza desapareceu. Tinha diante de mim um jovem cheio de alegria que me pegava no braço e me forçava a sentar a seu lado, naquelas malditas banquetas estreitas demais, cobertas de tapetes, onde é preciso cruzar as pernas. Eu não sabia o que fazer, e ele também não, e olhava-me com aqueles grandes olhos escuros com um pouco de receio, mas tanto contentamento...

Bateu-me nas costas a rir e perguntou-me onde estavam os tonéis. Puseram-nos diante dele, e um criado, precipitando-se, abriu um; um outro criado correu a buscar a taça do jovem príncipe, uma maravilha de jade, finalmente cinzelada de ouro. Selim bebeu, tornou a rir, depois, de olhos brilhantes de prazer, mandou encher de novo a taça e a estendeu para mim.

Eu sabia que ele não me podia dar maior honra do que a de beber na sua própria taça. Pus-me de joelhos diante dele e bebi solenemente, como quem reza. Havíamos travado conhecimento e para isso servira o vinho; aquele príncipe desajeitado e molenga havia apenas convivido com os criados do Serralho. É difícil imaginar a infância de um príncipe em semelhante reduto, separado da mãe e da ternura humana, rodeado de escravos que teme, vivendo com receio do pai, oprimido por guardas e pesadas honra-rias. Selim ignorava o que era confiança; e amizade ainda mais. Não diria que ele não amava o vinho; seria mentir. Mas o presente que então ofertei ao meu príncipe abriu-me o caminho do seu afeto simplesmente porque ele jamais recebera fosse o que fosse vindo do coração.

Oh! Na verdade eu não era inteiramente desinteressado, é certo. Mas era sensivelmente mais velho que ele e não tinha nem irmão nem filho; Beatriz havia tomado para si só toda a ternura de que eu era capaz. Subitamente, senti por aquele moço solitário uma afeição que eu próprio não entendi, como pelo filho adolescente que eu jamais teria. Como te hei de explicar, Caraffa? Ninguém compreendeu o amor que tive por ele. Desde Maximiliano que não tivera outro amigo; Lusitano era demasiado velho e eu considerava-o mais como um tio; em Magnésia tudo era simples: Beatriz estava longe, e aquele moço caloroso dirigia-se a mim como se sempre me houvesse conhecido; esqueci-me do lugar que ele ocupava. Não consigo dizer o quanto abomino as más-línguas que atribuem à adulação a minha amizade daqueles tempos com o príncipe herdeiro.

Roustem Paxá havia-o previsto, mas o encanto daquele encontro foi tão forte que varreu todos os nossos cálculos. Achei em Selim uma fraqueza amável, produto de uma infância penosa e das asperezas do Serralho, mas também uma inocente energia que o tornava corajoso, audacioso, apaixonado. Descobri também que era poeta. O avô e o pai escreviam poemas, de acordo com a tradição dos sultões; mas era necessário que tivessem talento, e dentre os filhos de Roxelane, Selim era quem havia herdado esse dom. Sonhava reunir em Edirne, mais tarde, um círculo literário semelhante ao que tinha assento em torno do Padixá, e irritava-se por ver que os poetas oficiais o desdenhavam. "São uns bajuladores", queixava-se, "preferem meu irmão Bajazet, porque é ele que agora vai suceder a meu pai, e abandonam-

me... Tu acreditas que esse maldito Azerbaijani, que se reuniu a meu pai no ano passado, esse Fuzulí que todos admiram, me roubou uma estrofe que eu havia composto? Escuta, Nasi, como é belo: 'A abóbada celeste de esmalte azulado há de ser, pelo crepúsculo cor-de-tulipa, como uma taça de cristal que deixa transparecer os reflexos do vinho cor-de-rosa...'. São versos meus, ele os tomou, e hão de dizer que é talentoso! Escuta uma vez mais, Nasi..."

E o gordo Sehm erguia a taça onde transpareciam os reflexos do meu vinho, cor-de-rosa; balançava docemente a cabeça à maneira dos cantores de gazal, e vinham-lhe lágrimas aos olhos. Enternecia-me, e ficava quase belo.

Com o correr dos dias aprendi a guiá-lo; encorajei-o a ser paciente e astuto; por seu lado, obrigou-me a abrir-me mais. Eu ensinei-lhe o mundo, e ele a caça às feras do deserto; eu o fiz conhecer o vinho, e ele a ciência da falcoaria. Nunca com ele tive uma relação servil. Lembro-me que, com o seu falcão preferido empoleirado no punho enluvado de couro, atirava-me do alto do cavalo: "Es um covarde, Yusuf, como os do teu povo; não te ensinaram a bater-te, não sabes matar os inimigos... Hei de matá-los por ti!". E desencarapuçava o pássaro, que abria as garras e levantava vôo em direção às colinas. Depois, esfregando pensativamente a luva onde o falcão havia deixado uns arranhões, comparava-me com ele.

- Tenho dois amigos: o meu falcão e o meu judeu. Hei de mandar-te um dia caçar linces, Yusuf, e tu hás de vir empoleirar-te na minha mão como ele, assim, olha...

O pássaro regressava, pousava, alisava as asas e deixava que lhe cobrissem a cabeça com a carapuça enfeitada de plumas vermelhas, de onde pendia um fio de ouro.

O meu amigo quase não falava do seu harém; Nour Banou era a sua favorita e, por vezes, enfiando os dedos pelos cabelos loiros, com ar embaraçado, dizia que ela se sentia doente - mais nada. Da cadina que Selim havia escolhido, não sei quase nada, simples rumores: nascida numa grande família veneziana, chamava-se na realidade Cecília Venier-Baffo, e fora capturada pelos barbarescos que a haviam vendido ao harém do sultão; devia ser bastante formosa para lhe terem dado o nome de Nour Banou, a "luz do céu". Dizia-se que o príncipe Sehm a adorava; mas o que eu via, sobretudo, é que ele sentia pela mãe uma paixão poética, e que falava do pai com irritação...

- Ele sufoca-a - dizia -, esgota-a, tem-na prisioneira... Mesmo hoje em dia que já não é nova, ela gostaria de sair, respirar, libertar-se do Império. Ela nada esqueceu das suas origens, e repete-nos a todos que, se somos filhos de escrava, em compensação o pai dela era pope na Rússia, que se chamava Alexandra, e que foi apanhada numa razia quando era criança, em seguida...

Selim não gostava da continuação da história da mãe.

- Em seguida, venderam-na no mercado de escravos, sabes, no bazar a que chamam bezestan, mas ela não fala nunca disso. Eu fui lá muitas vezes; e vi as moças de seios pintados, a quem os compradores abrem bem a boca para examinar os dentes. Minha mãe teve sorte; era tão formosa que foi vendida diretamente ao harém de meu pai, sem passar por duvidosos intermediários. Não sei sequer quanto tempo durou a sua aprendizagem nas mãos das mulheres. Depois disso, ele a notou, fê-la sua cadina, e a vida dela mudou de rumo. Na primeira noite com o sultão, não escapou à regra: minha mãe, minha própria mãe, rastejou, de joelhos e cotovelos, como um cão doente, para chegar até o leito do seu senhor... Olha, se vier a ser sultão, hei de contar-te isso.

- Por que razão - perguntei um dia - os embaixadores de Veneza lhe chamam Roxelane?

- Se tu a visses, amigo, não fazias a pergunta! - inflamou-se ele logo. - Minha mãe é ruiva; mas não fazes idéia a que ponto! A cabeleira dela é fulva como uma pele de raposa, e viva, e crepitante... Dir-se-ia que lança chispas. O seu nome de escrava é de pronúncia difícil para os estrangeiros; imagina, Hürrem... Os embaixadores inventaram Roxelane para evitar a dificuldade, e porque Roxelane, a Ruiva, a Russa igualmente, lhe fica bem. E também por causa de ser ruiva, com certeza, que dizem que é cruel... Cruel, minha mãe? Repara nesta tulipa de caule bem-feito, e que ainda não desabrochou, assim é minha mãe; primeiro, um cálice de verdes sépalas bem unidas, mas assim que o sol a alcançar, a flor abnr-se-á então; tu descobrires a cor das pétalas em todo o seu esplendor, com largas marcas negras na pele alaranjada, e o pistilo ereto, grosso, carnudo, cheio de pólen... Olha, afasto devagarinho as pétalas, acaricio-o com a ponta do dedo, e aqui está o meu dedo coberto de uma poeira de ouro que cheira a mel. Dizem que ela é dura, minha mãe? Repara bem, parto o caule com a unha; nada é mais frágil do que a tulipa. Tal como minha mãe; a sua pretendida dureza é a do caule desta flor. E se a abandono, em breve as pétalas hão de encurvar-se, secas, enrugadas, pobrezinhas... Nada mais restará do que o pistilo encarquilhado e uns reflexos de fogo.

Para além do vinho, da caça e da poesia, Selim tinha uma outra paixão: as tulipas, que cultivava com um zelo possessivo num jardim de que cuidava todos os dias. Mas, do mesmo modo, todos os dias, quando visitava as flores, ele tornava a falar da mãe.

- Esse apelido que lhe deram, a Risonha, não lhe convém. Parece que, quando era jovem cadina, fazia meu pai rir às gargalhadas enquanto jogavam xadrez. É verdade que joga bem; mas sorri tão pouco... Hoje as minhas tulipas inclinam a cabeça; minha mãe está certamente triste. Meu irmão Djihangir teve uma outra crise, aposto; sei que a morte do nosso meio-irmão Mustafá o abateu muito.

O filho mais novo da Risonha sofria de epilepsia e coxeava. A sua inteligência prodigiosa, segundo os astrólogos, condenava-o a morrer jovem; cantava maravilhosamente acompanhando-se ao rebab; e visitava com frequência os dervixes sufis, que o consideravam um verdadeiro iniciado, de tal modo a sua alma era magnífica. Selim falava de Djihangir com ternura, da vida no Serralho como de um cárcere, e do seu futuro com incerteza.

- Os filhos dos sultões são, desde há muito tempo, filhos de escravas - repetia ele com frequência -, e nossas mães estrangeiras. Desde que uma princesa, esposa de um dos meus antepassados, foi feita cativa após uma derrota, e amarrada pelos pulsos ao carro triunfal de um vencedor que a fez desfilar assim pelas ruas, os sultões renunciaram às alianças reais, e fazem filhos às moças raptadas pelos janízaros, num lugar qualquer dos vastos territórios do Império... Minha mãe era da Rutênia, no extremo da Rússia; foi lá que a apanharam. Meu pai desobedeceu à regra dos sultões e desposou-a solenemente; por muito que ela tenha o título de Hasseki, eu não passo de um bastardo, no fundo, um dos príncipes que meu pai tem em reserva, e o sultão pode, de um momento para o outro, decidir assassinar-me como acaba de fazer com o infeliz Mustafá. E és capaz de acreditar, Nasi, no que precisamente se murmura em Istambul? Que minha mãe é judia!

Aquilo era, sem qualquer dúvida, um insulto para ele.

Por meu lado, eu falava-lhe da sorte dos judeus desde o tempo dos Reis Mui Católicos; não procurava comovê-lo, mas mostrava-lhe que, expulsando os judeus, os reis do

Ocidente só tinham a perder: a riqueza mercantil, a medicina, a ciência, a filosofia. Selim não estava a par dos desentendimentos dos príncipes da Europa; não fazia nenhuma idéia das fraquezas do império da Sereníssima, demasiado vasto e disperso; falei-lhe do caráter do Habsburgo, do nosso encontro em Ratisbona e dos langores da regente de Gand, que o espantavam. Selim mostrava-se bom aluno, e o vinho ajudava-nos a arquitetar os planos que devíamos realizar mais tarde, quando ele fosse sultão. Quando chegados a esse ponto, ele interrompia-me desatando a rir.

- Quando for sultão... E se for eu a suceder a meu pai, Yusuf! Não te esqueças que meu irmão Bajazet é um sério concorrente!

Quando finalmente parti, ele beijou-me. "Escolheste o exilado, Nasi. Não te hás de arrepender." O futuro pouco me inquietava. Desejava ardentemente que aquele moço pudesse sobreviver simplesmente, e que nenhum mal lhe acontecesse. Fez-me prometer que em breve tornaria, e a minha caravana pôs-se em marcha em direção à cidade de Esmirna, onde tomei uma falua para voltar para casa mais depressa, por mar.

Quando cheguei à capital, o palácio Nasi vivia no desassossego. Beatriz, regressada da Palestina, havia, é certo, enterrado o coração de Francisco Mendes no piedoso Vale de Josafat. Isso, pelo menos, fora cumprido. Mas durante a minha estadia em Magnésia, Reyna havia recebido más notícias da Itália. Morrera o Papa Júlio III, e o seu sucessor não era outro senão o temível inquisidor Caraffa, que subiu ao trono papal com o nome de Paulo IV. •

- Ah! - exclamou o corcunda. - Eis que entra em cena aquele cujo patronímico eu uso, filho! Por que vilania me obrigaste tu a usar o dele? Passaria bem sem tal vestimenta.

- A verdade é que, quando te recolhi no mar agarrado àquela prancha, tinhas um ar tão feroz que a idéia me veio naturalmente. Achava que era divertido chamar um pobre diabo pelo nome daquele que desonrou a tiara, e que arde hoje no inferno dos cristãos. Lembra-te: era o mesmo que os nossos irmãos marranos de Ancona temiam, e agora passara a ser Papa!

Até então os papas haviam mais ou menos refreado os progressos da Inquisição, que consideravam poderosa demais. Paulo III, depois Júlio III, seu sucessor, haviam mesmo tido o cuidado de exonerar de taxas os marranos instalados em Ancona, e tinham assinado um ato pelo qual os garantiam contra as perseguições dos tribunais eclesiásticos, incluindo a Inquisição; os cristãos-novos de Ancona não usariam nenhum sinal distintivo e dependeriam exclusivamente da jurisdição pontificai. Em troca, pagariam mil ducados por ano e por cabeça. A tolerância interesseira desses dois pontífices havia sido julgada severamente; acusaram-nos de corrupção, tanto mais que os seus Estados, assim, prosperavam. O cardeal Caraffa, futuro Paulo IV, tornara-se já célebre pelo auto-de-fé de livros hebraicos que havia ordenado em Roma: fora em 1553. A sua eleição foi sinal do triunfo dos inquisidores sobre o Papado.

O primeiro cuidado que teve foi promulgar uma bula que infligia a todos os marranos dos seus Estados um tratamento indigno. Olha, pobre bufão, vai ao móvel da sala, acharás aí outro dos meus rolos atados com uma fita preta.

Coxeando, o corcunda foi até lá e voltou com o rolo cuja fita se desfazia em pedaços.

- Tem cuidado! Quero isso inteiro. Desenrola-o com cautela e lê. O bobo aproximou o rolo dos olhos e começou a rir.

- Está em latim, Naxos! Como queres tu que eu leia?

- Dá-me isto. "Leis que devem ser observadas pelos judeus vivendo nos Estados da Igreja."

- O que é isso?
- É o título da bula, e eis o conteúdo: "Pois que é mui absurdo e não conveniente que os judeus, caídos em servidão por sua própria culpa, e sob o pretexto que a piedade cristã os recolheu e aceitou coabitar com eles, se hajam tornado todavia ingratos que, como agradecimento, mostram arrogância e desprezo, pois que em lugar de os respeitar como deveriam, se proclamam senhores deles..."
- Os judeus, proclamarem-se senhores dos cristãos? - resmungou o corcunda. - Ora, oral!
- Espera pelo que vem a seguir. "Nós, a quem chegou que esses mesmos judeus, na nossa fecunda cidade e em alguns outros dos nossos burgos, terras e localidades, foram tão longe na insolência que não somente vivem no meio dos cristãos e perto das igrejas, a tal ponto que nenhuma diferença existe mais entre eles e nós, e ademais que têm a audácia de alugar as suas casas nos melhores lugares, adquiriram bens de que são proprietários e utilizam amas, criadas e criados e outros servidores, e cometem com desprezo diversas ignomínias..."
- Mas como é bom habitar este palácio, Naxos, provido dessas ignomínias!
- O pior está para vir, bufão. "Considerando que a Igreja romana tolera os judeus em testemunho da verdadeira fé cristã, a fim de que, graças à piedade e à generosidade de Deus Pai, eles reconheçam por fim os seus próprios erros e se ocupem inteiramente à luz da verdadeira fé cristã; considerando, pelo contrário, que enquanto persistirem em seus erros, deveriam admitir que são escravos, e os cristãos homens livres graças a Jesus Cristo Nosso Senhor, e que é injusto que os filhos das mulheres livres sejam escravos dos filhos de escravas..."
- Que faraó! Afinal, ao cabo dessa arenga, ele diz o que vai fazer?
- É simples, Caraffa - disse o duque deixando cair o rolo. - A contar da promulgação desta bula, os nossos irmãos marranos ficaram proibidos de construir casas, de ter amas, festas, propriedades; os cristãos perderam o direito de ser tratados pelos nossos médicos, que são os melhores do mundo; já nem sequer podiam pedir esmola aos ricos cristãos-novos. Estes tiveram que usar a biretta, esse horrível barrete que lhes estava reservado, e as mulheres, uma marca azulada na pele. Os marranos dos Estados do Papa perderam a cidadania. Não se tratava já de acusar esse ou aquele de "judaizar"; eram todos presumidos culpados, mais ainda do que os judeus no Gueto de Veneza.

No dia em que regresssei de Magnésia, chegou ao palácio do Belvedere o nosso feitor de Ferrara, com más notícias. Vários marranos de Ancona acabavam de ser mandados para a prisão. Vincenzo Fallongonio, legado munido de plenos poderes, prendia vinte dos nossos irmãos por semana.

Beatriz, com as narinas contraídas pela fúria, andava de um lado para o outro aos berros, profetizando maldições. Rabi Soncino, junto dela, tentava, em vão, acalmá-la.

- Por favor, Dona Gracia, eles não morreram, vós também haveis estado presa, e sois hoje a Dama triunfante. Por favor...

- Calai-vos, rabi, não triunfo se os meus irmãos estão na prisão nos Estados do Papa, esse maldito, esse demônio! Esqueceis vós o modo como ganhei o apelido de Senhora? Quantas vezes será preciso repetir que quero ser igual a Judite? Não, rabi, não, não posso ficar sem fazer nada. Hei de achar qualquer coisa. Afastai-vos, ou vos espanco!

Os tempos não estavam para idílios, e em vez de permitir que a nossa Judite decapitasse o novo Holofernes que tinha ao alcance da mão, propus que corrompêssemos o legado que vinha de Nápoles. Um dos meus capitães partiu com ordens e dinheiro e regressou

algumas semanas mais tarde. Havia obtido êxito; o legado deixara escapar um a um cerca de trinta marranos. Respirávamos, aliviados, quando recebemos pelo barco seguinte uma carta anunciando-nos que o Papa acabava de perceber a corrupção do legado. Havia nomeado um outro, incorruptível dessa vez, César delia Nave, originário de Bolonha; e cinquenta dos nossos irmãos permaneciam na prisão. "

A primeira decisão do novo legado fora acorrentá-los uns aos outros. O Papa, por seu lado, permitira-se atacar o Habsburgo com base nas suas ascendências judaicas; nenhum poder constituía obstáculo para a Inquisição.

No dia seguinte, um mercador levantino que regressava de Ancona veio contar à Senhora a morte de um dos nossos irmãos, que ele vira com os seus próprios olhos sucumbir à tortura. Depois de o terem deixado cair cinco vezes de bem alto para o chão da praça principal, o moribundo gritara para o mercador, que havia reconhecido: "Vai falar à Senhora!".

- Era um homem tão velho, Senhora, tão velho... E os outros, todos acorrentados, que o viam agonizar!

O bom mercador enxugava os olhos com a manga. Beatriz mordida nervosamente as bochechas. Que fazer?

A Inquisição obrigou em seguida os marranos de Ancona, de barretes amarelos enfiados na cabeça, a renegar a sua religião por um auto-de-fé proclamado em praça pública, antes de os estrangular e de lhes queimar os corpos. Entre as primeiras vítimas encontrava-se Josef Oheb, parente de Amato Lusitano, que há algum tempo havia deixado Ferrara para viver em Ancona. Uns quarenta marranos tentaram escapar à sua sorte recusando alimentarem-se. Beatriz decidiu jejuar para os acompanhar naquelas provações, mas nem assim os libertaram.

Por fim, em julho do ano de 1555, soubemos que vinte e cinco marranos haviam se recusado a renegar a fé e foram queimados vivos. Que brasileiro! Um deles, Salomão Jachia, falou à multidão, explicou que sacrificava a vida em nome do nosso Deus, e lançou-se ele próprio nas chamas cantando o Chema Israel...

- Adonai Elohenou Adonai Ehad ("Escuta Israel... Adonai é o nosso Deus, Adonai é Um." Frase lapidar da religião judaica.) - continuou o bobo à meia-voz. - Pobre velho na fornalha...

- A partir de então chamam-lhes os "mártires de Ancona" e em sua honra foram compostos poemas. Ainda por cima soubemos que, entre os prisioneiros ainda vivos, se encontrava o nosso próprio feitor, o infeliz Jacob Mosso. A casa Nasi não podia ficar inerte. Rabi Soncino mandou que se rezassem orações na sinagoga de que se tornara o grande rabino, mas isso não protegeu ninguém. Os marranos que haviam cedido, e solenemente efetuado um retorno ao seio da Igreja, foram condenados às galeras e enviados para Malta; não os dispensaram do traje amarelo, nem sequer para remar. Alguns, por sorte, conseguiram escapar, livrando-se dos guardas com um bom punhal que um deles escondera; fugiram para Salônica. Pouco faltou para que o próprio Lusitano fosse preso; sua casa e sua biblioteca médica estavam sob seqüestro.

Dessa vez, a organização da Senhora de nada serviu; Beatriz, enfraquecida pelo jejum, de olhar fixo, nem se levantava da cadeira onde todos os dias esperava notícias de Ancona; tornara a pôr no pescoço a estrela de Davi que encontrara no cadáver, despedaçado pelos lobos, e que havíamos descoberto na mata, durante a nossa longa viagem para Ragusa. Lembrei-me de apelar para o sultão; já que ele consentira em interceder junto à República de Veneza para salvar a Senhora, talvez aceitasse voltar a fazê-lo. Roustem Paxá, a quem fui logo falar no assunto, escutou-me com atenção, confiando a negra barba.

- É certo, senhor Nasi, que se o Papa atacasse os mercadores judeus que escolheram o Império Otomano, então o Padixá teria obrigação de defender os seus súditos. Mas, por hora, o Papa faz lei nos seus próprios territórios, onde é soberano. Não pode haver ingerência! E necessário esperar que Sua Santidade vá mais longe... Ou então será preciso que a Senhora encontre argumentos convincentes. Veremos.

Voltei do Serralho a pé, desolado. Os lugares que habitualmente me encantavam afligiram-me; os jardins junto ao Hipódromo, os pombos no terreiro da Hágia Sophia, os fiéis que lavavam os pés com um desvelo que de hábito muito me distraía, tudo isso me apertava estranhamente o coração. O espetáculo das mulheres nas ruas de Istambul angustiou-me; com aquelas túnicas informes e aquelas jaquetas bordadas, escondidas por aqueles sinistros véus, tinham um ar de mau agouro; é desde esse dia que odeio tal vestimenta. Perto de uma fonte, uma delas lançou-me, através do véu branco que segurava entre os dentes, um desses olhares que desafiam o Islã; mas virei a cabeça. Cruzei com um daqueles jovens vadios que, armados de um sexo vermelho feito de trapos, fazem o papel do bobo nas festas, e às vezes de invertidos; mas nem os gestos obscenos nem os olhares provocantes me divertiram. Um vendedor de boza, a cerveja de milho-miúdo que eu adoro, gritou por mim em vão; ofereceu-me também orchata, e até raki, que tirou um pouco às escondidas, mas nada me tentava. Perto do embarcadouro, o vendedor de rouxinóis saudou-me com gritos alegres que me deram vergonha. Nós vivíamos em segurança, e os nossos irmãos de Ancona eram queimados na praça pública!

Uma semana mais tarde, Roustem Paxá avisava-me que o Padixá estava desejoso de ouvir a Senhora pessoalmente. Espantosa notícia: o sultão, conceder uma audiência a uma mulher! Um profundo desânimo invadiu os olhos de Beatriz.

- Vai ser preciso de novo suplicar, explicar, convencer, pôr-se de joelhos... Ainda não saímos do Egito; decididamente é preciso reconstruir Israel!

Depois, levantou-se cambaleando, e bateu com o punho no braço do assento.

- Bom. Irei ver esse filisteu, já que ele assim o quer e que é ele o amo. Chamei devidamente sua atenção; deveria levar um véu negro, não o tirar sob nenhum pretexto, agradecer ao sultão, que ela via pela primeira vez, por tê-la salvo dos cárceres venezianos, e não se dar a qualquer manifestação no interior das muralhas do Serralho.

Quando entramos no pátio dos janízaros, a Senhora, inteiramente coberta por um véu escuro, não desviou os olhos das cabeças dos soldados desobedientes executados na véspera, que eram colocadas em dois nichos cavados na porta. Permaneceu impassível diante dos guardas e dos eunucos, e deixou-se guiar através dos pátios silenciosos onde milhares de olhos espiavam a mulher judia, até o Diva onde a esperava o Magnífico, Sombra de Deus na terra. Peguei na mão de Beatriz.

O sultão Solimão era velho; mal se via o seu rosto macilento, invadido por uma barba branca, e encimado por um turbante imaculado onde brilhava uma esmeralda. Em volta dele, os icoglãs, vestidos de branco como o amo, de rosto empoado e olhos pintados, encaravam-nos com ar trocista; ao fundo, estava uma fila de mudos de falcão no punho; os janízaros montavam guarda dos lados. Senti Beatriz estremecer e obriguei-a a dobrar o joelho ao mesmo tempo que eu.

Dois olhos cinzentos, ora sonhadores ora penetrantes, imobilizaram-nos. O sultão, como os seus jardins, mantinha-se em silêncio. Por fim, fez um gesto fatigado, e Beatriz começou a recitar a súplica que eu lhe havia ensinado.

- Que Alá se digne proteger o Padixá, sultão do Império, Sombra de... eu... o Padixá, poderoso como é - continuou ela precipitadamente -, talvez tenha ouvido falar dos nossos irmãos de Ancona.

O sultão franziu o cenho. Beatriz encurtara os títulos, e simplesmente esquecera que ele a havia tirado da prisão; apesar das minhas recomendações ela fora depressa demais e omitira os agradecimentos. Levantei-me e precipitei-me para sua frente empurrando-a.

- O Padixá, Sombra de Alá na terra, teve outrora a bondade de ser o salvador da nossa família, que graças a ele tem hoje a honra de fazer parte dos súditos do Império e...

Cortou-me a palavra.

- Ah! Vós não fostes convidado a falar. Sabemos quem sois, a amizade que por vós nutre nosso filho Selim. Mas foi a vossa tia que concedemos uma audiência, e não a vós. Que ela exponha o assunto.

- Se o Padixá não intervém junto ao Papa, ele em breve atentará contra a vida dos judeus das comunidades otomanas - recomeçou Beatriz com violência. - O poderoso sultão será humilhado perante a Cristandade, e o Papa não há de ficar por aí. Que o Padixá continue, pelo contrário, na via da clemência, que salve os nossos irmãos, e os mercadores judeus virão todos refugiar-se aqui como nós próprios fizemos. O Império ganhará com isso e o Padixá ficará célebre como libertador.

O Magnífico nada dizia, e fitava o véu negro que a ligeira respiração da Senhora agitava a cada palavra.

- Vede como são esse infiéis - disse ele após um silêncio. - Será que nós queimamos os cristãos?

E calou-se. Não se avançava.

- É pouco provável que o Papa queira atentar contra os nossos súditos - disse ele acariciando a barba. - Esse não é um argumento válido. A menos que...

Beatriz esteve quase a erguer-se; o sultão estaria se fazendo de surdo? Retive-a, movido por um pressentimento. Depois ele retomou a palavra, como se falasse consigo mesmo.

- O imperador Carlos acaba de abdicar a favor do filho, Filipe, e retirou-se para um convento - murmurou. Sua mãe Joana, a Louca, morreu; a nora Tudor pensou que estava grávida e era só vento. O império dos Habsburgo desagrega-se, e esse Papa será todopoderoso. Está bem - concluiu levantando-se. - Vamos escrever e deixaremos claro que havemos de proteger os judeus estejam onde estiverem.

Beatriz deu um grito e, levianamente, levantou o véu. Solimão recuou; tirar o véu em público era rigorosamente proibido.

- Velai o rosto da mulher, velai-o! - gritava ele, e os icoglãs precipitaram-se sobre a Senhora, que baixou o véu depressa.

O sultão ficara amarelo, e esfregava as mãos com nervosismo.

- Não faz mal, não faz mal - disse ele para acalmar a perturbação. - A morte deve arrebatá-lo em pleno combate; retirar-se não é digno de um gazi, de um guerreiro da fé. Assim são os cristãos, uns covardes; ou então, Carlos de Habsburgo deve ter ficado louco.

Deu um passo para trás, soaram ordens, a guarda rodeou-o, e depois desapareceu. Estava ganha a partida.

Beatriz, imóvel sob o véu, retirara-se para a sua paz interior; os ciprestes estremeciam à brisa do fim da tarde, aquela a que chamam meltem, e a luz ficava mais suave.

- Quantos vivem aqui? - perguntou ela bruscamente.

- Vinte mil, trinta mil, dizem... - respondi enquanto olhava o último sol que iluminava os telhados do Serralho. - Anda, eles estão acendendo as tochas. Não fiquemos aqui, Beatriz; faz-se noite.

A obscuridade envolveu de repente o Serralho, e o poderio de Solimão, o Imã Exaltado, fundiu-se na penumbra.

Com a idade, o velho sultão manifestava imprevisíveis excessos de pudor, e, assim como Carlos V, tornara-se ferozmente beato. Pouco faltara para que as nossas diligências malograssem; o rosto nu de Beatriz teria bastado para fazer abortar o empreendimento. Eu pensava no meu velho inimigo, coxeando pesadamente com os pés inchados de gota. Era difícil imaginar o Habsburgo retirado dos negócios de Estado.

Os meus mercadores disseram-me que a abdicação solene tivera lugar em Bruxelas, e que a regente de Gand havia igualmente abdicado. O imperador aguardara a assinatura da Paz de Augsburg; depois, antes de abandonar o poder, havia dividido o império entre seu filho Filipe, a quem legara a Espanha e um título de rei, e seu irmão Ferdinando da Áustria, a quem deixava o título de imperador, mas nada mais. Filipe tinha o ouro das Américas, Ferdinando era pobre. O flanco leste da Europa ficaria mais fraco, e Solimão o sabia. De novo, como em 1529, havia de tentar tomar Viena; as guerras otomanas não estavam terminadas. O sultão precisava de dinheiro; precisaria, pois, de nós. Assim se explicava a sua intervenção junto ao Papa.

O velho Carlos V devia retirar-se para Espanha, onde esperava a construção de uma residência simples perto do Convento de Yuste. O reino nunca fora alegre; ia tornar-se lúgubre; em Bruxelas, o novo rei da Espanha havia causado espanto pela negridão do traje. Quem, doravante, faria frente ao Santo Padre?

Uma semana mais tarde, um enviado do Padixá partiu para Ancona para pedir, em nome da Sublime Porta, a libertação dos judeus presos. Mas o chaus regressou de mãos abanando; o Papa Paulo não queria tratar com o infiel. Melhor ainda, prendeu sem tardar os mercadores levantinos. O sultão não contara com o gosto do Papa pelas ações ilegítimas.

Roustem Paxá, no decurso de uma audiência tumultuosa, intimou o bailio de Florença a intervir, o mais depressa possível, junto aos principados latinos, para obter apoio; entre os negociantes presos, dizia ele, alguns, que eram turcos, estavam apenas de passagem por Ancona; o sultão havia já perdido cem mil ducados: a brincadeira já tinha durado o suficiente.

O embaixador da França, Codignac, mostrou-me uma carta que ia confiar a um dos seus, o barão Cochard, a pedido do sultão. O Magnífico escrevia a Sua Santidade, em data do ano 934 da Hégira, quer dizer, 9 de março daquele malfadado ano de 1556: "Ao receberdes esta, que leva o meu sinete imperial e divino, ficareis sabendo que certas pessoas da raça dos judeus informaram minha Alta e Sublime Porta que, quando alguns dos nossos súditos e tributários se dirigiram aos vossos territórios para comerciar, e especialmente a Ancona, sua fazenda e propriedades foram apreendidas por instruções vossas...". O tom era firme, apesar das fórmulas de delicadeza que desejavam, de acordo com as boas maneiras, prosperidade ao infame.

Como resposta, no mesmo mês, seguiram-se outras prisões e outras fogueiras. Jacob Mosso morreu queimado. Por fim, três meses mais tarde, o pontífice dignou-se responder ao sultão. Os verdadeiros judeus, se observassem as prescrições da bula, nada tinham a temer; mas os cristãos-novos não teriam direito a qualquer indulgência. Aceitava libertar os súditos otomanos, se, por acaso, tivessem sido presos por engano, mas na condição de eles poderem

provar que jamais haviam sido cristãos: Sua Santidade exigia poder estabelecer a diferença entre os homens e os escravos. O Magnífico desistiu.

Depois chegou uma carta de um dos nossos irmãos. O recado de Judah Farah era acabrunhante; punha toda a esperança nas ações da Senhora, a quem lançava um último apelo. Era tempo de demonstrar à face do universo, escrevia ele, "que todos os filhos de Israel eram garantes uns dos outros". Nem mais um ducado deveria ser trocado com os Estados do Papa, nem mais um barco deveria para lá se dirigir. Judah Farah partiu para Salônica para exortar os nossos irmãos, depois chegou a Istambul, onde Beatriz o recebeu chorando.

No dia que se seguiu à instalação de Judah Farah no palácio Nasi, Beatriz mandou-me ir ao seu quarto. Não dormira e ostentava o semblante das resoluções apaixonadas.

O duque de Urbino, dizia ela, estava disposto a oferecer o porto de Pesaro aos nossos mercadores; ele lhes havia feito propostas, Judah Farah era testemunha.

- Ora aí está, Josef. Desviaremos o curso de todo o nosso comércio para Pesaro. Esse duque Guidobaldo quer tirar disso proveito; há de tê-lo. Salvaremos os nossos irmãos, não perdemos nada, o Otomano também não, e os Estados do Papa não voltarão a ver os nossos barcos.

Eu não me atrevia a compreender.

- Queres tu dizer que esperas privar de alimentos os Estados pontifícios? Porque, enfim, Beatriz, sabes bem que a nossa frota faz o essencial das riquezas deles. Vão deixar de ter sal, especiarias, lã, cânfora, e até marfim; vão perder os proventos!

- Precisamente - disse ela. - Foi o arcanjo Gabriel que nos enviou Judah Farah e colocou o duque Guidobaldo no nosso caminho. Quando os seus Estados estiverem inteiramente na penúria, o Papa Paulo será obrigado a ceder. Basta obter do sultão o princípio de um embargo.

Sempre pronto a apoiar-nos e habituado àquele gênero de procedimento que já uma vez havia aplicado a Veneza, o Padixá decidiu o embargo sobre as mercadorias destinadas ao porto de Ancona.

O resultado começou por ser excelente. Em algumas semanas, privados da atividade portuária, os habitantes da cidade de Ancona viram os preços subirem a uma velocidade assombrosa, e estalaram motins. Os conselheiros do Papa recomendaram-lhe que abrandasse a pressão; apagaram-se as fogueiras. Mas Beatriz queria punir o Papa de uma vez por todas; é verdade que, se os seus Estados ficassem arruinados, Sua Santidade não voltaria a cair na tentação de recomeçar.

Era pois necessário agüentar. Ora era evidente que se os seus súditos sofriam, ao Papa, em Roma, nada faltava; o infame Caraffa podia resistir por muito tempo e continuar as suas perseguições. Beatriz, obstinadamente, perseverava na vingança. O nosso bloqueio havia começado, é certo, a dar frutos. "Os primeiros frutos, Josef", corrigia sempre Beatriz.

Extorqui-lhe um prazo de oito meses que ela poderia, em seguida, renovar.

Mas já os nossos mercadores se queixavam. Como o porto de Pesaro era mais estreito que o de Ancona, várias galeças haviam ficado danificadas no decurso das manobras, e o equipamento do cais revelava-se insuficiente para um tão grande tráfego. O duque de Urbino prometera obras que pouco avançavam, os nossos marinheiros resmungavam.

Depois, os mercadores de Salônica, reunidos em delegação, pediram audiência à poderosa Senhora. Advertiram-na, respeitosamente, que não poderiam continuar a acostar no porto de Pesaro a não ser que os mercadores de Istambul, de Andrinopla e de Brusa fizessem o mesmo.

Beatriz espantou-se: que temiam eles? Tal iniciativa não iria, pelo contrário, entrar o funcionamento, já difícil, do estreito porto de Pesaro? Embaraçados, os mercadores torciam os

gorros. A Senhora dirigiu-lhes uma comovente exortação à solidariedade, e eles retiraram-se. Beatriz pensou que os convencera.

- Os mercadores são pessoas inquietas - dizia -, sempre prontos a temer o pior, e sempre dispostos a imputar a outros as suas próprias responsabilidades: o acordo dos mercadores de Brusa, e por que não dos das índias Orientais, ainda por cima?

Mas os mercadores de Ancona sabiam algo que nós ainda ignorávamos e que um deles, mais corajoso, voltou atrás, em seguida, para nos dizer. O rabino de Ancona, Moisés Bassola, receava pelos seus fiéis, os judeus não convertidos, e abandonava os marranos à sua desesperada sorte; ao excitar os furores do Papa, corria-se o risco de ver as perseguições estenderem-se aos "verdadeiros" judeus. O velho rabino gozava em Ancona de uma autoridade indiscutível. Outro combate começava.

Beatriz conteve a cólera e não quis ouvir nada. Que o infame Caraffa fizesse a distinção entre marranos e judeus era próprio de um cristão; mas que um rabino fizesse suas essas diferenças, era ímpio! Os receios de rabi Moisés apenas traíam a sua covardia. "Judeus contra marranos, então? Não! Não existe diferença entre os judeus daqui e os de lá, os verdadeiros e os falsos, os velhos e os novos. Resistamos e pronto", repetia ela a quem queria ouvi-la.

Preocupava-me um simples pormenor. O rabi havia encarregado os mercadores de trazerem o recado à Senhora e eles fizeram-no sem hesitar. Significava portanto que eles partilhavam os receios do rabino. Se tais inquietações ganhassem todo o Mediterrâneo, se os nossos irmãos se dividissem entre verdadeiros judeus e cristãos-novos regressados ao judaísmo, se para salvar os primeiros fosse preciso resolver sacrificar os segundos, o embargo dava em desastre. Que seria do sonho da Senhora, a reconstrução do povo unido de Israel?

Eu não estava enganado. Em breve a comunidade de Istambul se dividia em dois campos; os judeus da Espanha e de Portugal partilhavam fervorosamente as posições de Beatriz, por fidelidade à sua santa, mas aqueles que vinham do Sacro Império, da Grécia, e mesmo da península italiana, e que haviam chegado, muitos deles, antes de estar criada a organização da Senhora, não entendiam absolutamente as coisas da mesma forma e não pareciam prestes a sacrificar os judeus de Ancona por um punhado de marranos - e muito menos o comércio.

Dois judeus de Brusa, Salomão Bonsenior e Josef Hodara, começaram a espalhar maledicências sobre o embargo da Senhora; sobre rabi Moisés Bassola eram só elogios, que ele havia feito a peregrinação à Palestina, trouxera documentos, publicara um guia dos Lugares Santos e fizera campanha pela impressão do Zohar, um verdadeiro homem santo, uma alma nobre... Sem dizer, opunham os méritos do rabino de Ancona e os da Senhora - uma simples mulher, afinal de contas.

Uma manhã soubemos que três barcos haviam aportado em Ancona. O embargo abrandava.

Ainda não era nada. Os próprios marranos de Pesaro se inquietavam. Havia insistido com o duque para obter o desvio para Pesaro, na condição de o comércio do Levante abandonar Ancona. A situação já não era bem essa. Os marranos de Ancona e os de Pesaro atacavam-se uns aos outros. Os primeiros queriam parar com o embargo, os segundos mantê-lo. Os de Ancona acusavam os de Pesaro de pôr em perigo todo o povo judeu, julgavam-nos irresponsáveis e interesseiros; afirmavam também que uma peste larvar dizimava os

marinheiros, e principalmente em Pesaro. Em resposta os de Pesaro chamavam-lhes mentirosos; nada de peste, eram falatórios sem fundamento; as obras do porto, justamente, avançavam, e, se quisesse falar de perigo, eles próprios incorriam nas represálias do duque de Urbino se o embargo fosse levantado. Recebemos recados angustiados dos nossos irmãos de Salônica, de Moréia, de Andrinopla: era preciso continuar?, perguntavam.

O prazo de oito meses chegava ao fim. No momento em que devia decidir se renovava ou não a sua decisão, Beatriz recebeu uma carta terrível dos marranos de Pesaro, que lhe dirigiam uma súplica solene. Não renovar o embargo equivalia a pô-los em grande perigo. Já não tinham certezas sobre as intenções do duque Guidobaldo, cujos sentimentos hostis eles descobriam subitamente, e não podiam responder pela sua segurança. Se quisessem salvar a comunidade de Pesaro, era preciso manter o embargo.

A Senhora empalideceu ao receber o recado. Chegara o momento de voltar a meter juízo na cabeça dos judeus do Mediterrâneo. Aproveitei a sua confusão.

- Beatriz, querida irmã, paremos com essa calamidade. Não arques com a responsabilidade de desencadear as divisões entre os marranos. Lembra-te que até o bom duque de Este cedeu às pressões de um Papa, que era, contudo, melhor do que Caraffa...

- Cala-te, Josef - gritou Beatriz indignada. - Não quero ouvir nada. É por Israel que trabalhamos, e é nele, nosso povo, que penso ao reunir os irmãos numa resistência comum. Não me digas que eles estão brigados, eu sei! Mas devemos aprender a defender-nos em vez de fugirmos... Eu própria preparei a fuga de milhares de irmãos nossos; agora já não se trata de clandestinidade nem de organização. E preciso batermo-nos! Deixar de temer as represálias, pois essa ameaça estará sempre suspensa sobre as nossas cabeças, e basta! E preciso acabar com o medo. Quero um povo judeu de pé!

Já não era a Senhora, mas a rainha da Palestina, Ester e Judite ao mesmo tempo, esquecida das vidas que punha em perigo, intrépida, inconsciente, uma guerreira irritada. Deixei-a às suas fúrias e fui parlamentar com a comunidade de Istambul.

Judah Farah teve uma idéia. Podíamos provocar uma reunião de rabinos na capital do Império, e em conjunto eles decidiriam sobre o prolongamento do embargo. Beatriz enraiveceu-se; a decisão escapava-lhe; mas não pôde recusar. Judah propôs reunir assinaturas a favor do bloqueio e partiu para recolhê-las.

A primeira foi imediata. Rabi Josef ibn Loeb presidia a uma escola fundada pela Senhora, a Academia do Talmude Tora; nada podia recusar à sua benfeitora, e tomou o comando do movimento. Dois outros rabinos logo se seguiram; a quarta assinatura foi preciso arrancá-la ao rabi Abraão Jerushalmi no seu leito de morte. Rabi Josef, homem enérgico, dirigiu-se à casa do moribundo, fez sair à força a família chorosa, exigiu que o deixassem sozinho durante um tempo conveniente e guiou ele mesmo a mão que não podia assinar, de tão fraca que estava. Não era desonesto; por mais diminuído que estivesse o infeliz rabi Abraão, tinha ainda tino bastante para aquiescer com um movimento de cabeça, e, dizia o rabi Josef, os seus olhos brilhavam de alegria à idéia de socorrer o seu povo no momento de morrer.

Uma outra assinatura não oferecia qualquer dúvida: a de rabi Soncmo, que se tornara rabino da Sinagoga Maior, onde havia sido celebrado o meu casamento. Rabi ibn Loeb devia efetuar a diligência; não tínhamos qualquer preocupação.

Oh, a noite em que ele bateu à porta do nosso palácio! Era tarde e já não o esperávamos. O rabi Josef, habitualmente tão valente, limpava o suor da testa e, no entanto, estava muito frio. Não ousava olhar a Senhora, que consultava nervosamente o tarot.

- Então, rabi - gracejei -, cruzastes com um monstro nas ruas da cidade?
- Não exatamente, senhor Nasi, mas não fazeis idéia de como andastes perto da verdade.

- Que significa isso? Não vindes certamente anunciar-nos que rabi Soncino se recusa a assinar?

- Justamente, senhor Nasi, justamente... Beatriz voltou uma carta.

-Deveis ter falado comum criado, rabi. Ele não deve ter compreendido, foi só isso. E mergulhou no tarot como se o infeliz rabino não existisse.

- Senhora, asseguro-vos - gemeu ele -, o rabi Soncino não quer assinar... Tem razões políticas, argumentos talmúdicos também, segundo alegou... Lembrei-lhe a vossa fuga comum, a vossa longa viagem, Ragusa, Salônica, a vossa bondade, a vossa amizade, mas não há nada a fazer. Fechou-me a porta na cara!

Beatriz largou as cartas com um gesto brutal.

- Bom! Ide dizer-lhe que está convocado para vir a minha casa, ao palácio Nasi, assim que amanhecer. Se ele recusar, perguntai-lhe por que ele deixou Ferrara.

Perto do meio-dia, o rabi Soncino chegou sem se apressar, afável, sem se mostrar alterado, como se o houvéssemos simplesmente convidado a partilhar da nossa refeição. Beatriz, furiosa com o atraso, recusou-se a recebê-lo, e fechou-se nos seus aposentos. Senti-me aliviado; prometi ocupar-me do assunto, mas depressa; o sultão partia para Andrinopla, e eu fazia parte do séquito, a título excepcional, pela primeira vez. Recebi, pois, o nosso velho amigo; o rabi Ibn Loeb estava comigo.

Soncino entrou esfregando alegremente as mãos. Tinha no olhar tímido uma chama de desafio.

- Rabi Josué, vós ides imediatamente apor uma assinatura neste documento que já conheceis. Eis aqui a pena - disse-lhe eu.

- Imediatamente, Josef - disse o rabi Soncino, que se aproximou da mesa sem hesitar.

Troquei um olhar com o rabi Josef, que esbugalhava os olhos. Bom!

Esse rabino era um desastrado, a quem eu havia de dizer duas palavras quando tivesse tempo. Soncino tinha a pena na mão quando se voltou.

- Bem entendido, Josef, eu assino cora uma condição - acrescentou ele numa voz espantosamente firme.

- Condições, rabi?

- Na condição de, se fizer pesar sobre os nossos irmãos de Ancona ameaças sérias, o embargo ser imediatamente abandonado, não é? Não estou enganado, estou?

Que era aquilo? Olhei para o rabi Ibn Loeb, que erguia os braços ao céu. Rabi Josué tinha a pena no ar e esperava.

- Nessa condição aceito assinar, Josef, para obsequiar Dona Gracia. Mas exijo que esta condição seja transmitida aos nossos irmãos de Salônica, e aos outros.

A assinatura de rabi Soncino, cujos laços de amizade com Beatriz eram do conhecimento de todos, bastava por si só para decidir do sucesso do embargo; mas provida de uma tal restrição, que tinha a ver cora o âmago do debate, destruía todo o empreendimento. Eu não sabia o que fazer. Rabi Soncino, tomando o meu silêncio por uma aquiescência, inclinou-se para a mesa.

- Muito bem! - disse ele. - Não dizes nada, é que me aprovas. Nesse caso, Josef, redijo a cláusula e assino.

Dei um salto até ele.

- Ao diabo o rabino! - berrei travando-lhe o braço. - Não façais nada! Ide-vos, Soncino, e maldito seiais...

Rabi Josué voltou a pôr o mantêu sem vacilar, e saiu. Beatriz ouviu os meus gritos, desceu a escada e avistou o rabino, que deixava a casa num silêncio de morte.

- Ele não assina, Josef, é isso? Não soube o que dizer.

- Portanto cabe-me a mim convencê-lo, já que é para me desafiar que ele não quer assinar - murmurou. - Fizemos mal, Josef; deveria tê-lo tratado com consideração, recebê-lo eu própria. Chama os meus criados, que me tragam o palanquim, vou me vestir. Não, não venhas comigo, preciso ir sozinha.

A Senhora partiu pelo crepúsculo para arrancar ao seu velho enamorado a assinatura que ele lhe recusava. Por volta das onze horas da noite, a neve começou a cair; tal acontecimento não é comum na capital. Havia de começar a nevar precisamente quando a Senhora corria em plena noite as ruas de Istambul.

Ela só voltou às primeiras horas da madrugada, com os pés cobertos de lama e os olhos vermelhos. Havia explicado, suplicado, humilhara-se, mas o rabi Soncino não cedera. Tudo o que havia obtido, resumia-se a enviar um mensageiro a Veneza e Pádua para saber a opinião de outras comunidades, o que ampliaria o debate.

- Soncino armou-te uma cilada, Beatriz - disse-lhe eu. - As comunidades italianas não hão de querer correr o risco das represálias que se voltarão contra elas. Hão de temer as ações do Papa. O rabino ganhará tempo e o tempo está contra nós. Vê se compreendes Beatriz, a Inquisição detém o poder no Ocidente...

Ficou, subitamente, abatida, e suas costas se curvaram.

- Ele ousou dizer-me que não merecia o nome de Senhora, que o meu orgulho me havia de perder... Disse-me que faria bem em pensar em ir a Roma seduzir o Papa e cortar-lhe o pescoço depois de o ter embriagado, já que pensava ser Judite, e que isso seria um lindo ato a ser transmitido de geração em geração, em lugar de brincar de generais como se fosse um homem... Sussurrou-me com aquela maldita voz dengosa que ele bem sabia por que razão eu me agitava assim... Oh! Josef, como ele escarneceu de mim! Mas isso não fica assim com aquele velho Mardoqueu - disse ela empertigando a cabeça. - Restam ainda rabinos suficientes em volta do nosso Mediterrâneo para lhe fazerem calar o bico. Vamos ver.

Sem sequer descansar, assim que amanheceu, mandou chamar o representante da Sinagoga Maior, o velhíssimo Moisés di Segura, que lhe opôs uma resistência tenaz. Despachou, então, um navio para a Palestina, com um mensageiro encarregado de obter o acordo dos dois rabinos de Safed, que já na época representavam a autoridade espiritual mais importante de todo o Mediterrâneo. Obteve-o.

Josef Caro e Moisés ben Jacob Mitrani aliaram-se à Senhora, que conheciam desde que ela havia enterrado o coração do esposo não longe de Tiberíades e de Safed. Os dois rabinos não tinham comunidades de mercadores a proteger. Fora do mundo e da história, não tinham nada a ver com o comércio do Levante. Sua contribuição representava, pois, uma vitória perfeitamente inútil.

Por todo o resto do Mediterrâneo, os rabinos sentiram-se colocados diante de uma escolha impossível; como decidir entre os marranos de Ancona, ameaçados pelo Papa Paulo, e os de Pesaro, ameaçados pelo duque Guidobaldo? Todo o ano de 1557 se passou em disputas acadêmicas; perdia-se o sentido das vidas que se procurava defender. Cansados, os rabinos recusaram comprometer-se sem consultar as comunidades antes de tomar posição. O nosso bloqueio provocou intermináveis conflitos. Em Istambul, o partido da Senhora conseguiu que reconduzissem o embargo em duas sinagogas importantes, a dos castelhanos e a dos

portugueses; as outras, por causa de rabi Soncino, hesitaram. Uma vez mais, acreditamos que a partida estava ganha. ";

Cada vez que via o grão-vizir, ele não dissimulava a sua perplexidade.

- Mau negócio, senhor Nasi. Expondo assim à luz do dia esse desacordo, os vossos judeus correm riscos consideráveis; no dia em que os rabinos obrigarem vossa tia a levantar definitivamente o bloqueio, os inquisidores se abaterão sobre os judeus como aves de rapina. Decerto. Dona Gracia não é nenhum chefe militar, e essa gente está em guerra, senhor Nasi...

- Mas dos judeus do nosso tempo ela é a primeira a bater-se, justamente!

- Bem sei. Infelizmente, ela vive num império de que não é soberana; ao enfraquecer as suas posições ela põe o nosso sultão a descoberto, uma vez que ele a apóia. Todos os dias me aplico a acalmar a surda cólera do Padixá contra essa judia que o fez mendigar em vão a libertação dos judeus de Ancona. Ele não vai voltar a intervir, podeis ter a certeza; e o mais evidente de todo esse caso, é que a velhice o torna vulnerável às afrontas dos príncipes do Ocidente. Seria sensato de vossa parte não tornar a consumir a vossa fortuna em empresas vãs; o sultão poderia melindrar-se - concluiu.

Não estávamos em perigo pois restava ouro bastante para acalmar a indignação do Magnífico; mas tínhamos nos tornado suspeitos. Nem sequer tentei prevenir Beatriz. Ela não teria querido entender; era tarde demais para recuar.

As coisas não ficaram por ali com rabi Soncino. O assunto atingiu os judeus de todas as origens; dir-se-ia que tinham prazer naquelas discórdias. Na capital do Império, duas minúsculas comunidades alemãs de rito asquenaze andaram desentendidas por muito tempo: um dos rabinos seguia a Senhora, o outro não. O que nos era fiel estava quase assinando solenemente a petição da Senhora na sinagoga, quando enviou um dia um aviso a Dona Gracia: um foragido de Ancona, um certo Josef Ashkenazi, ao contar as suas desgraças e o empobrecimento dos Estados do Papa, havia alterado a posição da comunidade num abrir e fechar de olhos, e ele via que estava chegando o momento em que não poderia mais convencer os seus fiéis.

Dessa vez fui eu que me encolizei. Este rabino vivia apenas dos nossos subsídios, e reconhecia-se incapaz de apoiar os seus benfeitores? Dei-lhe pressa para que se decidisse, e mandei ressaltar pelo nosso enviado que os trinta aspres que recebia por dia lhe seriam suprimidos se recusasse. A congregação dos fiéis compreendeu logo a ameaça e aproveitou um dia a ausência de Ashkenazi para votar o acordo ao embargo, por unanimidade. Ah!, a covardia e a avidez dos homens!

- Não vejo diferença, meu amo, entre essa campanha e a de Carlos de Habsburgo quando se fez eleger imperador, só que a seguir ele tornou-se o grande Carlos V e tu duque de Naxos. Vós compráveis os apoios assim como ele comprava os eleitores, e pronto - insinuou o bobo desdenhosamente.

- Tens razão, Caraffa. Beatriz era sem dúvida inspirada pelo nosso Deus, mas em política possuía a inocência das heroínas. Havia posto em marcha uma máquina infernal que agora se voltava contra a casa Nasi.

- E se ela tivesse tido razão, apesar de tudo? Se o bloqueio tivesse agüentado?

- Teria sido preciso preparar o terreno e ter em conta todos os rabinos. Já foi bom, Caraffa, ela ter podido pôr de pé tal embargo e mantê-lo tanto tempo...

- Bom! O que vai aí, filho! No que diz respeito à Senhora, prefiro a sua organização ao seu bloqueio. Ou o que dele resta, pois só te falta contar-me como acabou, não é?

Com efeito, o rabi Soncino encarregou-se disso. Dispendeu uma energia pouco comum para fazer aderir à sua posição todos os realistas; a Senhora foi acusada de fazer valer o seu interesse comercial, de não pensar senão nas suas próprias ambições políticas, de querer levar vantagem sobre as autoridades espirituais do povo de Israel; apesar do apoio dos rabinos de Safed, ela perdeu terreno. No entanto, o embargo continuava a agüentar-se e conservava partidários ainda bastante numerosos. Os mercadores que comerciavam com a península, doravante todos opostos a Beatriz, agitaram-se e ataçaram Soncino.

Então, este último publicou uma nota contra o embargo da Senhora.

O direito rabínico proibia, segundo ele, que um homem assegurasse a sua proteção em detrimento da proteção dos outros. Juridicamente o argumento era irrefutável. Ameaçou, com as piores maldições, os marranos que, em vez de obedecerem às autoridades religiosas, preferiam pôr em perigo a unidade dos judeus. O rabi indignou-se igualmente contra aqueles que recusavam colocar-se sob a autoridade tolerante do sultão, e que não abandonavam a Itália quando podiam ainda fazê-lo. A manobra era hábil: Soncino não renegava a organização da Senhora, lembrando o quanto ela se havia mostrado irrepreensível; mencionava a dívida que havia contraído para com ela, e punha em evidência o conflito em toda a sua amplitude. Nada era mais perigoso do que a divisão das comunidades; o rabi Soncino, ao apelar à união reencontrada, colocava a Senhora no banco dos réus. A divisão era ela.

O rabi Soncino concluía afirmando que não hesitaria em pronunciar uma sentença de excomunhão contra os marranos ímpios.

Depois, enviou aquele libelo para todas as comunidades judaicas do Levante. Beatriz escreveu logo uma carta que mandou a todos os rabinos das comunidades do Império, para lhes suplicar que pensassem nos judeus de Pesaro, no seu destino horrível se o embargo fosse abandonado. Em vão. A nota do rabi e a carta da Senhora circularam por todo lado, defrontaram-se, foram comentadas nas sinagogas; mas, enquanto os rabinos discutiam, os mercadores agiam, e o porto de Ancona recuperou a sua atividade.

Havíamos perdido. A Senhora estava desonrada; pela primeira vez na sua luta contra as potências do Ocidente, sofria uma derrota infligida pelos próprios irmãos.

Por fidelidade aos marranos de Pesaro, e por uma questão de reputação, Beatriz manteve a sua decisão pessoal: os nossos barcos, quer dizer, a frota mercante da casa Nasi, não tornaram a aportar a Ancona. Ainda hoje hesito em levantar o que permanece do embargo da Senhora; parece-me que, mesmo morta, ela haveria de sofrer.

A catástrofe foi completa. Ambas as comunidades pagaram pelas divisões entre judeus e marranos. Os marranos de Ancona foram presos um a um, os de Pesaro foram em breve todos banidos pelo duque de Urbino, como havia muito tempo temiam. A calamidade atingiu Ferrara: o cardeal Michele Ghislieri, inquisidor-geral da Inquisição romana, de quem te hei de falar daqui a pouco, obrigou o velho duque de Este a perseguir os judeus. A casa do impressor Samuel Usque foi fechada. Disse-te já como Lusitano, que por má sorte havia tornado a Ferrara, escapou; mas Pomona, Fioretta e Dona Benvenida desapareceram na tormenta; não soubemos se elas pereceram ou se conseguiram fugir.

Rabi Soncino não estava muito satisfeito consigo próprio; como preço da sua vitória sobre a Senhora, em Ancona, em Pesaro, em Ferrara, três comunidades haviam perecido; a

teimosia dele fora a causa de numerosas mortes. Beatriz jamais o perdoou, apesar das tímidas tentativas que ele fez para tornar a explicar-se. Ninguém pode dizer o que se teria passado se as comunidades tivessem, em bloco, seguido a Senhora. O Papa teria cedido? Nunca o saberemos.

Quatro anos haviam decorrido desde a nossa chegada triunfal ao Império Otomano. Quatro anos de angústias e de combates perdidos, quatro anos durante os quais a causa do nosso povo recuou para sempre. Quatro anos passados a esperar os barcos, os mensageiros, a escutar os soluços de uns, as argúcias dos outros, a persuadir em vão, a esperar, a desesperar; e tudo para chegarmos a outros massacres! Será que virá um dia em que os nossos irmãos saberão juntar-se contra um único inimigo, e bater-se como sabem fazer os reis, com um único objetivo, sem argúcias rabínicas nem orgulhosa indelicadeza? Ah! É com razão que o Senhor nos acusa de sermos um povo de rígida cerviz; mas, pelo menos, se ela não se dobra, que seja para vencer, não para perder...

Os faustos do meu casamento pareciam-me bem longe; havíamos passado anos demais a bater-nos contra o Papado, e o paradoxo do embargo nos havia obrigado a deslocar esse combate para um confronto com os nossos próprios irmãos. Saíamos daquela provação esgotados, e Beatriz não era mais a Senhora de todos os judeus.

Ela perdeu de repente a frescura do rosto; seu olhar se turvou. Não se viam mais aquelas cintilações de gelo de onde brotavam a força e a vida. Arrastava-se pelo palácio sacudindo com a mão o pó de uma mesa, de um vaso; mordiscava um pouco de halvah, largava-o logo, ou jejuava durante dias fechando-se na solidão que era a sua panacéia. Quando, de novo no meio de nós, se animava, era para maldizer o rabino que ela salvara, dizia, e que a havia traído. A cigana e o urso foram relegados para um canto do palácio; faziam barulho demais, principalmente Babur quando rosnava, afirmava ela. Reyna colou-se aos passos da mãe e tentou distraí-la com as preocupações da casa; mas era tratada com maus modos por uma Senhora iras-cível que já não tinha gosto por nada. Por vezes ouvia-a soluçar no quarto, fechada à chave. Os amigos que tinha entre os rabinos de Istambul vieram regularmente visitá-la; mas ela guardava-lhes ressentimento pelo seu fracasso, voltava sem cessar às argúcias de Soncino, procurando saber como teria sido possível, se as devia ter refutado. O rabi Ibn Loeb, com quem ela discutiu rudemente, abreviou as visitas, depois aborreceu-se e deixou de vir. Beatriz, solitária, parecia ter esquecido tudo das suas experiências contemplativas: nada de meditação, nada de devekhouth... Oh, como eu deplorava a ausência de Dona Benvenida! Cheguei a procurar eu mesmo se não se acharia na cidade um cabalista qualquer de passagem que tivesse podido afastá-la daquele desgosto... Tempo perdido. Ninguém podia ajudar a Senhora, abismada numa melancolia sem remédio.

Eu havia passado por outras; um belo dia, deixei de me inquietar. Bruscamente, eu mesmo saí de vários anos de obnubilação. Já era mais do que tempo de voltar a pôr ordem nos negócios da casa Nasi. Tinha necessidade de refletir, pois, enquanto estávamos ocupados a esclarecer a embrulhada dos nossos próprios conflitos, o mapa dos impérios havia se modificado imperceptivelmente. Vais avaliar, Caraffa.

Soube, em 1558, no momento em que o caso do bloqueio chegava ao fim, que o Habsburgo, no seu convento de Yuste, havia assistido às suas próprias exéquias, que desejara suntuosas, antes de se separar do mundo para sempre. Havia assistido piedosamente à missa dos mortos diante de um esquife vazio. Menos de um mês mais tarde, morreu, e repetiu-se a mesma cerimônia, diante de um esquife onde repousava seu corpo.

Isso quase nada mudou já que ele havia abdicado, mas a sua autoridade desapareceu com ele, e Flandres começou a sacudir o jugo do império dos Habsburgo.

O mundo otomano também sofria com o envelhecimento do sultão. Durante o primeiro ano do embargo, um rumor assombroso sacudira a capital. O príncipe Mustafá estaria vivo! Teria conseguido escapar à emboscada dos assassinos e teria reunido um exército na Anatólia; em Eregli, no próprio lugar onde estivera prestes a morrer, teria formado um governo em boa e devida forma; dizia-se então que ele marchava sobre Istambul. O rumor quase se torna realidade. A Trácia e a Macedônia reconheceram-no como sultão; o príncipe ressuscitado, fiel à lenda de generosidade que sempre havia sido a sua, pregava a partilha das terras e a distribuição das riquezas.

O Magnífico enviou seu filho Bajazet para combater o impostor; Bajazet venceu o falso Mustafá, mandou enforcá-lo e massacrou milhares dos seus partidários. Não havia dúvida, era um bom herdeiro para o sultão.

O pobre príncipe Djihangir, o enfermo inspirado, havia sofrido tanto com o assassinio de Mustafá que tinha se lançado às estradas, como um eremita; errara durante muito tempo nos retiros dos dervixes antes de morrer, anônimo, sem que se soubesse onde havia desaparecido.

No ano em que a Senhora perdeu a batalha do bloqueio, Hürrem Sultana morreu. A Risonha do Magnífico foi enterrada simplesmente num pequeno mausoléu construído por Sman e que a esperava, ao pé dos ciprestes da mesquita nova a que chamamos hoje Suleimania.

Pouco tempo depois, Roustem Paxá convocou-me.

- Pensava-se que Hürrem Sultana fosse favorável a Bajazet, que ela via com frequência e adorava. Não é bem verdade. Ela era a única que impedia o ambicioso Bajazet de se assegurar da sucessão de seu pai afastando o irmão, mesmo a preço de sangue. Ela tinha certeza de que ele o mandaria matar antes mesmo que o Magnífico desaparecesse. O príncipe Selim está pois em perigo; ide depressa, Nasí, e velai por ele.

Mas eu não podia abandonar Beatriz no momento em que ela suportava tão terrível derrota; recusei. Era uma questão de tempo, uma simples questão de semanas... Ora o grão-vizir tinha pressa; enviou em missão para a província de Magnésia, à corte de Selim, o segundo escudeiro da corte, Laia Mustafá, um homem aparentemente devotado à causa de Bajazet! Ninguém compreendia as intenções de Roustem Paxá, que foi acusado de querer arrumar as esperanças de Selim. Ainda hoje se ouve isso.

Também ninguém sabia que Laia Mustafá se deixara convencer pelo grão-vizir de que Selim seria melhor sultão do que o irmão, e que era necessário mudar de campo. Roustem Paxá comprara Laia Mustafá sem grande esforço; a conjura que ele havia preparado era uma faca de dois gumes. Vais ver, Caraffa.

Por meio de ditos insidiosos, o escudeiro acabou por persuadir Selim a deixá-lo enviar ao seu antigo amigo, o príncipe Bajazet, uma carta falsa na qual Laia Mustafá lhe proporia livrar-se do irmão mais novo. Selim, persuadido de que o irmão Bajazet recusaria mandá-lo matar, aceitou.

Bajazet, sem desconfiança, fiou-se na carta do seu fiel Laia Mustafá, não descobriu a armadilha e enviou por escrito o seu acordo para o assassinato. Roustem Paxá havia previsto a escuridão da alma do príncipe Bajazet; e doravante tinha a prova escrita. Laia Mustafá levou a missiva a Selim, que, lendo-a, compreendeu que não escaparia a um conflito irreduzível com o príncipe Bajazet. Mas o meu príncipe tinha o temperamento de um poeta e não se apressou. .

Como, no entanto, não se decidia a combater o irmão, Laia Mustafá fez mais; redigiu do seu punho uma falsa carta de Bajazet, insultante para Selim, e que este último recebeu acompanhada de uma saia, um gorro de mulher e uma roca de fiar. Selim foi tomado de violenta cólera, e resolveu apelar para o sultão; a ofensa o merecia. Queixou-se ao pai, que expediu mensageiros a seu filho Bajazet, com uma carta muito dura chamando-o à ordem. O caso poderia ter ficado por ali; Bajazet teria sem dúvida pedido desculpas ao irmão que ele havia pretensamente insultado, e teria, não obstante, herdado o império.

Mas Laia Mustafá armou uma emboscada para os mensageiros, que nunca chegaram, e acusou Bajazet de tê-los matado. Era demais... O Magnífico, enganado pelas mentiras de Laia Mustafá, retirou do príncipe Bajazet o governo de Konya e o exilou em Amasya.

Bajazet, que não podia compreender a atitude do pai, recusou-se a abandonar Konya. A guerra entre os dois irmãos rebentou. Solimão tomou o partido de Selim e Bajazet sofreu uma terrível derrota. Laia Mustafá mandou interceptar uma última carta na qual o filho solicitava o perdão do pai; Solimão não soube que o filho estava pronto a reconciliar-se, e o infeliz Bajazet, acossado como um animal, fugiu para a Pérsia, onde o xá lhe reservou bom acolhimento e fez juramento de jamais entregá-lo ao pai.

Mas juramento de rei nada vale. Em 1561, se bem me lembro, o xá, a pretexto de "proteger" seu hóspede Bajazet, prendeu-o e entregou-o. Ah, é certo que não a Solimão - quando se é soberano possui-se honra. Mas a um emissário de Selim, que esperava.

Bajazet foi estrangulado com quatro dos seus filhos; o quinto, que tinha apenas três anos, vivia em Bursa; o janízaro encarregado de o estrangular, ao vê-lo, sentiu-se mal, e um eunuco encarregou-se do crime. O xá recebeu em recompensa quatrocentas mil moedas de ouro.

"Agradeço a Deus", teria dito Solimão ao saber da notícia, "o ter podido viver tempo bastante para ver os muçulmanos libertos da guerra entre os meus filhos. Passarei o resto dos meus dias em paz".

Selim era o único herdeiro do Império.

Ao contar-te como ele o conseguiu, ainda sinto arrepios, Caraffa... E, no entanto, o meu príncipe não tinha culpa!

- Dirás o que quiseses, meu amo, mas os príncipes do Ocidente não tecem intrigas tão ferozes! - exclamou o corcunda. - Uma criança de três anos!

- Julgas realmente a Inquisição menos dura do que Laia Mustafá? O Papa Paulo IV não era igualmente cruel ao exterminar toda uma comunidade inocente? Se compararmos o pontífice com o sultão, qual será o pior? Os crimes de sangue no seio de uma mesma família, ou o extermínio de uma raça? Não, não, o pior é o Papado hoje; o pior são as labaredas das fogueiras que se acendem para os nossos irmãos pela Europa inteira.

- Não retiro o que disse, Naxos. Para sobreviver no Serralho, era preciso realmente que fosses um Judas!

- E como teríamos sobrevivido, nós, os Nasi, senão pela astúcia e a mentira? Foram os príncipes do Ocidente que me ensinaram o meu ofício de Judas. Boa escola, Caraffa.

O último ano do bloqueio não terminou sem surpresas. Para me distrair do nosso fracasso, Roustem Paxá propôs-me ir visitar o arsenal de Kassim Paxá, no porto da capital. As distrações que o grão-vizir propunha dissimulavam sempre intenções secretas.

"Vós ainda ignorais o real poderio do Império, senhor Nasi", dizia-me ele. "Tendes a vossa frota mercante, e eu, que sou chefe do exército, tenho a minha,-e quero que tomeis interesse por ela."

O arsenal de Kassim Paxá revelou-se uma verdadeira cidade, onde vivem gregos, geórgios ou gente vinda das ilhas, que conhece o trabalho da madeira e do ferro. O entreposto gigante, onde se construíam as naus, compreendia, na época, cento e cinquenta formas diferentes para as galeras; Roustem Paxá mostrou-me as que eu não conhecia, as arcadas, os arcos e as voltas. Por todo lado se trabalhava com um frenesi calculado, num vozear ensurdecedor. As madeiras empilhadas, o breu, a resina, o ferro e o sebo, e o alcatrão fumegante, o cânhamo que era tecido, os panos enrolados, tudo contribuía para demonstrar a força da marinha otomana. No meio da fumaça penetrante, as aparas voavam na poeira; os dorsos nus dos escravos escorriam suor; em vida de Solimão, havia no arsenal cerca de trinta mil, a maior parte moscovitas e tártaros. Hoje em dia são muito mais numerosos e reservam ao Ocidente muitas surpresas.

Criança, em Lisboa, quando Beatriz e eu subíamos na nossa carraca, e perto do arsenal de Veneza onde gostava de ir farejar as galeras novas, tinha cheirado as madeiras odoríferas dos barcos em construção. Mas o arsenal otomano ultrapassava de longe todas as minhas recordações. Roustem Paxá saboreou o meu espanto.

- Vede, Nasi, a madeira vem do Mar Negro; o pez e a resina da Albânia e de Mitilene; o ferro provém de Salômca, e o cânhamo do Egito; as velas, já preparadas, são da Anatólia, e os cordames de Trebizonda. Quanto ao estanho, chega do Ocidente, é o único produto que nos vem de lá. O Império, ei-lo aqui, sob os vossos olhos; a minha frota é o Império reunido. Não tardareis a compreendê-lo; em breve... Sois um pouco marinheiro, Nasi, mesmo que jamais tenhais comandado uma nau. Interessai-vos pela minha frota; ser-vos-á útil um dia.

Que queria ele dizer?

- Quando o nosso Selim for sultão, será o momento de vos esclarecer - continuou como se me lesse os pensamentos. - Perdestes bastante tempo com o embargo de vossa tia. Agora é a vossa vez. De resto, creio saber que o nosso Padixá decidiu consolar a vossa família dos dissabores que acaba de sofrer.

E com esses mistérios me deixou. Havia aprendido com ele a não fazer perguntas.

Tu farás o mesmo, Caraffa, pois a lembrança desse bloqueio me oprime. De todos os atos de Beatriz, foi o único que resultou em fracasso; por mais que não tenha tomado qualquer decisão nesse caso, não perdôo a mim mesmo a humilhação da Senhora. Deixemos a noite que vem fazer o seu serviço e trazer-nos um pouco de esquecimento.

Capítulo VII

1558-1566 As amoreiras da Palestina

(Josef, príncipe europeu do Império; a proibição do vinho; "Reconstruiremos Tiberíades, Josef"; o jovem rabi Louria; o grão-vizir Sokolli; o cerco de Szeged e a morte do Magnífico; Selim sultão.)

Quinta-feira, à luz da Lua

- Nem um ruído - murmurou Naxos. - Tudo dorme; e até estes dois que foram encarregados de velar por mim dormem no escuro a meus pés. Não fora a respiração da cidade, e eu pensaria que a morte viera. Mas não, é cedo demais; e o sono não vem. Assim que fecho os olhos, surge um sonho, sempre o mesmo; um grifo luminoso arranha-me, açoita-me as faces com as asas rijas, e vai-se em silêncio. Tem o rosto de Beatriz. Ela há de vir de noite, quando as minhas pálpebras estiverem fechadas; de manhã não voltarei a abri-las. Será que é por isso que tenho medo? Sem dúvida. Ainda tenho demasiado vigor para não ficar assustado. Toda a coragem que possuía foi-se com Beatriz, e fico à espreita do amanhecer tremendo como uma mulher. Ora vamos, Nasi, quando acabarás com isso? Se ao menos se declarasse um incêndio. Passaria a noite a contemplar a fumaça; estaria ocupado. Mas nada. Tudo está terrivelmente calmo.

Durante a nossa visita ao arsenal da armada otomana, Roustem Paxá havia me falado de uma honra que o sultão queria conceder-me. Despedira-me do grão-vizir e preparava-me para montar a cavalo quando ele me chamou.

"Não tão depressa, senhor Nasi... O nosso sultão encarregou-me de vos informar que a pedido de seu filho, o príncipe Selim, nomeia-vos príncipe europeu."

Príncipe, eu! Pela primeira vez, abria-se para mim um verdadeiro destino.

Até aquele instante, o de Beatriz havia dado forma ao meu; ela ligara tão estreitamente as nossas duas vidas que eu me contentava em ser o seu duplo. Era feliz assim, nada mais pedia. Com os nossos amos otomanos, bastavam-me o espaço outorgado por Roustem Paxá e os negócios secretos do Império; uma tal penumbra condizia comigo. Na verdade, não pensava muitas vezes nisso. E eis que aquele jovem pesadão, por quem tomara amizade, me oferecia uma outra vida.

O príncipe Selim conhecia vagamente a existência da Senhora. Não se havia mostrado curioso a respeito das peregrinações de Beatriz, e embora eu lhe tivesse descrito os príncipes do Ocidente, quase nada dissera sobre a rainha da casa Nasi. Pelo menos, com Selim, podia falar de outra coisa que não fosse a Senhora; a afeição dele era destinada a mim; não gostava de mim através dela. Conversando com ele experimentava o prazer ingênuo de inventar-me um passado sem Beatriz; ele era afetuoso o bastante para me admirar sem reservas e demasiado inocente para adivinhar a grande sombra ausente que me acompanhava. Príncipe europeu... Enfanghi Bey.

Era eu o único dos judeus de Istambul a ter direito àquela recompensa rara, algo que finalmente não partilhava com Beatriz; os príncipes do Ocidente seriam obrigados a reconhecer-me. No dia em que Selim fosse sultão, punha-me a imaginar... As possessões de Veneza, tão próximas, ao alcance de uma galera, Chipre, a formosa das formosas colinas cobertas de vinhas, e Faustina, talvez, a minha enigmática rainha...

- Então, senhor Nasi, em que sonhos andais perdido? - disse-me uma voz que parecia vir de longe. - E então, nem uma palavra para vos lançardes aos pés do vosso sultão, Sombra de Alá na terra?

O grão-vizir tinha razão em chamar-me à ordem. Repeti maquinalmente: "Que Alá o tenha em Sua santa guarda" e saí dali completamente aturdido.

Beatriz acusou o golpe.

- Traição, Josef! Vais aceitar um título otomano, tu? Que o detestável Mosche Hamon se pavoneie com o nome de "médico pessoal do sultão", ainda vá, pois não passa de um insignificante. Mas tu, um Nasi, regozijares-te com essa ninharia, ora! Peço-te que abandones essa coisa ridícula. Sê um justo, um tsaddiq, não um príncipe, Nasi!

E empertigava sua pequena cabeça orgulhosa. Ela me teria enternecido, Caraffa, como de costume, se não tivesse subitamente cuspid no chão em sinal de desprezo. Pois! Quando se encolerizava, ia demasiado longe, e de um momento para o outro tornava-se vulgar. Quando era nova, eu achava que aqueles excessos tinham um certo encanto, mas naquele dia percebi que ela envelhecera demais. Por cima daqueles lábios trêmulos cavavam-se fundas rugas verticais; entre as sobrancelhas, um sulco marcava-lhe profundamente a base da testa; no pescoço, as carnes estavam flácidas. Deixei tristemente que a crueza do meu olhar a percorresse e, em vez de me entregar às nossas cóleras preferidas, não respondi nada. Ou quase.

- Pobre Beatriz. Vê-te ao espelho, olha bem para o teu pescoço e dize-me qual de nós dois será mais ridículo... - atirei-lhe eu.

Ficou pálida, sentou-se e fitou-me dolorosamente.

- Josef...

Depois, a arrogante Senhora deixou cair a cabeça entre as mãos. E como de costume, Caraffa, vencida, adorei-a. Dei três passos para ela, mas ela antecipou-se e, levantando a cabeça, afastou-me.

- É verdade, sou uma velha, Josef. Não preciso nem de ti nem de um espelho para saber isso. Mas pelo menos sou a Senhora. Tu não és nada, Josef, a não ser um príncipe europeu a soldo de um amo muçulmano. Não ouviste o que eu disse, Nasi: pedi que fosses um justo. Um tsaddiq, Josef!

- Ora, Beatriz! Alguma vez tive o estofo de um tsaddiq? Ainda não me conheces? Estou no mundo e gosto dele tal qual ele é, como uma velha e frondosa árvore cheia de musgo e ninhos nos ramos; quando eu corria atrás da vida apaixonadamente, tu fugias dela. Olha para ti, Beatriz! Ah, sim, tu és a Senhora. Uma mulher triste de boca seca. E querias que eu renunciasses às honrarias? Não, Beatriz. Bem bastou teres me apanhado para ser teu genro, tu que...

Deu um salto e abafou com a mão as palavras que eu ia gritar.

- Não continues, Josef. Está bem; sê um príncipe otomano. E deixa-me com os meus devaneios. Não quero tornar a ver-te. Vai-te!

Dessa vez estávamos longe das nossas habituais querelas. Ela havia me mantido solidamente atado a uma estaca como um carneiro, dando-me a corda bastante para escapadas consentidas; havia tolerado os meus amores por mulheres que a fizeram sofrer, mas que não lhe contrariavam os desígnios políticos. Ao aceitar um título imperial, eu cortava a corda, escapava, e ela não podia admitir. Saí.

De longe, gritou.

- Doravante ocupa-te da tua principesca esposa, Enfanghi Beyl. Que tenhas por amantes as nossas criadas mais bonitas, ainda vá; mas ao menos não desleixes os trajes da minha Reyna... Torna-a digna de ti!

Na verdade, ela não deixava de ter razão. Dirigi-me aos aposentos de sua filha, minha mulher, e dispus-me a explicar-lhe que uma princesa européia devia renunciar às túnicas otomanas, e vestir saias à veneziana. Como sua mãe. Reyna olhou-me assustada, mas baixou a cabeça com a submissão habitual.

Mandei vir de Veneza vestidos cheios de bordados, véus feitos de pérolas e diademas pendentes de fios de ouro. Mas quando minha triste esposa apareceu diante de mim, obediente, tinha o mesmo ar tão acanhado que me desesperava; os cabelos, mal penteados, caíam de qualquer maneira, ela própria se encolhia, curvada, como se tivesse medo. Arranjei-lhe vagamente o diadema na testa, alisei-lhe os cabelos em vão, e ia colocar-lhe melhor o véu quando ela fugiu batendo a porta.

Mas como havia eu de amar aquela infeliz criança? Casando-nos, a Senhora despedaçara as nossas vidas; o mal era irremediável, e ambos o sabíamos. Nada mais me retinha no palácio do Belvedere.

Muito oportunamente, surgiu da nossa infância um vago primo de Lisboa, que tardiamente decidira juntar-se à família otomana. Samuel Nasi tinha menos dez anos do que eu; era um bom moço, de humor plácido, discreto, tímido, que logo sumiu na sombra do palácio. Pela solicitude das criadas, pela perturbação das damas de companhia, compreendi que ele poderia aliviar-me em parte do meu papel familiar, o que aceitei com prazer.

Beatriz decidiu logo casá-lo com a Chica, que, boa menina, aquiesceu sem protestar; de resto, o primo era um belo moço, e o assunto logo ficou arrumado. Formavam um verdadeiro casal numa casa onde se sentia cruelmente a falta disso, e naquela época eles eram tão lindos juntos que me alegravam o coração, e eu os abençoava por trazerem um tal frescor à nossa família atormentada. Samuel ocupou-se, pois, da casa, e eu pude entregar-me inteiramente às minhas atividades políticas. O governo do Império interessava-me muito mais do que as aspirações religiosas da Senhora; e se ela queria um justo, tinha a partir de agora aquele moço que poderia formar.

Beatriz tinha as causas dela, e eu os meus negócios.

Roustem Paxá encarregou-se inteiramente de mim enquanto eu me desligava da casa Nasi. De resto, a evolução dos impérios exige uma grande atenção; como havíamos previsto, o herdeiro de Carlos V não estava disposto a permanecer inerte, e as velhas guerras recomeçavam. O rei Filipe, filho do Habsburgo, havia jurado a perda do Império Otomano e manifestava muita resolução, paciência e tenacidade. Diferentemente do pai, mostrou-se hábil em maquinações diplomáticas antes de utilizar os exércitos. Para começar, quebrou a sutil aliança clandestina que unia havia muito tempo o nosso sultão e o rei da França; bastava-lhe não voltar a provocar querelas com ele. Filipe II fez então a paz com a França, e estabeleceu com esse reino um daqueles tratados que atiram para o leito dos reis crianças inocentes.

O rei Filipe, viúvo, e não desencorajado pela experiência conjugal com Maria Tudor, perseguia um sonho inglês; havia pensado em casar com a filha de Henrique VIII e de Ana Bolena, a ruiva Elizabeth; mas a nova rainha da Inglaterra não queria um marido. Também tinha aspirado a unir seu herdeiro Carlos a uma outra Elizabeth, filha de Henrique II; e, por fim, o rei roubara ao filho a noiva francesa, e desposou-a ele mesmo. Foi ela a vítima do tratado de Cateau-Cambrésis: a "rainha da paz", como foi chamada, casou com o pai em lugar do filho. Dizia-se do príncipe Carlos que era um pobre anão enfermo, um monstro malvado que só a jovem madrasta conseguia amansar; dizia-se ainda que isso fazia muitos ciúmes ao rei. Nada disso tinha qualquer importância a não ser para os cortesãos; a paz com a França

permitia a Filipe II conduzir a sua própria política. Esse rei da Espanha, livre em suas próprias fronteiras, voltou-se contra o Otomano.

Atacou Djerba. O grande almirante Piah Paxá logo se dirigiu ao encontro dele; e Roustem Paxá esfregava as mãos.

- O Espanhol engana-se se pensa bater-nos no mar... O mar é nosso, faz parte do Império! Podeis confiar, Enfanghi Bey, que as galeras hão de ser suficientemente rápidas para nos trazerem de volta Piali Paxá antes do inverno, e vitorioso. Quereis crer? - exclamou o grão-vizir. - O impudente chefe dos exércitos espanhóis, esse duque de Medina-Celi, que aconselhou ao seu rei essa empresa grotesca, procura aliar-se ao Persa e ao infeliz príncipe Bajazet, que continua como refém? Ora, aí está o que vai apressar a ruína de todos eles!

E o grão-vizir não se enganava. Em outubro, Piali Paxá estava de volta ao Corno de Ouro, onde fez uma chegada triunfal a bordo de uma galera-almirante com as cores verdes do Islã; quinze galeras vermelhas formavam um cortejo glorioso ao som tumultuoso das salvas e das trombetas. O sultão oferecia à capital aqueles soberbos espetáculos após cada vitória, inchando de orgulho o coração dos seus súditos. A nossa supremacia naval parecia invencível e o Padixá triunfava de novo. Aproveitou para renovar a proibição do vinho.

Longe vai o tempo... Um copo de vinho, um aspre de multa; e pouco faltou para que o mesmo regulamento se aplicasse ao café.

Ao associar Selim às suas campanhas, e ao fazê-lo voltar de Magnésia, o sultão havia tido oportunidade de descobrir as inclinações do filho pelo vinho e a sua cólera não abrandava; amaldiçoava o álcool, "a mãe das baixezas", e barrou-lhe o caminho. Até então apenas os muçulmanos estavam submetidos a tal legislação; depois de Djerba, todos os súditos do Império foram castigados com a proibição. Selim enraiveceu-se. E eu também, mas que fazer? Selim ainda não era sultão e, apesar de exilado, banido, prisioneiro, seu irmão Bajazet estava vivo. O sultão havia feito mais; devolvia o filho à província. Selim partia de novo para Magnésia e pediu-me que lhe fornecesse tonéis que haveria de levar em segredo.

- Não, meu príncipe! - supliquei. - Se o Padixá sabe, estou perdido, e vós também. Não se deve abusar do vinho; vosso pai tem razão, adormece os sentidos, transtorna a razão, faz nascer a cólera...

- Estás a moralizar, tu? Ter-te-ás tornado como tua tia, a Senhora? Ou será que tomaste o partido de meu pai e ficaste como ele melancólico e cruel? Nunca mais falo contigo, Yusuf!

E atirou-me um tamborete à cabeça. Não resisti. Nunca achei maneira de o convencer a renunciar à bebedeira, porque ele tornou-se um bêbedo, essa é que é a verdade! Fui fraco. Selim obteve os seus tonéis.

- Isso te cai bem, filho - escarneceu o corcunda. - De que é que pensas que vais morrer?

- Segundo os médicos são pedras que tenho nos rins, Caraffa. Estás enganado; gosto do vinho porque gosto da vida, da qual ele é uma das belezas; e, já te disse, desde as feiras de Antuérpia, conheço a sua ciência. Para Selim, o vinho era uma coisa completamente diferente; começou a beber por revolta. Ah, é certo que o jovem que conheci em Magnésia embriagava-se como um poeta e falava do vinho como do beijo de uma moça; mas depois embruteceu-se avidamente. Bajazet havia fugido para a Pérsia e traía o sultão seu pai com o xá; Selim o traía com o vinho. O Magnífico compreendera.

- Ora! Isso são sutilezas de grão-senhor, e eu não vejo diferença entre a bebedeira do poeta e a do barqueiro de Gaiata. O resultado é que todos roncamos como animais!

- Sancta simplicitas; o animal és tu. Mas a quem poderia eu, hoje em dia, falar como poeta?

Não pude acompanhar Selim para protegê-lo contra si mesmo. A casa Nasi tinha, de fato, com a coroa da França uma espantosa diferença. Havíamos emprestado grossas somas ao rei, como acontecia com frequência, e um novo embaixador, M. de La Vigne, recusava-se terminantemente a reconhecer as letras de crédito.

Em breve aquele fidalgo insistia em falar do "falso príncipe" em que eu me tornara, foi de novo buscar a minha condenação à morte pela República de Veneza, fez de mim o queridinho do príncipe Selim... e fez ponto de honra em referir-se a mim tratando-me insistentemente por "um certo Juan Micas". Durante o inverno seguinte, conseguiu-se apanhar uma das cartas diplomáticas que enviava ao seu rei; ele conjurava o soberano a denunciar-me ao Grand-Seigneur, como dizem os franceses, e a mandar me castigar por traição!

Roustem Paxá gargalhava de prazer. "Que covardes são os franceses, Enfanghi Bey. O nosso sultão, em resposta, quer conceder-vos mais honrarias; deseja ardentemente que cobreis as vossas dívidas, é ponto pacífico. É preciso humilhar o rei da França e abater sua tagarelice; é assim que ele vai pagar. Quereis saber o que vamos fazer? Já que o título de príncipe europeu não basta para fazer calar esse La Vigne, vamos dar-vos terras. Quais haveis de querer?"

De súbito, tive uma idéia. Uma idéia que havia de satisfazer Beatriz e que a tiraria daquela melancólica arrogância. Umas terras quaisquer? Não, quaisquer não, justamente.

A Palestina.

Expus com entusiasmo os projetos da Senhora; ela reconstruiria cidades, criaria escolas, reergueria as sinagogas... Roustem Paxá sorriu.

- Defendeis bem a vossa causa, Enfanghi Bey. Mas não me enganais; esse não é o vosso projeto. Pertence à Senhora. Ela tem razão - suspirou ele acariciando a curta barba -, pois os judeus são capazes de voltar a dar vida àquele país. E fareis mal se a não tomardes a sério. Lembrai-vos que o sultão Selim I, pai do Padixá, ele próprio aconselhou aos judeus que se instalassem na Palestina. Deveria falar antes da administração da região da Síria-Palestina, pois não ignorais esse pormenor, Enfanghi Bey... Por mim, não vejo objeção em doar-vos esses desertos estéreis onde apenas vivem rabinos exaltados e beduínos. Fazei-nos comércio, senhor Nasi!

Alguns dias mais tarde, Roustem Paxá me mandou chamar; o negócio estava concluído.

"O Padixá, na sua grande sabedoria, acrescenta outra coisa, Enfanghi Bey. A vós pessoalmente, outorga o monopólio do vinho no seu Império", sussurrou-me o grão-vizir apertando-me a mão maliciosamente.

No momento, tomei aquilo como um insulto: que representava o monopólio de um comércio proibido nos territórios do Império? Um segundo depois compreendi que ao nosso próprio império se acrescentaria um dia um precioso e considerável bem; uma vez sultão, Selim teria o poder de abolir a proibição paterna.

Mas como abordar a Senhora? Havia várias semanas que não falávamos a sós; cruzava com ela na sala grande, saudava-a chamando-lhe minha mãe, ela me dava a mão para beijar e retirava-a logo sem me olhar. Reuni minha coragem e fui ter com ela no quarto.

Essa aí que ainda está dormindo debaixo dos véus negros, lia, esse monte de ossos velhos que agora rangem, havia já criado o hábito de não deixar os amos. lia afeiçoara-se a Beatriz e precedia-a por todo lado, deslizando, descalça, para lhe preparar o caminho, trazendo-lhe almofadas, mantas, onde ela mesma se acorava graciosamente. Quem quisesse ver a Senhora tinha de amansar aquele novo Cérbero, e passar por cima das saias vermelhas da cigana. Uma ou duas vezes, eu agarrara a selvagem pela cintura e beijara-a no pescoço; ambas as vezes, ela havia dado um salto para trás e tirado da saia uma pequena faca bem aguçada.

Abri a porta de mansinho. Atravessada na entrada, lia, deitada em cima de uma pele, montava guarda; ao fundo do quarto, Beatriz estava sentada junto a um braseiro, diante de uma grande mesa, de costas para mim.

Ilia lançou-me um dos seus sorrisos de loba.

- Tu ver a ama, mas ela quer sozinha.

- Deixa-me passar, pretalhona, tenho de falar com ela - disse eu passando por cima dela como pude. - De um salto, ela estava em pé, e eu tinha um verdadeiro punhal apontado ao coração.

- Impossível, amo, ela diz não - disse-me ao ouvido. - Tu sair, tenho ordem. Tu principalmente. Cheio!

Afastei o ferrão e a vespa, e empurrei a cigana, que soltou um grito agudo e me mordeu a mão. Ouvei um rosnar feroz que vinha de um canto do quarto; o urso Babur aproximava-se bamboleante.

"Cheio, Babur, sai daqui!", gritou brutalmente a Senhora sem se mexer, e a besta abanou pesadamente a cabeça antes de se sentar. lia permanecia de pé, o punhal a faiscar na mão crispada. Eu não podia avançar. Beatriz alinhava o tarot mordiscando o seu halvah, e não levantou a cabeça.

- Boa noite, meu filho - atirou-me ela.

- Minha mãe, boa noite! Estais mais bem guardada do que as cadinas do harém, e a vossa cigana vale cem eunucos. Com efeito, mordeu-me até tirar sangue, e pouco faltou para a vossa besta-fera me atacar. Como está a Senhora?

Não obtive resposta.

- A Senhora ficará talvez feliz ao saber que o Padixá, que Alá o tenha em Sua santa guarda...

- A Casa de Deus - cortou ela friamente virando uma carta. - Mau sinal ou bom sinal, depende das outras cartas. Parai de falar a linguagem dos muçulmanos, meu filho.

- Que Alá o tenha em Sua santa guarda - retomei em voz forte. - O nosso sultão prepara-se para fazer dom de um pedaço da Palestina a Dona Gracia Nasi...

Nem um barulho se ouviu.

- A Senhora talvez não tenha ouvido? - disse eu inquieto.

- Ouvi, sim - respondeu-me numa voz sem timbre.

Ficamos em silêncio. Pousou o tarot. Eu não sabia o que fazer; conhecia-a bem demais para não adivinhar a emoção que de súbito invadira as nossas almas; mas ela tinha tanto orgulho que nem se mexia. Mais uma vez não resisti.

- Beatriz! Beatriz, por que é que não dizes nada quando te trago o teu reino? - gritei.

Precipitei-me para ela e sacudi-a com todas as minhas forças. lia acorreu em auxílio da ama e ergueu um braço que Beatriz deteve no ar.

- Está tudo bem, Ilajji, tudo bem. Podes sair.

De dentes cerrados, a cigana voltou a meter a arma no corpete. Depois segurou o animal pelo pescoço e ambos saíram do quarto. Beatriz voltou-se então para mim, com os olhos cheios de lágrimas.

- Josef, que sejas perdoado pelas tuas ausências e abandonos... Tinha jurado a mim mesma fazer-te pagar os maus modos que tens para com minha filha, tua esposa; não suporto ver-te cortejar um sultão, detesto esse título de príncipe que te enche de satisfação e de facilidades, mas me dás uma alegria tão grande, meu Josef!

Pegou-me nas mãos e puxou-me pelo pescoço.

- Mostra-me a ferida, Josef. Meu Deus, é verdade que ela te fez sangrar; está tudo cortado, aqui, e aqui também... Deixa-me ver.

Levando a minha mão ferida aos lábios, lambeu longamente o sangue. Desaparecera a áspera violência que nos punha face a face como duas cabras numa ponte estreita, de cabeça baixa e chifres enleados; o momento era de ternura, da língua dela na minha pele.

- Que vais tu fazer da nossa Palestina, minha Beatriz? - cochichei-lhe ao ouvido como se tivéssemos quinze anos. Mas de cabeça inclinada sobre o que fazia, dava-me beijinhos nos dedos, sem parar. Levantei-a à força.

- Deixa - sussurrei -, não é nada, vê, já não sangra. Deixa... Olha, as tuas mãos estão secas e enrugadas; a Palestina vai fazer-lhes bem. Essa pele e esses braços precisam de coisas suaves, vou lhes dar sol, terra... Que queres fazer da nossa Palestina?

- Reconstruiremos Tiberíades, Josef, vamos reerguer todas as ruínas e os rabinos de Safed hão de vir falar do Livro dos Esplendores na sinagoga reencontrada - murmurou Beatriz.

- Vamos estabelecer uma nova agência para o comércio dos vinhos - acrescentei embalando-a de mansinho.

- Plantaremos amoreiras, criaremos bichos-da-seda; hei de ter uma casa, branca e simples, onde irá habitar o grande Cordovero...

- Teremos vinhas novas cujas mudas eu mesmo vou escolher...

- Reuniremos os nossos irmãos, vamos ensiná-los a tecer, a fabricar peças, hei de construir um mercado coberto... Tu te instalarás lá, com Reyna...

O jogo cessou abruptamente. De novo na posse das minhas faculdades, larguei minha bem-amada.

- Eu não vou, Beatriz. Minha vida é na capital do Império e não vou permitir que dela me desapposes uma segunda vez! - gritei violentamente.

- Hás de ir - repetiu Beatriz, mais Senhora que nunca.

- Não! Aliás não sabemos nada do fabrico da seda; essas idéias são desprovidas de sentido!

- Pensas que vou deixar-te cultivar a tua bebedeira? Tu e o teu Selim têm o coração fermentado, Josef!

- E tu, pensas que não ouvi o nome desse louco do Cordovero? Do pouco que sei, esse ultrapassa todos os outros, e David Rubeni era uma criança comparado com esse inspirado! - Precisas de eunucos para te chamares Judite, não é?

Ela empalideceu, vi os seus punhos cerrados. Os meus também estavam. Por que precisávamos discutir sem cessar? Corri até a janela, abri-a e aspirei o ar gelado do inverno. A minha mão voltava a sangrar; o arranhão parecia profundo.

- Vem para junto de mim, minha Senhora - disse de súbito, calmo. - Já não temos quinze anos. Tu hás de ver os teus rabinos, e eu não vou plantar vinhas. As estrelas brilham como nunca, e dentre elas tu és a mais brilhante. Vem... •

Ela pôs-se ao meu lado, e retomou a minha mão, que beijou. Saímos para a varanda, quase a mesma de hoje; era uma varanda de madeira escura, como se fazia em Istambul. Das nossas bocas, escapavam, misturadas, duas nuvens de vapor que se fundiam no frio; a noite

tinha a limpidez imóvel dos céus de inverno, e o Corno de Ouro resplandecia numa tranquilidade incomum.

- Dir-se-ia que a cidade está morta - disse ela baixinho.

- A cidade tem frio, Beatriz. Escuta.

Ficamos assim muito tempo, juntos e atentos. Ouvimos a tosse dos pobres, abomináveis acessos de tosse que não paravam, um nunca acabar de suspiros; o passo seco dos cavalos dos janízaros que faziam a ronda, e os gritos esparsos das sentinelas; um marinheiro bêbado que cantava alto, bem junto ao palácio, e o choro das crianças. A fumaça saía das casas e desaparecia, engolida pela claridade azul que prendia Istambul na sua luz de gelo. Um cheiro gorduroso pairava vagamente por cima dos telhados. Beatriz aconchegou-se a mim; abri o gibão e escondi a minha Senhora.

- E vais para a Palestina, Josef? - disse uma voz abafada.

Não quis perturbar a paz de uma noite impassível. Não respondi e voltamos para dentro. No seu colarinho de renda, a minha mão havia deixado um longo rasto vermelho, e seu lábio estava sujo de sangue.

A morte súbita de Roustem Paxá quase pôs fim aos nossos sonhos. Chorei por aquele homem cora quem me entendia tão bem. Mas ao nomear como novo grão-vizir Ali Paxá, rapidamente apelidado de Ali, o Gordo, Solimão fizera a escolha que melhor nos servia. Eu conhecia Ali Paxá; menos astuto que o seu predecessor, obedecia cegamente ao amo. Roustem Paxá não mentira; as ordens que diziam respeito à Palestina tinham vindo de cima.

- Como tendes razão, Enfanghi Bey, em confiar no nosso senhor! - enfatizou Ali Paxá. - Ele não vos esqueceu; julgou, na sua generosidade, que nos devia ser concedida a porção da Palestina que costeia o lago de Tiberíades - continuou ele enxugando a testa. - Disseram ao nosso Padixá, Sombra de Alá na terra, que Alá o tenha em Sua santa guarda, que vossa tia, Sua Alteza a Senhora Nasi, folgaria muito em ter na sua possessão a cidade santa de Safed, cujos rabinos lhe são todos dedicados, não é verdade?

Este não era verdadeiramente perigoso; não se intrometeria em nos nossos projetos.

Beatriz começou os preparativos. Convocou arquitetos e mandou desenhar planos para zyeshiva e para a sinagoga; tive a surpresa de constatar que em matéria de bichos-da-seda, ela não havia se contentado com vagos projetos. Mercadores chineses começaram a frequentar a casa, e ela obrigou-me a aprender tudo sobre os preciosos casulos.

Fomos "às sericulturas em volta de Edirna. Eram precisos três dias para lá chegar, indo devagar; Beatriz recusou a liteira, e quis cavalgar a meu lado. Lembro-me que montava galhardamente apesar da idade, com a cabeça envolta numa espécie de turbante azul-escuro que a protegia do sol e lhe dava o aspecto de um mancebo enigmático. Também quis dormir ao ar livre, numa tenda confortável, com três almofadas servindo de cama; desde que achasse açúcar ao seu alcance, estava satisfeita. Ao alvorecer, encontrava-a de pé no campo, contemplando o nascer do sol por sobre as palmeiras e as casas secas, ao longe.

Chegamos. Mostraram-me, no campo, sobre as folhas luzidias de uma amoreira, uma lagarta branca e úmida: tive dificuldade em acreditar que a bela seda brilhante saía de um corpo tão minúsculo. Aprendi tudo sobre o estranho tecelão; como põe durante o tempo quente, quando muda e cresce, como emite a seda a partir das glândulas durante a digestão. Ouvi o barulho surdo que faziam as mandíbulas invisíveis mastigando as folhas das amoreiras, como o suavíssimo e interminável eco de um rebanho submerso.

Mostraram-me as vestes de seda arrancadas às lagartas: a veste sedosa, a veste diáfana, e o casulo derretido, horrível putrefação. Vi como ferviam os bichos... Aquela indústria fascinava Beatriz, e causava-me uma discreta repulsa que eu não manifestava.

Depois chegou o momento de recrutar os nossos futuros colonos. Não foi difícil convencer os últimos dos nossos irmãos a terem chegado à cidade; mas os outros resmungaram. A Palestina? Era um deserto longínquo. A terra dos nossos antepassados? Talvez até fosse sacrilégio querer instalar-se lá antes da chegada do Messias; e a Senhora, quem pensava ela que era, essa mulher que queria governar Israel?

Beatriz não se incomodava; pensava nos nossos irmãos ameaçados na Europa. Quis fazer saber àqueles que haviam escolhido, porque quiseram correr o risco, permanecer na Itália que tinham doravante uma terra, uma pátria; mandou imprimir um manifesto que os nossos agentes distribuíram por todas as partes onde era possível, particularmente nos Estados do Papa, onde a situação não melhorara muito.

Um dia, grande vitória, soubemos que a aldeia de Cori, na Itália, havia coletivamente decidido ir para Tiberíades; Beatriz lutou para lhes obter uma autorização de saída. Seguimos de longe a progressão daquele êxodo, as longas conversações dos delegados deles com os principados e os Estados, o difícil encaminhamento até às galeças da nossa frota, que os esperavam em Pesaro, e cujas velas arriadas permaneciam, inúteis, no porto...

Nem toda aquela pobre gente pôde sair; apenas um punhado deles conseguiu escapar. Foi um rude golpe; julguei que Beatriz ia abandonar tudo; mas, por sorte, os primeiros colonos já haviam partido, e construía suas casas. Havia sido decidido que Beatriz e eu nos juntaríamos a eles mal as paredes da sinagoga começassem a ser erguidas.

Seria preciso um ano ou mais. Beatriz não voltara a fechar-se no quarto, trabalhava todo o dia na comprida mesa da sala de baixo, e o palácio fervilhava de visitantes. Emagreceu, voltou a ser leve e a ter os cabelos brilhantes; Ha deixou de montar guarda diante da porta do seu quarto, e retomou a dança em companhia do urso. Foi também por essa época que a cigana ficou menos arisca; consegui amaciá-la, dando-lhe de tempos em tempos um beijo no pescoço sem que ela tirasse logo o pequeno punhal; uma noite, acabei por me enfiar, naturalmente, em sua cama. Olha... Ei-la que suspira mesmo dormindo; dir-se-ia que me ouve, pobre velha. Dorme, lia, dorme, ninguém lhe fará mal nenhum.

O primo Samuel tornara-se um perfeito intendente, e velava, com Reyna, pelo bom funcionamento da casa. Os preparativos da Palestina faziam reviver o palácio Nasi, e mesmo Reyna se arrumava um pouco melhor; para meu grande espanto, vi aparecerem colares em seu pescoço, ela que se recusava a usá-los, e até pingentes nas orelhas.

No meio desse entusiasmo, Beatriz tomou a decisão de mandar vir o ataúde onde o corpo do seu esposo havia sido enterrado em Lisboa. "Compreende, Josef", dizia exaltada, "o coração dele se entedia sozinho na Palestina. Cumpri uma parte da promessa que lhe fizera; só uma parte. Nem ele nem eu estaremos verdadeiramente descansados enquanto todo o seu corpo não for piedosamente sepultado. Temos diante de nós um ano; e depois, já decidi, é quanto basta".

Oh, ela não falava disso com tristeza; estávamos longe dos arrebatamentos macabros que se seguiram à nossa partida de Lisboa. Não, não estava fúnebre; alimentava uma preocupação quase doméstica. Era preciso que tudo estivesse em ordem e pronto. E enquanto os colonos judeus abriam as fundações da sinagoga de Tiberíades, um barco atravessou o Mediterrâneo, passou pelo estreito de Tânger e aportou em Lisboa, onde, clandestinamente, coveiros generosamente pagos desenterraram o caixão carunchoso do infeliz Francisco.

Depois, os colonos ergueram as paredes da sinagoga e o barco regressou ao porto de Istambul. Havia colocado o ataúde numa espécie de grande caixa de madeira de sândalo, e eu estava ao lado de Beatriz quando a descarregaram. Toda a casa Nasi viera acolher o defunto marido da Senhora; o grão-vizir Ali Paxá, à frente de uma companhia de janízaros, havia se deslocado para a circunstância.

O pesado baú desceu lentamente, guiado pelos gritos dos carregadores, ao longo de grossos cabos, e imobilizou-se por fim no cais, no meio dos marinheiros silenciosos. Beatriz pousou docemente a mão na madeira em sinal de boas-vindas, e olhou-me com um ar que não entendi. Havia quase contentamento, uma espécie de misteriosa malícia, qualquer coisa de alegre e infantil que eu não esperava.

- Eis-nos enfim reunidos, Josef - disse em voz baixa. - Quero dizer... todos reunidos. Tinha necessidade dele para ser livre.

- O que é que estás dizendo? - foi a minha vez de sussurrar.

- Estão a olhar para nós, Josef, hei de explicar-te um dia. Mais tarde. Deixa-me cumprir os meus deveres.

E inclinou-se sobre o baú para beijá-lo solenemente. Instalaram-se no vestíbulo do palácio, e Beatriz nomeou a cigana e o urso para o guardarem. Só faltava esperar o fim da construção em Tiberíades. Desde a morte de Roustem Paxá pouco me tinha ocupado do Império; Ali, o Gordo, que no entanto tudo sabia, não parecia ter conhecimento das missões secretas que me haviam sido confiadas por Roustem Paxá. Não me solicitou; nem ele, nem o meu príncipe Selim, que se aborrecia de tanto esperar em Magnésia. Nada mais tinha a fazer senão seguir a Senhora.

Beatriz deixou-se facilmente convencer a deixar Reyna em Istambul; persuadi-me de que também ela não desejava aquela triste presença.

- Tens razão, Josef. Encarregaremos o primo Samuel de velar pela saúde da nossa Reyna. Não é melhor assim? - dizia ela com um sorriso que eu achava adorável.

Não era estranho, Caraffa? Tanto um como o outro já estávamos nos cinquenta, e portávamo-nos como velhos jovens...

Embarcamos na primavera. Quando vi Beatriz na proa do barco, o meu coração estremeceu. Não navegávamos juntos havia quanto tempo? Desde a partida de Lisboa, eu havia com frequência andado no mar, mas sempre sem ela. Por seu lado, ela navegara, quando partiu para a Palestina, mas estava só. Pela primeira vez, revia-a na coberta de uma nau, como nos tempos do desespero e da mocidade: de pé, ereta, virada para o horizonte, silhueta inalterada, o queixo voluntarioso e os olhos cravados no céu. Diante dela, preso por ganchos, o esqueleto de Francisco vogava em direção à sua última morada.

A travessia foi calma. Navegamos ao longo das costas da Ásia e, quando parávamos, víamos numerosos vestígios daqueles templos antigos que sempre me mergulhavam num enlevo no qual Beatriz não tomava parte. Lembro-me que uma tarde, ao crepúsculo, levei-a a um anfiteatro do qual apenas restavam ruínas soterradas; sentou-se num degrau mais ou menos intacto. As cabras comiam a erva ao pé das colunas derrubadas; e um pastor tocava uma flauta de Pã como se os séculos, de súbito, se tivessem apagado. Como em Pesto, eu admirava a serenidade da Grécia desaparecida.

- Não parece Isaac pastoreando os rebanhos de seu pai ou Davi antes de ser rei? - disse bruscamente Beatriz falando do pastor.

As costas da Palestina apareceram, afogadas numa bruma azul; Beatriz, ao desembarcar, correu para a areia, beijou o solo de Jafa e ofereceu um punhado de terra ao nosso Deus.

- A Sbekbina, Josef, a Shekhina...

Para chegar até Tiberíades era preciso cavalgar de novo; de novo guiei um cortejo cuja rainha invisível era Beatriz, sentada na sua liteira; atrás dela, oito mulas puxavam o baú de sândalo firmemente preso a um carro. Mas a Palestina é pequena, e pouco tempo tive para

aspirar o perfume das estevas e dos ciprestes; mal avistei os beduínos que apareciam de súbito atrás de uma colina, imóveis e mudos. Estávamos quase na primavera; o sol, que brilhava nas costas asiáticas, não conseguia romper o cinzento céu da Palestina; mas a cevada crescia vigorosa, e as oliveiras coroavam-se de tufos claros. Por fim, as muralhas da cidade apareceram, as guardas de janízaros e a claridade do lago.

Tiberíades estava em mau estado. Os nossos colonos esforçavam-se por reerguer seus muros em ruínas. No caminho havíamos visto homens transportar pedras, outros que misturavam terra e palha para construir casas de adobe; cheiravam a lama e a suor, um odor tenaz. Ao longe, passavam carneiros; não se viam os pastores. Era o nosso país e tudo estava por fazer.

Como em Ragusa e como em Salônica, os nossos irmãos haviam preparado um cortejo; agitavam palmas, atiravam as primeiras flores da estação, coroas de anêmonas e de ciclamens, e como sempre gritavam: "Viva a Senhora! Viva a nova Ester!". Mas os gritos eram graves; encontrávamo-nos na Palestina, e o pobre cortejo não tinha nem a opulência nem o júbilo dos louros de Salônica; estávamos na Terra Santa, ela nos fora devolvida.

Dormimos na mais bela casa de Tiberíades, no chão de terra batida, mas isso pouco importava. A nova sinagoga não estava completamente acabada; mas isso não tinha importância. Os rabinos reunidos descobriram solenemente as Toras na presença da Senhora, que, de cabeça cuidadosamente envolta em véus, usava agora sempre uma singela túnica de linho branco. ,J'

Para proceder à inumação do corpo de Francisco, era preciso transportá-lo ao sul da Palestina, onde já estava o coração, enterrado no Vale de Josafat. Esperava partir para o sul. Mas quando as cerimônias terminaram, Beatriz olhou para longe, para trás da linha azul das colinas. Safed.

- Ocupa-te das plantações, Josef, e não te preocupes comigo. Não me verás durante alguns dias - disse-me. - Não me vás encontrar em Safed, peço-te. .! •-

A Senhora falara. O tom não admitia réplica. Desapareceu. Dediquei-me, pois, a mandar lavrar as terras onde se iam plantar as amoreiras trazidas nos porões do barco. Colocaram-se as plantas; comecei a construção do grande edifício onde os bichos poderiam devorar em paz as folhas luzidias; só pensava na seda, e Beatriz não voltava de Safed.

Ao cabo de três semanas, ainda não estava lá. Os primeiros casulos não tardariam. Não agüentei mais, e fui buscá-la. Apresentei-me na casa do grande Cordovero, mestre incontestado dos rabinos de Safed, que me recebeu com amizade.

- Seria para mim uma grande honra acolher em minha casa uma tão grande dama - disse-me o velho -, mas sabei, meu irmão, que a Senhora de todos nós segue os ensinamentos de alguém maior que eu. Encontra-la-eis, ainda por alguns dias, em casa do meu discípulo, rabi Isaac Louria, que, justamente, não fica longe. Meu aluno rabi Isaac é moço, decerto, mas reconheço nele um mestre incomparável, e inclino-me diante da vontade do Senhor. Ide visitá-lo, vereis com os vossos próprios olhos.

Assim, pois, ela havia encontrado um novo mago! Entrei na casa de rabi Louria, e no pátio, sentado sob uma grande oliveira, avistei pela primeira vez o homem que eu ainda não sabia que me havia roubado Beatriz.

Ela estava sentada aos pés dele. Aos pés dele, Caraffa, estás ouvindo!

De uma mocidade extrema, dezoito anos talvez, não mais, rabi Louria tinha mesmo o ar de um profeta, com aquela barba emaranhada e aquele corpo descarnado. De olhos fechados, as mãos pousadas nos joelhos, vestido com uma camisa de linho branco que lhe

deixava o peito desnudo, nada dizia. Beatriz voltou-se, viu-me, e o rabi descerrou os olhos lentamente.

Que incêndio! Era como se me tivesse atirado brasas aos olhos. Beatriz levantou-se.

- Josef, eis o mestre de todos nós. Ele sabe quem és. Contempla o rabi Isaac: fala a língua dos animais, pode domesticar as serpentes, pode fazer cessar os batimentos do seu coração, sabe tudo do universo... É profeta de Israel, Josef, prosterna-te!

O jovem rabi sorria, imóvel. Balbuciei um cumprimento de circunstância e o olhar dele ficou triste, quase doloroso. Permanecemos assim, no maior silêncio; sentara-me e não sabia de que estávamos à espera. Beatriz olhava o rabi e o rabi olhava o vazio. Ao fim de algum tempo, as pernas incomodaram-me e mudei de posição; Beatriz lançou-me um olhar de lado. Depois tossi nervosamente, tomado de angústia e de enfado. Nada se passava. Por fim vi, com alívio, chegarem alguns discípulos que tocaram os pés do rabi antes de se prosternarem diante dele, e que, por sua vez, se sentaram. A espera continuou; simplesmente éramos mais numerosos e os meus joelhos estalavam com mais frequência. Exasperado, acabei por me levantar; Beatriz agarrou-me a perna e fez-me sinal para me sentar de novo.

- O mestre vai falar, Josef. Quero que o ouças.

Com efeito, falou finalmente, numa voz pausada e aguda. Devo confessar que não entendi grande coisa, Caraffa. Em tudo o que ouvia distinguia apenas delírio puro. Tanto quanto me lembro, começou-se pelo Adão primordial; antes de o animar, quando o pai da humanidade não passava de um gigante inerte, Deus deu-lhe a visão de todos os justos seus descendentes, e os mostrou pendurados na cabeça dele, nos cabelos, nos olhos, na boca, no nariz e nos braços. Então Deus deu vida à grande alma de Adão, cujo corpo era feito de luz. Até à queda de Adão corria tudo bem entre a alma primeira e os cinco mundos que dela derivavam; depois, a harmonia quebrou-se, e as melhores almas luminosas, aquelas que o rabi chamava almas supremas, regressaram à origem. Todas as outras, centelhas de almas dispersas, caíram nas películas exteriores dos quelippot, impuras e materiais.

Aqui está mais ou menos o discurso de rabi Isaac, que durou muito tempo e muito me enfatiou. Prestei verdadeiramente atenção apenas quando o rabi evocou a Shekhina. Era uma das palavras favoritas da Senhora, e nem Dona Benvenida nem rabi Soncino me haviam conseguido explicá-la. Não! Certa vez, talvez... Rabi Soncino tinha me dito que a Shekhina representava o caminho do exílio, que era como a mulher para o homem, o seu porvir e a sua rota, e eu pensara em Beatriz. Mas eram daqueles pensamentos fugazes, que logo se vão e não explicam nada. O rabi de Safed foi pouco mais explícito. A alta figura da presença divina em Israel, dizia ele, foi arrastada pela queda de Adão para as duras terras da desgraça e do desterro, levando às atribulações do nosso povo, e era por isso que estávamos naquele pardieiro a ouvir um moço que contava, cuidadosamente, as centelhas divinas, as seiscentas mil cinzas do corpo de Adão e os seiscentos e treze membros que se reencarnam através do Gilgul.

De todo aquele sermão fixei principalmente que, segundo o rabi, Beatriz fora consagrada, centelha privilegiada, reencarnação longínqua de Judite e de Ester; pelo menos isso era claro. Começava a bocejar quando o rabi Isaac pronunciou uma palavra que me fez estremecer: Tsimtsum.

A palavra misteriosa que Beatriz havia pronunciado no barco de Lisboa, e que repetia nos momentos mais graves. Tsimtsum, a contração de Deus, a apresentação da desordem e do mal, o começo das perturbações do mundo... Tsimtsum, a desventura do universo e o seu desamparo. Era então aquilo que ela havia querido dizer quando saíamos de Lisboa? Era o frêmito inicial da nossa longa viagem, o germe do exílio dos Nasi? Ou será que me mostrava uma outra desventura, inultrapassável e indizível, e que não se aplicava a nós dois?

Arrepiei-me. Nesse instante Beatriz deixou de fitar o mestre e lançou-me um longo olhar luminoso.

- Haberim, companheiros - disse o rabi. - Chegou o momento do nosso repasto de silvas e ervas amargas.

Levantamo-nos, sacudimo-nos, e eu desentorpecí penosamente as minhas pobres pernas. Depois fizeram circular umas vasilhas onde boiava um caldo escuro com que Beatriz se deleitou; não posso negar que houvesse grandeza na simplicidade dos gestos, mas não havia dúvida nenhuma de que aquele rabi era tão louco como os precedentes mestres da Senhora. Tratei de reagir; era preciso levá-la de volta a Tiberíades. Para quebrar o encanto de Beatriz, anunciei-lhe que os primeiros casulos iam formar-se; fez que não com a cabeça obstinadamente. Já esperava; guardara uma arma secreta.

- Beatriz, no santo vale, o túmulo espera o corpo de Francisco, teu esposo...! - sussurrei-lhe de mansinho.

Com um ar de censura, seguiu-me sem protestar; havia ganho uma primeira batalha.

Regressamos lentamente a Tiberíades; consegui levar a minha irmã querida até debaixo do grande teto onde os bichos teciam os casulos. Com as mãos mergulhei a bola branca e viva na água fervente, retirei o cadáver do bicho e desenrolei suavemente o fio milagroso.

- Tsimtsum - disse Beatriz tranqüilamente. - E preciso que Deus estremeça para que a seda nasça... Josef - acrescentou bruscamente -, quando chegar o momento hás de deixar-me morrer, não? Tu és aquele que desenredou o casulo da minha vida, és tu quem deve deixar a seda terminar o seu percurso...

Que estranha criatura! Eu via apenas um casulo rasgado, por que me falava ela da morte? Estava cego e surdo, Caraffa. Eu era também aquele que não podia compreender. Perdi o gosto pelo que fazia e deixei cair o bicho escaldado.

Logo no dia seguinte, preparei o féretro para partirmos em direção ao vale fúnebre.

As mulas e a liteira iniciaram o périplo. Estava calor; lentamente, o baú de sândalo subiu até Jerusalém. Em breve avistávamos os grandes muros cinzentos e retos da Cidade Santa, e atravessamos o leito do Cédron, onde corria ainda uma espécie de riacho. Por toda parte, desabamentos, ruínas, blocos caídos e, por entre as pedras, infinitos tufos de lírios; estávamos chegando ao vale dos mortos.

A sepultura de Francisco Mendes estava aberta, no meio das milhares de sepulturas daquele cemitério desolado. Beatriz quis rever o cofre que a havia acompanhado no exílio; entregaram-lhe, coberto de terra e de putrefação. Enquanto baixavam a caixa de sândalo à terra, com mil precauções, a Senhora esfregou o cofre com uma ponta do véu, depois apertou-o contra si num gesto familiar.

Posso vê-la, segurando naquelas velhas mãos o coração do esposo, prestes a depositá-lo na terra... E vejo-a de novo retroceder. Não teve a coragem que jurara a si mesma.

"Não sou capaz, Josef, não sou capaz!", balbuciou soluçando. "Já não tenho forças para me separar dele..."

E perante o assombro dos rabis reunidos, a Senhora fugiu com o cofre onde dormia o coração que ela havia arrancado.

Restava-nos chorar no Muro Ocidental. No meio de uma corte de rabinos, a Senhora pousou as mãos nas pedras de Salomão, e tomou parte nas litânias rituais.

"Por causa do palácio devastado", entoou o primeiro rabi...

- Estamos sentados solitários e choramos - respondeu a voz grave de Beatriz.

- Por causa do templo destruído...
- Estamos sentados solitários e choramos.
- Por causa da nossa majestade passada...
- Estamos sentados solitários e choramos...

Pouco a pouco, outras vozes secundaram as da Senhora, e pela primeira vez me senti comovido. Pertencia ao nosso povo, eu, o príncipe europeu; estava dividido entre dois mundos, o do exílio e o do poder; Beatriz puxava-me para um lado, e o Império Otomano, para o outro. E ainda assim estou, bufão...

Quando tudo terminou, Beatriz, para espanto dos rabis, entoou sozinha um cântico desconhecido: "Sião, coroa da beleza, lembra-te do terno amor dos teus, a quem a tua ventura transportava de júbilo e a quem as tuas desventuras mergulharam no luto; do fundo do exílio, eles abrem para ti os corações e quando rezam inclinam-se para as tuas portas. Os teus rebanhos dispersos nas montanhas não esqueceram a pátria querida; sentem-se ainda levados até às tuas alturas, sob a sombra das tuas palmeiras...".

Depois beijou as pedras sagradas e partiu rapidamente.

- Vossa venerada tia é extraordinária - insinuou um rabi pegando-me pelo cotovelo. - Como é que ela sabe a elegia de rabi Iedhouda Halevi? Poucos dos nossos judeus a conhecem, mesmo os que nasceram na Espanha, de onde ele também era. Mas a Senhora!

De fato como é que ela a sabia? Quando estava na liteira, perguntei-lhe.

- Muitas vezes zombaste de Dona Benvenida, não foi? Ela ensinou-me tudo. Não compreendeste nada; mas muitas vezes, Josef, tu nada compreendes - disse ela acariciando-me a face. E continuou: "No teu vinho, Sião, aspirarei o sopro da vida; no teu pó, o perfume da mirra; na água dos teus rios, hei de saborear o mel...".

- Pelo menos o teu rabino espanhol dos tempos antigos celebrava o vinho, Beatriz! - disse-lhe eu numa gargalhada.

Entristeceu-se, e fechou as portinholas da liteira.

Enterrado Francisco, construída a sinagoga, instaladas as sericiculturas e realizadas as lamentações, havíamos cumprido todos os nossos deveres; a nova comunidade de Tíberíades podia passar sem nós.

Contudo, os colonos inquietavam-se. Aparecera um velho xeque, rodeado de beduínos armados, e todos os dias proferia ameaças contra os nossos irmãos; havia às vezes ataques noturnos, muitas vezes rapinas, todos os dias uma querela. Beatriz quis encontrar-se com o velho, e decidiu velar o rosto para não lhe desagradar.

Após vários dias de busca, nós o encontramos fumando houkha numa vasta tenda de pano preto, enfeitada de bandeirolas coloridas. O xeque nos viu chegar, e permaneceu perfeitamente imóvel quando depusemos aos seus pés peças de seda, baixelas e um pequeno cofre com moedas de ouro.

- Saíam Aleikum - disse ele levando a mão à testa, aos lábios e ao coração. - Saúdo a Senhora dos judeus e o príncipe europeu, que roubam as terras dos beduínos sem se preocuparem. E aviso: façam o que fizerem, este país voltará a ser dos árabes. Sou muito paciente; não vos tenho ódio. Simplesmente, tendes de partir; não estais na vossa terra.

Um gesto nervoso de Beatriz fez erguer-se o véu azul; vi que ela se irritava, e expliquei ao ancião que não tínhamos no mundo nenhuma terra que nos pertencesse mais do que aquela, onde estavam também os beduínos. E se, em Istambul, os turcos viviam ao lado

dos cristãos e dos judeus, não poderia ele admitir que vivessem juntos, e em paz, os beduínos com seus rebanhos e as amoreiras dos colonos judeus?

O velho xeque sorriu sem malícia.

- Não será assim. O deserto é nosso. Vós não o amareis e ele há de vingar-se. Ela - acrescentou apontando Beatriz com um movimento do queixo -, ela talvez possa morrer aqui. Mas vós, com certeza, não.

Depois retirou-se para a tenda, que fechou com um gesto brusco.

Aos nossos colonos, Beatriz pregou a paciência; quanto a mim, verifiquei suas armas. Os beduínos não eram muito numerosos, e o xeque era velho - a situação não me pareceu perigosa; um pouco de bondade bastava para organizar a coexistência.

Antes de partir, Beatriz escolheu um pomar perto do qual decidiu mandar construir a sua casa.

"Branca, simples, Josef... Estou farta desse luxo em que temos vivido. Serei a serva de Deus e do seu profeta, rabi Isaac."

Anunciou a todos que em breve voltaria. As despedidas da Senhora ao rabi Louria tiveram lugar a sós; durante quatro intermináveis horas, esperei numa angústia extrema: e se ela decidisse ficar? Mas não; saiu da casa, silenciosa; havia ganho uma segunda vez.

Depois fizemos de novo o caminho até Jafa. Os arbustos pareciam secos; a areia voava por todo lado, e o sebo dos carneiros empestava o ar. Ao crepúsculo, os beduínos prosternavam-se sobre um tapete em frente das tendas, virados para Meca. A nossa Palestina permanecia dividida.

Beatriz e eu não deixávamos a mesma Tiberíades. A que eu abandonava para sempre era uma cidade nova, onde os colonos construíam o futuro do nosso povo; Beatriz separava-se, contrariada, de uma cidade celeste, onde se falava às serpentes a língua da redenção. A nossa estada havia durado cerca de quatro meses; mas a garantia da colônia judaica de Tiberíades chamava-se, por muito tempo ainda, Istambul, capital do Império Otomano.

Os meus agentes esperavam-me. Istambul fervilhava de rumores sobre a guerra, que repercutiam até o Ocidente. O Grande Senhor estava prestes a atacar. Na Espanha, na corte do rei Filipe, assim como no Vaticano, a grande questão girava em torno de uma eventual arremetida da armada otomana. Iria ou não arremeter? Murmurava-se que o famoso duque de Medina-Celi havia aconselhado ao rei da Espanha que se tornasse Senhor dei Mar. Senhor do Mar, ele, o Espanhol!

A idéia fez rir Piali Paxá, a quem a fui contar.

- Não nos inquietemos, Enfanghi Bey - disse num riso aberto. - Eles constroem navios grandes como catedrais, tão pesados que as nossas galeras os esmagam num abrir e fechar de olhos. Nós somos rápidos, Enfanghi Bey; jamais nos apanharão.

No entanto, eu dizia para mim mesmo que a armada de Cristóvão Colombo, por mais pesada que fosse, havia conquistado novos mundos. Mas o universo otomano era feito do Mediterrâneo e de desertos; os turcos não conseguiam imaginar nem o oceano, nem as inovações técnicas que ele impunha aos construtores navais. O principal esforço deles concentrava-se nas galeras; o futuro mostrou que estavam enganados.

A Sereníssima, por ora, não se mexia. Piali Paxá, oculto à beira do Corno de Ouro, esperava o seu dia. Uma atividade frenética agitava o arsenal de Istambul; Piali Paxá confiou-me, com um ar de malicioso contentamento, que estavam construindo cento e cinquenta

galeras, dez galeaças, vinte naus redondas... Onde se dana a "surtida" otomana dessa vez? O grande almirante recusou-se a me dizer.

- Também vós tereis uma surpresa, Enfanghi Bey. Mas haveis de ver; vai ser mesmo no coração do Infiel, numa praça forte da Cristandade - disse ele misteriosamente.

Estávamos em 1565. Piali Paxá arremeteu sobre Malta, onde os cavaleiros da Ordem se defenderam passo a passo esperando o auxílio espanhol; foi uma batalha furiosa. O grande almirante atacou em maio; os espanhóis só chegaram em setembro, mas os sitiados não haviam desistido e as tropas otomanas, esgotadas, tiveram de abandonar a presa. O Otomano sofrera uma séria derrota.

Foi um momento difícil. Os gregos de Gaiata, cuja fé cristã era objeto de censuras, não mais ousavam sair de suas casas: assim que os viam, atiravam-lhes pedras. Recomendei às nossas criadas que usassem a cor violeta dos judeus de Istambul, para evitar qualquer confusão, e eu próprio optei pelo comprido balandrau dos nossos irmãos, que não me ficava bem e no qual tropeçava. Ah, o Gordo, experimentou um despeito tal pelo revés sofrido pelos seus exércitos que morreu de apoplexia, e foi então que aquele que seria o meu pior inimigo se tornou o novo grão-vizir.

Não imaginava que um dia, entre Mehemet Sokolli e mim, surgiria qualquer inimizade. Admirava aquele homem alto e seco, de semblante atormentado e sério. Sokolli nascera na Bósnia; tinha por única paixão o Império, ao qual havia votado a sua inteligência arguta. Enquanto o Magnífico viveu, mostrou-se cordial, mas não me confiou nenhum dos segredos dos negócios; cortês, respeitava o protegido do sultão, mas eu o sentia reservado. Numerosos janízaros conservaram das suas origens cristãs um ódio ao judeu que se encontra, intacto, na lei islâmica. Como Roustem Paxá, Sokolli havia, justamente, tido uma infância cristã; depois, também ele apanhado numa razia, tornara-se muçulmano e janízaro; por fim, havia igualmente desposado uma das filhas do sultão, Esmahan. Como Roustem Paxá, havia decorado suntuosamente a sua residência, e dizia-se até que um pintor veneziano realizara, numa das paredes, um afresco que representava homens com rostos, apesar da proibição do Corão. O entendimento parecia possível. Mas o seu caráter rígido e arisco, desde sempre, não me facilitava a tarefa.

O novo grão-vizir, como bom guerreiro, preparou a desforra do Império contra o Ocidente.

Mas o sultão Solimão estava muito velho. É certo que a sua presença podia inflamar os janízaros que ele havia já conduzido até às portas de Viena, com bravura - mas em vão. Iriam correr o risco de recomeçar a aventura? Iria Sokolli até Viena?

Eu já nada sabia do que se tramava em Topkapi. Piali Paxá, inativo, jurava-me que desta vez o ataque não se faria por mar. Aproveitei a aparente calma militar, e os longos preparativos de Mehemet Sokolli, para relançar o assunto das dívidas francesas: em breve o sultão teria necessidade de dinheiro, o momento parecia bem escolhido para ele ter vontade de me ajudar a cobrá-las.

O novo grão-vizir compreendeu, acedeu ao meu pedido, e escolheu um dignitário do Império para se dirigir à França, em embaixada, para recuperar o dinheiro das nossas letras de crédito. Hadji Mourad Bey possuía todas as qualidades requeridas para seduzir o jovem rei e sua temível mãe Catarina de Médicis, então regente do reino após o desaparecimento do marido, mortalmente ferido no decurso de um torneio. Grande retórico, elegante, animado

daquela delicada cortesia otomana que faz parecerem rudes os mais requintados fidalgos franceses, Hadji Mourad embarcou com suntuosos presentes, taças de jade e rubis, adagas ornadas de fios de ouro, cofres de jaspe, para penas, incrustados de esmeraldas, e brocados floridos para a rainha. Com tal embaixador os meus negócios estavam bem encaminhados.

Mas quando o vi partir, meu coração apertou. Hadji Mourad Bey ia rever os céus da Europa, faria escala em Veneza... Não sei bem o que me aconteceu. Fui tomado de uma fantasia, comparável aos anelos místicos de Beatriz. Talvez tenhamos ambos, afinal, o mesmo sangue doido que nos leva a atos atormentados... Tão forte era em mim a saudade de Veneza que pedi, ao bailio que representava a Sereníssima, um salvo-conduto para acompanhar nosso embaixador. Extravagância pura; continuava condenado à morte; mas não disse nada a ninguém, nem sobre a condenação, nem sobre o pedido.

Tornar a ver os canais adormecidos, ouvir o marulhar das ondas contra o flanco das gôndolas, aspirar a brisa salgada do amanhecer, ver passar as mulheres de seios desnudos... Já não podia suportar os minaretes, os muezins, os pores-do-sol no Corno de Ouro, eternamente sublimes; já não podia suportar as mulheres veladas, a minha esposa e os amores servis. Eu sufocava, e ainda era moço! Que são cinquenta anos para um Josef Nasi?

O bailio recusou-me o salvo-conduto com modos encantadores; devia compreender que mesmo um poderoso príncipe da Sublime Porta não escapava ao fato de uma condenação à morte que não havia sido retirada... Seus olhos não mentiam; eu jamais tornaria a ver Veneza. Então um violento ódio contra a Sereníssima invadiu-me a alma.

Sokolli soube do meu desvario e fechou a cara; foi por essa época que, negligentemente, ele se deu ao cuidado de me explicar que o seu nome, Sokolli, significava "ninho de águia". E de acrescentar: "Não vos julgueis insubstituíveis, nem a Senhora nem vós, Enfanghi Bey. Conheço um Michel Cantacuzéne que, sem ser judeu, possui também uma imensa fortuna que nos será muito útil".

Cerrei os dentes. Sokolli não gostava dos judeus. Como por acaso, espalhou-se nessa época uma lenda que correu a cidade inteira. Não se sabia onde tinha surgido; uma manhã, em volta de uma fonte, um aguadeiro havia-a contado a uma comadre; uma das matronas judias da comunidade, que estava por ali e se pusera à escuta, tinha em seguida espalhado-a entre nós.

O grão-vizir teria escavado um túnel até debaixo do quarto do sultão; depois, teria esperado pela noite e, quando o sultão estava quase adormecido, ter-ia, com voz cavernosa, sussurrado todas as noites ao seu ouvido estas palavras: "Eu, o profeta Maomé, venho em nome de Deus ordenar-te que, num prazo de três dias, massacres todos os judeus do teu reino e confisques todas as suas riquezas".

Durante várias noites, o grão-vizir teria falado ao sultão através do túnel. Espantado com aquelas vozes noturnas, Solimão teria mandado chamar o médico, o então bem velho Mosche Hamon, para se assegurar de que não sofria de alucinações. Mas, ao ouvir a voz, aterrorizado, Mosche teria fugido para o campo. No caminho, teria cruzado com um majestoso ancião que, impedindo-o de continuar, lhe teria dito: "Onde vais tu, médico? Vem comigo e tornemos ao Serralho". Era, concluía a lenda, o profeta Elias em carne e osso que teria contado ao Padixá a artimanha do grão-vizir, e feito abortar as intrigas dele...

Os nossos irmãos ficaram encantados com essa história que, naturalmente, acabou por chegar aos ouvidos de Sokolli. Em resposta, o grão-vizir acumulou Michel Cantacuzéne de riquezas e honrarias.

Beatriz encolhia os ombros, indiferente; o seu espírito estava ainda na Palestina e as mãos numa caixa de doces. Eu, por meu lado, começava a inquietar-me. Aquele Sokolli podia escorraçar-nos de Istambul e pôr em perigo os nossos negócios. Era mais que tempo que Selim subisse, enfim, ao trono.

Estávamos assim quando o encantador Hadji Mourad Bey voltou da França depois de um longo ano de ausência, durante o qual não havia dado nenhuma notícia. Logo após ter ido apresentar cumprimentos ao Serralho, convidei-o ao palácio Nasi para nos contar a viagem. Estivera com o rei?

"O rei da França, a bem dizer... A rainha mãe Catarina, isso sim!" Qual fora o resultado da embaixada? Hadji Mourad Bey ergueu os braços ao céu.

- E que não sei de todo, Enfanghi Beyl Primeiro é preciso considerar todo o caminho que tive de percorrer até conseguir chegar à corte da França... Não sabia que os reis daquele país nutriam uma tal inclinação pelas deambulações!

O infeliz havia desembarcado em Marselha no preciso momento em que a rainha mãe, procurando reforçar o poder do filho, havia preparado em Bayonne uma entrevista solene entre as duas famílias da França e da Espanha. Quando lhe chegou a notícia de que um embaixador da Sublime Porta procurava encontrar-se com o rei, a regente Catarina afligiu-se muito; as dívidas a reembolsar preocupavam a realza francesa, e a chegada de um emissário otomano perturbava as negociações em curso, pois o Espanhol não gostava do Turco. A regente atarefou-se para dissimular a presença de Hadji Mourad Bey no reino da França, e procedeu de modo a nunca levá-lo à presença do jovem rei.

Assim, fizeram-no ir a Narbonne, depois a Toulouse, onde foi recebido com tantas deferências que ele acabou por perceber que procuravam retê-lo ali; por fim, achou-se em Bordéus, onde julgou que apanhara a real presa. Qual o quê! O rei estava já em Dax, aonde ocorreu Hadji Mourad Bey... em vão; o rei percorria Bayonne com sua irmã Elisabeth, a Reyna de Ia Paz, a desventurada esposa do rei Filipe, sacrificada nos altares da paz por razões de Estado.

- Mas, enfim, vós vistes o rei? - impacientou-se a Senhora.

- Ver, vi sim, minha senhora, de longe, um moço muito amável... Mas principalmente assisti a festas eqüestres dadas em minha honra. A regente, com quem conversei longamente, mostrou-se extremamente atenciosa, falando-me abundantemente de tudo e de nada - e não pude mencionar as vossas letras de crédito. Deixei, no entanto, a carta do nosso Padixá que retrata o príncipe europeu em termos lisonjeiros: "O modelo dos notáveis da nação mosaica e um dos nobres de meu filho Selim". Oh! São palavras justas, Enfanghi Bey, palavras muito justas e eu não duvido da sua eficácia...

O pobre homem fracassara em sua embaixada. Ao rancor que eu nutria pela República de Veneza, juntava-se doravante o que ia dedicar ao reino da França, terra de leviandade e de avareza. Na mesma época, morreu Pio IV, que havia brevemente sucedido ao infame Caraffa. O novo Papa, o cardeal Ghislieri, tomou o nome de Pio V; muito velho, não parecia destinado a sobreviver; comia apenas alguns ovos, sopas de pão, saladas e fruta cozida. Sabíamos que era tão fanático quanto Caraffa; mas com sopas e caldos não havia de ir longe, diziam. Estavam bem enganados.

Reparara que ele nunca repousava; aquele velho agonizante talvez não tivesse ainda chegado ao fim. A primeira decisão que tomou foi a de contribuir financeiramente para o novo armamento da esquadra espanhola; apoiava o Senhor dei Mar. Piali Paxá esfregava as mãos, contava que a sua armada acabasse com o rei e com o Papa, mas eu franzia o cenho. Aquele Pio V não me anunciava nada de bom.

A tormenta estourou na fronteira húngara, onde ninguém esperava. O novo rei da Hungria não era outro senão o meu amigo da mocidade, Maximiliano; ele atacou as forças otomanas postadas nas fronteiras. A guerra tornava-se inevitável; encontrávamo-nos em campos opostos.

- Compreendes finalmente que a Europa nos é fatal, Josef? - ironizou Beatriz diante da minha tristeza. - O teu amigo está, doravante, do outro lado; mandar-te-ia matar sem hesitações. E para aprenderes; sempre tiveste para com esses príncipes de Habsburgo e da Áustria inexplicáveis fraquezas.

Beatriz tinha razão; eu tinha sede de poder e gostava dos poderosos, em quem acabava sempre por encontrar secretas virtudes. Tive respeito por Carlos V, afeto por Maximiliano, Selim... O nosso povo, que não tinha soberanos, interessava-me menos que os impérios.

A guerra da Hungria começou numa manhã de 1566 por um surdo burburinho que subia de Topkapi. Era chegada a hora; corri ao Serralho. Os janízaros acabavam de se equipar e organizavam-se, uns a pé, outros a cavalo, todos vestidos com túnicas debruadas de pele e com os barretes altos de feltro branco com a colher de pau atravessada, enfeitados com uma interminável pluma que caía para trás. Imaginei o confronto deles com os hussardos, que, para aterrorizar o inimigo, prendiam ao dorso enormes asas de águia: seria uma batalha de pássaros, aves de rapina contra garças-reais, o norte contra o sul, a tormenta contra o sol. Os capitães desfilavam à cabeça dos regimentos, e os grandes tambores soberanos ritmavam a pesada respiração da partida. O exército desfilou muito tempo sob as aclamações de uma multidão exaltada. Veio por fim uma liteira inteiramente fechada por cortinas de ouro, precedida do estandarte branco onde estava bordada em prata uma frase do Corão. Até os tambores abrandaram, como se alguém fosse ser enterrado; de súbito, fez-se silêncio.

Uma mão descarnada afastou o pano e saudou os janízaros; pelo anel imperial reconheci Solimão, demasiado fraco para montar a cavalo. Para ele haviam aplainado todas as estradas, e fora criado um dispositivo impressionante contra os ataques de salteadores. Cada vez que o Padixá partia em campanha, as tropas desfilavam na cidade, mas, pela primeira vez, dele se via apenas aquela mão ossuda. O seu cavalo branco, suntuosamente ajaezado, seguia a liteira.

Mehemet Sokolli cavalgava com seu amo; a campanha seria longa e prometia alguns meses de tranqüilidade. Aproveitei para verificar o estado da nossa fortuna, e preparar tudo para uma partida precipitada em caso de ameaça. Vivemos semanas de agonia. Encarava até a possibilidade de voltar a Tiberíades, que poderia servir-nos de refúgio, quando soube que Selim havia deixado Magnésia com toda a pressa.

Que se passaria? Seria possível que o sultão tivesse decidido confiar-lhe o comando do exército? As notícias da campanha eram boas; o Padixá pusera cerco a Szeged e dizia-se até que a cidade cederia. Queria o Magnífico associar o filho à vitória?

Corri ao encontro dele no caminho de Magnésia, estafando os cavalos para ir mais depressa. Selim não sabia quase nada; havia recebido um recado lacônico do pai, ordenando-lhe que fosse a Szeged forçando a marcha.

"Vem comigo", disse-me Selim. "Eu te protejo, nada receies", acrescentou com aquele sorriso infantil que sempre me maravilhava. Cedi, apesar das súplicas de Beatriz.

Andrinopla, Sofia, Nich, atravessamos como flechas todas aquelas cidades assombradas que mal se recompunham de terem sofrido a passagem do imenso exército imperial... Ao longo do caminho, Selim sonhou com a glória. O pai ia coroá-lo diante das tropas reunidas, confiar-lhe os soldados para reconquistar Viena; com a queda de Szeged, a empresa parecia possível. Pelo meu lado, perguntava a mim mesmo qual seria a armadilha, e se porventura Mehemet Sokolli não havia persuadido o sultão a acabar com o único herdeiro. Um outro golpe de Estado? Mas para que sucessor? Nada era claro.

Chegamos por fim a Szeged, onde éramos esperados. Ao atravessar o acampamento dos trezentos mil homens da tropa, sentimos o júbilo da vitória e o desleixo dos exércitos a quem autorizam os piores atos de violência. Espoliavam os camponeses degolados, desventravam galinhas, abatiam carneiros, frutos das pilhagens, preparavam fogueiras, e as moças trazidas à força gritavam a plenos pulmões; outros soldados, pelo contrário, cantavam velhas canções lentas, cânticos de montanha e de paz reencontrada. O exército otomano descansava das suas conquistas; nada parecia indicar uma conjura contra o meu Sehm.

No topo de uma colina, de frente para a planície húngara, no alto da tenda imperial vermelha e dourada, ondulava o estandarte branco bordado em prata. Ao lado, a liteira vazia e o cavalo do Magnífico esperavam.

Sokolli saudou respeitosamente o príncipe herdeiro. Depois, ajudando-o a desmontar, pegou-o firmemente pelo braço e o puxou, sem cerimônia.

"Entraí, meu príncipe, vosso pai vos espera."

Mal tive tempo de reparar que ele faltava às regras do Império, e que não havia dado ao sultão os títulos convenientes; também não evocara o nome de Alá. Não era normal; continuei hesitando. O Magnífico não estava no primeiro compartimento. Sokolli apresentou um assento ao príncipe herdeiro, que o interrompeu, impaciente.

- O Padixá, meu pai, Sombra de Alá na terra, mandou-me vir imediatamente. A sua pressa responde a minha, senhor; quando irei vê-lo?

Sokolli, sem dizer palavra, afastou uma cortina.

O Magnífico repousava, morto, num leito de gala. Selim deu um grito e precipitou-se sobre o corpo. Soluçava, sem dúvida, tanto por si mesmo como pelo falecimento do pai. Sokolli empurrou-me para fora.

- Pois é, Enfanghi Bey - disse ele lentamente -, o nosso Padixá morreu. Ninguém sabe ainda. Hoje posso dizê-lo; agora que o novo sultão finalmente chegou, este segredo deixou de sê-lo. Subitamente, na véspera da vitória, suas entranhas se inflamaram; conseguiu dizer-me que era preciso continuar a guerra, e confiar o comando do exército ao príncipe herdeiro. De madrugada morreu, no próprio dia do assalto; as suas últimas palavras tiveram a ver com a guerra. "Não estarei ouvindo o tambor da vitória?", perguntou-me ele no instante em que expirava. Tive de esconder sua morte senão estávamos perdidos. Deveis ter visto, Enfanghi Bey, que os soldados ainda não desconfiam.

- Mas dizeis que ele morreu na manhã do ataque, enquanto na capital se ouvia contar que ele mesmo havia comandado as tropas e que Szeged caía... A vitória já data de várias semanas, três pelo menos! Morto há três semanas, senhor! Como haveis feito?

Sokolli fez um gesto evasivo. ;

- Os médicos sabem como arranjar essas coisas.

Selim contou-me mais tarde os "arranjos" do grão-vizir. No dia da batalha, a mão do sultão abriu o caminho aos soldados que não tomaram conhecimento de que no interior da liteira imperial jazia um cadáver vazio. De vez em quando, Sokolli inclinava-se para ele e fazia como se o escutasse; o fingimento funcionou, a ilusão da presença do sultão triunfou; e o Otomano continuou vencedor. Sokolli mandou chamar o príncipe. O médico que embalsamou

o Padixá não teve tempo de falar; Sokolli mandou que o enterrassem por detrás da colina, juntamente com as vísceras.

"Agora que vencemos", disse Sokolli impelindo-me para fora da tenda imperial, "é preciso dizer a verdade ao exército otomano; ele deve doravante prestar juramento de fidelidade ao novo sultão. O vosso amigo, príncipe, e a partir de agora vosso amo absoluto..."

Sokolli havia agido com lealdade e preparara tudo. Ficou decidido que, na manhã do dia seguinte, a liteira seria coberta de um véu negro; o exército ficaria assim sabendo que havia perdido o chefe, e julgaria que ele morrera durante a noite. Após o quê reconheceria oficialmente Selim como seu sultão; a investidura teria lugar no regresso, em Istambul.

Sokolli tratou-me com deferência; tornara-me o favorito do sultão. Trabalhamos concertadamente até à alvorada, passando em revista o mínimo detalhe do cerimonial que o meu príncipe deveria seguir; depois de um alfaiate mudo lhe ter tirado as medidas para confeccionar em algumas horas o traje de luto pesado, Selim caiu num leito, moído de cansaço.

Não me lembro de jamais ter esperado o amanhecer com sentimentos assim. Selim Sultão, finalmente!

O céu começou a clarear de mansinho, e em breve explodiu um primeiro grito, seguido por milhares de outros; os soluços subiam, como uma maré, até à tenda. O exército, agora, sabia; a planície inteira agitou-se. Ajudei Selim a vestir as calças, a túnica de cetim preto, e na cabeça loira pus-lhe um barrete branco de janízaro rodeado de um crepe. Os dignitários puseram turbantes negros e vestiram balandras sujas; os janízaros tiraram os barretes. Sokolli dava ordens para que o exército se reunisse na orla da planície.

A guarda pessoal do sultão pôs o cadáver num esquife que foi içado sobre um canhão, coberto com a bandeira verde do Islã; os pendões enlutados começaram a erguer-se na planície. Era chegado o momento; Selim devia aparecer.

Peguei-me pela mão e ambos começamos a tremer.

- Meu sultão, sede digno do Império e também de vós mesmo - disse-lhe respeitosamente. - Todos os que aqui estão vos pertencem, Senhor.

Selim apertou-me a mão; terminava ali a mocidade. As trombetas soaram; Sokolli impeliu-o para fora e pôs em suas mãos o grande turbante de Estado, dourado e branco.

- Em cima do esquife, Vossa Senhoria, em cima do esquife... Selim avançou a passo hirto; depôs sem tremer o turbante sobre o corpo do pai e ergueu os braços ao céu. Nesse momento, das quatro formações do exército, elevou-se a primeira surata do Corão.

"Todo o domínio perece, a última hora espera todos os humanos... Nem o tempo nem a morte podem atingir o Eterno."

Então, um imenso clamor irrompeu pelo céu afora. O meu príncipe era sultão.

Durante duas longas horas, no cavalo branco de seu pai, passou em revista as tropas. Os janízaros gostavam dele e aplaudiram-no. Selim voltou esgotado e radiante. Impunha-se uma primeira decisão: continuar a guerra ou retornar a Istambul? Sokolli mandou reunir o primeiro Diva de Selim. Os capitães não conseguiam chegar a um acordo. Sokolli pediu instruções ao novo sultão.

Selim hesitou. Dei-lhe uma cotovelada. Um sultão não hesita nunca.

Sobressaltou-se e, em voz autoritária, ordenou o regresso. O corpo do Magnífico, em cima do canhão, seria puxado por quantos cavalos fossem precisos, de Szeged até Istambul. Os capitães retiraram-se resmungando.

- Vossa Senhoria não lhes falou do que é costume dar a eles quando se sobe ao trono - observou friamente Sokolli. - Vamos ter agitação pelo caminho.

Selim não pensava nisso, e assim continuava no dia seguinte ao tomar a dianteira do interminável féretro. Tinha o espírito ocupado pelo estado do cadáver do pai: três semanas já, e quantos dias para o regresso?

- Que o sultão não se aflija, Enfanghi Bey - disse-me Sokolli. - Mandei encher o corpo de algodão e substâncias aromáticas; vai secar devagar, sem riscos. De resto, vereis que o Império exige outros cuidados que não esse gênero de devaneios inúteis.

Não se enganava. Três dias mais tarde, quando o exército parecia mais ou menos calmo, o novo sultão recebeu a visita de dois beylerbeys, o da Romélia e o da Anatólia. Muito piedosos, os dois homens vinham pedir a Selim que mantivesse a ordem de proibição do vinho no Império. Já!

Selim foi possuído de uma violenta cólera e os expulsou. Sokolli chamou-me logo à parte.

- Depende de vós e de vós unicamente, Enfanghi Bey, que o nosso sultão respeite as leis santas do Islã. Persuadi-o e seremos amigos. Se não, senhor, ele vai perder a estima do povo, e eu não vos perdoarei. Soubestes distrair-lhe a mocidade, cabe-vos educar-lhe a maturidade.

Um dos meus destinos sofreu um abalo naquele instante. Não entendi nada da gravidade do grão-vizir; julguei-o austero e beato. E depois, o sultão podia mudar de grão-vizir...

- E então, Senhor - respondi tolamente -, não sois vós suficientemente grande para serdes vós a aconselhar? Sou apenas príncipe europeu, não sou grão-vizir!

Tal como prometera, Sokolli não me perdoou. Como por acaso, a partir do dia seguinte ressoou o sinistro barulho do bater das colheres contra os caldeirões virados ao contrário pelos janízaros. Nada é mais medonho para um sultão do que ouvir esse sinal da revolta do seu exército. E aquilo batia como um coração a palpitar, cada vez, com mais força...

- As normas a respeitar quando se acede ao trono não deviam ser ignoradas, Vossa Senhoria... - disse Sokolli calmamente.

- O dinheiro, Sokolli! Depressa! - gritou Selim transtornado.

- Oh! não, ainda não. Deixai-os esfalfarem-se um pouco, depois cedereis. É bastante simples.

E com efeito os gritos rituais começavam: "Um carro de feno atravanca o caminho... E impede a marcha!". Depois, dominando as caçadas, ouviu-se um clamor unânime: "Cede ao costume antigo! Cede, sultão Selim!".

Então o astucioso Sokolli pediu oficialmente ao novo sultão autorização para abrir os cofres que tinha prontos; cada soldado recebeu vinte ducados, cada janízaro, o dobro. Os capitães, mais ainda - e tudo voltou a entrar na ordem; mas Sokolli soubera mostrar-se indispensável.

No caminho de volta, Selim dividiu o seu tempo entre mim e Sokolli; mas era ao grão-vizir que ouvia falar do Império. Todas as noites eu ia achar um Selim abatido, que havia cavalgado todo o dia e apenas tinha forças para o vinho; massageava-lhe os pés, fazia-o rir, era tudo de que ele necessitava. Era claro que Selim Sultão não mandaria embora o grão-vizir de seu pai e que eu seria, antes de mais nada, encarregado de organizar os seus prazeres.

Uma única coisa não admitia dúvidas: havia decidido abolir a proibição do vinho, acontecesse o que acontecesse.

- Far-te-ei duque - dizia ele bocejando. - Senta-te junto a mim; tu, pelo menos, não me enfadas como Sokolli. Vais ser duque, sim... - repetia ele todas as noites no momento de adormecer.

O outro lado daquelas honradas não era menos certo: Mehemet Sokolli havia de procurar destruir-me.

- E acaba agora mesmo de conseguir; íoram precisos àoxe concluiu o bobo levantando-se. - Se tivesses cedido quanto ao vinho, e convencido o teu sultão a renunciar à abolição, nada terias perdido dos teus poderes.

- Mas teria perdido Selim, Caraffa!

- Por minha fé! Tinha valido mais, pois nunca lhe deste sorte, meu filho. Aliás a nossa Senhora tinha razão: que necessidade tinhas tu de te meter nos assuntos do Império?

- Não sei, Caraffa. Ela resistia ao mundo, eu não. Tiberíades era demasiado austera, e eu não me via envelhecendo por lá, sem palácio e sem luxo. Com Selim tinha finalmente outra paixão; estava inebriado, feliz, liberto.

- Aposto que a Senhora atravessou-te no caminho...

- Bem dito, bufão. Restava-lhe fazer uma coisa para me reter na religião dos nossos antepassados; e mais tarde, ela ousou... Não falemos disso.

O ancião erguera-se e olhava a cidade iluminada por um raio de lua.

- E, enquanto Sokolli viver, eu hei de viver, Caraffa... Essa profecia não me sai da cabeça. Além, naquele Serralho onde passei tantos anos, o homem que me odeia dorme certamente, e, assim que abrir os olhos, irá servir Mourad Sultão, sucessor do meu Selim. Mehemet Sokolli, único sobrevivente dos combates que me povoaram a existência...

Capítulo VIII

1566-1569 Eyup, ou a liturgia do adeus
(O regresso de Selim II e do seu favorito a capital do Império; a cobrança das dívidas francesas; nas ilhas, a coroação de Josef Nasi, duque de Naxos e das Cidades; o incêndio de Istambul; a última festa da Senhora.)

Sexta-feira, ao despontar do dia

Um ligeiro grito o fez voltar-se. Uma sombra desaparecia nas trevas.

- Ah! Minha esposa, que eu esquecia de novo e que também sobrevive - suspirou. - Não, Caraffa, nem uma palavra. Queres saber por que não quero ver a tua duquesa? Em breve o saberás. E me julgarás.

- Tenho, de fato, curiosidade - disse o bobo - em conhecer finalmente a causa dos maus tratos que infliges à minha duquesa. Pára com esses enigmas. E, informa-me, como prometeste.x

- Então não tornas a adormecer, meu velhaco, não é? Ao menos vai assegurar-te de que a duquesa não está ouvindo; ela haveria de sofrer, acredita.

Sokolli tinha levado o novo sultão, o meu Selim, a tomar a decisão de estar no interior do Serralho quando da entrada das tropas na capital; prudência legítima, pois qualquer sucessão comporta riscos e perturbações. A chegada do cortejo fúnebre às ruas de Istambul não estava isenta de perigos. O meu príncipe deixou, pois, secretamente, o exército otomano, na minha companhia; cavalgamos de noite e atravessamos os postos à guarda de Topkapi fazendo-nos passar por emissários de SokoUi; não amanhecia ainda. Selim levou-me até o seu pavilhão, e preparamos febrilmente os últimos preparativos do seu acesso ao poder supremo. Depois, ele quis repousar um pouco e eu fui para o palácio dos Nasi durante algumas horas.

Ninguém me esperava. Era uma manhã calma, e a casa despertava; as criadas haviam começado a lavar o chão da sala grande, e atarefavam-se já nas cozinhas. Lambiscava, de passagem, umas uvas de verão, quando, de súbito, o coração me deu um susto. Reyna cantava.

Yo m'namori de notcbe

El lunar ya m 'enganyo

Si esto era de diya

Yo no atava amor...

De noite me enamorei... Não conhecia aquela romança. Havia anos que não ouvia sua voz... tão fresca e alegre como quando parávamos, durante a nossa longa viagem. Reyna ressuscitada! Nem queria acreditar. Subi as escadas correndo, a alma em festa. Teria Reyna reencontrado enfim a alegria de viver?

Si otra ves yo m'namoro

Sea de día kon sol.

Abri a porta, Caraffa. Ao sol, Reyna acompanhava-se à viola. E... Não consigo dizer. Vês, eu, o cínico, ainda estremeço. Na nuca da minha querida esposa, um homem havia pousado a mão. Com a outra, afagava-lhe o braço. O primo Samuel! O inocente Samuel, o inofensivo intendente da casa Nasi e esposo da Chica! Se um raio me tivesse caído em cima não me teria provocado semelhante abalo.

Minha mulher ergueu a cabeça e viu-me; brilhavam-lhe os olhos. Das faces avermelhadas, afogueadas pelo desejo, o sangue retirou-se de repente; pousou lentamente o instrumento e pôs a mão na boca como para se obrigar ao silêncio. Atirei-me ao primo,

espanquei-o e despedacei a viola a pontapés. Reyna protegeu o rosto com o braço; lancei-a ao chão.

- Era então para ele que cantavas! Nunca mais quero ouvir a tua voz, Reyna... Nunca mais! Escondias bem o teu jogo, prima; para mim uma cara triste, para ele, o melhor de ti mesma!

E dei-lhe o mesmo tratamento que à viola: pontapés. Atrás de mim ouvi os gritos de Beatriz.

- Vais matá-la, Josef! Larga-a! Josef, estás doido!

A minha fúria acalmou-se bruscamente. A Senhora correu para levantar a filha que gemia; o primo fugira a coxear. E aí está o que me aconteceu quando regresssei de Szeged sem ser esperado no meu palácio.

O bobo cocou a cabeça.

- Não acredito, Naxos - disse o corcunda. - Deves ter visto mal, os olhos enganaram-te, havia várias noites que não dormias... A minha duquesa culpada, ora essa! Impossível!

- Estava tão pouco enganado que Beatriz achou por bem ter comigo uma conversa sobre o encantador espetáculo que, na tua opinião, eu teria inventado. Estendeu a filha no leito, fechou os cortinados e empurrou-me com rudeza para fora do quarto. Embrutecido, não opus resistência; conduziu-me para a varanda onde estamos.

- Josef, acalma-te. Compreendo a tua cólera; mas também, se não tivesses deixado a minha Reyna desamparada, ela não teria chegado a esses extremos. Nunca tiveste para com ela as atenções de um mando. Sempre no Serralho, jamais um gesto de carinho, um insuportável desdém, escárnios sobre o que vestia, e o leito dela deserto... Sem falar das tuas amantes. Terás tu realmente o direito de ter ciúmes, Josef?

- Eu não queria depositá-la, Beatriz - suspirei. - E que fazes tu da Chica, enganada como eu?

- Ela não sabe de nada! - gritou.

Depois, como se tivesse entrado em contradição, calou-se. Fui tomado de uma curiosa suspeita.

- Dize-me, Beatriz, e tu sabias?

Não respondeu. A Senhora baixava a cabeça num embaraço que nem parecia dela.

- Beatriz! Não estou enganado, autorizaste esse idiô, mesmo sendo Samuel o marido da tua sobrinha?

- Querias que deixasse a minha filha na infelicidade? - gritou ela bruscamente. - Sabia! Vi e não disse nada. Não reconduzi Reyna ao bom caminho. E agora julga-me, se és capaz!

Fazia-me frente, ofegando. Tinha ganas de estrangulá-la; contentei-me em esbofetear-la. Não deu sequer um grito e esfregou a face sem dizer palavra.

- Sabes o que vais fazer, Josef? - começou ela controlando-se. - Vais esquecer. Não vais perturbar mais a vida da nossa casa. Não vais fazer escândalo por uma simples e inocente atração; não vais matar o primo Samuel. E quem sabe, afinal - acrescentou fazendo um esgar -, isso há de levar-te a refletir. Talvez o ciúme te devolva à minha desventurada filha...

Eu compreendia tudo. Beatriz havia tolerado o namoro da filha; mais, ela o havia calculado. Reyna encontrava nele um pouco da felicidade que eu não lhe dava, e se eu tivesse ciúmes talvez a desejasse mais. Oh! Miserável farsa...

- Minha cara - disse-lhe com dureza -, quando sois a Senhora, tendes todas as virtudes, e ninguém possui mais coragem do que vós. Mas não deveríeis interferir nos sentimentos; não conheceis nada do amor. Sois demasiado fria para conduzir de forma inteligente intrigas libertinas; não se pode querer ser ao mesmo tempo Judite e compreender as

coisas da carne... Salvo o vosso gosto pelos doces, a mais humilde das vossas criadas tem mais sensualidade do que vós. Sois uma criança, decididamente.

Ouvi ao longe uns clamores que me inquietaram. Um motim? Ou, pelo contrário, aclamações? Tinha de ir ter com o meu sultão... A Senhora soltou um risinho seco.

- Não conheço nada do amor, Josef, eu...

- Adeus, minha mãe - atirei-lhe, glacial. - A vossa vontade será feita. Portar-me-ei com minha esposa como no passado. Mas nunca mais tocarei nela. Quanto ao primo, afinal, pode ficar; desde que me evite e que eu não volte a ser testemunha dos seus disparates, acomodar-me-ei, tal como vós. Os meus aposentos serão doravante no Serralho.

Beatriz levantou uma mão, como se quisesse dizer qualquer coisa, enquanto os gritos aumentavam lá fora: virei a cabeça, e a Senhora, terminando o gesto com um suspiro, deixou-me ir.

Mais tarde, soube que Reyna havia logo ficado de cama e que haviam receado por sua vida; correram rumores de que estaria grávida, mas que a criança não resistira às pancadas que lhe dei. Jamais soube a verdade. Perdemos um bom intendente, pois o primo Samuel desapareceu do palácio tão discretamente como viera; a Senhora mandou-o para Ferrara juntamente com sua pequena esposa, de onde escaparam a tempo das perseguições da Inquisição; a Chica nada soube do drama. Creio que vivem hoje em Salônica.

- O teu próprio filho, no ventre da minha duquesa, mataste-o! - disse o corcunda, fora de si.

- E quem te diz que o filho era meu, pobre imbecil? Teria sido um Nasi, pronto. Ah, não tens resposta... Compreendes agora por que é que não quero vê-la?

- Tanto faz, Naxos; a Senhora tinha razão, não sabes o que é piedade.

- E ela, com aqueles cálculos mesquinhos, sentira a mínima piedade pelo meu destino? Não, não, queria humilhar-me. Belo resultado!

Não tinha mais nada a fazer no palácio Nasi e fui para o Serralho. Mas a minha intuição não me atraíçoeira e era mesmo um motim o que eu escutara. Malgrado todas as nossas precauções, Selim havia sido reconhecido; os janízaros de guarda no Serralho, enquanto se embebedavam à noite, exaltaram-se e não pude entrar em Topkapi, cuja estrada eles haviam obstruído com tonéis. Não se podia passar; Selim estava prisioneiro no seu palácio.

O cortejo fúnebre entrou na cidade; os janízaros do exército em campanha juntaram-se aos camaradas embriagados, e as coisas acabaram muito mal. O Kapoudan Paxá e o segundo-vizir, cercados por todos os lados, caíram dos cavalos, foram espancados e ficaram nas mãos dos amotinados. Sokolli, mais esperto, atirou, do alto de sua montaria, todas as moedas de ouro que trazia, e conseguiu escapar. Os arruaceiros arrastaram os dois cativos de que se tinham apoderado até diante do novo sultão, que foi obrigado a aumentar os soldos. Mas os distúrbios continuaram e cada vez piores. Era demais, até mesmo para celebrar a perda do maior dos sultões: Sokolli pediu a alguns dos seus guardas fiéis para capturarem uns dez janízaros, a quem cortaram logo o pescoço. Quando pude, finalmente, penetrar no interior do Serralho, as cabeças ainda se encontravam nos nichos, por cima da grande Porta da Salvação.

Assim que as coisas entraram de novo na ordem, as cerimônias oficiais começaram. Os dignitários do Império vieram prestar juramento a Selim II, que foi logo apelidado de Selim, o Loiro; nessa mesma noite, a primeira cadina Nour Banou, tal como a irmã do soberano e a tia, todas vestidas de luto, foram beijar-lhe as mãos; no dia seguinte, foi a vez dos

embaixadores da França e de Veneza, os únicos que contavam para a política do Império. Desde então, os dias não mais conheceram descanso. Quando o longo cortejo do exército ficou bem instalado na cidade e o perigo afastado, Selim conduziu o corpo do pai, levado nos braços sobre um simples varal, até o mausoléu erguido por Sinan atrás da mesquita da Suleimania. O túmulo foi coberto com xales e o turbante imperial de seda branca, com a pluma virada para o céu, sob a cúpula vermelha pintada de arabescos de ouro. É ali que Solimão repousa, junto da sua bem-amada Hürrem, debaixo dos três grandes ciprestes que mal se avistam, além.

Ainda não estava dentro dos assuntos do Império; Sokolli encarregava-se disso. Contentara-se com assinalar-me que já não era desejável apoiar Sampiero Corso, e pronto. Mas quando me encontrava com Selim, não se passava um dia sem que me perguntasse a que eu aspirava. Sozinho e sem me consultar, havia já abolido o decreto que proibia o vinho, de que eu continuava a ter o monopólio; mas, repetia Selim, não era bastante. Refleti longamente antes de achar uma primeira idéia.

- Se o meu sultão bem-amado me pergunta, direi que seria, sem dúvida, necessário que Sua Graça utilizasse este amigo e servidor para punir o reino da França, que nos deve dinheiro e recusa reconhecer as dívidas que tem. Que o sultão me dê autoridade para pôr embargo às naus francesas; justamente nos próximos dias chegam algumas a Alexandria...

Selim começou a rir.

- Embargo! Adquiriste o hábito, e não te bastou o de Ancona? Vejamos... Está bem, creio que te vou autorizar, Josef. Não gosto deste novo embaixador, o que sucedeu a La Vigne e que te difama ainda mais. Grand-champ, não é?

- O grão-vizir o tem em grande consideração - disse eu muito depressa.

Selim mergulhou no meu o seu belo e vivo olhar, e agarrou-me pelo ombro.

- Apreende essas naus, Josef, e cobra a dívida.

Primeiro era preciso afastar o pequeno Grand-champ. Aquele moço de vinte e sete anos não pensava senão em casar com uma herdeira rica. Foi portanto fácil preparar-lhe uma armadilha. Ele havia demonstrado interesse pela filha do voivoda da Valáquia, de quem fingia estar enamorado. A conselho dos amigos, a quem paguei em segredo, enviou muitos presentes caros à sua pretendida; simulando indulgência, tornei-me seu credor. Não foi excessivamente difícil fazer fracassar os projetos matrimoniais do pateta, que se achou arruinado. Eu o tinha apanhado.

Assinou sem pensar um reconhecimento de dívida que eu havia estendido à dívida do próprio reino. Acreditas, Caraffa? Aquele tolo nem sequer leu o papel. O embaixador da França comprometeu o seu rei sem o perceber. Tinha o direito por mim; pude apoderar-me tranquilamente de cinco navios mercantes que me reembolsaram do que havíamos emprestado; Hadji Mourad Bey, que não se recompusera da sua embaixada arruinada, ficou encantado com o desenlace. Assim se exerceu a vingança dos Nasi sobre a família da França.

Mas, como se fosse algo deliberado, no dia que se seguiu a essa vitória financeira, Sampiero Corso, o patriota corso meu amigo, que eu ajudara a conselho de Roustem Paxá e que havia invadido a sua querida ilha com o auxílio dos franceses, foi misteriosamente assassinado na pátria que tanto amava. E certo que não faltavam suspeitos; mas a minha convicção estava formada; Sokolli, sem a menor dúvida!

E se ele havia podido mandar matar um rebelde aliado do Império, podia muito bem ter o desejo de se livrar de um jovem sultão indócil. Não podia acusar Sokolli sem provas, mas, pelo menos, podia proteger o meu amigo. Usei o pretexto de agradecer ao sultão a ajuda que

me dera no caso da apreensão dos barcos franceses, e enviei-lhe um grande cesto hermeticamente selado e que chegou quando eu estava presente. Selim examinou o selo.

- É mais uma das tuas, Nasil! Abre e mostra-me esses presentes. Terás descoberto alguma taça trabalhada, é uma estátua ou uma tela?

Com o ar sério de um colecionador, tirei do cesto uma canja de galinha, um carneiro agri-doce temperado com vinho e que rescendia, pastéis e água de violetas, preparados pelo meu cozinheiro pessoal. Depois, solenemente, tirei umas vinte das minhas melhores garrafas. Depois tudo aos pés „ do meu sultão.

- Pois tu pensas que não me dão de comer, Josef ? - disse Selim rindo às gargalhadas. - Fricassé de carneiro, tenho todos os dias; aves de criação, servem-me com canela, recheadas de arroz e ovos... Tenho tudo o que quero, sabes bem! Estes pratos têm um aspecto admirável, é certo, mas que bicho te mordeu?

Expliquei longamente a meu amo que ele tinha todo o interesse em receber os alimentos selados, ao abrigo do veneno. Entristeceu. Fiz-lhe ver que, como aquelas comidas européias não se usavam na corte, ninguém poderia se ofender com tal fantasia culinária, e que assim ele estaria em segurança.

- Queres dizer que vais me mandar isso todos os dias? - perguntou como em devaneio.

Concordei. Selim agarrou-me afetuosamente pelo pescoço.

- Só tu para velares assim pela minha pessoa. Alimenta-me, pois, amigo; está bem. Não voltarei a aceitar nenhuma comida que não tenha este selo. Mas quero um selo que simbolize verdadeiras terras, um verdadeiro reino, o de um príncipe europeu não me basta. Dize o que queres e o terás neste instante.

Chipre! Num relâmpago reví os pinheiros, os ciprestes, Faustina... Queria aquela ilha. Havia pensado muito nela: propriedade da antiga família francesa dos Lusignan, reis de Jerusalém, até que um tal duque Jacques desposou a veneziana Catarina Cornaro, pertencia agora, que o esposo falecera, a Veneza, e constituía, aliás, a sua mais bela jóia mediterrânea, às portas do Império Otomano. A ilha não parecia difícil de tomar. Havia de fazer dela o meu reino, um remo judeu mil vezes mais seguro e fértil do que a Palestina; finalmente seria rei.

Falei logo dela a Selim: Chipre, roubada por Veneza, o interesse estratégico, as fortificações e as vinhas... Ele deteve-me.

- Desvairas, Josef. Sokolli não quer guerra, e estamos negociando com o Espanhol. Não podemos atacar uma fortaleza da Sereníssima, e essa tem muita importância. Jamais a tomar íamos sem combater. Não, Chipre talvez mais tarde, veremos. Mas uma ilha pequenina, e que não custaria nada a tomar... Deixa-me pensar.

Foi Naxos, facilmente arrancada do duque do Arquipélago, Jacques III Crispo, vassalo da Sereníssima. A formosa ilha de onde vinham o sal e o vinho, aquela que os gregos chamavam "redondinha", com pedreiras de mármore branco, pertencia a Veneza desde que o primeiro da família Sanudo, Marco, a tomara, três séculos antes; o imperador Henrique fizera dela o ducado do mar Egeu, dito ainda ducado do Arquipélago; o soberano de Naxos tinha autoridade sobre Andros, onde reinavam os Dandolo, sobre Skyros, onde estavam os Ghisi; sobre Santorino, com os Barozzi, e sobre Astypalaia, governada pelos Querini. Um senhor de Negroponto havia obtido a ilha após a extinção dos Sanudo, para cair por fim nas mãos dos Crispi, a quem eu próprio iria suceder. Herdava, pois, um ducado veneziano; não era ainda Chipre, mas não era mau.

Meteram o pobre duque Jacques na prisão; tornei-me duque de Naxos, conde de Andros e de Paros, senhor de Milos e das Ilhas, e soberano de todo um arquipélago.

O meu primeiro gesto foi o de gravar as minhas armas; e, não sei por quê, deu-me a fantasia de mandar gravar um leão, com a cauda atada, bifurcada e cruzada em X, como nas armas dos Lusignan, para parecer antigo; acrescentei uma lua e achei que era uma beleza. Então quando tive na mão o anel de cornalina onde a lua e o leão se uniam ao N dos soberanos de Naxos, quando vi enlaçados o leão do meu ducado e o nome marrano de Beatriz de Luna, não pude resistir à tentação de tornar a vê-la.

A Senhora havia me tornado ridículo, havia feito de mim um marido enganado... Era imperdoável. Mas não tornar a ver Beatriz? Não lhe mostrar a minha nova glória? Privar-me dela, dos seus arrebatamentos, das suas cóleras e das suas emoções? E se ela morresse, assim, subitamente? Eu não sabia tudo acerca dos seus segredos?

Era culpa nossa se formávamos as duas metades de um mesmo ser? Ela não me havia fornecido o melhor pretexto para manter a minha esposa afastada, e sem remorsos? Hesitei muito tempo; o meu orgulho cedeu, como sempre; a ternura levou a melhor e acabei por me persuadir que o crime de Beatriz não era tão grande quanto eu julgara.

Resolvi, pois, regressar ao palácio Nasi, onde há longos meses não punha os pés. Ao ver-me, as criadas alegraram-se e foram esconder-se atrás das cortinas; bateram portas, brutalmente, o palácio sussurrante parecia espiar-me. Só a cigana se postou diante de mim com a costumeira insolência; afastei-a com rudeza.

Encontrei Beatriz sentada na eterna poltrona, aplicada em estudar o tarot. Nada mudara. Ouvia-lhe o estalido dos dentes mastigando as eternas guloseimas; se não fosse a lentidão dos meus passos contidos, e a rigidez da Senhora, poder-se-ia crer que a havia deixado na véspera.

- Sois vós, Excelência, que voltais do outro mundo, doravante duque de Naxos, ao que parece! - disse ela.

- Sou eu, rainha mãe - disse eu ironicamente. - Venho apresentar-vos os meus respeitos, e mostrar-vos as nossas armas recém-cinzeladas.

Dignou-se pegar o anel arqueando o busto cerimoniosamente, olhou a pedra com ar distante e fê-la rodar à luz franzindo o cenho.

- Não vejo nenhum sinal da nossa família, meu filho. O N de Naxos coincide com o dos Nasi, e o abafa, é tudo. O que é que há de tão admirável?

E quis devolver-me o anel, que lhe tornei a meter à força na palma da mão fechada.

- Olhai melhor, minha querida mãe. Haveis de reconhecer um detalhe que vos trará divertimento sem dúvida, e ao qual não sois estranha.

Escutou-me, séria, com duas pequenas rugas no meio da testa; a minha voz não era hostil. Peguei sua mão e abri-lhe os dedos um a um. Inclinou a cabeça, esfregou a pedra no vestido para a desembaçar.

- Não se vê nada - disse ela irritada. - Distingo um leão, e também uma lua...

Iria lembrar-se do seu nome marrano? Mas não, olhava-me sem compreender. Foi a minha vez de saudá-la com cerimônia.

- Dona Gracia Nasi consentirá que lhe chame ainda Senhora de Luna? - disse eu a rir.

Estupefata, contemplou a cornalina, depois deixou cair no chão o anel de Naxos.

- Beatriz, vejo que compreendeste... O leão e a lua, foi bastante bem achado, não foi?

- Então não me odeias muito, meu Josef? Perdoaste-me, enfim? - disse ela estendendo-me os braços.

Achei-me em seu colo. Meu Deus, que idade tínhamos nós... A interminável zanga chegara ao fim. Afagava-me a cabeça, e estávamos reunidos, sem rompimento, sozinhos à beira

da nossa velhice, com as cicatrizes das nossas batalhas. Esquecidos o primo Samuel, as teimosias, as divergências, e mesmo o meu desgraçado casamento... Navegávamos de novo no nosso mar íntimo, aquele que nunca nos faltou, águas calmas da doçura partilhada. Rompi o silêncio.

- Senhora Lua, é preciso partir para Naxos. Haveis de assistir à minha coroação. Sabeis vós quantas ilhas estão na minha posse?

Contou pelos dedos.

- Santorino, Milos, Skyros... Syra e Paros! - disse ela orgulhosamente. |- Estás a esquecer-te de algumas, Beatriz. Acrescenta Antíparos, Nio, Nianfo, Andros, Mykonos, Sérifos e Sifanto... Uma poeira de ilhas, Beatriz, é esse o meu reino!

- Levarás Reyna? - disse ela inquieta.

Com a Senhora, os momentos de felicidade não duravam nunca muito tempo; suspirei, beijei seus dedos longos e ergui-me sem cólera.

- Assim tem que ser, minha mãe. Mas estareis a meu lado; haveis de ver com vossos próprios olhos como venço as minhas paixões. Não sois vós a mais bem adestrada do mundo nessa arte particular?

Ela conseguiu rir.

As minhas ilhas, espalhadas pelo Mediterrâneo, e povoadas de deuses abandonados...

Levou muito tempo para identificá-los. Em Sérifos, Perseu e a Medusa, em Delos, Apoio e sua irmã Ártemis, mas, em compensação, em Santorino, uma Santa Irene bem cristã... Na ilha de Naxos, uma Ariadne abandonada havia sido desposada por Baco, o deus do vinho, o meu. Foram-me precisos pacientes anos de devaneios a partir de um braço divino desligado de um torso perdido, de uma cabeça de olhos cegos pela terra que a havia tragado, para agarrar um pouco da vida desaparecida daquela Grécia que me perseguia. Não cessava de me debruçar sobre o massacre de mármore e de bronze que os meus camponeses lavravam sem descanso. Belas ilhas, Caraffa; algumas, secas como o deserto, onde só nascem ervas daninhas e plantas de miolo amarelo, batidas pelo vento; outras estão cheias de ciprestes e glicínias em cascata. Mas nenhuma se iguala a Naxos, a pérola do meu remo.

Ali desembarcamos na primavera. No cais esperava toda a corte do duque Crispo. Aqueles barões com os mantos recém-lavados, aqueles velhos apoiados em enormes bengalas, aquelas mulheres de preto, vestidas à antiga, com compridas mangas fora de moda, haviam conservado uma rigidez antiquada, mas digna. Algumas damas usavam ainda os chapéus de bicos do século passado, cuja moda, há muito abandonada, fora lançada pelos Lusignan de Chipre. Fomos acolhidos por fracos clamores; camponeses, rodeados pelos soldados do Império, brandiram magros ramos de flores silvestres. Tomei resolutamente o braço da Senhora; a duquesa de Naxos - a tua duquesa, bufão - seguia atrás de nós, timidamente.

As nossas duas damas subiram para um coche poeirento, e o intendente da casa Crispi estendeu-me, sem uma palavra, as rédeas de um cavalo ruim, velho demais. Subimos ao castelo; meu Deus, como era bela a ilha! Um vasto pomar onde crescem, misturadas, oliveiras, figueiras, laranjeiras, romãzeiras; as fontes e as nascentes brotam a cada passo, e aí se encontram as melhores vinhas da Grécia.

Mas o castelo das doze torres conservava ainda a marca do rei que o Otomano havia escorraçado. Era tudo tão velho que julgaríamos estar um ou dois séculos antes; nenhuma das comodidades do nosso tempo havia chegado até ali; poucos tapetes, mas em algumas salas, feno ou palha em feixes postos no chão todas as manhãs; alguns vasos de vidro de Veneza, mas sobretudo copos de estanho; para nós, pratos, mas para todos os outros grossas fatias de pão, como nos campos. Para as lavagens, apenas um balde de madeira. Eu pensava com saudade na nossa instalação de banhos turcos.

- Que fazemos nós aqui? - murmurou Beatriz. - Nunca havemos de nos sentir em nossa casa, Josef.

Mandei chamar o intendente que nos havia recebido. Era um ancião hirto e silencioso. Tratei de o questionar; pouco a pouco, animou-se. Soube que a ilha era regularmente devastada pelos piratas: turcos, argelinos, italianos, corsos... Não se passava uma semana sem pilhagem. Os habitantes da ilha haviam acolhido mal a mudança de soberano.

- E vós? - perguntei-lhe brutalmente.

- Vossa Graça não sabe quem eu sou - respondeu. - Meu pai era o grande rabino de Sevilha no tempo dos Reis Católicos.

- Será possível? - exclamou Beatriz. - Sereis vós o filho de Abraão Sênior, a quem batizaram solenemente como o primeiro dos marranos?

- Sim, minha senhora, sou de fato o filho daquele que passou a ser Fernando Coronello; é o nome que uso. Fui uma das crianças que receberam o batismo na catedral de Sevilha; o rei Fernando foi meu padrinho, a rainha Isabel, minha madrinha. Dentre todos os cristãos que hoje vos recebem, sou sem dúvida o único a conhecer-vos os méritos, talvez por não ser verdadeiramente um bom católico. O meu coração estremeceu de júbilo quando soube o nome do nosso novo soberano...

O velho Coronello estava tão comovido que se interrompeu, de lágrimas nos olhos. Beatriz foi abraçá-lo, e ele veio para junto de nós, e enxugou o pranto.

- Que Vossa Graça me perdoe... Nunca pude falar a ninguém desse passado que não volta. Mas não é nada. Questionai-me, Excelência; estou pronto.

As notícias que nos deu não eram boas. Os velhos fidalgos que víamos no cais não haviam esperado a minha coroação para despachar um mensageiro ao sultão, e pedir o regresso do duque Jacques, prisioneiro em Istambul. Os piratas rondavam à espera de uma guerra civil que lhes abri-na a ilha, e os camponeses, por seu lado, temiam novos impostos. Coronello propôs-me um plano.

- Primeiro, submetei-vos o mais depressa possível à cerimônia da coroação, já amanhã; obrigai essa gente a prestar-vos juramento; para eles isso é importante. Mas contaí com recusas grosseiras; será uma prova a passar. Depois anunciai que adiais o imposto do meio do ano; custar-vos-á dinheiro, mas tranqüilizareis as pessoas. Anunciai também que ireis pedir, como Vossa Graça está em posição de o fazer, a ajuda da Sublime Porta, para pôr um fim às piratarias; eles hão de voltar mais tarde, certamente, mas tereis marcado o vosso território. Finalmente, e isso vai ser o mais difícil, Excelência, anunciai que haveis escrito ao sultão Selim para pedir o perdão de Jacques III Crispo, que partirá para longe, mas livre, e por vossos cuidados.

Se ele não fosse Francesco Coronello, tê-lo-ia posto fora; mas era, e escutei-o.

- Dai-me uma pena e um pergaminho.

- Não é preciso, Excelência, a carta está pronta - disse ele tirando um rolo do gibão.

Estava perfeita. Explicou-me em seguida o ritual da coroação; depois, nada mais havia a fazer senão ir dormir. Conduzi, contudo, Coronello até o alto das muralhas e olhamos em silêncio a luz que declinava sobre o mar e que se extinguia sobre os rochedos e as cabras perdidas.

- Tendes descendentes, Excelência? - murmurou Coronello. O filho do grande rabino de Sevilha havia nos adotado.

A coroação desenrolou-se no dia seguinte. Devo confessar que a tua duquesa até fez boa figura, Caraffa. O grande manto ducal, de brocado vermelho debruado em arminho,

ficava-lhe melhor do que os Europeus habituais, e a pompa dos Crispi convinha-lhe, na verdade, bastante bem. Esforçava-me por não a tratar mal em público, e, sob o olhar ansioso de uma Senhora toda vestida de preto, descemos a grande escadaria para irmos ao encontro da nossa corte.

E foram só tosses, cuspidas para o lado, sorrisos de desprezo: uma hostilidade mal contida. Depois seguiu-se o ritual; não senti nenhuma emoção ao pousar a coroa ducal sobre a cabeça de Reyna ajoelhada. O decano dos dignitários arranjou-nos um pequeno discurso enfadonho, no qual se misturavam o amor de Cristo pela sua igreja, o do deus Baco por Ariadne, e o meu, pela duquesa Reyna. Agitei-me. Beatriz lançou-me um olhar imperioso.

Na minha resposta, acenei à minha corte com as medidas previstas por Coronello. Mas não pude impedir-me de anunciar que, em conformidade com os usos do Império, nenhuma religião seria proibida nas minhas terras, "nenhuma, nem sequer a dos meus antepassados", acrescentei. Vi rostos que ficaram amarelos, outros morderam os lábios. Mas continuei e insisti. Se alguém não respeitasse tal regra, fosse qual fosse a sua posição, seria imediatamente expulso.

Em breve, os camponeses se acalmaram, os piratas também, e os nobres, mal ou bem, acomodaram-se à nova situação. Algumas semanas mais tarde, o grande almirante, o meu velho amigo Piali Paxá, chegou para inspecionar aqueles lugares, e expulsou alguns muçulmanos suspeitos de semearem desordem no meio dos cristãos, meus súditos. Fiquei feliz por vê-lo - tão feliz que o meu contentamento deu-lhe que pensar.

- Ah, Excelência, é visível que não estais mais contente sob o manto ducal do que estáveis antes... Estou enganado, amigo?

Concordei. Tal como o exercício da guerra, ser senhor de terras não era do meu agrado. A Senhora enlanguescia no meio de criadas de quarto severas e desajeitadas; a corte, amansada, temia-nos, mas nos detestava; e depressa fiquei conhecendo todas as riquezas de Naxos. Algumas cavalgadas empolgantes ao nascer do sol pelas vinhas, certos fins de tarde de nuvens vermelhas no céu, os cantos dos camponeses, o calor do meio-dia e aquele castelo demasiado solene... Tinha saudades da capital: dos plátanos, das fontes, dos cafés, dos banhos e da amizade do meu sultão.

- Retornai então a Istambul, amigo! - disse Piali Paxá, a quem contei o meu enfado. - Sem vós, o nosso sultão fará tolices para se distrair; Sokolli, que não vos estima, bem o sabeis, há de esforçar-se por vos prejudicar; há de preparar armadilhas que depressa vos farão perder este novo ducado... Falastes-me do vosso excelente intendente: confiai-lhe Naxos, e tornai a ocupar o vosso lugar no Serralho.

Coronello assumiu assim o encargo de governar Naxos; a nossa estada não havia durado três meses. O povo viu-nos partir justamente no momento em que começava a tecer-nos louvores.

Na nau que nos levava de regresso, Piali Paxá mostrou-me um ponto no horizonte.

- Aquela não é tua, Excelência!

Era uma ilha minúscula que comandava a entrada dos Dardanelos, só um pequeno nó escuro na linha reta: Tenos. Piali Paxá sorria.

- A única ilha que falta à tua glória, Nasi... Quero, é claro, falar da glória do sultão Selim, Sombra de Alá na terra. Tenos pertence à Sereníssima. Aí está o que seria bom segredar ao ouvido do teu ilustre amigo: tomemos Tenos, Veneza se zangará, nós atacamos Famagusta, a fortaleza cipriota, e Chipre será enfim nossa.

O grande almirante conhecia as minhas ambições. O recado era transparente, e abria-me o caminho para a ilha dos meus sonhos.

- Queres então provocar a guerra nos mares - disse eu, perplexo.

- Justamente, Naxos! Não se deve esperar que o Espanhol acabe de preparar a sua armada... Um dia, esses príncipes do Ocidente se unirão todos para nos esmagar. É amanhã que precisamos de Chipre. Amanhã...

Cada vez que me ausentava da cidade, constatava no regresso que haviam florescido as intrigas contra mim. A colheita de notícias provenientes da Europa não deixava de me inquietar. O velho Papa Pio V, eleito agonizante e por essa mesma razão, agarrava-se à existência e conjurava sem descanso os príncipes da Europa a unirem-se contra o infiel, numa verdadeira cruzada contra o Império Otomano. Mais grave, os mouros de Granada, bruscamente revoltados, haviam ocupado a cidade e fomentado tão grandes desordens que, para os aniquilar, um jovem chefe de guerra acabava de ser investido: Dom João da Áustria, bastardo do Habsburgo e da pequena Bárbara de Blomberg, a rameira de Ratisbona.

Esquecera essa libertinagem de que havia sido testemunha; o moço, criado como um príncipe, crescera; dizia-se que tinha todas as virtudes, a força do pai, a beleza da mãe, a coragem de um leão, e o rei Filipe, longe de afastar o meio-irmão, contemporizava com o adolescente.

Por meu lado, voltava a ser alvo de uma ofensiva francesa. Dessa vez, o emissário encarregado de me prejudicar chamava-se Claude du Bourg. Malévolo e astuto, dizia possuir certa correspondência que eu teria trocado cora o rei Filipe, a rainha Catarina de Médicis, o meu amigo Maximihano, e sei lá quem mais... As provas estavam nas mãos de Sokolli. Haveria ele já tentado convencer Selim? O sultão recebeu-me de braços abertos, e falou-me principalmente do talento dos meus cozinheiros.

- Era tempo de regressares, Josef! Eu te obedeci escrupulosamente; mas vi os mesmos pratos voltarem muitas vezes...

Nada mais? Nem uma palavra sobre a minha pretensa correspondência? Era preciso esperar.

Selim divertiu-se com a descrição da corte dos Crispi; escutou atentamente a narrativa das piratarías de que a ilha de Naxos era vítima, e prometeu, contra sua vontade, libertar Jacques III. Cheguei a lhe falar de Tenos, repetindo o que dissera Piali Paxá.

- O almirante tem razão, Josef - disse o sultão. - O Papa está ficando perigoso, não se deve esperar mais. Vou em breve obrigar o meu grão-vizir a guerrear. Pois tomemos primeiro Tenos, Chipre em seguida. Serás rei de Chipre, como te havia prometido.

Pois bem! Selim nada sabia. Prudentemente, indaguei mais uma vez.

- Vossa Senhoria tem conhecimento de uma correspondência que me diz respeito? O grão-vizir ter-vos-á dado parte de algo?

Selim olhou-me espantado.

- Uma correspondência? Não me falaram nada. Nunca ninguém me diz nada! - exaltou-se ele, furioso.

Contei-lhe a maquinação. Selim exigiu que Sokolli lhe mostrasse as espístolas.

Alguns dias mais tarde, foi a minha vez de ler as falsas cartas, tão ingênuas e tolas que eram embaraçosas, a ponto de Sokolli não poder, de fato, utilizá-las. Nelas eu chamava "meus irmãos" aos reis; fazia vivos protestos da minha fé cristã; denunciava grosseiramente as bebedeiras do sultão, e dava até detalhes sobre os pontos fracos da sua saúde - demasiado

peso, o fôlego curto, e o fígado frágil. Poder-se-ia pensar que dava ao inimigo os meios para envenenar o sultão.

Só um médico podia saber tanta coisa. Ora o velho Mosche Hamon acabava de se aposentar; seu filho Daoud o sucedera junto do sultão. Daoud, a quem eu havia prometido por escrito a mão da duquesa de Naxos, minha mulher... A vingança dos Hamon demorara a chegar. Uma noite, mandei espancar Daoud pelos meus homens; e não tardei a encontrar Claude du Bourg nos corredores do Serralho.

- Sua Senhoria é sem dúvida o enviado especial do rei da França - perguntei-lhe, delicadamente, barrando-lhe a passagem.

- Eis pois o duque de Naxos - gemeu o homenzinho, pondo-se nas pontas dos pés. - Ou melhor, Juan Micas, condenado à morte!

- Quisestes arruinar-me, senhor; parti, o ar de Istambul não vos faz bem.

- Não fugirei - replicou ele. - No meu país, acertamos as nossas contas à espada... Mas vós nascestes de um povo de covardes!

Ri-me às gargalhadas.

- Terão esquecido de vos assinalar que, no meu tempo, eu era uma boa espada, na corte de Gand... Quando quiserdes, senhor.

Sua mão estremeceu sobre o punho da espada, e ficou lívido. Sabia-se perdido; voltou as costas. Nunca mais foi visto no Serralho. Parece que fracassou em todas as embaixadas; o estranho gnomo francês havia trabalhado em vão para o Habsburgo, pois se vendia a quem mais desse; mas nem por isso conseguira alguma coisa. Para intrigar é preciso, pelo menos, elegância; e, por Deus, ele não tinha nenhuma.

Malgrado as reticências do grão-vizir, Selim havia ordenado a Sokolli que preparasse a guerra contra Chipre; tal resolução, inflexível, não se alterava. Em breve seria rei. Só Beatriz considerava a empresa com desconfiança.

- Mais um reino, mais um título! - protestava. - Quando te cansaras tu das terras e das honrarias, Josef? Foi sem alegria que tomaste posse da tua ilha, onde te enfadaste tão depressa que mal chegamos e já estávamos de partida. Não hei de ir a Chipre ver coroar Josef Nasi, que, se quisesse, poderia ajudar-me a fazer renascer a nossa parte da Palestina! Farias melhor em evitar aquilo que, por ambição, meteste no fraco espírito do sultão. Crês que sou indiferente à fortuna dos Nasi? Mas também eu possuo as minhas informações. E receio uma derrota naval, Josef, de onde os Nasi sairiam vencidos por culpa tua, pois há de ser fácil acusar-te de teres incitado à guerra...

- Uma derrota? Impossível; o grande almirante Piali Paxá está seguro da sua armada.

- Josef, é preciso quebrar o pacto que se trama entre os soberanos da Europa. Piali Paxá pensa apenas no Espanhol; mas e se o Papa realiza a liga? Usa a tua influência para inverter as alianças, provoca casamentos, embaralha as cartas; podes fazê-lo, deves fazê-lo!

- Eu? E como, Beatriz?

- Olha, olha para isto - disse ela tirando um mapa que desenrolou sobre a mesa.

Foi uma das maiores surpresas da minha longa vida de complôs. O dedo da Senhora passava de um reino para o outro enquanto desfiava ao longo das fronteiras o rosário das combinações que havia inventado.

- A Transilvânia está submetida ao sultão, e o rei procura mulher - disse ela sem hesitar um instante; eis o nosso primeiro noivo. Aqui, na

Polônia, a irmã do soberano ainda não se casou; e a Polônia é nossa aliada. É preciso ir à França procurar as alianças; lembra-te que Francisco I era aliado do Magnífico, não foi há

tanto tempo assim. O duque de Anjou poderia desposar a irmã do rei da Polônia, e a irmã do rei da França o da Transilvânia. - E depois?

- Depois a França cristã estaria ligada deveras, finalmente, ao Otomano; a liga com que o Papado sonha se tornaria impossível.

Os olhos escuros da Senhora fitavam-me atentamente.

- Julgava que estavas ocupada com os teus devaneios cabalísticos, Beatriz... - espantei-me. - De onde te vem esta inspiração?

Enrolou meticulosamente o mapa e olhou para as mãos sem responder à pergunta.

- As pessoas não se casam para serem felizes, Josef - disse após um silêncio. - Eu é que sei o que é um casamento! Tu bem me tens censurado por isso - acrescentou pensativa pegando um loukoum que estava sobre a mesa. - Vai falar ao teu sultão.

Durante muito tempo Selim escutou-me, depois começou a rir às gargalhadas.

- Casamentos! O meu favorito quer inverter as alianças! E enquanto preparamos com o grão-vizir a campanha de Chipre, que justamente Sokolli não quer - ria-se ele -, o duque de Naxos, que sonha ser rei da ilha, transforma-se em alcoviteiro para evitar a guerra que lhe satisfaria as ambições! Não se entende nada. Os teus projetos estão cheios de idéias brilhantes, de que Sokolli teria podido lembrar-se para não guerrear, já que pensa que não estamos preparados. Mas tu, lutar contra os teus interesses! Não te reconheço, Josef!

Ficou de novo sério.

- No fundo de ti mesmo - disse - odeias a guerra, Nasi; mas tens de te render à razão. O Império que me legou meu pai não poderia viver sem combates; não posso deixar os meus janízaros no descanso; este exército, a minha mais segura proteção, é também a pior ameaça que pesa sobre os sultões. Todos sabem disso. O mais grave é que, não estando pronta a nossa armada, ouço já ressoar o barulho das colheres batendo no caldeirão sagrado. Ouviste já esse ribombar terrível que vem do "centro do mundo", como dizem os meus soldados... Esses malditos janízaros não se enganaram no nome: uma simples marmita, destinada a cozinhar seu arroz, representa realmente o centro do poder do Império.

Levantou-se, majestoso; de súbito, fez-me lembrar o Magnífico.

- A guerra não é um assunto teu, Naxos; é meu e do meu vizir. Tu, encarrega-te dos tempos de paz. Ocupa-te dos teus bichos-da-seda, protege as tuas ilhas dos piratas e os judeus das perseguições; arranja-me dinheiro, alarga os teus comércios, sustenta os artistas, casa os franceses se isso te diverte, e sobretudo continua a fazer-me chegar todos os dias as tuas divinas garrafas de vinho de Samos.

Após a sua morte compreendi a sabedoria do sultão Selim, o mal-compreendido, que o Ocidente tomava por um bêbado. Um de cada lado, Mehemet Sokolli e Josef Nasi formavam as duas metades de um mesmo pensamento. O bósomo de olhos de água protegia o Império e fechava-o cuidadosamente sobre si próprio; o judeu encarnava, ao contrário, o equilíbrio de uma sociedade cosmopolita. Sokolli encarnava o exército; eu, o dinheiro.

Se o meu sultão não tivesse morrido em tão tristes circunstâncias, que grandioso soberano teria sido, Caraffa...

- Escutai, Excelência... Yangin var, o grito das sentinelas na torre de Gaiata! Fogo! - exclamou o bobo erguendo-se.

Ao longe, sinos tocavam a rebate; gritos soaram.

- Um incêndio! - disse ele scrutando as trevas. - Onde? Não se vê nada... Achei; lá, atrás da Igreja de São Jorge. Não é longe. Oh! São já altas as labaredas, olha!

O ancião erguera-se por sua vez.

- Ê o sinal do céu - disse ele soturnamente. - Pobre gente. Vai arder toda a noite... Já não sei quantas casas vi assim destruídas; essa madeira queima bem demais, e os tonéis de água nas varandas não bastam quando o fogo começa. Vão dizer de novo que o sultão deu ordem para incendiar Gaiata. Olha, ouvem-se os soldados; as pilhagens não tardam.

- Que dizes, meu amo? Desatinas!

Naxos voltou-se para não ver as chamas; o incêndio estava no auge e lançava, sobre o veludo de seu manto, pálidos reflexos.

- Ouve - resmungou. - Eu próprio nunca soube se Selim havia dado a ordem, Caraffa. Pouco depois de me ter confiado os seus receios a propósito dos janízaros, rebentava o incêndio de 1569, o pior que já se viu.

Começou numa das igrejas do Bairro de Pêra, alcançou os bairros gregos de Gaiata, e ameaçou o nosso palácio. Os nossos homens passaram a noite a proteger as imediações com sacos de terra; viam-se as casas desabar em poucos minutos, as crianças atirarem-se pelas janelas berrando. Os janízaros chegaram, como fazem certamente neste momento, e ficaram sem qualquer controle. Vi, com os meus próprios olhos, um dos seus chefes encorajá-los a pilhar; incitava-os a massacrar alguns infelizes, só pelo prazer, e a violar as mulheres... Que recordação medonha!

O palácio foi poupado graças ao vento, que mudou durante a noite. Os nossos homens montaram a guarda, armados de arcabuzes. Beatriz de um lado e eu do outro, vigiávamos a escavação de valas, boas defesas contra o fogo. Não vimos sair Brianda, que vivia há muito reclusa num quarto afastado.

Trouxeram-na no dia seguinte, envolta num pano; havia corrido ao acaso, aproximara-se imprudentemente das chamas e o vestido pegara fogo. Já não tinha pele nos braços, nas pernas nem no peito; o rosto não havia sido poupado. Sua agonia foi abominável; seus gritos dilaceravam-nos o coração. Beatriz, que não podia sequer tocar nas mãos da irmã, soluçava desesperadamente. Por fim Brianda morreu, num último estertor de sofrimento. Não havia recuperado a razão, é claro; permanecera a pobre criatura desvairada e inofensiva que havíamos recolhido em Veneza. Não era tudo; naquela noite um outro golpe atingiu Beatriz. Os nossos homens, demasiado ocupados em proteger o palácio, não se aperceberam de que Reyna também tinha se aventurado longe demais, para socorrer uma criança.

Reyna foi raptada por um grupo de janízaros que com ela se divertiram, lançaram-na para cima dos cavalos e atiraram-na uns aos outros duas ou três vezes. Não lhe fizeram muito mal, mas sofreu um grande choque e perdeu a fala. E por isso que a vês assim, muda, errando por este palácio de onde não mais quer sair...

Sim, bem vejo que te agitas, Caraffa. Não podes ter passado estes oito anos sob o nosso teto sem teres ouvido falar desse desastre... Que se passa contigo? Por que é que arregalas os olhos de espanto? Falarás mais tarde. Esta é uma recordação demasiado dolorosa...

Brianda morta no meio do pânico, queimada viva como em uma fogueira, e a filha muda... A Senhora mergulhou em uma melancólica apatia, deixando correr as coisas sem intervir; fechou-se com a filha sem conseguir curá-la do mutismo. Falava-se em voz baixa; o rabi Soncino chegou até, em sinal de reconciliação, a mandar rezar orações na sinagoga. Para dizer a verdade, receávamos a morte da Senhora. , . . . ,

Isso durou semanas, meses... Para a distrair, experimentei novas guloseimas: losangos de mel, tâmaras recheadas, sei lá que mais, mas ela tudo recusava. Mandeí edificar uma dessas casas de campo, um yalı, na aldeia de Eyup, onde os grandes da corte tinham o hábito de ir

passar, de caíque, para respirar ar puro. Gostava daquela casinha de madeira escura à beira d'água, perto dos salgueiros, com uma bela árvore da Judéia, e um jardim cheio de junquinhos aos quais acrescentei tulipas; mas, uma vez o yali acabado, a Senhora dizia estar demasiado fraca para atravessar o Corno de Ouro de caíque. Para lá fui muitas vezes sozinho; por vezes, pensava em levar as criadas que tinha por amantes, mas parecia-me que seria cometer um crime medonho. A casa de Eyup era destinada a Beatriz; ali, eu saboreava a solidão, como se as minhas fantasias pudessem fazer com que ela, por magia, viesse.

Não julgava Beatriz capaz de morrer de desgosto. A vida voltou-lhe pouco a pouco, aquilo a que chamamos vida, Caraffa! Um dia apareceu, desceu lentamente a escadaria apoiando-se no ombro da cigana, e mandou me chamar. Tinha o semblante obstinado das grandes resoluções e pressenti uma desgraça.

- Bem que tomaria um pouco de vinho, Josef - disse-me numa voz calma demais.

Corri a buscar o mais doce, o mais generoso, o melhor dos meus vinhos, que lhe servi a toda pressa. Estava tão enfraquecida que tive de ser eu a levar-lhe o copo aos lábios e a ajudá-la a beber como se faz com as crianças, aos golinhos. Um pouco de cor voltou-lhe às faces enrugadas. De novo, olhou para as mãos.

- Têm sardas agora - constatou.

Depois, num gesto juvenil, ajeitou uma madeixa de cabelos com um risinho.

- Estou de dar medo, não é, Josef?

Aquela jovialidade inquietou-me. Pediu um espelho. Em vez de mirar-se, brincou com os reflexos do sol, que distribuiu pelos quatro cantos da sala. Por fim, olhou-se longamente, virando a cabeça de todos os lados, para ver melhor.

- Ora vamos, Josef! É tempo; meu rosto o diz.

- Que queres fazer agora? - balbuciei.

- Levantar-me - disse calmamente. . |; | Deu alguns passos.

- A Senhora tem dificuldade em andar, Excelência! - disse ela apoiando-se no meu braço. - Lembrais-vos de Beatriz de Luna no cais de Lisboa, Naxos? A pequena Beatriz transformou-se na velha Senhora, João...

Como é possível que eu não tenha compreendido logo? Estava todo contente por vê-la de novo animada. Ajudei-a a dar uma volta pela casa. Detinha-se a todo o instante.

- Hás de cuidar bem desta jarra; pertencia a meu pai; tu a colocarás no quarto da duquesa, tua esposa - disse negligentemente quando chegamos ao quarto dela.

Parei. .

- Quer dizer?

- Tudo isso, esses candelabros, esses vasos, para as obras da Grande Sinagoga - continuou ela, andando a passos comidos. - Vou precisar rever o rabi José. Esta tapeçaria que me ofereceste, com deusas despidas, voltará de novo para ti. A baixela ainda está boa; não sei...

- Beatriz - disse eu atormentado -, se queres fazer o inventário para o teu testamento, chama outra pessoa, peço-te... Tens a intenção de morrer?

Senti que sua mão estremecia.

- Não digas tolices. Vai então buscar o homem de leis. E prepara um barco depressa: quero voltar a Safed.

Ela não dissera Tiberíades, onde a esperava a casa branca. Falara de Safed, e não prestei atenção. Tudo o que retive foi que queria partir e que estava viva. Uma viagem a Safed não lhe faria mal nenhum.

Nos dias que se seguiram, fechou-se com o homem de leis. Depois avisou-me que daria uma festa para a assinatura do testamento.

Nessa noite, havia posto um dos seus velhos vestidos brancos, um dos mais enfeitados dos seus trajes de cerimônia. Sentada numa poltrona, segurava a mão de Reyna. E havia espalhado um pouco de ruge nas faces. Começou por um anúncio solene. A contar da data da partida para Safed, abandonava todos os bens. Os homens e as mulheres que compunham a casa Nasi desfilarão um a um diante dela; a cada um dava uma parte das riquezas que haviam povoado a nossa vida, tapetes vindos da Pérsia, tapeçarias de Lyon, espelhos e vidros venezianos, peles... Outros tantos objetos pessoais de que não se servira. Legava a lia, a cigana, todas as suas jóias. A biblioteca, os manuais de magia, os livros de estudo, as Consolações de Samuel Usque e a Bíblia de Ferrara ficavam para mim... A medida que as horas avançavam, eu compreendia. Beatriz não voltaria de Safed. Não queria voltar. Não mais tornaria a vê-la.

-Foi a única festa de que ela mesma cuidou até o mínimo detalhe. As festas, habitualmente, eram assunto meu; aquela foi dela, a sua única festa, e a última.

Num abrir e fechar de olhos, os criados estenderam tapetes e neles espalharam pétalas; as criadas aspergiram a sala com água de rosas, e os cozinheiros, com grandes bandejas de cobre, fizeram uma entrada real. Aos filhos da gente da casa distribuiu cavalinhos de madeira, piões e bolos; puseram-se a brincar; não sei de onde, saiu um alaúde, depois, três pandeiros, uma flauta; e Beatriz ordenou às mulheres que dançassem.

As velhas dançavam como em Lisboa, hesitando um pouco; as que havíamos recrutado em Antuérpia lançaram-se por sua vez em sarabandas e saltarelos, apesar da muita idade, e as nossas venezianas trataram de reencontrar as danças de roda... Já não eram novas as nossas mulheres; mas dançavam de bom grado, e Beatriz batia palmas em cadência. Ia entrou na festa e encetou um daqueles ferozes turbilhões que faziam o urso erguer-se nas patas traseiras.

De súbito, a Senhora pediu a viola de Reyna. Nunca a tinha ouvido cantar. "Al resplendor de la luna...", começou ela com voz grave e profunda.

Havia pelo menos quinze anos que não escutava a melodia que Reyna cantava, e que eu próprio havia entoado ao ouvido da regente de Gand.

- Por que é que nunca cantaste, Beatriz? - murmurei-lhe ao ouvido quando ela acabou.

- Ensina as melodias a minha filha - respondeu gravemente. - Nunca o soubeste. Alguma coisa ela tinha de herdar, Josef..

Depois pediu silêncio. Todos se levantaram.

- Meus filhos - disse numa voz que tremia -, vou deixar-vos. Parto para Safed e ali acabarei os meus dias. Devo, portanto, dizer-vos adeus agora...

Elevou-se um surdo clamor; algumas velhas começaram a soluçar ruidosamente. Beatriz estendeu as mãos.

- Não, nem gritos nem lágrimas. Quero que a minha partida seja uma festa. Consagrei a vida à salvaguarda dos nossos irmãos e à reconstrução da nossa pátria. Doravante vou à procura do nosso Deus; não há razão para chorarem... Dancemos, meus filhos, como o rei Davi diante da Arca da Aliança. Depois nos abraçaremos e não tornaremos a ver-nos.

Ninguém se moveu; a nossa gente enxugava grossas lágrimas que não conseguia conter. Então ajoelhei-me diante da Senhora.

- Vem, Beatriz, vem, minha Senhora...

Tomei suas mãos. Demos em silêncio alguns passos lentos de passe-mezzo, a única dança que ela sabia. Depois a flauta, hesitante, começou, seguida dos pandeiros.

- Cantail - gritei às mulheres.

Entoaram uma melodia, batendo palmas à maneira portuguesa. Dançamos lentamente. Beatriz rodava devagar sobre si mesma, eu segurava-a pelos pulsos, ela ofegava, tocava-me o peito e recomeçava sorrindo. Um a um, os homens pegaram as esposas pela cintura e juntaram-se a nós. Beatriz fez-me sinal que queria parar; um anel de cabelo branco escapou de sua touca de pérolas.

- Dança com a tua mulher, Josef, será o teu presente de despedida... - disse-me apertando-me a mão. E eu inclinei-me diante de Reyna para uma pavana.

A dança continuou por muito tempo, como se a nossa gente quisesse fazê-la durar toda a vida, para impedir a partida da Senhora... Mas por fim, extenuados, sentaram-se nas almofadas, ofegantes, ébrios de cansaço. Circularam bebidas; a Senhora levantou-se e foi abraçar, um após outro, aqueles que a haviam acompanhado desde a saída de Ferrara. Quando terminou, dirigiu-se para a porta e disse-lhes:

- Estarei sempre convosco; não vos abandono verdadeiramente. Adeus, filhos, adeus...

Desapareceu. Eu não via como deter o impossível.

No dia seguinte, recebi dela um bilhete que tenho aqui, no meu gibão, e que nunca me abandona. Sei-o de cor. "E chegado o tempo de nos separarmos, Bem-Amado. Encontra-te comigo amanhã de madrugada no porto, em nosso caí que. Vem sozinho."

Miséria! Parti como um homem embriagado, embrutecido de dor. Não creio que jamais tenha sofrido tanto. Vaguei toda a noite pelas ruas da cidade, cruzando com as sentinelas, com os janízaros em festa, com os camponeses que vinham à cidade, perdidos, e que se sentavam no escuro, resignados; nenhum detalhe me escapava, e via tudo como se fosse morrer.

No porto, os pescadores, de um só golpe, içavam às costas os enormes peixes-espada de pele luzidia qual armadura, elevando a espada acima da cabeça dos carregadores; nos barcos, cheios até a borda, a pesca matinal, inquieta e nacarada, esperava, sob o vôo das gaivotas, em cujo ar feroz, quando procuram comida, eu jamais havia reparado. Os mercadores ambulantes enchiam as cestas de legumes, de iogurte ou, ainda, de bilhas de barro, em silêncio; mais tarde, lançariam seus alegres pregões, mas naquela madrugada laboriosa, contentavam-se com breves palavras, que para mim soavam como orações fúnebres recitadas em voz baixa.

Muito tempo antes da hora, havia eu tomado assento no caíque onde dormia o barqueiro; levava um odre de vinho para me dar coragem, e bebi um pouco. Uma luminosidade branca apareceu por trás da Suleimania, ao mesmo tempo que se elevavam, de colina em colina, os cânticos dos muezins. As mulheres assomavam às janelas, com um olhar adormecido; os primeiros fiéis procediam às abluções com a água dos cântaros; pacífica imagem do Islã cotidiano. Mas também avistei um pequeno rebanho de escravos acorrentados que eram conduzidos por guardas ao mercado para serem vendidos; e se um deles se deixava ficar para trás, o chicote do mercador estalava brutalmente sobre a pele branca.

O alegre burburinho das ruas elevava-se pouco a pouco. Habitualmente eu gostava do despertar de Istambul; naquela manhã, salvo as orações da alvorada, via apenas por todo lado rudeza e azedume. Jamais esquecerei aquela aurora cuja vinda eu receava, que me arrebataria Beatriz, e que me abriria os olhos para o avesso da minha vida privilegiada. :

A liteira fechada da Senhora surgiu pelo lado de onde a esperava. Beatriz saiu, inteiramente velada de negro. Ajudei-a a entrar no comprido barco vermelho; fez sinal ao barqueiro e o caíque começou a deslizar.

- Aonde me levas, Beatriz? - perguntei.

- Para Eyup, ver esse y'ali que construístes para mim - respondeu com um falso ar de despreocupação. - Não gostaria de ir embora sem o ter visitado. Primeiro nos deteremos no túmulo daquele santo discípulo do Profeta que atrai tantos peregrinos; é um lugar que há muito quero ver. Ficaremos bem aí - acrescentou docemente.

Apertei-a contra mim; suas mãos estavam geladas.

- Tenho tantas coisas para te dizer - disse ela rindo um pouco -, não sei por onde começar.

- Não queres tirar esse véu, para te ver os olhos? - segredei-lhe ao ouvido.

Afastou-se...

- Não! Se me olhas não vou poder falar.

- Que tens para me dizer que eu já não saiba, minha Beatriz? Todos estes anos lado a lado...

- Lado a lado... Sim, é isso, Josef - disse ela com um risinho. - Toda a nossa vida, nós a passamos juntos, e tu quase nada sabes da Senhora.

Senti que em mim subia aquela tormenta que não nos havia largado. A gigantesca cólera dos Nasí. Como é que Beatriz fazia para me pôr tantas vezes fora de mim? Cerrei os punhos. Retirou a mão e suspirou.

- Espera... Lembras-te da carraca? - disse ela na sua voz mais doce.

- A São João? Lembras-te do dia da minha promessa? Foi nesse preciso instante que fiz o juramento de te pertencer para sempre. Sem refletir, inocentemente, como as crianças...

- Eu também, Beatriz - gritei.

- Eu sei... Fala baixo; o barqueiro não entende nada, mas não quero que te ouça gritar. Não tínhamos qualquer necessidade de trocar juras; era óbvio. Porém, mais tarde, quando fiquei mulher, fui obrigada a pensar nisso; João Miquez era o filho do meu irmão, e o dia da carraca não deveria ter existido, nunca. Tentei livrar-me dessa recordação. Mas ela ressuscitou, tão violentamente, Josef... Pertencia-te para sempre, como se as palavras que havia pronunciado em segredo naquele dia me houvessem enfeitiçado. Apesar de tudo, eu era tua. E assim permaneci, Josef.

- Eu também, Beatriz... - repetia eu feito eco.

- Pois é, tu me pertences, é verdade - reconheceu ela tranquilamente.

- Mas à tua maneira, por momentos. Vi-te muitas vezes partir, de coração demasiado leve para o meu gosto; fugias para respirar longe de mim, bem o sentia; por vezes eu mesma te mandava ao fim do mundo na esperança vã de me desfazer de ti; mas o teu espírito divertia-se algures, enquanto eu esperava por ti. A minha vida não foi senão uma longa espera por ti, Josef.

- Por que dizer o óbvio, Beatriz? Sabemos isso. Teria sido fácil.

- Ah, muito fácil! Cala-te, deixa-me falar - interrompeu-me com brusquidão... - Quando meu pai me falou do meu futuro casamento com

Francisco Mendes, explicou-me que a nossa família tinha necessidade daquela aliança. Eu nada tinha a objetar; aliás, o negócio estava já concluído. Depois, meu pai lembrou-me severamente que eras meu sobrinho. Senti-me morrer de vergonha; o juramento que te fizera secretamente tornava-se culpado. Estava descoberta. Meu pai terminou o discurso dizendo que eu não devia sentir por ti "mais do que o que uma tia deve sentir por um sobrinho, uma casta

afeição". Foram as suas próprias palavras. Meu pai sabia; estava perdida, continuo a estar. Tsimtsum, Josef: ali estavas tu, a primeira desordem, o primeiro tumulto...

- Mas Francisco, teu esposo, tu o adoravas!

Fez "não" com a cabeça, imperceptivelmente. Um "não" de menina, que jamais esquecerei.

- Foi bastante afável para que a ele me afeiçoasse, não me fez sofrer de modo nenhum; ele era de uma grande bondade, o velho, Josef, tão velho... Mas no dia do nosso casamento, tive muito cuidado para não cruzar o meu olhar com o teu, Josef, e quis que te mantivesses afastado; apliquei-me com todas as minhas forças, em vão. Após a morte dos teus pais, não eras mais que um homem muito jovem, mas vieste viver sob o meu teto; cresceste, e foi um desastre.

- Por que então conservar o coração do teu marido após a morte dele, por que aquele cofre fúnebre que nunca te abandonou? Para me fazer sofrer?

- Para me lembrar o meu dever, Josef. Para jamais esquecer que eu sempre tive um único esposo, Francisco Mendes. Para me proteger de ti. Para me conservar intacta...

- E crueldade demais, afinal! Não podia viver sem ti... Louca! - disse-lhe em voz baixa, apertando-lhe os pulsos.

- Fiz por ti tudo o que me era permitido - continuou ela sem replicar. - Pedi a Francisco que te educasse; Diogo formou-te no comércio; tu te transformaste comigo no gerente dos nossos negócios; fiz de ti um verdadeiro príncipe, um Nasi, e associei-te à minha vida.

- A ponto de me obrigares a ser teu genro! •

- Mas Reyna amava-te! - gritou sem se conter. - Que podia eu fazer? Se não fosse isso... Oh, se não fosse isso... Nunca soubeste do sofrimento das minhas noites... De dia contemplava-te; era todo o meu contentamento. Tu te tornaste o mais encantador de todos os cavaleiros, assim eu o havia desejado, e consumia-me dolorosamente ao teu lado, sem que o soubesses. Todas as noites, antes de ir para a cama, e tu nada sabias...

- Sabia, Beatriz - murmurei. - Não te faças de ingênua. Lembras-te, em Ferrara, quando voltei de Istambul, estavas nos meus braços, não podes ter esquecido como estremecias...

Fechou melhor o véu e baixou a cabeça em silêncio. A esmeralda do vice-rei das índias começou a cintilar no seu dedo.

- Que vergonha...

- Que delícia, minha Senhora!

- Basta! Pois não tens piedade? - suplicou olhando para o lado do barqueiro como se tivesse medo dele. - Nesse dia compreendi que era preciso construir entre nós uma muralha intransponível; Reyna seria tua mulher, jurei-o. Não podia trair assim a minha própria filha. Deveria tornar-me detestável aos teus olhos, ou, pelo menos, inacessível; desajeitadamente, fingi frieza, deixei de dominar as minhas fúrias, que ficaram mais ferozes, e esforcei-me mesmo por exercer contra ti insuportáveis perfídias...

- Sim, fizeste-me verdadeiramente sofrer... Era preciso? O caíque tocou a margem. Era dia.

- Não sei - sussurrou Beatriz. - Já não sei... Reyna, minha filha, tornara-se tua esposa. Tu e eu... Teria sido um tão grande sacrilégio. Não me dirijas censuras no momento em que te deixo, meu bem-amado. Ouve! Pela primeira vez posso pronunciar em voz alta este nome que tanta vezes murmurei quando estava só. Não sei se fiz bem; Josef, já não é tempo de fazer essa pergunta. Quis fugir, encontrar o nosso Deus; obedeci ao seu chamado. Tudo fiz para salvar os

nossos irmãos e consegui. Não protestes; já zombaste bastante das minhas exaltações e dos mestres que escolhi seguir. É disso agora que tenho de te falar. Desçamos.

Ajudei-a a sair do caíque; esticou-se penosamente para a margem e quase caiu, atrapalhada pelas pregas do véu negro.

- Vês, já não sirvo para nada... - queixou-se ela. - Faço bem em deixar-te.

Estávamos no princípio do mês de setembro de 1569, o ano do incêndio que nos separou para sempre. O ar estava agradável; o Corno de Ouro cintilava ao sol nascente; ao longe, os ciprestes dos cemitérios estremeciam levemente.

Ela quis fazer uma breve pausa no túmulo do santo Eyup Ansari, e ficamos um instante diante da porta de cobre trabalhado que fechava o recinto, para onde, apesar da hora matinal, se apressavam já os peregrinos, que pousavam as mãos na pedra da sepultura fazendo súplicas ao morto. Muçulmanas com cores vivas traziam, nas palmas das mãos unidas, pétalas de rosas vermelhas misturadas a drágeas, e davam-nas aos mulas para serem depositadas sobre o pano verde do Islã, posto sobre a pedra tumular; elas não tinham direito a entrar e davam, enquanto esperavam os esposos ou os pais, um pouco de açúcar aos pombos que, com regularidade, levantavam pesadamente vôo num estrépito de penas. Da mão de uma mulher, roubei um pouco dos pássaros para dar a Beatriz, que o pôs na boca sorrindo. Os ulemás, de gorros de astracã, inscreviam num grande livro as doações dos fiéis, e velavam pelo bom desenrolar da peregrinação. Dei algumas moedas de prata, e o nome da Senhora foi consignado no registro; Beatriz esboçou outro sorriso.

Logo atrás do recinto começava o primeiro cemitério. A Senhora sentou-se na beira de um túmulo encimado por um turbante de mármore.

- Põe a cabeça nos meus joelhos - disse ela -, como tantas vezes fizeste, Josef. Foram os únicos momentos em que verdadeiramente me pertenceste por inteiro. Agora que estamos sozinhos, posso falar mais livremente. Sabes o que é o ciúme? Uma invencível obsessão, um peso que te abre o peito e te traz a certeza de que deixaste de existir; uma labareda por todo o corpo, e que não cessa de calcinar o espírito. Por tua causa, toda a vida ele me corroeu. No dia em que surpreendeste a minha desventurada filha com o primo Samuel, disseste-me que eu nada conhecia do amor, lembras-te? Mas, graças a ti, conheci o que ele tem de mais medonho; esse dom cruel tu me ofertaste generosamente. Tive ciúmes todos os dias; ciúmes das tuas aventuras, das tuas prostitutas, em Veneza, ciúmes dessa Faustina cuja existência conhecia, e até da pobre regente de Gand, essa velha de pele tisonada que seduzias por minha ordem. Qualquer mulher podia usufruir-te, beijar-te os lábios, sentir o teu hálito e a tua língua no fundo da boca, e só a mim isso estava proibido! Queres saber por que é que tantas vezes brigávamos? E que eu tinha ciúmes.

Eu fora cego e surdo, o mais cego e surdo dos homens...

- E tua filha, Beatriz, tua filha que enfiaste no meu leito... - disse eu como para me desculpar.

Afagou-me a cabeça sem responder.

- Vou confessar-te as minhas faltas, Josef. Quero que saibas até onde foi a minha loucura. Sempre mandei gente da minha confiança te seguir... Em Antuérpia, foi Rosalinda, que me estimava; em Veneza, a velha Minna, morta de pneumonia durante a travessia das montanhas; em Ferrara, foi uma das criadas de Dona Benvenida, que tivera piedade de mim; em Istambul, lia continuou a tarefa; lia, que tomaste pela cintura um dia e que veio logo me contar... lia que conseguiste levar para a cama, corro as outras! E uma vez, mesmo, eu te segui; ias para a casa de Faustina, sabia bem que a ama-vas e queria vê-la. Não vi nem um pedaço da sua pele; mas ouvi o grande suspiro que deste ao possuí-la, e pensei em morrer... Arranjava mil

pretextos; para te proteger, para ajudar a minha filha, para o nosso bem, era preciso. Ai de mim! Nem sabia eu a que ponto estava mentindo a mim mesma. Tenho em algum lugar a lista das tuas amantes; levo-a comigo, vou atirá-la ao mar. Não me esconderam nenhum dos teus amores, Josef... - disse ela perdendo o fôlego.

- Mas a tua filha, Beatriz! - exclamei para a deter.

- Sim - gritou com quantas forças tinha repelindo-me violentamente.

- Também tive ciúmes dela! Querias que eu dissesse? Podes ficar satisfeito, por instantes odiei-a, Josef, como tu, e fomos uns monstros! Ah! Não deveria ter falado, deveria ter persistido no mutismo que eu me impusera; não tens coração, ajuda-me... Achei a salvação nas austeridades de que não gostas - continuou desviando os olhos. - Detestavas David Rubeni, que tinha conhecido em Lisboa; odiavas Van Almaengien, não gostas de rabi Soncino e mal suportas que eu vá me encontrar com rabi Isaac em Safed, não é? Chego a pensar com alegria que também tu talvez tenhas tido ciúmes, e ainda hoje, redobraria os esforços para te irritar ainda mais se não fosse demasiado tarde.

- Quem te obriga a partir, Beatriz? - disse eu agarrando-lhe os pulsos.

- Meu primeiro amante, meu derradeiro amor, Josef - disse-me docemente. - Sem ti, vou em direção àquilo que posso tomar do nosso Deus; não o seu inacessível rosto proibido, mas a fusão da minha alma com Ele. E hei de conseguir.

- Queres que tenha ciúmes de Deus? És louca! - disse-lhe irado.

- Louca. Aí está um adjetivo que ouvi ao longo de toda a minha vida, e ainda há pouco - disse ela inclinando-se para o canto dos meus lábios.

- Acabemos com as brigas, queres? Jamais conhecerei os teus abraços, meu bem-amado; mas aposto que se assemelham àquele grande arrepio azul que anula o mundo e que enche o corpo de uma alegria sem limites... As minhas amigas de Ferrara chamavam a esse estado "a presença de Deus". Nunca quiseste entender a razão dos meus langores, Josef; certamente os atribuías aos meus desejos insatisfeitos. Estavas um pouco enganado: pois achei meio de os satisfazer sem ti, e sem te trair. Esse Senhor terrível e terno possui-me doravante como teria desejado que tu o fizesses, bem-amado. E é só com ele que vou encontrar-me em Safed para o fim da viagem.

Supliquei-lhe que não nos deixasse; beijei-lhe as velhas mãos secas...

- Cala-te, cala-te, não digas mais nada - disse ela retirando-as. - Estou cansada demais. Sinto-me culpada por não ter protegido a minha desventurada irmã; mil vezes mais culpada ainda por ter mergulhado a minha filha na desgraça com o casamento que te impus.

- Admites enfim dizê-lo! Condenaste a tua filha, e a mim também. Crês que não perdi a vida por causa das tuas loucuras? Privaste-me de amor, Beatriz...

- Tu! Mas tu, Josef, sempre tiveste a força do teu lado; tu és príncipe, duque, em breve serás rei de Chipre; que mais queres? Reyna há de sofrer com a minha partida, sim; e embora não seja tão culpada quanto pensas, Reyna vai ter necessidade do teu perdão. Cuida da minha filha, Josef; porque tenho remorsos de a abandonar no estado em que ela está. No que te diz respeito, é diferente. Não me envergonho de te deixar; fiz de ti um homem e um senhor. Poupo-te o espetáculo de uma Senhora envelhecendo, em breve, privada do uso das pernas, com mãos que vão começar a tremer, dentes estragados, maus cheiros de velha, e quem sabe, uma cabeça que poderia esquecer-te pouco a pouco... Gostarias de me ver impotente, de boca aberta, e consegues imaginar-te à cabeceira do meu leito de agonia? Não! Quero que conserves como última imagem uma Beatriz com manchas escuras nas mãos e rugas nas faces, é certo, mas de pé a teu lado. E depois, não pensas no que te disse hoje? A nossa existência seria corrompida por estas confissões que havia jurado fazer-te apenas no momento da minha morte.

Ergueu os olhos para os ciprestes. O véu animou-se ao sopro do vento, e ela mantinha-se mais ereta que nunca, com as mãos unidas sobre os joelhos apertados.

- Tenho sede; dá-me algo que me umedeça os lábios - disse ela ternamente. - Tirei o odre e o estendi a ela.

- Bebo este vinho em tua honra, Josef, como a quarta taça do Seder; será o último da minha vida - disse ela, e deitou a cabeça para trás. - Não se deve abusar, bem-amado, sabes - disse devolvendo-me o odre.

Depois esfregou as mãos uma na outra.

- O mais difícil está por vir - murmurou gravemente. - Vais forçar-me a deixar-te agora; pois só tu podes ajudar-me a cortar este laço terrestre entre nós. Com toda a minha alma, Josef, acredito que havemos de nos encontrar depois daquilo a que os homens chamam, com demasiada frequência, morte. As nossas centelhas individuais não perecerão, e em uma outra vida talvez venhamos a ser, finalmente, os esposos que deveríamos ter sido. Rabi Isaac, que conhece a nossa história, pensa que nos enganamos de vida e pronto. Não havemos de nos perder, Josef...

Calou-se. A brisa, a que aqui se chama meltem, sussurrava nos plátanos e fazia dançar o topo dos ciprestes; a paz desceu sobre nós. Versos que julgava esquecidos vieram-me aos lábios bruscamente.

"A vista da amada, foi-se-me a existência"... Debaixo da musselina preta percebi vagamente que sorria. Levantou a mão como se fosse contradizer-me.

- Não, Josef. Pelo contrário. Havia um rei - cantou fazendo a voz dos chantres na sinagoga -, cuja filha era formosa, boa e perfeita. Casou-a com um príncipe e deu-lhe vestidos, uma coroa, jóias e muitas riquezas. Agora pode o rei viver sem a filha? Não! Pode estar constantemente ao lado dela? Não! Então, que faz ele? Instala uma janela entre os dois, e toda vez que o pai precisa da filha ou a filha precisa do pai, estão um com o outro através dessa janela. É isso que está escrito: todo o esplendor da filha do rei é interior, entrelaçado de fios de ouro é o seu traje. Não existe nenhuma diferença entre o amor de Deus e aquele que sinto por ti, Josef. Havemos de estar juntos, pois tal como o rei não pode viver sem a filha, tu não podes viver sem mim. A janela permanecerá aberta para nós.

Ergueu-se com esforço e pôs-se de pé diante de mim.

- Ouve mais, porque depois disto vamos nos separar nesta terra - sussurrou ela levantando o véu e aproximando-se da minha boca. - Quando a Shekhina deixou o santuário - disse ela em voz surda -, voltou-se para abraçar e beijar as paredes e as colunas do Templo, e em seguida disse chorando: "Saúdo-te, meu santuário, saúdo-te, casa da minha autoridade, saúdo-te, casa do meu esplendor..."

Senti suas mãos de cada lado do meu rosto, os lábios no meu pescoço, e, aconchegando-se nos meus braços, Beatriz repetia aquelas palavras apaixonadamente: "Saúdo-te", ciciava beijando-me a pele, "meu santuário, saúdo-te, casa da minha autoridade", e eu a apertava até quase sufocar, "saúdo-te, casa do meu esplendor"...

Sim, a Senhora havia sido o meu caminho, a minha sinagoga, a minha Shekhma, e eu fora o seu Templo sem jamais o adivinhar. A nossa longa viagem terminava ali; como ela desapareceria deste mundo, eu o ignorava. O resto do caminho teria de percorrê-lo sozinho.

Permanecemos muito tempo abraçados. Foi por esse momento misterioso, o mais precioso de toda a minha vida, que consenti na tua presença, bufão, a fim de que ele não se perca na tua memória como se perdeu na areia das nossas vidas confundidas. Quando eu já tiver morrido, dirás tudo à tua duquesa, e a sua dor terá algum consolo.

Mas estás a enxugar os olhos, Caraffa... No entanto, ainda não acabei o que há para dizer da Senhora. O incêndio está no auge; e se vier para cá, bem-vindas sejam as chamas, Caraffa!

Beatriz, exaurida, desfaleceu subitamente em meus braços. Estendi-a em cima da sepultura, folguei sua camisa, e ela descansou, abandonada. O céu de um azul intenso deixava fugir as nuvens no horizonte; velava pela Senhora uma última vez. Depois, voltamos a descer lentamente até o caíque. Não havíamos visitado a casa de madeira escura, que ela jamais conheceria, e da qual permaneceria a ausente soberana. Ia ordenar aos remadores que regressassem a Gaiata, quando ela lhes disse para irem diretamente ao porto. Iria embarcar para Safed agora, já?

- Não passarei nem mais um dia perto de ti, bem-amado - disse baixinho. - Esse yali em Eyup, meu Josef, agradeço-te; será com ele, mais do que com o nosso palácio, que hei de sonhar quando estiver em Safed. Uma vez, na primavera passada, vim vê-lo de longe, quando não estava ainda acabado; admirei o esplendor da árvore da Judéia coberta de espuma cor-de-rosa, e também as primeiras tuhpas que tu mesmo havias plantado. Mas prefiro não o visitar. Será a nossa casa, à imagem do nosso amor; uma casa vazia, que nos espera, inabitada... Agora, carregaram os meus baús para o barco, e está tudo pronto. Reyna já deve ter chegado ao porto, e também o pobre Josué Soncino, meu velho inimigo, meu pobre pretendente que está cego, que se desespera por causa das nossas antigas discórdias, e que é preciso consolar, sabes...

O regresso fez-se em silêncio; as nossas mãos não se separaram. Ela havia tirado o véu negro. Reparei nas suas pupilas escuras que estavam cercadas de um azul leitoso; quase desaparecido, o preto da íris havia tomado uma doçura mágica; e o sol acendia-lhe nos cabelos brancos pálidos incêndios cor-de-eternidade. Beijeii profundamente os lábios proibidos; éramos sem idade e sem história, no começo do mundo, o antigo Adão com a velha Eva; mal acabávamos de nascer, e ela abandonava-me para morrer...

Quando o caíque chegou à cidade, a Senhora baixou o véu negro. 1 - Não esqueças a Shekbina, bem-amado. Vela pelos nossos irmãos na Palestina. Não vás atrás de guerras para aumentar o teu poder, pois um dia o Otomano há de voltar-se contra ti. E se puderes, sê bom com a minha Reyna... Olha - disse ela tirando do dedo a esmeralda -, toma esta pedra; ela contém, sob o engaste, um veneno mortal e rápido, que eu queria trazer comigo para evitar a queimadura das labaredas se tivesse de subir para a fogueira. Estás vendo a covardia desta Senhora que é considerada tão corajosa, desta impiedosa Judite... Tinha medo de sofrer. Dou-te a minha esmeralda para que saibas bem que não tomarei o veneno. Guarda-a, usa-a no dedo anelar, e não te sirvas dele senão no dia em que receies um sofrimento intolerável, Josef. Proibo-te, ouves, de lhe dares outra utilização.

O barco esperava no porto; no cais, avistei minha mulher no seu traje otomano, e o rabi Soncino, curvado, com as mãos apoiadas numa bengala. Assim que o avistou ao longe, Beatriz pôs-se a correr ao seu encontro, ele reconheceu o ruído dos seus passos, e procurou-a com a ponta do bastão diante de si, muito devagar, para não feri-la; quando a bengala tocou o vestido de Beatriz, o ancião, rebentando em soluços, apertou nos braços aquela que tanto havia combatido e amado.

Reyna beijou a mãe sem uma palavra, atando-lhe ao pulso um lenço branco, como num sinal combinado. Aproximava-se o instante da partida. Houve ainda um último gesto antes da separação definitiva; Reyna deu à mãe o eterno cofre que continha o coração de Francisco, seu pai. A Senhora o pegou, hesitou, depois, movida por súbito impulso, virou-se e estendeu-o para mim.

- Tomai este coração, Excelência - disse-me em voz alta para que todos ouvissem. - Pertence-vos por direito; sempre vos pertenceu. Adeus.

E estas palavras que só eu entendia animaram a musselina que se movia sobre sua boca. Via, através do tecido preto, seus olhos brilhantes; depois, até o sorriso desapareceu nas pregas que a brisa agitava. Fez um gesto com a mão, dirigiu-se à proa do navio e não tornou a olhar para nós.

Reyna começou a gritar; encarreguei o rabi Soncino de a consolar; pegou-lhe pela mão e puxou-a para si. Avancei em direção ao barco; queria estar só para ver a Senhora partir.

Não longe dali, avistei no embarcadouro do Serralho o grande caíque vermelho e dourado de quinze remos do sultão, cujas compridas pás se erguiam todas juntas como para saudar a partida de Beatriz. Selim partia em passeio pelo Bósforo, e a Senhora, pelo Mediterrâneo. O caíque e o barco levantaram ferro ao mesmo tempo sob os gritos dos marinheiros.

A última imagem dela, tenho-a sempre presente: ereta na frente do navio, como todas as vezes que ela partia por mar. O grande lenço branco, uma das extremidades presa em sua mão, planava qual gaivota, a menos que fosse justamente um pássaro rodopiando em torno dela... Não sei, o calor me oprimia. Julguei de modo confuso vê-la voltar-se, mas tinha os olhos embaçados, e não via senão uma luz ofuscante que apagava a Senhora do mundo dos vivos. Por muito tempo a gaivota volteou em torno do navio mergulhado no sol. Depois, apenas o sol e o pássaro sobre o mar. Estava sozinho. Foi assim que ela nos abandonou, Caraffa.

Naxos calara-se, mas não era um silêncio como os outros. O corcunda apurou o ouvido; o incêndio parecia dominado, ouvia-se apenas um longínquo crepitar.

O ancião já não se movia. Caraffa levantou-se de mansinho e aproximou-se da poltrona. Pelas faces escavadas do duque de Naxos rolavam lentamente gotas que desenhavam, em longos caminhos brilhantes, vales de lágrimas.

Capítulo IX

1569-1571 'Morreu a flor esplêndida do exílio de Israel'
(A mensagem do rabi Jeremias; a morte da Senhora; Josef Nasi reencontra Faustina; Selim II toma Chipre; A Santa Liga constitui-se; a batalha de Lepanto.)

Sexta-feira, ao alvorecer

- Meu pobre amo adormeceu. Irá ele perdoar-me por tê-lo escutado? Será culpa deles, verdadeiramente - resmungou o bobo -, daqueles dois Nasi ligados um ao outro pela vontade divina? Um casal de cordeiros que o pastor ata com um pedaço de vime para levar ao mercado não seria mais indefeso. .

- Olá! - atirou bruscamente a cigana.

- Olha, a velha! Que diz ela?

- Não falar. Ele ouve - silvou ela entre dentes apontando para o ancião com o queixo.

Soerguido na poltrona, Naxos fitava o bufão com olhos duros.

- Ora essa! Mas acordaste, meu filho, e eu falava sozinho - balbuciou o corcunda.

- Dá-me de beber, Caraffa. Delirei, creio, durante o sono. O sol salvou-me do pesadelo. Como brilha já! Que é que eu terei contado? Dá-me vinho! A sede desta vida é inextinguível. Não dizes nada; está bem; guardarás segredo.

- E ela? - perguntou o corcunda mostrando a velha.

- Ela já sabe tudo.

A Senhora não quisera a cigana... Havia escolhido a solidão e ninguém a acompanhou. Desde a sua partida, a pobre cigana envergou os véus pretos com que hoje a vê. Ficava todo o dia ao pé do urso, tão velho que quase não se mexia; coçava-o devagarinho, e cantarolava num canto do quarto da ama.

Gostaria de fazer o mesmo. Beatriz desaparecera, não conseguia acreditar; ora, era uma separação como todas as outras, uma nova mania, ela não havia de resistir, voltaria... mas quando a primeira noite chegou, quando as trevas me revelaram que não estava enganado, soluzei por muito tempo, sem dormir. De manhã, depois de ter em vão errado pelo palácio onde ela já não morava, dirigi-me ao Serralho; iludi-me com a agitação da vida, e me peguei sonhando que uma noite, bruscamente, avistaria um barco de onde ela desceria, mais enrugada ainda, mas viva...

Os dias passaram; as recordações assaltaram-me, desordenadas, sem que as pudesse deter. Via-a de novo em Antuérpia no auge da sua formosa mocidade, ereta sob a touca de viúva, com a fronte pálida e arqueada; ou frágil desposada na casa de Francisco Mendes, quando os cabelos frisados lhe escapavam das trancas ajuizadamente enroladas debaixo do gorro. Via-a Senhora, aclamada qual soberana, distribuindo tesouros pelas multidões com gestos majestosos, depois comendo guloseimas no quarto; ou ainda no cais de Lisboa, criança de saia vermelha, recuando diante do urso e recusando-se a fugir... E dizia para mim mesmo que talvez o seu mestre, o rabi de Safed, lhe tivesse ensinado a enviar-me essas imagens dela, imortal e jovem bem-amada...

Muitas vezes dizia por desfastio: Tsimtsum. Mas já não era a voz dela, era a minha; o meu timbre de homem surpreendia-me e eu limpava a garganta como se tivesse proferido uma insanidade. Tsimtsum, não era palavra que me pertencesse; mal era capaz de entender as sílabas e as vogais que ela me dera como um talismã desconhecido. Depois habituei-me ao Tsimtsum; apropriei-me dele; a ausência de Beatriz entrava na minha vida.

A cigana, que se retirara para junto do seu animal, sofria tanto quanto eu; tentava, sem resultado, fazê-la levantar-se, verificava se a alimentavam bem. lia, que me havia suportado, mas que não me estimava, acabou também por se habituar a mim e começou a seguir-me em silêncio, com o urso atrás, abanando a enorme cabeça inocente. Pelo menos nos primeiros tempos, não tive coragem para ir ver a duquesa Reyna em seus aposentos. "Se não fosse isso...", dissera Beatriz falando do nosso casamento, na hora das despedidas. Se não fosse isso, teríamos sido simplesmente amantes felizes?

O Serralho ocupou-me; a partida da Senhora não constituía acontecimento que pudesse afetar a marcha do Império ao qual pertencia. O grão-vizir havia convencido o meu sultão a prestar auxílio aos muçulmanos rebeldes de Granada, cuja revolta, em face do Espanhol, se mantinha firme. O jovem bastardo do Habsburgo travava contra eles um combate tenaz; mas os seus exércitos permaneciam impotentes diante da feroz resistência dos mouros, emboscados nas covas debaixo das próprias muralhas da cidadela moura. Sokolli mandou me pedir dinheiro para comprar armas para o rei de Argel; lembrei-me das predições de Roustem Paxá e paguei sem pensar.

Então, os rabinos da comunidade judaica insurgiram-se em nome do nosso povo, e a ausência da Senhora foi trazida à luz do dia; não imaginara as conseqüências do meu gesto, havia auxiliado muçulmanos, e ela já não estava ali para acalmar as iras dos nossos. Precisei decidir sozinho se tinha razão ou não; resolvi a questão a favor dos mouros, vítimas da intransigência espanhola tal como o nosso povo. Não havia eu também entregado dinheiro aos rebeldes corsos? Mas não escapei às minhas dúvidas: que teria dito Beatriz?

Teria tido direito a abraços ou a uma resoluta frieza? Teria ela manifestado interesse pela causa de outros perseguidos ou aprovado as censuras de Soncino, aos olhos de quem o dinheiro dos Nasi devia socorrer o povo judeu e apenas ele? Perdera o pensamento que me havia guiado; teria de assumir todos os meus atos, sem recurso. De repente, compreendi o quanto as cóleras dela tinham me protegido; havia, ao longo da minha vida, tomado decisões que julgava livres, e era ela quem lhes modulava o andamento, até quando era violenta. Nada mais me segurava, e estava desesperado.

Quando morreria ela?

Beatriz nada me dissera do que ia fazer em Safed; havia decidido, sem dúvida, morrer aos pés de rabi Isaac... Mas como? E se eu estivesse enganado? Se ela se contentasse em aprender a língua dos insetos como o rabi, bem tranquilamente, levando uma vida simples na casa branca? Não, não, eu não podia cair nesse engano; fora ao encontro da morte que ela partira. E se, porventura, fretasse um barco para ir encontrá-la, estava certo de não achar em Safed senão uma sepultura.

Tal desejo não me tocou nem de leve, confesso; teria tido a sensação de a trair. Hávamos esgotado num instante toda a felicidade a que tínhamos direito, numa despedida para a qual eu não tinha remédio. Em breve compreendi que estava diante de uma horrível espera; e esperei, com efeito, que a sua morte me fosse anunciada.

De tempos em tempos, rabi Soncino vinha visitar-me, de cabeça baixa.

"Sabeis alguma coisa da Senhora?", perguntava ele timidamente. Respondia-lhe que sim, para o tranquilizar, e ele partia aliviado. Não duvido que, por seu lado, ele tenha compreendido o verdadeiro sentido da partida para Safed; mas tal como o duque de Naxos, ignorava o dia e a hora.

Os mouros foram expulsos de Granada; o nosso socorro fracassara. Foi um êxodo terrível; dizia-se que o jovem Dom João da Áustria havia feito maravilhas; mostrara-se implacável. Senti tristeza, mas não me inquietei pelo Império Otomano; Beatriz teria, sem dúvida, sido mais clarividente do que eu. O mundo tornara-se opaco; aborrecia-me.

Contra todas as expectativas, quis, por fim, visitar minha esposa; mas só encontrei uma miserável criatura que se protegia erguendo o braço, uma mulher assustada, privada da fala, e que só se exprimia por pequenos grunhidos ininteligíveis. Uma vez, porém, lembro-me, algumas semanas após a partida de Beatriz, descobri a duquesa no meu próprio quarto; alisava aplicadamente as dobras das mantas, com mão febril, como uma criada enamorada. Insuportável visão! Peguei-a pelo braço com cerimônia e impeli-a para fora beijando-lhe a ponta dos dedos.

Quis viver; andei atrás das meretrizes dos bairros gregos; mas bem depressa me cansei. As prostitutas de pantalonas bufantes, com aqueles cintos bordados em torno das ancas e guizos nos tornozelos, pareceram-me vulgares; onde estavam a graça perversa das cortesãs de Veneza e as suas gargalhadas? Procurei, por trás dos muxarabiês, uma ausência de sorriso, uma mulher reservada e distante, inacessível, de olhar frio, mas nada encontrei, nem sequer a sombra de uma sombra. Tornei-me tão taciturno que Selim se afligiu.

- Queres escravas, Josef? O meu harém é feito para os prazeres, bem o sabes. Não quero a tua tristeza, Nasi! E se abrigas o amor no teu coração, arranca-o, pois esse sofrimento é ruim na tua idade... Julgas que teria permitido que a minha favorita veneziana tomasse sobre mim tal ascendência? Segundo o costume dos sultões, depois de a ter amado, elevei-a à categoria de primeira cadina, e nunca mais pensei nisso; as nossas regras livram-nos sabiamente das mulheres. Escolhi outras escravas que amei, por sua vez, das quais fiz novas cadinas, e não hei de cometer a loucura de meu pai, que desposou minha mãe. Anda, Josef, aceita uma das minhas escravas...

Que dizer ao meu sultão? Ria sem responder; até que, em uma manhã, uma faustosa equipagem parou diante do palácio dos Nasi. De uma liteira fechada por cortinas de couro apeou-se o próprio Agá negro; e se o grande eunuco do harém imperial saía do Serralho, é porque recebera ordens. Informou-me com dignidade que o sultão, Sombra de Alá na terra, se dignara visitar o harém segundo o protocolo, e que havia, por duas vezes, deixado cair o lenço aos pés de duas dançarinas. O lenço do sultão designava as escravas para as suas noites; Selim havia escolhido por mim. Depois, "para nossa grande surpresa", acrescentou o Agá negro, o sultão ordenara que se preparassem as donzelas "como para ele mesmo", e que as enviassem ao duque de Naxos. O grande eunuco obedecera, malgrado as suas reticências, e as escravas repousavam dentro da liteira, que ele abria com a minha licença.

Segui-o e distingui duas pequeninas formas encolhidas uma contra a outra, cuidadosamente veladas de azul. Com o castão da bengala de marfim, o Agá negro soergueu o primeiro véu, depois o segundo; vi olhos brilhantes e mãos de criança agarradas ao encosto de madeira. Não tinham sequer treze anos e morriam de pavor. O grande eunuco obrigou-as a descer, e disse-me enfaticamente como se chamavam. Firouzé, que tinha olhos cinzentos, fora apanhada numa razia nas costa de Moréia; Leila vinha de mais longe, a bem dizer não se sabia de onde, da Circássia, talvez, ou da Pérsia, em todo caso tinha olhos negros.

As pequenas baixavam a cabeça; o grande Agá detalhava os ensinamentos que lhes haviam sido ministrados, a arte das carícias, a música, a literatura, a iluminura; a grande mestra havia trabalhado bem. Aquilo era demais; quis livrar-me do importuno com moedas de ouro, mas ele recuou, indignado, e subiu para a liteira a toda pressa.

A recordação de Beatriz guiou-me os atos; baixei com precaução os véus azuis sobre os rostinhos pintados, e enviei-as à minha duquesa, explicando-lhes que eram livres, se assim o decidissem, para partir.

- E quero que sejam bem tratadas - disse às criadas reunidas e que cruzavam ostensivamente os braços em sinal de protesto. - Que não as aflijam, senão!...

Firouzé e Leila deram-se bem com Reyna e um belo dia soube que as minhas dançarinas haviam retomado os seus verdadeiros nomes, uma, Helena, e a outra, Safieh. A segunda em breve fazia parte da casa, contribuindo com aquela indolência das mulheres criadas no harém e que a ele se resignaram; era um doce e gracioso passarinho que adorava o açúcar, como Beatriz. Mas nos olhos cinzentos de Helena, via um relampejar de revolta; nunca estava quieta e não perdia uma oportunidade de escapar do palácio.

No dia que se seguiu a esse evento memorável, garanti a Selim que lhe estava reconhecido, felicitei-o pelo bom gosto e sempre lhe ocultei o destino das moças.

- Muito bem, Josef! - disse ele dando-me palmadas no ombro. - Uma vez tratada a tua melancolia, falemos de Chipre. Já que a Sereníssima roubou essa ilha à rainha Catarina Cornaro, não vejo razão para não irmos, por nossa vez, roubá-la à Sereníssima. Tinha te dito, chegou a hora. Enviei um embaixador a Veneza, com grande pompa, para reclamar Chipre a esses mercadores republicanos. Eles vão recusar; deixamos passar o inverno, depois atacamos. Veneza já não tem força para se defender; em breve serás rei, Nasi.

Não tinha mais gosto por Chipre. Mas como voltar atrás? As palavras de Beatriz retornaram à memória. O Otomano podia perder aquela guerra, e se isso acontecesse, o Império se voltaria contra mim.

- E se o Papa consegue reunir a Liga, Excelência? - disse eu hesitando.

- Pff... - riu Selim. - O que é um Papa, afinal? Se os reis conseguirem ligar-se, continuam a não ter armada poderosa o bastante diante da nossa, Josef. Agora Sokolli diz-me que as nossas galeras estão prontas. E não esqueças: os meus janízaros precisam de uma guerra. Eu a farei para ti; é justo. Pois que pagarás as despesas, os meus soldados terão dinheiro, e, sendo rei, ter-me-ás servido bem.

Pensei de novo nos receios de Beatriz, e um calafrio percorreu-me a espinha. As palavras de Selim ressoavam como um dobre de finados.

No meu regresso de Topkapi, a bandeira dos Naxos, com a lua e o leão, já não tremulava ao vento no alto do meu palácio; os homens arnavam-na para deixá-la a meia-haste.

Beatriz!

As criadas já haviam velado os espelhos em todas as salas, e Reyna esperava-me chorando. A um canto, estava um jovem rabino coberto de poeira. Impeli-o até o meu quarto, que fechei à chave. O pobre moço permanecia abatido e mudo, de olhos cravados no chão. Tremiam-lhe as mãos.

- Então, rabi? - perguntei eu rudemente.

Ergueu os olhos lavados e esboçou um gesto de oração.

- Um grande fim, Vossa Magnanimidade, como cumpre a tão grande dama - disse ele timidamente.

- Isso não, rabi... Quem te envia?

Sobressaltou-se e esfregou nervosamente as mãos uma na outra, como as moscas fazem com as patas.

- A Senhora havia chegado no melhor dos estados, Vossa Magnanimidade, pronta para o estudo e de coração em paz. O meu mestre, rabi Isaac Louria, acolheu-a sem espanto e

instalou-a no pequeno estábulo ao lado de sua casa. A Senhora acomodou-se com uma humildade exemplar, e nunca quis ir para sua casa em Tiberíades, cuja construção estava terminada e que deu à yeshiva - nobre dama, Vossa Magnanimidade. E desde logo se pôs a estudar os cinco mundos, o Adão Quadmon, o Astilut, a Beríah, a Yetsira e por fim...

- Não entendo nada dessa linguagem, rabi - atalhei. - E depois?

- Depois nada, Vossa Magnanimidade. Praticou assiduamente o jejum e os exercícios de respiração, propícios à meditação. Em breve vimos com alegria que a pele do seu peito adquiria a cor da santa chama que preside às verdadeiras visões, sinal que o fogo divino passa pelo corpo do discípulo. O nosso mestre julgou que ela estava pronta para mais sérias experiências; e numa noite de Shabbath, levou-a ao cemitério de Safed, onde costumava invocar os mortos; ele os faz falar, Vossa Magnanimidade, eles revivem, prova incontestável da reencarnação, do Gilgull

- Basta! - gritei. - Foi o teu rabi que a fez morrer?

- Não empregueis tal palavra, Vossa Magnanimidade - disse gravemente o jovem rabi.

- Não convém ao evento admirável que estou encarregado de vos relatar. Eu era o primeiro assistente de rabi Isaac, e tive a honra de guiar os passos da Senhora na noite. Meu mestre instalou-se perto de uma sepultura e começou os exercícios; reteve a respiração e caiu num êxtase profundo. Nesse momento, juro, rodearam-no os sopros mais suaves, e senti com deleite que a presença inumerável das centelhas da Grande Alma volteavam em torno de nós. A Senhora em breve se pôs em posição para meditar, depois, após ter se concentrado, atravessou, por sua vez, a misteriosa passagem entre o nosso mundo e o do Gilgul. Por muito tempo meditaram; o meu mestre foi o primeiro a abrir os olhos e deles jorrava uma luz de incrível doçura; voltou-se para a companheira e apercebeu-se de que ela tardava na outra vida. O rabi ordenou-me então que fosse bater o mato à procura de serpentes.

- Serpentes! E o que é que esses bichos fazem nas vossas bruxarias? - gritei.

- Como Vossa Magnanimidade certamente sabe - continuou o moço com um sorriso crispado -, o nosso mestre tem o poder de fagr a língua dos animais. Mas é à serpente, por onde o En-Sofse dividiu graças ao Tsimtsum, que ele reserva as mais doces palavras, pois é ela o princípio do mal, é a serpente que é preciso cativar. Comecei o trabalho procurando pelos lados das velhas sepulturas onde pululam as víboras chamadas áspides. Quando era pequeno, aprendera com meu pai a apanhá-las por trás da cabeça, de tal sorte que elas só conseguem revirar a cauda. Em pouco tempo agarrei uma de bom tamanho que levei cuidadosamente ao mestre. A Senhora não havia ainda regressado para junto de nós.

- E o teu mestre falou à áspide? - espantei-me.

- Sim, mas primeiro dirigiu-se a mim: "Afasta-te, Jeremias" - pois Jeremias é o meu nome, Vossa Magnanimidade -, "e deixa-me falar à centelha que, no corpo deste animal, partiu da divina alma". Coloquei a serpente diante dele, e foi então que a coisa se produziu, Vossa Magnanimidade. A áspide torceu-se sobre si própria, e enquanto o mestre começava as fórmulas fechando os olhos para melhor se concentrar, o animalzinho deslizou até à mão pendente da Senhora e mordeu-a - concluiu calmamente o rabi.

O coração deu-me um salto como se a minha própria mão tivesse sido mordida. Beatriz, em pleno transe, sem defesa...

- Não vos assusteis, Vossa Magnanimidade, vejo-vos muito pálido... O mestre nada vira. A Senhora abriu bruscamente as pálpebras, fez um pequeno esgar de dor, baixou os olhos para a mão e avistou o réptil que fugia. O mais incrível, Excelência, é que ela não se moveu nem um pouco. Ergueu para mim os olhos cuja luz era tão suave quanto a lua, e sorriu-me. Julguei que ela havia já adquirido os divinos poderes que permitem tornar inofensivo o veneno daquelas criaturas, e não me afligi. A Senhora olhava o outro astro no céu, tão doce quanto o

seu coração. Entretanto, o mestre chamava a áspide desaparecida por todos os nomes serpentinos. De súbito, a Senhora vacilou e caiu por terra.

Iria eu espancar aquele mensageiro maldito, aquele jovem assassino iluminado?

- Ela não disse nada, rabi Jeremias? - perguntei eu em tom suplicante.

- Não me lembro, Vossa Magnanimidade. Não... realmente, não tenho lembrança. Era um momento de tanto sossego, entendeis? A menos que... Parece-me, porém, ter ouvido uma ou duas palavras ainda. Uma era-me familiar, Tsimtsum; a outra, não sei como dizer. Qualquer coisa como Joa,Jao,Jo... Compreendeis o que ela quis dizer?

- Não - disse, levantando-me para reprimir as lágrimas. - Continua.

- O mestre recolheu-a nos braços; falecera. Apontei a mordedura na mão inchada, e o mestre louvou o Senhor, acrescentando que a Senhora havia abandonado um corpo que já não queria, e que tal acontecimento era conforme aos desígnios do Senhor nosso Deus. Transportamos os restos mortais até à sinagoga para as últimas obrigações; as duas comunidades, de Tiberíades e de Safed, reuniram-se para o Kaddish, e muita gente dizia chorando que havia perdido a mãe...

- Tinham razão para chorar, e o teu mestre é inumano, Jeremias!

- De cada vez que uma alma escapa do seu invólucro passageiro para se juntar à Grande Alma, meu mestre fica satisfeito, e tem razão! Eu próprio, quando estava cheio de remorsos por ter levado a serpente aos pés do nosso rabi, e por tê-la deixado fugir, acalmei-me ouvindo-o falar. Eu havia contribuído para a libertação da alma cativa da Senhora, Vossa Magnanimidade.

- Pára de me chamar assim, Jeremias - suspirei. - Dize antes se o teu mestre te encarregou de outro recado. Ele disse-te que trouxesses a nova a Istambul, ou determinou que era preciso transmiti-la ao duque de Naxos?

- A vós, Vossa Magnanimidade - respondeu Jeremias. - Ele disse-me que vós éreis, sem dúvida, aquele que devia ser informado o mais depressa possível. Acrescentou que não devíeis sentir dor, pois a Senhora deixou o corpo "na fidelidade ao seu Senhor", repetiu várias vezes para que o não esquecesse. Lembro-me muito bem: na fidelidade ao seu Senhor.

Através do pobre moço, e por intermédio de um daqueles loucos cabalistas, Beatriz falava-me ainda.

- Está bem, Jeremias. Onde foste criado?

- Em Safed, Vossa Magnanimidade, onde nasci. E tenho de regressar no próximo barco.

Dei-lhe uma palmada no ombro e mandei que lhe preparassem um banho.

As cerimônias em memória da Senhora foram inumeráveis, gloriosas, intermináveis! Cada sinagoga da cidade se entregou à organização de uma. Depois seguiram-se as sinagogas de Salônica, Ragusa e as de todas as comunidades do Império; por toda a parte ressoavam fervorosos Kaddish. A duquesa foi a todo lado; eu, por mim, contente-me em assistir à celebração a que presidiu o rabi Soncno na Grande Sinagoga de Istambul; ouvi o elogio fúnebre que ele recitou em voz trêmula, e que terminou por estas palavras: "Não está mais entre nós a Sereníssima Princesa, a Glória de Israel, a flor esplêndida do exílio que alicerçou a sua casa sobre a pureza e a santidade; protegeu os pobres e salvou os aflitos, a fim de os fazer venturosos neste mundo e bem-aventurados no outro..."

Era tudo verdade; ai de nós! Era tudo mentira igualmente. A flor venenosa do meu exílio, a princesa atormentada, a minha demasiado pura Beatriz, havia alicerçado a sua casa sobre uma paixão ciumenta, e erguido uma fortaleza entre ela e mim. A Senhora escolhera

morrer pelo Amante Divino, cujo nome eu lera um dia num dos livros da biblioteca de meu pai, e de quem eu era apenas uma pálida encarnação.

Durante a cerimônia, julguei que a via aparecer no meio dos círios acesos, moça, com aquele adorável sorriso, segurando na mão uma maçã vermelha que levava à boca para lhe dar uma dentada; mas no momento em que ia morder a polpa, o seu rosto desvaneceu-se e eu não vi mais do que um grifo luminoso que terminava em uma cauda de serpente. Perdi os sentidos. Foi um belo tumulto.

Conduziram-me de volta ao palácio. Desde esse dia, o grifo nunca mais abandonou os meus sonhos.

No dia seguinte, enquanto repousava nesta varanda, o rabi Jeremias pediu que o recebesse. Mande-o vir; parecia preso por uma viva agitação.

- E que me lembrei de uma coisa, Vossa Magnanimidade. Uma coisa que o mestre muito me recomendou que vos dissesse, e que, com a ajuda da fadiga, esqueci.

Tremiam-lhe as mãos, e eu via a glote do infeliz subir e descer no pescoço. Aproximou-se.

- O mestre pediu-me que vos dissesse, Vossa Magnanimidade...

- Que eu te estrangulasse se me voltasses a chamar assim! - disse eu num sopro, esgotado.

- Vossa Magnanimidade deve agora abrir o cofre - disse ele de uma só vez e desapareceu como uma formiga numa fenda do soalho.

O cofre que ela havia me dado!

Conteria outra coisa além do coração mirrado de Francisco Mendes? Corri ao quarto e arrebentei as fechaduras enferrujadas. Sobre uma almofada de veludo que deveria ter sido negro, repousava com efeito um coração de prata envelhecida. Mas, ao lado do rehcão de Francisco, encontrei um saquinho de couro bem fechado, um rolo de papel e uma coisa castanha, semelhante a uma ameixa seca.

Desenrolei o papel a tremer. Estava escrito pela mão de Beatriz: "Bem-Amado, quando leres estas palavras neste papel já amarelado, terei deixado um corpo que não era de ninguém: nem meu, nem teu. No momento em que escrevo, já sei como me juntarei à Grande Alma; meu mestre, rabi Isaac, designou-me para enfrentar a serpente que nos expulsou do Paraíso: assim, nova Eva, abençoarei o mundo, e tal é o destino que vou cumprir em Safed. O rabi predisse que hás de me encontrar de novo quando o teu inimigo já não viver; só então será a tua vez de abandonares o corpo. Acharás no cofre a maçã vermelha que me ofereceste no dia das minhas núpcias; e no saco de couro um pouco da terra de Portugal que eu trouxera em nossa partida. Toma o cáique e espalha-a nas águas do Bósforo em memória da nossa despedida. Não te deixo, Bem-Amado, espero por ti no seio da Grande Alma".

Cerrei os punhos; o papel amarfanhou-se. Eu sentia calor e estava gelado, como se o veneno da áspide me penetrasse no coração doente. Depois, sobre a minha fronte, algo suave passou e julguei ouvir sua voz dentro de mim, como um estranho sopro, ao mesmo tempo ciciado e mudo. "A serpente veio até mim porque a chamei, Josef, porque a chamei... ela liberta-me de um corpo que deveria ter te pertencido... Que importa, Josef, que importa esse corpo desaparecido..."

Abri o saco; encontrei a terra reduzida a pó que passou entre os meus dedos.

- Descansa, meu filho - disse o corcunda enxugando a fronte de seu amo. - Estás transpirando. Queres que chame o médico?

- Sokolli ainda está vivo? - perguntou o ancião num sopro.

- Firme como uma rocha; se a predição é certa, ainda não estás morto, garanto-te!
- É que as garras do grifo me trituram tão fortemente o coração hoje... Dá-me água fresca, eu te peço.
- Água! Excelência, não te reconheço.

Logo que foi conhecida a morte da Senhora, Sokolli mandou me chamar. Era raro o grão-vizir ter entrevistas particulares com o favorito do sultão; para lá me dirigi desconfiado.

- Sabeis como o bailio de Veneza junto da Sublime Porta relata o desaparecimento da Senhora vossa tia, a mui nobre Dona Gracia Nasi? - disse-me ele com ar de regozijo. E estendeu-me uma missiva interceptada havia pouco. O que li mergulhou-me numa cólera fulminante.

O bailio veneziano falava de Beatriz como de "uma judia medonha que, semelhante a esses traidores que o Papa fez bem em queimar em Ancona, exerceu toda a vida a usura sobre os bens dos reis e dos príncipes, e isso no interesse apenas do Grão-Senhor, traíndo toda a Cristandade. É grande refrigério, acrescentava, ver morta tal mulher, cuja alma hedionda se reflete ainda no sobrinho Josef, que ela transformou em seu escravo".

Sokolli espiava-me pelo canto do olho, e quando me viu prestes a explodir, disse-me suavemente:

- Vingai-vos. Há já muito tempo que Veneza vos ofende, Excelência, e esse velho ódio pede troco. Não duvido - acrescentou ele com aquele seu sorriso de ave de rapina - que tendes satisfeito aqui ou ali alguns desejos de desforra. Mas nada de grande, Excelência, nada de grande...

- Que tendes em mente, Sokolli?

- Oh! Excelência, nada dessas familiaridades entre nós - disse continuando a sorrir -, eu não vos trato por Nasi; não nos estimamos e eu ajo apenas pelo bem do nosso sultão, o Grão-Senhor, como dizem os europeus... Acabamos de apreender duas naus venezianas; o grande almirante espalhou a esquadra pelas costas adriáticas, e os seus soldados pilham que é uma maravilha. Entretanto, a nossa embaixada está neste momento em Veneza para exigir a ilha de Chipre e o desarmamento de Famagusta, a fortaleza; espero a recusa da República para trazer a nossa esquadra à luz do dia. Vamos atacar Chipre. Julgo saber que o Arsenal da Sereníssima nunca trabalhou tanto; eles também constroem galeras... Não tenho em mente nada de preciso no que respeita à vossa vingança, Excelência; mas por vezes penso que os incêndios na nossa cidade são terríveis, e que Veneza tem muita sorte de não ser por eles atingida. Com todos aqueles canais, é certo que a água está por todo lado, mesmo ao pé do Arsenal... Evidentemente, se o Arsenal ardesse...

Eu compreendia. Enviei meus homens. Três semanas mais tarde, a cidade de Veneza era acordada em plena noite por uma imensa explosão. O Arsenal estava em chamas. Sabes o que é, Caraffa, o Grande Arsenal da Sereníssima?

Uma fábrica, onde mais de três mil arsenalotti montam cerca de uma centena de cascos de galeras em seis semanas. Numa doca, ajustam-se as pranchas, noutra, os bancos dos remadores, por fim, nas docas do arsenale vecchio, colocam-se as velas, os cordames, as armas e os víveres. É um espetáculo maravilhoso ver sair uma a uma as galeras novas todas equipadas para a caça...

Desse Arsenal depende a força da República; e não é apenas para desposar o mar que o doge sobe todos os anos a bordo do Bucentauro, o navio-almirante de gala, no dia da ascensão do Cristo deles, é também para que se estendam por sobre as vagas as milhares de

galeras com suas asas remadoras, peixes-voadores em torno de um esqualo preguiçoso... Mesmo o Corno de Ouro enfeitado de caíques jamais se igualará à beleza daquele espetáculo.

Pois é, o Arsenal ardia. A Sereníssima perdia, nas vésperas de uma guerra, centenas de galeras, e a honra da Senhora estava vingada.

No dia seguinte àquele em que se soube a notícia do incêndio do Arsenal, Sokolli chamou-me à parte numa das veredas de Topkapi.

-: Dividamos entre nós os papéis, Excelência. Atribuem-me uma indulgência enganosa pela República de Veneza que nos é útil; pois assim finjo negociar, e adormeço a desconfiança do bailio. O vosso rancor, por outro lado, é sabido; sereis considerado o único responsável por este incêndio, eu nunca soube de nada, nunca de tal vos falei anteriormente e o nosso sultão terá, assim, mais liberdade para tomar Chipre, que ele vos quer dar. Terás merecido.

Mandando incendiar o Arsenal de Veneza, havia ganho a minha ilha e o meu título de rei. Isso compensava a fama de incendiário.

A embaixada turca voltou de Veneza com a resposta negativa que So-kolli esperava. A esquadra otomana partiu para Chipre, sob o comando do grande almirante e a vigilância do grão-vizir.

Em março ela abordou as costas de Famagusta, a esplêndida fortaleza graças à qual Veneza detinha Chipre.

Um estranho incidente coincidiu com a partida do grande almirante. Falei-te, Caraffa, da minha dançarina de olhos cinzentos, Helena, de caráter bravio e rebelde. A moça havia decidido trazer ao pescoço, pendurada numa fita de má qualidade, uma cruzinha de madeira que ela mesma confeccionara. Eu gostava de Helena; presenteei-a com um dos fios de Beatriz, um pesado cordão de aros de prata e rubis, e comprei-lhe uma cruz de prata no bairro grego. A moça beijou-me as mãos com arrebatamento.

Dias mais tarde, havia desaparecido; encontrei perto do meu leito um pedaço de um papel qualquer onde escrevera desajeitadamente algumas palavras: "Perdão, senhor meu duque, tu hás de compreender".

Não prestei grande atenção; os preparativos do cerco de Famagusta mantinham-me inteiramente ocupado. Espiávamos os mensageiros que, de galera em galera, iam e vinham de Istambul aos barcos reunidos e que se preparavam para desembarcar os exércitos. A coisa parecia fácil, e eu não deveria ter me intrometido; contudo, Mehemet Sokolli pediu-me para ir encontrá-lo perto de Chipre.

Quando cheguei, o grão-vizir acabava de escapar à morte. A sua própria galera, onde, por milagre, não estava, havia ido pelos ares de uma só vez. Uma enigmática moça, da qual ninguém sabia o nome, introduzira-se na galera de Mehemet Paxá fingindo ser uma prostituta; levava consigo uma bomba que acendeu. Só lhe encontraram o corpo, horivelmente despedaçado, e uma cruz de prata.

Estava ao lado de Sokolli, numa outra galera, quando içaram para a coberta, envoltos num pano, os restos da moça, uma cabeça, um pedaço de torso; tive um movimento de surpresa ao reconhecer, num farrapo de ombro, a cruz que eu havia comprado; o fio de Beatriz, arreventado, espalhava-se sobre as carnes ensangüentadas. E o belo semblante da minha dançarina sorria com ar de desafio.

- Era então isso o que ela queria dizer! - disse eu levianamente.

Sokolli lançou-me um olhar desconfiado.

- Pois a conhecíeis vós?

- Conhecia; era uma das escravas com que o nosso sultão, que Alá o tenha em Sua santa guarda, me tinha generosamente presenteado.

- E vós a deixastes! Compreendeis agora por que mantemos as nossas mulheres fechadas? Se procuram fugir do harém, um bom saco bem resistente, três gatos metidos lá dentro com a culpada, um nó sólido por cima e ao Bósforo! Haveis sido imprudente, senhor Nasil! A menos que...

Não acabou. Mas logo no dia seguinte pediu-me que partisse.

Não obedeci. Tão perto de Chipre, deveria ter me afastado! Não, não fui embora.

Subornei alguns remadores, tomei um bote e desembarquei em plena noite na ilha cercada, na costa, longe do porto; o meu traje à moda de Veneza protegia-me da morte.

Distingui, ao luar, algumas casas brancas junto ao mar, uma capela com um minúsculo campanário, e, embora não tivesse nenhuma necessidade, pedi pão na primeira porta. Não responderam; mas um postigo entreabriu-se: falei na língua da Sereníssima e uma mulher abriu-me. Comi o que ela me deu sem dizer palavra, um naco de pão temperado com azeite e azeitonas; já não havia mais nada. A mulher respondia as minhas perguntas por monossílabos; vivia sozinha com os filhos; o marido estava lá em cima na fortaleza, com os soldados; ela tinha medo da guerra que estava para vir.

Acabou por me perguntar numa voz hesitante o que vinha eu fazer num momento tão terrível. Foi então que lhe disse que procurava uma mulher veneziana de nome Faustina. Enrugou a testa, procurou na memória e indicou-me o caminho de uma quinta isolada, do outro lado da aldeia.

Faustina então estava viva! A emoção inundou-me. Paguei o pão e as azeitonas e parti assim que amanheceu. No alto de Famagusta a fortaleza saía das trevas; viam-se os soldados ao lado dos canhões e ouvia-se o tilintar das armas. Caminhei sobre pedras soltas até o portão de uma quinta onde bati. Um ladrar furioso, passos...

- Husdent! Vem cá! - gritou uma voz de mulher.

Era ela. Faustina engordara; de cintura grossa, envolta numa capa preta, os cabelos enrolados no alto da nuca, a pele queimada, tinha o aspecto de uma camponesa cipnota. Mas a boca não mudara, e o olhar tornara-se calmo. Ao pé dela o mastim amarelo sossegava pouco a pouco, andando em volta da dona para a proteger, com a língua para fora.

- Então já não tens o teu cãozinho de estimação, minha linda? - disse eu como se a tivesse deixado na véspera.

Esubalhou os olhos, e por muito tempo me afagou a face, em silêncio. Reencontramo-nos sem esforço, e os nossos corpos ainda melhor; a pele dela continuava tão branca como sempre, e amou-me com uma paixão que não lhe conhecia.

Faustina havia comprado aquela quinta com o dinheiro que eu deixara; as terras produziam trigo bastante para lhe permitirem viver confortavelmente. Tinha criados que a fortaleza requisitara; e também um amante, um capitão veneziano, que não voltara a ver desde o início do cerco. Mas podia voltar, ela não sabia quando.

- Queres que te leve? - disse-lhe. - Tenho um bote e remadores, e uma galeota no mar, que está à minha espera. Queres viver comigo no meu palácio em Istambul?

Abanou de mansinho a cabeça.

- Por que, meu senhor? Lá tens a tua Senhora; mesmo aqui, sei o nome dela. Essa esmeralda no teu dedo, foi ela com certeza quem te deu... No?

- Ela morreu - disse eu entristecendo e rodando o engaste do anel. Era a primeira vez que o dizia tão simplesmente.

- Então eu iria para te consolar, e vero} - continuou Faustina com um sorrisinho. - Não, havias de te cansar; conheço-te, Juan. Aqui estou bem. Agora tens de ir embora, Geliebter.

Não consegui convencê-la do perigo que a ameaçava; tentei falar-lhe da crueldade dos janízaros, mas calava-se, obstinada. Faustina não desejava mudar de vida, e não a perturbei mais. O amante não devia encontrar-me no leito dela, dizia; deixei-a com o coração inquieto. A tranqüila felicidade de Faustina obcecava-me; em plena guerra, tão perto, das tropas otomanas, com o mastim por único defensor...

O bote esperava-me; tornei à galeota e fiz vela a Istambul, segundo as instruções do grão-vizir.

O cerco de Chipre durou dois meses e meio; a guarnição de Famagusta, composta por sete mil homens, era comandada pelo capitão Bragadino. Lembro-me das fúrias que assaltavam o meu Selim quando um mensageiro chegava ao Serralho, com o sempiterno refrão: "Famagusta continua a resistir".

- Esse Bragadino é, pois, de essência divina! - berrava Selim derrubando as bandejas de fruta. - Quando o apanharmos, há de ter os piores suplícios! Não se pode mandar-lhe pratos envenenados? Está morrendo de fome; há de engolir seja o que for. Josef, arranja um espião!

Sokolli, no local, mandava fazer biscoito para as tropas, dirigia todos os dias assaltos cada vez mais violentos, e já não dormia. Nicósia caiu, mas a fortaleza de Famagusta permanecia inexpugnável. Estava dividido entre a cólera e a alegria; talvez não viesse a ter o meu remo, mas Faustina viveria tranqüilamente na sua grande quinta, na ilha.

Por fim, Bragadino teve de escolher entre a vida dos seus homens e a capitulação. Decidiu render-se, acompanhado por três dos seus lugares-tenentes, Baglioni, Martinengo e Quirini. O mensageiro que nos trouxe a notícia frisou que no momento da rendição, o capitão veneziano usava uma veste de púrpura, e que o abrigava um guarda-sol da mesma cor.

Selim empalideceu de cólera.

- Ele quer uma veste de púrpura - murmurou numa voz suave. --Pois bem, há de tê-la!

Não pude impedir aquele horror, Caraffa. Piali Paxá, ao contar-me a execução de Bragadino, sentia-se ainda agoniado. Primeiro, degolaram logo os três lugares-tenentes. Depois, os janízaros começaram por cortar o nariz e as orelhas de Bragadino.

- Ele nem gritou! -- exclamava Piali Paxá. - E o sangue escorria-lhe pelos três buracos do rosto, cujos olhos chispavam sem que um único som lhe saísse da boca...

Abandonaram Bragadino assim durante dez dias, até a sexta-feira seguinte, dia de oração. Depois ataram-no a um assento e mergulharam-no na água; penduraram-lhe ao pescoço dois pesados cestos de terra; obrigaram-no, naquele preparo, a prosternar-se diante do Séraskeri, o chefe dos exércitos. Aquilo ainda não era nada.

Mais tarde, açoitaram-no, a fim de que a pele dele ficasse, por toda a superfície do corpo, da cor vermelha prometida pelo sultão. Ainda não era suficiente.

Esfolaram-no vivo em frente do palácio da Signoria, sua antiga morada.

- Durante esse tempo - dizia Piali Paxá -, ele recitava o Miserere, e os nossos soldados gritavam-lhe: "Então, onde é que está o teu Cristo, Bragadino? Onde está ele?".

Bragadino morreu; tinha uma veste púrpura tingida com o próprio sangue. No momento em que entregava a alma, degolaram junto dele trezentos cristãos cipriotas. Nenhuma mulher; Faustina, se ainda vivia, não podia estar entre as vítimas.

- E quando ele morreu - dizia Piali Paxá -, suspirou: "Concedei-me, Senhor, um coração puro". Era um bravo.

Esquartejaram-lhe o cadáver palpitante. Para o corpo tudo findara. Mas não para a pele; encheram-na de feno, e passearam Bragadino empalhado, montado num burro, através da fortaleza. Quando a pele de Bragadino deu a volta às muralhas, enforcaram-na; por fim, meteram-na numa caixa com as cabeças dos três lugares-tenentes.

Foi nesse estado que a vi quando a caixa chegou ao Serralho. Abriram-na diante do sultão. Selim contemplou a pele empalhada. Da cabeça de Bragadino, quase nada restava: tufo de cabelos sem cor, uma pálpebra fechada com cílios colados, a sombra de um esgar, alguns dentes. O meu sultão olhou-me, contrariado.

- Quem ordenou este suplício?

Teria Selim esquecido? Sokolli respondeu muito depressa:

- Vossa Senhoria quis que ele tivesse uma veste púrpura...

- Sim - disse Selim refletindo. - Disso lembro-me bem. Mas o resto?

- O resto - respondeu Sokolli separando cada palavra - é o prazer dos janízaros.

O grão-vizir não perdia nunca nenhuma ocasião para lembrar ao seu sultão que a autoridade dele dependia da boa vontade dos janízaros.

- Os janízaros, pois... - disse Selim num tom arrogante. - Estás vendo, Josef, do que eles são capazes? . ,

E pôs-me o braço no ombro para se retirar. No momento de sair, segredou-me ao ouvido:

- Faço a guerra, Josef, e sou um Osmanli. Parece que a minha raça é cruel. Nunca te esqueças disso.

- O que é que se faz com esta pele? - perguntou Sokolli ao sultão, que se afastava a passo largo.

- Expõe tudo isso na prisão durante alguns dias, depois manda a caixa para Veneza, Naxos ficará contente - respondeu a voz taciturna de Selim ao longe.

Josef Nasi, duque de Naxos, empenhara-se a si próprio na guerra, e as atrocidades apenas começavam.

Pensava que, com a morte da Senhora, vinham os tempos do horror, como se a própria existência da sua Beatriz tivesse bastado para o proteger até então. E quando Naxos chegou ao seu palácio, uma mão desconhecida havia gravado na parede as palavras que ainda lá estão: Josef de Naxos, rei de Chipre e dos judeus. - Um dos nossos irmãos impacientes, certamente, indicava-me o meu dever.

A pele inchada do desafortunado Bragadino ainda não havia chegado a Veneza e já a Santa Liga estava prestes a ser constituída. Para a Europa, a tomada de Chipre constituía uma agressão intolerável; os acontecimentos mudaram de aspecto. Chipre era nossa, é certo; mas a grande guerra tão esperada parecia a ponto de rebentar.

O Papa Pio V havia conseguido federar o Espanhol, o Austríaco, Veneza e os príncipes italianos; o Francês e o czar Ivan não faziam parte da Liga. Os ambiciosos projetos matrimoniais imaginados por Beatriz não haviam dado em nada, e, antes mesmo da tomada de

Famagusta, os aliados tinham entrado numa espécie de guerra. Jerônimo Zane, que comandava o conjunto das galeras do Ocidente, esteve quase a atacar no momento da queda de Nicósia; mas hesitou e voltou atrás. Em má hora o fez: o mau tempo afundou-lhe uns trinta navios e as galeras otomanas afundaram mais alguns. Segundo as leis da Sereníssima, Jerônimo Zane devia morrer na prisão; para lá o atiraram, e Veneza, que já não confiava nos seus remadores, enfraquecendo-se visivelmente, recrutou tanto vadios como homens livres.

Sokolh, como bom manobrador, aproveitou a derrota de Zane para baixar o preço do trigo, que ofereceu à Sereníssima para a fazer mudar de lado; pouco faltou para o conseguir. A Liga esteve a ponto de se desfazer.

Mas o asceta do Vaticano, que continuava a alimentar-se de caldos e abrunhos, não desistiu. Agitando o sangue dos reis e dos príncipes, ordenou ao cardeal Alessandrino que reunisse nos seus salões todos os embaixadores. Recebíamos mensagens incoerentes. "Discutem. Acabam de dissolver." "Reataram." "Veneza bloqueia." "Veneza vai ceder..."

Por fim, apesar das reticências da Sereníssima, a Liga ficou quase constituída. O vencedor da resistência mourisca, o jovem Dom João da Áustria, seria, com certeza, o comandante-chefe, mas obscuras batalhas de bastidores retardaram sua proclamação oficial. O capitão-general do mar chamava-se Sebastião Veniero e descendia dos imperadores Aurelianos. O meu sultão, que seguia divertido os detalhes daqueles atrasos protocolares, gracejava comigo todos os dias: "Todos esses príncipes, esses filhos de imperadores, ligados por causa de um marrano exilado, e que se batem para terem o privilégio de o impedir de ser rei!"

Mas eu pensava nas profecias de Beatriz e perguntava a mim mesmo, angustiado, qual seria o resultado da batalha. Não podia fazer nada; que havia eu feito, aliás? Havia desejado uma ilha de que eu seria o rei, e aonde conduziria, talvez, o povo de Israel. Fôramos vergonhosamente escoraçados da Europa, e íamos simplesmente vingar-nos daqueles príncipes. A tomada de Chipre repararia a injustiça feita a Israel, e coroaria o triunfo póstumo da Senhora; se eu fosse rei, ela seria venerada em toda a ilha. O direito, decididamente, estava do meu lado.

O direito, certamente, mas e a força?

Por fim, os chefes cristãos chegaram a um acordo. E a cerimônia oficial que consagrava a Liga teve lugar em São Pedro de Roma.

- Não - disse calmamente o corcunda.

- Como não? Tu ousas contradizer-me, Caraffa? Mostra-te, e explica-me esse "não" que proferes com tal segurança. A assinatura dos acordos não foi celebrada em São Pedro de Roma, então, por quê?

- Porque eu estava lá, ignorante, e tu não! - disse o corcunda saindo da sombra.

- Assistias à proclamação da Liga, tu, pobre judeu? Sempre me afirmaste teres sido recrutado à força pelos homens de Dom João da Áustria na baía de Messina... Se mentiste, cuidado!

- Fui recrutado à força, meu filho; sobre esse ponto não menti. Mas foi muito antes, no barrio de Granada, onde era um órfão das ruas vivendo do que roubava e de pequenos trabalhos; um dia, cruzei por acaso o bastardo da Blomberg, que me empurrou e me fez cair no chão. Ele não tinha mau coração; teve pena de mim e fez-me seu bufão. Ah, não me vais censurar a dissimulação, Nasil! Eu também era marrano e era pobre! Com o corpo que minha mãe me deu, não tenho outro recurso a não ser divertir os poderosos - não tinha como

escolher. Bobo de Dom João da Áustria é coisa que não se recusa! Senhores, não era fácil fazê-lo rir, ao arcanjo. Quase tão difícil como fazer rir a ti, Naxos.

- Pois bem, se a Liga não foi proclamada na Basílica de Roma, onde é que foi então, se faz favor, senhor sabichão?

- No palácio apostólico, ignorante ignorantíssimo, na sala do Sagrado Consistório, diante dos cardeais de vermelho, numa ladainha daquele danado latim lá deles, do que se deduzia que os delegados da República Disto e do Reino Daquilo prometiam uns aos outros auxílio e socorro recíprocos, que destruiriam o Turco na terra e no mar, e que também contavam embolsar Argel, Túnis, Trípoli e o resto... Eu não fixei senão uma frase que me dilatava o peito: "O general de toda a armada e do exército da Santa Liga será o Ilustríssimo Senhor Dom João da Áustria". Porque a glória dos amos recai sobre o bufão; e também fico inchado de orgulho à idéia de que és duque.

- Nunca tal me havias dito, bufão...

- Tu não ouves ninguém! Só os teus preciosos assuntos é que contam! E os dos outros, pff!... Como se nada fossem. A vós, aos poderosos, podemos divertir-vos com os vossos próprios segredos, mas quando se trata de um pobre anão disforme, veremos... O pior é que Dom João se parecia um pouco contigo; como tu, tinha a alma cheia de uma desconfiada soberba, como tu, ruminava sombrios pensamentos sobre o destino - com a diferença de que há oito anos tu tinhas ainda o cabelo negro como o carvão, e que ele era loiro, tão loiro quanto a Senhora com a qual me martelam os ouvidos desde que vivo neste palácio.

Depois da proclamação da Liga, Naxos, continuou o bobo, houve festas, no caminho para Messina, onde meu amo Dom João devia assumir o comando. Vi o Grão-Turco em forma de um dragão de cartão que punha para fora uma enorme língua de papel escarlate, vilhe, na crista, uma lua crescente onde se batiam três meninos, o Papa, o rei e o doge... Vi também uma formosa barca de prata com um mouro todo nu a quem tinham posto umas asas de anjo, e as crianças no colo das mães riam às gargalhadas; não tinham medo, aqueles querubins, não tinham medo bastante! Viam já o teu sultão amarrado em cima de um burro... Cristãos, bósnios, judeus, é tudo a mesma corja! Partem para a guerra gritando de júbilo, e voltam de lá loucos de terror, quando não morrem...

- Poupa-me da tua filosofia, Caraffa. Dize-me antes como se comportou Dom João quando soube que não tinha direito ao título de alteza, porque era bastardo.

- O quê? Também sabes isso? É verdade, não ficou contente. Pôs-se em grande fúria, Naxos, como um ouriço com os espinhos eriçados; Dom João escreveu uma bela carta bem furiosa ao irmão, rei da Espanha, de triste figura, e pronto. E que fizeste tu, Naxos, quando percebeste que não serias rei de Chipre? A mesma coisa. Ruminaste a tua decepção em silêncio.

Um velho malvado da nobreza espanhola aplicou-se a chamar-lhe Excelência e não Vossa Alteza, para o enraivecer; os marinheiros chamavam-lhe sem rodeios o Bastardo, e eu, para lhe agradecer, não perdia uma ocasião para lhe atirar uma Alteza. Pobre Dom João!

A cara dele, também, quando recebeu do Papa a ordem de mandar embora os remadores viciosos, e de não levar a bordo os imberbes!... Aquele velho animal do Papa receava a sodomia! "Quererá ele que vá inspecionar um a um os pêlos dos meus soldados?", gritava Dom João fora de si. "E como é que se reconhece um vicioso em vésperas de combate?"

Na verdade, ele tinha razão. Limitou-se a um ou dois exemplos para dar satisfação ao saco de ossos que aquecia a sua idade avançada ao sol de Roma, e afastou três ou quatro rapazinhos que teriam podido dar idéias aos venezianos. Para terminar, embarcamos. Eu estava a bordo da Réale com o Bastardo. Havia gritos de todos os lados, as galeras entrechocavam os

remos, cada qual queria passar adiante da outra; os pontifícios, porque eram de religião, os austríacos porque eram do imperador, e os venezianos porque eram de uma república. O Bastardo decidiu misturar toda a gente, mandou que os espanhóis embarcassem nas galeras venezianas, os italianos nos barcos da Espanha, até que não se pudesse distinguir uma galera senão pelo estandarte. E para ter a certeza de que seguraria aquela gente, mandou pôr bandeiras nos navios. Eu mesmo lhe sugeri as cores: para a ala direita e Doria, verde; para a ala esquerda e Agostino Barbango, amarelo; para nós, no meio, azul. A reserva, conduzida por Álvaro de Bazan, ia de branco. Sabes que o Bastardo é um grande capitão?

E enquanto tu esfolavas Bragadino, Naxos, eu avançava para Corfu. Mas tu já tinhas dado conta da pobre ilha, de que nada mais restava senão ruínas. Então o Bastardo jurou que havia de te encontrar, e acabou por te descobrir no golfo de Lepanto.

Estás vendo, Naxos, foi em Lepanto que mudei de amo; e nós três, o Bastardo, tu e eu, vimos o Apocalipse...

- Lembras-te - murmurou o ancião - do instante que precedeu o primeiro assalto? Eu havia me juntado à nossa esquadra e estava a bordo da galera de Piali Paxá, à retaguarda, um pouco afastado, como me havia pedido o sultão; Ali Paxá, seu genro, comandava a batalha. Estávamos em campos opostos, Caraffa; mas esqueceste a hora em que cada uma das duas esquadras viu aparecer a outra no horizonte? Sabemos que é chegado o momento terrível, mas para ter a certeza é preciso avistar as galeras do outro lado do céu... Sussurros, gritos de todos os lados, depois o mesmo frágil silêncio, a espera; e de súbito sabemos que as gaiivotas, além, no mar, ao fundo, não são aves, mas o inimigo, e eis que de repente o mesmo uivo brota de cento e trinta mil gargantas ao mesmo tempo, um desfraldar de júbilo, um nascimento... Tsimsium!

- Meio-dia - disse Caraffa sombriamente. - Era precisamente meio-dia. Não viste o melhor, Naxos. Na alvorada desse mesmo dia, o Bastardo decidiu passar em revista as tropas. Num bote a remos, com o secretário e este teu servo orgulhosamente instalado atrás dele, percorreu a esquadra inteira erguendo diante das galeras um grande crucifixo de prata que brilhava ao sol nascente. Proferiu em seguida um discurso tão lindo que os homens choraram: a vontade divina, o castigo para os cães bárbaros, a única esperança do Deus dos exércitos, o governo universal do mundo... Ninguém entendeu patavina, mas era soberbo. Depois, num poderoso gesto, desfraldou o estandarte da Liga com uma enorme cruz vermelha, e ajoelhou. Ah! Aquilo é que foi, Naxos; toda a gente se pôs de joelhos, tanto os malandros como os outros. Em cada uma das galeras o capelão pôs a estola, e à confissão, marinheiros! Quando tudo findou, intervieram as trombetas. Quatrocentas galeras no mar vibravam com o som dos metais, sem contar os flautins, as castanholas, os gritos dos remadores... E os tambores, Nasi, os tambores de que quase me esqueci! Aquilo era como uma trovoadas; e cada um gritava na sua língua: "Vitória, e viva Jesus Cristo!".

- Modera-te, bufão - disse secamente Naxos. - Aí estás tu de pé, gritando a plenos pulmões, de olhos a brilhar. Dir-se-ia que te orgulhas, tu, um judeu, de ter gritado o nome de Cristo...

- E tu, Nasi - resmungou o corcunda -, como é que tu dizes quando falas do teu sultão? Sombra de Alá na terra? Hipócrita!

- Não é a mesma coisa, Caraffa. Eu sou príncipe do Império Otomano. Mas eu gritei, com efeito, as invocações do Islã. As tropas otomanas apelavam para Alá e para Maomé, seu

profeta - e eu também não resisti. Conheço a embriaguez de que falas, desprezo-a, e contudo gritei, ai de mim!

Durante um instante de eternidade, as nossas duas esquadras injuriaram-se ardentemente. Trocaram igualmente saudações, segundo o costume, com salvas de canhão; os elmos e as armaduras brilhavam ao sol, como nas brincadeiras de crianças em que elas, com pedaços de espelho, atiram umas às outras raios ofuscantes; as flâmulas estremeciam em volta dos homens e estalavam, mandíbulas de uma morte invisível latindo de alegria...

- Como falas bem, meu amo - disse o bufão. - Foi mais ou menos isso. Uma cachorrada. Uma bela cachorrada, aquela batalha.

- Tenho de reconhecer, Caraffa: o espetáculo era grande. As batalhas deviam parar por ali. Eu nem desconfiava do horror que se seguiria; como todo o exército otomano eu estava seguro da vitória. Tínhamos mais galeras do que a Liga; sabíamos disso desde que o corsário Kara Hodja realizara a proeza de se infiltrar de noite no meio da esquadra inimiga, depois de ter pintado a sua galeota de preto. Kara Hodja tinha silenciosamente contado as galeras: duzentas e oito, nem mais uma. Nós tínhamos duzentas e trinta: íamos ganhar.

Recordo-me todavia de que ele havia julgado avistar mastros; ora, as galeras não têm disso. "Mastros!", disse-lhe desdenhosamente Ali Paxá. "Estás sonhando, Kara Hodja! Para tal seria preciso que houvesse na esquadra da Liga galeaças com canhões. Já o saberíamos; os nossos espiões o teriam dito! Não, são naus para o reabastecimento, mais nada".

A esquadra da Liga incluía mesmo seis galeaças, armadas de belos canhões, cujas velas Kara Hodja tinha visto sem as identificar. Elas sozinhas decidiram a sorte da batalha.

Assim que os exércitos se aproximaram, vimos os pesados barcos maciços; e, quando a primeira fila das nossas ligeiras galeras avançou para o inimigo, os canhões estrondaram. Piali Paxá agarrou-me pelo braço:

- Estamos perdidos, Josef! Kara Hodja não se enganara, eles têm canhões, olha!

Vi, de fato, penachos de fumaça branca. Com um barulho ensurdecedor, algures ao longe, uma das nossas galeras abateu-se subitamente no meio dos uivos e dos flautins, espalhando em torno uma onda de sangue. Uma galera, duas, cinco, dez, toda a primeira fila lá ficou. Depois a segunda. Ao norte, a ala direita, comandada pelo paxá de Alexandria, tentou em vão atravessar a esquadra inimiga. Não conseguiu. Viam-se os soldados atirarem-se ao mar e nadarem para a costa; já não havia ala direita, o centro desaparecera. As nossas galeras estavam presas como aves na capoeira, e a raposa tinha dentes em forma de canhão...

- Não podemos perder - disse Piali Paxá sombriamente. - As nossas galeras são em maior número, é uma certeza! Não devemos fracassar; imaginai, Nasí, o futuro do Império? Occhiali, o beí de Argel, vai arrumar tudo pelo meio. Mas, afinal, o que é que está esperando aquele maldito grande almirante para me dar sinal? Eu estou aqui com as minhas tropas, e não me movo!

O meu velho amigo falava consigo mesmo para enganar a ansiedade. Ele já sabia. Chamou-me em particular. '

- Está ali uma galeota, Josef, ao lado do nosso barco; não sai dali e segue-nos como uma sombra. Ainda não chegamos lá; mas se a galera-al-mirante for tomada, parte imediatamente. A escada do portá-lo está pronta; a galeota tem ordens para te levar de regresso a Istambul. Seria bonito se Chipre ficasse sem rei e o sultão sem amigo!

Os canhões da Liga continuavam a atirar, e as nossas galeras afundavam no mesmo ritmo.

- Olha - disse de súbito Piali Paxá -, o almirante genovês afasta-se. Mas o que é que ele está fazendo? Uma brecha, é uma brecha! Anda Occhiali, depressa, é a tua vez! Vai. Está bem. Avança no vazio deixado por Doria...

O espírito da batalha alimenta-se da menor esperança; mas esta era vã. Occhiali, o Argelino, afundou valentemente uma parte da armada genovesa, mas o esforço não foi suficiente. Piali Paxá já dava ordem à sua ala para avançar, quando, subitamente, teve um sobressalto.

- A galera-almirante, lá, atingida! Desta vez, Josef, parte...

Deixei o barco de Piali Paxá. Da galeota onde estava, enquanto os remadores se afastavam, vi que na galera de Ali Paxá era rasgada a bandeira com três crescentes; a cruz da Liga ergueu-se no navio-almirante.

A partir daí, as galeras otomanas fugiram em desordem; havíamos perdido. Piali Paxá conseguiu escapar e juntou-se a mim na galeota.

- Ali Paxá morreu - disse-me ele ao chegar a bordo. - Um dos marinheiros viu-o golpear contra si próprio o punhal quando a bandeira foi rasgada. Fez bem. Viste o mar, Nasí? Está vermelho de sangue...

Eu não reparara na cor das águas. Não vira senão relâmpagos, elmos, escudos, bandeiras ondulando ao vento, fumaça, minúsculas figurinhas que caíam batendo os braços, cabeças que boiavam, de ar aparvalhado, e corpos que flutuavam, como peixes, de barriga para o ar, no meio de um clamor de agonia.

- E foi assim, filho, que tive a insigne honra de ser recolhido pelo duque de Naxos enquanto ele fugia - disse o corcunda com uma reverência.

- É verdade - suspirou o ancião. - Achei-te agarrado com unhas e dentes a uma tábua à deriva. Coberto de sangue, agitavas a mão, mas não estavas ferido. Tremias feito vara verde. Lembras-te da tua primeira frase? "Meu senhor, vós sois certamente da esquadra da Espanha!"

- Céus! Usavas um traje espanhol!

- Apontei-te a bandeira com três crescentes hasteada na nossa galeota e pensei que fosses desfalecer. Mande-te para um canto; adormeceste, tinhas o aspecto de um velho bandido.

- Ora essa - murmurou o corcunda de lágrimas nos olhos. - Não tinha sequer vinte anos. E hoje ainda não tenho trinta...

Contaste a tua batalha. É a minha vez. Retirara-me modestamente para o camarote da popa, reservado ao Bastardo, para ali meditar sobre o meu derradeiro fim. Ouvia o estrondar dos canhões, mas estava, ainda assim, bastante tranqüilo no meu canto, quando um maldito arcabuzeiro me veio desaninhar à força e obrigar a ir para a coberta, onde, segundo ele, o general me queria.

O Bastardo nem sequer olhou para mim. Mas o desalmado arcabuzeiro impeliu-me para a amurada, e com um empurrão atirou-me ao mar. "Os judeus dão azar!", gritou ele como despedida. E ali estava eu na água, que sabia a sal e a sangue, rodeado de cadáveres que flutuavam e feridos que berravam. Com grande dificuldade, tirei um morto de uma tábua que não lhe servia já para nada, e deixei-me ir à deriva fechando os olhos.

Tenho ainda outra recordação, essa com mais graça. Mesmo antes de me retirar para a minha meditação abreviada, vi subir a estibordo uma jovem magricela que ria mostrando os dentes todos. Enquanto ela se sacudia para torcer a água das saias, interpelei-a para saber o que fazia ela ali.

"Vim encontrar meu noivo da Áustria", disse ela torcendo os cabelos molhados. Nesse momento um tiro de canhão lançou fumaça em cima da desavergonhada, e decidi que era tempo de desaparecer. Disseram-me que era uma iluminada, filha de um pobre louco que dizia ser vice-rei do Peru, e que pintava Evangelhos em Messina; tinha metido na cabeça que Dom João lhe fora destinado pelo céu; embarcara em segredo, disfarçada de homem; mergulhando da galera onde se havia escondido, seguira a nado a galera do seu amado, como pobre perdida que era, mesmo no meio da batalha. Emocionado por tanta valentia, e espantado pela proeza da moça, o Bastardo havia ficado com ela. Não era nada feia, aliás. Estranha história... São as loucuras das batalhas; não se entende nada. Como é que ela conseguira chegar até ali sem ser morta? Nunca hei de saber.

Olha, recordo também, parece que estou vendo, que os soldados riam e choravam ao mesmo tempo; e quando esgotaram as munições, atiravam as provisões de limões contra o escorbuto, como se fossem armas. Limões! Estávamos loucos. É o que faz o medo, Naxos, o medo, lembras-te?

- O medo? O medo é antes; nós o sentimos no instante que precede a batalha, Caraffa. Comendo uma uva, um pêssego, um melão doce, dizes para ti mesmo, é a minha última uva, o meu último pêssego, o meu último melão. Aí está ele, o medo. É o minúsculo "talvez" que paira em todas as imagens: talvez a última vez. Mas sabes bem que, quando chega a hora, há apenas "a certeza" e não pensas mais no medo, desapareceu. Encaras os canhões, vês suas bocas de fogo, mas elas nada significam; sabes que podes morrer, mas não tens tempo de compreender. Mexes-te, ages, abaixas a cabeça, levanta-a de novo e já não és tu. Não, não tive medo em Lepanto.

Das duzentas e trinta galeras do Império, só nos restavam umas trinta. A cabeça cortada de Ali Paxá havia sido içada na ponta de uma lança, e vinte mil homens haviam perecido. Beatriz não se enganara; o oráculo da Maça Vermelha, que predizia a derrota do Império Otomano em face dos príncipes do Ocidente, cumprira-se, enfim - e por culpa minha.

Um mensageiro anunciou sem rodeios a derrota ao sultão, que foi tomado de uma fúria assustadora logo seguida de um abatimento de que não mais saiu. Fechou a porta e recusou-se mesmo a ver-me; dizia-se que passava todo o seu tempo em lamentações. As galeras sobreviventes regressaram com seus respectivos lotes de feridos; durante longos dias as mulheres de Istambul uivaram à morte. O impossível realizara-se.

Do outro lado, celebrava-se a vitória. A Virgem protegera Dom João da Áustria, dizia-se; e aliás a batalha decorrera num domingo, sinal do Céu! Em Roma, o velho asceta estava no auge da glória; em Veneza, durante uma semana tudo esteve fechado; parece que se podia ver, pregado nas portas dos mercadores, um aviso com palavras dispostas em torno de bandeiras cruzadas: "Chiuso per la morte dei Turchi". Compuseram-se oratórios, teatro, libelos, recitaram-se orações, organizaram-se procissões. O mundo onde tínhamos vivido balançava.

Nunca, no entanto, eu havia duvidado do poderio otomano. O sultão, fosse qual fosse o seu nome, parecia-me invencível; os príncipes europeus, demasiado divididos, traíam-se com frenesi. Para os reunir e vencer a Sublime Porta, fora preciso um Papa, mais um. Um Papa havia nos perseguido em Portugal, um outro havia nos escorraçado de Ferrara, um terceiro havia nos vencido em Ancona, e este batia-nos em Lepanto!

Sokolli poderia saciar o seu rancor. Mas mandou me chamar por uma razão totalmente diferente.

- O nosso sultão afunda-se numa melancolia da qual só vós podereis distraí-lo, Excelência - disse o meu velho inimigo com ar preocupado. - Não quer receber ninguém, nem a mim, seu grão-vizir, nem a vós, seu amigo. O Império não está perdido, mas necessita do chefe. Não posso governar sem a autoridade visível do sultão. Curai-o.

- E como hei de fazer, senhor Sokolli? Até me proibiram de lhe enviar os alimentos aos quais se acostumara...

- Medida demasiado rigorosa - deixou escapar o grão-vizir. - Devem ter pensado que um jejum lhe seria salutar; e com efeito, mergulhou na penitência. Mas estou certo de que não haveis esgotado os vossos recursos. Encarregai-vos de o trazer de novo à vida; eu, por mim, encarrego-me de lhe mostrar, assim que ele estiver recomposto, uma esquadra inumerável e em perfeito estado.

- Impossível! Não o conseguireis. Com trinta galeras apenas! s

- Não é da vossa conta, Excelência - disse ele mostrando os dentes brilhantes. - Sobre Chipre... havemos de falar após a nossa próxima vitória, de acordo? .

Enviei a Selim um cesto maior que de costume, com baixelas cinzeladas; mandei confeccionar nas nossas cozinhas o cardápio mais refinado que pude imaginar: peixe cozido no vinho que ele não conhecia, uma iguaria succulenta feita de pequenos cadozetes, rosas moídas sobre neve vindas do monte Ararat, e manjar branco com pevides de maçã; por fim, toda a espécie de confeito de frutas silvestres e amêndoas secas bem torradas. Eu próprio entreguei a refeição do meu sultão, escoltado pelos meus homens e por soberbos cavalos baios com que queria presentear-lo. No alto de um bolo, enrolara um pergaminho onde havia escrito algumas palavras: "O duque de Naxos está desolado por não ver mais o seu sultão, e Josef, o amigo, tem saudades de Selim".

Ao cabo de uma hora, entrei finalmente. Selim, com os cabelos em desalinho, usava um traje de luto. A barba branca não estava limpa, tinha os olhos febris, olheiras escuras. Estava assustadoramente envelhecido. Mas o cesto estava aberto.

- Querias ver o Grande Senhor, como dizem os teus amigos da Europa? Pois bem, olha bem para ele, está vencido - lançou ele com irritação.

- O filho do Magnífico assim se deixa abater como um velho - respondi com voz forte. - Diz-se que, coberto de cinzas e sem nunca se lavar, Selim, o poeta, termina os seus dias como um desafortunado louco, à semelhança de seu irmão Djihangir...

Atirou-se-me à garganta. Não opus resistência.

- Cão infiel, judeu, têm razão os que de ti se defendem! - ofegava o sultão fora de si.

- Continuai, Senhor - consegui dizer, meio sufocado. - Não mereço mais. Que a culpa recaia sobre mim, eu almejei Chipre.

Mais calmo, largou-me, e passou a mão pelos cabelos.

- Por que me falas de Djihangir, Josef - suspirou. - Como te atreves? Meu pobre irmão era um santo, que Alá o tenha em Sua santa guarda. Não valho tanto como ele; sou apenas um sultão. Mas quero bater-me, eu - gritou bruscamente -, e morrer como meu pai, na batalha! Sou um Osmanli!

Já sem refletir, tropeçou no cesto; suas narinas palpitavam, agarrou um pastel, avidamente. Devorou, depois embriagou-se. As cores voltaram-lhe às faces; por fim, com um bocejo, adormeceu. Eu ganhara.

Os cestos selados retomaram o caminho do Serralho, e o sultão voltou à vida. O Agá negro fez o seu dever; escolheu ele mesmo as escravas para reanimar os ardores de seu amo. Enfim, Sokolli cumpriu a palavra dada.

Ah! Que estranha festa... Estávamos reunidos no pequeno pavilhão que domina o Corno de Ouro; dali avistávamos o estuário que se estendia, de um lado, até às aldeias verdejantes, e do outro se abria para o mar. De súbito, vimos aparecer as filas de galeras verdes e vermelhas, recém-pinta-das, equipadas de remadores ágeis. Uma torrente infinita de galeras, uma armada de galeras novas, de centenas de galeras...

Ao lado do sultão, o grão-vizir sorria sem dizer palavra.

- Está bem - disse Selim radiante. - Estás vendo, Josef - acrescentou virando-se para mim -, a nossa esquadra não desapareceu; está intacta. Podemos recomeçar amanhã. Estou feliz.

- Lembro-me dessa mágica, e nunca soube a chave do enigma! - exclamou o corcunda.

- Deixa-me em paz, estou cansado. Tudo a seu tempo. O cheiro do incêndio ainda não desapareceu de todo; há um perfume de cinzas e de madeira queimada que permanece. Música! Quero música!

Mal ele falara, uma voz, acompanhada de um alaúde, elevou-se, rouca e plangente.

- Meu Deus! - exclamou o ancião. - Não é possível... A voz de Beatriz, ali, atrás de nós...

- Ora vamos, meu amo! - disse o corcunda tossindo para disfarçar o embaraço. - Os mortos não voltam. Escuta bem: não é a nossa língua, é turco; e o teu ouvido há de reconhecer um tanbür, sabes, com quatro cordas duplas. É a tua dançarina, é Leila, sem dúvida.

- Leila... - disse Naxos passando a mão pela testa. - Sim, certamente, Leila. Perco a razão. Contudo, esta voz... Ah, já não sei! Dormir um pouco... ;| ,...-

E a cabeça tombou lentamente.

- Bom - concluiu o corcunda. - Dia difícil! Mas cuidado... a minha duquesa.

Correu em direção a uma sombra inquieta que, de pés descalços, deslizava para a luz.

Capítulo X

1571-1579 O último Shabbath

(A vingança de Occhiali; um jovem e brilhante judeu da Polônia; a traição de Josef Nasi; uma representação de Ester no palácio do Belvedere; morte de Selim, o Bêbado; o último encontro com Mehemet Sokolli; as palavras da duquesa muda.)

Sexta-feira, ao crepúsculo.

- Não deveis ficar, senhora, ide-vos! - segredou o corcunda ao ouvido da duquesa Reyna.

- Ele está com calor - respondeu ela abanando um leque bordado perto do rosto de Naxos. - Precisa de ar fresco quando dorme; olha o suor que corre nas faces.

- Não é suor - disse ele em voz baixa -, são lágrimas, minha duquesa... E se ele desperta, se vos vê, assim? Envelheceis vestida como as matronas judias do Levante; dar-vos-iam sessenta anos!

- E quando os tiver, daqui a dez anos, o meu Naxos estará morto - disse ela sorrindo tristemente.

- Mas ele ainda não está preparado. Deixai-o; vais pô-lo fora de si, e ele ainda não disse tudo...

Reyna teve um gesto de impaciência.

- Já não creio em ti, Caraffa - murmurou. - Querias conhecer os seus segredos; e qual o resultado? A Senhora, minha mãe. Mas e eu? Ele vai morrer sem saber que eu não sou muda? Não me há de escutar? Não, não há de ser assim. Quero que ao acordar ele me veja, e que me ouça.

- Esperai! - suplicou o corcunda de mãos postas. - Durante mais de vinte anos haveis tido paciência. Olhai, o sol prepara-se já para mergulhar atrás da Suleimania; a lua ergue-se acima do mar, e hoje é o sétimo dia desde que ele começou a abrir seu coração despedaçado. Só vos peço uma hora, uma mísera hora; até o começo do Shabbath. Ponde um traje veneziano, deixai essas calças bufantes que ele detesta... Ao cair da noite, vos entregarei o vosso esposo.

- O céu está todo em chamas; a lua será avermelhada... mau presságio - suspirou a duquesa Reyna suspendendo o movimento do leque.

- Quem é que falava contigo, Caraffa? - disse o ancião em voz abafada.

- Ninguém, meu filho, uma criada. Descansaste bem; estou contente contigo. Agora tens de continuar a tua história, Naxos; o mais difícil já passou.

- O mais difícil, dizes tu? É porque a Senhora morreu. E depois?

- Depois, filho? Toda uma imensa esquadra no Bósforo logo a seguir a Lepanto, quando trinta miseráveis galeras haviam conseguido escapar. Milagre!

- Uma interminável esquadra, sim, e que parecia intacta... O grão-vizir prometera-o; cumpriu a palavra dada. Do alto dos jardins do Serralho, a ilusão foi perfeita. As galeras eram apenas trinta; mas desfilavam no Corno de Ouro uma a uma, depois desapareciam por detrás do Serralho; aí, mudava-se uma bandeira, uma figura de proa, e elas voltavam, triunfalmente, com o aspecto de galeras novas. Assim como o seu sultão, a cidade inteira se iludiu, e uma alegria cega invadiu os corações. Aquilo era apenas uma meia artimanha de Mehemet Sokolli; logo após a derrota, a construção das galeras havia recomeçado com mais intensidade. E as trinta galeras recém-pintadas antecipavam o verdadeiro renascimento da esquadra otomana.

Julgara ter chegado o fim do Império, mas enganara-me. A vergonha, que caíra sobre mim como uma noite de inverno, não afetava o Otomano, mas apenas o favorito do sultão, o

duque de Naxos, que desejara ser rei de Chipre. Nos compridos corredores do meu próprio palácio, ouvia as criadas murmurarem: "No tempo da Senhora, nunca um tal desastre se teria abatido sobre a casa Nasi...". Ousariam elas realmente dizê-lo? Não sei. Via suas expressões compadecidas, os silêncios embaraçados, a solicitude enternecida, e repetia para mim mesmo o que não ouvia. Mas era o único a chorar a minha derrota; o Império já se havia recomposto.

Enquanto os membros da Liga se entregavam aos louros e sonhavam tomar Túnis, Argel e talvez, na Terra Santa, Jerusalém, Occhiali, o bei de Argel, engrandecido pelo heroísmo de que dera provas durante a batalha, tornara-se almirante. Havia logo dado, para a construção dos novos barcos, instruções precisas: menos arqueiros e fundeiros, mais artilharia e arcabuzes, e galeras mais leves do que antes. Acrescentaram galeças maciças, armadas de canhões, que exigiram muito dinheiro - não ficaria bem recusá-lo a meus amos. Em menos de um ano, estava tudo pronto.

No campo inimigo, continuavam as cantorias. Lembro-me que um tal Maloni Blessi, ou talvez Manoli, assinou um abominável libelo, escrito em dialeto veneziano, que fazia de Selim um sodomita absoluto, e de mim o seu amante; eu era descrito como um galante veneziano, de cabeça oca, sexo libertino, aproveitando a embriaguez de Selim para lhe extorquir reinos, ducados e até a pluma sagrada da coroação. Ura dia, Selim caía em si e expulsava-me do seu leito enchendo-me de injúrias.

Foi ele mesmo quem me mostrou. Haviam-lhe traduzido o bastante para desencadear a sua cólera. Reconheci em seu olhar o ódio que eu tinha por Veneza.

- És meu amigo, Josef; castiga esse monstro que nos ofende - disse-me simplesmente estendendo-me o livrinho. - Não jogues fora esta imundície sem a leres; verás a alma apodrecida dessa república degenerada. Mas eles cometem um erro, todos: nós não fomos vencidos.

Precisei de alguns meses para identificar o autor do panfleto; sob o pseudônimo de Manoli Blessi escondia-se o ator Bruchiella, quer dizer, um poeta cujo verdadeiro nome era Antônio Molino. Ainda tinha amigos em Veneza e não tardou a que o poetastro fosse encontrado no fundo de um canal. Bagatela sem importância, que testemunha sobretudo a vangloria do Ocidente; Lepanto inspirava os poetas e os príncipes; ao celebrarem interminavelmente a primeira vitória, haviam acreditado que a partida estava ganha; enganavam-se.

Conhecíamos os planos da Liga: Túnis devia cair na primavera de 1572, Rodas, Chipre e a Moréia durante o verão, Argel no inverno seguinte. Mas a França, que continuava reticente a respeito de uma Liga na qual não quisera entrar, mostrou as presas; Filipe, o Espanhol, achava, por seu lado, a guerra muito cara, e mostrava pouca pressa em concordar com novas despesas; seu irmão bastardo, o jovem vencedor de Lepanto, impacientou-se em excesso, e finalmente o principal agenciador da federação, o Papa Pio V, morreu em maio. Acabava-se a Liga e os seus ímpetus belicosos.

Occhiali pegou as suas galeras e fez de novo uma razia nas costas adriáticas, à volta de Cândia, Zante e Cefalôma. Enviaram para Corfu o jovem austríaco; mas Occhiali, com os canhões, afogou o mar numa espessa fumaça branca e fugiu ileso com toda a armada. Por três vezes, Dom João da Áustria se deixou enganar por aquele logro infantil; teve de retirar-se, vencido. Decorreu apenas um ano entre Lepanto e Corfu, e a glória do chefe da guerra do Ocidente inteiro tinha já menos brilho.

Logo que ficou garantida a segurança do Império, Sokolh persuadiu o sultão a olhar para as bandas do leste. A Pérsia ameaçava as fronteiras. Há muito que eu sabia que o grão-

vizir queria voltar as costas às guerras do Ocidente e visar o Oriente; mas não era o meu universo. Demasiada Europa corria nas veias da minha memória, e se detestava profundamente os príncipes que nos haviam humilhado, continuava a admirar a formosura de Veneza, os jardins de Ferrara, as colinas italianas, as planícies, os volúveis céus do Ocidente. Cada uma das cidades onde havíamos vivido me deixava violentas e súbitas saudades, como a recordação de uma amante abandonada às pressas. Do mesmo modo que nos fustiga a repentina memória de um gesto ao acordar, de uma anca adormecida, de uma madeixa de cabelos, de um sorriso de mulher, eu encontrava de novo as sensações dos tons de vermelho sobre as paredes de Ferrara, da brancura de um brasão de mármore batido pelo sol, ou da luz da aurora penetrando através dos vidros verdes na nossa casa em Antuérpia; os clamores dos gondoleiros desaparecendo no horizonte dos canais, o corpo flexível de Faustina, perdido para sempre, o brilho magnífico da Torre de Belém à partida de Lisboa, o aroma desaparecido das maresias atlânticas, as ondas alterosas e o vento no cais - tudo se misturava na minha memória.

Cansei-me até mesmo de Istambul, e do eterno espetáculo dos minaretes no tom cor-de-rosa do crepúsculo. Para além dos Dardanelos, o Oriente pouco me atraía; via apenas um deserto confuso e caótico, línguas desconhecidas, povos do Islã xiita de que eu só conhecia as sangrentas procissões de penitentes, no dia de Moharram. Eu pertencia ao oeste. Chipre, a minha ilha entre dois mundos, plantada no centro do mar, pertencia ao Império, mas eu não a obtivera; não era rei. Não estabeleceria o país do nosso povo no exílio bem no meio do Mediterrâneo, como uma passagem entre o Islã e a Cristandade. De resto, desligava-me dela pouco a pouco; o espetáculo do combate havia me tirado o gosto de lutar, mesmo que fosse por um reino. E até a nossa Palestina me caiu das mãos, como por indiferença, sem que soubesse verdadeiramente por quê.

Não mais queria ir a Tiberíades ou a Safed; teria matado com as minhas próprias mãos aquele rabi que me roubara Beatriz. Não queria ver a sepultura dela no pequeno cemitério, no meio da paisagem ressequida. Deixei os nossos colonos sozinhos com o seu trabalho; mas privados do apoio da Senhora, assediados pelos beduínos do velho xeque, que não lhes dava descanso, fatigaram-se e abandonaram a resistência. Hoje, alguns voltam para cá; não tenho coragem para os exortar a partir de novo. Os beduínos em breve reencontrarão o seu deserto, e o ancião da Palestina acabará por ganhar o combate.

Após o tumulto de Lepanto, a minha alma esperava repouso. Já não dominava o coração do mundo, mas Beatriz não me abandonava o pensamento; aparecia em todos os sonhos, insinuante e risonha, para além da morte, como se zombasse de mim. E se eu tivesse me enganado? Se o humanismo que eu devia a Erasmo e a Maximiliano não tivesse passado de uma preguiçosa fantasia? Comecei a duvidar das minhas cétricas certezas. Tornei à sinagoga e esforcei-me por ser um verdadeiro e bom judeu; em vão. A leitura da Tora enfadava-me; e aquele Deus dos exércitos que castiga o seu povo choroso, o Eterno a quem é preciso suplicar sem descanso, e diante do qual é preciso humilhar-se, continuava a achá-lo terrível. Quis compreender o objeto das últimas fascinações de Beatriz; mandei vir ao palácio os adeptos da Cabala, mas não suportava a sua ênfase, os transe inflamados, os movimentos de dervixes, as intermináveis exegeses... Prossegui a alquimia, que me interessava mais, mas as transmutações a que os meus olhos assistiam não me traziam nenhuma resposta sobre o divino. A minha razão persistia em dizer-me: não há nada, nenhum deus. E contudo o meu coração teimava: Beatriz era a minha pedra filosofal, a minha divindade pessoal, e eu iria encontrá-la pois ela o dissera. Loucura! Estava louco, continuo a estar, sim: para além desse fio inquebrável entre nós dois, nada existe. Amo um fantasma.

Selim, por seu lado, transformava-se num autêntico bêbado. O seu afeto por mim não mudara, pelo contrário: mais do que nunca me rodeava de honranças, tomava-me pelo pescoço e, de olhos brilhantes, recitava de novo poemas... Mas um não sei quê de falso conspurcava essas efusões; os versos eram cansados, os beijos ébrios, e a razão perturbada. O Osmanli que havia nele toldava-se, e do príncipe orgulhoso que enterrara o pai no regresso de Szeged, restava apenas um homem velho e gordo, com o fracasso no coração, cujos belos cabelos loiros haviam embranquecido e que deixava o grão-vizir fazer o que bem queria, sem ânimo.

Sokolli teve, enfim, a paz que desejava. Obteve a traição de Veneza, que concluiu uma paz em separado esquecendo-se dos aliados. Um dia, mandou me chamar; Sokolli nunca agia sem segundas intenções. Anunciou-me com ar amável que o sultão, Sombra de Alá na Terra, me outorgava generosamente, para me consolar da perda do meu remo, o monopólio da cera.

- Que, como sabeis, nos vem do reino da Polónia - insinuou ele com ar entendido.

Eu nada havia pedido e encolhi os ombros.

- Não vos espanteis, Senhor - disse ele percebendo o meu gesto. - Conhecemos a vossa humildade, mesmo sendo recente. O monopólio da cera é de primordial importância, sabíeis? Vós me faríeis um favor tomando como gerente dessas novas fontes de rendimento um dos vossos irmãos de religião, o médico principal da corte da Polónia; haveis de compreender, temos necessidade desse homem. Haveis de vos dar bem.

Não podia escolher. Aceitei o homem de Sokolli.

Esse jovem e brilhante judeu chamava-se Salomão Eskenazi; recebi-o com reserva, mas em breve me encantou; de elevada estatura, cabeça erguida, olhar profundo e vivo, era ao mesmo tempo elegante, inteligente e belo. Tive a fraqueza de acreditar que ele se parecia com o que eu fora, nos tempos da minha própria mocidade; aquele meu retrato lisonjeou-me. Confiei nele e tratei-o como ao filho que Reyna não me havia dado; tinha uma letra soberba e contratei-o como secretário; ganhou importância na casa Nasi e, como Sokolli me aconselhara, ocupou naturalmente entre o grão-vizir e eu o papel de intermediário. Para compreender os negócios do Império, Salomão Eskenazi teve dois excelentes mestres; Mehemet Sokolli ensinou-lhe a política externa, eu mostrei-lhe as fontes de financiamento. Aprendeu depressa, e era com agrado que eu o escutava. Uma estranha idéia lhe veio um belo dia.

A paz com Veneza não bastava, dizia, para garantir a segurança do Império. É certo que o Papado já não era uma ameaça, e a França, atormentada pelos conflitos entre católicos e partidários da religião reformada, se perdia em horríveis guerras intestinas; restava apenas, intacto e perigoso, o poderio do rei da Espanha. O grão-vizir temia-o, mas recordava muitas vezes o cognome que davam a Filipe, filho do Habsburgo: o "Rei Prudente". E como o grão-vizir era também muito prudente, se o conhecia bem, receava aquele soberano que se parecia demasiado consigo. Eu ouvia distraidamente; os Habsburgo já não me interessavam.

Num outro dia, Salomão garantiu-me que Sokolli procurava concluir um tratado de paz com Filipe II, mas que não sabia como. Achei a idéia ridícula e o projeto insensato. Salomão não insistiu, mas na semana seguinte voltou à carga. Em suma, de dia para dia ele acrescentava explicações. Por fim, falou de uma vez: eu era o homem que podia reconciliar o Otomano e a Espanha, os dois impérios.

- Por minha fé, moço, sabes tu com quem falas, e o que nos fez o Habsburgo? - disse-lhe eu indignado. - Durante dez anos, ou mais, ele perseguiu-nos, ameaçou-nos, roubou-nos vergonhosamente. Fica sabendo, para teu governo, nós, os Nasi, não tivemos pior inimigo do que esse príncipe.

- Inimigo que vos nobilitou, Excelência - insinuou Salomão Eskenazi. - Vós o haveis confrontado abertamente, haveis-lhe resistido, e ele reconheceu os vossos méritos. Ele queria casar uma donzela Mendes com um grande da Espanha, e vos fez cavaleiro... Isso não é ódio.

- Não! Não quero ouvir mais. Ofendes a memória da Senhora - repliquei em tom cortante.

- Ela vingou-se do Papa e não do Habsburgo - replicou Eskenazi. - Perguntai-vos antes o que diria ela da minha idéia.

Mergulhei na incerteza. Salomão Eskenazi dizia a verdade. Beatriz sempre me havia surpreendido pelas suas reviravoltas súbitas: no dia em que me mandou fazer-me de galante junto da regente de Gand, que ela detestava, naquele outro em que contra todas as expectativas decidiu o bloqueio, ou ainda a fundação das nossas colônias na Palestina... As reviravoltas mais inesperadas haviam dado frutos. Ela sabia aproveitar as ocasiões que se lhe ofereciam, sem dúvida; e eu, desde o desaparecimento dela, hesitava com frequência; não tinha nem a sua clarividência nem a sua força de decisão. Sem ela teria eu tido a coragem de deixar Portugal, teria eu voado a Istambul para obter o penhor do sultão Solimão e conseguido a amizade de Serim, teria eu sido duque de Naxos? Decerto não; devia-lhe tudo. A única idéia que só a mim pertencia, era a de ser rei de Chipre. E justamente! Havia conduzido a esquadra otomana ao desastre. Tal pensamento paralisava-me. Salomão percebeu e apoderou-se das minhas hesitações.

- A Senhora, vossa tia, teria aprovado essa aliança, estou certo disso - insistiu. - O Rei Prudente é o único a querer a paz e a segurança do comércio; ele não se obstina em destruir a Sublime Porta; sempre negociou secretamente conosco, enviando inumeráveis emissários. Haveis sido banqueiro de Carlos V, haveis tido na mão os reis da França, vós os haveis enganado e, embora marrano, vos tornastes um verdadeiro cavaleiro, um príncipe da Palestina; mais, um duque, instalado no centro dos negócios do Império, favorito do sultão e seu banqueiro... Quem, melhor que vós, pode convencê-lo? Seu pai recebeu-vos e haveis sido um dos seus súditos; ele acreditará em vós.

Ao correr dos dias deixei-me convencer. Disse-o ao meu caro Salomão, que saltou de alegria e aconselhou-me logo a escrever em meu próprio nome uma carta ao rei Filipe.

- Em meu próprio nome! Tu te esqueces, moço, que os antepassados dele nos escoraçaram da Espanha, e que eu sou de novo judeu?

- Verdade, Excelência? - disse ele olhando-me bem nos olhos. - Sabe-se que sois indiferente a essas coisas; não sois como a Senhora, sois um espírito livre; ninguém o ignora. O tratado vale bem o esquecimento do judaísmo.

- Mas afinal que homem és tu para falares assim? Não és judeu, também? E não te interessas pela sorte dos teus irmãos? - gritei, pensando para comigo que Beatriz me havia muitas vezes feito a mesma censura.

- Eu? Não, Excelência, não sou indiferente ao nosso povo. Mas sei muitas coisas. Por exemplo, conheço a natureza dos presentes que o sultão Selim enviou a Dom João da Áustria após Lepanto...

- Graças! O sultão, ao jovem vencedor?

- Ele mesmo. Conheço o nome do emissário que se encarregou de encaminhar os presentes, com uma carta assinada pela sua própria mão: Acomato de Natolie, o eunuco, vós sabeis... Dizei-me agora, se o sultão consente em esquecer a derrota, o seu favorito não pode esquecer um instante a expulsão dos judeus da Espanha? Vamos! Em breve um século terá decorrido desde essa infâmia; o rei da Espanha possui doravante as Américas, com as quais se preocupa mais do que com a sorte dos judeus. E se Filipe II quer a paz, o nosso povo poderá

aproveitar a sua clemência. Sede o homem que reconciliará os impérios do nosso mar comum...

Ai de mim! Senti-me lisonjeado, e reneguei Beatriz num instante. Senti-me também magoado; Salomão trazia-me a prova de que a derrota de Lepanto me havia afastado dos segredos do Império. Tive um último momento de resistência e quis falar ao meu sultão; mas Selim escutou-me bocejando, e pediu-me em voz toldada que fizesse o favor de regressar às coisas sérias, à poesia, por exemplo. Estava sozinho.

Escrevi ao rei Filipe.

Recordei a memória de seu pai, os nossos conflitos e como haviam sido resolvidos; mencionei o interesse que a Espanha teria em tratar com a Sublime Porta, e insisti na validade das guerras que Lepanto, e depois Corfu, haviam demonstrado. No fim dessa missiva inflamada a favor da paz, oferecia os meus serviços para intermediário, já que conhecia simultaneamente os príncipes da Europa e o sultão, senhor do Império Otomano.

Mostrei a epístola a Salomão, que a considerou quase perfeita. Sugeriu-me, todavia, que acrescentasse um detalhe: o Rei Prudente ficaria totalmente confiante se eu promettesse retornar à fé católica.

- Vais longe demais, moço - rosnei entre dentes. - A Polônia fabrica em ti a mentira, e até aí não irei. Está dito.

Não voltou a insistir, e pegou na carta para a copiar. Selei-a eu mesmo com o selo de Naxos.

Alguns dias mais tarde Sokolli mandou me chamar aos seus aposentos. Ia com certeza estudar a minha nova missão; dirigi-me tranquilamente ao Serralho.

- Excelência - disse-me severamente -, graves acusações pesam sobre vós. Dizem-me que haveis escrito ao rei da Espanha... Atrevemo-nos a crer que nada fizestes sem nos consultar!

Dei uma gargalhada.

- Acusações, Sokolli? Ora vamos! Fostes vós mesmo quem me pediu, por intermédio de Salomão Eskenazi. Pois não nego, escrevi ao rei Filipe. Para negociar o tratado de paz com que sonhais. Desta vez, não são rumores vãos.

- Bom - disse Sokolli mostrando os dentes. - Era preciso igualmente pedir-lhe perdão? Era preciso abjurar a vossa fé, em troca de uma isenção de direitos aduaneiros e de imposto para o vosso comércio pessoal? E, sobretudo, era preciso pedir-lhe um salvo-conduto para deixar o Império?

Fiquei aturdido. Pedi-lhe provas; estava pronto a levar o assunto ao sultão. Sokolli estendeu-me a minha carta com um sorriso.

A minha carta! A letra estava tão bem imitada que me tremiam as mãos; por certo o falsário havia copiado a minha caligrafia de verdadeiros documentos. Havia concluído a missiva acrescentando as frivolidades que justificavam as acusações de Mehemet Paxá. A assinatura era também a minha; estava perdido.

Foi ao olhar o selo que me senti salvo. O lacre estava quebrado; febrilmente reconstitui o conjunto. Não era o leão e a lua de Naxos.

Faltando o selo, o golpe falhara. Sokolli mordeu os lábios, examinou o lacre; tirei o anel e mostrei-lhe para que verificasse o verdadeiro selo de Naxos, mas ele afastou-o com um gesto.

- Tendes razão, Excelência - foi obrigado a concluir. - Este documento é falso. Já não tendes a carta verdadeira; tenho pois de acreditar na vossa palavra. É pena - disse ele retomando a sua arrogância -, tivésseis vós procedido com mais sutileza e talvez pudéssemos entender-nos. Teria apreciado uma carta vossa ao rei Filipe; teria estudado o conteúdo da mesma convosco. Mas não confiais em mim, não é, Excelência? Em vez disso, haveis querido jogar sozinho, e achai-vos ludibriado como um principiante. Deixar um secretário copiar uma das vossas cartas, ora vamos, Excelência... Que erro!

Eskenazi teria me traído? O meu querido Salomão? Dominei a minha perturbação e perguntei negligentemente ao grão-vizir como havia ele entrado na posse daquela carta secreta, que só o meu secretário polaco conhecia. Sokolli fez um gesto vago; não se questiona um homem de Estado sobre tais detalhes. Os nossos olhares desafiaram-se. Depois, com uma cortesia extrema, Sokolli anunciou-me que Salomão Eskenazi seria, a partir daquele dia, seu conselheiro pessoal.

Eis a história completa da minha famosa carta a Filipe II da Espanha, que nunca seguiu e contudo fez de mim um renegado. Cuidadosamente difundidos, começaram a correr rumores sobre a minha traição; continuam a correr.

Eskenazi ludibriara-me, ele, que eu estimava. Pior, adivinhara a violenta saudade que eu tinha da Europa; sim, havia com efeito tentado deixar o Império, e aquele pedido de salvo-conduto teria podido redigi-lo eu próprio... Creio até ter lhe confidenciado. O jovem judeu da Polônia tinha se dedicado a ir até o fundo dos meus desejos. Já não era capaz de tal coragem. Tinha a alma de um traidor, mas não a vontade de sê-lo; tinha o coração de um Judas, mas nem sequer a força de trair.

Retirei dessa questão um desgosto definitivo do mundo e da minha imagem; foi então que senti os primeiros acessos do mal que hoje me aflige, e a que quero dar o verdadeiro nome, o desespero da velhice. A sombra de Beatriz segredava-me ao ouvido que era preciso pensar em deixar este mundo; e Selim, de olhos vermelhos, inchado de gordura, não era mais do que o reflexo da nossa mocidade perdida. Muitas vezes pensava naquela corda que me havia vendido outrora o lansquenete alemão num antro em Lisboa; tirava o saco de veludo, apalpava a frágil relíquia de Judas, e procurava em vão a coragem para atar em volta do pescoço um bom nó correição de cânhamo, bastante sólido para me enforcar. Mas o objeto maldito voltava ao seu esconderijo, e o terrível gosto pela vida ganhava sempre.

Foi nessa época que levei para o meu leito a segunda das dançarinas, a pequena Leila, a última das minhas amantes. Dela só sabia que vivia em paz perto da duquesa Reyna e que cantava admiravelmente zajdals melancólicas, com uma bela voz grave que ouvia às vezes de longe. Ela tinha apenas dezesseis anos quando, cruzando com ela por acaso, a vi abrir um figo preto e dar uma dentada no coração rosado da polpa. Sem largar o fruto, lançou-me um olhar vivo, o sumo do figo escorria-lhe pelo queixo; limpou-se com as costas da mão, mas continuava a devorar, com uma alegria tal que me fez inveja. Quando a deflorei, em lugar de se lamentar, deu uma risada, como um grito de gaivota; depois com doçura, com sabedoria, ensinou-me a arte das carícias que aprendera no harém. Descobri a lentidão dos gestos, o sono partilhado, o langor do despertar, uma suavidade desconhecida, tão tardia... Com ela provei o deleite e a inocência da carne, de que a presença de Beatriz me privara toda a vida. Era preciso que a Senhora morresse para eu achar o tempo de saborear um prazer sem dilaceramentos.

Só o dia me trazia incessantes angústias; e apesar das canções daquela criança, os terrores diurnos acabaram por vencer o encanto que me davam as suas noites. Há perto de seis meses que não toco em Leila.

Desde o dia em que perdi Eskenazi, desisti de me interessar pelo Império, e Sokolli deixou-me em paz. Enquanto Selim vivesse não corria nenhum risco; a minha fortuna, os meus bens, a minha família, a minha vida, nada seria ameaçado, se pelo menos continuasse a pagar as despesas dos

exércitos e se renunciasse a qualquer ambição política. Sob o cognome de "doutor Salomão", o jovem Eskenazi tomou o meu lugar no Serralho, e teceu sabiamente teias de espões da sua laia: renegados, que queriam cair nas graças quer do Império, quer da Cristandade; cavaleiros de Malta, verdadeiros ou falsos, como João Bareli; agentes disfarçados de cativos evadidos das galeras, albaneses, gregos, dragomanos, como Horembey, sucessores de Claude du Bourg - ou de mim mesmo, no tempo em que era apenas Josef Nasi... Sombras poderosas e efêmeras cujos nomes a história jamais fixará.

Pela primeira vez na vida, a ociosidade abria-me as portas da fantasia. O fantasma da Senhora esperava-me no meu novo reino; Beatriz e eu já não estávamos em guerra; debatia sozinho, inventava as suas respostas, imaginava disputas... Mas não; doravante viveria sem esses maravilhosos conflitos seguidos de reconciliações comovidas, os nossos únicos momentos de verdadeira ternura. Por vezes ouvia a sua voz no vento, e voltava-me bruscamente; doutras vezes, aparecia no vão da porta, moça e velha ao mesmo tempo, alegre como jamais foi... Já não era ciumenta; e quando eu acariciava o belo e roliço corpo de Leila, Beatriz aquiescia, maternal. Mais ainda do que quando era viva, preenchia a minha existência. Mas se eu lhe falava sem cessar, ela só me respondia desaparecendo bruscamente.

Foi ela, sem dúvida, quem me inspirou a idéia de representá-la no teatro. Para me desenfadar, havia criado o hábito de organizar no palácio concertos; os convidados, sentados em tapetes, escutavam a música provando doces, sementes de cardamomo e pevides de abóbora; por vezes, ia até o divertimento em que se escarnece dos grandes, tu sabes, Caraffa, pois és excelente em tal jogo. Imaginei encomendar uma representação dramática da vida de Ester; quis pô-la em cena pelo quinto aniversário da morte da Senhora, que coincidia com a festa de Purim; disso não te esqueceste. Mas sabes o que se passou?

O rabi Elias aceitou compor a peça e em breve me trouxe o resultado do seu trabalho. Ai! Assuero era um tolo, um bárbaro sem caráter, desprovido de amor; Mardoqueu, dizia sempre a mesma coisa, como todos os rabinos; o coro rezava sem descanso. Quanto a Ester... Expressava-se de maneira tão empolada que não se reconhecia nada da minha Beatriz.

Reescrevi tudo com exaltação e sem método; parecia-me gravar para a eternidade das gerações futuras a nossa história mais secreta. Para Assuero inspirei-me ao mesmo tempo no duque de Este e em Carlos V; era um príncipe por vezes brutal, de coração dividido entre a ternura e a importância das suas funções. Mardoqueu não podia ser senão o obstinado rabi Soncino; e a minha Ester, naturalmente, assemelhava-se a Beatriz. Arrebatada, teimosa, com grandes momentos de violência, deixava-se bruscamente abater por desgostos profundos, que eram os únicos a permitirem-lhe expressar carinho. Era assim, descabelada, desvairada, desfeita, que ela seduzia Assuero. Contudo, eu não conseguia encontrar as palavras certas para essa parte; e a minha Beatriz não amava o seu real esposo. Assim não estava bem; o rei persa, se não era amado, não era suficientemente amável.

Afastei resolutamente o duque Hércules e o Habsburgo e fiz de Assuero um moço que se parecia comigo como se fosse meu irmão: impaciente, indeciso, liberal e cético; muito pouco verossímil, mas bastante atraente. A minha Ester começou a amar aquele soberano fictício, e eu experimentei um orgulho imenso. Esses versos, Caraffa, são para esquecer; não tenho talento para tais coisas; havia escrito para a circunstância um hino a Beatriz que só eu podia compreender. Faltava a música.

Mandei vir de Veneza cantores e um músico de uma nova escola. Um tal Palacci chegou-me todo alquebrado por uma viagem difícil; os ventos de agosto não o haviam poupado. Esse maestro possuía todas as graças dos músicos da Sereníssima; falava com grandes gestos das mãos, e afetação singular; nunca terminava uma frase sem uma delicadíssima reverência que eu reconhecia por já ter visto nas festas venezianas. No capítulo da composição, era inesgotável. Explicou-me, cora muitos trejeitos, que a minha obra daria de uma ponta à outra um madrigal dramático do mais venturoso efeito, que ele havia de compor segundo a nova moda que acabava de ser lançada em Mântua. As personagens cantariam por vezes juntas; não se contentariam em cantar imóveis, representariam ao mesmo tempo a comédia.

- Juntas! - disse-lhe. - E o que é que vai ser da minha Ester? Não se vai ouvir nada. Concebeis Ester e Mardoqueu a cantarem um por cima do outro para ver quem leva a melhor? E como quereis vós que se mexam? Não vão poder cantar!

Melindrado, roeu a unhas, mas não desistiu. Os ensaios começaram. Pelo palácio ecoavam os cantos que ele compusera; eu não reconhecia as minhas palavras, haviam se insinuado na cacofonia e Palacci estava radiante.

Na dita noite, teve lugar a festa. Sou velho demais para aquelas novidades. Mardoqueu, de coroa dourada, desancava Assuero cantando mais alto do que ele; o próprio Assuero, que tinha na cabeça um elmo coberto de plumas saltitantes, brandia uma espada ridícula, e uma gorda Ester de pesados peitos revirava os olhos que doía na alma, prendendo os pés, que eram grandes, nos véus; dir-se-ia um carnaval. Havia me habituado à discrição velada das mulheres turcas que se ouvem sem serem vistas, e não gostava daquele estilo. Os dignitários do Serralho saíram escandalizados, os embaixadores europeus ficaram surpreendidos, à exceção do baiho de Veneza e de alguns negociantes que julgaram a música excelente. Rabi Soncino veio dizer-me com sincero embaraço que nada daquilo valia as canções de Ferrara que cantávamos em coro, nas etapas da nossa longa viagem. Extasiaram-se com o luxo dos trajes, os panos pintados do palácio de Assuero, com o vinho de Naxos, com a beleza do texto. E de Beatriz eu reencontrava apenas a sombra de um braço que se abandonava, pelo espaço de um instante, durante os breves momentos em que uma ária em solo lhe restituía a grandeza.

No dia seguinte, passou no céu de Istambul um brilhante cometa. Julguei reconhecer a alma de Beatriz, e ouvi sua voz, que me avisava da dureza dos tempos. Terá sido a passagem do cometa? Alguns dias mais tarde, a terra tremeu, e quatrocentas casas de madeira desabaram. Murmurava-se que a desgraça se abatia sobre o Império. Depois soube-se que uma inundação havia ameaçado a Caaba no recinto sagrado de Meca; sabes como tal acontecimento marcou os espíritos, Caraffa. O céu, a terra, a água... repetiam rezando. Só falta o fogo - e daí reze-se o incêndio.

Ele veio. Mas só atingiu as cozinhas do Serralho. Desataram-se as línguas das comadres pelos mercados: pouco antes da morte de Selim I, também havia rebentado um incêndio nas cozinhas do Serralho, de Andrinopla... Presságios, diziam; eu não dava importância, como de costume. O meu sultão também se nu, e decidiu tirar vantagem daquele incêndio benéfico: as cozinhas estavam velhas, seriam reconstruídas.

Seu pai, o Magnífico, dizia Selim, havia confiado ao grande Sinan a construção da primeira mesquita mais alta que a Hágia Sophia, e Sinan havia feito germinar, na mais alta colma, a admirável Suleimama. Quando subira ao trono, ele próprio havia encomendado a

Sinan a construção de uma nova mesquita, ainda mais esbelta, e a Seliminia, sua obra-prima, fora erguida em Andrinopla. Então, Selim ordenou a Sinan, e apenas a ele, apesar da sua idade avançada, que refizesse as cozinhas de Topkapi. E adegas arejadas. Ao mesmo tempo enviou um copeiro ao Egito para se informar sobre a maneira de conservar o vinho, seu único cuidado.

- Verás, Yusuf, havemos de ter as melhores adegas do mundo, e lareiras para assar um elefante inteiro! - dizia ele com um riso irritante.

O velho Sinan, quase centenário, nada perdera do seu gênio; em seis meses construiu adegas esplêndidas. O meu sultão convidou-me para a primeira visita. Vastas, com altas abóbadas claras e sonoras, eram dignas do grande arquiteto imperial. Selim percorreu-as resmungando satisfeito; depois, para festejar a ocasião, solicitou-me que escolhesse um tonel, que foi aberto. Tinha consigo o copo de alabastro, que nunca o abandonava.

- Em tua honra, Yusuf! Bebo ao futuro rei de Chipre - disse, e bebeu de um trago um primeiro copo de um excelente vinho de Bordéus.

De um trago! Havia até perdido a arte de saborear o vinho.

O segundo copo foi à saúde do almirante; o terceiro em honra dos poetas; o quarto pelo desventurado Ali Paxá, e verteu algumas lágrimas. O quinto, já não sei, Bragadino, parece-me. Só parou quando o tonel ficou vazio.

Depois tomou-me o braço, cambaleando. Ria...

- Eis-te rei, Yusuf. Ajuda-me a subir a escada.

Como o corpo dele se tornara pesado! Com grande dificuldade, consegui içá-lo de degrau em degrau maldizendo Sinan por tê-los feito tão altos. Selim soluçava, sufocava de riso, e escorregava-me dos braços. De súbito empurrou-me:

- Deixa, Yusuf. Estás velho demais; já não tens força. Lançou-se corajosamente às escadas. No último degrau, voltou-se, triunfante, mas o pé perdeu o degrau, ele caiu ao comprido e rolou até embaixo. Ouviu-se um estalo assustador, um uivo.

O sultão não se mexia. O meu coração parou.

Não estava morto. Um dos olhos ficara aberto, fixo em mim numa expressão de surpresa. Quis levantá-lo e uivou de novo. Não havia dúvida de que quebrara os ossos; mas, apalpando-o com precaução, vi que não tinha nada nas pernas nem nos braços. Quando os pajens o levaram para cima, não parou de gritar; pedimos o auxílio dos guardas, que transportaram o grande corpo inerte e dolorido. Por fim estenderam-no no leito; os médicos apalparam-no, e abanaram a cabeça sem dizer palavra.

O Serralho começou a rezar; dobraram a guarda em volta do harém e os dignitários percorriam as veredas dos jardins em silêncio. Eu não abandonava a cabeceira do meu Selim, nem sequer quando chegou o grão-vizir, que se contentou com uma olhadela e me fitou longamente, sem ódio. Os médicos recusavam-se a fazer prognósticos; mas, regularmente, um deles lancetava um braço, ou uma coxa, e eu via que o meu sultão nem sequer reagia. Insensível à dor, Selim já não sofria.

- Pff! Não é nada - conseguia ele dizer. - Não é pior do que uma queda de cavalo. Por exemplo, gostaria de saber por que é que não posso levantar a mão. O braço está partido, Yusuf? Já não o sinto.

A um cavalo que tem as costas partidas, o dono dá o golpe de misericórdia para lhe tornar a morte mais suave. Não se acaba com um sultão que partiu a espinha. Selim agonizou onze dias. Ele não o soube. Conservou uma disposição de espírito inocente, até que se deflagrou uma infecção que o impedia de respirar.

- Não tenho sorte - vociferava. - Realmente, doente, logo neste momento...

Depois perdeu a consciência lentamente, sufocando. A minha mão não largava a dele, cujos dedos foram gelando. Partia sem perceber, e eu permanecia impotente, como fui para impedir Beatriz de ir para Safed ao encontro da áspide que a matou.

Tenho abomináveis recordações dos últimos dias. Meio inconsciente, Selim só saía daquele torpor mortal para soltar queixumes dilacerantes, à procura de ar. Acalmou-se quando lhe administraram doses massivas de ópio. Dizia frases sem nexos, onde apareciam fragmentos de poemas, nomes de mulheres, de cidades e de cavalos que ele amara.

Chegou o momento em que me disse numa voz infantil estas palavras que jamais esquecerei:

- Magnésia... Yusuf! Yusuf, rei de Chipre... Lepanto...

Morreu na manhã seguinte, sem um som. Soube-o pelo gesto que fez o médico atrás de mim, que separou a minha mão da dele e me tomou o braço.

Não soltei um soluço, não chorei uma lágrima. Com ele findava a minha vida no Serralho; com Selim, morria o pouco que me restava de mocidade: o duque de Naxos havia agonizado ao mesmo tempo que o seu sultão.

Os presságios estavam certos; Amurat III tornou-se sultão do Império Otomano. Lembras da lei dos Osmanli, Caraffa? E terrível.

O Magnífico, que a herdara dos antepassados, havia-a aplicado a seu modo, de quando em quando, em súbitas crises, como se tivesse querido manifestar aos seus ascendentes uma fidelidade que a sua própria desobediência havia radicalmente contrariado. Ao casar com Hürrem Sultana a despeito das leis imperiais, Solimão traíra a primeira das leis da sucessão; e se mandou matar vários filhos, foi sem dúvida porque quis aplicar as outras regras, que exigem que um sultão evite a todo custo as querelas de sucessão, mesmo que seja assassinando os próprios filhos. E ainda o Padixá não teve a triste coragem de abater Bajazet em fuga, nem Djihangir, o infeliz epilético. Pois o sultão não deve tomar por sucessor senão um filho mais velho de uma escrava; antes da morte, deve sobretudo prevenir que nenhum dos seus filhos homens constitua um obstáculo à sucessão do príncipe herdeiro.

É por isso que todos os anos apresentam ao sultão reinante o pêlo caído dos queixos adolescentes de seus filhos, até que endureça e seja sinal de uma barba de homem. Então o sultão começa a horrível vigília. A ascensão de Selim ao sultanato havia sido o trágico resultado da vigilância de um pai desconfiado. Mas Amurat, filho de Selim II e da primeira cadina, Nour Banou, aplicou as regras de sucessão com simplicidade, e mandou estrangular cinco dos seus irmãos no próprio dia, aqueles cuja barba era dura e cerrada, os cunhados de Mehemet Paxá.

A mãe, Nour Banou, cuja intervenção teria bastado para os salvar, não deu um passo. Seu filho era sultão; logo, ela passara a ser Sultana-Mãe, respeitada por todos, dotada de um absoluto poder sobre o Império. A presença de uma sultana-mãe ao lado de um jovem sultão podia abrir-me novas oportunidades. Realizei sem entusiasmo o que Beatriz, pensava eu, me teria aconselhado a fazer, e a Sultana-recebeu um cofre de jóias que eu me dei ao cuidado de escolher segundo a última moda de Veneza.

O novo imperador fora um moço cruel, que seu próprio pai evocava às vezes com pavor. Selim pouco me falara do filho mais velho; de tempos em tempos, suspirava contando-me as torturas que Amurat infligia às favoritas, ou aos animais; a fronte ingênua do meu amigo contraía-se de dor, depois, depressa, com um largo gesto, afastava aquela preocupação e esvaziava um copo. Chego a pensar que os abismos a que o meu sultão descera nas últimas bebedeiras se deviam também à perversão do seu herdeiro.

Amurat manteve-me afastado e não mais me convidou para o Serralho. Não o lamentava. Mas quando o grão-vizir Sokolli lhe pediu para me tirar o monopólio do vinho que o Magnífico me concedera no tempo dele, o novo sultão riu na sua cara, e disse que eu poderia gozar do meu privilégio até à morte. A sultana concordava.

No dia da festa dos jardins ambulantes, durante a qual o povo de Istambul presta homenagem ao crescimento das plantas, tive vontade de ir saudar o Magnífico e a sua sultana, grandes figuras de um outro tempo. Enquanto foi vivo, Solimão nunca perdia essa ocasião para prodigalizar dádivas aos pobres. O meu séquito avançava penosamente por entre a multidão, no meio de plataformas cobertas de alfices e de hortelã espetadas na terra, precedidas de grandes tambores rituais cujo som batia como um imenso coração na cidade. Os meus liteiros chegavam à vista da Suleimania, e só faltava subir uma rua, quando um choque súbito me desequilibrou: uma outra liteira havia se chocado contra a minha, e uns janízaros empurravam a minha gente com brutalidade. Afastei a minha cortina e avistei, diante de mim, Sokolli, que afastava a dele.

Saudamo-nos por hábito. Quando ele soube o fim do meu passeio, brindou-me com um dos seus sorrisos de lobo; tinha agora os dentes amarelos. Sem nos consultarmos, apeamos, e subimos ambos, lado a lado, os poucos metros que nos separavam dos dois mausoléus.

Os tambores e as flautas cobriam a paz do fim de tarde com sons penetrantes, e entramos no pequeno turbeh, o da sultana; os vitrais deixavam passar luzes irisadas. Sentamo-nos no mesmo tapete, contra a balaustrada incrustada de madrepérola, ao pé do túmulo da Risonha. Via na minha frente aquele homem que tanto me combatera, pensava nos seus sobrinhos mortos, e esperei em silêncio que ele fosse o primeiro a falar.

- No fundo ela não era má - começou Sokolli designando o túmulo de Roxelane -, e creio que caluniam Hürrem Sultana quando afirmam que ela exerceu uma influência detestável sobre o esposo. Ela não teria deixado assassinar os filhos após a morte de Solimão, como a Sultana-Mãe Nour Banou... E aquele que dorme no outro mausoléu debaixo dos panos verdes do Islã não tinha grande coração, mas foi um verdadeiro sultão - suspirou Sokolli. Os tempos da grandeza otomana estão chegando ao fim, Excelência...

- O sultão Selim também tinha a sua grandeza - repliquei logo. - Desprezáveis o vosso sogro. Não conheci nada sobre os sentimentos dele.

- Sim, ele também não era mau - replicou Mehemet Paxá -, eu sabia; mas era fraco. Fraco bastante para permitir que exercêsseis sobre ele um verdadeiro império; pensais que vos odeio, Naxos? Não é isso. Mas estais demasiado ressentido com a Europa; isso vos cega, haveis sempre querido vos desforrar de Veneza, e não haveis querido ver que o destino dos Osmanli se joga na Pérsia. Não no mar. Não a oeste, com quem temos de fazer as pazes. A Senhora vossa tia, cujo caráter estimava, tinha mais sentido político do que vós; ela escolhera sensatamente a Palestina, e serieis prudente se a imitásseis.

Permaneci silencioso; Sokolli falava como teria feito Beatriz.

- O sultão Selim tinha-vos demasiado afeto - continuou. - Ele não foi senão o instrumento da vossa vingança e vede! Vós, vós fostes o instrumento da sua morte. O vinho, Naxos, sempre o vinho... Vós sabeis beber com moderação, com gosto, sois um cavaleiro da Europa; mas o nosso defunto sultão, vosso amigo, escapou-vos. Haveis querido ensinar-lhe uma arte que não nos pertence; haveis violentado nele o Islã, e o Islã vingou-se. A mãe, que aqui repousa - acrescentou ele pousando lentamente a mão no túmulo da sultana -, pressentia-

o; ela temia em Selim o arrebatamento paterno, a facilidade também, e havia me recomendado muito que o protegesse de vós...

- É verdade que Dona Gracia não me dizia outra coisa - disse-lhe num sopro.

- Elas se pareciam bastante, sabíeis? Hürrem Sultana, que diziam ser cruel, sabia o que estava em jogo no Império e na sua grandeza; como a Senhora, tinha as suas fúrias, os seus ímpetos, mas também as suas obstinações e as suas fidelidades. A alma de Solimão era ela; e muitas vezes me perguntei se a vossa alma, Naxos, não era a Senhora...

Levantei-me de um salto; a clarividência do grão-vizir era-me insuportável. Varri a poeira de sobre o túmulo com a palma da mão.

- Deixai em repouso a memória dessas mulheres, Mehemet Paxá. Haveis me impedido muitas vezes de chamar Selim à razão; haveis tirado partido da sua embriaguez para tomar todo o poder. Sereis capaz de negar hoje que ele também teve a coragem da guerra, e que era valente?

- Agora que conheço o outro, o filho de Nour Banou - murmurou Sokolli encolerizado -, vejo que tendes razão. A crueldade deste vai além do que se pode conceber. Não tenhamos ambos ilusões, Naxos, somos demasiado velhos para nos batermos contra este jovem chacal enraivecido. Ele deu ordem de estrangular Abdulah, Djihangir, Mustafá, Osman, Suleyman, todos meus cunhados, e eu nada pude fazer...

O meu velho inimigo, de lágrimas nos olhos, mordeu os lábios. Estendi-lhe uma mão, que recusou abanando a cabeça.

- Não, Excelência, não quero a vossa piedade; bem me bastam os remorsos, e o temor de Alá - disse ele numa voz forte que ecoou sob a abóbada. - Deixemos isso. Se o novo sultão me der tempo, com a ajuda daquele diabo do Eskenazi, hei de concluir uma verdadeira trégua com o Espanhol; teria podido facilmente utilizar-vos para esse fim, mas desde a morte da Senhora, não sois o mesmo, Naxos. Não vos inquieteis; ele há de deixar-vos morrer em paz, e espoliará a vossa família assim que falecerdes; quanto a mim, ele conta os dias que me separam da queda. Sim, decididamente, tendes razão, o sultão Selim era digno do Império Otomano.

Sáímos. Mehemet Paxá contemplou o topo dos ciprestes agitados pela brisa, depois voltou-se, amigável.

- Somos demasiado parecidos para não haver querelas entre nós, Excelência: e, haveis de descobri-lo no momento da morte, "não há outro deus senão Deus" - disse ele solenemente levando a mão à fronte. - Es-Selâm'alaikum.

- Wa'Alaikum Saïam - respondi com a mesma gravidade, retribuindo-lhe a saudação de paz.

Não tornei a ver Sokolli; quanto à iminência da sua queda, enganava-se, pois ainda está lá; e não me espantei quando o vi conseguir, nestes últimos dias, que me fossem retiradas as minhas terras de Naxos e das Cidades; e desde aquela estranha conversa que duas sombras de mulheres velavam, nem sequer vejo nisso sinal de uma inimizade. O grão-vizir tem muito trabalho para fazer perante seu novo amo.

A primeira cadina do novo sultão, que tem o nome de Safiyé Sultana, poderia vir a ajudar Sokolli a pacificar o Mediterrâneo; disseram-me mesmo que mantinha uma correspondência secreta com a velha Catarina de Médicis, regente da França... que, não contente com ter mandado exterminar os protestantes de Paris há sete anos, com ter ensangüentado a França em seis ou sete guerras religiosas, e com ter dado a filha em

casamento ao príncipe protestante de Navarra, acaba de concluir o noivado de seu filho de Anjou com a rainha Elizabeth da Inglaterra, que chama ao seu prometido "minha rãzinha".

Os costumes dos reis não são diferentes dos de outros homens; e Beatriz tinha razão ao querer conduzir intrigas matrimoniais no seio das cortes principescas do Ocidente; afinal, não o fizera ela na sua própria família, obrigando-me a desposar sua filha? Beatriz, Maria da Hungria, Catarina de Médicis, umas casamenteiras!...

Mas a veneziana Nour Banou é outra coisa; deixou Amurat levar a cabo aquela malvadeza sem pestanejar; e creio que é capaz de tudo. A Sultana-Mãe quer afirmar o seu poder sobre o sultão, e fornece ao filho muitas escravas formosas para satisfazer suas perversões. O Império vai sem dúvida assistir a um combate de harém entre a favorita e a Sultana-Mãe. Aposto que, para melhor vencer a rival, a Sultana-Mãe acabará por vencer a resistência do grão-vizir; quanto a Amurat, desde que o deixem torturar duas ou três moças por semana e que o velho Sinan lhe construa um salão de música, não liga para o governo do Império.

Todas as predições de Beatriz se realizaram; por ter desejado o reino de Chipre, perdi não só o meu sultão como o meu poder. No ano que se seguiu à morte de Selim, em 1575, se bem me lembro, rabi Soncino também faleceu.

Na véspera da morte mandou me chamar. Apanhara frio e apagava-se de mansinho; só o fogo avermelhado das velhas faces mostrava que o corpo fora atingido. Com os olhos no vazio, fez-me sinal para tomar assento à sua cabeceira.

- Mandeí te chamar, Josef, porque vou deixar este mundo - começou ele numa voz entrecortada de tosse seca. - Quando estávamos em Ragusa, chegamos a falar, tu e eu, deves lembrar-te; não sabias reconhecer a alma inspirada de tua venerada tia, e eu dissera-te que isso a magoava. E depois...

Um violento ataque de tosse o interrompeu.

- E depois - continuei eu para o ajudar -, no momento do embargo aos Estados do Papa, haveis afrontado a Senhora. É a minha vez de vos revelar todo o mal que lhe fizestes, rabi... .

- Oh! Eu sei, Josef - disse ele voltando a cabeça. - Eu mesmo estava bastante infeliz. Tu te conduziste de forma brutal comigo, meu filho, e não era fácil fazer-te frente, és tão arrebatado.

- Perdoai-me, rabi, obedecia ordens - disse eu beijando-lhe a mão.

- Ora, eu ganhei, vês - continuou orgulhosamente. - A Senhora foi obrigada a escutar-me. Desde os tempos de Ferrara, em que nos conhecemos, havia adivinhado nela uma alma demasiado íntegra, ameaçada por uma paixão secreta, e que se defendia entregando-se a paixões mais violentas ainda. A nossa religião é simples, Josef, basta temer e obedecer. Mas para ela não era suficiente. Ela não possuía apenas a alma de uma mulher. Interrompeu-se de novo. Que teria ele para me dizer?

- O tempo urge - disse ele em voz trêmula. - Em Ragusa havia-a persuadido a ir instalar-se na Palestina; contava que, como sempre, a ação manteria seus desejos ocupados. Mas esse desgraçado bloqueio perturbou-nos as vidas; era meu dever levá-la à maior humildade. Quis rebaixá-la, Josef, e consegui... Não tinha previsto que ela havia de nos deixar tão cedo. Também a mim me escapou, sabes? Meu filho, assim que vos vi juntos, adivinhei a verdadeira natureza da paixão que a corroia; não era difícil compreender também a tua, Josef, e odiei-te, pois eu amava Dona Gracia...

O ancião já não continha as lágrimas. Apertei sua mão para acalmá-lo.

- Tenho pouco a te dizer - continuou. - Ambos a amávamos, ela morreu; a sua alma imprudente levou-a, e nem tu nem eu soubemos detê-la. I el haram yerra en La teva, até o rabino se engana no púlpito, diz o provérbio - disse ele com um risinho entrecortado... - Pelo tempo que te resta de vida, faz-lhe justiça, e cuida como convém da filha que ela te deu por esposa. Não protestes; pensa na história dos marranos, em todos aqueles que tomaram o caminho do exílio, e cuja rainha foi a Senhora. Esforça-te! Se não te ligares à lei do Eterno, não morrerás descansado. Foi justamente para acalmar os meus remorsos que eu quis te ver, Josef. Acabei. Deixa-me agora.

E, afastando a minha mão, virou-se para a parede. Expirou no dia seguinte. Não respeitei os últimos mandamentos de rabi Soncino.

Sem ocupações no Serralho, sem intrigas a tecer, sem ilhas a governar... Deveria navegar, partir à aventura, reencontrar o sabor das brisas marítimas. Julguei que a vida me daria tempo para tanto e, a fim de reencontrar Beatriz, decidi dedicar-me ao estudo. As minhas experiências alquímicas haviam me convencido de sua inutilidade, e do perigo dos exercícios a que os rabinos de Safed haviam arrastado Beatriz. Cansei-me das vinganças contra as cortes da Europa; nunca seriam satisfeitas, e já não tinha tempo. Mas não era tarde demais para denunciar a Cabala.

Rabi Isaac Louria falecera dois anos depois de Lepanto; mas não era o bastante para meu gosto. O seu discípulo Haim Vital, calabrês de origem, que assombrava os cemitérios como o mestre e se entregava aos mesmos extremos, afirmou que rabi Isaac lhe legara por herança o título de "Messias, filho de José". Outro Messias! Era demais.

Foi por essa época que, com a ajuda do sábio Isaac Onqueneira, escrevi o libelo Ben Poratjosepb, contra os astrólogos; mas através deles quis atingir mesmo os cabalistas. Não me arrependo.

Texto ímpio, dizem? Tanto melhor. Se há uma verdade na nossa religião, Caraffa, é a denúncia dos ídolos. Os rabis de Safed fabricaram novos ídolos que não valem mais do que o Velocino de Ouro; e por mais ateu que eu seja, foi um livro judeu que escrevi. Em honra da Lei de Moisés, pelo menos. Todos esses astrólogos cheios de idéias orientais, esses fazedores do destino, esses magos de olhar fixo que anestesiavam os fiéis e os arrastam para a loucura dos êxtases, malditos sejam. Freqüentei de muito perto os negócios do mundo; sei que não evoluem de acordo com algarismos ou números, mas ao sabor das conquistas decididas pelos príncipes; e é desonesto ludibriar as pobres pessoas. Se a Senhora se pode contar no número dos que foram enganados, quantos outros terão deixado que as suas vidas se afundassem no oculto e no mágico...

Enquanto eu estava ocupado acertando contas com os rabizinhos de Safed, Mehemet Sokolli, malgrado os seus setenta e cinco anos, teve toda a liberdade para conseguir as tréguas com que sonhava. Nunca mais tive ocasião de falar com ele sobre a traição de Salomão Eskenazi. O moço desejava ardentemente aproximar-se do grão-vizir, e vendera-me por algumas frases da sua lavra cuja imprudência me atribuíra. Mas, afinal, que importa? Vejo a política de Sokolli; e creio que é boa. Nos últimos anos, vimos chegar da Europa outros embaixadores secretos, uns Martin de Acuna, uns Giovanni Margliani... O rei da Espanha e o grão-vizir são movidos pela mesma preocupação: economizar. E as tréguas, concluídas por dez meses, renovadas em tempo útil, permitem-lhes, sendo secretas e não humilhando seus exércitos, ganhar tempo e dinheiro.

Ouvi dizer que o grão-vizir tinha vastos projetos; quer, parece, cavar um túnel entre o Volga e o Don, para fortificar o Império no flanco russo; quer cavar outro através do Egito para ligar o Mediterrâneo e o Mar Vermelho. Insensatas loucuras! Não há de conseguir. São empreendimentos demais, na sua idade, querer controlar a totalidade das fronteiras do

Império. Sokolli faria melhor se se limitasse às fronteiras de leste, e se consumasse a paz com o rei da Espanha.

As duas potências olham para lados opostos; a Espanha, para as Américas, e a Sublime Porta, para a Pérsia; cada uma delas tem as suas índias, uma a oeste, a outra para leste. Já não é problema meu; quase toda a nossa história se terá desenrolado no grande teatro marítimo do Mediterrâneo, ao longo das suas costas. Longe vai o tempo em que Beatriz e eu assistíamos à chegada dos primeiros galeões das descobertas, que regressavam da travessia do oceano...

É preciso dizer que o cruel destino do último rei de Portugal, sedento de cruzadas contra o Infiel muçulmano, dá razão ao rei Filipe! Pobre e pequeno Sebastião, reizinho do acaso, criado pela avó regente e pelo tio inquisidor; pobre louco que queria conquistar o Marrocos! Foi mesmo no ano passado que morreu miseravelmente, no campo de batalha, em alcácer-quibir. Mas o que é que ele pensava? Quinze mil infantes portugueses, mil e quinhentos cavaleiros, contra quarenta mil cavaleiros do sultão Mulay Abd al-Malik, e oito mil infantes! Por causa de um sonho de cruzada, o jovem rei de Portugal arruinou o seu reino; seu tio-avô Henrique é demasiado velho para conservar o trono, e Filipe da Espanha há de desfazer-se com um pé nas costas dos três fracos pretendentes à sucessão; do Portugal da minha infância, fará ele em breve uma província da Espanha.

Essas querelas de príncipes têm às vezes resultados felizes; por ocasião das extravagâncias do jovem rei Sebastião, os nossos irmãos marranos que ficaram no país conseguiram, por duzentos e quarenta mil cruzados, arrancar ao reizinho uma bula do Papa em boa e devida forma, que lhes restitui os bens familiares confiscados. Sebastião tinha necessidade de dinheiro para a cruzada; ofereceu-se para subornar o Papa e conseguiu; os nossos irmãos pagaram, fizeram bem. Temos de nos aproveitar da loucura dos príncipes; foi assim que Beatriz fez com a ganância do Habsburgo, e foi assim que obteve Tiberíades. Só eu perdi tudo querendo ser rei: isso os cristãos nunca hão de permitir. Josef Nasi, rei dos judeus sem reino, e messias sem Deus!

Como David Rubeni, em suma, exceto pela fogueira. Por que terei eu fracassado quando Beatriz triunfava? Será porque ela tinha a Palestina no coração e eu não? Enganei-me no sonho? Ou será porque a Senhora não está mais a meu lado para me servir de guia? Nada mais me resta a fazer neste mundo. Nada, a não ser esperar o momento em que irei juntar-me a ela.

- Enganas-te de novo, filho - murmurou o corcunda hesitante. - Tua esposa viverá mais que tu; e essa parte da tua vida não está acabada.

O ancião não respondeu.

- Ouves-me, meu amo? Ela está ali, atrás da varanda.

- Pensas que não sei? - suspirou o duque de Naxos. - Ela quis ouvir tudo, tinha te avisado que haveria de sofrer mil mortes. A culpa é tua. E queres que lhe fale sem que ela possa responder senão com lágrimas? Ela é muda. Poupa-nos essa prova; já não tenho força bastante e não farei tal crueldade.

- Que seja; não falemos mais da minha duquesa - respondeu logo o corcunda. - Pelo menos repousa com os cânticos de que gostavas, queres?

E, sem esperar, levantou a mão; ergueu-se uma voz grave e rouca.

- Ah! É Leila - disse o ancião batendo lentamente o ritmo. - Está bem. Que continue.

De súbito franziu o cenho.

- Na nossa língua, em judeo-espanhol? - disse ele levantando-se penosamente. - E é uma viola! A canção de Reyna... Como é que esta escrava persa poderia sabê-la? Não é Leila. Quem canta, Caraffa, quem é? Ajuda-me, quero ver. Depressa!

O corcunda precipitou-se e guiou os passos do amo para o interior do palácio. Na penumbra da sala, a duquesa Reyna, num vestido vermelho veneziano, a safira de sua mãe em diadema sobre a testa, cantava acompanhando-se à viola. Naxos deteve-se.

- Ela fala! Ela canta! Enganou-me... Então tu mentiste, Reyna?

A duquesa parou devagar as cordas do instrumento, e calou-se, com lágrimas nos olhos.

- Ela não te enganou, meu amo - disse o corcunda suavemente. - Foi sua mãe, foi a Senhora... Quando sua filha recuperou a fala, teve a idéia desse fingimento, para não te irritar. A Senhora dizia...

- A Senhora, sempre a Senhora! - gritou o ancião. - E de dez anos para cá, por ordem da Senhora, eu penso que minha mulher é muda! Então eu sou uma criança que é preciso proteger até o limiar da morte?

- Minha mãe pensava que sim, Josef - murmurou a duquesa. - Obedeci-lhe. Como tu, deixei a Senhora decidir a minha vida; como tu, eu era um instrumento nas mãos dela. Agora que ouvi a história das vossas conturbadas vidas, sei o que sofreste e te perdôo. Não vês como nos conduziu a ambos segundo sua vontade? Pouco contávamos ao olhos do Eterno; esmagou-nos aos dois e, contudo, amava-nos, à sua maneira. Sei que não tenho a beleza dela; ela o dizia muitas vezes, e tu me fizeste compreender cruelmente...

O velho rebentou em soluços e estendeu-lhe os braços.

- Vem, minha pobre Reyna. Não tens culpa de teres sido sacrificada à grandeza dos Nasi... Vem para perto de mim, isso... Assim - repetia estreitando a velha esposa. - Não é nada; não chores mais. Olha, queres cantar mais para mim? Reconheci-a, sabes, essa canção onde brilha a rosa da nossa mocidade. Não estás mal assim, com esse brocado vermelho, e essa safira que reconheço... Anda! Poderia ter me afeiçoado a ti, lembra-te da nossa viagem e do ramalhete que me ofereceste... Sozinhos, os dois estávamos bem. Anda, Reyna, minha menina, canta outra vez para mim...

Ela se inclinou junto ao seu ouvido e o ancião sorriu. O corcunda tinha mandado sair a cigana e havia desaparecido.

- Por que era preciso esperar para me revelares a tua cura, e por que esse tempo perdido? - suspirou Naxos. - Ah! Teria gritado, sem dúvida, ao descobrir a tua dissimulação. Mas então! Conheces as cóleras dos Nasi, não duram. Podemos ter sido maus esposos; mas continuas a ser minha prima. Também... Enganaste-me, Reyna; nunca o esqueci, e continuo a não saber se...

- Não - disse a duquesa numa voz cortante interrompendo o esposo. - Não! O filho era teu, juro, concebido numa das raras noites em que me visitaste, e protegido por esse primo demasiado carinhoso, que me consolava, confesso, dos teus maus-tratos.

- Como o dizes, Reyna - murmurou o ancião -, esse "não" que ouço da tua boca pela primeira vez! Reencontro o tom de tua mãe. É verdade, não fui um bom esposo, martirizei-te, peço-te perdão; mas agora o sabes, sem Beatriz, talvez te tivesse amado, por mim mesmo. Não vamos ter herdeiros, aqui estamos nós, sozinhos e velhos. Meu Deus, minha Reyna, que fez ela das nossas vidas...? Era preciso toda essa desgraça para uma Senhora do povo de Israel? Maldita!

A duquesa pôs a mão na boca do marido.

- Não, Josef. Não a amaldiçoas, violarias o teu juramento. Deixa. Ela pertence ao outro mundo. Pela minha mãe nada mais há a dizer do que as últimas palavras do Kaddishb: "O Tu que te revelas como o Deus de amor e de misericórdia, dá às almas dos teus servos a luz e a paz". Estás cansado; vem sentar-te. Concede-me um favor; o sol já se põe e é a noite do

Shabbath; celebremos juntos, ambos nesta varanda, vamos acolher a nossa rainha Shabbath, queres?

O ancião deixou-se levar.

A duquesa chamou as criadas; num instante tudo foi instalado, a toalha bordada em honra do Santo Shabbath, os pratos, o sal, a taça de vinho, a água, o pão ázimo. Reyna acendeu a vela. A mesa estava posta, as chamas vacilantes lançavam rápidos reflexos no mármore da varanda; os muezins haviam começado a chamada para a oração da noite, e enquanto a grandeza do nome de Alá enchia o céu de Istambul, o horizonte fez-se púrpura; só os grandes minaretes das mesquitas haviam conservado os últimos raios do sol. As criadas sentaram-se no chão estendendo as saias em torno; a velha cigana retomara o seu lugar e cobriu o rosto com o véu. Instalado na poltrona, o velho duque aspirou o ar da noite.

- "Vem, meu bem-amado, diante da tua noiva, o Shabbath se aproxima, vamos recebê-lo" - salmodiou ele gravemente. - Vês, Reyna, não esqueci tudo - acrescentou sorrindo.

Reyna devolveu-lhe o sorriso e pegou a mão do esposo.

- "Fez-se noite, depois manhã; foi o sexto dia..." - começou ela, recolhida.

O ancião observava a noite.

- "Assim ficaram terminados os céus e a terra com tudo o que contém" - continuou ela...

O corcunda reapareceu de súbito, arfando, de aspecto grave; a duquesa, inquieta, interrompeu-se bruscamente. Naxos virou a cabeça e viu o embaraço do bufão.

- Tens algo para me dizer, Caraffa - disse asperamente. - Leio-o em teu rosto. Anda!

- Naxos - começou o corcunda corajosamente -, tens de me escutar muito calmamente. Enquanto falavas aqui com a nossa duquesa, desci às cozinhas. Bom! Não fiques assim irritado. Mehemet Paxá morreu. Assassinado há uma hora. Diz-se que um fanático saltou-lhe em cima e apunhalou-o furando-lhe o pescoço.

O ancião sorriu e apertou a mão da mulher.

- Está bem - disse. - Está tudo em ordem. Mazal Tov}} O sol desapareceu na sombra das colinas, e os ciprestes negros por cima do túmulo do Magnífico cumprem a sua missão de bons e belos guardiães. Velaráis, Reyna, depois da minha morte, para que a oração do Kaddish seja cantada com perfeição; nada mais. Não quero lamentações, não quero cânticos fúnebres! Olha: todo o sangue do céu desapareceu, e o leite da noite derrama-se sobre o mundo. É tempo de terminar a jornada. Continuemos o Shabbath, está bem, prima?

E virou a cabeça para o mar de Mármara.

Numa voz que tremia de emoção, a duquesa retomou as orações; não viu o esposo abrir o engaste do anel e levar a esmeralda aos lábios.

- Tsimsitsum... (Boa sorte!) - murmurou ele com fervor.

- "Deus pôs fim, no sétimo dia, à obra feita por Ele; e Ele descansou no sétimo dia de toda a obra que havia feito..." - continuou a duquesa Reyna. | |' . .

Do peito do ancião saiu um murmúrio rouco.

- "Deus abençoou o sétimo dia e o proclamou santo..." - disse ainda a duquesa elevando a voz.

O duque deitou a cabeça para trás e, de olhos muito abertos, gritou o nome de Beatriz.

- "... porque nesse dia Ele descansou da obra inteira que havia produzido e organizado" - disse a duquesa terminando a oração com força.

Josef Nasi deixara de existir.

- "Todos vós, ó povos, louvai o Eterno, glorificai-O, ó nações! Pois imensa é a bondade que Ele nos testemunha, e a fidelidade do Eterno permanece para sempre" - terminou ela.

E, estendendo a mão para o rosto do marido, fechou seus olhos.

- Aleluia - murmurou o corcunda. - Não há outro deus senão Deus.

1579-1991 "Por linhas tortas"

Quando foi conhecida a morte do duque de Naxos, Nicolo Barbarigo, embaixador da República de Veneza junto da Sublime Porta, escreveu ao Conselho dos Dez: "Há oito dias perdeu a vida, em consequência de retenção de urina, esse celerado e vil homem Josef Nasi, também chamado Juan Miquez, causando assim o júbilo universal dos turcos, dos cristãos, de uma parte dos seus próprios correligionários judeus, aos quais os delitos que cometera haviam igualmente o tornado odioso".

O Kaddish foi celebrado em honra do "modelo dos príncipes da nação judaica", na grande sinagoga de Istambul. Rabi Saadia pronunciou o elogio fúnebre que se segue: "A nossa mais viva dor deve explodir, sobretudo agora, ao vermos elevar-se da nossa margem, para permanecer à sombra de Deus, uma luz brilhante, uma estrela luminosa, o cetro de Israel, o porta-estandarte que havia reunido os israelitas dispersos, o nobre duque, o senhor sublime, Dom Josef Nasi. Lá em cima, ele aspira e sorve as luzes da estrela da manhã, a mui graciosa Dona Gracia Nasi, que deixou de ser mulher pelos, seus atos masculinos, embora fosse a mãe de todos os vivos que queriam caminhar na via do Senhor...".

A duquesa de Naxos, viúva, mandou instalar em Istambul uma tipografia hebraica, construiu mais uma yeshiva em memória de sua mãe e de seu defunto marido, e levou uma vida retirada.

Quanto ao bufão Caraffa, esperou a morte da sua duquesa, que aconteceu em 1599; depois regressou à Europa, onde se perdeu o seu rastro.

Alguns anos mais tarde, contudo, um corcunda disforme, de quem se conhecia apenas o nome de Josef, assombrava as tabernas de Londres; quando se embriagava, contava histórias tão lindas que todos se punham à sua volta para o ouvir. Por vezes tirava de um velho saco de couro uns restos de cânhamo e ouro e jurava a quem quisesse ouvi-lo que se tratava da corda de Judas; mas ninguém quis acreditar.

Um estudante de nome Christopher Marlowe ouviu-o certa noite em que estava muito embriagado, esqueceu a história de Gracia Nasi, confundiu Chipre com Malta, e só reteve, ao acordar, uma gota de memória, uma parcela da verdade: um mau negociante judeu havia conseguido, por artimanhas, enganar os príncipes europeus. Fez uma peça que intitulou O judeu de Malta.

Mais tarde, William Shakespeare teve, por sua vez, conhecimento do judeu de Malta, e transformou Josef Nasi, duque de Naxos, em Shylock, O mercador de Veneza.

Em Portugal, na aldeia de Belmonte, um punhado de marranos, a quem chamam os judeus, acendem, ainda hoje, um candeeiro de barro na sexta-feira à noite, e recolhem-no logo para que a aldeia o não veja; praticam uma rudimentar festa de Pessach, fechando portas e janelas, e celebram a saída do Egito que os libertou da Inquisição, dizem eles. Resta-lhes apenas uma única palavra hebraica: Adonai. E quando se abre uma sinagoga, quando um rabino faz reviver a religião judaica autêntica, por vezes recusam-na, e preferem os ritos degradados herdados de uma clandestinidade velha de cinco séculos, que continua viva e rejeitada pela comunidade da aldeia.

A memória da Senhora não se perdeu completamente; em Lisboa, numa grande casa portuguesa, uma mulher judia do século XX, obcecada pela história de seu povo, acreditou ao longo de toda a sua vida que era a reencarnação de Beatriz de Luna, esposa de Francisco Mendes, ou antes, Dona Gracia Nasi, Ha-Geveret, a Rainha do povo judeu.

Seu sobrinho confiou esse segredo, há onze anos, a uma judia da França, que escreveu, em homenagem a todas as Beatriz da diáspora de Israel, uma história que se chama A Senhora.

Paris, Nova Délhi, Viena, 1981-1991

Cronologia

- 1474: ascensão ao trono de Fernando, rei da Espanha, e de Isabel, sua esposa.
- 1478: o Papa Sisto IV promulga uma bula fundando a Inquisição na Espanha.
- 1481: instalação do Santo Ofício e início da Reconquista.
- 1492: queda do reino de Granada e do seu último rei, Boabdil. Expulsão dos judeus da Espanha.
- 1496: expulsão dos judeus portugueses por Dom Manuel I de Portugal.
- 1505: primeiro ataque a Calicute pela armada portuguesa, em Kerala, na Índia.
- 1506: a 19 de abril, grande massacre dos judeus em Lisboa.
- 1509: segundo ataque a Calicute.
- 1510: nascimento, em Lisboa, de Hannah "Gracia" Nasi, dita Beatriz de Luna; terceiro ataque a Calicute. Início da construção da carraca São João no porto de Lisboa.
- 1515: nascimento de Josef Nasi, sobrinho de Gracia; expedição portuguesa à Etiópia. Diogo Mendes instala-se em Antuérpia.
- 1519: partida de Fernão de Magalhães; eleição de Carlos da Áustria à coroa imperial da Alemanha contra seu rival Francisco I.
- 1520: estada de Albrecht Dürer, amigo da comunidade marrana, na cidade de Antuérpia; excomunhão de Martinho Lutero.
- 1521: Lutero é convocado perante a Assembléia imperial em Worms.
- 1522: regresso de Sebastião de Elcano, sem Fernão de Magalhães, que morrerá na viagem.
- 1525: batalha de Pavia, o rei da França prisioneiro.
- 1526: ataque a Calicute; em Portugal, decreto de expulsão dos ciganos; na Hungria, derrota de Luis Jagellon, rei da Hungria, frente a Solimão, o Magnífico, na batalha de Mohacs; Solimão toma Budapeste.
- 1527: saque de Roma pelas tropas imperiais.
- 1528: em Lisboa, casamento de Beatriz de Luna e Francisco Mendes; em Ferrara, casamento de Hércules, duque de Este, com Renata da França.
- 1529: Viena cercada pelas tropas turcas, conduzidas por Solimão, o Magnífico.
- 1530: coroação de Carlos V, em Bolonha, pelo Papa Clemente VII.
- 1531: em Antuérpia, processo de Diogo Mendes; criação da Bolsa, gerida pelos almotacés; em Lisboa, nascimento de Brianda Mendes, dita Reyna, filha de Francisco e Beatriz Mendes; a Inquisição se instala em Portugal.
- 1532: segunda detenção de Diogo Mendes; morte de Samuel Nasi, médico do rei, pai de Josef.
- 1534: o corsário Barba-Roxa fracassa no rapto de Julie de Gonzague; em Münster, massacre dos anabatistas; nascimento do rabi Isaac Louria.
- 1535: em frente de Túnis, Barba-Roxa é batido pela armada de Carlos V, comandada por Andréa Doria; em Ferrara, Clément Marot chega à corte do duque de Este e torna-se o poeta oficial de Renata de França.
- 1536: a 23 de maio, édito do Papa contra os marranos; morte de Francisco Mendes; a família Mendes deixa Portugal, passa por Londres antes de se instalar em Antuérpia; na França, devastação da Provença por Montmorency, que pratica a política da terra arrasada para resistir a Carlos V; morte do delfim Francisco, filho de Francisco I; em Ferrara, Calvino refugia-se na corte do duque de Este.
- 1537: casamento de Diogo Mendes e de Bnanda de Luna, irmã mais nova de Beatriz.

1538: em Antuérpia, nascimento de Beatriz, dita a Chica, filha de Diogo e Brianda Mendes. Revolta de Gand. - 1.

1539: morte de Isabel, esposa de Carlos V.

1540: em Milão, Jean de Foix instala a comissão de vigilância dos marranos; a 16 de dezembro, em Antuérpia, édito do burgomestre contra os judeus.

1541: expedição fracassada de Carlos V e Andréa Doria contra Argel. 1.

1542: David Rubeni, messias judeu, é queimado em Évora; em Antuérpia, morte de Diogo Mendes; pressões financeiras da regente de Gand sobre a herança dos Mendes.

1544: Tratado de Crespy; Carlos V passa um tempo em Bruxelas; Dom Francisco de Aragão pede a mão de Reyna Mendes; as damas Mendes obtêm autorização para irem às termas em Aix-la-Chapelle.

1545: Josef Nasi foge com sua prima Reyna, por ordem de Beatriz Mendes, que se junta a eles alguns meses mais tarde em companhia de Brianda, sua irmã; Concílio de Trento.

1546: Assembléia de Ratisbona. Carlos V recebe oficialmente Juan Micas, aliás Josef Nasi, e o faz cavaleiro; dá à amante, Bárbara de Blomberg, também chama-, da Bárbara Ratisbona, um filho bastardo, o futuro Dom João da Áustria.

1547: morte de Lutero, de Henrique VIII, de Francisco I; em Veneza, Brianda Mendes denuncia a irmã ao Conselho dos Dez e pede sua parte da herança; Beatriz Mendes na prisão. Henrique II da França recusa aos Mendes o reembolso das suas dívidas. Juan Micas dirige-se a Milão; é denunciado à Inquisição e condenado à morte.

1548: casamento de Maximiliano e de Maria, filha de Carlos V; em Veneza, Beatriz e Brianda Mendes encontram-se ambas na prisão; Juan Micas, aliás Josef Nasi, dirige-se a Istambul e obtém o apoio do sultão Solimão.

1549: em Veneza, libertação das irmãs Mendes.

1550: partida de Beatriz Mendes e de sua filha Reyna para Ferrara; Beatriz Mendes retoma o seu nome judeu, Gracia Nasi; em Veneza, decreto de expulsão dos judeus; os marranos perdem o direito de negociar com a Sereníssima.

1552: publicação, por iniciativa de Beatriz Mendes, agora Gracia Nasi, da Bíblia de Ferrara, primeira Bíblia em judeo-espanhol, a língua falada pelos marranos; a Horda de Ouro, regimento tártaro, é derrotada em Kazan.

1553: declara-se a peste em Ferrara; o duque de Este expulsa os marranos chegados há menos de dois anos. A família Nasi deixa Ferrara; Gracia Nasi, sozinha, regressa clandestinamente a Veneza para comprar a esmeralda do vice-rei das índias. Reconhecida, é presa. Nova intervenção do sultão Solimão; partida da família Nasi para Istambul.

1553: viagem dos Nasi de Ferrara para Istambul, passando por Ragusa e Salônica.

1554: em Istambul, casamento de Josef Nasi com sua prima Reyna, filha de Gracia Nasi. Os restos mortais do marido de Gracia Nasi, Francisco Mendes, são enterrados no Vale de Josafat, em Jerusalém; casamento de Filipe, filho de Carlos V, e de Maria Tudor.

1555: Giovanni Pietro Caraffa sobe ao trono papal com o nome de Paulo IV; publica uma bula definindo o estatuto dos judeus nos seus Estados, põe fim aos privilégios que tinham, proíbe-lhes a propriedade, as festas, os criados, a coabitação com os cristãos. Censura a Carlos V a sua ascendência judaica; morte de Joana, a Louca, mãe de Carlos V; gravidez psicológica de Maria Tudor; a 25 de outubro, em Bruxelas, abdicação solene de Carlos V em favor de seu filho Filipe; primeiras perseguições aos judeus de Ancona.

1556: em março, o sultão recebe oficialmente Gracia Nasi numa entrevista no Serralho; intervém a favor dos judeus dos Estados do Papa, por intermédio do bailio de Florença e do embaixador da França; em junho, o Papa recusa qualquer concessão; em julho, o

duque de Urbino oferece à frota mercante de Gracia Nasi o porto de Pesaro; Gracia Nasi decide o embargo do porto de Ancona.

1557: acalorado debate sobre o prosseguimento do embargo entre os rabinos das comunidades mediterrâneas; Gracia Nasi faz circular uma petição em favor da manutenção do embargo; Carlos V toma posse da sua residência em Yuste, Espanha.

1558: derrota de Gracia Nasi em face da oposição dos rabinos de Ancona e do rabino Soncino, em Istambul; o embargo abranda; como represália, espoliado dos novos recursos que lhe proporcionava o embargo a Ancona, o duque de Urbino proíbe a presença de marranos no seu reino; a comunidade judaica de Ferrara é dissolvida; a 30 de agosto, Carlos V assiste às suas próprias exéquias; morre a 21 de setembro; morte de Paulo IV, em Roma, e de Hürrem Sultana, dita Roxelane, esposa de Solimão, em Istambul; Josef Nasi é nomeado príncipe europeu pelo sultão Solimão.

1559: Bajazet, filho de Solimão e de Roxelane, revolta-se contra o pai; Selim, seu irmão, combate-o vitoriosamente.

1560: proibição do vinho no Império Otomano; Roustem Paxá, grão-vizir e genro do sultão, tenta em vão ajudar os Nasi a cobrar as dívidas dos reis da França.

1562: em Istambul, Sampiero Corso obtém o auxílio dos Nasi.

1563: o sultão Solimão doa Tiberíades a Dona Gracia Nasi.

1564: desembarque de Sampiero Corso na Córsega.

1565: o sultão Solimão envia Hadji Mourad Bey em embaixada à França para cobrar as dívidas dos Nasi; Mehemet Sokolli torna-se grão-vizir do sultão.

1566: morte de Solimão junto às muralhas de Szeged; sucede-lhe seu filho Selim, com o nome de Selim II; autoriza Josef Nasi a apreender os barcos franceses na baía de Alexandria.

1567: Selim II nomeia Josef Nasi duque de Naxos; assassinato de Sampiero Corso.

1568: trama de Daoud Hamon, médico do sultão, contra Josef Nasi; os mouros de Granada revoltam-se; Dom João da Áustria, filho bastardo de Carlos V, é encarregado da repressão.

1569: incêndio em Istambul; os janízaros massacram as minorias não-muçulmanas; o rabi Isaac Louria, que lançou as bases da Cabala, instala-se definitivamente em Safed; Gracia Nasi morre provavelmente neste mesmo ano, em lugar indeterminado: não há a certeza nem da data nem do local do seu desaparecimento.

1570: por incentivo de Josef Nasi, a esquadra otomana começa o cerco de Chipre, possessão veneziana. O Papa Pio V reúne em aliança a Espanha e os príncipes italianos numa Santa Liga.

1571: em maio, jubileu universal em honra da Santa Liga; em outubro, tomada de Famagusta pelos turcos; execução do capitão veneziano Bragadino; a 7 de outubro, batalha naval de Lepanto, entre as esquadras da Santa Liga, comandadas por Dom João da Áustria, e a esquadra otomana, comandada por Ali Paxá, genro do sultão Selim II.

1572: Selim II envia presentes a Dom João da Áustria; Occhiali, corsário de Argel, escapa-lhe por três vezes, particularmente em Corfu; Josef Nasi escreve a Filipe II da Espanha um memorando solicitando o seu perdão, anunciando que se convertera à religião católica e reclamando um salvo-conduto para deixar o Império Otomano.

1573: o doutor Salomão Eskenazi, médico na corte da Polónia, substitui Josef Nasi nos negócios imperiais; paz em separado entre o Império Otomano e Veneza; em Safed, morte do rabi Isaac Louria.

1574: representação de Ester no palácio do duque de Naxos; morte de Selim II, que escorrega nos degraus de sua nova adega; primeira expedição marroquina de Dom Sebastião, rei de Portugal.

- 1575: morte do rabi Josué Soncino.
- 1576: Josef Nasi publica Ben Porat Josef, libelo contra os astrólogos.
- 1578: guerra otomana contra a Pérsia, tomada de Trfhs; derrota de Dom Sebastião, rei de Portugal, em Alcácer-Quibir, no Marrocos.
- 1578 (ou 1579?): assassinato de Mehemet Sokolli, grão-vizir.
- 1579: morte de Josef Nasi, duque de Naxos.
- 1592: Christopher Marlowe escreve O judeu de Malta.
- 1599: por volta deste ano, morre Reyna Nasi, duquesa de Naxos.

Elementos bibliográficos

O livro de referência sobre a vida de Beatriz de Luna é o de Sir Cecil Roth, *Dona Grada Nasi*, primeiro volume de uma obra consagrada à casa dos Nasi; esse livro foi publicado em francês, pela editora Liana Levi, em 1990, e o prefácio foi redigido por mim; deve-se também a Sir Cecil Roth uma *Histoire des Marranes*, publicada pela mesma editora e no mesmo ano, assim como uma vida do duque de Naxos, segundo volume da casa dos Nasi, e que ainda não foi traduzido para o francês (*The House of Nasi, the Duke of Naxos*, por Cecil Roth, Greenwood Press Publishers, Nova York, 1940). Na obra de Sir Cecil Roth podemos encontrar uma bibliografia mais ou menos exaustiva das obras, artigos e fragmentos que dizem respeito à Senhora e, sobretudo, ao seu sobrinho.

O estudo detalhado desses textos revela hipóteses muitas vezes contraditórias - nomeadamente, sobre as aventuras matrimoniais dos Mendes e o episódio da fuga veneziana - e que não facilitam a descoberta da verdade em se tratando de uma família que passa metade da vida a esconder-se. O grande especialista britânico na história dos marranos mostra-se, aliás, por seu lado, de uma extrema prudência e, na incerteza, não toma nenhuma decisão; por exemplo, a respeito da data e do local do desaparecimento da Senhora, ambos hipotéticos.

Os dois volumes de Fernand Braudel, *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico* na época de Filipe II (Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1983), foram bastante esclarecedores; o grande historiador não poupa Josef Nasi, a quem se refere com frequência, e sobre o qual se interroga: "Terá traído? Ou então, continuando a admitir a hipótese, terá agido sob ordens, também ele, desempenhando, sem se esquecer de tirar proveitos pessoais, um papel calculado numa política mais concertada do que se crê?", escreve ele a propósito dos preparativos da batalha de Lepanto. "Admitamos que ele nos escapa, que o compreendemos mal..."

De Georges Nizan, poder-se-á ler, com grande interesse, um romance muito bem documentado, *Le Duc de Naxos*, publicado pela editora Balland, em 1988.

O livro de Robert Mantran, *La vie quotidienne a Istambul au siècle de Soliman le Magnifique* (Hachette, 1965; reeditado em 1989), foi, para mim, indispensável; o mesmo se passou com a obra de André Clot, *Soliman le Magnifique* (Fayard, 1983), e com os livros de Philippe Erlanger e de D. B. Wyndham Lewis, ambos consagrados a Carlos V (Librairie Perrin, o primeiro, e Payot, o segundo, ambos publicados em 1980).

Para o estudo dos cabalistas de Safed, utilizei os livros de Gershom Sholem (*La mystique juive, les thèmes fondamentaux*, Editions du Cerf, 1962) e de Henri Sérouty (*La Kabbale*, Grasset, 1947). Mas para as inumeráveis correntes místicas na Europa e no Império Otomano no século XVI, foi a grande *Histoire des croyances et des idées religieuses* de Mircea Eliade que me forneceu as informações mais precisas (Payot, reed. 1987).

As informações sobre as últimas comunidades marranas em Portugal provêm do filme realizado por Frédéric Brenner e Stan Neumann, *Les Derniers Marranes*, difundido pela Sept, em 1990.

Por fim, agradeço a Haim Vidal Septhia ter me feito compreender, em *Le judéo-espagnol* (Editions Entente, 1986), que os meus heróis não poderiam falar o ladino, língua escrita reservada ao uso pedagógico, jurídico e religioso, mas, precisamente, o judeo-espanhol. Foi também nesse livro que encontrei os textos das romanças e algumas expressões idiomáticas.

Agradecimentos

Agradeço a Pierre Amado, diretor honorário de pesquisas no CNRS, professor da École Pratique des Hautes Études, longínquo descendente do grande médico marrano Amato Lusitano, por me ter prestado esclarecimentos sobre o seu antepassado, e principalmente sobre a ortografia de seu nome judeu. Agradeço igualmente a Bertrand Dufourcq, embaixador da França na Rússia, que, quando foi embaixador junto ao Vaticano, teve a amabilidade de me ajudar a reunir documentação sobre o Papa Paulo IV; a Conrad Seitz, antigo embaixador da República Federal da Alemanha, e sua mulher, ambos latinistas, que traduziram os textos pontifícios; ao embaixador da Turquia na Índia, Yalun Eralp, que me comunicou informações documentadas sobre o poeta que Selim II também foi; aos arqui-vistas da biblioteca de Ferrara e ao doutor Konrad Oberhuber, diretor da Galeria de Desenhos do museu Albertina, em Viena; a Philippe Carron, capitão-de-fra-gata, pelos conselhos sobre o desenrolar da batalha de Lepanto; e à família turca do meu amigo Francis Wacziarg.

Glossário

- Agá: na antiga Turquia, o oficial da corte do sultão.
- Almotacé: inspetor de pesos e medidas, responsável pela taxação de mercadorias.
- Aspre: antiga moeda de prata turca.
- Bailio: magistrado que desempenhava funções especiais durante a Idade Média.
- Balandrau: veste com capuz e mangas largas, abotoada na frente.
- Beylerbey: alto funcionário da administração do Império Turco.
- Beî: soberano turco que presta vassalagem ao sultão.
- Cabala: em hebraico, significa "tradição" e designa uma corrente de estudos religiosos que se interessa pela relação mística direta com a divindade.
- Cádi: juiz muçulmano cuja competência se estende às questões religiosas.
- Cadina: uma das sete esposas legítimas que o sultão da Turquia podia ter.
- Caïque: pequena embarcação turca, de fundo chato e proa elevada, usada para navegação de cabotagem.
- Cardamomo: planta ou semente aromática, natural da Ásia, utilizada para fins medicinais e como condimento.
- Carraca: antigo navio mercante português, de grande porte e longo curso.
- Corno de Ouro: braço de mar em torno do qual se desenvolveu a cidade de Istambul, junto ao estreito de Bósforo e ao mar de Mármara.
- Devekhouth: transe místico.
- Diva: sala onde se reunia o Conselho de Estado na Turquia otomana.
- En-Sof: termo da mística judaica para designar o Infinito.
- Ester: jovem judia de grande beleza que, segundo o Antigo Testamento, casou-se com Assuero, rei da Pérsia, de quem obteve o perdão para os judeus.
- Falua: embarcação com dois mastros, velas triangulares, popa e proa afiladas, usada para serviço nos portos.
- Furta-fogo: lanterna portátil munida de dispositivo que permite ocultar a luz.
- GáLATA: localidade ao norte de Istambul.
- Galé: embarcação comprida e estreita, impelida por remos, usada desde a Antiguidade grega até fins do século XVIII.
- Galeaça: navio de guerra semelhante à galé, mas de maior porte e dotado de poderosa artilharia.
- Galharda: dança com grande variedade de passos, que esteve em voga na Europa do século XVI.
- Gilgul: termo da mística judaica que designa a transmigração das almas.
- Had Gadeya: canta-se no final da cerimônia do Seder, lembrando aos homens que não há pecado que não seja punido. ,
- Hágia Sophia: Santa Sofia - catedral construída em Istambul entre 532 e 537, sob o reinado de Justiniano I; convertida em mesquita após a conquista pelos turcos, em 1453.
- Halvah: doce feito com farinha, sementes de gergelim moídas e mel, ao qual geralmente se adicionam pedaços de frutas, amêndoas, pistache ou avelãs.
- Harosset: mistura de vários frutos que é consumida na cerimônia do Seder e que simboliza a argamassa com que os judeus construíam as suas casas no Egito, durante o exílio.
- Houkha: cachimbo oriental semelhante ao narguilé.
- Icoglã: oficial encarregado dos serviços interiores nos antigos palácios turcos.

Jafa: antiga cidade da Palestina; ocupada pelos árabes, foi reconquistada pelos cristãos no tempo das cruzadas; atualmente é zona portuária, estreitamente ligada a Tel-Aviv.

Janízaro: soldado das antigas tropas de elite turcas.

Judite: heroína judia que, para salvar a cidade de Betúlia, seduziu Holofernes, general de Nabucodonosor e, quando ele dormia, cortou-lhe a cabeça.

Kaddish: as orações proferidas em favor dos mortos.

Lansquenete: soldado mercenário alemão que, nos séculos XV e XVI, combatia na infantaria sob o comando de oficiais de sua nacionalidade.

Loukoum: confeito semelhante às amêndoas da Páscoa.

Moharram: primeiro mês do calendário maometano

Moisés Ben Maímon: Maimônides (1135-1204), médico e filósofo judeu nascido em Córdoba, autor de tratados que procuram conciliar a fé e a razão, e que influenciariam tanto o pensamento judeu como a filosofia cristã.

Muezim: aquele que do alto dos minaretes conclama os muçulmanos às orações.

Mula: nos países muçulmanos, título dado ao religioso que dirige as rezas nas mesquitas.

Muxarabiê: balcão mourisco protegido, em toda a janela, por uma grade de madeira, de onde se pode ver sem ser visto.

Nizam: título usado por diversos soberanos indianos.

Nondum: em latim, ainda não.

Osmanli: membro da dinastia imperial turca fundada por Osmã (1259-1325).

Pessach: a Páscoa judaica.

Pope: sacerdote da religião cristã ortodoxa russa.

Purim: festividade judaica celebrada em memória do triunfo de Ester.

Quelippot: invólucro.

Quintal: antiga unidade de medida de massa, equivalente a quatro arrobas.

Raki: doce oriental à base de sementes de gergelim e açúcar.

Seder: cerimônia pascal judaica.

Serralho: palácio do soberano turco.

Shabbath: segundo a lei de Moisés, descanso religioso que os judeus devem observar no último dia da semana.

Shekhina: a Presença Divina; designa também, por extensão, a fé do povo judaico no exílio.

Sipaio: soldado pertencente à cavalaria.

Sublime Porta: designação do governo otomano de Istambul.

Sufi: membro de certa corrente mística do Islã.

Suleimania: a principal mesquita de Istambul.

Topkapi: o palácio dos sultões otomanos em Istambul, com aposentos fabulosos, sobretudo, em seu harém.

Tsaddiq: o termo significa "justo", em hebraico, e designa os mestres religiosos judaicos.

Ulemás: doutores da lei muçulmana; juristas e teólogos.

Uskudar: bairro na margem asiática de Istambul.

Voivoda: governador de província nos países eslavos.

Yeshiva: escola rabínica.

Zabra: pequena embarcação semelhante a um bote.

Zadjal: gênero de poesia popular árabe, cultivado sobretudo na região de Istambul.

Zohar: ou Sepher ha Zohar (Livro do esplendor), um dos principais textos da literatura religiosa hebraica, atribuído ao rabi Moisés de Leon, místico judeu-espanhol do século XIII.

Final do livro.

Digitalizado por: Clodoaldo Verrissimo

Corrigido por: Edinaldo Celestino da Silva – naldoces@hotmail.com